

Nathalia Henrich

SER OU NÃO SER ANTIAMERICANO?
OS ESTADOS UNIDOS NA OBRA DE OLIVEIRA LIMA

Tese submetida ao Programa de
Pós-graduação em Sociologia
Política da Universidade Federal de
Santa Catarina para a obtenção do
Grau de Doutor em Sociologia
Política.
Orientador: Prof. Dr. Ricardo Silva

Florianópolis

2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Henrich, Nathalia Ser ou não ser antiamericano? : Os Estados Unidos na obra de Oliveira Lima / Nathalia Henrich ; orientador, Ricardo Silva - Florianópolis, SC, 2016. 394 p. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. Inclui referências 1. Sociologia Política. 2. Oliveira Lima. 3. Estados Unidos. 4. Pan-americanismo. 5. Americanismo. I. Silva, Ricardo. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. III. Título.

Nathalia Henrich

**SER OU NÃO SER ANTIAMERICANO?
OS ESTADOS UNIDOS NA OBRA DE OLIVEIRA LIMA**

Esta Tese foi julgada adequada para obtenção do Título de Doutor em Sociologia Política, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia Política

Florianópolis, 7 de abril de 2016.

Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Ricardo Silva, Dr.^a
Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Prof. Tiago Bahia Losso, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Prof. Ernesto Seidl, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Prof. Tiago Borges, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Prof. Luciano Aronne de Abreu, Dr.
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS

Prof. Bryan McCann, Dr.
Georgetown University (Videoconferência)

Para minha mãe. Porque sempre seremos como o vento.

AGRADECIMENTOS

Sempre fui uma ávida leitora das seções de agradecimentos de dissertações e teses porque achava fascinante todos os lugares e pessoas que os autores tinham a oportunidade de conhecer por causa dos seus trabalhos e sonhava um dia poder fazer algo parecido. Esta tese me levou longe, me deu a chance de conhecer lugares que sempre sonhei, de conhecer pessoas incríveis e acabou mudando minha vida em muitos aspectos. Escrever uma tese é um empreendimento intelectual difícil, além de ser fisicamente extenuante e emocionalmente demandante. Sem todo o apoio que recebi, certamente não teria sido possível chegar a este resultado.

Foram muitas as pessoas e instituições que deram as condições para a realização desta trabalho. Agradeço ao CNPq pela bolsa que permitiu minha dedicação exclusiva ao Doutorado e pela bolsa para realização do período sanduíche no exterior. Ao Programa de Pós-graduação em Ciência Política e ao meu orientador Prof. Ricardo Silva por acreditarem no projeto desde o início. Aos membros da banca de qualificação Prof. Alexandre Bergamo, Prof. Tiago Losso e Prof. Yan Carreirão pela leitura atenta e pelos comentários. Ao *Center for Latin American Studies - CLAS* da Georgetown University, onde estive como Pesquisadora Visitante, especialmente ao Prof. Bryan McCann que me recebeu e sempre esteve disposto a colaborar e apoiar a pesquisa. Ao Prof. Michael Kazin, que permitiu que assistisse suas aulas. Ao Prof. Thomas Cohen por me receber na Oliveira Lima Library na *Catholic University* em Washington. E um agradecimento especial a Maria Angela Leal, curadora do acervo, que me guiou com carinho, sabedoria e paciência infinita. Aos Professores do Colegio de Mexico – COLMEX, Guillermo Palacios, Carlos Marichal e Pablo Yankelevich, que me abriram as portas desta instituição e ampliaram os horizontes desta pesquisa. A Gabriel Entin, que me apresentou o Centro de História Intelectual da Universidade de Quilmes, na Argentina, e a Adrián Gorelik, que permitiu que acompanhasse suas reuniões. Aos Prof. Marcelo Cavarozzi e Mario Navarro, da Universidad Nacional de San Martín, pela oportunidade de acompanhar suas aulas e pelo ambiente inspirador que elas proporcionaram.

Uma das melhores coisas que esta tese me deu foi a oportunidade de fazer novos amigos e de reencontrar pessoas queridas. Da minha estância no México trouxe o coração repleto de afeto, a mala cheia de livros e a cabeça fervilhando de ideias. Obrigada a Gibbran Montero, o irmão que a vida me deu, por me mostrar o melhor do D.F. e por me fazer parte da sua

maravilhosa família. A Família Montero Medina, Letícia, Miguel Ángel, Scarlett, Yessica, gracias totales por abrimme las puertas de su casa y de sus corazones. Ao talentosíssimo artista Felipe González, por ser meu roomie preferido e por todas as aventuras guadalupanas que vivemos. Aos colegas do COLMEX María Graciela León, Daniel Morris, César Valdez, obrigada pelas deliciosas conversas e pela recepção carinhosa que me deram. Como México definitivamente no hay dos!

De Buenos Aires voltei com ainda mais malas, mais livros e mais boas lembranças. Aos amigos que fizeram com que minha casa lá virasse de verdade um lar. Gracias a Lucía Martelotte e Angel Camino por sua companhia e amizade, ao Dr. Marco Feoli por sua presença que tanto nos alegrou e a Ana Carolina Caldera e Verónica Álvarez pela visita que encerrou o ano com chave de ouro.

Aos amigos e amigas em diferentes partes do mundo, que com seu exemplo me deram forças para concluir o trabalho e fazer parte deste seletto grupo de Doutores e Doctoras incríveis: Michelle Fernandez, Isabel Inguanzo, Ilka Treminio, Luis Melián, Alejandro Belmonte, Maria Laura Tagina. Agradeço especialmente aos amigos que leram partes do manuscrito e ofereceram críticas, conselhos e incentivo, Veremundo Carrillo Reveles, Isadora Coan e José Mario Wanderley Gomes. Obrigada também aos companheiros de jornada que ainda estão nesta luta e logo se juntarão ao clube, Andrea Guerrero Mosquera e Bruno Biazetto. E aos que estão de fora deste louco mundo dos doutorandos e sempre estiveram dispostas a me apoiar, Roberto Koshiyama, Fernanda Muller, Mariana Moratelli, Ariane Debastiani, Julia Koefender. Obrigada a minha família no Brasil e nos Estados Unidos por acreditar que um dia esta tese seria terminada e que o esforço valeria a pena. Jean, Aida, Diva, Laura, a melhor família que alguém poderia desejar. Beth and George Parr, thanks for all your support and for welcoming me into your Family. Obrigada ao meu esposo James Parr pelo apoio, pelo amor, pela paciência, pelo incentivo e por ser meu companheiro de aventuras pela vida afora. Esta jornada é muito mais feliz porque te tenho ao meu lado.

Finalmente, os maiores agradecimentos só poderiam ser para minha mãe Dóris M. Henrich por ter me ensinado a sonhar alto e grande e, sobretudo, por ter sonhado comigo e trabalhado ao meu lado para realizar todos os meus projetos. Nunca haverá palavras suficientes para expressar o tamanho da minha gratidão e muito menos do meu amor por ti.

“Eu confesso o meu fraco pelas idéas aparentemente extravagantes. Quando vejo uma que me parece utopica mas feliz, gosto de acompanhá-la, a ver o que dá. Gosto também das iniciativas de coragem e de inteligência”. (OLIVEIRA LIMA, 1914).

“Quero saber-lo porque aprendo até morrer”. Carta de Oliveira Lima a Gilberto Freyre, 22/01/1922.

RESUMO

O diplomata e historiador Manoel de Oliveira Lima (1867-1928) exerceu uma longa e intensa atividade jornalística. Fazendo crítica literária, tratando de História ou debatendo os temas mais importantes do seu tempo, firmou seu nome como intelectual no Brasil, na Europa e nos Estados Unidos, alcançando o status de referência em assuntos latino-americanos. Ao mesmo tempo, os Estados Unidos, como modelo para os republicanos brasileiros, além de potência emergente em fins do século XIX que se tornou um ator global a partir da Primeira Guerra Mundial, não poderiam deixar de ser um tópico recorrente na sua vasta produção. É comum a atribuição do rótulo de antiamericano ou anti-imperialista a Oliveira Lima e sua obra. Isto se deve especialmente a uma análise realizada quase que exclusivamente a partir de uma fonte, o livro *Pan-americanismo* (*Monroe, Bolívar, Roosevelt*), publicado em 1907, no calor das discussões sobre a III Conferência Pan-americana no Rio de Janeiro. A obra foi produzida em um contexto de debate intenso sobre o papel dos Estados Unidos no continente, especialmente a partir do advento do Corolário Roosevelt à Doutrina de Monroe. O tema marcou ainda o afastamento definitivo entre Oliveira Lima e Joaquim Nabuco e o auge de suas divergências com o Barão do Rio Branco. Todos estes elementos fizeram com que esta obra se cristalizasse como sua palavra final sobre o assunto. Entretanto, uma análise da sua produção intelectual anterior e posterior a *Pan-americanismo* oferece um panorama bastante diferente. O objetivo desta tese foi analisar as diversas fases da obra de Oliveira Lima, com especial ênfase na sua produção jornalística, para analisar como os Estados Unidos são tratados. Através do uso de um método contextualista para o estudo das ideias políticas e da ampliação das fontes estudadas, resgatando textos pouco conhecidos, foi possível concluir que a interpretação da sua posição como antiamericana não se sustenta. Pelo menos não para a totalidade da sua obra. Concluiu-se que se bem existiu uma fase extremamente crítica aos Estados Unidos e seu papel no continente americano, plasmada em *Pan-americanismo*, esta foi uma resposta a uma conjuntura específica que não se manteve intacta. Houve uma fase anterior, marcada pela simpatia pelos progressos norte-americanos e até pelo apoio a sua nascente política colonial, que se reflete especialmente em *Nos Estados Unidos, Impressões Políticas e Sociais* (1899). Posteriormente, a partir de 1912, Oliveira Lima teve contato com as universidades dos Estados Unidos, ao mesmo tempo em que a ascensão de Woodrow Wilson ao poder e os movimentos progressistas no país

promoveram um ambiente propício a reformas domésticas e na política exterior que culminaram com a expansão de ideias como o internacionalismo e o pacifismo. Neste contexto foi que Oliveira Lima redescobriu seu entusiasmo inicial pelos Estados Unidos e seu potencial como agente moralizador das relações internacionais, aproximando-se de pessoas e instituições que promoviam um novo Pan-americanismo, baseado na cooperação e no mútuo entendimento entres os países do continente.

Palavras-chave: Oliveira Lima, Estados Unidos, Pan-americanismo.

ABSTRACT

To be or not to be Anti-American? The United States in the Writings of Oliveira Lima

Diplomat and historian Manoel de Oliveira Lima (1867-1928) exercised a long and intense journalistic production that spanned his entire adult life. Whether writing about critical literary works, addressing topics of history or debating the most important affairs of his time, he sealed his name as a renowned intellectual in Brazil, Europe and the United States and became a reference on Latin-America issues. At the same time, the United States, which served as a model for Brazilian republicans and ascended from emerging force at the end of the 19th Century towards the status of global power during World War I, never stopped serving as a central focus in his writings. It is common to attribute the label of “Anti-American” or “anti-imperialist” to Oliveira Lima and the ideas expressed in his work. This is due in particular to analysis that almost exclusively comes from one source, the book *Pan-Americanismo (Monrow, Bolívar, Roosevelt)*. Published in 1907 in the heat of discussions at the III Pan-American Conference in Rio de Janeiro, the work focuses on the intense debate surrounding the role of the United States in the continent and the role of the Roosevelt Corollary to the Monroe Doctrine. The topic marked the definitive dissention between Oliveira Lima and Joaquim Nabuco and the height of Lima’s disagreement with the Barão do Rio Branco. All of these elements led to the crystallization of his status as Anti-American and served as his final word on the topic. Nevertheless, a more detailed analysis of his work preceding and following *Pan-americanismo* offers a very different view. The objective of this thesis was to analysis the diverse phases of Oliverira Lima’s writings on the role of United States, with special emphasis on his journalistic production. By widening the sources studied and resurrecting previously little known texts, it was possible to conclude that the interpretation of his position as Anti-American is not supportable. At the very least, the evidence of his complete work does not sustain this interpretation. It is concluded that although there is a phase of his work that is extremely critical of the United States and its role in the Americas, as manifested by *Pan-americanismo*, this was a response to a specific episode that was short-lived and did not remain intact. Prior to this was an initial phase that was marked by a sympathetic stance on the progress of Americans and even included support for their burgeoning colonial

policy. This is particularly evident in *Nos Estados Unidos, Impressões Políticas e Sociais* (1899). After 1912 a different phase can be observed, in which Oliveira Lima was in contact with universities in the United States. This coincided with the rise in power of Woodrow Wilson in which progressive movements in the country promoted an opportune environment for domestic reform and foreign policy culminated in the expansion of ideas of internationalism and pacifism. In this context, Oliveira Lima rediscovered his initial enthusiasm for the United States and its potential as a moralizing agent in international relations, uniting individuals and institutions to promote a new Pan-Americanism, based on cooperation and mutual understanding between nations of the Western Hemisphere.

Keywords: Oliveira Lima, United States, Pan-Americanism.

RESUMEN

¿Ser o no ser Antiamericano? Los Estados Unidos en la obra de Oliveira Lima

El diplomático e historiador Manoel de Oliveira Lima (1867-1928) tuvo una larga e intensa actividad periodística que duró toda su vida adulta. Ya sea como crítico literario, tratando de temas históricos o debatiendo los asuntos más importantes de su tiempo, él firmó su nombre como intelectual en Brasil, Europa y en los Estados Unidos, transformándose en verdadera referencia en temáticas latinoamericanas. Al mismo tiempo, los Estados Unidos, que sirvieron de modelo para los republicanos brasileños y ascendieron como una fuerza emergente a finales del siglo XIX hasta alcanzaren el status de potencia mundial al final de la Primera Guerra Mundial, nunca dejaron de ser un tópico importante en sus obras. La etiqueta de “antiamericano” o “antiimperialista” es comúnmente atribuida a Oliveira Lima y a las ideas expresadas en sus escritos. Eso se da porque los estudios sobre su obra están basados casi exclusivamente en una única fuente, el libro *Pan-Americanismo (Monroe, Bolívar, Roosevelt)*, publicado en 1907 en el calor del debate sobre la III Conferencia Panamericana en Rio de Janeiro y que trata del papel de los Estados Unidos en el continente y de las consecuencias del Corolario Roosevelt a la Doctrina de Monroe. Este tema marcó definitivamente la ruptura entre Oliveira Lima y Joaquim Nabuco y fue el período culminante de su desacuerdo con el Barón de Rio Branco. Todos esos elementos llevaron a que se solidificara la visión de que era un autor antiamericano o antiestadunidense. Sin embargo, un análisis más profundizado de sus trabajos anteriores y posteriores a *Pan-americanismo* ofrece una visión bastante diferente. El objetivo de esta tesis fue analizar las diversas fases de la obra de Oliveira Lima tratando de los Estados Unidos, con especial énfasis en sus escritos en la prensa. Al ampliar las fuentes estudiadas y buscando recuperar textos poco conocidos fue posible concluir que clasificar sus posiciones como antiamericanas no es correcto. Es necesario por lo menos matizar esta afirmación tomando en cuenta el contexto en que cada obra fue realizada. Se concluyó que, si bien existe una fase extremadamente crítica de los Estados Unidos y su papel en las Américas expresada en *Pan-americanismo*, esta fue una toma de posición motivada por un episodio específico como fue el nacimiento del Corolario Roosevelt y que no permaneció inalterada. Anteriormente existió una fase caracterizada por la simpatía al progreso estadunidense

que incluía el apoyo a su naciente política colonial, como es evidente en la obra *Nos Estados Unidos, Impressões Politicas e Sociaes* (1899). A partir de 1912 se puede observar una fase distinta, en la cual Oliveira Lima estuvo en contacto con las universidades estadounidenses. Estas experiencias coincidieron con la llegada al poder de Woodrow Wilson y con un período en que los movimientos progresivistas en el país promovieron un ambiente doméstico reformista y que culminó con la expansión de ideas internacionalistas y pacifistas en la política exterior. Fue en este contexto que Oliveira Lima recuperó su entusiasmo inicial por los Estados Unidos y por su potencial como agente moralizador de las relaciones internacionales, que unía individuos e instituciones para promover un Nuevo Panamericanismo, basado en la cooperación y en el mutuo entendimiento entre las naciones americanas.

Palabras-clave: Oliveira Lima, Estados Unidos, Panamericanismo.

Lista de figuras

Figura 1 - Fragmento da obra “Eu vi o mundo... ele começava no Recife” (1926-1929), de Cícero Dias	35
Figura 2 - A ponte da maxambomba que ligava o bairro de Santo Antônio ao da Boa Vista	39
Figura 3 - Cartão postal com a Matriz da Boa Vista no Recife onde Manoel foi batizado.....	44
Figura 4 - Capa da primeira edição do Correio do Brazil (1882).....	47
Figura 5 - Oliveira Lima em Lisboa (1890).....	73
Figura 6 - Flora Cavalcanti de Albuquerque Melo na juventude	75
Figura 7 - Oliveira Lima e Salvador de Mendonça em Washington (1898)	99
Figura 8 - A questão monetária: The Silver Dog with the Golden Tail	101
Figura 9 - A Legação brasileira em Londres (1901)	154
Figura 10 - Oliveira Lima em Tóquio (1901)	158
Figura 11 - Joaquim Nabuco como Presidente da III Conferência Pan-americana no Rio de Janeiro (1906).....	202
Figura 12 - Programa do Concerto de Gala organizado por Oliveira Lima em Bruxelas (1910) desenhado por Antonio Parreiras	225
Figura 13 - A semelhança entre Oliveira Lima e William Howard Taft.....	240
Figura 14 - O novo edifício da União Pan-americana em Washington.....	278
Figura 15 - Que diplomacia. O Malho (1912)	285
Figura 16 - Peça a palavra, anúncio Mercedes Benz (1913).....	287
Figura 17 - O Engenho Cachoeirinha em Pernambuco.....	310
Figura 18 - Oliveira Lima na Universidade Católica da América (1924)	313

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	19
1.1 MARCO TEÓRICO.....	26
1.1.1 Fontes.....	31
2 “EU VI O MUNDO... ELE COMEÇAVA NO RECIFE”	35
2.1 O RECIFE DO TEMPO DA MAXAMBOMBA: NASCE MANOEL DE OLIVEIRA LIMA	36
2.2 O <i>CORREIO DO BRAZIL</i> : NASCE UM JORNALISTA	46
2.3 O CURSO SUPERIOR DE LETRAS DE LISBOA 1884-1887: NASCE UM HISTORIADOR.....	50
2.4 A VOLTA AO BRASIL: NASCE UM DIPLOMATA	69
2.5 A FLORA E A FAUNA: NASCE O CASAL-EQUIPE OLIVEIRA LIMA	73
2.6 A TRANSFERÊNCIA PARA BERLIM: NASCEM AS PRIMEIRAS OBRAS	79
3 A “ILUSÃO AMERICANA” VERSUS “A REALIDADE AMERICANA”.....	84
3.1 REPUBLICANISMO E AMERICANISMO: A INFLUÊNCIA DE SALVADOR DE MENDONÇA	84
3.2 IMPRESÕES DOS ESTADOS UNIDOS (1896-1900).....	100
3.2.1 O “problema negro”	115
3.2.2 Os efeitos da imigração.....	121
3.2.3 As qualidades do povo norte-americano	124
3.2.4 A influência da mulher.....	126
3.2.5 A sociedade norte-americana	129
3.2.6 O “figurino político” dos Estados Unidos.....	133
3.2.7 O Catolicismo e a educação nos Estados Unidos.....	137
3.2.8 Escritores americanos	138
3.2.9 A política externa.....	141
3.2.10 Política colonial	147

3.2.11	Relações do Brasil com os Estados Unidos.....	148
3.3	DA EUROPA PARA O ORIENTE: LONDRES E TÓQUIO	151
4	A OUTRA AMÉRICA: A DESCOBERTA DA AMÉRICA HISPÂNICA	159
4.1	A MISSÃO PERUANA PASSADA NO RIO DE JANEIRO	159
4.2	ENTRE CAUDILHOS E HOMENS DE LETRAS: NA VENEZUELA	173
4.2.1	Pan-Americanismo (Monroe, Bolívar, Roosevelt).....	193
4.2.2	Até que o Pan-Americanismo os separe: a Conferência Pan-Americana do Rio De Janeiro e o rompimento com Joaquim Nabuco	202
5	EMBAIXADOR INTELECTUAL DO BRASIL NA EUROPA	219
5.1	DE LEDOR A CONFERENCISTA.....	220
5.2	A OBRA COLONIAL BELGA NO CONGO	233
5.3	A PRESIDÊNCIA DE TAFT E A <i>DOLLAR DIPLOMACY</i>	238
5.4	A REVOLUÇÃO MEXICANA E A DOCTRINA WILSON	248
6	O REENCONTRO COM OS ESTADOS UNIDOS E O REENCANTAMENTO COM O PAN-AMERICANISMO	263
6.1	CARTAS DOS ESTADOS UNIDOS: EDUCAÇÃO E PAN-AMERICANISMO	264
6.2	EM HARVARD: A GUERRA DO OUTRO LADO DO OCEANO	292
6.3	O “EXÍLIO” EM WASHINGTON	311
7	CONCLUSÕES.....	320
8	REFERÊNCIAS.....	322
8.1	ARQUIVOS CONSULTADOS:.....	322
8.2	PERIÓDICOS CONSULTADOS	322
8.3	REFERÊNCIAS CITADAS.....	324
8.3.1	Obras de Oliveira Lima.....	324
8.3.2	Obras gerais.....	329
	APÊNDICE 1 – ARTIGOS DE OLIVEIRA LIMA PUBLICADOS NA IMPRENSA.....	344

1 INTRODUÇÃO

Durante a pesquisa para realização da dissertação de mestrado sobre as relações entre o Brasil e os Estados Unidos a partir da perspectiva do Barão do Rio Branco, Ministro das Relações Exteriores brasileiro entre 1902 e 1912, a aplicação do método contextualista para o estudo das ideias políticas me permitiu mergulhar no universo deste objeto de pesquisa. Isto significou fazer a reconstituição do seu contexto histórico e sociológico na tentativa de entender o debate sobre a americanização das relações internacionais do Brasil e identificar as diferentes posições sobre o tema. A despeito da aura de unanimidade em torno do patrono da diplomacia brasileira, foi possível identificar vozes que se opunham à diversos aspectos da sua gestão, entre elas, a política de aproximação com os Estados Unidos. Entre estas vozes, a de Manoel de Oliveira Lima¹ era das mais destacadas. Um “torpedo diplomático” que sofria de “incontinência da pena” nas palavras de Joaquim Nabuco. Um “Dom Quixote gordo” aos olhos de Gilberto Freyre. Controverso, polêmico, dissidente, divergente, rebelde, são todos adjetivos comumente utilizados para descrevê-lo. Alguns são melhor empregados que outros, mas todos certamente precisam ser entendidos em relação ao contexto em que lhe foram atribuídos. Crítico mordaz, apreciador de um bom debate, polemista convicto e defensor empedernido da sua independência de opinião, chegando até as raias da intransigência e possivelmente do bom senso em algumas ocasiões, o diplomata pernambucano conquistou admiradores fieis quase na mesma medida em que granjeou inimigos e desafetos. Foi este personagem intrigante e fascinante quem despertou meu interesse e motivou a realização desta pesquisa.

¹ Oliveira Lima geralmente assinava seus trabalhos apenas com o sobrenome, nas cartas o mais comum é o uso de M. Oliveira Lima. Alguns artigos na imprensa eram assinados com as iniciais O.L. e em outras ocasiões como M. de Oliveira Lima. O M é de Manuel, não há dúvidas. A dúvida está em se agrafia correta é Manuel ou Manoel, um erro que se perpetua através dos anos em diversos trabalhos sobre ele. Ele assinava Manoel, embora a própria irmã o tenha tratado por Manuel em cartas e sua coluna semanal no jornal La Prensa, de Buenos Aires, trouxesse a grafia com U. (Carta de Maria Beltrão a Oliveira Lima, 19/10/1899). SB6, OLL. Minucioso como era, parece estranho que não tivesse corrigido o equívoco, que permaneceu até o fim da sua colaboração. Não tendo acesso ao seu documento de registro de nascimento, optei por seguir utilizando a grafia que ele mesmo usava, Manoel.

À princípio a ideia foi dar continuidade à pesquisa do mestrado, desta vez analisando as relações entre Brasil e Estados Unidos a partir da obra de Oliveira Lima. A escolha seria facilmente justificada, já que ele foi um observador privilegiado do mundo devido a sua condição de diplomata. Mais até do que o próprio Rio Branco porque pôde ir a lugares que seu chefe nunca conheceu. Para o caso dos Estados Unidos isto é especialmente certo porque Lima esteve no país por três vezes por períodos de tempo consideráveis e se transformou em um grande conhecedor de sua história e política. Exatamente por este motivo, os Estados Unidos se converteram em um tema muito mais amplo e rico na sua obra. Ele não pensou no país apenas em termos de política exterior, como o outro extremo de uma relação bilateral, mas como um possível modelo de organização política, social e econômica para o Brasil e para o continente em geral. Os Estados Unidos são vistos dentro de um panorama mais amplo em que estão presentes o continente americano e também a Europa, na medida em que sua presença internacional vai se ampliando. Como historiador, diplomata, jornalista e professor, Lima se firmou como uma voz autorizada sobre história e a política das relações intercontinentais, nas quais os Estados Unidos têm um papel fundamental, o que justifica um trabalho mais detalhado sobre o tema na sua obra. Além disso, esta pesquisa ajuda a suprir uma lacuna na produção de estudos sobre Oliveira Lima com uma abordagem oriunda das Ciências Sociais, já que a quase totalidade dos trabalhos existentes é feita por historiadores e alguns poucos vem sendo realizados pelos estudiosos da área de Relações Internacionais.

Assim, foi definido como objetivo geral da tese analisar como os Estados Unidos aparecem na obra de Manoel de Oliveira Lima. Como objetivos específicos foram arrolados: analisar a trajetória intelectual de Oliveira Lima e identificar os pontos de inflexão na sua visão sobre os Estados Unidos, buscando observar as rupturas e continuidades; analisar o peso da permanência de Oliveira Lima em países da América Latina e da Europa e nos Estados Unidos neste processo; reconstituir o debate da época e as diferentes posições acerca do tema das relações Brasil – Estados Unidos e também do papel mais amplo desempenhado pelos Estados Unidos no continente americano para tentar observar como este influenciou e foi influenciado por Oliveira Lima; utilizar os recursos disponíveis na *Oliveira Lima Library* para organizar uma base de dados com informações sobre os artigos de Oliveira Lima na imprensa como forma de diversificar as fontes disponíveis para o estudo da sua obra.

Muitas páginas já foram escritas sobre Oliveira Lima e existe uma grande variedade de textos explorando diferentes aspectos de sua vida e

obra. Há verbetes dedicados a ele em dicionários (BEAL, 2003; BRELHT, [s.d.]; NEVES, 2008; “Oliveira Lima”, 1914; SILVA; ARANHA, 1893) e diversos registros de amigos na forma de discursos, ensaios e artigos (FILHO, 1912; FREYRE, 1944; LEÃO, 1914; MELLO, 1920; “Oliveira Lima Homenagem dos seus amigos do Rio de Janeiro”, 1917; ORBAN, 1908) e de obituários (DOYLE, 1928; FIGUEIREDO, 1928; “Manoel de Oliveira Lima”, 1928; N.F., 1928; RODRIGUES, 1928). Existem estudos acadêmicos biográficos mais gerais (MIRANDA, 1957; WILLIAMS, 1969), outros com foco em seu papel como intelectual (CAMPOS, 1980; GOLDBERG, 1922; GOMES, 1978; LEONZO, 1984; PATTEE, 1935, 1939; PINTO, 1933). Há ainda estudos interessados em sua obra como historiador (CARDOZO, 1954; RODRIGUES, 1969, p. 83–86; WILGUS, 1965, p. 87) e outros mais preocupados com sua faceta como diplomata (ALMEIDA, 2004; CARDOZO, 1981; FILHO, 2005; FORSTER, 2011; GOUVÊA, 1979). Também há um bom número de trabalhos específicos sobre a *Oliveira Lima Library* (BELLOTTO, 1977; BEZERRA, 1931; CARDOZO, 1944, 1969; COESTER, 1928; EBELING-KONING, 2004; HAZAN, 1997; MALATIAN, 2001a; ROBERTSON, 1920; WILLIAMS, 1967) e resenhas de várias de suas obras (ASSIS, 1994; BOURNE, 1900; D’AZEVEDO, 1914; LEVINE, 1977; ZEBALLOS, 1920). A tudo isso se somam os inúmeros artigos de imprensa em que seus contemporâneos intensamente discutiram suas obras e ideias ou simplesmente noticiaram suas atividades no Brasil e no exterior. Lima era frequentemente citado nos jornais onde colaborou, notadamente em *O Estado de São Paulo* e no *Diário de Pernambuco*, mas também outros como *Jornal do Commercio*, *Correio da Manhã*, *Gazetas de Noticias*, *Jornal do Brasil*, e nas revistas ilustradas semanais, como *Fon-fon!*, *Careta*, *O Malho*, *Revista da Semana*, entre outras. Apareceu muitas vezes nas colunas dos jornais argentinos de maior circulação, *La Prensa* e *La Nación*. Em outros veículos dos países em que serviu também foi mencionado, como *El Universal*, de Caracas, *Le indépendance belge*, de Bruxelas, *Times*, de Londres. Na imprensa dos Estados Unidos foi ainda mais assídua sua presença em jornais de grande circulação como *The Washington Post*, *The New York Times*, *The Evening Star*, *The Boston Globe*, apenas para citar alguns.

As referências incontornáveis para o estudo da vida e da obra de Oliveira Lima são, no entanto, muito menos numerosas. Barbosa Lima Sobrinho (1971) faz um ensaio biobibliográfico de qualidade e uma cronologia muito informativa na *Obra Seleta* que organizou com artigos de imprensa e trechos de livros. A seleção tem o mérito de tornar

acessíveis textos que só foram publicados uma vez em periódicos e também obras que nunca foram reeditadas, como é o caso da peça de teatro *Secretario d'El Rey*. Em *Estudos Literários* (LIMA, 1975), Lima Sobrinho conclui o trabalho iniciado publicando apenas artigos de crítica literária e as referências completas dos textos da *Obra Seleta* que haviam ficado faltando. São, portanto, obras complementares e totalmente necessárias para ter uma visão geral dos muitos temas tratados durante a carreira de Oliveira Lima. Neusa Dias de Macedo (1968) produziu outra obra que, sem ser exaustiva, é de extrema utilidade porque referencia 153 trabalhos de Oliveira Lima, entre livros, folhetos, conferências, artigos, prefácios e demais produções, em vários idiomas, além de obras sobre ele e sua biblioteca. Com a vantagem de ter sido elaborado a partir de levantamento na *Oliveira Lima Library*, o trabalho de Macedo é um verdadeiro guia para começar a desbravar aquele enorme acervo que até hoje não foi totalmente catalogado. As obras raras da coleção estão catalogadas pelo próprio Oliveira Lima e pela primeira bibliotecária, Ruth Holmes (HOLMES; LIMA, 1926). Gilberto Freyre (1968) reuniu cinco conferências dadas em 1967 como parte das comemorações do centenário de nascimento de Oliveira Lima no livro *Oliveira Lima Don Quixote Gordo*, em que inclui 60 cartas que recebeu dele. Freyre (1968, p. 33) reconhece que um “crítico mais severo” poderá ver na obra um caráter mais apologético que analítico e que possivelmente as “páginas lucrariam em ser passadas a limpo sob critério mais analítico”. Ainda assim, a importância da obra como fonte se encontra justo no que poderia ser seu maior defeito. O retrato de Oliveira Lima pintado por Gilberto Freyre pode não ser o mais objetivo, mas conserva as características mais humanas do biografado que são também importantes ter em conta. É inegável, no entanto, que a única obra que pode ser considerada realmente uma biografia de Oliveira Lima é o monumental trabalho de Fernando da Cruz Gouveia (1976). Constituída de três grossos volumes, está baseada em minuciosa pesquisa documental em arquivos brasileiros e entrevistas, tornando-se imprescindível como ponto de partida para qualquer estudo sobre o pernambucano. Apenas duas ressalvas são importantes sobre *Oliveira Lima, uma biografia*, uma com relação às fontes e outra à abordagem. O autor não teve acesso aos papéis pessoais depositados na *Oliveira Lima Library*, o que deixa alguns pontos descobertos, e o tom do texto é às vezes demasiado apologético, deixando transparecer uma preocupação exagerada em explicar atitudes do diplomata-historiador e “limpar” sua imagem.

Por fim, é inevitável ler e reler as *Memórias* (LIMA, 1986). Ainda que seja uma obra inacabada e, possivelmente por isso, desordenada e

limitada, é o único documento de próprio punho de que se dispõe para conhecer detalhes da vida de Oliveira Lima. Ele começou a escrever suas memórias em Washington, em 1925, e “tinha vontade de as publicar em vida para gozar do efeito.” Sua pretensão não era produzir um “Grande livro”, apenas “um livro sincero” e “ameno”. (Carta de Oliveira Lima a Gilberto Freyre, 18/11/1925, citada por FREYRE, 1968, p. 186). Como tudo que saía da sua pena, o livro foi tudo menos ameno, jorrava sinceridade e não fazia concessões aos desafetos. Flora, sua esposa, teve dificuldades para encontrar quem publicasse o manuscrito mesmo postumamente, e só em 1937 ele saiu à luz. Ao contrário do conselho dos amigos, que lhe diziam para retardar a publicação para minimizar o efeito dos vivos que poderiam atacar a memória de Lima, Flora quis cumprir o desejo do marido de dar logo publicidade ao texto, afinal “tudo quanto ele diz é verdade.” (Carta de Flora de Oliveira Lima a Max Fleiuss, 30/11/1933, citada por GOUVÊA, 1986). Algumas cartas, fotos e documentos valiosos foram incluídos na edição. Mesmo quase uma década depois da sua morte, o livro ainda causou impacto no Brasil e esgotou em poucos meses, afinal tratava de muita gente importante bem ao estilo de Oliveira Lima, “sem papas na língua”. (D’EÇA, 1937; WILLIAMS, 1937).

Os estudos acadêmicos sobre Oliveira Lima ainda não são abundantes, mas vem aumentando. Até pouco tempo quase confinados ao campo da História, recentemente vem sendo descoberto como tema de pesquisa pelas Relações Internacionais. Existem alguns trabalhos sobre temas e obras específicas, como o de Abreu (2008), que analisa sua passagem pelo Japão, o de Silva (2003), que faz uma leitura de *Formação histórica da nacionalidade brasileira* e o de Vellozo (2012), que também está interessado na narrativa de construção da nacionalidade proposta por Lima. Na mesma linha não se pode deixar de mencionar ainda o estudo de maior fôlego a tratar exclusivamente de Oliveira Lima, que é o livro de Teresa Malatian (2001b). Fruto da pesquisa realizada na *Oliveira Lima Library*, inicialmente como tese de Livre Docência, pretende unir o estudo da vida e da obra do autor para lançar luz sobre suas contribuições para a construção da nacionalidade e da identidade nacional.

Mas são os temas relacionados às relações internacionais os mais trabalhados entre aqueles que se dedicaram à obra de Oliveira Lima. Lyrá Junior (2008) compara as representações de Oliveira Lima e Salvador de Mendonça sobre a inserção brasileira na América entre 1870 e 1914. Santos (2003) estabelece o diálogo de Oliveira Lima com o uruguaio José Enrique Rodó e o cubano José Martí para contrapor suas visões sobre o

continente. E Silva (2008) estuda Domício da Gama e Oliveira Lima como membros do que chama de o “Círculo Rio-Branco”, do qual faziam parte também Araripe Júnior, Araújo Jorge, Barão Homem de Melo, Euclides da Cunha, Gastão da Cunha, Graça Aranha, Hélio Lobo e José Veríssimo. Já a tese de Baggio (1998) realiza um estudo comparativo mais amplo entre Oliveira Lima, Eduardo Prado, José Veríssimo, Manoel Bomfim, Joaquim Nabuco, Euclides da Cunha, Artur Orlando e, de maneira mais breve, Silvio Romero e Rocha Pombo. O elo entre estes autores é sua reflexão sobre aspectos relacionados aos países latino-americanos, de onde a autora busca extrair uma visão dos intelectuais brasileiros sobre a América Latina nas primeiras décadas republicanas.

A comparação mais frequente, entretanto, é com Joaquim Nabuco, especialmente para contrapor suas visões sobre as relações com os Estados Unidos. Silveira (2003) analisa as representações discursivas elaboradas por Nabuco e Oliveira Lima e que cumprem a função ideológica de conferir sentido ao processo de americanização da política externa brasileira. Borges (2007) compara as posições acerca do Pan-americanismo de Oliveira Lima e Joaquim Nabuco entre 1899 e 1907 e busca entender o papel que este tema teve no processo de ruptura entre os dois. Mais recentemente, Sousa (2013) comparou os autores com o objetivo de compreender o seu pensamento internacional entre as décadas de 1890 e 1910.

A partir da leitura destes estudos se forma uma imagem clara de Oliveira Lima em contraposição a Nabuco quando se trata da opinião sobre os Estados Unidos e pan-americanismo. Lima surge assim, como “crítico implacável” da Doutrina Monroe (SILVA, 2008, p. 139), incluído “dentre os críticos mais combativos do pan-americanismo” (BAGGIO, 1998, p. 68) e os “que sustentavam convicções antiimperialistas” (SILVA, 2008, p. 77). A classificação feita por Baggio (1998) é amplamente aceita entre os que estudam este que foi um dos temas mais importantes do debate intelectual na virada do século no Brasil. Com algumas variações, a grosso modo tem-se cristalizado um esquema que separa de um lado os principais críticos da política expansionista dos Estados Unidos, Eduardo Prado, José Veríssimo, Manuel Bomfim e Oliveira Lima. E de outro, os defensores do Pan-americanismo, Joaquim Nabuco, Artur Orlando e Euclides da Cunha.

À primeira vista, a interpretação amplamente aceita de que Oliveira Lima sustentava opiniões que poderiam ser classificadas como antiamericanas faz todo o sentido, especialmente porque grande parte das análises está focada no livro *Pan-americanismo (Monroe, Bolívar, Roosevelt)*(1907), no qual estão reunidos artigos escritos no contexto de

preparação e realização da III Conferência Pan-americana no Rio de Janeiro. Tratando de seguir uma ordem cronológica para acompanhar melhor as mudanças e continuidades no seus pontos de vista sobre os Estados Unidos, a presente tese conseguiu traçar um panorama mais amplo das suas ideias sobre o tema. Tendo os textos de imprensa como fio condutor, sem negligenciar os livros, panfletos e conferências, esta pesquisa foi desvendando as redes sociais e institucionais em que Lima esteve inserido e como estas influenciaram sua percepção sobre os Estados Unidos de forma geral e sobre tópicos relacionados relevantes, como o Pan-americanismo e a Doutrina Monroe. Foi dada especial atenção às obras usualmente negligenciadas, como é o caso do seu primeiro livro sobre os Estados Unidos, fruto das suas observações quando lá residiu entre 1896 e 1899. Em *Nos Estados Unidos. Impressões Políticas e Sociaes* (1899a), o que se tem é um autor seduzido pelo progresso material e moral do país, convencido da sua boa vontade na arena internacional e simpático a sua nascente política colonial. É uma obra que passa geralmente despercebida, mas Malatian (2001b) é uma das poucas a chamar a atenção para ela no capítulo apropriadamente intitulado *A sedução americana* para este período importante da obra de Lima.

A impressão de uma dicotomia entre estas duas visões, porém, mostrou-se enganosa e não resistiu a uma análise que incluiu textos menos conhecidos e poucas vezes levados em consideração. Ficou claro que não se tratava apenas de um mudança na sua visão sobre os Estados Unidos, mas sim de um processo lento e gradual, ainda que não contínuo, de produção de respostas a acontecimentos da política nacional e internacional dos Estados Unidos, influenciadas também pelas suas relações internacionais. Por isso foi tão importante a realização de um trabalho prévio de busca, seleção e catalogação dos artigos de imprensa de Oliveira Lima. Estes textos permitem acompanhar boa parte dos acontecimentos mais importantes no Brasil e no mundo desde finais do século XIX até a década de 1920. Foi assim que se pode observar como, após o seu período mais crítico do acercamento do Brasil com os Estados Unidos representado em *Pan-americanismo...*, ele acaba retomando a esperança com o projeto pan-americanista a partir de 1912. Esta redescoberta do Pan-americanismo esteve fortemente influenciada pelo ambiente acadêmico norte-americano que ele teve oportunidade de disfrutar, além de um ambiente geral de otimismo pelo futuro das relações internacionais e da influência moralizadora dos Estados Unidos gerado pela eleição de Woodrow Wilson. O contexto da Primeira Guerra mundial

teve um impacto profundo na sua percepção das relações internacionais e do papel dos Estados Unidos no continente e no mundo. Seu contato com instituições pacifistas e internacionalistas, como a *Carnegie Endowment for International Peace*, a Sociedade Americana de Direito Internacional e a União Pan-Americana também atuaram neste sentido. Foram estas instituições e seus membros os responsáveis pela sua volta aos Estados Unidos como professor em Harvard e, indiretamente, pela sua mudança definitiva para Washington. Uma vez estabelecido na capital norte-americana, Oliveira Lima segue em contato com o que podemos chamar de meios pan-americanistas, e no contexto posterior a Primeira Guerra Mundial, segue defendendo o papel dos Estados Unidos como uma liderança moral para o mundo até mediados da década de 1920.

1.1 MARCO TEÓRICO

Tendo-se em conta que Oliveira Lima influenciava e era influenciado pelo debate de seus contemporâneos, considera-se que era ao mesmo tempo fruto e criador deste contexto intelectual. Neste sentido, a abordagem que orientou esta tese aproxima-se do Contextualismo Lingüístico, também conhecido como Escola de Cambridge de história do pensamento político porque buscou estudar as ideias em seu contexto histórico, do qual o contexto intelectual é parte constitutiva. Trata-se de tentar retornar ao contexto intelectual de produção das obras, onde o debate entre o autor estudado e seus contemporâneos têm lugar.

Mais influente no mundo anglófono, esta abordagem vem se disseminando e gerando debates em diferentes partes do mundo. A chamada Escola de Cambridge congrega diversos autores, com programas de pesquisa e até propostas metodológicas diferentes, entretanto, é possível apontar um certo núcleo de preocupações comuns que torna possível considerá-los como parte de uma mesma “escola”. Justamente por suas diferenças, as críticas feitas a cada autor também são diferentes, mas, de modo geral, as mais contundentes são dirigidas a Quentin Skinner, por ser ele quem mais se dedicou à sistematização da metodologia de Cambridge.

Em linhas gerais o pressuposto básico do Contextualismo foi o de rechaçar as interpretações meramente filosóficas das ideias políticas. Segundo Silva (2010), pode-se traçar as origens desta abordagem a fins dos anos 50 quando Peter Laslett, em sua introdução à *Dois Tratados sobre o governo* (de John Locke), declarou que “a filosofia política está morta”, estabelecendo as primeiras indicações para um procedimento

contextualista. Sua proposta para analisar a obra de Locke incluía realizar “um modesto exercício de historiador – estabelecer os textos de Locke como ele gostaria que fossem lidos, fixá-los em seu contexto histórico, no próprio contexto de Locke”. (LASLETT, 1960). Ao longo dos anos 50 a abordagem contextualista já foi colocada em prática, porém, foi apenas a partir da década seguinte que surgiram as contribuições mais explícitas de suas formulações teóricas e metodológicas. John Pocock (1962) denuncia a tendência de transformação da história do pensamento político em filosofia e aponta para a necessidade de resgate da história do pensamento político. Logo, John Dunn (1968) retoma esta preocupação em *The identity of the history of ideas*, definindo o pensamento político como uma ação lingüística contextualizada. É contextualizada porque ocorre em um contexto que simultaneamente “restringe e capacita a ação dos indivíduos”, daí a necessidade de reconstituição do contexto lingüístico ser considerado um desdobramento lógico de seu ponto de partida teórico-metodológico. (SILVA, 2010).

Um dos atrativos da Escola de Cambridge é que foi a primeira escola feita por e para historiadores interessados em fazer teoria política. É, por isso, crítica da História das Ideias feita por filósofos, que seria “pouco histórica”, e da preocupação com ideias e respostas perenes dadas por “grandes autores” que estariam a frente do seu tempo. Defende um anti-positivismo radical por postular que a História é um empreendimento humano, portanto, entendê-la é entender a ação humana.

Quentin Skinner deu o primeiro grande impulso e a maior contribuição para a sistematização da metodologia do que é genericamente chamada de Escola de Cambridge a partir de *The limits of historical explanation* (SKINNER, 1966), onde já criticava um dos alvos de estudo preferido dos historiadores de Cambridge: as grandes ideias e os grandes autores. O equívoco que apontava era tomar ambos de forma desvinculada de seus contextos e partir da suposição de que existe uma coerência interna inerente e permanente. Ao mesmo tempo, repudiava a construção de narrativas que explicavam as “grandes ideias” destes “grandes autores” pela influência recebida de outras “grandes ideias” de outros “grandes autores”. Em *Meaning and understanding in the history of ideas* (1969), Skinner foi ainda mais incisivo no tom de suas críticas às diferentes abordagens da história das ideias, com o claro intuito de refutá-las. O “textualismo” foi a abordagem mais fortemente atacada, especialmente no seu pressuposto central de que o texto tem autonomia em relação ao contexto em que é produzido e por isso determinados textos, os “grandes”, teriam um conteúdo atemporal e digno do interesse

histórico. Uma exaustiva leitura destes textos seria suficiente para que se alcançasse o entendimento correto das ideias do autor. A abordagem textualista estava baseada em um procedimento de leitura e releitura dos textos clássicos, em uma espécie de exegese que deveria levar à revelação do seu significado. Para Skinner, o “textualismo” levaria mais a criação de mitologias do que de História propriamente dita porque resultava em uma História das Ideias muito pouco histórica quando o historiador incorre no erro fatal do anacronismo. A raiz deste anacronismo está em analisar o passado com olhos e instrumental expressivo-linguístico do presente. As quatro mitologias que devem ser evitadas no estudo da História das Ideias são (SKINNER, 1969, p. 7–28):

Mitologia da doutrina. É a mais persistente, gerada quando o historiador está imbuído da expectativa de que cada autor clássico enunciará uma doutrina sobre cada tópico relacionado ao seu objeto. Desta forma, todos os seus enunciados, ainda que esparsos, podem ser recompilados de modo a formar doutrinas, que são constantemente construções do próprio historiador atribuídas ao autor estudado.

Mitologia da coerência. Tende a ser gerada pelo fato de que o historiador está inevitavelmente tentando se aproximar de ideias do passado e é possível que determinado autor clássico não seja totalmente consistente ou até mesmo que falhe completamente em dar um tratamento sistemático a suas crenças. Nestas situações torna-se perigosamente fácil para o historiador conceber como sua a tarefa de suprir lacunas ou encontrar a coerência que os textos parecem não apresentar, o que o impede de ver as contradições ou mudanças no pensamento do autor.

Mitologia da prolepse. É o resultado de uma confusão feita pelo historiador entre seus próprios enunciados e os do autor estudado. Ocorre mais constantemente, obviamente, quando o historiador está mais interessado no significado retrospectivo de um dado trabalho ou ação histórica do que em seu significado para o próprio autor. Está baseada no pressuposto teleológico de que a ação linguística necessita de tempo para revelar-se totalmente e, portanto, só estaria completamente clara no futuro.

Mitologia do paroquialismo. Ocorre como resultado da ação do historiador de descrição e classificação do passado de uma cultura alienígena ou de um esquema conceitual que não lhe é familiar com um sistema conceitual ou de crenças do presente. O que se tem é uma falsa ideia de identidade entre o universo mental do autor do passado e do historiador no presente.

Ele procura um outro caminho em *As fundações do pensamento político moderno* para construir um quadro geral dos principais textos do

pensamento político entre o fim da Idade Média e o início da Era Moderna. Skinner explicita as diferenças entre seu método e aquele da História das ideias tradicional, declarando sua disposição em romper com os trabalhos anteriores que realizaram esta tarefa a partir essencialmente do exame dos “textos clássicos”. Ao contrário, ele procura “não se concentrar tão exclusivamente nos maiores teóricos, preferindo focar a matriz mais ampla, social e intelectual, de que nasceram suas obras.” (SKINNER, 1996, p. 10). Isto porque considera que é “igualmente essencial levar em conta o contexto intelectual em que foram concebidos os principais textos – o contexto das obras anteriores e dos axiomas herdados a propósito da sociedade política, bem como o contexto das contribuições mais efêmeras da mesma época ao pensamento social e político”. (SKINNER, 1996, p. 10–11). O historiador de Cambridge sugere um caminho alternativo tanto ao Contextualismo Sociológico quanto ao textualismo para produção de uma História das Ideias genuinamente histórica. Para ele, a solução pode ser encontrada na busca pela recuperação da intenção autoral, voltando a beber na fonte da tradição intencionalista da Filosofia da História, adaptando-a a uma metodologia para a interpretação de textos escritos.

As propostas de Skinner não ficaram isentas de críticas. Ao contrário, elas foram abundantes e variadas. Apesar da multiplicidade de orientações que as animam, é possível agrupá-las de acordo com o seu foco.

O primeiro grupo de críticas refere-se ao historicismo radical ou antiquarismo presente na metodologia, que seria prejudicial à própria História como disciplina. Ao estudar apenas ideias que não fazem mais sentido no presente ou que não são aplicáveis a ele, levaria em última instância ao desinteresse pela História. Para os críticos, o exagero no apelo à História cria uma “mitologia da fragmentação” que faz perder de vista a história como processo. Ao fim de uma investigação deste tipo o resultado seria nada mais que algum tipo de relíquia exótica para o presente. O historicismo radical seria um sonho impossível para os gadamerianos, na medida em que os interesses do presente é que orientam o historiador para o passado. Seria impossível reconstituir e entender o passado em seus próprios termos, pois não está mais disponível o aparato intelectual e lingüístico para tal, eles ficaram no passado. Mesmo porque depois de escritos os textos são propriedade dos leitores, a recepção passa a ser mais importante, e a intenção do autor já se perdeu neste percurso. Assim, o objeto de estudo de real interesse deve ser a continuidade,

aquelas ideias que permanecem e foram apropriadas pelas novas gerações.

O segundo está formado pelos céticos em relação à possibilidade de resgate da intenção. Para os críticos tradicionais do intencionalismo, nem o próprio autor poderia ter total segurança e controle sobre suas intenções. Na mesma linha está Paul Ricoeur e seus seguidores, que afirmam que seria um erro a utilização da teoria dos atos de fala de Austin já que esta foi criada para compreender a expressão oral e não para textos escritos. Eles também apontam a perda da dimensão diacrônica e a identificação equivocada entre ato ilocucionário e intenção ilocucionária como falhas na metodologia de Cambridge. Há ainda o ponto de vista de Mark Bevir, proponente de uma reforma na proposta skinneriana classificada por ele de intencionalismo fraco. Bevir duvida da possibilidade de que algum método consiga garantir uma “interpretação correta” e afirma que os textos não possuem significados em si mesmos, por isso a necessidade de não perguntar apenas *o que* o texto estava querendo dizer, mas *quem* (autores ou leitores, indivíduos ou grupos de indivíduos) estava sustentando aquele enunciado.

Há ainda um grupo de críticas dirigidas especificamente à metodologia de Cambridge, questionando seu estatuto epistemológico. Por um lado estão as acusações de positivismo, embasadas na orientação de “estudar o passado em seus próprios termos”, que significaria crer na possibilidade de total separação entre os valores do pesquisador no presente e aqueles do autor do passado. De outro lado, existem as acusações de excesso de subjetivismo ou idealismo, que vêm na metodologia proposta uma suposta visão de autonomia do mundo da linguagem, uma crença no seu caráter auto-referenciado, o que resultaria em um descompromisso com o “mundo real”.

Skinner não passou ao largo destas críticas. Ao contrário, iniciou um esforço de resposta mais sistemático a partir da década de oitenta, o qual nunca abandonou definitivamente. Os expedientes usados foram de naturezas diferentes, por vezes realizou revisões de suas posições iniciais e promoveu a reedição de trabalhos, por outras produziu textos especialmente para rebater críticas. Esta disposição do autor em debater com seus críticos sem dúvida contribuiu tanto para manter sua produção em evidência quanto para a geração de mais críticas. Sob o ponto de vista do impacto causado por sua metodologia, que pode ser medido pelo debate gerado e na quantidade de críticas recebidas, pode-se afirmar que a empreitada de Skinner contra as abordagens tradicionais da História das Ideias foi um sucesso. Ciente das críticas e limitações inerentes a qualquer metodologia, para os fins desta tese, procurou-se ter em conta as duas

características mais marcantes e também mais estáveis da proposta metodológica de Skinner: o historicismo radical e sua defesa da possibilidade de recuperação da intenção autoral através do estudo de textos do passado.

1.1.1 Fontes

A diversificação das fontes foi um elemento essencial para a elaboração desta tese com uma abordagem contextualista. Partindo do pressuposto de que apenas ampliando o número de fontes utilizadas seria possível encontrar elementos suficientes para responder ao objetivo da pesquisa, procurar novas fontes foi uma preocupação constante. Buscou-se não apenas ampliar o número de fontes, mas ampliar o escopo da análise, ampliando o recorte temporal. Neste sentido, a pesquisa na *Oliveira Lima Library* Universidade Católica da América em Washington foi fundamental. Ainda pouquíssimo utilizado por pesquisadores brasileiros, este acervo abriga não apenas livros raros, mas também mapas, obras de arte e documentos pessoais. Foram consultadas principalmente as cartas e a coleção de cartões-postais de Oliveira Lima.

A coleta de dados esteve dividida em dois grandes momentos. O primeiro foi dedicado a realização de um levantamento do material bibliográfico, principalmente artigos em periódicos de difícil acesso, separatas de publicações e manuscritos de obras de Oliveira Lima. Este procedimento permitiu o acesso a obras raras como o jornal que ele editava na juventude em Lisboa, o *Correio do Brazil* (1882-1885) e a coleção completa da *Revista de America* (1912-1914) editada em Paris.

O segundo momento foi o mais longo e esteve dedicado à revisar os Scrapbooks, livros de recortes que Oliveira Lima e Flora organizavam. São ao todo 63 álbuns que contêm principalmente artigos da imprensa sobre temas de interesse do diplomata. Grande parte da sua contribuição jornalística está contida nestes álbuns, assim como artigos de outros autores sobre os temas em questão, as polêmicas em que se envolvia, a recepção de suas obras e cobertura das suas atividades intelectuais e diplomáticas. Ele guardava ainda cartas, cartões de visita, cartões postais, cardápios e convites de eventos, prospectos, fotografias. Enfim, uma série de documentos que ajudam a ilustrar momentos importantes da sua vida e que impactavam a sua obra. Os Scrapbooks, assim, tornaram-se a fonte por excelência desta tese, já que contem verdadeiros retratos dos debates em que estava inserido. Por trazer a quase totalidade dos artigos publicados em jornais, sua análise permitiu resgatar textos praticamente

inéditos, porque foram apenas publicados uma vez na imprensa e jamais utilizados pelos pesquisadores da sua obra. Com relação ao trabalho de organização e classificação das fontes, o processo foi o seguinte: Leitura dos Scrapbooks, elaboração de uma lista dos artigos de imprensa de Oliveira Lima pertinentes ao tema da pesquisa contidos em cada volume, pesquisa nos Bancos de dados de periódicos históricos para obter uma cópia eletrônica em pdf de cada artigo (quando isto não foi possível, foram tiradas fotografias dos textos), organização de um banco de dados contendo informações dos artigos, do periódico e tema abordado. Uma vez organizado este banco de dados, procedi uma classificação cronológica para ter uma visão geral dos temas tratados. Posteriormente, selecionei os artigos diretamente relacionados ao tema da tese (Estados Unidos, pan-americanismo, relações Estados Unidos e Brasil). No final, foram coletados 664 artigos publicados em *O Estado de São Paulo*, 57 no *Jornal do Commercio*, 20 na *Revista de Derecho, Historia y Letras*, 29 na *Revista A.B.C.*, totalizando 774. Este levantamento não é exaustivo, mas é o primeiro a ser realizado com este material. Uma tabela com as informações sobre os textos encontrados nos Scrapbooks, como título, local de publicação (e republicação, quando for o caso) e data se encontra no Apêndice 1.

A permanência em Washington permitiu também a consulta ao acervo da Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos. Foram consultados, além de livros, os Boletins da União Pan-americana e a coleção da *Revista de Derecho, História y Letras*, publicada em Buenos Aires, em microfilme. As coleções de periódicos digitalizados disponíveis na instituição proporcionaram a obtenção de fontes valiosas. Através deste meio foram coletadas notícias sobre Oliveira Lima em periódicos brasileiros e estrangeiros entre 1885 e 1928. No total são 192 artigos ou notas publicadas na imprensa de países como Estados Unidos, Reino Unido, Argentina, Venezuela, Chile, Peru, Bélgica, Alemanha, em aproximadamente 40 periódicos. A biblioteca da Universidade de Georgetown foi também de enorme valia, especialmente pelo seu serviço de empréstimo inter-bibliotecario. Foi também realizada pesquisa documental no Arquivo da Universidade de Harvard, em Cambridge, Massachusetts, sobre o período que Oliveira Lima lá esteve como professor. No México, foi de grande valia o enorme acervo da Biblioteca Daniel Cosío Villegas do Colegio de México e também foram consultados documentos do Archivo Genaro Estrada da Secretaria de Relaciones Exteriores, na Cidade do México.

Oliveira Lima não costumava guardar copias das cartas enviadas, assim, no seu arquivo pessoal encontra-se apenas sua correspondência

passiva. Para tentar obter alguns destes documentos foram visitados o Archivo General de la Nación Argentina, em Buenos Aires, o Centro de Documentación e Investigación de la Cultura de Izquierdas en Argentina (CeDInCI), em Buenos Aires, o Instituto Ibero-americano, em Berlim, o Complejo Museografico Udaondo, em Luján, Argentina. A pesquisa também se beneficiou de correspondências compiladas e publicadas como as de Joaquim Nabuco (NABUCO; NABUCO, 1949a, 1949b) e Machado de Assis (ARANHA, 1923; MACHADO DE ASSIS; FERNANDO NERY, 1942), além da correspondência entre Oliveira Lima e Gilberto Freyre organizada por Angela de Castro Gomes (2005).

Sobre a apresentação das fontes e referências no texto cabem alguns esclarecimentos. As fontes secundárias são citadas no corpo do texto utilizando o sistema autor-data. O mesmo sistema é utilizado para citar cartas que tenham sido publicadas. Já as fontes primárias são sempre referenciadas em notas de rodapé. Todo o material oriundo dos Scrapbooks foi considerado fonte primária, incluindo os artigos de Oliveira Lima na imprensa, e indicam a qual álbum pertencem através de um número (por exemplo SB1). O único que não possui numeração é o álbum ao que convencionou-se chamar de Pré-Scrapbook porque não estava incluído na numeração original da coleção e cronologicamente é anterior ao SB1. A grafia original de todos os documentos e obras foi mantida. Pode haver discrepância na grafia da mesma palavra ao longo do texto porque foram escritos em épocas diferentes (anteriores ou posteriores a reforma ortográfica de 1911), podem ser publicações portuguesas ou ainda porque ao ser reimpressas tiveram a grafia atualizada.

A tese está organizada em cinco capítulos. No capítulo 1 se encontra uma breve ensaio biográfico que cobre desde o seu nascimento em 1867 até 1896, quando é nomeado para o primeiro posto diplomático nos Estados Unidos. Este período no país que dura até 1900 é coberto pelo capítulo 2. O capítulo 3 trata da sua primeira incursão em um país hispânico, quando vive na Venezuela e toma contato com intelectuais hispano-americanos, ao mesmo tempo em que acompanha os preparativos para a III Conferência Pan-americana no Rio de Janeiro. O capítulo 4 explora a sua volta à Europa, quando foi representante brasileiro em Bruxelas e se torna um intelectual prolífico na divulgação do Brasil. Finalmente, o capítulo 5 trata dos seus retornos aos Estados Unidos e dos reencontros e descobertas proporcionados por eles. A ida a Stanford em

1912, depois o período em Harvard, passando pela Primeira Guerra, que tem um forte impacto nele e na sua obra, até a mudança definitiva para Washington, onde veio a falecer. O capítulo 6 traz as conclusões e o Apêndice 1 a já mencionada tabela com artigos de imprensa escritos por Oliveira Lima.

2 “EU VI O MUNDO... ELE COMEÇAVA NO RECIFE”

Figura 1 - Fragmento da obra “Eu vi o mundo... ele começava no Recife” (1926-1929), de Cícero Dias



Fonte: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2013/01/%E2%80%9Cco-nordeste-pensou-o-brasil%E2%80%9D/>>. Acesso em: 02 ago. 2015.

O título deste capítulo refere-se à icônica obra do pintor pernambucano Cícero Dias, elaborada entre 1926 e 1929. Exposta apenas em 1931 no que ficou conhecido como o Salão Revolucionário, organizado pela Escola Nacional de Belas Artes no Rio, o painel de 15 metros² causou polêmica tanto pela forma quanto pelo conteúdo. O que torna o quadro e o seu nome apropriados para introduzir a vida de Manoel de Oliveira Lima é que a pintura representa para seu autor um ponto de partida que se localiza na capital pernambucana. O Recife que abrigava o engenho da sua infância foi a fonte de onde Cícero Dias retirou a matriz pela qual observaria, perceberia e avaliaria o mundo ao seu redor. A obra guarda, neste sentido, a dimensão de um mito de origem localizado na infância do artista. (BORGES, 2012). Lima realizaria o mesmo esforço de fixar um mito de origem para sua própria existência através de suas obras, não artísticas, mas históricas e literárias. Através dos interesses

² Originalmente o painel tinha 15 metros e atualmente conta com apenas 12 porque sofreu literalmente o ataque do público durante a exibição. Revoltados com as indecências contidas na obra, alguns visitantes recortaram uma porção do quadro. Para mais sobre a obra e sobre as representações do Recife no trabalho do artista ver BORGES, 2012.

intelectuais que nutriu desde a infância, sempre ligados ao Pernambuco natal, passando pelo tema de suas primeiras obras até o casamento com uma “flor da sociedade pernambucana”, culminando com a entrada para o serviço diplomático brasileiro, tudo confluía para a afirmação da sua identidade como brasileiro e pernambucano, mesmo vivendo a maior parte da vida no exterior. Assim, para traçar um perfil biográfico que ajude a iluminar a personalidade, a vida e a obra de um personagem tão complexo como é Oliveira Lima, torna-se imprescindível começar por onde o seu mundo começava, e era certamente no Recife.

2.1 O RECIFE DO TEMPO DA MAXAMBOMBA: NASCE MANOEL DE OLIVEIRA LIMA

O Recife do século XIX era uma urbe com aproximadamente 80.000 habitantes que passava por importantes transformações. Tendo o algodão e a cana de açúcar como seus principais produtos de exportação, a cidade vinha se firmando como um dos portos mais importantes do Brasil e uma referência como centro exportador. A economia agroexportadora movimentava a capital da província de Pernambuco, que vivia também a expansão da atividade manufatureira e o surgimento da indústria.

As atividades manufatureiras e comerciais estavam concentradas nas freguesias de São Frei Pedro Gonçalves e Antônio Vaz, que também contavam com maior densidade demográfica. Já a região da Boa Vista era o lugar preferido para as novas ocupações residenciais, abrigando os casarões das famílias mais abastadas e proeminentes da sociedade local. A vida da capital tradicionalmente estava centralizada nas delimitações destas três localidades. (DUARTE, 2005). Sem embargo, a economia mais diversificada e dinâmica contribuía para a expansão e diversificação de empregos e atividades, tornando Recife um polo de atração para novos habitantes. Esse incremento populacional forçou os limites da cidade, que começou a deslocar-se em direção aos arrabaldes antes desabitados. A população crescente demandava um crescimento proporcional da oferta de serviços públicos, que nem sempre eram suficientes. Neste cenário, um dos principais problemas que afetavam o Recife era o do transporte, dificultado pelos vários rios e canais que cortavam a cidade.

Pela sua geografia peculiar, Recife não raro era comparado com “a Rainha do Adriático” e terminou por receber a alcunha de Veneza brasileira, que encantava os visitantes estrangeiros com sua beleza. Para

os norte-americanos Kidder e Fletcher³ (1857, p. 513). “[...] the towers and domes of the Recife, or Pernambuco, appeared, like those of Venice, to be gradually raising from the sparkling water”. A primeira visão do porto do Recife já havia impressionado a viajante Maria Graham⁴ algumas décadas antes. Ela, que levava alguns anos percorrendo a América do Sul, exclamou em seu diário de viagem: “but no previous knowledge could do away the wonder with which one must enter that very extraordinary port.” (CALLCOTT, 1824, p. 163). Depois de conhecer de perto o local que dava nome à cidade, ela concluiu que “the reef is certainly one of the wonders of the world [...]”. (CALLCOTT, 1824, p. 164).

A beleza natural da região era indiscutível. Já as condições materiais da cidade deixavam a desejar, como também registraram vários cronistas. Ruas estreitas e mal cuidadas, os mercados de escravos a céu aberto e as dificuldades de locomoção estavam entre as queixas mais frequentes. No entanto, Kidder e Fletcher (1857, p. 515), que já haviam estado em Recife, notavam alguns avanços:

In all respects Pernambuco is a thriving and a progressive city. Those who remember its former

³ Daniel Parish Kidder (1815-1891) foi um teólogo da Igreja Metodista Episcopal e missionário. Além de obras sobre religião, ele escreveu suas impressões sobre o Brasil em co-autoria com James Cooley Fletcher (1823-1901), um ministro presbiteriano e missionário que viveu no país em diferentes momentos entre 1854 e 1869. *Brazil and the Brazilians Portrayed in Historical and Descriptive Sketches* publicado na Filadélfia em 1857 foi uma obra pioneira que despertou bastante interesse entre o público norte-americano, o que levou a que tivesse nove edições até 1879, e se tornasse um clássico da literatura de viajantes. Também converteu-se em fonte importante para o estudo do Brasil no período. Gilberto Freyre, por exemplo, menciona em carta para Oliveira Lima que estava lendo “com deleite e proveito” a obra e a utilizaria em sua tese de mestrado *Social Life in Brazil in the Middle of the Nineteenth Century*. (GOMES, 2005, p. 114–115).

⁴ Lady Maria Dundas Graham Callcott (1785 – 1842) era inglesa, escritora, tradutora e editora de livros. Como esposa do oficial naval escocês Thomas Graham o acompanhou em sua primeira viagem à América do Sul com destino ao Chile. O marido morreu durante a viagem, porém ela optou por permanecer no Chile. Quando decidiu voltar a Inglaterra em 1823, fez uma parada no Brasil, onde conheceu Dom Pedro I e acabou contratada como preceptora da princesa Maria da Glória, cargo que ocupou até 1826. Registrou suas impressões das terras que conheceu em livros como *Journal of a Residence in Chile during the Year em 1822, Voyage from Chile to Brazil in 1823* e *Journal of a Voyage to Brazil, and Residence There, During Part of the Years 1821, 1822, 1823*.

unpaved streets and its other inconveniences for comfort and conveyance would now be surprised at the various changes and improvements. Water-works have been constructed, good bridges erected, and extensive quays have been formed on the margins of the rivers [...].

Ainda assim, as melhorias observadas pelos missionários não eram suficientes para acompanhar o crescimento da cidade, que eles definiam já nesta época como uma “grande cidade comercial”. De certa maneira, o caráter ‘comercial’ e o crescimento advindo desta condição obscureciam sua pródiga beleza. “As we drew near to Pernambuco, the warehouses and the shipping presented the features of a large commercial town, and the resemblance between it and the silent Queen of the Adriatic no longer forced itself upon the beholder”, observavam decepcionados. (KIDDER; FLETCHER, 1857, p. 514).

Uma das características mais particulares de Recife era também um dos seus grandes problemas. A existência de diversos rios e estuários dificultava o transporte, que até o terceiro quartel do século XIX foi totalmente dependente da condução fluvial. Baseado no uso de canoas, a comunicação entre Recife e Olinda e os povoados ao longo do Rio Capibaribe estava praticamente nas mãos dos canoeiros, permitindo que estes cobrassem preços abusivos e restringindo o acesso das camadas mais pobres da população ao transporte. (DUARTE, 2005, p. 11).

Com a prosperidade que veio a transformar Recife no mais influente entreposto mercantil do norte brasileiro, vieram as alterações urbanísticas, como novas ruas, aterros e edifícios. As novas pontes representaram um avanço significativo na mobilidade dos habitantes e no transporte de mercadorias e principalmente na capacidade de comunicação da cidade com Olinda e com os povoados próximos. A maior inovação nesta área veio em 1839, quando foi instalado um serviço realizado por carruagens puxadas a cavalos. Estabelecido pelo inglês Thomas Sayle, a diligência, conhecida como ônibus, era uma alternativa aos barcos, mas nunca chegou a ameaçar a supremacia do transporte fluvial. (DUARTE, 2005).

O grande salto definitivo do Recife para a modernidade e rumo ao progresso foi dado apenas em 1863, quando a inglesa *Brazilian Street Railway Company Limited* ganhou a concessão para implantar uma estrada de ferro na zona oeste da cidade. Com isso, a capital “preencheu com qualidade uma lacuna existente nas comunicações terrestres, podendo, assim, acelerar seu desenvolvimento urbano”. (DUARTE, 2005, p.12). A primeira ferrovia urbana em solo brasileiro consistia em

uma pequena locomotiva a vapor e três vagões de passageiros, que ficou conhecida como a maxambomba. O nome pitoresco seria uma “curruptela da expressão inglesa *machine pump*”. (FRANCA, 1977, p. 233).

A maxambomba foi inaugurada em 1867 e marcou a vida da cidade e seus habitantes profundamente. Ela funcionou até 1914 (alguns ramais permaneceram em uso até 1919), quando foi então substituída pelos bondes elétricos. O sucesso da maxambomba fez com que outras companhias de trilhos urbanos começassem a operar novas rotas no Recife e arredores, movimentou o comércio e alterou hábitos da população. (MARCOLIN, 2007).

Figura 2 - A ponte da maxambomba que ligava o bairro de Santo Antônio ao da Boa Vista



Fonte: Acervo Museu Cidade do Recife (s/d). Reproduzido em DUARTE, 2005.

No mesmo ano em que se inaugurava um dos símbolos do Recife moderno, nascia aquele que se tornaria um dos seus cidadãos mais ilustres nas décadas seguintes. Manoel de Oliveira Lima nasceu no Recife em 25 de Dezembro de 1867 na Rua Corredor do Bispo, atualmente Avenida Oliveira Lima⁵, 813. Na mesma casa na região nobre da Boa Vista passou

⁵ Nas celebrações pelo seu natalício em 25 de dezembro de 1925 foi inaugurada uma placa comemorativa na sua antiga casa. O Prefeito do Recife, atendendo ao desejo do Conselho Municipal, rebatizou a rua em que nasceu e na mesma ocasião o governo de Pernambuco deu o nome de Oliveira Lima a um grupo escolar na

a etapa brasileira da sua infância e é de lá que guardava as memórias mais remotas. Das recordações “que em breve se fizeram vagas” registradas no seu livro de memórias, Oliveira Lima (1986, p.9) incluía “a campina por traz da nossa casa, onde se erguiam coqueiros e por onde de quando em vez silvava a machambomba”. Recordava ainda os jantares em família, as conversas do pai no jardim, o passeio ao engenho do cunhado nos arredores da cidade e a primeira montaria. Já no outono da vida, concluía que aquelas “impressões esbateram-se com um relevo bastante para que a minha idealização de Pernambuco resistisse a uma primeira visita”. (LIMA, 1986, p. 10). Os apenas seis anos passados em Pernambuco foram fundamentais na formação da identidade de Oliveira Lima. Mesmo tendo vivido a maior parte da vida fora do Brasil, ele sempre se definiu como um pernambucano legítimo, inclusive contra as acusações de “estrangeirismo”. Neste processo de formação identitária a criação que recebeu teve um peso importante, notadamente do pai português que não admitia que se falasse mal do país que o acolhera na juventude. Gouvêa (1976, p. 43) afirma que “a maior influência transmitida pelo velho Oliveira Lima ao filho Manoel [...] [foi] um grande amor pelo Brasil.”

Manoel era o caçula dos quatro filhos do casal Luiz de Oliveira Lima e Maria Benedicta de Miranda Lima. Ele sempre foi muito discreto sobre sua vida pessoal e mesmo nas suas *Memórias* é bastante sucinto na descrição de detalhes íntimos e da vida familiar. Conta, entretanto, que o pai Luiz era natural do Porto e chegou a Recife aos 18 anos (1834), onde foi “caixeiro e depois patrão”. Era órfão de mãe e filho de um oficial de repartição “de escassos haveres” que acabou por refinar as maneiras na sua estância com um morgado amigo da família no Douro, para onde foi mandado para fugir da epidemia de cólera. Por seus modos elegantes, que destoavam dos companheiros de profissão, estes o tratavam por “fidalgo”. (LIMA, 1986, p. 6). Luiz é descrito pelo filho como um homem correto e escrupuloso, de modos requintados, que “detestava patuscadas”, “tão limpo que parecia que o pó fugia dele”, que andava sempre enlulado na Europa e era um amante dos livros e da boa música. (LIMA, 1986, p. 6–7). Com estas características e “predilecções muito britânicas”, Oliveira

cidade de Victoria. (“Oliveira Lima”, 1926). Atualmente no sobrado funciona a sede do Conselho Estadual de Cultura de Pernambuco (fundado em 1967 por Gilberto Freyre, que também foi o primeiro diretor da entidade). Oliveira Lima agradeceu a “gentileza dos [meus] comprovincianos” nas suas *Memórias*. (LIMA, 1986, p. 8).

Lima dizia que o pai “fazia lembrar o chefe de *Família inglesa*”⁶. Enfim, aos olhos do filho, Luiz de Oliveira Lima “nascera *gentleman*, embora não fosse nobre.” (LIMA, 1986, p. 6).

Ainda que demonstrasse satisfação pelos gostos e personalidade tão “britânicos” do pai, Oliveira Lima reivindicava suas raízes luzas com orgulho⁷. Em seu discurso de posse na Academia Pernambucana de Letras afirmou: “sou filho de português, disto me honro e vanglorio, e meu pai não era pássaro de gaiola”. Na mesma ocasião fez uma defesa daqueles emigrantes de espírito aventureiro que ansiavam por ganhar a vida e se possível tornarem-se abastados “à custa de um trabalho incessante cujos começos eram duros”. (GOUVÊA, 1976, p. 33).

Luiz correspondia perfeitamente ao perfil do emigrante traçado pelo filho. Começou como caixeiro e chegou a dono do negócio. Foi comerciante na Rua da Cadeia no Recife, e embora Oliveira Lima nunca tenha mencionado explicitamente a natureza das suas atividades comerciais, tudo leva a crer que foi muito bem sucedido⁸. Ele conta que Luiz “não trabalhou longos annos. Logo que reuniu uma modesta fortuna á custa de uma inteligente economia e de uma absoluta probidade [...] retirou-se e edificou a capricho uma vivenda fresca e confortavel”. (LIMA, 1986, p. 8). Essa vivenda era a casa da Rua do Bispo onde nasceria o filho caçula e seria seu último endereço no Brasil. A vida em Lisboa também era a de uma família abastada, que proporcionou conforto e até alguns luxos ao filho Manoel, como os veraneios em Estoril e as férias na Inglaterra e na França, além de uma educação apurada. (LIMA, 1986, p. 38). Admirador que era das coisas inglesas, o pai contratou até

⁶ Refere-se a *Uma família inglesa*, romance publicado pelo escritor português Júlio Dinis em 1868. Na trama passada na cidade do Porto, o patriarca Richard Whitestone era um “verdadeiro inglês da velha Inglaterra, sincero, franco, às vezes rude, mas nunca mesquinho ou vil, podia tomar-se por uma vigorosa personificação do típico John Bull”. (DINIS; EUSÉBIO, 1991, p. 42).

⁷ Gouvêa (1976, p. 29) chega a afirmar que a Praieira foi a única revolução libertária a não contar com a simpatia de Oliveira Lima não tanto pelo seu conteúdo ideológico mas possivelmente pelas histórias ouvidas do pai, que como comerciante português no Recife deve ter sofrido suas consequências.

⁸ Um bom indício de que Luiz de Oliveira Lima gozava de prestígio na sociedade de Lisboa é o número de notas na imprensa local dando condolências pelo seu falecimento em 25 de janeiro de 1890. O pai de Oliveira Lima foi sepultado no Cemitério dos Prazeres em Lisboa e no dia seguinte *O Reporter* (edição de 27/01/1890) publica nota sobre o enterro e dá a ampla lista de presentes. Muitos dos nomes citados são de brasileiros proeminentes e membros da Sociedade de Beneficência Brasileira. (Pré-scrapbook, OLL).

um tutor chamado Coollingridge, um católico de Liverpool que havia sido mestre dos infantes de D. Maria II. Foi Coollingridge quem proveu o pupilo dos seus primeiros exemplares de Shakespeare, Milton e Byron e contribuiu poderosamente para sua simpatia pela terra inglesa. (LIMA, 1986, p. 54).

Sobre a mãe, D. Maria Benedicta Oliveira Lima, fala ainda menos. Nas *Memórias* lhe dedica apenas dois parágrafos em que ressalta seus predicados como dona de casa brasileira típica que era, “diligente e esmerada”, daquelas que vestiam os filhos e os escravos, presidiam as comidas e “ainda achavam tempo para formar o espírito dos filhos com lições de uma moral bondosa”. (LIMA, 1986, p. 9). Sobre sua origem, conta que era nascida no engenho Antas, em Rio Formoso, Pernambuco, de propriedade do Marquês de Olinda e na época arrendado ao seu avô.

A união de Luiz e Benedicta foi um exemplo do que observava Gilberto Freyre (2005) quando dizia que no Brasil açucareiro confundia-se o patriarca da cidade com o do campo, muitas vezes pelo casamento. Luiz de Oliveira Lima representava a burguesia mercantil da época e como tal foi capaz de estabelecer laços com o patriarcalismo rural. Essa ligação foi comum no período através do casamento de comerciantes portugueses bem estabelecidos mas sem tradição com moças que representavam a aristocracia rural, herdeiras de engenhos decadentes que, porém, ainda gozavam de prestígio social. Assim, Luiz, um comerciante português que fez fortuna se casa com a sinhazinha filha de uma família do sul de Pernambuco, de recursos limitados, mas aparentada com o ex-Regente do Império, Araújo Lima, Marquês de Olinda⁹ e logra unir tradição e fortuna novamente.

O casal teve mais três filhos. Luiz, o mais velho, já tinha 21 anos e estava casado quando nasceu o caçula. Ainda assim mantiveram uma amizade fraternal ao longo da vida, embora não compartilhassem os mesmos interesses, exceto o prazer da boa mesa, que consta ser uma característica comum aos Lima, conhecidos na cidade como os Limas Gordos¹⁰. Amalia, a irmã do meio, era diferente dos demais membros da família, uma “mulher retraída e quase tristonha” que raramente é mencionada. (GOUVÊA, 1976). A irmã preferida era, sem dúvida, Maria Benedita, conhecida como Sinhá. Inteligente e articulada, ela manteve uma ativa correspondência com o irmão, atuando como conselheira na

⁹ Por coincidência, Oliveira Lima havia dedicado um perfil biográfico ao Marquês de Olinda no segundo número do *Correio do Brazil* (1882).

¹⁰ Um primo de Flora, José Mariano Filho, faz alusão ao casarão vermelho dos “Limas Gordos”. (GOUVÊA, 1976, p. 38).

vida pessoal e na carreira. Sinhá, apesar da discordância inicial do pai, se casou com Pedro de Araújo Beltrão, político abolicionista que se tornou diplomata e teve grande influência sobre o jovem cunhado¹¹.

Outra figura importante do círculo familiar de Manoel em Pernambuco era o tio e padrinho, Quintino de Miranda¹². O juiz de Direito notava seu pendor para a História e encorajava o jovem a seguir sua vocação “philo-bibliográfica” com presentes como uma coleção de revistas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e livros sobre a História de Pernambuco. (LIMA, 1986, p. 13). Um destes livros seria especialmente importante para Oliveira Lima. A *História da Revolução Pernambucana de 1817* (TAVARES, 1917) foi republicado pelo historiador em uma edição comentada comemorativa ao centenário da revolução.

¹¹ Beltrão foi um abolicionista convicto que teve uma atitude pioneira sempre lembrada por Oliveira Lima, especialmente para fustigar Joaquim Nabuco quando suas relações já não eram tão harmônicas. Aos 25 anos e já membro da Assembleia Provincial de Pernambuco, leu um documento em sessão de 1869 em que chamava a escravidão de uma “aberração de todas as leis naturais” e concedia a liberdade de ventre a todas as suas escravas, no que era seguido por seus parentes. E terminava conclamando os verdadeiros liberais a “prestarem seu valioso apoio a tão simpática e santa causa”. Assim, o episódio foi um marco no movimento abolicionista pernambucano e nacional pois o movimento pela liberdade de ventres iniciado ali seria proclamado lei apenas em 1871. (COSTA, 1891, p. 262).

¹² Nascido em Pernambuco em 27 de outubro de 1838, Quintino de Miranda formou-se em Direito em 1852 e logo foi nomeado juiz municipal e delegado de polícia em Alagoas. Mais tarde foi juiz de Direito no Rio Grande do Sul, chefe de polícia no Espírito Santo e por fim voltou a Pernambuco em 1864 para administrar justiça na comarca de Olinda. Foi ainda nomeado vice – presidente e chefe de polícia interino em Pernambuco e removido para a vara civil de Recife onde foi elevado a membro do Tribunal de Relação e agraciado com os títulos de Conselheiro e Presidente do mesmo Tribunal. (Necrologia, s/d, recorte no Pré-scrapbook, OLL).

Figura 3 - Cartão postal com a Matriz da Boa Vista no Recife onde Manoel foi batizado



“Muitos parabéns pelo dia de hoje ao menino que há muitos annos se baptizou nesta matriz”.

Fonte: Oliveira Lima Postcard Collection, OLL

A primeira grande viagem na vida do menino Manoel ocorreu quando tinha seis anos, marcando o afastamento, ainda que apenas físico, da família extensa. A ida para Portugal se realizou “por motivo sobretudo de saúde” e o casal Oliveira Lima embarcou com o filho temporão em 1 de abril de 1873 no vapor inglês Nava, em busca do “clima ameno de Lisboa”. (GOUVÊA, 1976, p. 53–54; LIMA, 1986, p. 9). A família vivia com os recursos amealhados no Brasil pelo pai e desfrutava de ótimas condições financeiras e prestígio social. Apesar da distância, mantiveram-se fortes os laços com Pernambuco. Tanto assim que Oliveira Lima considerava que seu “meio de família era estritamente brasileiro”. As duas irmãs haviam casado com pernambucanos, em Lisboa a “comida [era] temperada ao sabor nacional, sustentado pelas constantes remessas de farinha e gomma de mandioca, de doces, de queijos do sertão, de

pimentas de cheiro e malagueta, avivando o patriotismo” e o pai “sempre prompto a rebater qualquer afirmação em desabono do Brasil”. Até a criadagem foi trazida do Brasil para que seguisse servindo os Lima na Europa¹³. Tudo isso fez com que o pequeno crescesse “n’uma exaltação íntima pelo Brasil”. (LIMA, 1986, p. 11).

Manoel, então, cresceu em Portugal, onde fez todos os estudos. Ainda que o ambiente familiar fosse muito parecido aquele que teria na terra natal, a educação formal que recebeu foi mais requintada do que a que teria tido acesso em Recife. Estudando na Europa, levado pelo pai que, sem ser senador nem grande no Império possuía recursos suficientes, teve uma educação elitista. Inicia seus estudos no Colégio dos Lazaristas e posteriormente passa para a Escola Acadêmica, onde fez os preparatórios para o ensino superior. Do primeiro saiu fluente em francês e farto de cerimônias religiosas. Algumas características suas parecem já estar presentes na infância: o gosto pela boa mesa e a necessidade de expressar suas ideias. No seu relato dos tempos de escola, relembra que “a comida era desgraçada e insuficiente – o cosido mais chilro e o pão sem manteiga, excepto para os que pagavam extra, n’uma prematura exibição das desigualdades humanas”. (LIMA, 1986, p. 17). Outra queixa eram os frequentes retiros espirituais que lhe causavam “desespero porque não era permitido durante elles fallar.” Eram momentos especialmente duros para o menino que mais tarde admitiria nunca ter possuído “o predicado essencial para membro da Academia dos silenciosos da Persia.” (LIMA, 1986, p. 17).

Mesmo reconhecendo que os sacerdotes de São Luiz somente lhe haviam inculcado bons princípios, após tanta “fartura” de cerimônias de igreja, Lima tomou a atitude de esquivar-se delas o mais possível na vida adulta. As missas diárias (duas no domingo, como ele não deixa de frisar) eram reforçadas em tempos de entrudo com duas horas de adoração ao Santíssimo para expiação dos pecados alheios. Os padres provavelmente estariam orgulhosos em saber que o ex-aluno terminou por abominar o carnaval, “mesmo o fluminense, espectáculo grandioso da desmoralização nacional”. (LIMA, 1986, p. 18). Ainda que moralmente bastante conservador, não se tornou um católico fervoroso e sua opção era pelo que ele definiu como um “catholicismo histórico”. Nunca foi católico praticante e seu espírito se rebelava contra certos dogmas desde

¹³ Com os Oliveira Lima embarcou também para Portugal o casal de criados Ricardo e Rosaria, que trabalhou para a família até sua morte em Lisboa, onde foram enterrados no mausoléu familiar. (GOUVÊA, 1976, p. 54).

a juventude. Apreciava, no entanto, os benefícios “que a religião christã mais do que qualquer outra trouxe à civilização” e sobretudo admirava “a disciplina ecclesiastica que permite o cummpriente de tão sublimes feitos de abnegação e de sacrificio como, por exemplo, os dos Jesuítas.” (LIMA, 1986, p. 18). Mesmo com todas as reservas com relação ao catolicismo, afirmava que nunca abjuraria seu credo, “da mesma forma que jamais renunciaria a [sua] pátria”. (LIMA, 1986, p. 18).

Desde o tempo com os Lazaristas, já tinha gosto pelos assuntos históricos. Com orgulho, relembra nas *Memórias* que ao fazer um exame de História aos onze anos se saiu tão bem que o presidente da mesa declarou que se a lei previsse algum prêmio para esses casos, certamente lhe caberia um. (LIMA, 1986, p. 12). Da sua passagem pela Escola Acadêmica (de 1881 a 1884) guardava “boas recordações, sendo a melhor do seu director, o commendador Antonio Florencio dos Santos, pessoa excellente.” O bom juízo que fazia do diretor, não o impediu de por vezes ser castigado com puxões de orelha e ouvir com frequência “és um diabo, mas muito bem criado”. Era um menino inquieto e levado, mas que “nunca cometeu brutalidades”. (LIMA, 1986, p. 21).

2.2 O *CORREIO DO BRAZIL*: NASCE UM JORNALISTA

Foi durante o tempo de estudante na Escola Acadêmica que Oliveira Lima fundou o *Correio do Brazil, Revista Mensal*¹⁴, primeira publicação em que “ensaiei a pena” aos 14 anos. (LIMA, 1986, p. 14). A publicação estava orientada a informar sobre temas do seu país de origem e tinha forte ênfase nos assuntos históricos. O primeiro número saiu em 1 de maio de 1882 e o sumário contava com as secções Notícias do Brazil, Quadro Histórico e Perfis Brasileiros. As três apareciam assinadas pelo “proprietário e redator” Oliveira Lima, nome com que firmaria quase todos seus trabalhos desde então. As Notícias do Brazil vinham “De jornaes e cartas recebidos ultimamente” e das quais transcrevia o que julgava “digno de ser mencionado”¹⁵. É interessante observar que a publicação trazia pequenas notas sobre quase todas as províncias brasileiras, cobrindo os mais diversos temas, desde nomeações para

¹⁴ A publicação aparece na lista dos jornais e revistas portugueses publicados em Portugal no século XIX: **Correio do Brazil**, Lisboa, 1882-1885, 29 cm, proprietário e redator Oliveira Lima, Typ. Castro Irmão. (RAFAEL; SANTOS; BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL, 1998a, p. 209).

¹⁵ LIMA, Oliveira. Notícias do Brazil. **Correio do Brazil**, Anno I, n.1, maio de 1882, p. 1-3. Original consultado na OLL.

cargos políticos e militares, notas de falecimento, inauguração de obras, assassinatos, situação meteorológica, eventos sociais e políticos, aprovação de leis e até informação sobre epidemias. O trabalho minucioso de coleta de dados para a publicação demonstra que o jovem estudante estava muito bem informado e conectado ao Brasil. Uma análise do conteúdo do primeiro número do *Correio* ajuda a lançar luz sobre os seus interesses de então. Os temas históricos preponderavam, sempre ligados ao Brasil, mas ele não deixava de registrar acontecimentos de Lisboa, como o centenário de Pombal, personagem que tinha uma evidente ligação com o Brasil. E também escrevia sobre temas mais mundanos que apreciava, como o teatro.

Figura 4 - Capa da primeira edição do Correio do Brazil (1882)



Fonte: *Oliveira Lima Library*

A seção Quadro Historico¹⁶ apresenta uma narrativa pomposa da epopeia do descobrimento do Brasil e da chegada de Pedro Alvares Cabral. Já na coluna Perfis Brasileiros, aparece um perfil de José

¹⁶ LIMA, Oliveira. Quadro Historico. **Correio do Brazil**, Anno I, n. 1, 1882, p. 3. Original consultado na OLL.

Bonifacio d’Andrada e Silva¹⁷. O número de lançamento do *Correio do Brazil* continha ainda dois artigos, um sobre o Marquês do Pombal, também assinado por Lima, e um sobre Sarah Bernardt, assinado por Noitibó, que muito provavelmente era um pseudônimo seu, já que não se conhece nenhum colaborador na primeira fase da publicação.

Lembrando que se aproximava o centenário “d’um dos homens mais ilustres de que viu nascer o pequeno, mas nobre reino de Portugal”, o *Correio* noticia a passagem de um cortejo organizado por estudantes portugueses em Lisboa para marcar a data. Já nos primeiros textos o jornalista estreante não se limitava a narrar fatos, mas expressava suas opiniões. Sobre o Marquês disse:

Não defendo o Marquez de Pombal dos seus instinctos crueis, do odio que ele votava á nobreza, ódio terrível e sem tréguas, derivado do desprezo e supremo desdém que lhe mostravam os fidalgos, mas desculpo-o considerando que todos os homens são imperfeitos e teem seus defeitos [...]”¹⁸.

No texto sobre Sarah Bernhardt já é possível antever o crítico mordaz. Lembrando a passagem da atriz por Lisboa, sua opinião sobre a audiência lisboeta foi dura. Considerava que estava formada por “*mirones* embasbacados e extasiados”, que “fizeram-lhe uma ovação delirante, não por apreciarem o seu talento, porque nem sabem distinguir o bom do mau, nem talvez sabem francez, mas para papaguear.”¹⁹

O *Correio do Brazil* teve no total seis números publicados em 1882 e um em 1883. (MACEDO, 1968, p. 33–36). Em 1885, aos 17 anos, Oliveira Lima retomaria o seu projeto editorial com a colaboração de um colega do Curso Superior de Letras de Lisboa, o maranhense Manoel Vilas Boas. (LIMA, 1986, p. 14; MIRANDA, 1957, p. 195). Juntos, publicaram mais sete números ao longo do ano. Nesta que seria a segunda e última fase do *Correio do Brazil*, os estudantes – agora universitários – expandiram as seções e já não eram os únicos redatores, passando a contar com a colaboração de vários dos seus professores.

Chama a atenção a qualidade do periódico nas suas duas fases. O cuidado na seleção e redação dos textos e a capacidade de organização de Oliveira Lima, que conseguiu desde os primeiros números ter alguns

¹⁷ LIMA, Oliveira. Sarah Bernhardt. **Correio do Brazil**, Anno I, n. 1, 1882, p. 4. Original consultado na OLL.

¹⁸ LIMA, Oliveira. O Marquez de Pombal. **Correio do Brazil**, Anno I, n. 1, 1882, p. 3-4. Original consultado na OLL.

¹⁹ LIMA, Oliveira. Sarah Bernhardt. **Correio do Brazil**, Anno I, n. 1, 1882, p. 3. Original consultado na OLL.

anunciantes, são notáveis. A pequena revista do jovem pernambucano mereceu inclusive ser mencionada²⁰ no prestigioso *Diccionario Bibliographico Portuguez* de Innocencio Francisco da Silva²¹. A publicação destacou o artigo já mencionado sobre o Marquês do Pombal. (SILVA; ARANHA, 1908, p. 109). O *Correio* também foi citado como fonte no verbete sobre João Alves Loureiro, o barão de Javary²².

Gouvêa (1976, p. 81) aponta ainda outro mérito do *Correio do Brazil*. Segundo o autor, o texto da Secção Perfis Brasileiros²³ (n. 4, 1882) pode ter sido a primeira biografia publicada de Joaquim Nabuco. Lima o havia conhecido pessoalmente no ano anterior, em um encontro que causou grande impacto no jornalista em formação²⁴. Tocado pela homenagem, Nabuco agradeceu ao “botão de jornalista”:

²⁰ Oliveira Lima ainda apareceria uma vez mais no *Diccionario* em 1893, desta vez em um perfil biográfico que destacava sua formação e dava uma descrição detalhada da sua colaboração na imprensa brasileira e portuguesa, além da notícia da publicação do seu primeiro livro. (SILVA; ARANHA, 1893, p. 282–283). Possível razão para que Oliveira Lima ainda tão jovem fosse citado tantas vezes na obra e que seus trabalhos fossem tão divulgados é que era amigo de Brito Aranha. Uma evidência da relação entre os dois é que o autor do *Diccionario* esteve presente no jantar íntimo de comemoração à entrada de Oliveira Lima na carreira diplomática em 1891. E Oliveira Lima inclusive enviou uma carta felicitando Brito Aranha pelo novo tomo publicado em maio de 1888, que foi publicado na seguinte edição. (SILVA; ARANHA, 1888, p. 430).

²¹ O *Diccionario Bibliográfico Português* tinha o objetivo de ser a continuação da *Biblioteca Lusitana* editada por Diogo Barbosa Machado e publicada em 1741 e 1758. Buscando ser uma obra de referência das obras publicadas em Portugal, o *Diccionario* era um projeto monumental do seu autor Innocencio Francisco da Silva, posteriormente continuado e ampliado por Brito Aranha. Daí os dois aparecerem como autores a partir do tomo X. A obra teve 23 volumes publicados entre 1858 e 1923.

²² Um trecho de um “artigo dedicado á sua memória, inserto no **Correio do Brazil** (folha publicada em Lisboa por um novel escriptor e estudante, sr. Oliveira Lima), n.º 1 do 2.º anno (março d’este anno, 1883)” é reproduzido. (SILVA; ARANHA, 1883, p. 147–148).

²³ LIMA, Oliveira. Joaquim Nabuco. **Correio do Brazil**, Anno I, n. 4, 1882, p. 5-6. Original consultado na OLL.

²⁴ Em 1881 Nabuco estava de passagem por Lisboa e Lima acompanhou as gestões do seu cunhado Araújo Beltrão para que ele fosse recebido na Câmara dos Deputados Portuguesa. O jovem jornalista já era simpatizante da causa da abolição, assim como o cunhado, e sua admiração por Nabuco só cresceu após vê-lo pessoalmente. (GOUVÊA, 1976, p. 81).

Acham-me para político moço demais; o que dirão porém quando virem que o meu biógrafo é um jornalista da sua idade? O seu juízo a meu respeito é apenas uma tradução da sua simpatia. Mal sabia eu que, no menino que me dava todas as notícias da última hora, estava um botão de jornalista a desabrochar a toda pressa voltado para o sol da pátria! (Carta de Joaquim Nabuco a Oliveira Lima, 14/10/1882 citado em NABUCO; NABUCO, 1949, p. 75).

Na mesma carta Joaquim Nabuco ainda encoraja Lima: “Acho muito bem feita toda a parte noticiosa do periódico e se essa fosse desenvolvida e os intervalos da publicação certos e mais curtos, o seu jornal podia dar as últimas notícias do Brasil aos brasileiros na Europa”. Ainda que com falhas e sem a periodicidade necessária para ser considerado um periódico relevante, o *Correio do Brasil* representa o primeiro esforço sistematizado de um jovem já claramente inclinado à vida intelectual e merece crédito pelo trabalho meticuloso de definir temas, coletar dados e redigir textos sobre o país natal do outro lado do Atlântico. Lima não tinha ainda totalmente definido qual seria seu foco profissional, dividindo-se entre a crítica literária e de teatro e os estudos históricos, mas certamente o *Correio* era um indício de suas aptidões de jornalista e de uma carreira voltada para as humanidades. A escolha dos assuntos a tratar e o próprio nome da revista são também uma evidência da orientação das suas preocupações intelectuais. “Sente-se já, no *Correio do Brasil*, não apenas o brasileiro, como o pernambucanismo de Oliveira Lima”. (SOBRINHO, 1971, p. 19).

2.3 O CURSO SUPERIOR DE LETRAS DE LISBOA 1884-1887: NASCE UM HISTORIADOR

Oliveira Lima foi desde “cêdo sensível às belezas litterarias” e não por acaso seu “maior entusiasmo foi pela *Historia* de Southey, impregnada da sua veia poética da qual Byron tanto mal dizia”. (LIMA, 1986, p. 13). Robert Southey tinha “graça, *humour*, fantasia, originalidade de pensamentos”, qualidades que tornavam sua obra atrativa para o aspirante a historiador. (LIMA, 1971a, p. 215). A valorização da forma e não só do conteúdo mesmo em uma obra histórica já era reflexo das suas predileções. Assim, foi estudar Letras em vez de seguir o tradicional caminho da Faculdade de Direito de Coimbra. O próprio Lima (1986, p. 14) explica que a escolha se deu

[...] não só por motivo da prolongada doença de meu pai, que me vedava para Coimbra, como por sorrir de preferencia ao meu espírito o campo histórico e litterario do que o jurídico, guiado por um instinto que me levava a descortinar não raro no direito a defesa sophistica do que é torto.

Assim, em 14 de outubro de 1884 matriculou-se²⁵ no Curso Superior de Letras de Lisboa, que algumas décadas mais tarde daria origem à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa²⁶ e foi a primeira instituição portuguesa dedicada ao ensino superior das humanidades. O plano de dotar o país de uma escola superior de estudos humanísticos existia desde o setecentista Plano de Instrução de Francisco Garção Stockler, que defendia a criação de uma academia dedicada às Letras. (DORES, 2008). Mas a fundação do Curso apenas recebeu um impulso importante em 1858, através de Decreto assinado por Dom Pedro V. A “consciência da reduzida atenção dada ao estudo” destas disciplinas motivou o Rei e as suas estreitas relações com Alexandre Herculano, considerado o maior historiador português do seu tempo, seguramente operaram a favor da medida. Este primeiro passo abriu o caminho para que fosse estabelecida a lei de 8 de Junho de 1859²⁷, que oficialmente criou o Curso Superior de Letras. (TAVARES, 2009).

O Curso visava, assim, suprir a lacuna no estudo de História e Literatura em Portugal ao mesmo tempo em que almejava fomentar a formação de professores para os principais liceus nacionais. Mas este não era o único caminho para os egressos do Curso. Como esclarece Tavares (2009), além de habilitá-los a lecionar, o Curso era um bom caminho para os aspirantes à carreiras como as de bibliotecário, paleógrafo, adido de legação, ademais de ser útil aos que desejavam tornar-se oficiais e funcionários de secretarias de Estado. Enfim, representava uma opção aos estudos jurídicos para aqueles que buscavam uma sólida formação

²⁵ Adolfo Coelho assina seu ato de matrícula, que está registrado no Livro de Matrículas do Curso Superior de Letras tomo III, folha 232 (correspondente a folha n. 2 do ano letivo 1884-1885). (MIRANDA, 1957, p. 8–9).

²⁶ Em 9/05/1911, com a publicação do Decreto-lei que determinava a criação das Faculdades de Letras das Universidades de Lisboa e Coimbra finalmente se concretiza o objetivo inicial da criação do Curso Superior de Letras. (TAVARES, 2009). Para mais sobre a história da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa ver DORES, 2008.

²⁷ Alexandre Herculano foi nomeado professor da cadeira de História do Curso recém criado. (TAVARES, 2009).

humanística que poderia abrir as portas do serviço público, especialmente do serviço exterior.

O Curso Superior de Letras representou ainda uma renovação no sistema de educação português não só porque buscava utilizar os métodos de ensino mais atualizados, mas pela abordagem da História como disciplina acadêmica. (MIRANDA, 1957). Estava constituído por sete cadeiras²⁸: História Universal e Pátria, Língua e literatura sânscrita védica e clássica, Filologia Comparada ou Ciência da Linguagem, Literatura Grega e Latina, Literatura Moderna e principalmente a portuguesa, Filosofia e História Universal Filosófica²⁹. Em relação à História, além da formação teórica, havia grande ênfase no valor da pesquisa documental e das várias fontes das ciências auxiliares da História, como a Paleografia. Para José Honório Rodrigues (1969, p. 84), “Oliveira Lima foi um dos poucos brasileiros perfeitamente adestrados para tarefas deste caráter”. O autor também reconhece em Lima “um dos maiores pesquisadores de nossa historiografia” e que, por isso, “conhecia como poucos as nossas necessidades e os nossos problemas historiográficos e também as soluções indicadas”. (RODRIGUES, 1969, p. 83, 85). Seu conhecimento técnico e a noção da importância da pesquisa em arquivos o levou a ser o realizador de um esforço documental somente “igualado e ou ultrapassado por um Varnhagen, um Rio Branco ou um Capistrano de Abreu”. (RODRIGUES, 1969, p. 83). É por causa deste treinamento recebido no Curso de Letras que Gouvêa (1976), considera que Oliveira Lima foi de fato o primeiro historiador brasileiro profissional³⁰.

²⁸ O currículo do Curso sofreu alterações desde a sua fundação. A primeira reforma é a de 1878 com a integração das cadeiras de Língua e Literatura Sânscrita, Védica e Clássica e de Filologia Comparada ou Ciência da Linguagem. Dois anos mais tarde, através do decreto-lei de 15/09/1877, foi criada por um período de três anos a cadeira de Língua e Literatura Sânscrita, Védica e Clássica, como cadeira anexa, tendo confirmada a sua aprovação apenas em 1878. As cadeiras de Língua e Literatura Sânscrita, Védica e Clássica e de Filologia Comparada ou Ciência da Linguagem, foram inseridas no currículo como parte do 1.º ano de curso e depois com a divisão do Curso em três anos (1883) a cadeira passa a fazer parte do programa do 2.º ano. (TAVARES, 2009).

²⁹ Em todas as disciplinas Oliveira Lima teve um bom desempenho, obtendo respectivamente as menções de aprovado, aprovado por maioria, aprovado, aprovado com distinção, aprovado com distinção, aprovado por maioria, aprovado por maioria. (MIRANDA, 1957, p. 15).

³⁰ Ele tem razão se considerarmos que o primeiro curso superior de História no Brasil foi inaugurado na USP apenas em 1934. Até então os grandes historiadores brasileiros como Varnhagen, Capistrano de Abreu, Pandiá Calógeras, Barão do

Foi neste ambiente inovador e intelectualmente estimulante que Oliveira Lima teve contato com ideias que tiveram um profundo impacto na sua formação, a saber, o Positivismo de Comte, os postulados de Spencer e o republicanismo. Ele valorizava tanto o seu aprendizado naquela instituição que chegou a afirmar que se era verdade o que disseram em um artigo no *Times* de Londres³¹, que ele era a maior autoridade viva em história de Portugal e do Brasil no primeiro quarto do século XIX, isso se devia “sobretudo a essa pleiade de homens notáveis que me ensinaram a estudar aquela ao mesmo tempo ciência e arte.” Para ele, os professores que teve em Lisboa eram “dignos daqueles do tempo da fundação por D. João V.” (LIMA, 1986, p. 22).

O ambiente era sem dúvida politicamente diverso. No corpo docente conviviam “republicanos irreconciliáveis” como Teophilo Braga³² e Consiglieri Pedroso e “monarquistas confessos” como Jayme Moniz e Pinheiro Chagas. (LIMA, 1971b). Teophilo Braga era o titular da cadeira de Literatura Moderna. Aos olhos do ex-pupilo “uma enciclopedia viva” que “não cançava na sua falla mansa, acompanhando a exposição com leves pancadas no chão do seu guarda-chuva de gancho que invariavelmente completava o seu trajar.” (LIMA, 1986, p. 25). As lembranças das suas aulas eram as mais vívidas entre todas as matérias do Curso³³ para Lima porque eram a ocasião em que os alunos disfrutavam da “assombrosa massa de conhecimentos” proporcionada pelo professor que seduzia a mocidade com seu “republicanismo ferrenho.” (LIMA, 1971c, p. 232). Teophilo teve “uma real influência no [seu] espírito de jovem”, como ele mesmo reconhecia. (LIMA, 1986,

Rio Branco, entre tantos outros, tinham outras formações. Como demonstra o estudo de Machado Neto sobre os níveis de educação formal de diferentes gerações de intelectuais brasileiros (1803 a 1908) a formação predominante era em Direito. Em todo o período analisado por Machado Neto apenas dois formados em Letras aparecem (Oliveira Lima e o poeta Sousândrade) e nenhum em História. (MACHADO NETO, 1973).

³¹ O Professor Harold Temperley, da Universidade de Cambridge, escreveu um artigo no suplemento literário do *Times* de 25 de Junho de 1925 em que tece os elogios mencionados por Lima (1986, p. 22).

³² A grafia do nome Teophilo aparece modernizada em alguns escritos, como optei por manter a grafia original de todos os textos citados, podem coexistir neste texto as duas formas. A mesma situação pode ocorrer com outros nomes próprios e se devem a mesma causa.

³³ Lima (1986, p. 25) recordaria com carinho detalhes do antigo claustro onde Teophilo dava pelo menos uma das suas três horas de aula “em estilo pedagógico peripatético.”

p. 28). Segundo Oliveira Lima jamais alguém exerceu sobre o seu espírito sedução maior que o seu antigo mestre. (LIMA, 1971c, p. 232).

A influência de Teophilo sobre o pupilo não foi apenas com seu exemplo como intelectual íntegro e dedicado, mas também em termos políticos e filosóficos. Além do já citado Republicanismo ferrenho do professor, também o seu Positivismo deixou marcas no jovem aluno. Refletindo mais tarde sobre porque se declarava positivista na juventude, Lima oferece uma resposta bastante prática. Concluiu que adotara o Positivismo “por comodidade”, já que não se achava com competência ou pendor filosófico para mais. (LIMA, 1971c, p. 233):

A filosofia positiva prestava-me uma explicação racional de tudo, uma sistematização completa do mundo: era só referir cada coisa ao departamento competente e decifrar cada problema segundo as regras e formulas estabelecidas [...]. Nada ficava mesmo por descobrir no programa a não ser o incognoscível, e êste teria eu tempo na outra vida para entrar com êle, ou, se não havia outra vida, me era então perfeitamente indiferente.

Outro republicano, mas de matriz mais moderada, era Consiglieri Pedroso, que lecionava História Universal e Pátria. Entre os monarquistas do quadro docente estava Pinheiro Chagas, que para Oliveira Lima foi “uma das figuras verdadeiramente brilhantes da literatura portuguesa”, um “polemista político, fértil e incansável”, “romancista, poeta, sociólogo, até enciclopedista.” Dono de uma “simpatia que eletrizava o público”, Chagas ganhou de Lima o título de “o orador mais comunicativo, mais arrebatador, mais vibrante” que teve a oportunidade de presenciar. (LIMA, 1971c, p. 240).

Já o professor Jayme Moniz cativava o aluno por outras qualidades. Sua sólida erudição, a clara “orientação germânica” e uma “inteligência [que] foi senão formada, desenvolvida num alto grau no convívio dos mestres alemães” despertaram sua admiração. Destes mestres Moniz havia herdado características apreciadas por Lima, como a “pesquisa exaustiva das fontes [e] o preparo assombroso das teses” que caracterizavam a ciência histórica feita na Alemanha. (LIMA, 1986, p. 23). Moniz consumia e indicava aos alunos de História Universal Filosófica apenas autores alemães, o que proporcionou o contato de Lima

com esta literatura que deixou marcas na sua formação e em suas próprias obras³⁴.

Os professores que completavam o quadro docente permanente do Curso Superior de Letras eram Vasconcelos de Abreu, Francisco Adolfo Coelho e Sousa Lôbo. Vasconcelos de Abreu era o professor de Língua e literatura sânscrita védica e clássica, possuía um temperamento “sempre entusiástico” e buscava um discípulo que pudesse dar continuidade aos seus trabalhos em cada nova turma de alunos. No ano em que lecionou na turma de Oliveira Lima chegou a encontrar nele “jeitos de sanscritólogo” mas acabou decepcionando-se logo. Ainda assim continuaram amigos e inclusive brindaram juntos à proclamação da República no Brasil. (LIMA, 1971c, p. 241). Francisco Adolfo Coelho era “um filólogo que mereceria lecionar em Bonn ou em Heidelberg” com um enorme conhecimento das línguas românicas. Era um judeu árabe a quem a malícia dos alunos gostava de atribuir pouco asseio pois se “vestia desleixadamente, sempre de preto, e era cabelludo e casposo”. (LIMA, 1986, p. 23). Sousa Lôbo era o exato oposto, tinha “um aspecto fino e elegante que correspondia ao seu neo-kantismo de uma *metaphysica distincta*”. (LIMA, 1986, p. 23). Era um “philosopho dandy”, “um cavalheiro muito asseado, muito barbeado, muito delicado”, que ensinava filosofia “invariavelmente de luvas” e tentava combater “à surdina” o positivismo do colega Teophilo Braga. (LIMA, 1971c, p. 242).

Claramente a experiência no Curso de Letras foi marcante para Lima tanto em termos pessoais como acadêmicos. É interessante destacar que ele guardou por toda a vida os seus cadernos dos tempos de estudante, que hoje estão disponíveis na *Oliveira Lima Library*. Lástima é que sejam quase indecifráveis devido a sua péssima caligrafia já nos tempos de estudante. A minúcia e o saudosismo com que descreveu os professores, colegas e o ambiente do Curso Superior de Letras em vários artigos e nas suas *Memórias* denota o carinho e o valor dados a esta etapa da sua vida. A influência dos mestres se fez notar ao longo da sua obra e muitas das redes e relações estabelecidas no Curso duraram muito tempo, algumas a vida toda. Bons exemplos são Consiglieri Pedroso (quem redigiu o parecer que o admitiu como membro da Academia de Ciências de

³⁴ Oberacker (1988) posiciona Oliveira Lima entre os intelectuais brasileiros que mais foram influenciados por autores e ideias alemãs, destacando o quanto esse posicionamento considerado “pró-germânico” lhe custou antes e durante a Primeira Guerra Mundial. Este tema será tratado no capítulo 5.

Lisboa³⁵), os já citados Teophilo Braga e Delbeuf, e o colega Guilherme Moniz Barreto³⁶.

Moniz Barreto era um jovem nascido na Índia e companheiro de Curso que Oliveira Lima considerava um dos seus melhores amigos. Com uma saúde frágil e em constantes dificuldades financeiras, ele nunca pôde arcar com os custos dos tratamentos médicos e acabou morrendo muito jovem em Paris. Lima acompanhou de perto sua “existência difícil e digna” e ao saber da morte do amigo querido escreveu um artigo em que lamentava a perda de “uma das inteligências mais brilhantes e das almas mais límpidas que tenho tido a ventura de conhecer”. (LIMA, 1971d, p. 208). O mesmo colega que achava graça da sua declaração de ser “positivista por conveniência” gostava de fazer o papel de seu mentor intelectual. (LIMA, 1986, p. 28). Como se aprecia na correspondência entres os dois estudantes, Moniz Barreto aconselhava insistentemente Lima a aprender alemão. Dizia: “deves esforçar-te por ler o allemão como o francez ou o inglez. E por isto faz-te por abster-te durante estes próximos mezes de leituras em outras linguas”. O objetivo era que o amigo brasileiro tomasse para si o “papel de comunicador entre o pensamento germanico e a intelligencia brasileira”. (LIMA, 1971d, p. 210). Neste sentido, inclusive lhe indicava os melhores caminhos para o aprendizado do idioma (LIMA, 1971d, p. 211):

Não sei si gostas de versos. Mas de Heine gosta-se sempre. É incrível como um pequeno artificio como o que te indico pôde poupar trabalho e fazer ganhar tempo. [...] Em resumo, faz por te assenhoreares da língua alleman para poderes ir buscar alimento e guia para o teu espírito quase exclusivamente nos livros allemães.

Oliveira Lima, que nunca escreveu versos e não era um grande leitor de poesia, talvez por deferência ao amigo cuja opinião valorava, parece ter levado a sério o conselho porque abundam nas suas *Memórias* (1986) as referências a Heine. O autor é citado tão recorrentemente que a

³⁵ Foi admitido como sócio correspondente em 27 de janeiro de 1910. (MIRANDA, 1957, p. 33–34).

³⁶ Outros seus “bons camaradas” dos tempos do Curso foram Constancio Roque da Costa, que se distinguiu na imprensa, no Parlamento e na diplomacia; José Pessanha, que se tornou autoridade em arqueologia e história da arte; Marques Pereira, que preocupava-se muito com questões do Oriente e fundou uma revista sobre o assunto; Ferreira de Serpa, que se dedicou ao estudo da colonização e genealogia açoriana; Thomaz Manuel Vilhena, que se tornou líder da minoria monárquica no Senado republicano. (LIMA, 1986, p. 33–34).

certa altura do texto ele trata de se “desculpar” pelo excesso de citações do autor alemão, contando que estava justamente lendo as suas memórias, razão pela qual o tinha tão presente naquele momento. Lima, de fato aprendeu o idioma e permaneceu sempre um fiel admirador do país, o que lhe causou problemas graves na conjuntura da Primeira Guerra Mundial, como se verá adiante.

Estimulado pelos ensinamentos recebidos no Curso, que valorizavam a pesquisa individual e o uso de fontes primárias, Lima seguiu um curso de diplomática na Torre do Tombo de 1884 a 1885. (LIMA, 1986, p. 61; SILVA; ARANHA, 1893, p. 282). Seu professor de Paleografia era José Basto, um dos auxiliares de Alexandre Herculano na preparação de *Portugaliae Monumenta Historica*³⁷. A oportunidade de trabalhar junto a um colaborador de Herculano, a quem considerava “o maior dentre todos os portugueses do século XIX” e em quem reconhecia um “renovador dos processos históricos”, do método de escrever a História e ao mesmo tempo um “modelo admirável de compostura e de austeridade”, certamente foi um privilégio que Lima soube aproveitar. (LIMA, 1971e, p. 247). Este período contribuiu para incutir no historiador em formação o amor à pesquisa em arquivos, que o acompanharia em toda sua carreira. Serviu ainda para colocar-lhe em contato direto com o trabalho de historiadores que admirava, proporcionando momentos prazerosos. Remexendo no arquivo em Lisboa, por exemplo, teve nas “mãos as dezenas de livros de notas nos quais Southey metódica e infatigavelmente coligia o material para uma história dos portugueses na Europa, África e Ásia [...]” (LIMA, 1971a, p. 216). Outras vezes, a surpresa trazia consigo certo desapontamento, como quando “em quase todos aqueles papéis, se [me] deparava a marca discreta do lápis de um pachorrento investigador” que o havia precedido. O tal investigador, era não outro senão Francisco Adolfo de Varnhagen. (LIMA, 1971f, p. 531).

Varnhagen, um filho espiritual da geração do Panorama³⁸, tinha em comum com Herculano a paixão pelo documento “como base da exatidão histórica,” ainda que não tivesse a sua mesma vasta intelectualidade.

³⁷ LIMA, Oliveira. Alexandre Herculano. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 3-3. 13 set. 1916.

³⁸ O Panorama, Jornal litterario e instrutivo da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis foi lançado em Maio de 1837 e publicou-se semanalmente, com algumas interrupções e mudanças de propriedade, até 1868. Alexandre Herculano desempenhava um papel central na vida da publicação e atuou como seu diretor de redação até 1839. Para Lima, a publicação era o “órgão oficial da propaganda romântica”. (LIMA, 1971f, p. 535).

(LIMA, 1971e, p. 251). Varnhagen representava para Lima um modelo como historiador, diplomata e homem de letras, que fora o “mais notável dos nossos historiadores” e o “mais valente trabalhador da história nacional,” “sem contestação, o criador da história pátria.” (LIMA, 1971f, p. 531, 533). Prova definitiva da sua admiração foi a indicação do Visconde de Porto Seguro como patrono da cadeira 39, que fundou quando eleito para a Academia Brasileira de Letras em 1897³⁹.

Apesar do apreço pela obra do Visconde de Porto Seguro e pelo seu amor ao trabalho, paciência e cuidado na exatidão dos resultados, qualidades atribuídas à herança da “raça germânica”, Lima era capaz de esboçar algumas críticas. Admirava sua paixão pela investigação histórica, mas reconhecia um fraco talento de polemista, e lhe parecia que o que abundava em erudição faltava em espírito filosófico. Assim, decretava que Varnhagen não tinha o mesmo talento para dar vibração ao relato como fazia Michelet ou o de deduzir do estudo da História uma lei da evolução para a humanidade como Taine. Já sobre as posições “conservadoras” de Varnhagen, como a falta de “simpatia pelos selvagens” e do sentimento “francamente antiindianista”, era bem menos crítico e bastante benevolente. (LIMA, 1971f, p. 539). Para Lima a chave da explicação da abordagem de Varnhagen era uma questão de raça: “o sangue dos bandeirantes e o sangue alemão que lhe corriam pelas veias não poderiam jamais ter gerado o sentimentalismo em que se assentou em boa parte a corrente indianista da literatura brasileira”. (LIMA, 1971f, p. 538).

O patrono e o fundador da cadeira 39 tinham algumas coisas em comum, a começar pelo desempenho de duas atividades simultâneas, a de historiador e de diplomata. Ambos tiveram seu primeiro posto em Lisboa. E, sobretudo, compartilhavam o amor ao documento. Claramente Lima aponta como qualidades de Varnhagen muitas características que ele próprio procurou emular na sua carreira. Quando o qualifica como “ardente investigador, um infatigável ressuscitador de crônicas esquecidas nas bibliotecas e de documentos soterrados nos arquivos, um valioso corretor de falsidades e ilustrado colecionador de fatos”, está de alguma maneira descrevendo a sua própria atividade intelectual. (LIMA, 1971f, p. 533). Há que recordar que uma das grandes contribuições das suas obras, em especial do seu monumental *Dom João VI*, foi justamente a utilização de fontes inéditas, coletadas ao longo de vários anos de

³⁹ Apesar de figurar entre os membros fundadores da ABL sua cerimônia oficial de posse só se deu em 1903, quando pôde retornar ao Brasil e na ocasião pronunciou seu discurso Elogio a Varnhagen. (LIMA, 1971f).

pesquisas em arquivos de diversos países. E não se podem esquecer as diversas polêmicas que sustentou na imprensa e no seio de instituições como o Instituto Arqueológico de Pernambuco para retificar datas de eventos históricos. Outro traço em comum entre os dois historiadores é que o que Lima afirmou sobre Varnhagen, que foi “dos raros brasileiros cujas opiniões gozam de incontestável autoridade fora do nosso mundo intelectual”, foi repetido sobre ele mesmo um século mais tarde quase com as mesmas palavras. (LIMA, 1971f, p. 537).

Apesar das intensas atividades acadêmicas, não só de estudos vivia Oliveira Lima na mocidade. Sempre dizia que, apesar de ter nascido em dia de festa, um Natal em 1867 em que se celebravam as vitórias na Guerra do Paraguai: “Nem por isso sai[u] festeiro ou guerreiro.” (LIMA, 1986, p. 5). Suas horas de ócio eram dedicadas a atividades bastante sóbrias para um jovem, como eram os leilões de livros e as tribunas do Parlamento português. Tinha porém um fraco pelo teatro⁴⁰, que junto com os livros, era sua maior distração. (LIMA, 1986, p. 34). Preferia o teatro de declamação à ópera porque não se considerava de todo sensível às belezas da música. Nem por isso deixou de frequentar bastante o Teatro São Carlos⁴¹, onde chegou a presenciar ferozes brigas entre admiradores de cantoras rivais. (LIMA, 1986, p. 42). Comparecia com regularidade também ao Teatro D. Maria II e ao Teatro da Trindade, nos quais viu representar companhias nacionais e grandes estrelas internacionais como Sarah Bernhardt. (LIMA, 1986, p. 46). Seu companheiro mais frequente era um “parisiense do tempo do Segundo Imperio”, Octave Saunier, que o iniciou em duas artes em que os franceses eram mestres: a literatura e a gastronomia⁴². (LIMA, 1986, p. 43). Sem ser fã de ópera, não era totalmente indiferente à música e adquiriu o gosto pela tríade Mozart-Verdi-Wagner. Já Strauss não era de seu agrado porque lhe parecia o precursor da *jazz band*, que considerava insuportável e sem ritmo algum na sua “cacofonia”. (LIMA, 1986, p. 41). Sua amizade com Saunier era

⁴⁰ Chegaria a dizer que “o teatro é a forma mais acabada pela qual se pode conhecer o estado de alma de um país”. LIMA, Oliveira. Os theatros de Pariz. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 12 abr. 1905.

⁴¹ O Teatro Nacional de São Carlos foi inaugurado em 1793 em Lisboa e continua sendo o principal teatro de Ópera de Portugal.

⁴² Em uma mostra de que mantinha seu quinhão de provincianismo, tentava em vão convencer Saunier do quanto era deliciosa a feijoada. Este, ainda que aquiescesse sobre a existência de pratos estrangeiros agradáveis, não aceitava que a feijoada figurasse nesta lista e também sempre “repelia discretamente” o pirão. (LIMA, 1986, p. 45).

sintomática da sua preferência pela companhia de pessoas mais velhas desde a juventude. Com estes homens, muitas vezes remanescentes de outras épocas, estabelecia relações que lhe proporcionavam “um deleite intelectual”. Para ele, “não há ente mais credor de *sympathia* do que um velho culto”. (LIMA, 1986, p. 76). Tanto assim que com doze anos compareceu ao Congresso Literário Internacional de Lisboa onde conheceu José Veríssimo, dez anos mais velho, que seria seu amigo por toda a vida⁴³. (LIMA, 1986, p. 49). Era também um assíduo das sessões do Parlamento, que assistia da tribuna da imprensa e de onde tirava informações que utilizava no seu *Correio do Brazil*. Não ia pela política, que nunca o atraiu e na qual via apenas a prevalência de interesses egoístas em detrimento do interesse nacional. Acudia pela “sensação da palavra fallada, a vibração pela oratória a que todos os indivíduos são sensíveis, em todas as nações”. (LIMA, 1986, p. 47).⁴⁴ Desenvolveu, assim, grande admiração por aqueles que dominavam a arte da oratória, talvez por ser um dom que nunca possuiu⁴⁵.

Apesar da tendência a anglofilia, em boa parte devida à influência exercida pelo pai e pelo tutor, seus gostos não eram apenas ingleses. Tomou contato com a literatura francesa muito cedo, através de autores como Chateaubriand, Victor Hugo, Balzac e Flaubert. Declarava que em matéria de literatura tinha dois fracos: “os dramalhões e a historia anecdótica⁴⁶”. Durante a juventude suas predileções artísticas e

⁴³ Sobre Veríssimo chegou a afirmar: “foi dos homens que eu mais tenho estimado.” (LIMA, 1986, p. 112). Lima o considerava “o primeiro dos nossos críticos, o que quer dizer um dos nossos primeiros homem de letras”. LIMA, Oliveira. José Veríssimo. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 01 ago. 1906. No seu Scrapbook 1 há diversos recortes com as críticas de Veríssima, que ele acompanhava de Portugal.

⁴⁴ Lembrava vividamente nas *Memórias* da sessão em 1882 por ocasião do centenário do Marquês do Pombal, quando tinha entre 14 e 15 anos. (LIMA, 1986, p. 47-48). Provavelmente desta experiência tenha se valido para escrever os textos do *Correio do Brasil*. LIMA, Oliveira. **O Marquez de Pombal. Correio do Brazil**, Anno I, n. 1, 1882, p. 3-4.

⁴⁵ Lima afirmava nunca haver feito um discurso improvisado e considerava os raros brindes que teve que fazer ou responder “ex abrupto” “chatos e inexpressivos”. Dizia: “Sou apenas um ledor [...] mas creio que com nitidez bastante de dicção para não enfasiar pela monotonia”. (LIMA, 1986, p. 50).

⁴⁶ Entre os primeiros incluía não apenas os velhos romances de capa e espada mas também composições mais modernas e no segundo gênero apreciava as memórias de personagens históricos de diversas tendências, desde as mais “bisbilhoteiras”

intelectuais se dividiam entre Inglaterra e França, além, é claro, dos autores portugueses. Não desconhecia os autores alemães, com quem teve contato durante os estudos universitários. Porém, foi apenas depois de três anos vivendo na Alemanha que se encontrou com “o espírito aberto” o suficiente para permitir que a influência desta cultura se fizesse sentir mais fortemente. (LIMA, 1986, p. 33).

Foi conhecer finalmente a Inglaterra já crescido, nas férias proporcionadas pela “bondade paterna”, quando visitou a irmã preferida, Sinhá, que vivia em Londres. Entre agosto e outubro de 1886 visitou diferentes cidades e foi conquistado desde o primeiro momento pela paisagem “verde e húmida, pelo concheio da sua vida, pela magestade das suas instituições.” Por outro lado, o governo inglês sempre lhe foi antipático e tinha a política exterior da Inglaterra como a mais egoísta e inclemente de todas. Isto não o impedia de admirar “o gênio político inglês” nas suas expressões doméstica e colonial. (LIMA, 1986, p. 53). Ficou tão impressionado que acabou permanecendo na Inglaterra durante todo o período de férias e só foi a França pela primeira vez dois anos depois. Como ele mesmo reconheceu, este pouco entusiasmo em conhecer Paris era “gosto pouco comum para latinos moços e velhos”. (LIMA, 1986, p. 53).

Eduardo Prado foi quem o acompanhou a Paris na sua primeira visita em junho de 1888. Vinham de Londres e a primeira impressão de Lima não chegou a ser de embevecimento⁴⁷. Ainda assim, achou a atmosfera hospitaleira e o trecho do Sena que vai do Louvre aos Campos Elíseos lhe pareceu sem rival em termos de arquitetura e “sugestão histórica”. Já a descida da Rua Laffayette rumo aos *boulevards* era “desengraçada e até provinciana”. (LIMA, 1986, p. 52). Encontrou porém, diversão no mundo dos restaurantes parisienses, guiado por Prado, ainda que seu programa preferido durante a estância fosse mesmo o teatro.

até as “vibrantes”. LIMA, Oliveira. Livros novos. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 25 jun. 1906.

⁴⁷ A comparação com Londres parece sempre ter afetado seu julgamento de outras cidades. Sempre que regressava a Lisboa sentia o contraste com a capital inglesa e encontrava a cidade feia, triste e suja. Apesar de ter-lhe carinho, não deixava de experimentar uma sensação desagradável a cada reencontro. O único lugar que não se via afetado pela comparação era Recife, sempre agradável aos olhos do expatriado. (LIMA, 1986, p. 54).

Eduardo Prado e Oliveira Lima foram bons amigos apesar das personalidades opostas⁴⁸. Prado, sempre boêmio e amante dos prazeres mundanos, era visto pelo amigo como um “estudioso na sua dispersão intelectual, observador dos mais inteligentes, apesar de certo prurido de originalidade e dotado como escritor de uma penetração directa e de um estylo ágil.” (LIMA, 1986, p. 51). Mantiveram uma relação sincera até a morte prematura de Prado em Paris. Ele foi um elo importante na cadeia de relações que Oliveira Lima estabeleceu com homens proeminentes no mundo intelectual português do seu tempo. Estes homens tiveram um papel fundamental na profunda transformação na perspectiva de Prado sobre o papel da herança portuguesa para o Brasil. Lima dizia que com o tempo ele mesmo havia “depurado” e “corrigido” antigos prejuízos que nutria contra a mãe pátria na juventude e que inclusive chegou a transformar em carinho alguns pontos do passado em comum. Opinava, no entanto, que a transformação na perspectiva de Prado havia sido ainda mais profunda que a sua e que ela foi em grande medida impulsionada pelo contato travado com intelectuais do quilate de Eça de Queiroz, Ramalho Ortigão e Oliveira Martins. (LIMA, 1986, p. 12). O alcance da influência destes intelectuais nos dois jovens pode ser medido pela declaração de Lima (1986, p. 29):

Theophilo Braga e Eça de Queiroz foram os principaes idolos portugueses da minha geração academica, assim como Taine e Renan foram os seus principaes idolos franceses. Garrett⁴⁹ era um seductor subtil, mas distante; em Herculano se denotava certa severidade de mestre – escola [...]. Ramalho Ortigão e Oliveira Martins vinham depois entre os modernos [...].

Todas estas influências se fizeram notar logo na sua produção jornalística. Sua estreia profissional se deu em 1885 com artigos para o *Jornal do Recife*. Colaborava com correspondências que davam as

⁴⁸ Foi com Oliveira Lima que Prado visitou pela primeira vez os pontos turísticos importantes como o Palácio da Pena, o Castelo de Sintra e o Convento de Mafra. (LIMA, 1986, p. 12).

⁴⁹ Sobre o itinerário intelectual e ideias políticas de Garrett ver PAQUETTE, 2015.

notícias de Lisboa, impressões de viagem⁵⁰, artigos de crítica literária⁵¹ e de teatro. (BLAKE, 1970a; SILVA; ARANHA, 1893; WILLIAMS, 1969). O *Jornal do Recife* estava sob a direção de Ulisses Viana, de quem Lima se tornaria um bom amigo. Sua colaboração se manteve bastante constante e foi se ampliando até virar uma coluna assinada. Ele permanece trabalhando com o jornal até 1891, quando Ulisses deixa o cargo.⁵² Sua primeira colaboração saiu na edição de 13 de agosto de 1885 sob o pseudônimo Scevola. (CARDOZO, 1953, p. 31). Um detalhe curioso é que este era na verdade o terceiro artigo que escrevia. Acontece que os dois anteriores estavam “tão cheios de verrina” que não foram

⁵⁰ Sua primeira incursão neste gênero se deu com as impressões da primeira viagem a Inglaterra (1886), que foram publicadas em sete artigos em outubro, novembro e dezembro de 1886 e janeiro de 1887. Os artigos tratavam de temas variados, como teatro, gastronomia, pintura e política; e sobre os lugares que o tinham impressionado como o *South Kensington Museum*, a *National Gallery of Art* e o Museu Britânico. Junto a cópias dos artigos há uma nota manuscrita de Oliveira Lima dizendo que pretendia escrever um volume sobre a Inglaterra usando como bases estes textos, projeto que acabou jamais se concretizando. Pré-scrapbook, OLL.

⁵¹ Publicou no *Jornal do Recife* uma resenha sobre o *Curso de Historia da Litteratura Portugueza* de Teophilo Braga (1885) na qual afirmava com indisfarçada admiração: “A obra do Sr. Teophilo Braga, esse trabalhador incançavel que com o facho do seu robustíssimo talento e da sua enorme sciencia, guia e ilumina o caminho da moderna geração portugueza e brasileira, é o complemento do seu extraordinário trabalho sobre litteratura portugueza, com o qual ele revolucionou o estado mental da nação, dando-lhe seguras noções sobre o que até então era imperfeitissimamente conhecido, ou melhor, quasi completamente ignorado – a historia das suas próprias produções.” *Jornal do Recife*, 04 de julho de 1886. Pré-scrapbook, OLL. Também no *Jornal do Recife* dedicou alguns artigos a refutar a visão de Anthero de Quental sobre o livro *Exposé sommaire des théories transformistes de Lamarck, Darwin et Haeckel*, de Arthur Vianna de Lima (1885): “O Sr. Anthero de Quental, notável escriptor portuguez, criticou em cinco artigos publicados na Província, jornal do Porto, o livro do Sr. V. de Lima. Parece-me que o Sr. Anthero é mais um emocionista do que um sábio e um phylosopho: e todos sabemos que as emoções estão longe de ser opiniões.” *Jornal do Recife*, 2 e 4 de maio de 1886. Pré-scrapbook, OLL.

⁵² *Jornal do Recife* de 29 de agosto de 1888 anuncia a volta de Oliveira Lima como colaborador e afirma que a interrupção havia sido por problemas de saúde. Ele volta a publicar impressões da Inglaterra, às quais se somam as das suas novas viagens a França e a Espanha. Ulisses Vianna vai para o Rio de Janeiro e assume a direção do *Jornal do Brasil* (lançado em abril de 1891) em 1892, onde Oliveira Lima passa também a colaborar.

publicadas pelo editor “muito naturalmente por receio de melindrar os seus [assinantes?] portugueses.”⁵³ No mesmo ano começou a escrever sobre política brasileira e crítica literária no *Repórter*, gazeta lisboeta dirigida por Oliveira Martins. (SILVA; ARANHA, 1893, p. 292–283). Deixa de colaborar com a publicação em 1888, mesmo ano da saída do diretor⁵⁴. E colabora também no jornal *Le Brésil* de Paris, de propriedade de Argolo Ferrão.⁵⁵

Assim, quando concluiu o Curso de Letras em 1887⁵⁶ Oliveira Lima já tinha considerável experiência na imprensa e gozava de certa visibilidade no meio intelectual português. Porém, o trabalho que lhe rendeu mais projeção e ajudou a firmar seu nome foi a participação na *Revista de Portugal*⁵⁷, dirigida por Eça de Queiroz⁵⁸. A revista tinha muito prestígio em Portugal e contava entre seus colaboradores efetivos⁵⁹

⁵³ Informação vem da nota de próprio punho de Oliveira Lima registrada ao lado do primeiro artigo que foi publicado. Pré-Scrapbook, OLL. Lima (1986) menciona o episódio também nas *Memórias*.

⁵⁴ Publica em *O Repórter* de 14 de março de 1888 artigo sobre a Abolição e o Federalismo chamado “O novo ministério brasileiro”. Em nota manuscrita ao lado do artigo se lê: “com a minha viagem de 1888 cessa a minha colaboração no “Reporter”. Tencionava continual-a durante o inverno mas a minha volta da Figueira coincidio com a saída de O. Martins do jornal. Quando eu me achava em Londres escreveu-me elle esta carta annexa que se refere ao artigo seguinte.” Na carta sem data Oliveira Martins diz que ficava “desejando a sua volta para que possa nos dar as prometidas cartas de Londres”. A colaboração cessou e a correspondência nunca foi publicada. Provavelmente se trate dos mesmos artigos publicados no *Jornal do Recife*. Pré-Scrapbook, OLL.

⁵⁵ LIMA, Oliveira. L’art em Portugal. **Le Brésil**. 05 de março de 1886. A parte II foi publicada na edição n° 112, em 15 de março de 1886. Pré-Scrapbook, OLL.

⁵⁶ Os amigos do *Jornal do Recife* (na edição No. 193 de 26 de agosto de 1887) publicam nota felicitando pela formatura. Pré-Scrapbook, OLL.

⁵⁷ A Revista de Portugal foi publicada no Porto entre 1889 e 1892 sob a direção de Eça de Queiróz. (RAFAEL; SANTOS; BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL, 1998b, p. 245). O fim da revista deixou uma lacuna no meio intelectual português. Conforme expressou com pesar Moniz Barreto: “Depois que morreu a Revista de Portugal, não appareceu outra.” (LIMA, 1971d, p. 210).

⁵⁸ Luis de Magalhães assumiu como sub-diretor em 1891 para facilitar a administração da revista já que Eça vivia em Paris. A mudança ocorreu a partir do número 18, segundo nota na contracapa dessa edição. Mesmo assim, o grande nome por trás da revista era Eça e muito do prestígio da publicação se devia a isso.

⁵⁹ Lista de colaboradores constante no Vol. I, No. I, 1 de julho de 1889, contracapa.

com nomes consagrados como Anthero de Quental, Guerra Junqueiro, Jayme Moniz, Moniz Barreto, Oliveira Martins, Pinheiro Chagas, Ramalho Ortigão e Teóphilo Braga. A presença de alguns dos seus professores na lista certamente não era uma coincidência. Como colaboradores brasileiros⁶⁰ tinha ainda o Barão do Rio Branco, Capistrano de Abreu, Olavo Bilac, Raul Pompeia e Machado de Assis. Foi também na *Revista de Portugal* que Eduardo Prado publicou entre fins de 1889 e meados de 1890 a famosa série de artigos⁶¹ em que criticava a República brasileira sob o pseudônimo Frederico de S. e que seriam a base do livro *Fastos da ditadura militar no Brasil* (1891).

Ter seu primeiro trabalho de fôlego publicado na *Revista* foi uma espécie de passaporte para a entrada definitiva de Oliveira Lima no meio intelectual português do seu tempo. Esta colaboração lhe servia como credencial para figurar entre as jovens promessas da intelectualidade luso-brasileira. Ele finalmente estava sendo acolhido entre aqueles que considerava os ídolos da sua geração, o que ajudava também a aumentar seu prestígio no Brasil.

O artigo de 25 páginas intitulado *Evolução da litteratura brasileira* “foi transcripto e apreciado por varias folhas periódicas de Portugal e do Brazil”. (SILVA; ARANHA, 1893, p. 282). Apesar do título, se trata de um texto mais político que literário em que se faz sentir o seu republicanismo ardente da juventude e as duras críticas à antiga metrópole, de onde só vinham “vexações e tirania”, além de expressar visões sobre raça influenciadas pelas leituras de Varnhagen e pelo Darwinismo Social. Sua visão sobre os portugueses ainda era a de que não passavam de “aventureiros brigões que abordavam a terra da Vera Cruz sob o comando de uns fidalgotes sem vintém.” (LIMA, 1889, p. 644). Sua reflexão sobre o estado atual da literatura brasileira tinha estreita relação com sua visão ainda negativa sobre a “despótica influencia étnica [de Portugal] que peza sobre todas as manifestações de vida do paiz”. Por culpa desta influência é que a literatura brasileira até a segunda metade do século XIX não havia podido distanciar-se ainda da portuguesa e por isso até aquele momento não havia apresentado grandes inovações sobre o que se produzia na metrópole. (LIMA, 1889, p. 645).

⁶⁰ Lista de colaboradores constante no Vol. I, No. 3, 1 de setembro de 1889, contracapa

⁶¹ Os artigos de Frederico de S. foram publicados nos três primeiros números da *Revista de Portugal*, de dezembro de 1889 a junho de 1890, e reunidos no livro *Fastos da Ditadura Militar no Brasil* no mesmo ano. (LEONZO, 1987, p. 104).

Argumentava que o “tipo nacional” brasileiro estava ainda em formação e seria o resultado da fusão de três raças: a branca, a cabocla e a negra. Muito ao estilo de Varnhagen, avaliava que os indígenas não teriam um papel relevante neste processo porque seus organismos não puderam resistir ao regime de vida europeu nem às doenças trazidas por eles e por isso declinaram rapidamente. Além disso, suas inteligências eram incapazes de elevar-se ao nível intelectual dos colonizadores. Deste modo, avaliava que os indígenas influíram pouquíssimo na evolução do Brasil e que sua contribuição para a arte nacional reduzia-se aos ornamentos de penas e alguns exemplares de arte cerâmica. Nas letras, coube-lhes apenas um papel na nacionalização das tradições populares portuguesas trazidas pelos colonos.

Em conformidade com esta perspectiva, o texto é bastante crítico da corrente indianista do Romantismo brasileiro. Esta seria fruto de uma falsa interpretação do espírito nacional aliada ao ambiente de inquietude do período da Independência que se degenerou em um sentimento geral de ódio ao lusismo. Os escritores indianistas realizaram erroneamente uma “reversão ao mundo tupi”, como se daí viesse a origem da evolução brasileira. (LIMA, 1889, p. 653). Para Lima, o indianismo foi uma deturpação do Romantismo, que assistiu ao surgimento de uma “geração de subjectivistas merencórios, descrentes e mórbidos” devido ao orgulho da emancipação somado ao rancor da metrópole opressora, ao meio social deprimente marcado pela escravidão, à inatividade forçada pela inexistência de labores industriais e pelo monopólio português, ao isolamento fatal em uma sociedade flutuante e à contemplação da natureza sem um ideal robusto de vida. (LIMA, 1889, p. 654).

Transparece no texto sua orientação positivista quando considera o indianismo exagerado como a fase metafísica da evolução brasileira. Também celebra que no Brasil se estivesse adotando uma sistematização comtiana “aclimatada em Pernambuco” e que repudiava a metafísica improdutiva que caracterizava o país desde a Independência, com sua retórica palavrosa que afetava todas as manifestações culturais. (LIMA, 1889, p. 663). Lima encerra o artigo com um tom otimista em relação ao Brasil. Celebrava o surgimento da iniciativa particular na indústria, a elevação do nível intelectual estimulado pela expansão da educação pública e pelas ideias trazidas pelos imigrantes, a elevação moral conseguida através da reabilitação do trabalho e a ruína do feudalismo rural. Acreditava que com a redução à impotência das oligarquias territoriais que ainda predominavam nas províncias e se dissolvido o excesso de centralização monárquica, o espírito nacional – instigado pelas antigas tradições acumuladas e pelos ideais da civilização europeia –

sairia renovado nas suas aspirações de ciência positiva e de renovação política, e estas se traduziriam logo na adoção do federalismo.

Recém formado no Curso Superior de Letras, Oliveira Lima seguiu dedicando-se à imprensa e firmava-se como um jovem intelectual promissor. Não é possível precisar quando ele manifestou definitivamente o desejo de entrar para a carreira diplomática, já que sempre é muito econômico nos seus textos no que se refere à detalhes da vida pessoal. Entretanto, alguns elementos podem ajudar a entender essa decisão, nada surpreendente dada a formação que vinha recebendo e o meio em que se movia. Ele afirma ter tido “desde menino, uma espécie de aprendizado diplomático” porque costumava frequentar a legação brasileira em Lisboa desde jovem, “em tempo do Barão de Japurá⁶²”, quando contemplava as velhas estantes de mogno repletas de papéis que logo folhearia sem cerimônia. (LIMA, 1986, p. 71). Também conta que conviveu de perto com seu sucessor, o barão Aguiar de Andrada, mas que considerava Lopes Gama⁶³ seu primeiro chefe porque foi quem o convidou para “praticar na chancelaria, copiando minutas e registrando-as” quando tinha ao redor de 15 anos. Além da oportunidade de aprender na prática algumas tarefas da legação, Lopes Gama lhe proporcionava uma vivência entre a intelectualidade da época. Um apaixonado pelas letras espanholas, recebia frequentemente homens de letras e guardava os jornais madrilenhos para Oliveira Lima, que lia avidamente as notícias das novas produções literárias do outro lado da fronteira. (LIMA, 1986, p. 73). Em tudo isso se percebe a influência do cunhado Beltrão, que possivelmente era quem lhe abria as portas no meio diplomático e lhe servia de modelo.

⁶² O barão de Japurá, Miguel Maria Lisboa, foi Ministro Plenipotenciário na Legação do Brasil em Lisboa de 1869 até sua morte em 1881. (BLAKE, 1970, pp. 284–285). Oliveira Lima (1986) não menciona datas, mas seu cunhado Araújo Beltrão foi nomeado Adido de 1ª classe em 1877 em Lisboa, possivelmente por isso tinha a oportunidade de frequentar a Legação nessa época.

⁶³ Caetano Maria de Paiva Lopes Gama, filho de Caetano Maria Lopes Gama, o Visconde Maranguape, serviu por dezesseis anos na Legação Brasileira em Madri e foi removido a contragosto para Lisboa em 1882 como Ministro Plenipotenciário. Antes da sua chegada e depois da morte de Japurá o cargo foi ocupado pelo barão Aguiar de Andrada. Araújo Beltrão seguia como Adido em Lisboa. As datas exatas não são mencionadas por Oliveira Lima (1986), de modo que as informações são provenientes dos Relatórios do Ministério de Negócios Extranjeros dos anos de 1876, 1877, 1879, 1881, 1882. Todos os documentos disponíveis em:
<http://www.crl.edu/brazil/ministerial/rela%C3%A7oes_exteriores>. Acesso em: 01. Nov. 2014.

Outra experiência que pode ter ajudado na escolha da carreira foi sua relação com a Sociedade de Beneficência Brasileira em Portugal, cuja sede se encontrava no Consulado Brasileiro em Lisboa.⁶⁴ Sabe-se que Oliveira Lima tinha contato com a instituição pelo menos desde 1885 porque data daí a primeira das muitas polêmicas que travaria na imprensa. Em julho deste ano, com 18 anos incompletos, publicou o artigo *Uma questão importante*⁶⁵ no *Comércio de Portugal* em resposta ao texto de Augusto Ribeiro no *Correio da Noite*. Ribeiro criticava a Sociedade de Beneficência Brasileira em Portugal e através dela o serviço exterior brasileiro, corroborando a posição expressada anteriormente por artigos de *O Paiz* do Rio de Janeiro. Com o pseudônimo “Um brasileiro”, Lima defende a instituição com a “pena acerada” de que se orgulharia mais tarde e sustenta a polêmica que duraria alguns dias.

Embora não esclareça seu envolvimento com a Sociedade de Beneficência Brasileira, afirma nas *Memórias* (LIMA, 1986, p. 62) que ao enterro da Imperatriz Tereza Cristina (falecida em 28 de dezembro de 1889) apenas ele e alguns poucos compareceram representando a instituição, já que “todos os mais desertaram”. Silva e Aranha (1893, p. 283) afirmam ainda que “a sociedade de beneficência brasileira em Portugal deve-lhe serviços, pois sendo secretario da sua direcção, tem escripto, alem do expediente ordinário, relatórios, discursos para os actos solemnes, etc...”. O único documento encontrado que liga oficialmente Lima à Sociedade é um panfleto de 1890⁶⁶ no qual ele aparece listado como “1o. secretário (relator).” A leitura da imprensa lisboeta que trata da solenidade realizada em 6 de julho deste ano, na qual Oliveira Lima ocupou pela última vez o lugar de secretário, segundo *O Paiz*⁶⁷, sugere que o panfleto era de sua autoria. O jornal acrescenta que o Diretor da

⁶⁴ Inaugurada em 2 de dezembro de 1868 em homenagem ao aniversário de D. Pedro II, seu objetivo era apoiar os cidadãos brasileiros residentes em Portugal. A Imperatriz D. Amélia era a grande incentivadora do projeto.

⁶⁵ Oliveira Lima demonstra que sua preocupação em guardar e organizar sua produção intelectual vinha desde a juventude porque já em 1885 ele organizou uma pequena brochura com o título “Artigos de Manoel de Oliveira Lima I, Lisboa”, em que constam os artigos originados pela polêmica com Augusto Ribeiro. Documento original consultado na OLL.

⁶⁶ Uma separata do discurso com luxuosa encadernação encontra-se na OLL com o título *Solemne inauguração dos retratos dos Socios Fundadores e Benemeritos Barão de Japurá, Barão de Santo Angelo, Commendador Antonio Godinho da Silva, Marquez de Franco em 30 de junho de 1890*. Lisboa: Papelaria e typographia Palhares & Mourisca, 1890.

⁶⁷ Beneficencia Brasileira. *O Paiz*, 23 de julho de 1890. Pré-Scrapbook, OLL.

Sociedade, Vieira da Silva, expressou na ocasião seu pesar pela partida de “um dos brasileiros mais inteligentes, ilustrados e modestos dos conhecidos em Lisboa”, que ia retirar-se para o Brasil. Ele menciona o artigo na *Revista de Portugal*, “um primor de estylo e de analyse”, e congratula o governo português por ter conferido ao jovem o hábito de São Thiago em “sinal de apreço ás suas aptidões literárias.” O *Correio da Noite*⁶⁸ também deu notícias da festa “sympathica e comovente” dada pela Sociedade de Beneficência Brasileira para comemorar a inauguração dos retratos dos quatro beneméritos da entidade (barão de Japurá, barão de Santo Angelo, Antonio Godinho da Silva e marquês de Franco). Menciona-se ainda o relatório da associação feito por Oliveira Lima, “uma peça elegante e litteraria”. O *Repórter*⁶⁹ registra que Oliveira Lima imprimiu no Relatório da associação “o cunho da sua individualidade litteraria, fazendo realçar em bela linguagem os serviços prestados á Sociedade de Beneficência, por aquelles a quem a festa era dedicada.” O *Jornal do Recife*^{70,71} não deixou de dar notícias sobre as atividades do seu colaborador e trouxe um artigo sobre a festa na Sociedade Beneficência Brasileira e a despedida de Oliveira Lima como secretário.

É certo então que Oliveira Lima desempenhou o cargo de secretário da Sociedade de Beneficência Brasileira em Portugal, ainda que não se possa precisar nem por quanto tempo e nem qual a natureza deste vínculo. Seria um trabalho voluntário, um “estágio” ou um trabalho remunerado? Seja como for, o seu contato com a entidade e seus membros constituiu mais um espaço de sociabilidade no qual estava inserido e mais um elo na cadeia de relações que mantinha com o serviço exterior brasileiro. Com certeza estes contatos e estas vivências o acercaram ainda mais da carreira diplomática e ajudaram a franquear seu acesso a ela.

2.4 A VOLTA AO BRASIL: NASCE UM DIPLOMATA

Conforme noticiou a imprensa, o secretário da Sociedade de Beneficência se despedia porque estava partindo para o Brasil. Uma vez mais não se sabe bem como se deu esta decisão, dada a discrição de Lima

⁶⁸ Beneficencia Brasileira. *Correio da Noite*, s/d. Pré-Scrapbook, OLL.

⁶⁹ Nota s/d. Pré-Scrapbook, OLL.

⁷⁰ ca. Julho de 1890. Pré-Scrapbook, OLL.

⁷¹ O *Jornal do Recife* (Dr. Oliveira Lima, 09 de outubro de 1890) também mencionou que Oliveira Lima era 1º secretário e “membro fundador” da entidade, o que seria impossível já que foi fundada em 1868. Pré-Scrapbook, OLL.

nos detalhes mais íntimos da sua biografia. Tampouco são conhecidas as circunstâncias nas quais partiu, o que esperava desta viagem e que espécie de arranjos haviam sido realizados previamente a sua partida. Mais uma vez as informações da imprensa ajudam a iluminar os acontecimentos. Uma nota em *O Paiz* anuncia sua partida para Pernambuco em 23 de julho, e sua passagem pelo Rio de Janeiro. Já o *Correio da Manhã*⁷² de Lisboa informa que quem o acompanhava era o Araújo Beltrão, o que dá mais força à interpretação de que quem o incentivava e estava ativamente auxiliando no projeto de entrada na carreira era mesmo o cunhado.

Gilberto Freyre (1968, p.38) afirma que Lima chegou a lamentar não ter estudado no Brasil, o que teria facilitado o estabelecimento de contatos para tentar uma carreira no país. É realmente possível que ele tenha contemplado esta possibilidade, mas se o estado de saúde do pai foi um dos fatores que o impediu de ir a Coimbra, uma viagem ao Brasil provavelmente seria impraticável naquele momento. Se é certo que ele desde cedo havia decidido que queria fazer sua vida no Brasil, não deixou um registro explícito, mas o rumo que deu aos seus estudos e atividades intelectuais vão ao encontro deste projeto. Desde o *Correio do Brazil* até estreitar na imprensa e manter-se colaborando no *Jornal do Recife*, passando pela escolha do tema do seu primeiro trabalho de maior reconhecimento até o momento, foram elementos que com certeza ajudaram a provar a sua “brasilidade”, fator de não pouca importância para quem havia vivido a maior parte da vida fora do país e desejava ser um representante diplomático do Brasil. Os contatos que fez por seu próprio mérito somados àqueles a que acedeu através do cunhado seguramente apenas agregaram pontos positivos ao seu currículo como aspirante a diplomata. Entretanto, o fator determinante para que conseguisse a sua nomeação foi o apoio fervoroso que deu à Proclamação da República e ao seu reconhecimento.

Lima (1986, p. 60) trabalhou com entusiasmo⁷³ contra a campanha de descrédito que em Portugal, e na Europa em geral, se estava fazendo

⁷² Notas de *O Paiz* e do *Correio da Manhã*, ambas de agosto de 1890. Pré-Scrapbook, OLL.

⁷³ Se no Brasil Lima conseguiu rapidamente forjar a boa imagem de defensor da República, em Portugal as coisas foram um pouco mais difíceis. A já mencionada nota do *Jornal do Recife* (Dr. Oliveira Lima, de 09 de outubro de 1890) afirmando que Oliveira Lima “concorreu eficazmente” para o reconhecimento da República em Portugal, e junto com Araújo Beltrão e Vieira da Silva venceu as resistências de Hintze Ribeiro, ministro português dos Negócios Estrangeiros, não agradou parte da imprensa portuguesa. *O Portuguese* (Como se escreve a história, 18 de

contra a república pelo modo porque esta fora proclamada, através de “uma sedição de quartel.” Ele não dá detalhes de onde exatamente trabalhava quando diz que “aquelle que mais aparecia era João Vieira da Silva, depois Cônsul Geral em Lisboa.” Ele era quem fazia “o serviço de fôra, as compras, os recados” enquanto a Lima cabia “o serviço de dentro, da cozinha e da limpeza das noticias” que “chegavam a granel.” (LIMA, 1986, p. 61). Ora, Vieira da Silva no momento da Proclamação era o já mencionado Diretor da Sociedade Brasileira de Beneficência, o que faz pensar que era no Consulado brasileiro, onde ficava a sede da entidade, que se desenrolavam as atividades de defesa da recém proclamada República nas quais Lima se enfronhava ardentemente. E foi assim que o recifense criado em Lisboa ganhou as suas “esporas de cavalleiro da republica” e viu descortinar-se um futuro promissor. (LIMA, 1986, p. 92).

Com estas credenciais na bagagem, Lima chegou ao Rio em julho de 1890 para sua primeira visita à agora capital da República, onde encontrou um mundo em “branco e negro”, dividido claramente entre os republicanos e os adesistas de um lado (os últimos em maior número, segundo ele) e de outro os monarquistas. (LIMA, 1986, p. 81). Foi recebido por Deodoro da Fonseca, que na sua opinião “não era um tarimbeiro vulgar” como diziam seus adversários, “tinha certa nobreza de sentimentos e certa elevação de idéias, si bem que não possuísse ilustração.” (LIMA, 1986, p. 89). Na visita a Floriano Peixoto, o encontrou “amabilíssimo”, especialmente porque não deixou de mencionar os seus “serviços á republica”⁷⁴. Nos mesmos termos se referiu ao comportamento de Quintino Bocaiúva no encontro que tiveram. (LIMA, 1986, p. 92). Assim, tido em boa conta pelos grandes líderes republicanos, permaneceu no Rio até novembro para assistir a abertura da Constituinte e partiu para passar o natal com a família e reencontrar-se com Pernambuco.

Em 10 de dezembro já estava nomeado Segundo Secretário da Legação brasileira em Lisboa. Passou “um mês delicioso”, parte na casa

novembro de 1890) e a *Gazeta de Portugal* (O seu a seu dono, 20 de novembro de 1890) trataram inclusive de desmentir a suposta relutância de Hintze Ribeiro em aceitar a República brasileira ao mesmo tempo em que minimizam o papel de Oliveira Lima na situação. Pré-Scrapbook, OLL.

⁷⁴ “Em 1890, por suas habilitações especiaes e por serviços que, como escriptor, prestara á nascente fôrma de governo da sua nação, defendendo a de analyses e críticas, que lhe eram dirigidas no estrangeiro, como campanha de descrédito por causa do novo regimen, foi nomeado segundo secretario da legação dos Estados Unidos do Brazil em Lisboa [...]”. (SILVA; ARANHA, 1893).

do irmão Luiz e parte nos engenhos da família do barão de Suassuna. Lá saboreou petiscos excelentes, passeou a cavalo, tomou banho de rio, estreitou relações com Ulisses Viana e Arthur Orlando e sobretudo comparou suas lembranças de infância com o Recife que estava vendo. Nas *Memórias* (1986, p. 71), seu resumo da exitosa viagem ao Brasil foi lacônico: “Do Brasil voltei em começos de 1891, segundo secretario de legação e noivo da melhor das esposas”.

Como aponta seu biógrafo Fernando da Cruz Gouvêa (1976), as *Memórias* são incompletas sob o aspecto das reminiscências, sendo seu autor sempre vago nas informações familiares⁷⁵. Gouvêa destaca como uma das grandes lacunas do texto a falta de qualquer menção ao noivado com Flora Cavalcanti de Albuquerque Melo aparte o trecho já citado. Gouvêa (1976, p. 180-196) é quem tenta desvendar os pormenores do noivado e de como se conheceram Flora e Manoel, concluindo que possivelmente foram apresentados por membros das famílias e que tudo desenrolou-se de maneira bastante rápida.

⁷⁵ Na sua resenha sobre as *Memórias* de Oliveira Lima, Octávio Tarquínio de Souza se surpreendia que Lima falasse com tanto desembaraço de tanta gente e fosse tão econômico sobre si mesmo. Para ele, a impressão que fica do livro é que não há “nenhuma espécie de confissão, nada que seja um levantar de véu, um rasgar de intimidade; o homem só nos aparece na sua expressão social.” (SOUZA *apud* GOUVÊA, 1976, p. 180). Ao ler a resenha a própria Flora comentou sobre o “espanto” de Tarquínio de que Lima não falava de sua vida particular: “Não é costume em memórias. Ele tinha o horror ao ridículo, a cair em pieguices, ao elogio em boca própria.” (Carta de Flora de 5 de abril de 1986 citada por GOUVÊA, 1976, p. 181).

Figura 5 - Oliveira Lima em Lisboa (1890)



Fonte: Original na *Oliveira Lima Library*

2.5 A FLORA E A FAUNA⁷⁶: NASCE O CASAL-EQUIPE OLIVEIRA LIMA

Oliveira Lima voltou a Lisboa em janeiro de 1890 e recebeu um telegrama⁷⁷ comunicando oficialmente sua nomeação em 09 de março.

⁷⁶ Medeiros e Albuquerque (1981, p. 5) conta que uma vez ao ver passar o já obeso Oliveira Lima com a esposa, Emilio de Menezes disse maldosamente: “Lá vão a Flora e a Fauna do Brasil...” Emilio era um poeta conhecido pelas suas sátiras, verdadeiros “modelos de perversidade” e em vários ocasiões teve Lima como alvo de seu humor mordaz. A animosidade entre os dois era fomentada pela frustração de Menezes com seus planos para tornar-se membro da ABL. Lima afirmava que nunca havia votado no “alcoólico Emilio de Menezes” não porque não lhe reconhecia o talento como poeta mas “porque não tinha bastante compostura”. (LIMA, 1986, p. 126)

⁷⁷ Telegrama de Araújo Beltrão confirmando sua nomeação com data de 9 de março de 1891. Pré-Scrapbook, OLL.

Deu-se um jantar para celebrar o novo cargo no Hotel Bragança⁷⁸ com a presença de vários nomes ligados à Sociedade de Beneficência Brasileira. Logo recebeu também notícias da Senhorita Flora Cavalcanti.

Flora recebeu educação esmerada. O pai acreditava firmemente que o maior legado que poderia deixar aos 13 filhos era uma formação que lhes permitisse ganhar a vida dignamente pois a família numerosa e as dificuldades financeiras não lhe permitiriam deixar-lhes uma grande herança. Manoel Cavalcanti contratou para a filha uma tutora inglesa e inclusive a enviou a Recife na companhia de dois irmãos para completar os estudos, uma novidade para as moças de sua geração e posição. Para isso foi contratado um tutor afamado na cidade, Dr. Jesuino Lopes de Miranda. Era com orgulho que na família se comentava que Flora era das poucas moças de sua geração a ter completado o curso ginásial. Durante a temporada em Recife contraiu tifo e foi enviada a Paris em busca de novos ares. Partiu com os irmãos em 1878 para sua primeira viagem à Europa, o que terminava de coroar sua formação e a diferenciava das suas conterrâneas. (GOUVÊA, 1976, p. 184).

Na volta a Recife recebeu o convite da sua ex-tutora, a inglesa Mrs. Rawlinson, para ser professora no colégio que esta mantinha. Gouvêa (1976, p. 186) atribuiu a esta professora a transformação da sinhozinha de engenho em uma “autêntica dama vitoriana”. Rawlinson, sem descaracterizar suas origens, lhe inculcou no espírito o estilo inglês. Flora passou a dar aulas no colégio e também lecionava aulas particulares de inglês. Seu cargo era modesto, de professora auxiliar, ministrando aulas de português, francês, inglês, geografia e história. Mas, segundo um ex-aluno e primo de Flora, era ela, de fato, quem assumia a direção pedagógica do estabelecimento.

Pela origem social e educação recebidas, Flora cumpria com perfeição os requisitos para futura esposa de um diplomata. Para Lima, era especialmente encantador que a esposa fosse inteligente, com opinião própria e capaz de sustentar conversas interessantes, tudo isso com modais vitorianos. A família da noiva possivelmente também estava feliz com o arranjo porque aos 28 anos e tendo já declinado dois pretendentes, a primogênita era considerada de idade avançada para iniciar sua própria família. Além disso, a situação econômica dos Cavalcanti não era das melhores e a ausência de dote dificultava encontrar um bom partido para Flora.

⁷⁸ Notas no *Jornal do Commercio* (de Lisboa) e do *Nacional* (de Lisboa), ambas s/d. Pré-Scrapbook, OLL.

Figura 6 - Flora Cavalcanti de Albuquerque Melo na juventude



Fonte: Original na *Oliveira Lima Library*

O pai da noiva não chegou a conhecer o pretendente pessoalmente na sua rápida passagem por Pernambuco, mas mesmo assim concedeu o pedido feito por carta. Manoel Cavalcanti afirmou que não poderia proceder de outra maneira, dada a afinidade de parentesco que ligava as famílias e pelo alto conceito que tinham todos que tinham tratado com Oliveira Lima. Disse ainda que percebeu que a proposta havia sido bem acolhida pela filha e, empenhado que estava em sua felicidade, consentiria o pedido. Fez questão de reiterar que os dotes que ele deveria ter visto em Flora para querer desposá-la eram os únicos que teria porque a situação da família não permitia que houvesse um dote pecuniário. (Carta de Manoel Cavalcanti de Albuquerque a Oliveira Lima, 26/02/1891, citada por GOUVÊA, 1976, p. 190-191).

Se os Cavalcanti estavam satisfeitos com o enlace matrimonial, a família de Oliveira Lima não acolheu tão bem a ideia de uma noiva sem dote, filha da aristocracia açucareira empobrecida. A mãe de Lima, paradoxalmente oriunda da mesma situação, ambicionava uma noiva portuguesa de família abastada para coroar a nomeação do filho diplomata. Consta que a irmã Sinhá tampouco ficou satisfeita com a escolha. (GOUVÊA, 1976, p. 194). Foi necessário certo tempo para

convencê-las e foi apenas com a intervenção do irmão mais velho Luiz que acertaram-se os detalhes. O casamento foi realizado por procuração em Recife em 15 de outubro de 1890 e logo a noiva embarcou para Lisboa, onde se realizaria a cerimônia religiosa em 28 de novembro.⁷⁹

Essa decisão estava longe de ser apenas um ditame do coração. Essa pequena digressão sobre detalhes que podem parecer apenas intimidades revelam dois aspectos importantes da vida e visões de mundo de Oliveira Lima. A escolha da esposa o ligava definitiva e profundamente ao seu Pernambuco natal e agregava o elemento do prestígio social ao fincar suas raízes entre a antiga aristocracia local, elevando o *status* legado por seu pai, que ainda que rico, era mero comerciante. É interessante relembrar as já citadas *Memórias* em que, ainda que econômico nos detalhes da vida íntima, Lima não deixa de realçar os elementos que convinham à fixação da imagem que queria legar a posteridade. Em relação ao pai, relembra os modos fidalgos, como que a compensar as origens de simples comerciante que fez fortuna como caixeiro. Sobre a origem da mãe, uma digressão mais longa remetendo ao Marquês de Olinda, ainda que de sua personalidade pouco fale. No caso de Flora, as origens familiares sempre foram motivo de orgulho para o casal, sendo mencionadas em diversos momentos⁸⁰. Nas *Memórias* Lima dedica mais espaço a recriar a árvore genealógica da esposa que a sua própria. Essa opção revelava ainda um conjunto de valores apreciados por Lima, a formação e moralidade vitorianas⁸¹ aliadas aos predicados que ele prezava nas mulheres pernambucanas. Flora reunia todas as características desejáveis, o melhor dos dois mundos, era uma dama vitoriana com sotaque pernambucano. “Brasileiro por opção, mais ainda do que por nascimento, sua palavra refletirá sempre a nostalgia profunda de quem só pôde obter, no correr da vida, a alegria de alguns encontros episódicos.” (LIMA SOBRINHO, 1971, p. 19). Além da palavra, muitas das suas ações refletiam esta nostalgia. O noivado com Flora foi uma delas. Afinal, com o casamento Lima teria sempre um pouco da sua terra

⁷⁹ A chegada da esposa foi noticiada pelos jornais de Lisboa: *Jornal do Commercio* (18 de novembro de 1891) e *Commercio de Portugal* (20 de novembro de 1891). Pré-Scrapbook, OLL.

⁸⁰ Em artigo dedicado a Flora na *Revista de Derecho, Historia y Letras* de Buenos Aires, as referências a “la esclarecida raíz de su familia” abundam, enfatizando que esta “Se remonta a los tiempos de la sabia colonizacion que Portugal hacia en la Nova Lusitania (Pernambuco).” (ZEBALLOS, 1921, p. 5).

⁸¹ É importante ressaltar que segundo Lima (1986, p. 120), a “*pruderie* marca a epoca vitoriana”, que era “consustanciada com a maior grandeza britannica”.

conigo e poderia construir um lar pernambucano como o da sua infância onde quer que a vida diplomática o levasse.

Profissionalmente sua decisão mostrou-se profundamente acertada. A figura da esposa foi fundamental na sua carreira, tanto como diplomata como intelectual, porque Flora atuava realmente como sua secretária particular⁸². Neste sentido tem razão Pereira (2004) quando afirma que se por um lado Flora cumpria com as exigências tradicionais de linhagem para ser uma boa esposa, por outro, agregava atributos bastante modernos para o seu contexto social. Ela trabalhava com e para o marido, transcrevendo e datilografando seus textos, organizando seus papéis e mais tarde sua biblioteca, e após a sua morte, dedicando-se à preservação e divulgação da sua memória. Ela exercitava seus talentos não apenas nos afazeres domésticos, como mantinha sua própria correspondência, lia e tinha interesses e opiniões próprias inclusive sobre política, conforme se pode apreciar no seu diário íntimo⁸³.

Flora era “companheira, amiga, companheira intelectual: copiava-lhe o rascunho feito à mão, relia os originais e apoiava o esposo em todos os momentos”. (MACEDO, 1968, p. 32). O casal Oliveira Lima vivia assim em uma espécie de modelo de união feliz e “avançada”, pouco comum no seu tempo. O *Jornal Pequeno*⁸⁴ do Recife publicou, por ocasião da sua passagem pela cidade, uma nota com a foto do casal para prestar-lhes uma homenagem. A legenda que a acompanha demonstra a percepção pública sobre os Oliveira Lima

Os que vivem na intimidade do dr. Oliveira Lima sabem quanta influencia tem, na vida do laureado diplomata, o espirito fino e lucido de sua esposa, colaboradora assídua nos trabalhos que orlam de brilho o nome do ilustre pernambucano.

É certo que apesar de tentar manter sua individualidade, a presença de Oliveira Lima dominava grande parte da sua existência, como ela às vezes se queixa no seu diário. Em outros trechos, entretanto, se mostra orgulhosa do trabalho que desempenhava na biblioteca do marido.⁸⁵ Eram sem dúvida, um casal em muitos sentidos peculiar para a

⁸² “Sua esposa continua sendo sempre o teu precioso auxiliar? Todos que a conhecem admiram-na como eu.” Carta de Constancio Roque da Costa a Oliveira Lima, 20/06/1901. SB7, OLL.

⁸³ Para uma análise mais detida sobre o diário de Flora ver MALATIAN, 2004.

⁸⁴ *Jornal Pequeno* de 27 de dezembro de 1904. SB11, OLL.

⁸⁵ Seu orgulho se pode apreciar em carta ao compadre: “A Lima Library é hoje conhecida em todo o país [...] todos admiram como eu consegui transformar

época. Sem filhos⁸⁶, viajando pelo mundo e compartilhando a vida doméstica e interesses intelectuais⁸⁷, pode-se dizer que eram “um casal-vitrine da modernidade “civilizada” da *Belle Époque*”. (PEREIRA, 2004). A felicidade conjugal dos Lima era bastante comentada e foi capaz até de despertar em Gilberto Freyre o desejo de recriar este ambiente: “Aguardo com vivo prazer o ensejo de mais uma vez participar do encanto do seu lar – um dos poucos que me fazem pensar com otimismo da vida de casado e da vida em geral.” (Carta de Gilberto Freyre a Oliveira Lima, 23/06/1922, citada por GOMES, 2005, p. 141).

Não há que exagerar-se, entretanto, o caráter “progressista” do matrimônio de Oliveira Lima. Era, sem dúvida, uma relação com bases mais “igualitárias” que a média do seu tempo, em que principalmente ele reconhecia na esposa uma inteligência capaz e em certos aspectos a sua altura. Sem embargo, isso era muito diferente de considerá-la como um de seus pares ou chegar ao ponto de questionar as premissas básicas dos papéis de gênero esperados em um casamento de fins do século XIX e fortemente marcado pela moral vitoriana. Um bom exemplo é o ocorrido em 1923 em Portugal, quando Flora deu uma entrevista, publicada

aquele porão em uma instalação tão bonita.” (Carta de Flora a Max Fleiuss de 18 de fevereiro de 1931, arquivo Max Fleiuss no IHGB, citada por PEREIRA, 2004, p. 124). Em outra ocasião também em carta a Max Fleiuss afirmou: “no dia em que eu faltar, aquela coleção esbandalha-se”. (Carta de Flora a Max Fleiuss de 18 de 31 de janeiro de 1940, arquivo Max Fleiuss no IHGB, citada por PEREIRA, 2004, p. 124).

⁸⁶ É interessante a ausência de qualquer menção a falta de filhos do casal. Não se sabe se não os tiveram por opção ou impossibilidade. De qualquer forma a opinião de Lima sobre famílias muito numerosas é interessante. Ao falar sobre os 14 filhos do barão de Lucena, comenta que essas famílias bíblicas estavam gradualmente desaparecendo. Notava que na capital e até nas cidades em geral “graças ao que os Americanos chamam de *birth control*. Melhor é mesmo que vão desaparecendo, porque não tanto as condições econômicas como os costumes e a educação são diferentes.” (LIMA, 1986, p. 113–114). Tinham, no entanto, alguns afilhados, como era o caso da filha de Max Fleiuss e de uma sobrinha de Flora, batizada em sua homenagem.

⁸⁷ “Doña Flora há heredado las bondades, los talentos y la disciplina laboriosa de sus antecesores. Es notablemente instruída sin petulancia; su criterio político y social es claro y hondo; es mujer de talento y de consejo, cuyo cierto juicio admiran a menudo hombres eminentes; escribe com elegancia, sin publicar sus escritos; es la colaboradora infatigable de la obra mental extraordinária de su ilustre esposo; es a la vez encantadora mujer, very womanly, que dirían los americanos del norte; es, em fin, uma joya espléndida en la aureola social e intelectual del Brasil. (ZEBALLOS, 1921, p. 6).

posteriormente em Buenos Aires. A “entrevista” é bastante sintomática da posição ocupada por Flora: uma relação quase simbiótica com o marido, em que ela tinha seu quinhão de independência, mas colocava-se sempre atrás dele. O entrevistador pergunta se ela poderia falar sobre a organização das obras de beneficência no Rio de Janeiro, no que é respondido por Oliveira Lima. Este diz que apesar de importante, esta obra não apresentava aspectos novos que a fizessem ser de muito interesse. E acrescenta que do que ela poderia falar era da Beneficência Argentina, que ele considerava um modelo que provavelmente seria desconhecido em Portugal. Flora concorda com a mudança de tema e começa a discorrer sobre o assunto. Não sem ser interrompida por Oliveira Lima ainda algumas vezes mais. Cada fala dele é registrada pelo repórter e ao final, a anunciada entrevista com Dona Flora de Oliveira Lima termina sendo uma entrevista ao casal. (LIMA, 1923a).

Além do papel prático que desempenhava no trabalho de Lima, a quem ela carinhosamente chamava de Emmie, ela atuava como uma reserva inesgotável de apoio ao marido que por tantas vezes, devido a sua inabilidade política e sua “incontinência da pena”, granjeou inimizades e enfrentou dificuldades na carreira. Aos inimigos não passava despercebida esta relação tão forte entre os dois, e não poucos a acusavam de fomentar seu ressentimento ao sempre expressar seu descontentamento pelo reconhecimento que o marido recebia no Brasil. Aos seus olhos, os talentos dele não eram recompensados à altura e seus avanços na carreira deviam-se à inveja dos inimigos. Medeiros e Albuquerque (1981, p. 5), que viria a tornar-se um dos maiores desafetos do casal, reconhecia que Flora era uma “uma senhora muito inteligente e instruída” e que “em moça, fora realmente bonita”. Mas não deixava de acrescentar que “o que nela mais ardia era o desejo de subir a grandes postos”. E Fontoura Xavier, outro desafeto, definiu o casal como “uma bola de sebo com um pavio de ambição nela plantado, ardendo sempre, espevitado e aceso”. (ALBUQUERQUE, 1981, p. 5)

2.6 A TRANSFERÊNCIA PARA BERLIM: NASCEM AS PRIMEIRAS OBRAS

O jovem casal não permaneceu por muito tempo em Portugal. Por conta da animosidade entre o conde de Valbom, Ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal, e Araújo Beltrão, recém nomeado pela República Primeiro Ministro na Legação brasileira em Lisboa, Beltrão

terminou removido para Berna e Lima enviado à legação em Berlim, para onde partiu em junho de 1892⁸⁸.

Permaneceu no posto até 1895, trabalhando sob as ordens do Barão de Itajubá, a quem não poupava elogios. Um “mestre amigo”, que se impunha “pela sua própria correção” e que era um “funcionário excelente”, o “equilíbrio intelectual e moral em pessoa.” (LIMA, 1986, p. 102). O método de trabalho (regular, metódico e pontual) de Itajubá agradava Oliveira Lima, “o espírito de ordem” os unia e fomentava um bom ambiente de trabalho. O secretário admirava e apreciava servir ao chefe, que lhe correspondia a estima e inclusive o aconselhava a “ser mais mundano e menos literato” e a apreciar mais a vida em sociedade. (LIMA, 1986, p. 104). Sem atritos e proveitosa era a vida na legação e o recém-casado Lima foi muito produtivo neste período, concluindo seus dois primeiros livros *Pernambuco, seu desenvolvimento histórico* (LIMA, 1895) e *Aspectos da litteratura colonial brasileira* (LIMA, 1896a). Também nesta época viajou a Bélgica, Holanda, Áustria, Suíça e Itália de onde não deixava de enviar artigos para o *Jornal do Recife*⁸⁹

Acompanhava com atenção a política local, para ele a Alemanha de então era o “sól do systema planetário europeu, era a grande potência modelada pelo gênio de Bismarck.” Estava feliz podendo admirar os bailes de corte que tinham “tom de esplendor”, os abundantes teatros, o “inesquecível espectáculo das revistas militares.” Enfim, esta Alemanha que representava eficiência e grandeza, uma combinação maravilhosa de força inteligente, disciplina, progresso social e conforto, que ele reputava incomparável e superior a qualquer outro país. (LIMA, 1986, p. 105).

No seu primeiro livro *Pernambuco, seu desenvolvimento histórico*, publicado em 1895, Oliveira Lima dava vazão ao que Lima Sobrinho (1971, p. 24) considera “as duas forças máximas da sua vida, o sentimento brasileiro e o culto a Pernambuco, que crescera com o recente casamento com D. Flora Cavalcanti, ornamento da aristocracia local, pela importância e ligações da sua família.” Cabe uma reflexão sobre a

⁸⁸ Segundo nota no *Correio da Manhã* de Lisboa (folha lisboeta dirigida por Pinheiro Chagas) de 2 de junho, o casal Oliveira Lima partiria em 28 do mesmo mês no navio Thames. O jornal se despede “com saudade d’este inteligente e sympathico rapaz, que pelo seu talento, pelas suas aptidões de escriptor e pela sua seriedade, honrava como poucos a comunidade brasileira em Lisboa”. SB4, OLL.

⁸⁹ No *Jornal do Recife* (Nos. 211 e 212, 1892) publica impressões de viagem sobre a Bélgica e a Holanda e em 1894 inicia no mesmo jornal a série *Crônicas da Europa*, com textos escritos em Berlim. Segundo nota manuscrita de Oliveira Lima, essa colaboração foi realizada gratuitamente. Pré-Scrapbook, OLL.

afirmação de Lima Sobrinho. É fora de dúvida que Lima desde jovem interessou-se pelos assuntos do Brasil e de Pernambuco especialmente, conforme suas atividades desde a fundação do *Correio do Brazil* atestam. Havia com certeza um forte elemento sentimental nestas escolhas, reforçado com os laços estabelecidos através do casamento com Flora, e um importante elemento político, já que eram nesses interesses e realizações que ele se baseava para defender-se das acusações de “estrangeiro”. Porém, não se pode perder de vista que por mais que tenha sido criado no ambiente mais pernambucanamente português que se pudesse criar, sua formação foi a de um jovem abastado da elite europeia que lhe deu um filtro através do qual analisava o Brasil e seus processos. Por mais que seu coração fosse pernambucano, suas ideias eram definitivamente europeias.

Seu livro de estreia se baseava em extensa pesquisa documental⁹⁰ iniciada ainda em Lisboa para “montar um quadro geral da evolução política e social do estado nos últimos quatro séculos”. (LIMA, 1895, p. V). O próprio autor afirma que não estava utilizando fontes inéditas e nem estava apresentando novos fatos, a novidade da obra estava em realizar um esforço de sistematização nunca antes realizado para a história de Pernambuco. Para a historiografia brasileira o livro foi um marco para o campo da História Regional. Para Oliveira Lima significou a confirmação de que poderia ser de fato um intelectual relevante no seu país e lhe valeu a indicação para membro do IHGB, onde tomou posse no mesmo ano⁹¹.

A segunda obra não tardou em sair. Desta vez porém, voltou a um dos seus temas preferidos da juventude, a literatura. *Aspectos da literatura colonial brasileira* foi publicado também em Leipzig em 1896 e anunciava ser a introdução de uma obra em preparação sobre o Romantismo no Brasil. (LIMA, 1896a). Esta obra nunca se concretizou⁹²

⁹⁰ Um dos que o ajudaram a coligir documentos foi Rio Branco, que na época ainda era cônsul em Liverpool e através de cartas lhe enviava documentos e retratos. (FORSTER, 2011, p. 167).

⁹¹ Considerado uma “notável monografia” do escritor estreante “que se revela nesse primoroso trabalho um escriptor de raça pelos dotes do seu espirito e pelas brilhantes qualidades do seu estylo.” HYGINO, José. Pernambuco, seu desenvolvimento histórico, por M. de Oliveira Lima. **Revista Brasileira**, n. 1, 1895. p. 387-390. SB4, OLL.

⁹² Oliveira Lima chega a mencionar que estava escrevendo uma História do Romantismo Brasileiro, que seria a continuação de *Aspectos da literatura colonial*, antes mesmo da publicação deste último, em um requerimento datado

mas *Aspectos...* teve boa aceitação da crítica. Alguns capítulos haviam sido publicados antes na *Revista Brasileira* e José Veríssimo (1976, p. 144) o saudou como “um verdadeiro livro”, apontando no entanto um grave defeito, que era o de possuir partes escusadas e alongamentos inúteis. Também discorda da escolha de alguns autores incluídos no livro, mas afirma que as falhas em geral são mais de composição que de conteúdo. Seu veredito final é que o jovem tinha tudo para ser um mestre das letras nacionais e suas duas obras já publicadas eram a prova disso.

Finda sua missão em Berlim, Oliveira Lima solicita uma licença para ir ao Brasil, passando por Portugal para visitar a mãe já idosa. Em Pernambuco, conhece e começa a amizade com o governador Barbosa Lima, “o mais inteligente e activo de quantos na republica tem presidido os deus destinos.” (LIMA, 1986, p. 105). Barbosa Lima se converte em um aliado leal e que teria um papel importante no futuro da carreira de Lima ao defendê-lo sempre na imprensa ou na tribuna da Câmara⁹³. Desejoso de aproveitar o talento do conterrâneo, o governador oferece um cargo no Instituto Benjamim Constant do Recife, para que Lima fosse o responsável pela cadeira de Literatura. A permanência em Pernambuco poderia levar também a sua entrada para a política local, mas ele recusa, resistindo à tentação política “que mais ou menos todos nutrem” e prefere continuar na carreira diplomática. (LIMA, 1986, p. 108). A boa acolhida do Ministro de Relações Exteriores Carlos de Carvalho, que o promoveu a primeiro secretário nos Estados Unidos contribuiu para a decisão. A notícia da nomeação lhe havia chegado a caminho de Pernambuco, quando fazia escala na Bahia. (WILLIAMS, 1969). Carvalho ainda ajudou no estabelecimento de outra relação importante para Lima. A amizade com Machado de Assis foi iniciada neste tempo, embalada pelos elogios feitos pelo Ministro a Machado sobre o jovem diplomata.

O período no Rio foi ainda importante para estreitar laços com figuras importantes da intelectualidade local. Não se pode perder de vista que esta era apenas a segunda vez que Lima estava no Rio de Janeiro. Ele finalmente pôde disfrutar um pouco do ambiente intelectual da época,

do Rio de Janeiro em 21 de agosto de 1895, em que solicitava a extensão da licença que estava gozando. (original no AHI, citado por GOUVEA, 1971, p. 271).

⁹³ Oliveira Lima retribuía a lealdade estritamente. Nas *Memórias* chega a relevar o fato de Barbosa ter sido capaz de “violências *officiaes* como o fuzilamento do Sargento Sylvino de Macedo, agitador de profissão” porque “Barbosa Lima era comtudo incapaz de mandar verter o sangue do seu semelhante por um desforço pessoal”. O grifo é do autor. (LIMA, 1986, p. 107).

frequentando a Livraria Laemmert, onde encontrava Machado de Assis, José Verissimo, Rodrigo Octavio, Graça Aranha, Tobias e Barreto e outros. (LIMA, 1986, p. 110). Aproximava-se assim do grupo da *Revista Brasileira*, o mesmo que mais tarde fundaria a Academia Brasileira de Letras, e firmava seu nome como intelectual no Brasil. Um bom indício do prestígio que conquistou foi o convite para ser o correspondente do *Jornal do Brasil* em Lisboa, recebido nesta época. Além disso, foi incumbido de fazer o convite para que Teophilo Braga e Oliveira Martins também colaborassem no novo jornal assim que chegasse a Lisboa⁹⁴.

⁹⁴ Lima foi contratado por 100\$000 francos mensais por Sousa Dantas, que opinava que “para o de que foi incumbido, o Oliveira Lima é excelente; conheço-o pelo que de igual faz para o Jornal do Recife”. Carta de Rodolfo Epifânio de Sousa Dantas ao Barão do Rio Branco, 25/01/1891. (“A criação do Jornal do Brasil”, 2004, p. 258–262).

3 A “ILUSÃO AMERICANA” VERSUS “A REALIDADE AMERICANA”

“A ilusão americana é conveniente contrapor a realidade americana”. A afirmação contundente de Oliveira Lima (1889, p. 445) resume bem o tom adotado na sua obra *Nos Estados Unidos. Impressões políticas e sociais*, que será analisada neste capítulo. *Nos Estados Unidos* foi o seu primeiro relato de viagem publicado na forma de livro, fruto da primeira estadia no país como 1º Secretário da Legação do Brasil em Washington, de 1896 a 1899. Seu chefe durante este período foi Salvador de Mendonça, republicano histórico e ardente americanista, defensor da aproximação do Brasil com os Estados Unidos desde seus tempos como Cônsul em Baltimore. A convivência entre os dois foi intensa, ultrapassando os limites profissionais, e deixando marcas na visão de Oliveira Lima sobre os Estados Unidos.

Nos Estados Unidos é uma obra representativa de uma primeira fase da sua produção intelectual marcada ainda pelo republicanismo e que se pode chamar de monroísta, na qual expressa entusiasmo com o projeto pan-americano defendido pelos Estados Unidos e não esconde o deslumbramento com o progresso material e moral do país. Foi uma fase marcada também por um forte viés *spenciariano*, influenciada pelo Darwinismo social e muito afeita a explicações de cunho racista para os fenômenos políticos e sociais.

3.1 REPUBLICANISMO E AMERICANISMO: A INFLUÊNCIA DE SALVADOR DE MENDONÇA

O jovem Oliveira Lima chegou em Washington em maio de 1896 após uma longa viagem rumo ao primeiro posto diplomático fora da Europa. Trazia ainda latente o fervor republicano da juventude e aos poucos meses da sua estadia na capital dos Estados Unidos publicou dois artigos na revista francesa *Nouvelle Revue*, que foram reunidos e publicados em separata para divulgação com o nome de *Sept ans de République au Brésil* (LIMA, 1896b). O opúsculo de 38 páginas consiste em um balanço dos primeiros anos da República e uma defesa do regime, especialmente frente ao público internacional.

Medeiros e Albuquerque (1896, p. 237) nota que as “pequenas injustiças” e “omissões involuntárias” do texto são “omissões de observador que estudou de longe uma terra sem imprensa, nem literatura”. Sua observação é muito atinada, já que Lima acompanhou com interesse,

porém sempre do exterior, os acontecimentos no Brasil e poderia perder certos detalhes e nuances do processo. Também é certo que Lima escrevia do e para estrangeiros, e daí possivelmente deriva o tom dominante do texto, de benevolência, apresentando “as coisas pelo seu melhor aspecto”. Afinal, o seu objetivo declarado era mesmo melhorar a imagem do regime no exterior.

Em *Sept ans...*, Lima renova sua profissão de fé republicana, posicionando-se como uma figura importante na defesa do regime pelo qual trabalhara desde a Proclamação e que agora buscava pintar com cores favoráveis. A imagem da República se via arranhada com a pecha da instabilidade e da violência repressiva e o jovem diplomata tratava de atenuar essa visão negativa, ao mesmo tempo em que tomava uma posição clara em um período crucial para a diplomacia brasileira, ainda reduto de monarquistas, mas que “republicanizava-se”. O texto servia assim, a um duplo propósito: era um meio para colocar-se definitivamente entre os republicanos fieis ao regime e para prestar um serviço à República.

Os primeiros anos da República brasileira não haviam sido tranquilos. Além dos ajustes institucionais necessários ao funcionamento do país, dos complicados acordos e negociações políticas que o sustentariam, o novo regime teve que enfrentar momentos que chegaram a colocar em risco a sua estabilidade, como a Revolução Federalista, a Revolta da Armada e a Guerra de Canudos. A ainda recente Abolição fazia sentir seus efeitos sobre a organização econômica e social do país, a inflação, o aumento do custo de vida, a desorganização e sensação de caos, além da violência que comumente acompanha períodos revolucionários causavam insatisfação em certos setores da população e davam munição para a propaganda anti-republicana de autores como Eduardo Prado⁹⁵ e o Visconde de Ouro Preto. Neste sentido, *Sept ans de République au Brésil* está em diálogo direto com as ideias de Prado, funcionando como uma resposta republicana aos seus planos de Restauração.

Oliveira Lima (1896, p. 3) começa o texto enfaticamente, afirmando já na primeira linha que passados sete anos da proclamação da República a hipótese de uma restauração dinástica estava definitivamente descartada. Prossegue com otimismo, dizendo que as dificuldades

⁹⁵ Para uma análise do pensamento de Eduardo Prado com relação à identidade nacional e o papel da monarquia nesta construção, e como isto se articula com sua reflexão sobre uma identidade europeia em contraposição a uma identidade americana ver ARMANI, 2005.

enfrentadas no início não fizeram mais que estimular o ardor dos partidários da república ao inspirar-lhes o entusiasmo pela sua defesa. Assim, considera que era o momento para oferecer esclarecimentos e toma para si a tarefa de explicar com imparcialidade as causas e o futuro do movimento, que na sua opinião foi acolhido com certa frieza pela Europa. Esta atitude, para ele, tinha duas causas principais. Por um lado a popularidade de que gozava a figura do Imperador Dom Pedro I e por outro a má impressão causada pelo exemplo de inconstância, prodigalidade e até loucura dado frequentemente pelas vizinhas ex-colônias espanholas.

O texto reserva um tratamento respeitoso para o Imperador deposto. As palavras elogiosas a Dom Pedro tinham, ademais de possivelmente um quinhão de admiração genuína que nunca arrefeceu, o intuito de reforçar seu argumento sobre a índole pacífica do Brasil, que o distanciava do mau exemplo das repúblicas hispano-americanas. Lima faz um esforço constante para diferenciar o Brasil e defende que exatamente pela sua passada organização monárquica e pelo caráter mais pacífico dos descendentes de portugueses é que o país havia podido disfrutar de quarenta anos de paz doméstica como Império e de uma transição tranquila à República. (LIMA, 1896, p. 4).

Não deixa de admitir que o Governo Provisório trazia inevitavelmente a marca da revolução e por isso só poderia ser militarista, mas ressalta que a maioria dos seus membros eram civis. Enfim, procura desconstruir a imagem de um regime fundado e mantido à base apenas da força, explicando que a força, a violência, as ideias, a fé e a apatia foram elementos combinados fortuitamente para derrubar um trono que não conseguiu criar raízes no solo republicano da América. (LIMA, 1896, p. 8).

Lima faz eco aos republicanos que se queixavam amargamente das conspirações maquiavélicas dos monarquistas, de uma hostilidade cega. Esta oposição implacável é que há tempos inundava a Europa com panfletos cruéis, falsos despachos e notícias para semear a inquietação no seio da nação. (LIMA, 1896, p. 16). Ao mesmo tempo, minimiza os efeitos práticos da oposição restauradora, que afirma não ter chegado a colocar em risco a sobrevivência do regime, mas causavam turbulências que atrapalhavam a atmosfera pacífica tão necessária a realização da obra colossal de reconstrução nacional. (LIMA, 1896, p. 18). Fustiga os opositores dizendo que jamais conseguiram formar um partido e que se dedicavam apenas a pôr em andamento uma campanha de descrédito e causar pequenos embaraços ao governo.

No seu balanço dos acontecimentos não nega que tenham sido cometido erros, mas julga superiores os avanços alcançados pelo regime e conclui que se a situação do Brasil não era perfeita passados sete anos da Proclamação, era certamente mais promissora do que a anterior. A situação econômica estava progredindo e todas as reformas realizadas pelo governo de Prudente de Moraes tiveram êxito, dando esperanças aos brasileiros que deveriam ser compartilhadas pelos seus amigos no exterior. *Sept ans...* é claramente um libelo republicano, preocupado em angariar apoio e simpatia das potências europeias ainda reticentes sobre o regime implantado no Brasil. Pela sua natureza, trata com detalhe da política interna brasileira muito mais do que se dedica as suas relações exteriores. Ainda assim, toca em pelo menos um tema que faz o texto relevante para esta pesquisa: a Revolta da Armada⁹⁶, ocorrida no Rio de Janeiro entre 1893 e 1894. O conflito se deu quando Floriano Peixoto, pressionado por oficiais da Marinha para que convocasse novas eleições presidenciais⁹⁷, se recusou a deixar o cargo e mobilizou o exército contra os revoltosos com o apoio do Partido Republicano Paulista (PRP).

Pereira (2009) afirma que os monarquistas não participaram fisicamente dos embates, mas auxiliaram financeiramente os rebelados e concentravam em Eduardo Prado o papel de arrecadador de fundos no estrangeiro. O grupo soube aproveitar o momento de crise para fazer-se escutar e conseguir visibilidade para sua causa. Para o autor, houve uma supervalorização do caráter monarquista do movimento da Armada por parte de Floriano, que preferia atribuir a revolta aos interesses restauracionistas do que admitir o alto grau de fragmentação que existia nas Forças Armadas. Não é objetivo deste trabalho entrar em detalhes sobre as forças em conflito na Revolta da Armada. O que interessa é que o resultado da interpretação dada por Floriano. A tese de que havia ligação dos revoltosos da Marinha com a causa da restauração se tornou fundamental para a forma como o conflito foi visto no exterior e países

⁹⁶ Também referida como a Segunda Revolta da Armada. A Primeira ocorreu em setembro de 1891 quando unidades da Marinha se sublevaram sob o comando do Almirante Custódio de Mello e ameaçaram bombardear o Rio de Janeiro. O resultado foi a renúncia do Marechal Deodoro da Fonseca apenas 9 meses após ter assumido a Presidência da República e a ascensão ao poder do seu vice Floriano Peixoto.

⁹⁷ Os revoltosos baseavam sua reivindicação em artigo da Constituição de 1891 que ditava que se a presidência ficasse vaga antes do cumprimento de dois anos de mandato, novas eleições deveriam ser convocadas. Floriano argumentava que havia sido eleito pelo voto indireto e, portanto, o artigo não se aplicava.

estrangeiros jogaram um papel importante durante a revolta e no seu desfecho.

A primeira medida do governo florianista foi comunicar-se com seus representantes no exterior ao mesmo tempo em que reunia os representantes estrangeiros na capital para informar sobre a situação e angariar apoios para o que apresentava como a necessidade de defesa da República frente aos planos de restauração dos monarquistas. Mesmo contando com o apoio dos setores econômicos dominantes aglutinados no PRP e com o Exército ao seu lado, para definitivamente debelar a Revolta o governo precisava reequipar a esquadra brasileira, desfalcada pela Marinha rebelde e sem a qual era impossível defender totalmente o porto do Rio de Janeiro. Era necessário comprar navios no exterior com urgência. A compra foi realizada de forma particular, através do empresário e banqueiro americano Charles L. Flint, e despertou muitas críticas internas. A “Esquadra Flint” também ficou conhecida como “Esquadra de Papelão”, em alusão a má qualidade dos barcos. Outro fator de descontentamento foi que a tripulação era formada não por soldados mas por mercenários norte-americanos, os quais Joaquim Nabuco chamou de a “pior escoria de filibusteiros”. (PEREIRA, 2009, p. 129).

Com o agravamento das tensões entre o governo brasileiro e os rebeldes, os representantes de países europeus decidiram se pronunciar. Reuniram-se para discutir formas de proteger seu cidadãos em solo brasileiro, nem que fosse necessário o uso de uma “brigada internacional”. (PEREIRA, 2009, p. 119). Tanto a Marinha, através de seu líder Custódio de Melo, quanto Floriano, se sentiram ultrajados com esta ameaça de ingerência externa, mas a pressão funcionou. O ambiente de desconforto generalizado culminou com a assinatura de um acordo entre as partes em conflito e as potências europeias, que conseguiram o direito de proteger suas propriedades e nacionais.

A intervenção estrangeira direta ocorreu, porém, apenas quando o bloqueio ao porto do Rio de Janeiro imposto pelos rebeldes foi furado pelo contra-almirante norte-americano Benham. Desde o início da Revolta, o Presidente Groover Cleveland havia dado “apoio moral” ao governo de Floriano e acompanhava com interesse o desenrolar dos acontecimentos, sempre bem informado por Salvador de Mendonça.⁹⁸ Com a ameaça de uma intervenção das potências europeias, identificadas por Mendonça como aliadas aos interesses dos monarquistas, o diplomata

⁹⁸ Para uma descrição detalhada da atuação de Salvador de Mendonça na Revolta da Armada, incluindo a troca de telegramas entre ele e o governo Cleveland ver PEREIRA, 2009.

brasileiro invocou a Doutrina Monroe ao solicitar apoio mais direto dos Estados Unidos. Relembrando o relacionamento “especial” entre os dois países desde 1889, ele procurou convencer Cleveland afirmando que mantendo-se neutros, os Estados Unidos abririam caminho para possíveis projetos restauradores da Monarquia no Brasil e para o fortalecimento da Inglaterra. (PEREIRA, 2009). Mendonça conseguiu seu intento e o governo norte-americano emitiu ordens para que Benham não reconhecesse o bloqueio imposto pelos revoltosos e lhe concedeu permissão para rompê-lo com uso da força, se necessário. Assim, o navio com bandeira dos Estados Unidos reagiu ao bloqueio com tiros e disposição para o combate, efetivamente abrindo caminho para desembarcar no Rio de Janeiro.

A nova Esquadra nesse meio tempo chegou ao Rio de Janeiro, ao mesmo tempo em que as provisões e munição dos revoltosos minguavam. Finalmente, em 11 de março de 1894 termina-se por assinar a proposta de rendição. A Revolta teve importantes efeitos interna e externamente. No plano interno, os republicanos paulistas saíram fortalecidos e seu peso político se viu convertido na eleição de Prudente de Moraes, o primeiro presidente civil, além de um terço do Senado e a totalidade da Câmara dos Deputados. (PEREIRA, 2009, p. 133). No plano externo, a intervenção dos Estados Unidos marca uma inflexão no processo de aproximação entre os países que vinha se intensificando desde 1889.

A atuação do almirante norte-americano agregou mais um elemento ao já intrincado conflito de interesses existente no Brasil. Não apenas tratava-se de um embate entre a manutenção da República e a Restauração da Monarquia, mas também entre os aliados estrangeiros das duas causas, representados pelos Estados Unidos e pelas potências europeias, respectivamente. Neste cenário, a mobilização da Doutrina Monroe por Salvador de Mendonça para embasar seu pedido de auxílio aos Estados Unidos, pôs mais fogo na discussão sobre a violação da soberania brasileira. Joaquim Nabuco, obviamente, condenava a intervenção e lhe dava todo o crédito pela vitória governista no conflito⁹⁹. Mas não houve consenso nem entre quem estava do mesmo lado. Rui Barbosa, ainda que defensor da República, não apoiava a intervenção, que considerava um perigoso precedente, e expressou suas reservas quanto ao

⁹⁹ Nabuco (2003) tratou do tema em vários artigos na imprensa que depois reuniu no volume *A intervenção estrangeira durante a revolta de 1893*. Na obra defende que a intervenção estrangeira foi um dos principais elementos para a vitória alcançada pelo Marechal Floriano Peixoto.

monroísmo. Já Oliveira Lima (1896, p. 35) em *Sept ans...* defende e justifica a intervenção na Revolta, mas, respondendo a Nabuco, busca exaltar o papel importante do governo brasileiro no episódio e não dá à intervenção norte-americana um peso decisivo no resultado final do conflito.

O diálogo com Nabuco é constante no texto e deixa claro o antagonismo das suas posições sobre o sistema de governo. O líder da causa abolicionista é caracterizado por Lima como um “simples boneco” que obedecia a sugestão de uma “camarilha de maníacos e ambiciosos”. (LIMA, 1896, p. 34). Não deixa de ser interessante que no futuro o tema do papel dos Estados Unidos no continente voltaria a enfrentar os dois pernambucanos, mas desta vez, as opiniões se inverteriam, como vou evidenciar nos capítulos seguintes.

Apesar de estar em trincheiras opostas, a admiração de Lima por Nabuco e até a boa relação entre os dois se mantinha. Lima inclusive enviou uma cópia dos artigos da *Nouvelle Revue* a Nabuco (carta de Joaquim Nabuco a Oliveira Lima, 28/11/1896 citada por BORGES, 2007, p. 86), que agradeceu e acrescentou:

Infelizmente o seu espírito sofre do mal oposto ao que me atacou, o seu otimismo é tão doentio como o meu pessimismo, ainda que sua doença seja mais alegre e divertida do que a minha. A república é a liquidação nacional. O mais que os republicanos podem dizer é que a decadência irremediável em que entramos, tão irremediável como a do Peru ou da Espanha não é uma questão de instrução, mas de raça. Isto talvez eu admitisse, acrescentando porém, que as instituições influem também, a monarquia como freio e a república como impulsor.

Lima dá sequência ao intercâmbio epistolar, lamentando que homens do valor de Nabuco estivessem afastados da política¹⁰⁰ e assevera que ele seria muito útil à pátria se aceitasse o fato consumado que era a República e se dispusesse a prestar seus serviços. Reafirmava também o seu otimismo: “Confio, contudo, no futuro do nosso Brasil, posto que não

¹⁰⁰ Desde a Proclamação Nabuco se havia retirado da vida pública: “Como vê, encerrei-me politicamente, há já seis annos, em uma espécie de archivo, a recolher em livros, em documentos, em retratos, em tradições quasi desconhecidas hoje, os traços da original, delicada e a alguns respeitos ideal civilisação em que pôde florescer por tanto tempo a única monarchia da America”. (NABUCO, 1895, p. 6).

adivinha a direção e condições de sua evolução q. apenas se anuncia. Do que padecemos é de atraso moral, intelectual, político e material”. (Carta de Oliveira Lima a Joaquim Nabuco, 19/01/ 1897 citada em GOUVEA, 1971, p. 293-294). Na mesma carta, afirma que os Estados Unidos eram um belo exemplo a seguir em muitos pontos. Poucos meses depois da chegada a Washington, Lima já esboçava algumas observações sobre o país e declarava que tinha planos de, finda sua missão, organizar estas impressões em um volume que inclusive já tinha em preparação. Não termina sem antes afirmar que estava seguro de que o volume mereceria a aprovação de Nabuco que “conhece este meio e o aprecia em sua formosa inteligência”. (Carta de Oliveira Lima a Joaquim Nabuco, 19/01/ 1897 citada em GOUVEA, 1971, p. 293-294).

A atuação de Salvador de Mendonça durante a Revolta da Armada foi de suma importância e ele conseguiu imprimir sua visão durante as negociações com os Estados Unidos, contribuindo decididamente para a resolução do conflito. Recordando o episódio, Lima (1937, p. 145) diz que Mendonça foi “todo florianista” e que pela sua compreensão apurada da situação “foi no estrangeiro o melhor agente da legalidade”. O papel de Mendonça para a sobrevivência mesma do regime era claro para Oliveira Lima e no sentido obituário publicado quando faleceu o ex-chefe e intitulado provocativamente Ingratidão política¹⁰¹ perguntava “o que teria sido da ditadura do Marechal Floriano, o que teria sido da própria república se o Governo de Washington reconhecesse a beligerância dos revoltosos da armada, como esteve [a isso] disposto [...] a fazer? Reconhecia aí o papel de Mendonça e do governo norte-americano como decisivos para o final do conflito e a sobrevivência do regime. Republicano histórico, Mendonça foi uma influência fundamental para Oliveira Lima, especialmente na visão favorável que constrói sobre os Estados Unidos e que se intensifica na sua primeira estada no país.

O tempo servindo sob sua chefia é recordado por Lima como dos mais agradáveis de sua vida. (LIMA, 1937, p. 154). Considerava Mendonça um dos homens mais inteligentes que havia conhecido e elogiava seu “faro diplomático” e “encanto no trato pessoal”, qualidades que reputava determinantes para o prestígio que construiu na sociedade política americana, prestígio aliás, jamais igualado por nenhum

¹⁰¹ LIMA, O. Ingratidão política. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 3-3. 28 dez. 1913.

representante brasileiro¹⁰². Nesta escala elaborada por Lima, Nabuco viria em um honroso segundo lugar. (LIMA, 1937, p. 145). Um pequeno comentário sobre essa a primeira vista “opinião” de Lima. Primeiro, como se revela um dos traços “quixotescos” de sua personalidade para seguir a analogia de Gilberto Freyre, tratando sempre de exaltar figuras de valor que lhe pareciam injustamente esquecidas¹⁰³. Para Lima, os serviços prestados por Mendonça foram minguados ou simplesmente silenciados e ele ainda sofreu uma campanha de descrédito na imprensa brasileira por conta do Tratado Blaine – Mendonça. (LIMA, 1986, p. 150). E segundo, sua quase obsessão com a figura de Joaquim Nabuco, que passou de ser objeto de uma admiração fervorosa na juventude e amigo respeitado a alvo constante de críticas na maturidade¹⁰⁴. A comparação com o conterrâneo aparece com frequência, quase sempre desfavoravelmente para Nabuco.

¹⁰² Oliveira não chegava a concordar com os que diziam que um diplomata que dispusesse de um bom cozinheiro *fait la pluie et le bons temps*, mas acreditava que bons jantares auxiliavam na atividade diplomática. Os organizados pelo chefe em Washington preparados pela “ótima cozinheira suíça” que sempre “sabia como lisonjear o paladar dos americanos” eram lembrados com nostalgia, recordações de um tempo em que Washington e sua sociedade ainda não tinham “vulgarizado-se”. (LIMA, 1986, p. 162). Os jantares de Salvador de Mendonça realmente apareciam com frequência na imprensa norte-americana. Apenas no New York Times, foram mencionados três vezes em um mês (03/01/1897, 23/01/1897, e 04/02/1898).

¹⁰³ Afirmava que “todos os povos soem ser ingratos para com seus homens públicos: raras são as exceções.” (LIMA, 1937, p. 151). As Memórias são seu derradeiro esforço de correção dessas ingratidões, onde ele faz um claro esforço de esclarecimento sobre pessoas e fatos, querendo dar a sua exata medida. Uma interpretação possível é que se identificava com esses homens que sob o seu ponto de vista haviam sido injustiçados e por isso trata de deixar sua versão dos fatos e aproveitar para salvar algumas reputações. Sua função de memorialista parece ser um traço da sua personalidade porque muito antes de escrever suas Memórias já costumava dedicar artigos ao mesmo fim, o de elevar reputações ao seu “verdadeiro” patamar e corrigir injustiças. Alguns exemplos são o Barão de Penedo, Carlos de Laet, Barão de Jaceguay e o próprio Salvador de Mendonça.

¹⁰⁴ Na comparação entre Nabuco e Mendonça não deixava de mencionar os altos gastos de representação da gestão de Nabuco. Estes foram tão altos que chegaram a alarmar até o Barão do Rio Branco “cuja virtude não era certamente a economia”. Nabuco era dado a extravagâncias tais como a mesa que mandou fazer para um banquete e que tinha a forma do mapa das duas américas e causou sensação na época. Ainda assim, não superavam as “festas discretas e de apurado gosto” de Salvador de Mendonça na opinião de Lima (1937, p. 153).

Nascido em Itaboraí, no Rio de Janeiro em 1841, filho de uma família de proprietários rurais decadentes no Vale do Paraíba, foi levado a Corte ainda criança onde viveu até partir para São Paulo para estudar Direito. Finalmente formado Bacharel pela Universidade de São Paulo, onde foi colega de Campos Salles e Prudente de Moraes, voltou a Corte em 1869 e passou a colaborar no *Diário do Rio de Janeiro*, do qual Saldanha Marinho era diretor.

Mendonça formou parte do grupo de dissidentes liberais da Geração de 1870, classificados por Alonso (2002, p. 112–120) entre liberais republicanos e novos liberais. Ao contrário dos “novos liberais”, que vinham de famílias tradicionais do Império e se viam alijados do poder devido a supremacia dos conservadores, sem no entanto nunca romper diretamente com o regime, os “liberais republicanos” tinham um perfil social mais complexo, associado às profissões urbanas e ao comércio e quase desvinculados do mundo agrário. Eles não eram parte do núcleo de proprietários rurais e representavam as mudanças e a complexificação da estrutura social da Corte. Não é difícil entender porque este grupo tinha na sua pauta o foco na distribuição do poder político e nesse sentido, condenava o princípio dinástico e a vitaliciedade do Senado, defendia a descentralização e a mudança no sistema de representação. Uma república federal era sua grande bandeira.

Mendonça teve os primeiros contatos com o movimento republicano na época de estudante em São Paulo e na volta à Corte aproximou-se do grupo de liberais radicais, tornando-se um dos membros fundadores do Clube Republicano em dezembro de 1870, junto com Saldanha Marinho, Quintino Bocaiuva e Aristides Lobo. O *Manifesto do Clube*, redigido por Mendonça e Bocaiuva, foi publicado no mesmo mês no primeiro número do jornal *A República*, que tornou-se um veículo de divulgação das ideias do grupo. A ambiguidade marcou a atuação política deste grupo, que se por um lado extrapolou, com ações como a fundação do jornal, os limites do protesto político consentido pelo Império, não rompeu nunca definitivamente com o regime. Ao contrário, buscava negociar e não recusava cargos. (ALONSO, 2002).

Do seu lado, o Império também mantinha um duplo estandar para lidar com os opositores, usando de violência ou aliciamento. (ALONSO, 2002). Não deixa de ser interessante observar como a família Mendonça experimentou os dois lados deste tratamento. O irmão de Salvador, Lúcio de Mendonça, foi suspenso da Faculdade de Direito de São Paulo por participar de um protesto a favor da República em 1873. Já Salvador,

recebeu convite do Visconde do Rio Branco para ser Cônsul brasileiro em Baltimore, nos Estados Unidos.

1875 provou-se um ano decisivo na sua vida, com a publicação de *Marabá*, seu único romance, o falecimento da primeira esposa e a sua nomeação para Baltimore. Antes de aceitar a nomeação, Mendonça procurou os membros do primeiro Diretório Republicano para consultar sobre o convite recebido. Em consonância com a estratégia descrita por Alonso (2002), teve como resposta unânime que não tinha razões para decliná-lo, já que os cargos não eram de propriedade do Imperador e sim do Gabinete no poder e, portanto, os republicanos não deveriam ser excluídos. (PEREIRA, 2009, p. 48).

Cabe ainda um breve comentário sobre o referido romance *Marabá*, divulgado em folhetim no jornal *O Globo*, estabelecido por Quintino Bocaiuva, entre dezembro de 1874 e fevereiro de 1875, e depois publicado pela editora do jornal com prefácio de José de Alencar. *Marabá* ganha relevância porque apesar de ser uma obra essencialmente romântica e sem grandes méritos literários, funcionou como peça de propaganda mais eloquente que suas demais obras, pois continha os elementos básicos da plataforma dos republicanos liberais, como o elogio ao sistema federalista¹⁰⁵ e o entusiasmo pelos Estados Unidos. Sendo sua reivindicação fundamental um regime que anulasse os privilégios estamentais, ampliasse a representação política e abrisse espaço para a iniciativa individual, a realização de negócios e o alcance de postos que permitissem a participação política por parte de grupos marginados, fazia todo sentido que os republicanos brasileiros identificassem a república com a concretização do ideal norte-americano do *self-made man*. O *Manifesto de 1870* (BRASILIANSE DE ALMEIDA E MELO, 1878) era bem claro na sua insatisfação:

O privilégio, em todas as suas relações com a sociedade – tal é, em síntese, a fórmula social e política do nosso país, privilégio de religião, privilégio de raça, privilégio de sabedoria, privilégio de posição, isto é, todas as distinções arbitrárias e odiosas que criam no seio da sociedade

¹⁰⁵ Segundo o Manifesto Republicano: “O regime da federação baseado, portanto, na independência recíproca das províncias, elevando-se à categoria de estados próprios, unicamente ligados pelo vínculo da mesma nacionalidade e da solidariedade dos grandes interesses da representação e da defesa exterior, é aquele que adotamos no nosso programa, como sendo o único capaz de manter a comunhão da família brasileira”. (BRASILIANSE DE ALMEIDA E MELO, 1878).

civil e política a monstruosa superioridade de um sobre todos ou de alguns sobre muitos.

Em *Marabá*, Mendonça revela o seu americanismo através dos personagens fictícios. Um bom exemplo é a passagem onde se discutem as características nacionais que distinguem França, Inglaterra e Estados Unidos. Um deles opina que os franceses, apesar do esforço pela emancipação dos povos, não haviam emancipado a si próprios e que os ingleses mantinham uma aristocracia anacrônica ao mesmo tempo que sabiam conquistar e manter suas liberdades. “Já aos Estados Unidos: nenhuma liberdade lhe falta. Está de posse quanto é necessário para a expansão da sua atividade prodigiosa”. (MENDONÇA, 1875 citado por PEREIRA, 2009, p. 45–46). Elogia-se a instrução pública, que forma os cidadãos que melhor sabem sê-lo no mundo, respeitando as leis e as autoridades constituídas. Cidadãos que não tem escrúpulos em reformar ou substituir instituições “quando são ou se tornam más”. É pela boca do protagonista do romance, José Alves, que Mendonça então expressa a necessidade de mudanças no Brasil onde “leis e autoridades não podem ser piores”, finalizando com um inflamado: “mudem-se as instituições!” (MENDONÇA, 1875 citado por PEREIRA, 2009, p. 45–46).

Salvador de Mendonça não estava sozinho no seu franco americanismo. É lugar comum dizer que os republicanos brasileiros estavam influenciados diretamente por uma tríade: Comte, a França e os Estados Unidos. O Manifesto Republicano (BRASILIENSE DE ALMEIDA E MELO, 1878) era explícito: “Somos da América e queremos ser americanos”. O documento reflete a visão dos autores de que a forma de governo atual era “em sua essência e em sua prática, antinômica e hostil ao direito e aos interesses dos estados americanos”. Ser um Império entre repúblicas seria uma fonte perpétua da hostilidade com os vizinhos além de deixar o Brasil em uma incômoda posição. Na Europa visto como uma “democracia monárquica que não inspira simpatia nem provoca adesão” e na América como uma “democracia monarquizada”, esta condição fatalmente levaria o Brasil a ser um país isolado não apenas no seu próprio continente como no mundo. (BRASILIENSE DE ALMEIDA E MELO, 1878).

É fácil entender o fascínio dos republicanos brasileiros pelos Estados Unidos naquele momento. Este grupo via no país um modelo de organização republicana e federativa, que abria amplas possibilidades para seus cidadãos. E mesmo entre alguns monarquistas brasileiros havia simpatizantes, em muito influenciados pela leitura de Tocqueville e também pela visão positiva que de lá trouxe D. Pedro II em 1876.

Ao proclamar-se a República no Brasil, os Estados Unidos estavam na agenda do dia do debate nacional também por outro motivo. Estava sendo realizada em Washington a Primeira Conferência Internacional Americana, posteriormente consagrada assim como suas sucessoras como Conferências Pan-americanas. Convocada por James G. Blaine¹⁰⁶, o Secretário de Estado norte-americano, foi a primeira reunião de caráter continental desde o Congresso do Panamá convocado por Simón Bolívar em 1826. Um papel proeminente no continente americano estava nas bases do seu projeto para firmar-se como potência regional e mundial, definitivamente afastando os demais países da influência política e econômica da Europa. Os três temas a serem tratados na Conferência eram a adoção da arbitragem obrigatória para evitar a intromissão das potências europeias no continente, a instituição de uma união aduaneira que fortalecesse os mercados e afastasse a supremacia europeia e a adoção de uma moeda comum intercontinental.

Para o Brasil, era a primeira participação em um foro continental¹⁰⁷ e não havia grandes expectativas. A cobertura quase inexistente da imprensa nacional sobre o evento demonstra o pouco interesse, contrastando com a ampla cobertura realizada em outros países¹⁰⁸. Não foi encontrado nenhum texto de Oliveira Lima sobre o evento, possivelmente porque estava totalmente dedicado ao trabalho pelo reconhecimento da República em Portugal, conforme mencionado no

¹⁰⁶ O 50º congresso dos Estados Unidos aprovou a convocação da Conferência em 24 de maio de 1888 por iniciativa de Blaine quando era Secretário de Estado do governo Garfield. (Conferencia internacional americana: dictámenes de las comisiones permanentes y debates a que dieron lugar, 1890). Por conta do assassinato de Garfield acabou não se realizando. Em 1882 o plano foi novamente adiado por conta da Guerra do Pacífico que envolvia Chile, Peru e Bolívia. Finalmente, com a eleição de Benjamin Harrison (1889-1892), Blaine volta ao poder e consegue concretizar seu projeto.

¹⁰⁷ O Brasil não participou do Congresso do Panamá (1826) convocado por Simón Bolívar nem das atividades que lhe sucederam no Congresso de Tacubaya (1828). Para uma análise das razões da ausência do Brasil ver ALEIXO, 2000.

¹⁰⁸ Um dos poucos artigos publicados no Brasil anunciando a realização da Conferência apareceu no republicano *O Paiz*. Antonio Werneck menciona a Conferência que convocava toda a “America republicana, federal e livre”. **O Paiz**. Rio de Janeiro, p. 2-2. 14 jun. 1888. Era natural que a notícia aparecesse na folha produzida e lida pelos membros da Geração de 1870. O periódico representava as visões de mundo e apresentava as bandeiras dos liberais republicanos e tinha Quintino Bocaiuva como redator –chefe. (PESSANHA, 2006).

capítulo anterior. Nos Estados Unidos, naturalmente, se divulgavam detalhes da Conferência e se discutiam especialmente os debates entre democratas e republicanos sobre temas da pauta, com destaque para o protecionismo e medidas de liberalização comercial. Na Europa, o tom era de ciúmes e crítica, especialmente a possível união aduaneira que deixaria os países americanos subordinados a economia norte-americana.

O que começou com uma participação quase que protocolar mudou totalmente com a Proclamação da República, que se deu no meio da realização dos trabalhos da Conferência¹⁰⁹. Formavam parte da delegação brasileira Lafayette Rodrigues Pereira, J. G. do Amaral Valente e Salvador de Mendonça. Após o anúncio da mudança de regime, a delegação ficou reduzida porque Lafayette Rodrigues renunciou ao posto¹¹⁰ alegando suas convicções monárquicas e chegou-se a especular sobre a permanência do Brasil no evento. O ambiente de insegurança inclusive deu lugar a um mal entendido divertido. Em determinada sessão estavam ausentes os três delegados brasileiros, causando apreensão, mas afinal apurou-se que Salvador de Mendonça, que seguia acumulando as funções de Cônsul em Baltimore, precisou tratar de algum assunto e não compareceu. O outro delegado estava doente e o terceiro, vendo que teria que acudir sozinho a sessão, como não falava inglês achou melhor nem aparecer.¹¹¹ O Governo Provisório autorizou a delegação a permanecer no evento e os trabalhos seguiram normalmente com apenas dois delegados até o final da Conferência.

¹⁰⁹ Para uma análise mais detalhada sobre a participação brasileira nas Conferências Pan-americanas ver (DULCI, 2013).

¹¹⁰ Lafayette Pereira não aceitou a prorrogação dos seus poderes como delegado outorgada pelo Governo Provisório e logo comunicou sua decisão de abandonar a conferência a James G. Blaine, segundo informações de *O Estado de São Paulo* de 23 e 30 de novembro de 1889. Nos Anais da Conferência consta a saída do delegado brasileiro. (Minutes of the International American Conference, 1890, p. 882). Sua atitude foi criticada no republicano *O Paiz*. ERASMO. Chronica Política. **O Paiz**. Rio de Janeiro. 27 out., 1890.

¹¹¹ O correspondente *do Jornal do Commercio* (em telegrama de Nova York assinado de 21 de novembro) explica as dificuldades de comunicação com o Brasil e como eram precárias as informações que estavam recebendo sobre a Proclamação. Afirma ainda que nos Estados Unidos se recebeu a notícia da queda do Império com certa apreensão devido a informação de que havia uma revolução no Rio, mas também que havia simpatia já que teriam o mesmo regime. Na mesma carta menciona o incidente da ausência dos três delegados e dos rumores sobre a permanência do Brasil na Conferência. Correspondencia. Exterior. **Jornal do Commercio**. Rio de Janeiro, p. 3-3. 29 dez. 1889.

A atuação de Salvador de Mendonça foi pautada sempre no seu desejo de aproximação com os Estados Unidos, estimulado ainda mais depois da Proclamação, que removeu o obstáculo da forma de governo distinta. O longo período que permaneceu nos Estados Unidos contribuiu muito para a aproximação dos dois países. (HIRST, 2013). Trabalhou incansavelmente pelo reconhecimento da República, esperando que se o primeiro país a fazê-lo fossem os Estados Unidos, seria uma prova de confiança logo imitada pelos demais países. Suas gestões obtiveram sucesso e o primeiro reconhecimento formal da República brasileira partiu do governo de Washington em 29 de janeiro de 1890. (BUENO, 1995).

Salvador de Mendonça, antes mesmo do início da Conferência, já havia enviado um relatório ao governo brasileiro defendendo os benefícios de se fortalecerem os laços comerciais com os Estados Unidos e minimizar a dependência da Europa. (PEREIRA, 2009, p. 80). Como consequência direta do seu trabalho pela aproximação foi firmado o já mencionado tratado Blaine-Mendonça¹¹² logo após o término da Conferência. O significado do tratado transcende os aspectos meramente comerciais e econômicos, transformando-se em um marco político. Como primeiro compromisso internacional assumido pela República brasileira, simultaneamente marca o fim da política externa imperial e inaugura uma nova fase das relações entre Brasil e Estados Unidos nos moldes em que imaginava Mendonça. As consequências não foram apenas para o relacionamento bilateral porque as diplomacias do continente, especialmente da Argentina e do Chile viram a manobra com desconfiança¹¹³. No plano interno, houve muitas críticas ao tratado e acirramento das divergências entre republicanos. Rui Barbosa inclusive deixa o cargo de ministro da Fazenda por não concordar com os termos em que ficou definido o acordo.

Por tudo isso, Oliveira Lima (1937, p. 144) considerava que Mendonça, ao lado de Nabuco e Rio Branco, compunha a tríade que contribuiu particularmente para as boas relações com os Estados Unidos. Como já mencionei, Lima fazia questão de resgatar o que considerava um trabalho fundamental do seu ex-chefe para as boas relações com os norteamericanos, que foi em muito eclipsada pela atuação posterior de Joaquim

¹¹² Assinado em 31 de janeiro de 1891 e proclamado pelos dois países em 5 de fevereiro, o Tratado dura até 1894 quando foi denunciado pelo governo brasileiro e teve seus efeitos suspensos.

¹¹³ Sobre a reação Argentina à Primeira Conferência Pan-americana e as relações entre Brasil e Estados Unidos no período ver BULCOURF, 1999.

Nabuco, e continuamente tratada por boa parte da literatura como obra exclusiva do Barão do Rio Branco. É também importante notar que Oliveira Lima, ainda que dê peso ao papel desta tríade, credita a outra o início da aproximação com os Estados Unidos. Para ele a verdade é que tais relações datam de Dom João VI, que foi o fundador de um império americano, de Dom Pedro I que declarou que este Império era parte do sistema americano, finalizando com Dom Pedro II, o “instrumento mais eficiente” que tiveram estas relações. Ele também cita como fundamental o trabalho de importantes diplomatas do Império como artífices desse relacionamento, destacando o barão de Penedo, Araguaia, Carvalho Borges e o barão de Itajubá. (LIMA, 1937, p. 149).

Este pequeno panorama das ideias e da atuação prática de Salvador de Mendonça anteriores a chegada de Oliveira Lima ajudam a entender a admiração despertada pelo chefe no seu secretário. A convivência com Mendonça seguramente atuou como um incentivo já seja para a manutenção deste entusiasmo como por uma crescente admiração pelo país onde viviam, Sua já antiga simpatia pelo “gênio inglês” era estendida aos seus descendentes na América, que acreditava serem os melhores representantes desta raça, porque melhorados pelo “espírito *yankee*” e pela herança protestante.

Figura 7 - Oliveira Lima e Salvador de Mendonça em Washington (1898)



Fonte: Original na *Oliveira Lima Library*

3.2 IMPRESÕES DOS ESTADOS UNIDOS (1896-1900)

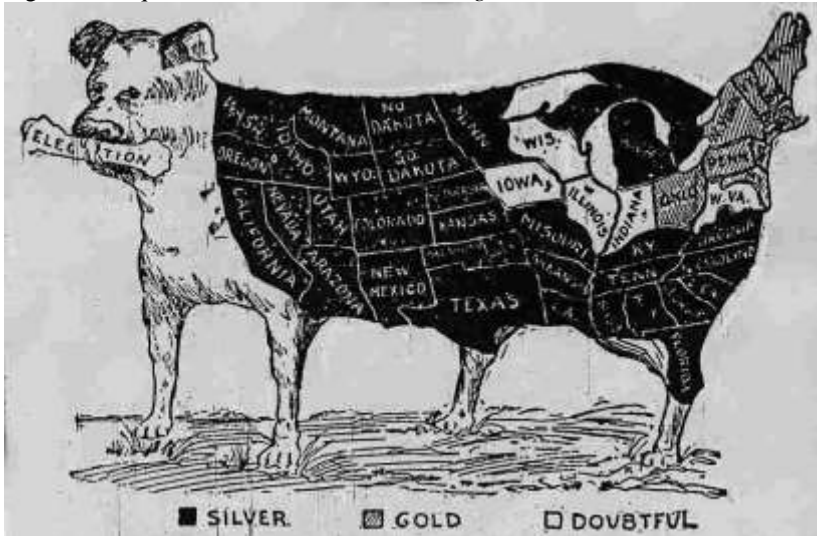
Os Estados Unidos da última metade da década de 1890 estavam passando por importantes mudanças econômicas, políticas e sociais e constituíam um lugar privilegiado para observação da transformação de uma ex-colônia em uma potência mundial. O país que Oliveira Lima encontrou estava vivendo ainda os efeitos da crise que marcaria esta década. O chamado Pânico de 1893 deu passo a maior depressão econômica já vivida pelos Estados Unidos até então e iniciou quando a *Philadelphia and Reading Railroad* não conseguiu pagar os empréstimos contraídos em bancos ingleses e declarou falência, no que foi seguida pela *National Cordage Company*. A queda destas duas empresas foi o estopim para o colapso do mercado nacional de ações, acompanhado pela contração do crédito e gerando um efeito cascata de fechamento de outras companhias ferroviárias e empresas de diversos ramos, quebra de bancos, queda nos preços da agricultura e demissões massivas. Segundo Brinkley (1993, p. 527), os efeitos devastadores da crise econômica geraram níveis de desemprego que podem ser comparados aos que o país enfrentaria na Grande Depressão dos anos 30. Com a economia em frangalhos, a reação da sociedade não se fez esperar, culminando com a série de greves de 1894, acompanhadas de revoltas, protestos e violência nas ruas.

Foi em meio a este clima de tensão social que o Democrata Grover Cleveland assumiu pela segunda vez¹¹⁴ a presidência ao mesmo tempo em que a economia colapsava em março de 1893. A crise foi sem precedentes na sua extensão e persistência, pois apesar de alguns sinais de recuperação econômica em 1895, não foi até 1898 que a prosperidade voltou a reinar na economia nacional. Como observa Brinkley (1993) o Pânico de 1893 serviu para demonstrar ao menos duas coisas. Por um lado, o alto grau de interconexão da economia norte-americana e, por outro, o enorme poder das empresas ferroviárias, que haviam se convertido nas corporações mais importantes do país. As implicações deste estado de coisas não passariam despercebidas por Oliveira Lima, que destacou nas suas impressões o papel crescente destas empresas não apenas na economia, como na política do país. Outro desdobramento da crise observado por Lima foi o debate sobre o sistema monetário nacional, um tema que dominou a campanha presidencial de 1896. Muitos conservadores, incluindo o próprio Cleveland, achavam que a fonte da crise estava na instabilidade da moeda, o que desencadeou um debate apaixonado, como poucas vezes se viu no país, entre os defensores do

¹¹⁴ A primeira foi no período 1885-1889.

padrão ouro e os que apoiavam a livre cunhagem de prata. O tema foi um prato cheio para a imprensa, produzindo charges interessantes como a da figura a seguir.

Figura 8 - A questão monetária: *The Silver Dog with the Golden Tail*



Fonte: Boston, *Boston Globe*. 13 set. 1896.

Este foi o cenário que antecedeu uma das eleições mais acaloradas da história dos Estados Unidos, as eleições de 1896, o tema que dominou as primeiras observações de Oliveira Lima na imprensa brasileira e que viriam a conformar a obra *Nos Estados Unidos. Impressões Políticas e sociais*¹¹⁵. O nome do livro pode levar ao engano, porém. Apesar de ser obra baseada na sua experiência nos Estados Unidos, havia uma clara preocupação com fornecer explicações detalhadas, dados precisos, fornecendo uma narrativa sobre o país que vai um pouco além das meras impressões de viagem. É notável a ampla bibliografia que cita na obra,

¹¹⁵ É bem provável que Oliveira Lima já tivesse o projeto de transformar seus artigos em livro no futuro, como havia planejado fazer com sua correspondência da Inglaterra anos antes. É possível supor isso porque ele afirma ter começado a coordenar o livro “ouvindo os ecos das últimas aclamações ao triunfo de McKinley”, que seu deu em novembro de 1896. (LIMA, 1899a, p. 3). Desta vez, porém, conseguiu concretizar a obra, que foi finalizada ainda durante seu período nos Estados Unidos e publicada em 1899 em Leipzig.

largamente baseada em autores americanos, e também é importante notar o quanto esta é atualizada, demonstrando que estava em dia com as publicações locais.

Lima era bem versado na tradição dos grandes viajantes¹¹⁶, dos quais era leitor e colecionador. Para ele, nas obras dos estrangeiros sobre o Brasil se encontravam “não só elementos valiosos de observação, dados preciosos de natureza *physica* e até *psychologica*”. Entendia que o viajante era uma voz autorizada e às vezes até superior à dos nativos pela sua imparcialidade, já que suas simpatias pelo país e seu povo não eram “dictadas por uma ambição exxagerada de mando nem pela característica cobiça actual da nossa epocha, e sim pelo nobre interesse intellectual e pelo generoso instincto da solidariedade humana.” (LIMA, 1902). Daí vem o uso recorrente deste tipo de literatura como fonte nas suas próprias obras. Era natural, portanto, que ele também quisesse deixar sua marca como um cronista moderno, registrando suas andanças pelo mundo e ganhando *status* como intelectual. É importante ter em mente que, apesar de já estar no limiar do século XX, as comunicações e o transporte entre Brasil e Estados Unidos ainda eram precários. Basta lembrar que em 1896 não existiam linhas regulares de transporte entre os países, o que tornava a viagem um empreendimento complicado e bastante dispendioso e as comunicações lentas e pouco confiáveis. A distância física afetava também o intercambio intelectual. Basta lembrar o relato de José Veríssimo sobre uma sessão da Academia Brasileira de Letras¹¹⁷, na qual nenhum dos presentes havia sido capaz de nomear mais de dois escritores norte-americanos vivos. (VERÍSSIMO, 2003a, p. 71). Estes elementos faziam o relato em primeira pessoa de Oliveira Lima um material ainda

¹¹⁶ Lima sempre teve a preocupação com o registro da recepção de suas obras. Dedicou um dos seus Scrapbooks, o de número 6, apenas ao livro *Nos Estados Unidos*. No álbum de couro de capa avermelhada guardou cartas de pessoas agradecendo o envio do livro e felicitando pela obra, além de artigos, notas e resenhas publicadas em diversos jornais e revistas brasileiros e estrangeiros. Na contracapa do álbum a dedicatória: “a minha querida Flora offereço este complemento do volume 'Nos Estados Unidos', que lhe foi dedicado, no 8o. aniversario do nosso casamento”, assinada do Hotel Richmond, em Washington, 28 de novembro 1899.

¹¹⁷ Verissimo não cita a data exata da reunião mas em 1900 foram aceitos os primeiros membros dos Estados Unidos. Como primeiro ocupante da cadeira 8 foi eleito John Fiske, provavelmente por indicação e através da mediação de Oliveira Lima. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/socios-correspondentes>>.

mais interessante para seus leitores brasileiros, ansiosos por notícias da Grande República do Norte.

Nesta primeira temporada nos Estados Unidos, Lima colabora em dois meios importantes, que ajudam a consolidar sua presença na imprensa e no meio intelectual brasileiros, a *Revista Brasileira* e o *Jornal do Commercio*. Malatian (2008) tem razão quando observa que sua mudança para Washington, e mais tarde a designação para Londres, representou um momento de inflexão nos seus interesses intelectuais, que se deslocam paulatinamente da história regional e da crítica literária. Nas suas contribuições para os dois meios se percebe a preocupação em descrever diferentes aspectos do país - política, economia, sociedade - mas também a análise das grandes questões internacionais do momento, especialmente a Guerra Hispano-Americana, a revitalização da Doutrina Monroe e o nascente imperialismo norte-americano. O diplomata vai aos poucos convertendo-se em uma voz autorizada não apenas sobre temas históricos e literários, mas em um especialista em política internacional contemporânea.

Para a *Revista Brasileira*, dirigida por José Veríssimo e em torno da qual se organizou a Academia Brasileira de Letras¹¹⁸, enviou vários artigos que seriam aproveitados como base para o livro. Entre 1896 e 1897 publicou a primeira série de oito textos, que recebeu o nome de *Primeiras Impressões dos Estados Unidos* (LIMA, 1896c, 1896d, 1896e, 1896f, 1896g, 1896h, 1896i). São textos em geral curtos que se caracterizam pelo tom impressionista e pessoal, mas que serviram de base para capítulos do livro. Em 1897 aparecem mais dois artigos utilizados quase na íntegra em dois capítulos que levariam o mesmo nome, *O catholicismo nos Estados Unidos* (LIMA, 1897a) e a *Sociedade nos Estados Unidos* (LIMA, 1897b). No ano seguinte são publicados *Do Prata ao Niagara* e *O destino dos Estados Unidos*. E finalmente, em 1899 aparece o texto mais longo, de quase 30 páginas em comparação as usuais 5, *Escretores Americanos (Mark Twain – John Fiske)* (LIMA, 1899b),

¹¹⁸ A Revista teve oito fases desde 1849 até os dias atuais, segundo a ABL. De 1895-1899, na chamada “fase José Veríssimo”, publicou 19 tomos com 93 fascículos. José Veríssimo se esforçou “em desvincular o periódico da Academia Brasileira de Letras, embora seja notório o fato de que, primeiro, ela tenha servido de embrião da própria instituição a que se filiava e, segundo, seus colaboradores eram, em sua maioria, acadêmicos consagrados”. (SILVA, 2007, p. 112). É interessante observar que a colaboração de Oliveira Lima coincide com a gestão de Veríssimo e cessa em 1900.

que seria ampliado, incorporando outros escritores, e transformado em um capítulo do livro.

Já no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, de propriedade de José Carlos Rodrigues¹¹⁹, colaborou com artigos semanais de agosto de 1896 a agosto de 1898. A colaboração havia sido acertada com Rodrigues antes mesmo da sua chegada aos Estados Unidos, e este aceitou a condição imposta por Lima de aguardar um pouco para começar o envio da correspondência porque precisava de um tempo para ambientar-se, poder pesquisar e compreender melhor o país. O diretor do jornal também comprometeu-se a manter estrita reserva sobre sua identidade, como convinha a sua condição de funcionário diplomático. (GOUVÊA, 1976, p. 277). De fato, a autoria dos textos é ora atribuída apenas a “nosso correspondente”, ora assinada com o pseudônimo K., e às vezes não há nenhuma indicação de autoria. Revelar sua identidade como autor dos artigos deixou de ser um problema mais tarde, porque na introdução de *Nos Estados Unidos* Lima faz referência a estes textos e aos da *Revista Brasileira* como sendo a base do livro. O veículo é diferente, assim como as características dos textos. Aqui ele atua como correspondente de jornal, cobrindo os temas mais relevantes da política dos Estados Unidos, especialmente as que se referem as eleições presidenciais em 1896 e posterior vitória de William McKinley. Logo o grande tema passou a ser a Guerra Hispano-Americana e suas consequências para os Estados Unidos e para o mundo, dando muita atenção à embrionária política colonial deste país. Assim, a independência de Cuba, as anexações de Porto Rico, Filipinas e Hawaii estiveram na pauta frequentemente.

¹¹⁹ O processo de independência cubano e a guerra que se seguiu eram seguidos com atenção no Brasil e tinham lugar de destaque na imprensa nacional. O *Jornal do Commercio* já vinha dando notícias sobre o assunto desde fevereiro de 1895 através dos telegramas distribuídos pelas agências internacionais de notícias. Estes eram notas telegráficas concisas e muitas vezes imprecisas. (SAIANI, 2013). Faz todo o sentido que José Carlos Rodrigues quisesse manter um correspondente nos Estados Unidos naquele momento, especialmente por sua proximidade aos círculos republicanos brasileiros e por sua relação com os Estados Unidos. Ele comprou o *Jornal do Commercio* em 1890 justamente quando voltou de uma longa estadia no país. Lá publicou em Nova York de 1870 a 1879 o *Novo Mundo*, que era um periódico peculiar por não estar dirigido a comunidade brasileira nos Estados Unidos, como a maioria dos periódicos editados em língua estrangeira no país. O seu objetivo era interpretar os Estados Unidos para o público brasileiro e latino-americano em geral. Para mais informações sobre O Novo Mundo ver BOEHRER, 1967.

Há duas claras preocupações no livro: descrever os Estados Unidos para os brasileiros e através da comparação, mostrar o que o Brasil podia aproveitar do seu exemplo. Não é exagero dizer que ao escrever sobre os Estados Unidos, Oliveira Lima estava, na verdade, pensando no Brasil. Ele mesmo afirmava estar olhando o país “com olhos de brasileiro, a saber, constantemente buscando o que de aproveitável para nós poderia, a meu ver, resultar do exame e da confrontação”. (LIMA, 1899, p.16-17). Confessava, porém, a “impressão de melancholia” resultante deste expediente ao constatar o “muito que os Estados Unidos teem alcançado, e pelo pouco que nós temos relativamente feito”. (LIMA, 1899, p.16-17).

A primeira experiência fora da Europa lhe deu uma nova perspectiva sobre o Brasil, permitindo a comparação com outro país do Novo Mundo, outra ex-colônia, o que despertou sua curiosidade e o instigou a analisar as diferenças no desenvolvimento dos dois países. Lima explica que uma vez na América do Norte, apoderou-se dele uma forte impressão do atraso brasileiro, que jamais havia experimentado na Europa e que logo “converteu-se quasi n'uma obsessão”. Era como se ao mudar o objeto da comparação, o Brasil se lhe figurasse muito pior. Desde a Europa, que considerava “um antiquíssimo campo de experiências e de progressos”, o atraso brasileiro não era tão evidente, era como um dado. Mas, observando o seu país natal a partir de uma civilização tão moderna quanto ele, a comparação se impunha irresistivelmente, “em nosso grave desabono, com o seu cortejo de considerações psicologicas e sociológicas”. (LIMA, 1899, p.16-17).

De fato, em diversas passagens do texto, a comparação entre os países deixa o Brasil em absoluta desvantagem. Por exemplo, ao comentar a declaração de Paul Bourget, segundo a qual são os Estados Unidos uma sociedade que está sendo modelada pela democracia e pela Ciência, Oliveira Lima é taxativo: “outro tanto infelizmente não pode dizer-se do Brasil”. (OLIVEIRA LIMA, 1899, p. 2). E vai além, afirmando sobre a democracia no Brasil que é “injusto assim denominar o falso sentimento de igualdade que prevalece entre nós, que é mais o desrespeito proposital por todas as superioridades na virtude, no talento ou no caráter, encarnando-se umas vezes na chacota, outras vezes no jacobinismo”. (OLIVEIRA LIMA, 1899, p. 2). Para explicar este estado de coisas enumerava algumas razões, entre elas a de que “seis sétimos do nosso povo são ainda analfabetos, e são de pasmar a ignorância e o atrazo de idéas freqüentes nas classes consideradas educadas”. (OLIVEIRA LIMA, 1899, p. 2).

Como precisamente descreve Malatian (2008), a análise da obra demonstra que Oliveira Lima estava seduzido pelo discurso imperialista norte-americano. Ele aceita a teoria do excepcionalismo dos Estados Unidos e acata a ideia do Destino Manifesto. Sua interpretação da Doutrina Monroe neste momento estava fortemente influenciada por sua visão evolucionista da história e, neste sentido, vê a posição de preponderância que o país vai adquirindo como decorrência natural do seu progresso material e moral. Sua concepção de história baseada em pressupostos evolutivos também fica evidente na sua aceitação do pressuposto da superioridade do mundo anglo-saxão em relação ao mundo ibérico, tomando como uma verdade absoluta e natural a divisão do mundo entre potências dominantes e regiões dominadas. A dominação era, portanto, necessária para que os países atrasados pudessem alcançar algum progresso a partir do contato com o outro mais avançado. Além disso, sua defesa do monroísmo encontra respaldo na interpretação daquele que lhe parece o propósito mais fiel ao anunciado em 1823, que consiste na defesa da América contra possíveis tentativas de ingerência europeia. De acordo com ele:

Uma nação de tão poderosos recursos e cujo papel tem sido tão conspícuo no progresso moral da sociedade humana, certamente ha de predominar, senão materialmente, pelo menos espiritualmente, em todo caso politicamente, sobre nações cujo papel é menos de secundário. (OLIVEIRA LIMA, 1899, p. 375-376).

A questão da raça permeia todo o livro, que analisa ainda outros temas como gênero, religião, educação, política externa, política doméstica, instituições, literatura, política colonial, entre outros. O diplomata reconhecia que se movia em terreno pantanoso ao eleger os Estados Unidos como comparação:

No Brazil falla-se ou muito bem ou muito mal dos Estados Unidos. Apontam n'os os seus admiradores como o único modelo a seguir sem discrepâncias, o melhor figurino a copiar nos mais ligeiros pormenores, sem cogitarem da diferença dos meios, das respectivas tradições nacionaes e dos costumes de cada povo. Os seus detractores culpam n'os de todos os crimes, desde a ambição devoradora de terras e de nacionalidades, até á corrupção política e social mais desbragada. (OLIVEIRA LIMA, 1899, p.1).

Sua intenção declarada era escapar deste maniqueísmo e tentar construir um caminho intermediário, longe de “radicalismos”. No entanto, termina afirmando que “a parte os exageros do fanatismo, a verdade está incomparavelmente mais com os primeiros”. (OLIVEIRA LIMA, 1899, p. 1). O tom geral da obra é claramente simpático aos Estados Unidos, demonstrando um autor claramente impressionado com todo o processo de modernização e progresso que testemunhava. A obra é neste sentido fundamental para entender o percurso que Lima percorreu para desenvolver suas visões e opiniões sobre os Estados Unidos. O livro raramente consta das análises sobre os Estados Unidos na obra de Oliveira Lima e o resultado disso é uma leitura quase unânime que lhe atribui a pecha de anti-americano. Esta leitura é no mínimo apressada, pois deixa de considerar os escritos desta fase de residência nos Estados Unidos, que são a base de uma opinião positiva sobre o país, que lhe acompanhariam ao longo da vida. Mesmo quando foi crítico de alguma política ou ação específica do governo dos Estados Unidos, ele nunca demonstrou antipatia ou rechaço ao país e muito menos ao seus nacionais.

Nos Estados Unidos é importante para o estudo da obra de Oliveira Lima e também é um marco importante na literatura sobre os Estados Unidos produzida no Brasil, ou melhor, *para* o Brasil pelo seu pioneirismo. A obra tem ainda o mérito de ter dado início aos exercícios comparativos da longa série de reflexões críticas que os intelectuais brasileiros do século XX efetuariam sobre as causas do baixo desenvolvimento nacional confrontado com a pujança dos EUA. Esta corrente bastante prolífica seria continuada por figuras como Monteiro Lobato e Vianna Moog. (ALMEIDA, 2009). Dentro da produção intelectual de Oliveira Lima representa o primeiro passo de uma reflexão que seria constante na sua carreira, sendo, por isso, fundamental e incontornável para quem esteja interessado em entender o papel dos Estados Unidos no seu pensamento político.

Na opinião de Paulo Roberto de Almeida (2009) *Nos Estados Unidos* habilitaria Oliveira Lima a ser legitimamente considerado como o primeiro, ou mesmo como “o *founding father* dos americanistas brasileiros”, se não fosse pela precedência histórica da obra de Hipólito José da Costa. Considerado o “pai da imprensa brasileira” por ter fundado o *Correio Braziliense*¹²⁰, Hipólito José da Costa deixou registro de uma

¹²⁰ O *Correio Braziliense* ou *Armazém Literário* era editado em Londres, ode foi fundado quando Hipólito lá se encontrava fugindo da Inquisição portuguesa. Seu primeiro número foi lançado em 1 de junho de 1808 e circulou todos os meses

passagem pelos Estados Unidos cem anos antes. O jovem nascido na Colônia de Sacramento atuava como agente de uma missão oficial que se inseria em um projeto mais amplo da Coroa portuguesa nas últimas décadas do século XVIII. Com o intuito de dar subsídios para a modernização da economia colonial, a missão consistia em investigar inovações e adquirir conhecimentos úteis à diversificação da agricultura no Brasil¹²¹(BUVALOVAS, 2007).

Sua permanência nos Estados Unidos foi de quase dois anos (de dezembro de 1798 até fins de 1800) e ficou eternizada no *Diário da minha Viagem para Filadélfia*. Como bem salienta Almeida (2009) esta não era uma “obra de especialista” como a de Oliveira Lima, já que consistia no relato das experiências e observações do jovem Hipólito. É fora de dúvida que esta foi a primeira obra sobre os Estados Unidos escrita do ponto de vista de um observador do Brasil. Para Almeida (2008), justamente por não pretender, primariamente, à divulgação, as anotações e observações de Hipólito adquirem um caráter de ensaio sociológico *avant la lettre*. Assim, o *Diário* possuiria todos os requisitos literários para figurar como obra fundadora do americanismo brasileiro, e quiçá universal.

No entanto, justamente pelo conteúdo das duas obras não parece que o critério meramente cronológico possa ser suficiente para tirar de *Nos Estados Unidos* o status de estudo pioneiro sobre os Estados Unidos no Brasil. Neste caso a intenção do autor cobra um papel relevante para atribuição do valor da obra. Ainda que anterior, o *Diário* é uma obra de alcance muito menor e não realizada com o intuito de publicação e divulgação para um público mais amplo. Seu único objetivo era o fornecimento de informações técnicas solicitadas pela Coroa¹²². De fato, os manuscritos foram enviados diretamente às autoridades portuguesas e permaneceram inéditos até 1955, quando publicados pela Academia Brasileira de Letras. Em Portugal, a sua primeira edição saiu pelo Instituto

até dezembro de 1822. O periódico inaugurou a imprensa política em língua portuguesa e converteu Hipólito da Costa no primeiro jornalista brasileiro. (BUVALOVAS, 2007).

¹²¹ Outro objetivo da missão era obter e enviar clandestinamente do México exemplares da planta e do inseto da cochonilha para serem aclimatados no Brasil. Por questões burocráticas e financeiras Hipólito da Costa nunca chegou ao México, deixando de cumprir o segundo objetivo inicial. (BUVALOVAS, 2007).

¹²² Nos Estados Unidos, os objetos de seu interesse eram espécies agrícolas cultivadas pelos norte-americanos, seu aproveitamento, técnicas de aclimação e métodos de cultivo. (BUVALOVAS, 2007).

de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa apenas em 2007¹²³. Assim, pode-se afirmar que *Nos Estados Unidos* foi o primeiro livro escrito por um brasileiro para o público brasileiro com o intuito de apresentar este país e com uma perspectiva eminentemente nacional.

Este “olhar brasileiro” de Lima ajudou a boa acolhida no Brasil¹²⁴ e fez José Veríssimo (2003b, p. 144) classificar *Nos Estados Unidos* como “o melhor manual existente em português para conhecermos os Estados Unidos”. Isto não significa que o crítico estivesse de acordo com todas as posições defendidas pelo autor e embora o reconhecesse como “observador inteligente e de boa fé”, incapaz de “esconder que no sol há manchas”, detectava um otimismo excessivo. Sugestivamente intitulada *O país extraordinário*, a crítica de José Veríssimo deixa antever certa inquietação sobre o excesso de simpatia do diplomata brasileiro pelo país. Veríssimo (2003b, p. 144) recorre ao termo “deslumbramento” para descrever o impacto inicial dos Estados Unidos sobre Lima, seguido de uma “viva e forte admiração, mesmo o entusiasmo”. Veríssimo observa que as “manchas” apontadas por Lima nunca lhe parecem tão grandes e lhe parecem fáceis de ser desfeitas e apagadas. Ainda que elogie o esforço de compreensão realizado por Oliveira Lima, Veríssimo afirma que sua “empolgação” com o país “tirou-lhe, raras vezes, é certo, a liberdade espiritual no ajuizar dos próprios fatos americanos e de alguns dos nossos”. (VERÍSSIMO, 2003b, p. 147).

Verissimo (2003b, p. 143) afirma que suas próprias leituras anteriores sobre os Estados Unidos lhe haviam deixado a impressão de que o país era mesmo “alguma coisa extraordinária, jamais vista, única original, nova”, e essa impressão foi corroborada por *Nos Estados*

¹²³ *O Diário da minha Viagem para Filadélfia e O Copiador e Registro das Cartas de Offício*, enviados dos Estados Unidos para as autoridades portuguesas em Lisboa e na Ilha da Madeira foram publicados pela Academia Brasileira de Letras em 1955. Houve uma reedição do Conselho Editorial do Senado Federal, publicada em 2004, com fidelidade à edição original. *A Memória sobre a viagem aos Estados-Unidos*, que Hipólito da Costa apresentou a D. Rodrigo, datada de 24 de janeiro de 1801, traz informações complementares e foi publicada pela Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (vol. XXI, 1858, pp. 351-365). (BUVALOVAS, 2007).

¹²⁴ No seu Scrapbook 6 (OLL), Oliveira Lima guardou notas sobre a publicação do livro publicadas nos seguintes periódicos brasileiros: *Jornal Pequeno* (Recife), *Commercio de Pernambuco*, *Tribuna* (Rio de Janeiro), *Jornal do Recife*, *A Imprensa* (Rio de Janeiro), *O Paiz*, *A Provincia* (Recife), *Gazeta de Noticias*, *A Concentração* (Recife).

Unidos. Entendia que a visão desta nação “extraordinária e maravilhosa” por um brasileiro, filho de um povo sem o mesmo vigor e energia, certamente dificultava um julgamento isento. Sendo assim, escusava de certa forma o entusiasmo do compatriota, que às vezes incorria em “excesso de otimismo e de benevolência” na sua análise. Refletia que “como os homens extraordinários, também os países extraordinários precisam talvez de indulgências extraordinárias no modo por que os havemos de julgar”. (VERÍSSIMO, 2003b, p. 143).

O diretor da *Revista Brasileira* assinala ainda que Oliveira Lima mergulhou tanto no ponto de vista americano para entender a “questão do negro” que aceitava como naturais os termos em que estes a entendem e parecia nem repugnar-se com os casos de linchamento que acompanhou. Veríssimo adverte que notava esta postura não para censurá-lo, mas como como uma prova do grau em que “se compenetrou ele dos Estados Unidos”. Afinal, ele mesmo estava convencido, como Lima, de que “a civilização ocidental só pode ser obra da raça branca, e que nenhuma grande civilização se poderá levantar com povos mestiços.” E, também como Lima, acreditava que o desenvolvimento dos Estados Unidos não era obra senão da “pureza étnica”. (VERÍSSIMO, 2003b, p. 147).

O que se pode perceber da crítica de Veríssimo é que apesar de salientar o “excesso de otimismo e de benevolência” do futuro colega de Academia, Veríssimo está de acordo com grande parte das afirmações que davam origem a essa admiração. Ele fecha o texto com um tom também marcado pela empolgação, dizendo que os Estados Unidos eram um país “decididamente extraordinário, maravilhoso, monstruoso mesmo”, cheio de contrastes mas certamente o campo da mais “bela” e “bem-sucedida experiência que a humanidade tem feito nos últimos séculos”. (VERÍSSIMO, 2003b, p. 151).

José Veríssimo não foi o único a se ocupar de *Nos Estados Unidos* nas páginas do *Jornal do Commercio*. Maria Amália Vaz de Carvalho¹²⁵ recomenda a leitura do livro que posiciona na mesma categoria das obras de Bourget, Bryce e Tocqueville. Acrescenta que a de Lima tem no entanto uma qualidade superior: faz pensar. Sob o pseudônimo J. dos Santos, Medeiros e Albuquerque¹²⁶ também recomenda na *Tribuna* do Rio de Janeiro o “excelente livro” que pinta “com exatidão a vida norteamericana” e traz além de informações, sugestões para o Brasil. Ele elogia

¹²⁵ **Jornal do Commercio**. Rio de Janeiro, 25 jan. 1900. (SB6, OLL).

¹²⁶ *Chronica litteraria*, Oliveira Lima – Nos Estados Unidos. *Tribuna* do Rio de Janeiro, p. 3-3. 11-12 dez. 1899. (SB 6, OLL).

a perspectiva brasileira adotada pelo autor, que se mostra um entusiasta dos Estados Unidos e um otimista em relação ao Brasil.

A obra teve repercussão também fora do Brasil. O intelectual e diplomata argentino Martín García Méroux (1900, p. 437) considerou *Nos Estados Unidos* sem dúvida o livro mais interessante e talvez o mais completo e exato trabalho já publicado em língua portuguesa sobre a República do Norte¹²⁷. Vê em Oliveira Lima um observador inteligente, admirador sincero dos costumes e instituições do país que analisava e ressaltava que o brasileiro não esquece da sua terra natal, para a qual dirige os ensinamentos que extraiu “do espetáculo desta civilização extraordinária”.

García Mérou também registrou suas impressões sobre os Estados Unidos, onde esteve como representante diplomático argentino entre 1896 e 1900. Não coincide com Lima apenas no período em que estiveram lá, mas também em diversos tópicos tratados em suas respectivas obras e no modo geral em que apreciaram o país. Em *Estudios Americanos*, García Mérou (1916), exatamente como Oliveira Lima, aparece encantado com Boston, uma síntese de todo o adiantamento material e intelectual dos Estados Unidos, utilizando sempre um vocabulário grandioso, como “colosso” e “Babilônia”, para descrever o país e as suas cidades. Como o colega brasileiro, demonstra sua admiração com os efeitos positivos da imigração europeia e a capacidade de assimilação dos imigrantes nos Estados Unidos. Igualmente declara sua admiração pelo povo norte-americano, e seu ainda mais evidente deslumbramento pela mulher americana moderna. Não tão extensivamente como Lima, mas também utiliza o expediente da comparação com seu país. Entretanto, enfoca na questão indígena e como era tratada nos Estados Unidos, que encontrava ressonância na situação enfrentada pela Argentina, em vez do “problema negro”. Um dos autores que lhe servem de guia para conhecer os Estados Unidos é também um dos preferidos de Oliveira Lima, John Fiske.

Ele também aplaude a interpretação e a aplicação da Doutrina Monroe no caso da Venezuela e via a Guerra pela independência de Cuba como inevitável. Afinal, de um lado estava o despotismo espanhol e a escravidão e do outro a liberdade representada pelos Estados Unidos.

¹²⁷ Uma cópia autografada de *El Brasil intelectual* (MÉROU, 1900) datada de Washington em 21 de abril de 1902 se encontra na OLL. Nela o argentino oferece a obra ao distinto escritor brasileiro cujo trabalho ele não pôde fazer justiça no livro.

Como Lima, não tinha dúvidas sobre a incapacidade para o auto governo dos cubanos e compartilhava da sua visão sobre a superioridade racial e sobre os princípios do imperialismo americano. Os norte-americanos seriam capazes de elevar, educar e civilizar estes países, afinal. Sua identificação com este sentimento expansionista como salienta Gnutzmann (1998) faz sentido já que ao mesmo tempo que entendia como uma lei histórica que Estados Unidos tomariam esse papel de liderança, pela mesma linha de raciocínio esperava que sua Argentina natal logo absorvesse as regiões fronteiriças e também fosse um colosso no Cone Sul.

Na Europa também se ouviu falar de *Nos Estados Unidos*. Em Portugal, o antigo e já mencionado professor no Curso Superior de Letras em Lisboa, Ferreira Deusdado¹²⁸, publicou uma resenha da obra. Ele destaca a condição de republicano do diplomata brasileiro e ressalta o caráter grave da obra, rica de informações e bem documentada, diferindo da superficialidade muitas vezes encontradas em notas de viagem. Elogia também seu espírito perspicaz e notável bom senso, mas aponta alguns erros pontuais e não concorda particularmente com suas posições sobre o Catolicismo nos Estados Unidos. O livro foi ainda resenhado na publicação francesa *Revue du Brésil et de la Amérique Latine*¹²⁹, que recomenda a leitura e aponta a questão do idioma como uma barreira na divulgação que a obra merecia ter.

Como seria esperado pelo seu conteúdo, a recepção da obra nos Estados Unidos foi bastante positiva. John Fiske, que recebeu de Lima uma cópia do artigo da *Revista Brasileira* e de *Nos Estados Unidos*, achou o livro excelente e sugestivo, afirmando que o leu com grande interesse. Modesto, diz rezear que Lima tenha sido muito favorável no juízo sobre seu trabalho mas agradece muito. (Carta de John Fiske a Oliveira Lima, 23/12/1899, SB6, OLL).

O *Washington Post*¹³⁰ reconhece que a admiração pelo país em que viveu poderia ser descrita como entusiástica, mas por outro lado, elogia o

¹²⁸ FERREIRA DEUSDADO, Boletim Bibliographico. **Revista de Educação e Ensino**, Anno 15, n. 1, janeiro, 1900, p.38-46. Nota manuscrita de Oliveira Lima: “artigo primeiramente publicado no *Jornal do Commercio* de Lisboa em 24, 25 e 26 de fevereiro de 1900 e transcrito no Correio nacional de Lisboa em 27 de fevereiro”. (SB6, OLL).

¹²⁹ S.A.N. Aux États-Unis. **Revue du Brésil et de la Amérique Latine**, 5 anno, n. 84, Paris, 25 Maio, 1900. (SB6, OLL).

¹³⁰ BRAZIL and United States: Mr. Oliveira Lima the Author of a Notable Book on This Country. **The Washington Post**. Washington, p. 17-17. 12 nov. 1899.

juízo sóbrio, a mente equilibrada e a percepção aguçada de um observador profundo. A publicação celebrava a mente cosmopolita e livre de preconceitos do autor brasileiro, que o tornaram capaz de empreender a tarefa de compreender as questões políticas e sociais dos Estados Unidos mesmo sendo de uma raça totalmente diferente. O texto afirma que o livro está sem dúvida entre os mais importantes já escritos por um latino-americano sobre tópicos de interesse vital para os Estados Unidos e destaca ainda a sua importância, especialmente no ambiente de desconfiança com relação aos Estados Unidos vivido no resto do continente após a Guerra Hispano-Americana.

O *Chicago Record*¹³¹ ressalta que Lima estava escrevendo para os seus compatriotas e sob um ponto de vista estritamente brasileiro, mas ainda assim reafirma a indicação da leitura com o argumento de que sempre é bom saber o que os outros pensam do seu país. Considera o Secretário da legação brasileira um estudioso cuidadoso, com visão ampla e capaz de uma reflexão filosófica, enfim, um autor habilitado para apontar as faltas com um dedo amigo e apreciar as virtudes com satisfação cordial. Para o periódico, tratava-se de um livro que seguramente receberia a atenção merecida se alguém se aventurasse em traduzi-lo¹³².

A mesma linha seguiu o *The New York Times*¹³³, que considera o mais notável trabalho publicado sobre os Estados Unidos depois de *Outre Mer*¹³⁴ de Paul Bourget (obra citada por Lima). *Nos Estados Unidos* não apenas estava no mesmo patamar obra de Bourget e de Steevens (1897), como era em muitos aspectos até superior a ambas. Destaca-se especialmente que Lima tenha conseguido apreender o verdadeiro caráter de George Washington e mostrar grande familiaridade com os trabalhos mais importantes da literatura norte-americana. Para o jornal, o brasileiro não deixava que sua evidente admiração pelos Estados Unidos interferisse

¹³¹ Chicago Record, 30 nov. 1899. (SB6, OLL). Republicado em: AS in a Looking Glass: Manoel de Oliveira Lima Holds the Mirror. Manoel de Oliveira Lima Holds the Mirror. **The Hawaiian Star**. Honolulu, p. 2-2. 11 jan. 1900.

¹³² Uma troca de correspondências com Charles P. Coffin sobre a possibilidade de tradução da obra se encontra no SB6, OLL. Não foram encontrados registros sobre o motivo do projeto não ter sido realizado.

¹³³ A BRAZILIAN'S Views: Senhor Lima's Thoughtful Study of Our Problems. **The New York Times**. New York, p. BR2. 03 fev. 1900.

¹³⁴ O escritor francês Paul Bourget escreveu esta obra em dois volumes como resultado da sua visita aos Estados Unidos em 1893. Posteriormente a obra foi traduzida para o inglês com o título *Outre-mer Impressions of America* (BOURGET, 1895).

em sua análise tanto dos pontos fortes com dos fracos da vida nacional e recomenda fortemente que a obra seja traduzida ao inglês.

Além de periódicos importantes, algumas revistas especializadas também noticiaram a publicação de *Nos Estados Unidos*. O *Monthly Bulletin of the Bureau of American Republics* publicou nota¹³⁵ sobre a “talvez mais interessante” obra escrita sobre o país e frisa que em pouco tempo de residência nos Estados Unidos o autor conseguiu “compreender perfeitamente o caracter americano e o mecanismo das suas instituições políticas e sociaes”. Em *The American Historical Review*, Edward G. Bourne (1900, p. 606), classificou a obra como um espécie admirável de história imparcial no que se refere a política exterior dos Estados Unidos. Para ele, o texto apresenta os lados bons e ruins com um nível de análise e detalhamento científico que o faziam lembrar Bryce e Tocqueville. Recomenda ainda a tradução da obra para o inglês e mais enfaticamente ao espanhol, o que a seu ver prestaria um grande serviço à causa da amizade e do entendimento interamericano.

Lima preocupava-se em reafirmar sua visão otimista no futuro e pretendia contribuir com o exemplo dos Estados Unidos para a solução de problemas nacionais. Neste sentido, é interessante notar os temas que escolhe tratar e a ordem em que os apresenta. É bastante sintomático das suas preocupações que o primeiro capítulo aborde o “problema negro” enquanto o segundo se debruce sobre a questão da imigração. A questão racial é fundamental para Oliveira Lima, que buscava respostas para resolver o que via como um problema comum do Nordeste brasileiro com o Sul dos Estados Unidos, a decadência depois da Abolição. A imigração europeia era uma solução possível, mas não deixava de ter seus complicadores. Além disso, características raciais intrínsecas aos povos estavam na base da explicação que dava para o progresso dos Estados Unidos e consequentemente para os problemas do Brasil e da América Latina como um todo. Para Lima, estava clara a existência de uma hierarquia de raças que se provava determinante para o futuro dos países, e da humanidade de forma geral. Os resultados nefastos da mestiçagem¹³⁶

¹³⁵ Notícias bibliográficas. **Monthly Bulletin of the Bureau of American Republics**. November, 1899. (SB6, OLL).

¹³⁶ Lima Barreto (2003) registrou em seu diário o quanto os “esconjuros” o impressionaram quando com 14 anos lia os artigos de Oliveira Lima na *Revista Brasileira* sobre a existência de raças inferiores e sobre o vício social representado pela miscigenação. Segundo ele, ler sobre essa noção da existência de uma inferioridade que era intrínseca e perene como uma verdade científica e

são apontados, assim como a certeza de um destino terrível das colônias deixadas a sua própria sorte, sem a orientação das raças mais adiantadas. Tinha nesse pressuposto, portanto, a explicação e a justificativa para o imperialismo.

Tendo em vista o peso dado pelo autor a cada tema, a análise pormenorizada dos assuntos tratados na obra no apartado seguinte respeita a ordem que ele utilizou em *Nos Estados Unidos*.

3.2.1 O “problema negro”

O primeiro capítulo é dedicado a situação dos negros nos Estados Unidos, um tema especialmente relevante para o Brasil, que pouco mais de uma década depois da Abolição ainda debatia o futuro social desta população. O diagnóstico de Oliveira Lima após observar o país e realizar viagens por diversos estados era de que “o negro na América é incontestavelmente um mal, da mesma forma que foi a escravidão uma peste social”. A evidência incontestável para sua afirmação encontrava no Sul, onde a decadência perdurava desde a Guerra de Secessão, apesar dos esforços e da grande capacidade de trabalho da raça branca, especialmente dos Nortistas, e da opulência natural do solo. (LIMA, 1899a, p. 19). O cenário de desolação que presenciou nesta região o tocou profundamente e incentivou a comparação com o nordeste brasileiro. Ambas as regiões sofriam do mesmo mal: um solo fértil mas com falta de braços competentes para cultivá-lo. Para o pernambucano, a causa estava muito clara: com o fim do uso da mão de obra escrava, a falta de imigrantes brancos na região era o que estava produzindo “a estagnação, para não dizer com mais verdade a decadência e a miséria”. (LIMA, 1899, p. 20).

Lima afirma que não desejava “ser injusto com a raça africana”, a qual reconhece que em dado momento “foi de certo proveitosa e talvez indispensável”. (LIMA, 1899, p. 21). Ele não nega que tanto no Brasil, como nos Estados Unidos, a mão de obra escrava ajudou a fomentar a prosperidade agrícola, mas aponta a diferença na instituição da escravidão nos dois países. Para ele, nos Estados Unidos “a sorte dos trabalhadores era infinitamente pior do que no Brasil, mercê da superior disposição ao affecto da raça latina e do seu menor desprezo pelas raças inferiores”. Enquanto no Brasil havia certa benevolência com os escravos, na sua

absoluta o afetou profundamente, o encheu de medo e abateu seu espírito de jovem.

opinião na América do Norte o tratamento recebido “chegava simplesmente a barbárie”. (LIMA, 1899, p. 21). Um exemplo é que os laços do casamento não eram respeitados, impedindo a constituição de famílias e portanto impedindo que se promovesse uma melhoria na moral da raça negra. Para ilustrar o caso, cita os escravos personagens do famoso romance *A cabana do Pai Tomás*. Outra diferença arrolada por Lima e que reforça a ideia de um sistema mais benevolente no Brasil é que enquanto o medo de uma insurreição era constante entre os fazendeiros norte-americanos, no Brasil isso nunca os inquietou muito. No mesmo sentido afirma ainda que “a vida folgada e desannuviada das plantações foi mesmo o que permitiu entre nós a aparição e expansão das idéas liberaes”. (LIMA, 1899, p. 22).

Sem defender a escravidão, sempre havia sido um defensor de um modelo econômico, político e, especialmente, social, representado pela elite açucareira do nordeste. Possivelmente essa seja a raiz do alto grau de identificação com um aristocracia rural em crise. E embora pinte um quadro de maior brutalidade do sistema escravocrata dos Estados Unidos, não faz críticas diretas aos fazendeiros sulistas nem aos líderes da Confederação. Apoiando-se em Edward Ingle (1896), afirma que muitos dos que pegaram em armas na Guerra de Secessão, incluindo o General Lee, o fizeram mais por sentimentos de honra e patriotismo local que pela defesa pura da instituição da escravidão, já que estavam intimamente convencidos da sua “perniciosa influencia”. (LIMA, 1899, p. 23).

Notava que a situação era um pouco melhor nos estados que haviam lutado contra a escravidão, nos quais devido ao seu altruísmo cristão dedicavam-se a “bela tarefa de regeneração do negro”, especialmente através da criação de escolas geralmente denominacionais. (LIMA, 1899, p. 28). Nos estados do Norte os sentimentos de filantropia falavam mais forte que os preconceitos de cor, e observava que em Nova York era permitido o acesso dos negros nos bondes, nos melhores restaurantes e seus filhos podiam até ser admitidos nas escolas dos brancos. Sabia que isso não significava integração racial, porém, porque “a discórdia entre brancos e negros pode apagar-se: o que não pode desaparecer é a aversão das raças.” (LIMA, 1899, p. 27). Observa que “a civilização não significa porem igualdade, a educação não traduz posição social, nem a moralidade traz como consequência forçada a amalgama domestica”. (LIMA, 1899, p. 28). Sobre as diferenças no tratamento dos negros entre os estados, percebia que estes eram mantidos afastados das famílias brancas, dos cargos na administração pública e de lugares de mais projeção social, onde a população negra era reduzida e “não offerece ameaça alguma”. Ressalva no entanto, que nos estados com

maior concentração populacional, era mais complicado manter o afastamento e por isso compreendia que o preconceito aí se conservasse “inquebrantável”. (LIMA, 1899, p. 29).

Analisando o país como um todo, avaliava que a situação no Sul era pior que a no Norte devido ao excesso de pessoas de cor, resultando num “retrocesso visível”. O quadro só não era pior devido a sua índole passiva e porque os brancos tem oferecido resistência a qualquer sombra de nivelamento. Com isso concluía que a regeneração, tanto do Sul dos Estados Unidos como do Norte do Brasil, só poderia realizar-se completamente substituindo os negros pelos brancos, “diluído a raça de côr” na população de origem europeia. (LIMA, 1899, p. 42). Com a diluição dos negros também se evitaria que algum dia pensassem em agregar-se em um elemento social e mesmo político “raivoso e perigoso”. (LIMA, 1899, p. 52).

Neste sentido, Lima mostrava-se otimista porque “as estatísticas rezam” que a predominância da população negra no Sul estava em vias de reversão com o afluxo progressivo de imigrantes europeus. (LIMA, 1899, p. 29). Os imigrantes eram indispensáveis já que os negros até poderiam oferecer “qualidades preciosas pela sua obediência e rija musculatura” se dirigidos pelo branco, mas para a vida agrícola independente não possuíam requisitos suficientes. (LIMA, 1899, p. 29-30). Apoiava-se em Van de Graff (1896) para explicar porque o sistema de meação que se tentou estabelecer no Sul não vingou após a Abolição¹³⁷. O negro “salienta-se pela indolência e negligencia com que executa o serviço”, usa técnicas atrasadas e rotineiras e não sabe administrar a terra, vivendo na miséria porque gasta tudo que ganha e termina endividado. É por essa razão que os *low land states* – Mississipi, Georgia, Alabama, Flórida – davam “uma impressão de tristeza” quando comparados aos estados mais ao norte. Então, “com tal espectáculo diante dos olhos é bem explicável o desprezo do Americano pela raça africana”. (LIMA, 1899a, p. 31).

Para Lima, dada a inexistência de uma “questão índia”¹³⁸, a “questão negra” era o grande perigo a estabilidade e ao progresso dos

¹³⁷ Van der Graff (1859-1923) estudou Direito, foi advogado, juiz e professor no seu estado natal do Alabama. Preocupado com a situação do sul dos Estados Unidos e o papel da população negra para a decadência da região, escreveu ainda sobre o assunto o panfleto *The redistribution of the American Negro* (VAN DE GRAFF, [1921?]).

¹³⁸ Não existe uma questão índia porque os selvagens vivem acantonados em suas reservas em número reduzido e “das contendias públicas só conhecem o whiskey

Estados Unidos. A existência desta população em número igual e até maior que os brancos em alguns estados fazia a questão ainda mais relevante. Este legado da Guerra de Secessão era um problema que o fazia questionar que papel atribuir aos cidadãos negros em uma sociedade livre e democrática. Após uma explicação detalhada do sistema eleitoral nos Estados Unidos e denúncia das fraudes constantes nos Estados do Sul, conclui que o principal erro dos legisladores norte-americanos foi a concessão de direitos políticos aos ex-escravos.

Não acreditava que o negro merecesse desprezo e embora fosse “certamente uma raça inferior” que lutava contra o meio e contra traços hereditários, acreditava que não eram uma população totalmente inútil. Reconhecia que os negros haviam dado mostras de que seu espírito era passível de educação e que poderia progredir, desde que lhe fossem fornecidos os princípios corretos. Ou seja “uma profissão manual e uma boa instrução elementar. O braço e não a cabeça é que precisa ser ensinado.” (LIMA, 1899, p. 47). A questão da educação dos negros nos Estados Unidos foi uma preocupação constante desde sua chegada e por isso procurou observar e informar-se sobre os resultados das ações para “civilização da raça africana” postas em prática. Lima declara que bem sabia “que o negro é isoladamente capaz de cultivo e de superioridade”, mas foi a experiência nos Estados Unidos que o convenceu que coletivamente também “o negro é merecedor de atenção e susceptível de adiantamento, si dirigido pelo branco.” (LIMA, 1899, p. 49).

Comparando com o cenário do Brasil, observa que nos Estados Unidos brancos e negros se mantiveram incomparavelmente mais afastados “no terreno physiologico”, porém no sentido intelectual aproximaram-se mais, dotando essa população com recursos da ciência e da indústria. Estava impressionado com o progresso alcançado pelos negros norte-americanos nos últimos anos, que alcançavam um “grão de civilização compatível com a sua mentalidade”. Esta adiantamento era a prova de como “lucram nas mãos do Inglês as próprias raças inferiores”. (LIMA, 1899, p. 34). Os Estados Unidos, como descendentes de ingleses, foram capazes de converter o Africano “senão n’um produto novo, pelo menos n’uma criação melhorada”. (LIMA, 1899, p. 34). Lima utiliza dados oficiais do Departamento de Educação dos Estados Unidos para fazer um mapa das instituições de ensino existentes e da inserção de

e os cobertores que lhes fornecem os contrabandistas e os commissionados do governo.” Os indígenas eram “creaturas fatalistas e taciturnas” que obrigavam os settlers que lutavam pela vida material e enxot-a-los do caminho do progresso. (LIMA, 1899a, p. 31).

alunos negros no no sistema. Animado pelos bons resultados alcançados, notava que “crianças negras testemunham até maior aproveitamento nas escolas publicas do que as brancas”. (LIMA, 1899, p. 36). Outro benefício que descobre nas politicas educativas locais é que os alunos safam destes institutos prontos a “disseminar instrucção theorica e profissional entre as massas ignorantes da sua raça, realizando-os com resultados por vezes prodigiosos”. Em suma, vê na educação um bom caminho para que os negros se transformassem em excelentes operários, “dóceis e resistentes”. (LIMA, 1899, p. 37).

Este cenário lhe dava otimismo suficiente para afirmar que os esforços de levantamento moral exercido pelos brancos norte-americanos lentamente tendiam a diminuir “a celebrada indolência e real imprevidência da gente de côr” e ajudar a reerguer o Sul. (LIMA, 1899, p. 38). Cita o exemplo de Birmingham no Alabama, uma das primeiras cidades industriais do Sul a usar mão-de-obra dos escravos libertos convertidos em operários com ótimos resultados. Entretanto, é importante notar que o caso de Birmingham não surge para relativizar a “celebrada indolência” dos negros mas sim é interpretado como mais uma “amostra do quanto é capas o esforço americano em qualquer meio”. (LIMA, 1899, p. 37). Lima estava de tal forma convencido da superioridade racial dos brancos descendentes da “raça anglo-saxônica” que qualquer melhoria nas condições de vida da população negra era creditada totalmente a sua ação civilizatória e edificante.

Por outro lado, as características negativas dos negros não deixam de ser reforçadas, mesmo quando são eles as vítimas, como é o caso dos linchamentos comuns nos Estados Unidos naquele período. Para Lima, estas violentas tentativas de aplicação de “justiça” eram consequências diretas da escravidão que por tanto tempo poluiu a esfera política nacional. Encontra alguns casos “pavorosos” e capazes de chocar a opinião das classes educadas. Porém, encontra as razões para tais atrocidades na atitude dos estados do Norte e, claro, nos próprios negros. O Norte tinha seu quinhão de culpa por ter-lhes concedido direitos políticos, equiparando assim aos brancos uma população “de todo inapta” a assumir atributos de cidadão. Este cenário causava apreensão nos brancos e gerava tensões frutos das suas incertezas sobre o futuro. Lima ressalta ainda que a maioria dos linchamentos se dava com acusados de crimes praticados por negros “incitados pela lascivia combinada com o desejo de vingança”. Estes crimes de cunho sexual geravam tanto medo “que as meninas brancas costumam ir para a escola aos magotes, escoltadas, para serem defendidas si preciso, pelos rapazes da sua casta”.

Por isso, os autores dos linchamentos argumentavam, e Lima parece concordar, que “só o seu methodo bárbaro é susceptível de amedrontar creaturas boças e inferiores como são os negros”. (LIMA, 1899, p. 523).

Os linchamentos eram, portanto, fruto das condições político-sociais do Sul do país pós-Abolição, na qual os brancos não se sentiam ainda seguros da sua absoluta supremacia e os negros não dispunham de suficiente educação moral e profissional para conhecer o seu lugar na sociedade. Sobretudo, os negros precisavam entender que não havia lugar para eles no governo nacional e era “mister resignarem-se á inferioridade social que na opinião americana lhes acarreta o estigma da raça”. Sua conclusão é simples: os dois elementos não podiam coexistir com atribuições e destinos iguais e inquestionavelmente o elemento branco deveria ser o vencedor porque dispunha de “mais intelligencia, mais experiência, mais decisão e mais recursos.” Assim, quando o dia chegasse em que os brancos se sentissem suficientemente seguros do seu papel predominante e do seu futuro como tal, em suma, quando houvesse desaparecido o “temor do sacrificio dos interesses da civilização de origem européa”, os linchamentos desapareceriam por desnecessários. (LIMA, 1899a, p. 524).

Lima acreditava que este tipo de situação violenta não ocorria no Brasil porque “não existe nem nunca existiu propriamente ódio de raça”. Defendia que a solução pacífica para o problema da escravidão se deu no Brasil também pela maior fusão de raças. Afinal, a “indulgência das nossas opiniões e desmazelo dos nossos costumes” tornariam impossível leis evitando a mescla de raças como existiam nos Estados Unidos. Também por este motivo a Abolição nos Estados Unidos se fez pela força e no Brasil por uma lei “votada e sancionada em menos de uma semana, pela forma mais galharda e sem funestas consequências de discórdia”. Suas únicas reservas quanto a Lei Áurea é que acabou arruinando bom número de plantadores ao não indenizá-los e que transformou afoitamente a posição social “de tantos milhares de criaturas boças, sem predicado algum para a sua nova condição de cidadãos”. (LIMA, 1899, p. 34).

A solução que propõe, “por mais racional, por mais practico”, é seguir o exemplo dos Estados Unidos e fornecer algum grau de instrução aos negros no Brasil, moralizá-los, erguer o seu nível de cultura através da disseminação dos progressos alcançados pela raça branca. Seria melhor resignar-se “ao mal que já foi um bem” e evitar que a segregação entre brancos educados e uma massa de negros e mestiços incultos degenerasse em uma “guerra de raças”. Por fim, a imigração europeia “corrigirá a extrema mestiçagem estabelecida pelo Portugal e firmará a real supremacia dos brancos”. (LIMA, 1899, p. 52-53).

Neste sentido, elogia o caráter dos Americanos que “não recuam diante das ideias na apparencia menos possíveis de realizarem-se”, referindo-se aos planos para minimizar a influência negativa da população negra no conjunto da sociedade. (LIMA, 1899, p. 43). Como exemplo, enumera alguns dos planos de “emigração” discutidos no Senado e que chegaram a ser postos em prática. O plano proposto por um senador da Carolina do Sul, para distribuir a população negra do Sul por outros estados da Federação, especialmente nas terras devolutas do Oeste merece sua aprovação. O outro “sonho delicioso” consistia em despejar a população negra nas costas africanas, na recém criada Libéria¹³⁹ ou no Estado Livre do Congo. (LIMA, 1899, p. 43). “Esta emigração, longe de dura e compulsória, seria promovida, ajudada e subvencionada pelo Governo Federal, e d’ella resultaria um beneficio para a humanidade, pois que os negros americanos civilizariam seus pares africanos”. (LIMA, 1899, p. 43). Além disso, seria um grande benefício para os Estados Unidos que abririam um novo mercado no continente africano onde ainda não tinham penetração. Sua única preocupação com este arranjo tão vantajoso para todos os envolvidos é que longe da influência positiva dos brancos estes negros recaíssem na primitiva selvageria da qual nos Estados Unidos os salvavam “os esforços dos brancos apostolizadores”. (LIMA, 1899, p. 44). Dadas as dificuldades práticas desse projeto, resigna-se a aceitar que o melhor recurso seria o indicado por um ex-Senador do Kansas que apostava na equidade e educação da raça inferior, evitando que regressassem ao seu natural estado selvagem.

3.2.2 Os efeitos da imigração

Oliveira Lima é taxativo ao afirmar que as duas grandes forças por trás da grandeza dos Estados Unidos eram a “considerável imigração européa, alem do gênio activo e inventivo da própria raça colonizadora”. (LIMA, 1899, p. 53-54). Em última instância, a raça era o fator explicativo fundamental para o sucesso ou o fracasso de um país. Tanto

¹³⁹ Libéria tem uma história singular no continente africano porque não foi uma colônia europeia, mas sim de uma associação privada norte-americana, a *American Colonization Society*, fundada em 1816. Esta sociedade formada por donos de escravos ajudou a fundar a Libéria em 1821 e fomentava a sua “colonização” por escravos libertos ou nascidos livres, evitando sua presença considerada potencialmente perturbadora da ordem nos Estados Unidos. Sua independência foi declarada em 1847, mas os Estados Unidos só deram o reconhecimento oficial em 1862.

assim que era o que explicava as diferenças de resultado na colonização da América Latina em comparação com a América Anglo-saxônica. Encontrando praticamente os mesmos obstáculos, inclusive os benefícios pendendo para o lado português, portugueses no Brasil e ingleses nos Estados Unidos realizaram obras totalmente diferentes. O Brasil tornou-se um

[...] corpo anêmico e fraco, porque foi gerado por uma raça açodada, com uma vontade mais ardente que tenaz, de fé proselytica e ganancia tumultuosa, que desembarcava sôfrega por alcançar n'um momento a conversão em massa do gentio e as riquezas fabulosas dos sonhos medievais. (LIMA, 1899a, p. 56).

Por outro lado, os Estados Unidos eram o “produto forte, prospero, admirável, de uma raça mais nova, mais cheia de seiva, menos pejada de antiguidade e de tradições, e que consigo levava o peso positivo da vida”. (LIMA, 1899, p. 56).

Dentro do seu esquema fortemente embasado nas teorias da evolução, tendo sido fundados pela Inglaterra, “pátria da energia e da perseverança”, claramente os norte-americanos herdaram preciosos predicados de raça. (LIMA, 1899, p. 63). Além disso, conseguiram desenvolver e aperfeiçoar estes traços porque encontraram um meio favorável como o da Nova Inglaterra. Com meio não se refere tanto ao meio físico mas ao meio social, resultante da orientação coletiva e da adaptação a ela dos indivíduos mais aptos, que se encontravam em constante renovação e aperfeiçoamento. Não por acaso o historiador considerava Boston a capital da inteligência americana, um “cadinho formidável em que se fundem tantas variedades da raça branca”. (LIMA, 1899, p. 65).

Considerava que o norte-americano era psicologicamente superior inclusive ao Inglês porque possuía uma “faculdade mais disseminada de colher impressões, um poder de ternura e affecto mais expansivo”. (LIMA, 1899, p. 72). Estes indivíduos haviam conseguido portanto aperfeiçoar a já superior raça inglesa e possuíam o caráter, que vale mais que a inteligência para a fundação das grandes e duradouras nacionalidades. Lima cita quase textualmente Gustave Le Bon¹⁴⁰ neste

¹⁴⁰ “We shall soon see that in general the average intelligence of the Hindus is not in any way inferior to the average of the Europeans who dominate them, but that they are immensely inferior by their **character**. This reason alone will always assure their submission to the domination of the West. I say it will always assure, because the more one thoroughly examines history, the more one studies men, **the**

ponto. E assim, chega a conclusão de que aquela era “uma nacionalidade fadada para subjugar o mundo n'uma proporção que desconheceu, quer o império romano, quer a monarchia universal de Carlos V”. (LIMA, 1899, p. 70). Está claro que para Lima a imigração era a espinha dorsal do progresso americano, não apenas porque garantia o aumento necessário da população branca e evitava misturas degradantes mas porque contribuía para a disseminação de valores civilizados.

Cahirão assim quasi todos os nossos paizes latino-americanos, si os não salvarem a sã immigração européa, com todas as consequências moraes que comporta, e a practica das virtudes que explicam o poderio da raça saxónica, dentro da cathegoria geral das terras tropicaes habitadas pelas raças inferiores, e para as quaes está-se tornando preciso aviar a receita humanitária da dominação do povo mais apto para a colonização e o progresso. Do successo da immigração e da nossa própria providencia e sizo depende o podermos lutar contra as circumstancias antagonicas e fazer vingar a supremacia da nossa tradição histórica que, na verdade, é composta muito mais de adiantamento intellectual e social que de atrazo, (LIMA, 1899, 457-458).

Neste cenário, a “qualidade da imigração” tinha papel fundamental. (LIMA, 1899, p. 86). Por “qualidade”, claro está, entende-se a procedência dos imigrantes. Esta preocupação com a origem dos imigrantes se explica porque o tipo de imigração pelo qual advogava não era apenas a substituição da mão de obra escrava, pois para isso bastariam as raças inferiores. O imigrante europeu, “trará o concurso da sua intelligencia, a saber, uma porção infinitesimal da experiência do seu continente em matéria de organização financeira e económica, de pericia industrial, de adiantamento moral”. (LIMA, 1899, p. 83-84). Portanto, o grande contingente de “gentes do Norte” (alemães, irlandeses¹⁴¹ e

more one ascertains that character - or, to speak most clearly, perseverance and will - plays a much more important role in the life of individuals and peoples than that which the intelligence exercises. It is above all with character, much more than with intelligence, that one lays the foundation of religions and empires”. Grifo meu. (LE BON, 1886, p. 15)

¹⁴¹ “Os Irlandezes são para os Americanos alguma cousa de parecido com o que os Portuguezes são para nós: uns e outros fallando a mesma lingua, ainda que não da mesma familia, do mesmo tronco politico porem e com os mesmos costumes

escandinavos) nos Estados Unidos ajudava a explicar o seu progresso. Já os italianos, eslavos, judeus polacos e russos, eram um contingente existente mas menos desejável.

Por conseguinte, o exemplo dos Estados Unidos deveria ser seguido pelo Brasil com cautela no que se refere a seleção dos imigrantes. Por um lado, deveriam ser evitadas certas raças consideradas inferiores. Os chineses, por exemplo, eram um povo “equivocado de vícios e fisiologicamente inferior” que “abastardaria ainda mais uma raça que a enervação tropical e o cruzamento com raças inferiores já tem suficientemente estigmatizado”. (LIMA, 1899, p. 81). Por outro lado, como as faculdades de assimilação do povo brasileiro não eram compatíveis com as dos norte-americanos, nem a estrutura política comparável em rigidez com a dos Estados Unidos, um número excessivo de imigrantes de variedades da raça ariana dissolveriam a pouco consistente nacionalidade. (LIMA, 1899, p. 82). Estes povos, por natureza mais vigorosos e progressivos, poderiam diluir a idiosincrasia brasileira e por isso era importante manter controlado o seu número.

Este perigo de dissolução da identidade nacional não existia nos Estados Unidos, “onde o nacional, mercê da sua rara faculdade de assimilação, acaba por absorver os elementos estranhos”. (LIMA, 1899, p. 69). Admirava sobretudo como se dava a mais perfeita assimilação pelo seu povo dos estranhos em “uma terra que durante um século tem constantemente recebido emigrantes de todas as nacionalidades e a todos tem absorvido, fundido sem descanso elementos tão diversos, conservando sempre o seu primitivo aspecto, defendendo o seu já agora indelével cunho originário”. (LIMA, 1899, p. 70). Para Lima, estava claro que apenas um grande povo como era o dos Estados Unidos seria capaz de manter as “qualidades de raça que o distinguem, sem perder sequer a aparência externa dos seus maiores”. (LIMA, 1899, p. 70).

3.2.3 As qualidades do povo norte-americano

O povo dos Estados Unidos era certamente cheio de qualidades aos olhos do diplomata brasileiro. Para ele era incontestável que os progressos alcançados pelo país em tantas áreas não eram obra do acaso ou da sorte, mas o resultado da ação de uma raça já forte que se viu potencializada pelo efeito da imigração e formou “um grande povo, com defeitos de

quase”. (LIMA, 1899, p. 68). “Verdade é que para salvaguarda do seu crédito, os Americanos costumam pôr quasi todas as ladroerias publicas, assim como põem todas as calinadas, á conta dos pobres Irlandezes”. (LIMA, 1899, p. 65).

certo, mas com qualidades que mais do que os resgatam”. A “sua infatigável energia e ardor pelo progresso” davam as condições e a força que modificam mesmo os defeitos do povo e o protegem dos perigos da degeneração. De acordo com Lima, trabalho, liberdade e tolerância eram os fundamentos sobre os quais repousava a nacionalidade americana. (LIMA, 1899, p. 100). “Para o Americano não existe trabalho deshonroso: deshonrosa é apenas a preguiça”. (LIMA, 1899, p. 60). “Por tudo isso é que, si não pretende ser o unico, o povo americano orgulha-se entretanto de ser o primeiro no seu continente, mais ainda, o primeiro no mundo, e não pode negar-se que semelhante pretensão firma-se em argumentos producentes.” (LIMA, 1899, p. 95).

Dos poucos males que apontava nos Estados Unidos o principal era a concentração da riqueza nas mãos de uns poucos milionários e verificava que lá “a velha aristocracia do sangue foi substituída pela nova aristocracia do dinheiro”. (LIMA, 1899, p. 102). Ainda assim, encontrava algo de positivo nessa classe de milionários que podiam ser recrutados em qualquer classe social e possuíam méritos, já que a energia necessária para acumular grandes fortunas era imensa. Esse vigor, outro traço positivo do caráter americano, é que permitia que certos homens fossem capazes de acumular grandes fortunas. Também ressalta que, no geral, esses milionários eram “intelligentemente generosos, repartindo suas dadas pelos estabelecimentos de caridade e de instrução já existentes e fundando novos”. (LIMA, 1899, p. 102). Prossegue com admiração ao afirmar que eram “centos os exemplos de constância, labor e audácia entre os homens de negocio americanos”. (LIMA, 1899, p. 105). Como exemplos destes bons milionários cita as obras de caridade de Rockefeller e as doações de Leeland Stanford que permitiram a criação da Universidade que levava seu nome, mesmo caso de John Hopkins. Enfim, Lima avaliava que ainda que houvesse o problema dos *trusts* e da concentração de riqueza e poder, este não era tão grave. Afinal, estes homens eram merecedores das fortunas que acumularam, trabalhando duro e, não raro, com honestidade. A probidade na condução dos negócios seria também consequência dos fortes sentimentos religiosos e do fundo puritano da raça. Por isso mesmo considerava que, ao contrário da Europa, nos Estados Unidos “não ha quasi ricos inúteis, assim como não ha quasi elegantes ociosos”. (LIMA, 1899, p. 106).

A predisposição ao espírito religioso herdada dos ingleses cooperava na formação de um espírito de associação que era também uma marca dos norte-americanos e atuava como freio ao egoísmo individual. Lima detectava um verdadeiro sentimento de igualdade na sociedade que

era “puramente americano” e capaz de corrigir o que pudesse haver de “revoltante ou de odioso em tamanha desigualdade das fortunas”. (LIMA, 1899, p. 113). Não negava a influência política dessa oligarquia plutocrática, porém acreditava que ela não governava sozinha jamais, sendo a opinião pública “o tribunal de ultima instancia perante o qual os pleitos nacionaes se decidem sem appellação”. (LIMA, 1899, p. 115).

Os predicados que atribuía à raça - “a energia, o amor ao trabalho, o espirito de solidariedade, a elevação da alma, a abstenção de pequenezas” - foram os responsáveis porque o país tivesse logrado evitar muitos dos perigos da democracia apontados por Tocqueville. Se não foram capazes de esquivar-se de todos os perigos é apenas porque alguns defeitos são inerentes aos governos populares e dependem de circunstâncias nacionais. (LIMA, 1899, p. 114). Enfim, segundo Oliveira Lima, “os Estados Unidos constituem o mais acabado organismo político de que temos conhecimento, nação dotada de recursos immensos, de admiravel estructura administrativa, de vigorosas qualidades privadas, raça inventiva, possante, apta para a dominação”. (LIMA, 1899, p. 95).

Foram estes mesmos predicados os responsáveis pela criação de um povo sadio, dado a todos os tipos de esportes e com um espírito filantrópico aguçado. Lima ficou muito impressionado com a quantidade e a extensão das obras de caridade no país. Na sua alma de formação católica, não deixaram de causar impacto os muitos hospitais, escolas, casas de correção, asilos para inválidos e para operários, que tomava como uma prova do adiantamento não só material mas moral do país. Chega a afirmar que não acreditava que em nenhum outro país do mundo a filantropia havia sido desempenhada de maneira mais extensa ou melhor. Enfim, conclui que “os defeitos do Americano são de facto em grande parte os defeitos da idade. Como collectividade está a americana na adolescência.” (LIMA, 1899, p.123).

3.2.4 A influência da mulher

O papel das instituições de caridade na sociedade era um dos efeitos salutareos da religião e foi ressaltado por Oliveira Lima (1919a) em mais de uma ocasião. O poderoso espírito de associação que havia presenciado na sociedade norte-americana era para ele uma das impressões mais fortes que experimentava o estrangeiro recém chegado. Este espírito lhes permitiu possuir a mais perfeita organização política que uma democracia pode desejar, ou seja, uma que assegurava a mais eficaz ação e reserva o menor campo de domínio para o indivíduo ao

mesmo tempo em que logra minorar os sofrimentos dos seus semelhantes, multiplicando os esforços singulares da caridade privada.” (LIMA, 1896, p.337, tomo VII).

Portanto, além do benefício imediato da caridade sobre o alívio do sofrimento daqueles atendidos, Oliveira Lima atribui à prática do associativismo o bom funcionamento da democracia mesma. Esse difuso sentimento de pendor ao associativismo estaria por trás da fundação e manutenção do mais perfeito sistema democrático conhecido até então e também das iniciativas de caridade que aperfeiçoavam a experiência da convivência em sociedade. Outro aspecto positivo das iniciativas de caridade apontado por Lima é que incorporavam as mulheres. Estas, porém, não se limitavam a estes espaços, dedicando-se também a associações intelectuais, literárias, políticas, de luta pelo sufrágio feminino e para o estudo das ciências.

Possivelmente bastante influenciado pela esposa, que foi defensora do sufrágio feminino¹⁴² e ativa na defesa dos direitos das mulheres, ele tinha posições consideradas avançadas para a época sobre o papel das mulheres na sociedade. É possível que a forte figura da irmã Sinhá também o tenha deixado sensível a causa dos direitos femininos. Ele apoiava iniciativas de ampliação da educação feminina e considerava que elas deveriam ser incorporadas ao mercado de trabalho se assim o desejassem. Mais ainda, achava que as mulheres estavam em pé de igualdade com os homens em termos de capacidade intelectual e portanto questionava “porque não há de merecer nossa consideração e deferencia a mulher banqueira, a mulher jornalista, a mulher legisladora? Porventura não possui a mulher intelligencia sufficiente para distinguir-se nessas ou noutras profissões?” (1896, p. 340, tomo VII).

¹⁴² Em 1930 Flora foi nomeada a representante brasileira na Comissão Interamericana de Mulheres, organização com sede em Washington surgida no VII Conferência Pan-americana com o objetivo de estudar e discutir temas relativos às mulheres. Ela participou da reunião da Comissão realizada em Havana, Cuba, no mesmo ano.

Lima era um defensor da educação feminina¹⁴³. Admirava a educação norte-americana¹⁴⁴, que preparava para a vida prática, mesclando os estudos sérios, os prazeres da vida social e as obrigações do serviço doméstico. Acreditava que a elevação do nível dos estudos femininos no Brasil beneficiaria o conjunto da sociedade e aos críticos preocupados como o potencial desagregador da família, respondia que com a elevação da mulher em primeiro lugar lucraria a educação familiar.

A partir desta perspectiva é que Oliveira Lima maravilhava-se ao observar que “á mulher abrem-se nos Estados Unidos fartas e fáceis carreiras.” (LIMA, 1896, P. 340, tomo VII). Ele destacava ainda o quanto a educação mista e a possibilidade de convivência entre os dois sexos em muito mais ambientes que no Brasil, como os clubes esportivos, as universidades e associações das mais diversas, tinha um efeito salutar para os costumes. Ao naturalizar a convivência entre homens e mulheres, especialmente os jovens, a sociedade americana realizava um exercício de civilização, que era altamente apreciado pelo brasileiro. Finalmente, ele destaca que:

O amor ao trabalho é de resto feição tão saliente, um traço tão indelével do character nacional que nos Estados Unidos dá-se o facto extraordinário da scena não exercer sobre elle um geral influxo nocivo; isto é, entre as actrizes americanas algumas se encontram que não fazem do theatro e da galanteria accesoria o seu ganha-pão exclusivo (LIMA, 1896, p. 341, tomo VII).

Fã ardoroso do teatro que era, claro que os palcos estiveram entre suas distrações favoritas também nos Estados Unidos. Travando conhecimento com o mundo do espetáculo no país, Oliveira Lima tomou

¹⁴³ Lima foi eleito paraninfo da primeira turma de moças formadas na Escola Doméstica de Natal, no Rio Grande do Norte. A Escola fundada em 1915 por Henrique Castriciano, que se inspirou em instituições semelhantes na Suíça para criar a primeira do gênero no Brasil, promovendo ensino laico e voltado para as atividades domésticas exclusivamente para mulheres. Castriciano e Lima já se conheciam e conviveram na Bélgica. No seu discurso, Oliveira Lima agradeceu a honra de exercer o seu primeiro cargo de eleição e exalta a honra de ter sido ele produto do sufrágio feminino, cauda da qual declarou-se um velho adepto. Para ele “a questão do sufrágio feminino, tóda a questão feminista de que o direito de voto é a base, sempre me pareceu porém uma questão de senso comum.” LIMA, O. A situação da mulher na sociedade moderna. Diário de Pernambuco, 5 de dezembro de 1919.

¹⁴⁴ Alguns anos mais tarde voltaria ao tema em LIMA, O. A situação da mulher na sociedade moderna. *Diário de Pernambuco*, 5 de dezembro de 1919.

conhecimento de vários casos de atores e atrizes que desempenhavam outras atividades profissionais na falta de trabalho nos palcos. Para ele, essa era mais uma prova do espírito inquebrantável do norte-americano e da sua ética do trabalho. No caso das atrizes, era ainda mais digno de admiração que elas não se deixassem levar pelas seduções mundanas e preferissem trabalhar como costureiras, cozinheiras e diversas outras profissões para manter a si e suas famílias. Com isso, Lima convencia-se do caráter superior da mulher americana e do seu valor para a sociedade.

É claro que para ele a influência das características atribuídas à raça americana jogavam um papel fundamental para a situação da mulher no país. Atribuía por exemplo a liberdade de maneiras da mulher americana à “tradicional independência feminina da raça saxónica”, que lhes era “natural” e estava “por assim dizer na massa do sangue”. (LIMA, 1899, p.130). Considerava também que o sucesso do movimento feminista nos Estados Unidos se dava porque, graças à raça e à educação da mulher, sempre teve um caráter prático e evitou tratar de temas de política e religião, como as francesas faziam.

Na sua comparação, a grande diferença entre brasileiros e norte-americanos no que diz respeito a situação da mulher é que o americano considera a mulher no geral como um ente dotado de inteligência igual a sua, “senão superior sob o ponto de vista do refinamento”. Enquanto isso no Brasil tem-se a “impressão toda latina de que a mulher é um objecto de prazer e um movel de luxo, sem direitos posto que com obrigações”. (LIMA, 1899, p.125). Por isso mesmo afirmava que o Brasil tinha muito a aprender dos Estados Unidos nesse aspecto. Julgava que a mulher brasileira¹⁴⁵ geralmente valia mais do que o homem e mesmo assim ainda não havia conseguido alcançar um estado análogo de influência. Mantinha mesmo assim o tom otimista e previa que ao fim do processo de transformação que estava vivendo a condição feminina, “os contras do resultado serão decerto vencidos pelos prós”. (LIMA, 1899, p. 163).

3.2.5 A sociedade norte-americana

Sua análise da sociedade nos Estados Unidos acompanha o tom otimista dos demais tópicos analisados. Não é que Oliveira Lima deixe de

¹⁴⁵ Dá uma conferência sobre Nisia Floresta publicada no *Diario de Pernambuco*, 4 dez 1919. (LIMA SOBRINHO, 1971, p. 523-531). Escreve sobre Julia Lopes de Almeida na serie sobre Escritores Brasileiros Contemporâneos na *Revue d'Amérique Latine*. (LIMA, 1975, p. 166-176).

observar e até apontar características negativas ou passíveis de crítica nesta sociedade, a questão é que sempre encontra uma forma de explicar, justificar ou amenizar o problema. Ele inicia o capítulo dando razão a impressão geral já disseminada de que o dinheiro nos Estados Unidos “a tudo prima e em tudo aparece”. Mas aponta a razão rapidamente: “de facto assim é, mesmo pela razão muito simples de que o dinheiro aqui existe em maior quantidade e sobretudo em maior proporção do que em qualquer outra parte do mundo”. (LIMA, 1899a, p. 166).

A figura do *self made man*, tão característica da sociedade norte-americana, é vista com uma lente positiva pelo diplomata, afinal entende que estes homens enriqueceram exclusivamente pelo seu trabalho e, sobretudo, pela sua inteligência. Lima insiste, concordando com a análise de Bourget (BOURGET, 1895), que é necessária uma soma enorme de talento para criar uma fortuna colossal como aquelas que abundavam nos Estados Unidos de fins do século XIX e princípios do XX. Chega até comparar o trabalho mental mobilizado para edificar a fortuna de Jay Gould¹⁴⁶ com o trabalho de Balzac para escrever a Comédia Humana. Sabendo que esta era uma defesa difícil de ser feita ante seus compatriotas, Lima apela outra vez a uma explicação baseada na diferença entre raças. Explica que havia um rechaço maior por estas fortunas entre os brasileiros e europeus, sobretudo latinos, porque estes são mais propensos a impressionarem-se com “o espectáculo da florescência litteraria que o da expansão industrial e comercial”. (LIMA, 1899, p. 167). Apesar de crer que tal procedimento era um pecado contra o bom senso, por outro lado, entende que é indubitavelmente a prova de que estas raças possuem mais gosto e mais refinamento.

Esta falta de refinamento que reconhecia nos norte-americanos afetava as artes e a literatura, certamente. Lima pondera que nos Estados Unidos tudo é muito ordenado, muito certo e previsível e como lhes falta a parte do desigual, do imprevisto, do pitoresco até, o sofrimento e a fermentação que constituem a base para a arte tampouco existem. Daí que afirme que há grandes artistas e também grandes escritores, mas não conformou-se ainda uma grande arte ou uma grande literatura. Ele opina que neste sentido, a certeza do bem estar e da remuneração, enfim, de uma atmosfera de perfeita calma e previsibilidade, pode representar uma desvantagem para o campo da criação artística e literária, ao mesmo

¹⁴⁶ Jay Gould (1836-1892) foi empresário no ramo das estradas de ferro e de vários outros negócios, foi considerado o nono homem mais rico da história dos Estados Unidos.

tempo em que é uma das vantagens desta democracia. (LIMA, 1899, p. 167).

Se lhes falta o refinamento facilmente encontrado na Europa, contudo, há nos Estados Unidos dois predicados literários que possuem sedução porque correspondem perfeitamente a sua natureza: a sinceridade e a simplicidade das emoções. (LIMA, 1899, p. 179). Lima tenta explicar a falta de requinte pela falta de um passado e de tradições. São, afinal, uma nação jovem. Além disso, aponta a “carência de uma capital no sentido moral da palavra”, como eram Paris, Viena ou Berlim. Para ele, Washington não é um “centro propulsor” porque “vive da vida artificial que lhe empresta a burocracia federal. (LIMA, 1899, p. 180). Considera as festas oficiais modestas e a sociedade demasiado aberta por causa da ausência de classes, além de observar que as preocupações de riqueza eclipsam o puro intelectualismo na capital. Nota que não faltam, porém, espaços para o exercício da sociabilidade e que abundam as “recepções monstros”, nas quais “não se conversa”, apenas apertam-se mãos. (LIMA, 1899, p. 182). No âmbito da sociabilidade privada, porém, os americanos visitam-se e convivem, trocando impressões e ideias, o que lhes havia tornado habituados a considerar as questões com mais clareza e as opiniões com mais tolerância. Este tipo de sociabilidade é visto por Lima como um hábito salutar capaz de produzir “tolerância, amenidade de trato, cordialidade de relações, inteligência de visão espiritual, cultura”, enfim, mais uma consequência positiva da democracia. (LIMA, 1899, p. 188).

É importante não perder de vista que esta era a primeira experiência de Lima fora da Europa – sem contar os períodos no Brasil, claro – e por isso é tão comum o expediente da comparação com o velho continente. Os efeitos da influência e das trocas culturais entre a Europa e o Brasil para ele já eram claros, ele sendo inclusive um produto destas experiências. Mas não deixava de resultar-lhe curiosa a história do fluxo e refluxo da ascendência moral europeia sobre a América do Norte e vice-versa. Destaca, por exemplo, como em fins do século XVIII e princípio do XIX existiu uma inquestionável influência dos Estados Unidos sobretudo durante as lutas de independência das colônias. E acreditava que “os toscos sapatões e as meias de lã de Franklin contrastando com as sedas e velludos de Versalhes fizeram quasi tanto para a Revolução como as apostrophes de Mirabeau”. (LIMA, 1899, p. 188).

Não por isso deixa de notar que os Estados Unidos possuíam uma paixão pela tradição, especialmente entre as classes cultas. Estava convencido de que este respeito pelo passado também contribuía em boa parte para o desenvolvimento da filantropia no país. (LIMA, 1899, p.

186). Esta era uma característica que o fascinava e em muito pesava para sua conclusão de que aquele não era exclusivamente o país do dinheiro, mas também era o país “de um esperançoso germinar da espécie”. (LIMA, 1899, p. 187). Outro aspecto que destaca na sua observação sobre o culto à tradição é como ela se expressava na busca pela construção de um passado tradicional. Os multimilionários constituíam em certo sentido a aristocracia desta democracia dado o protagonismo que tinham na vida pública do país. Entretanto, Lima recorda que não conformavam uma perfeita classe aristocrática porque não possuíam uma aristocracia anterior a eles para imitar; nem tradições, obrigações ou costumes de classe para respeitar, cumprir e seguir. Esta situação porém, estava sendo modificada pelas alianças realizadas pela plutocracia americana com a velha nobreza europeia. Lima comenta que “as Americanas ricas sabem de cór o Almanack de Gotha e conhecem todos os partidos vantajosos da Europa”. E ainda esclarece que por vantajosos, entendiam-se os candidatos que aliavam um velho nome a uma figura decente. (LIMA, 1899, p. 205).

Para Lima essa busca por construir uma linhagem demonstrava como a ação que exercia a Europa sobre os Estados Unidos não inspirava-lhe apenas a cultura e o refinamento que a sua civilização muito jovem não poderia produzir sozinha, mas também a contaminava com os defeitos das velhas civilizações. Um desses defeitos era claramente a preocupação com a origem, nascimento e tradição. Outro expediente observado pelo brasileiro nessa busca pela tradição era a construção de genealogias. Conta ele que “sujeitos ha em Nova York e outras cidades cujo meio de vida, aliás rendoso, consiste em fabricar genealogias (*pedigrees*) para ricaços que desejam applicar um pouco do seu thesouro a dourar e pratear o fundo de um escudo de armas”. (LIMA, 1899, p. 206). Alarmado, acrescenta que em Nova York chegou o sestro genealógico a tal loucura que fundou-se uma sociedade chamada *The Order of the Crown*, da qual para fazer parte era necessário demonstrar descendência direta de um rei. Ao que conclui com ironia: “Poderia imaginar-se que poucos descendentes de rei se encontram n' esta Republica. Puro engano. Abundam como mosquitos á beira d' agua”. (LIMA, 1899, p. 206).

Não poupa críticas a outros exemplos desse exagero na busca de uma origem nobre, mas termina por dar-lhe um significado mais elevado a todo este frenesi genealógico. Afirma que “a preocupação do nascimento não confina-se ao circulo mundano dos Americanos, nem representa um puro snobismo derivado da convivência européa”. (LIMA, 1899, p. 211). Para ele, esta busca advinha do desejo pelo progresso que

pulsa nas veias da população norte-americana e graças a qual desde o princípio se conservou distante do “abastardamento resultante dos cruzamentos com raças inferiores”. (LIMA, 1899, p. 211). Os Estados Unidos sempre tiveram a preocupação de conservar pura a raça branca, e mesmo entre esta buscou exercer uma certa seleção consciente, tomando-se em conta fatores como o vigor físico e a limpeza de origem.

Por isso a raça americana vinga e prospera n'um meio cujas condições eram indubitavelmente inferiores às nossas, em vez de definir-se fisicamente e atrofiar-se moralmente. Por isso todo o paiz exhala esse perfume de adiantamento que o torna tão sympathico á emigração dos outros continentes, e desperta n' elle o appetite de expansão civilizadora que os povos menos aptos ou preparados para a lueta invejam e denigrem como meras fantasias de conquista e ambições de mando. (LIMA, 1899, p. 212).

Assim, o que poderia ser considerado um prurido quase ridículo ganha uma interpretação muito mais indulgente, transformando-se em apenas mais uma qualidade do povo americano, que deseja ter uma ascendência ilustre capaz de ser exemplo de força e glória para o país. Enfim, “encarado n' esta luz, o sestro das genealogias assume um feitio sympathico e revelador do character americano”. (LIMA, 1899, p. 212).

3.2.6 O “figurino político” dos Estados Unidos

Lima justifica este capítulo, o mais longo do livro com 70 páginas, afirmando que os Estados Unidos eram “figurino político” do Brasil naquele momento, assim como a Inglaterra o havia sido na época do Constitucionalismo monárquico. Depois da Proclamação da República impôs-se no Brasil a imitação política dos Estados Unidos por causa das novas instituições transplantadas para o país. (LIMA, 1899, p. 215). Deste modo, a observação do funcionamento da máquina política dos Estados Unidos e o estudo do presidencialismo, descontadas as diferenças de meio, poderiam ser proveitosas para o Brasil e contribuir para a superação das dificuldades na sua marcha política. Lima pensava que se bem estas dificuldades poderiam ser fruto da adaptação ainda em andamento, não deveria permitir-se que se prolongassem demasiado sob o risco de que se perpetuassem. Era fundamental, portanto, entender bem o modelo adotado para que se houvesse divergências, este pudesse ser alterado, conservando a essência do regime. (LIMA, 1899a, p. 278).

Lima entendia que apenas por ser uma República o Brasil não tinha que copiar exatamente nem a Constituição nem as instituições dos Estados Unidos. Mas sendo os Estados Unidos a república federativa por excelência, e o modelo já adotado no Brasil, convinha estudar os precedentes, a teoria do sistema e a explicação dos usos e costumes políticos que o transformaram. Ele observava as flagrantes diferenças nas condições de modelo e cópia, sendo a principal que o Brasil ainda estaria na fase política, isto é, no período de adaptação das instituições ao povo entre o qual elas foram implantadas. Os Estados Unidos, por outro lado, já estavam há muito na fase social, quando se discute a divisão e governo do edifício levantado sobre a base de instituições que já foram aceitas sem discrepância e funcionam sem atritos. Para chegar à fase social, faltavam ao Brasil os dois termos da equação: capital e trabalho. Faltava capital porque o das empresas industriais brasileiras era quase todo estrangeiro, assim como o das instituições bancárias e até o comércio varejista. E o trabalho era ainda deficiente em quantidade e em qualidade já que se constituía de ex-escravos e seus descendentes e pelos povos menos aptos da Europa que emigraram. (LIMA, 1899a, p. 276). A mesma lógica se aplica ao presidencialismo, que carecia ser convertido de uma transplantação estrangeira a uma produção nacional própria. Em ambos casos, acreditava que o tempo haveria de resolver a questão porque com a experiência acumulada seria possível a interpretação e adaptação destas instituições.

Outro fator que diferenciava os dois países era o que o brasileiro chamava de “gênio” e que pode bem ser entendido como um conjunto de características intrínsecas atribuídas à raça, utilizado por ele também como sinônimo de “caráter”. Estas diferenças entre brasileiros e americanos afetavam o relacionamento dos estados da federação e seu funcionamento como um todo. A federação norte-americana era vigorosa porque estava baseada no consenso consciente e inteligente dos estados. Ao contrário do gênio caseiro dos brasileiros, os americanos eram levados a mover-se continuamente por seu temperamento, ajudados pela comodidade e facilidade dos meios de transporte disponíveis. Assim, moviam-se pelo país, promovendo uma troca constante de impressões, ideias e opiniões. A evocação dos esforços comuns e das glórias do passado, unidas aos interesses comerciais, formavam a sólida trama do sentimento patriótico. Por isso nos Estados Unidos existiam questões verdadeiramente nacionais, no sentido de que interessam igualmente a todos os seus habitantes, o que não acontecia no Brasil. (LIMA, 1899a, p. 219).

A falta deste alicerce é que promove o vício em qualquer sistema representativo. Oliveira Lima cita Tocqueville, que segundo ele, compreendeu que nos Estados Unidos existe algo que não há em outras partes e certamente não havia no Brasil: um povo capaz de apreciar os seus deveres como os seus direitos. Nos Estados Unidos “a opinião pública é de facto superior a tudo”. (LIMA, 1899, p. 229). Isto porque há muito que no país não há uma classe que governa e uma massa que é governada. A massa governa ainda que sob a inevitável influência da classe dos milionários exercida por meio da corrupção e encontrando sua expressão por meio dos profissionais da política. Haveria luta se esta classe passasse de corruptora a dominadora, mas naquele momento, Lima entendia haver um acordo aparentemente estabelecido entre governantes e governados, e portanto não havia mais necessidade de conquistas propriamente democráticas nem tradições aristocráticas a suplantar. Havia apenas o bem estar econômico a aumentar com igual interesse e benefícios mútuos. (LIMA, 1899, p. 234). Por tudo isso “os Estados Unidos constituem o terreno da mais vasta e com todos os seus senões da mais genuína experiência democrática que o mundo tem presenciado”. (LIMA, 1899, p. 229).

Também o sistema de partidos americano mereceu rasgados elogios. “A organização partidária americana é a mais complicada mas ao mesmo tempo a mais eficiente organização que imaginar-se pode.” (LIMA, 1899, p. 235). Aos que criticavam a tirania dos partidos, que abafavam as opiniões individuais, Lima respondia que sem a subordinação das minorias e sem a hierarquia disciplinada produzida pelo sistema seria impossível dar a adequada expressão às diferentes correntes políticas em um território tão vasto e com tão considerável população como os Estados Unidos. E aos críticos dos ares de negócio que poderia dar-se a política norte-americana, ele justificava pela superabundância dos homens de negócio neste meio. Acrescentava com uma pitada de ironia que acontecia algo parecido no Brasil, onde a superabundância de bacharéis explicava o abuso das discussões acadêmicas sem resultado prático. (LIMA, 1899, p. 236).

Crítica por outro lado a ignorância dos cidadãos americanos no que toca ao estrangeiro e que tanto contrasta com o “perfeito conhecimento” que possuem do seu país. Esta ignorância é atribuída a defeito de raça, a uma falta de universalidade nos sentimentos e nas ideias que lhes seriam comuns. (LIMA, 1899a, p. 239). Lima cita um exemplo prosaico desta situação. Conta que observava nos trens pelos Estados Unidos que as pessoas liam o jornal inteiro, mas invariavelmente saltavam a secção de

notícias do exterior. Entendia que os Estados Unidos precisavam conviver mais intimamente com os outros povos cultos para conhecê-los melhor, desfazer preconceitos e granjearem mais simpatia internacional. Acreditava, porém, que a disseminação da instrução no país estava operando no sentido de corrigir semelhante falta de curiosidade.

De forma geral, opinava que a cultura propriamente literária da classe educada no Brasil era muito mais apurada que a equivalente nos Estados Unidos. A eloquência política e a imprensa também lhe pareciam superiores e pelos mesmos motivos. Havia nos Estados Unidos jornalistas incomparáveis como repórteres e correspondentes de guerra, mas que deixavam muito a desejar como escritores porque lhes faltava cultura literária e leitura estrangeira. Eram, portanto, os jornais órgãos de informação e as revistas de ilustração, mas nenhum dos dois de educação. Sobre as classes populares brasileiras, no entanto, era mais crítico. Via nas massas norte-americanas uma educação superior inclusive a de qualquer outro país, vivendo vida em condições relativamente folgadas e com acesso a informação muito mais fácil. Estavam, porém, ainda longe de obter a instrução ideal, que só é atingível aos que possuem tempo para obtê-la. (LIMA, 1899, p. 244).

Lima lembra que a aptidão da raça para o *self government* não impedia a existência da imoralidade no terreno da política. Porém era na gestão dos municípios que se encontrava o seu “clássico terreno” justamente porque nesta esfera da administração pública se encontravam os indivíduos originários de outros países, com educação inferior e de “raças menos aptas ao *self government*”. Aí se encontravam chefes sem escrúpulos e desconhedores das normas administrativas da República, da qual chegavam a fazer parte “com demasiada facilidade”. Um exemplo claro destas sociedades corruptas era a Tammany Society, que dominou a política da cidade de Nova York entre 1854 e 1943, e estava constituída em sua maioria por Irlandeses. Os irlandeses são descritos por Lima como “vivos, apaixonados, impetuosos, impressionáveis, deixando-se facilmente influenciar, e com uma disposição hereditária para a lealdade pessoal para com um *leader* de qualquer espécie”. Todas características que contrastavam claramente com as que ele atribuía aos norte-americanos. Outro fator apontado por ele para a má qualidade e corrupção encontrada nos governos locais era o fato das grandes cidades serem o lugar favorito de reunião dos “pobres, criminosos e imprevidentes”. (LIMA, 1899a, p. 247). Sem embargo, o diplomata estava convencido de que a corrupção havia encontrado seu auge no período imediatamente posterior a Guerra de Secessão e havia ficado no passado. Já naqueles anos finais do século XIX via a obra de saneamento político indo por um

bom caminho e reconhecia nas medidas de reforma do serviço civil implementadas pelo Presidente Cleveland bons indícios disso.

3.2.7 O Catolicismo e a educação nos Estados Unidos

Pra Lima naquele momento os Estados Unidos representavam “dentro da relatividade da tolerância humana, o mais completo domínio da liberdade de consciência” e citava como exemplo inequívoco deste caráter o Congresso das Religiões¹⁴⁷ realizado em Chicago. (LIMA, 1899a, p. 285). Apesar de serem uma nação protestante, ele via prosperarem no país dezenas de religiões, e dentre estas afirmava que a Católica era a que mais florescia. (LIMA, 1899, p. 287).

Não só observava que o jovem país era um terreno fértil para a expansão da religião católica como afirmava que “o catholicismo americano é sem sombra de duvida o catholicismo do futuro”. (LIMA, 1899, p. 289). É que via nos Estados Unidos o ponto exato onde a doutrina romana se apresentava menos contaminada de reacionarismo mais liberal; mais evangélica e, em última instância, mais cristã. Além disso, entendia que o verdadeiro catolicismo deveria naturalmente progredir nas democracias porque é a religião dos humildes e dos pobres. Por conseguinte, era no Novo Mundo onde as encíclicas de Leão XIX poderiam ser praticadas quase sem enfrentar os obstáculos impostos pela tradição, pela educação, pelo fanatismo e pelo obscurantismo que via presentes na Europa e sobretudo em Roma.

Intelectual de formação católica, ficou especialmente bem impressionado com a relação estabelecida entre religião e ciência, posta em prática na instituição da Universidade Católica da América. A Universidade foi fundada como um centro de pesquisa e estudos de pós graduação em 1889 e segue sendo até hoje a única instituição de ensino superior fundada por Bispos norte-americanos e que responde administrativamente ao Arcebispo de Washington. Os cursos de graduação foram implementados apenas em 1904, portanto, quando Lima conheceu o campus da Universidade ficou realmente encantado com a existência deste tipo de instituição voltada unicamente a pesquisa de alto nível. Esta visita foi fundamental na sua decisão alguns anos mais tarde

¹⁴⁷ O Parlamento Mundial de Religiões ou Parlamento das Religiões do Mundo é uma organização internacional não governamental de diálogo interreligioso e ecumênico que nasceu em Chicago, entre 11 de setembro e 27 de setembro de 1893.

de doar sua preciosa biblioteca a Universidade, onde esperava ver fundado um centro de estudos ibero-americanos.

Um personagem que contribuiu sobremaneira para a simpatia do diplomata pela Universidade foi seu Reitor, Cardeal Gibbons, “sem dúvida alguma o homem mais popular de Baltimore”, estimado e respeitado igualmente por católicos e protestantes pelo seu valor moral, ilustração e piedade. (LIMA, 1899a, p. 296). O reitor unia qualidades apreciadas por Lima, sendo um intelectual ao mesmo tempo que um homem de ação, quase um homem de negócios.

Como fica claro em diversas passagens do livro, Lima tornou-se um admirador do sistema de ensino universitário como um todo porque as universidades eram um refúgio do pensamento naquela terra tão pujante de desenvolvimento industrial e absorvida em preocupações materiais. Elas representavam o lugar "onde se codifica a moral do paiz", onde se cristalizava o sentimento de predestinação da raça. Acima de tudo, na sua opinião não eram fábricas de bacharéis, mas geradoras de sábios. (LIMA, 1899, p. 307). A Universidade era um centro de convergência tanto para a disseminação da fé como da investigação científica, colocando em prática exatamente a visão que ele tinha sobre religião e ciência.

Ele descreveu em detalhe os métodos da Universidade Católica, que lhe pareceram extraordinários. A seu ver, através da liberdade dos alunos em escolher seus cursos e combinar as cadeiras que melhor se adaptassem a suas inclinações intelectuais e também do estímulo a pesquisa, as Universidades visavam muito mais do que a conferir títulos, a desenvolver as inteligências. O método colocava em evidência a tradição do individualismo no caráter nacional, e ajudava a que as Universidades nos Estados Unidos fossem verdadeiras academias, no sentido clássico da palavra. A observação destes métodos o levou a refletir que “a independência é o alicerce da educação americana, como a sujeição o é da educação latina”. (LIMA, 1899a, p. 307).

3.2.8 Escritores americanos

Seu interesse pela vida intelectual do país não esteve concentrada apenas nas instituições de ensino. Oliveira Lima não deixou de exercer uma das suas facetas preferidas, a de crítico literário, e para isso buscou penetrar na produção literária nacional e suas várias vertentes. Sua opinião sobre a literatura produzida nos Estados Unidos é benéfica e otimista como todos os demais aspectos que analisa na sua obra. Contra

o que considera uma injustiça de muitos detratores do país, inicia afirmando que a produção intelectual não era pobre e que no país não escasseavam representantes distintos. Além disso, revela que as letras eram tão extensivamente cultivadas que em todas as categorias e profissões encontravam-se seus cultores. (LIMA, 1899a, p. 321). Enumera como exemplo os membros do Gabinete do Presidente Mc Kinley que tinham alguma produção literária e comenta as obras de diversos membros do Congresso, o que o leva a conclusão de que lá “as letras não brigam com a política”. (LIMA, 1899, p. 323). Não passou por alto nem das publicações oficiais do governo, as quais aprecia pela quantidade, diversidade e qualidade. Estas publicações inclusive servem de base para vários trechos do livro.

Na sua opinião os Estados Unidos não haviam produzido ainda um poeta universal. (LIMA, 1899a, p. 326). Se faltavam poetas, por outro lado, não escasseavam os tratadistas de direito público, os expositores e comentadores da doutrina constitucional, os escritores sobre lei e praxes forenses, frutos do ambiente de um país democrático e com senso político tão desenvolvido. Encontrava copiosas também as literaturas econômica e sociológica, bem como os romances e livros de viagem. Ressaltava as contribuições valiosas para o progresso da inteligência humana dos autores nacionais no domínio da filosofia, da etnografia e da ciência em geral, exemplificando com nomes como Whitney e instituições como o *Bureau of Ethnology da Smithsonian Institution*.

Se fazia, porém, um pequeno reparo é que os historiadores e publicistas americanos costumam geralmente considerar os assuntos de que tratam a partir de um ponto de vista exclusivamente nacional, um defeito que Lima já apontou como intrínseco à mentalidade americana. Sem embargo, não via nisso um traço incorrigível e entendia que uma nação jovem, que há pouco havia passado seu período de formação com o tempo se tornaria mais cosmopolita em vários aspectos. Neste sentido, nomeava o filósofo John Fiske como alguém que já havia superado a fase de ser um escritor estritamente patriota e que procedia com o intuito de relacionar as ideias fundamentais da política dos Estados Unidos com a história geral da humanidade. Para o brasileiro, este proceder era característico de um homem verdadeiramente erudito, universalmente ilustrado e portador de uma educação intelectual completa ou superior.

Lima não poupa elogios a Fiske, a quem cita frequentemente no livro. O filósofo e historiador era para Lima o “representante mais acabado da cultura americana”, um nome que por si bastaria para indicar a abundância da literatura naquele país. (LIMA, 1899a, p. 340). Fiske foi

um grande divulgador nos Estados Unidos das teorias darwinianas¹⁴⁸, às quais agregou importantes contribuições originais que lhe deram reputação na Europa e no seu próprio país com um notável evolucionista. As constantes referências a Fiske revestem-se de importância para a compreensão das ideias de Lima sobre raça e imperialismo na medida em que o autor norte-americano é considerado um dos pais intelectuais de um imperialismo baseado no conceito de superioridade racial anglo-saxã. (MERK; MERK, 1995). Ele era um defensor da teoria do excepcionalismo americano e um dos autores que ajudaram a revitalizar no debate público a ideia do Destino Manifesto¹⁴⁹. Para Fiske (1885, p. 588), o Destino Manifesto dos Estados Unidos estava claro:

It's enough to point to the general conclusion that the work which the English race began when it colonized North America is destined to go on until every land on the earth's surface that is not already the seat of an old civilization shall become English in its language, in its religion, in its political habits and traditions, and to a predominant extent in the blood of its people.

Segundo Fiske (1885), só uma grande nação seria capaz de tamanha contribuição pro regime representativo como foi o federalismo. Isto se devia a sua aptidão natural ao *self government*. A origem puritana, herança inglesa, era fundamental nesta concepção, pois havia criado uma raça voltada as causas práticas, com hábitos comerciais e afastada da busca pela arte e literatura, mas sem cair em barbarismos. As semelhanças com a narrativa de Lima em *Nos Estados Unidos* são notáveis.

Já no domínio da literatura, julgava haver poucos livros tão interessantes como os de Mark Twain, porque eram atraentes, deleitáveis e correspondiam bem a todos os gostos. (LIMA, 1899a, p. 334). Lima o considerava o representante mais reputado, mais genuíno e mais brilhante do humor americano. Humor este que por sua vez via como uma “feição peculiar à raça, não só traço derivado das circunstâncias do desenvolvimento nacional e revelador do actual optimismo”. (LIMA,

¹⁴⁸ Sua obra *Darwinism, and Other Essays* publicada pela primeira vez em 1879, em 1890 estava na sexta edição. (FISKE, 1890).

¹⁴⁹ O primeiro uso registrado do termo *Manifest Destiny* foi feito em 1845 por John O'Sullivan em um artigo em que defendia a anexação dos território do Texas. Para ele, os opositores da anexação do Texas estavam impedindo o cumprimento do Destino Manifesto. “Our manifest destiny to overspread the continent allotted by Providence for the free development o four yearly multiplying millions.” (O' SULLIVAN, 1845).

1899, p. 329). Twain era pura, autêntica e indubitavelmente americano, no sentido em que personificava certas características como a *self education* que o motivava a rasgar novos horizontes, o patriotismo que não se deixava abafar pela admiração do estrangeiro, pelo ódio à baixaza e à vileza, pela altivez do eu combinada com a doçura do trato, pela impaciência de aprofundar o conhecimento de qualquer objeto ou problema. (LIMA, 1899, p. 337).

3.2.9 A política externa

É interessante notar que Lima separa em dois capítulos distintos os temas Política externa e Política Colonial dos Estados Unidos. No capítulo sobre Política Externa procura traços gerais de orientação desta política buscando suas raízes na história. Segundo ele, a política externa americana estava principalmente baseada em dois traços que faltavam a brasileira: continuidade e energia. Ambas fruto da influência dos estadistas americanos que desde Washington “sabem o que querem e querem-no a valer”. (LIMA, 1899a, p. 361).

Para Lima, depois de “apagado o rastilho emancipador” no continente, além do Brasil havia uma única nação organizada, os Estados Unidos, entre uma dúzia de “estilhaços dos vice-reinados hespanhoes, cuja história é monotonamente agitada, e nos quaes generaes, padres, aventureiros e mestiços dançavam uma sarabanda doida e sangrenta em redor do altar do bezerro d'ouro coberto com o barrete phrygio da Liberdade”. Via, porém, mudanças positivas neste cenário com um Chile “cheio de vitalidade” e uma Argentina “rica de futuro”. Mas ainda assim nenhuma destas novas repúblicas poderia nem de longe comparar-se aos Estados Unidos em termos de uma colonização integrada, de desenvolvimento industrial, de “adiantamento intellectual, não meramente litterario, vigor, opulência e esplendor”. (LIMA, 1899, p. 365). Dadas estas condições, concluía que a preponderância da nação norte-americana no continente “é mais do que uma intenção manifesta, é uma condição necessária, um resultado fatal, a que não ha fugir”. (LIMA, 1899, p. 366).

Sobre a correlação de forças no continente afirmava que era na realidade inexistente, no sentido que na Europa dá-se ao termo equilíbrio, já que ainda que não fosse a única nação independente do Novo Mundo, os Estados Unidos eram a única dotada de condições de educação cívica e de capacidade de administração, além de recursos materiais. (LIMA, 1899, p. 364). Justifica a criação da Doutrina Monroe em um contexto de

necessidade de tratar de defender a autonomia do novo continente contra as investidas da Santa Aliança. Tinha claro que sua acepção primitiva havia sido ditada pela necessidade de defesa e segurança dos Estados Unidos e o livre desenvolvimento da sua forma de governo. Neste contexto, a intervenção era uma consequência e não um princípio ou regra de proceder inalterável.

Com a atuação de Cleveland na questão venezuelana, a intervenção tornou-se “para assim dizer obrigatória, com a agravante que, na phrase do seu Secretario de Estado Olney, a vontade americana convertia-se no fiat de todo o continente”. Posteriormente, as conquistas nas Antilhas e no Extremo Oriente vieram a “solapar tanto o velho como o novo monroismo”. No seu esforço de distinção entre o monroismo original e as interpretações posteriores, chama a atenção para que na esteira do avanço da política colonial dos Estados Unidos já havia propostas de que o termo deveria ser “substituída no dicionario politico americano pela de deweyismo”, em alusão ao Almirante e herói da Guerra Hispano-Americana George Dewey.

As mudanças na orientação da política exterior dos Estados Unidos eram observadas de perto por Oliveira Lima, que concordava com aqueles que viam alterações substanciais na definição original do monroismo. Dizia ele:

Com efeito o monroismo — si quizermos respeitar-lhe o pristino nome alterando-lhe de todo a significação— está ameaçado de perder mesmo a sua segunda acepção para tomar uma terceira, mais larga ainda que menos generosa, mais practica posto que menos definida, tão afastada da primitiva que seria até irrisório guardar-lhe a denominação. Mais acertado parecerá dizer que o monroismo tem-se esforçado por não deixar-se absorver pelo deweyismo (emprestando ao espirito de conquistista o nome do glorioso marinheiro que não fez outra cousa senão com temerária audácia destruir a esquadra inimiga no porto onde estava abrigada) [...]. (LIMA, 1899a, p. 256).

Ainda que criticasse sutilmente a Dewey, não desaprovava totalmente a incorporação dos novos territórios nem a política colonial dos Estados Unidos, que considerava legítima e natural, como se verá no capítulo referente ao tema, que tratarei na secção seguinte. Lima acreditava na capacidade de adaptação da Doutrina às novas circunstâncias políticas e no seu poder para limitar a expansão territorial às “conveniências da defeza e do commercio” e abafar os instintos de

dominação que haviam levado a perdição outros impérios. (LIMA, 1899a, p. 257). Esta fé na Doutrina está relacionada a visão positiva que tinha do próprio James Monroe, “o definidor da autonomia política do continente”, que fazia parte “de uma serie de Presidentes audazes, intrépidos”, capazes de promover uma política “ambiciosa mas precisa”. (LIMA, 1899, p. 24)

Lima afirma diversas vezes que não via nos Estados Unidos nenhum traço de um desejo imperialista intrínseco, mas sim o desenvolvimento natural da recente guerra contra a Espanha. Antes, via a grande república “satisfeita”, rejeitando ou ao menos não demonstrando grande entusiasmo pela anexação do Hawaii e sem um entusiasmo unânime pela de Cuba, que desejavam ver independente. Analisando os efeitos da guerra porém, notava mudanças na opinião pública e no governo. Para ele, os acontecimentos haviam transformado em muitos a prévia indiferença em apetite. Constatava que os resultados da Guerra Hispano-Americana foram a “inteira destruição de duas esquadras hespanholas, a cessão aos Estados Unidos de quasi todo o domínio colonial hespanhol e a inauguração do imperialismo norte-americano”. (LIMA, 1899, p. 367).

Esforçava-se por matizar este recém adquirido apetite expansionista afirmando que a opinião geral não se inclinava muito em favor de uma política agressiva, que envolvesse a quebra da neutralidade tradicional estabelecida por Washington e seus sucessores. Argumenta que o ideal de um povo não pode manter-se imutável e acompanha seus diferentes fases de cultura. Assim, as aspirações nacionais dos Estados Unidos não poderiam ser idênticas aquelas que faziam “palpitar ha um século o coração dos homens da Independência”. (LIMA, 1899, p. 423-424). O que não significava dizer que se estava abandonando totalmente a tradição na condução dos negócios estrangeiros. Para Lima, a tradição washingtoniana atuaria sempre no sentido de imprimir moderação de justiça no proceder dos Estados Unidos e também funcionava como refúgio moral e freio ao militarismo, que ele considerava um “mal da Europa e flagello da America do Sul”. (LIMA, 1899, p. 425). Lima sempre foi um crítico do militarismo, especialmente nos países latino-americanos, mas no caso dos Estados Unidos era mais complacente. Entendia que o aumento do poder militar sempre geraria susceptibilidades e provocaria temores de esquecimento dos seus princípios democráticos. Mas defende que o aumento da Marinha era absolutamente indispensável à expansão colonial dos Estados Unidos, à proteção do seu comércio, e para fazer frente a suas necessidades de defesa, todas exigências inerentes a sua situação de potência de primeira ordem.

Lima procurava tratar a política externa dos Estados Unidos em perspectiva histórica, recordando que a política de abstenção pregada por Washington havia sido seguida escrupulosamente durante um século e seu abandono naquele exato momento não representava um repúdio ao passado mas uma transformação. Esta mudança obedecia no fundo aos mesmos impulsos práticos que sempre ditaram a ação externa dos Estados Unidos. Esta orientação prática da diplomacia americana era fruto de uma inclinação natural da raça, aliada a disposição do desenvolvimento nacional e talvez nesta orientação tenha tido algumas vezes que ser brutal. (LIMA, 1899, p. 372). Mas os americanos herdaram a feição inglesa do apego as suas instituições e aos seus usos, bem como habituaram-se a encontrar nos meios pacíficos e regulares o melhor modo de reivindicar suas aspirações e satisfazer seus anelos. (LIMA, 1899, p. 4). Deste modo, esta orientação adquiria um papel positivo porque contribuía para a disseminação de conquistas da civilização em termos de política internacional, como o arbitramento e o tratamento generoso do inimigo vencido. Resolvido o grande tema da Independência, gozando de estabilidade interna e de um mercado interno sólido, a expansão do comércio internacional era a grande preocupação do país e por isso novos mercados eram fundamentais. Neste sentido, ele não via nenhuma diferença entre como atuavam os Estados Unidos e o que antes já haviam feito a Inglaterra, a França, a Alemanha ou a Rússia, “caminhando, anexando, absorvendo, para crear mercados e estabelecer relações mercantis”. (LIMA, 1899, p. 371).

É uma visão que vai completamente ao encontro dos postulados do Pan-americanismo oficial patrocinado pelos Estados Unidos. Não é por acaso que Lima considera que James G. Blaine era um dos dois estadistas mais notáveis¹⁵⁰ dos últimos tempos nos Estados Unidos, responsável por inaugurar o regime do pan-americanismo baseado na reciprocidade comercial, isto é, na conquista pacífica do hemisfério em proveito da produção americana. Segundo Lima, Blaine foi o primeiro a ter uma visão mais ampla da necessidade de expansão comercial dos Estados Unidos e procurar dar -lhe solução.

A Primeira Conferência Pan-americana idealizada por Blaine representava o mais recente esforço em promover a política exterior pan-americana. Mesmo malograda a Conferência no sentido da concretização dos objetivos da sua convocação, Lima a considerava um esforço mais

¹⁵⁰ O outro era Seward (1801-1872). Secretário de Estado e Governador de Nova York, foi um defensor da Abolição e membro do Partido Republicano. (LIMA, 1899, p. 24).

feliz que os anteriores e que acreditava que havia resultado na criação de um ambiente moral favorável no continente¹⁵¹. Ademais, na sua avaliação serviu para evidenciar um “prurido salutar de soberania” entre os países latino-americanos que era positivo para o estabelecimento de acordos eficazes no futuro. Sobretudo, o evento serviu para revelar por parte dos Estados Unidos correção e lealdade diplomática. (LIMA, 1899, p. 385-386).

O imperialismo norte-americano era, portanto, nada mais que a última consequência da sua constante expansão territorial, da sua magnífica civilização industrial e da necessidade em que se encontrava de escoar o excesso da sua produção agrícola e fabril. (LIMA, 1899, p. 403-404). Em resumo, a retórica do Pan-americanismo oficial esposado por Oliveira Lima unia o interesse comercial com o discurso da identidade, o Destino Manifesto dos Estados Unidos em levar a civilização para o resto do mundo. Com o seu chamado a expansão comercial dos Estados Unidos, o Pan-americanismo enfatizava a superioridade do país, os benefícios da modernidade, o atraso dos outros e a certeza da sua elevação sob o domínio norte-americano. Esta retórica vinda desde a década de 1880 constituiu a base da justificação do Pan-americanismo e ajudou a lançar os fundamentos de uma república imperial. Sua retórica sobre melhoramento apresentava a busca por mercados consumidores como uma cruzada civilizatória, um verdadeiro trabalho humanitário. (COATES, 2014, p. 23).

Percorrendo a história dos Estados Unidos, Lima não observa as mesmas “manchas de lodo e de sangue” vistas por Eduardo Prado, a quem chama de “um panfletário de grande talento”, que fez da sua má vontade aos Estados Unidos um dos artigos da profissão de fé monárquica no Brasil e levado pela cegueira partidária, desvirtua no seu livro vários fatos resolvidos de forma honrosa e diplomática pelos Estados Unidos¹⁵². Concede que neste momento preciso os brasileiros admiradores da América do Norte estavam com efeito “levando demasiado longe as suas

¹⁵¹ Para uma visão geral da I Conferência Pan-americana e seus resultados ver SOTOMAYOR, 1996 e MORGENFELD, 2011.

¹⁵² Ao fornecer uma lista das agressões perpetradas pelos Estados Unidos contra países latino-americanos, o que Prado buscava em última instância provar era a incompatibilidade dos interesses brasileiros e norte-americanos. Além disso, entendia que a imitação de ideias e instituições norte-americanas levaria a uma perda da identidade brasileira. Para Skidmore (1975), ao atacar a tendência pró-Estados Unidos da Primeira República, Prado inaugura uma nova e interessante corrente de pensamento crítico sobre a nacionalidade brasileira.

demonstrações de fraternidade e ameaçavam marear os brios da nação”. Ainda assim, posicionava-se em total desacordo com *A ilusão americana*, que a seu ver injustamente “condemna *in limine* toda a história, instituições, política e costumes dos Estados Unidos”. (LIMA, 1899, p. 375). É certo que critica a abstenção sistemática do país nas lutas pela independência no continente e que o reconhecimento aos novos países só tenha sido dado quando já estava assegurada, mas sua apreciação geral encontra continuidade e lisura no proceder com outros países. Estavam enganados aqueles que viam nos Estados Unidos uma disposição sempre a espreita de uma oportunidade para aumentar seu território. Lima estava otimista com a nova atitude norte-americana, que nas relações com os outros países havia sempre manifestado um espírito “leal e franco”. E acreditava sobretudo que o sentimento de justiça internacional havia se enraizado desde a Guerra com o México e por isso esse era um tipo de espetáculo que “a nossa geração não corre grave risco de assistir”. (LIMA, 1899, p. 369).

O diplomata brasileiro considerava que as conquistas territoriais realizadas ultimamente pelos Estados Unidos haviam sido “mais impostas pelas circunstancias do que intencionaes”, à exceção de Porto Rico, que era uma necessidade de defesa e uma condição para alcance da supremacia no mar das Antilhas. De qualquer forma, todas as conquistas eram perfeitamente justificáveis seja por razões econômicas ou de geopolítica ou até humanitárias. Sobre o entusiasmo despertado pela causa de Cuba nos Estados Unidos, não via que escondessem desejos de anexação, apenas era uma “característica expansão de americanismo, a florescência das sementes de amor da liberdade humana”. E mesmo que houvesse outros interesses ao redor do apoio a causa cubana, lhe parecia que havia razão de sobra para uma intervenção pois era indiscutível que os interesses americanos em Cuba, tanto materiais como morais, eram apenas inferiores aos da Espanha. (LIMA, 1899, p. 369). Já a aquisição do Hawaii era necessária se os Estados Unidos não quisessem vê-lo cair cedo ou tarde em mãos dos japoneses. (LIMA, 1899, p. 415).

Quanto a atuação dos Estados Unidos como “protetores natos de toda a América”, afirma que até a questão da Venezuela eles nunca pretenderam tomar esse papel para si, nem mencionavam ingerir na marcha interna nem nos negócios externos de outros países sem que houvesse um pedido de auxílio destes países ou sem a existência de “perigo vital para os interesses nacionais”. Um dos exemplos escolhidos por Lima para ilustrar a falta de um sanha expansionista por parte dos Estados Unidos foi justamente o declínio ao pedido de intervenção feito pelo Brasil em

1825¹⁵³. Com estes exemplos buscava provar que não era verdade que os Estados Unidos tenham utilizado a Doutrina Monroe como argumento ou como arma na condução da sua diplomacia, nem para tentar estabelecer um tipo de protetorado sobre o continente. Além disso, apreciava seus efeitos positivos como ter sido invocada para expulsar os franceses do México. Entretanto, não a vê como infalível e crítica por exemplo que a Doutrina não tenha impedido que países europeus usassem a força para resolver pendências financeiras ou políticas com Repúblicas americanas, como a intervenção franco-hispano-inglesa no México em 1861, as repetidas demonstrações navais da Inglaterra na América Central e o bloqueio de Buenos Aires em 1845 pelas esquadras francesa e britânica. De modo geral, porém, estava convencido de que o que movia os Estados Unidos era o desejo de estabelecer um ambiente de mútua confiança no continente, capaz de propiciar uma expansão comercial “bem natural” e que seria proveitosa para todas as nações. Reconhecia uma atitude informada por “impressiva solidariedade política”, que inclusive estava em consonância com o projeto proposto pelo “ânimo generoso de Bolívar”. (LIMA, 1899, p. 381).

3.2.10 Política colonial

Com relação à Política Colonial sua visão ia no mesmo sentido. Estava convencido de que os Estados Unidos se converteriam em uma grande potência colonial. E estava sobretudo convencido de que se sairiam muito bem no papel de metrópole. Afinal, afirmava ser incontestável que saberiam colonizar melhor que a Espanha, no sentido de dotar as ex-colônias com condições de progresso material superiores as que gozavam no momento.

Para embasar sua opinião comparava Honolulu no Hawaii, que considerava uma colônia americana de fato há mais de meio século, com

¹⁵³ Conforme carta enviada a José Silvestre Rebello, Chargé d'Affaires do Brasil, pelo Secretário de Estado Henry Clay, em 13 de Abril de 1825. “With respect to your second proposition of a Treaty of alliance offensive and defensive to repel any invasion of the Brazilian Territories by the forces of Portugal, if the expected Peace should take place, that also would be unnecessary. But such a Treaty would be inconsistent with the Policy which the United States have heretofore prescribed to themselves. That policy is, that whilst the War is continued to the parent Country and its former colony, the United States remain neutral, extending their friendship and doing equal justice to both parties”. (LIMA, 1899a, p. 519–521).

a situação de Cuba e Porto Rico. Entre outros elementos, aponta o asseio das ruas da capital havaiana comparado com a imundície de Santiago ou Havana. Arrolava ainda os benefícios palpáveis até o momento da ocupação americana em Cuba, que tratava de sanar a espúria administração espanhola, abolindo taxas impopulares e opressivas. Entre elas estavam as maravilhosas obras de saneamento no porto para combater a epidemia de febre amarela e a implantação da fiscalização do cumprimento de regulamentos sanitários; a implantação de uma linha telegráfica terrestre ligando Havana e Santiago e a reforma do “atrasado, corrupto e indecoroso serviço do correio”. (LIMA, 1899, p. 488).

O saneamento realizado em Cuba estendia-se do campo físico ao moral e buscava também melhorar os “hábitos aferrados de pouco aceio da população”. (LIMA, 1899, p. 488). Apesar dos avanços que observava, lamenta que fosse mais difícil mudar a natureza do povo cubano do que melhorar as condições materiais. O seu “espírito volátil, leviano e irrequieto” precisava de uma mão de ferro que também soubesse respeitar as liberdades essenciais para avançar, uma tarefa para qual os americanos estavam totalmente aptos. (LIMA, 1899, p. 489-490).

Sua previsão para o destino da Cuba independente era de que acabaria por ser anexada pelos Estados Unidos logo que a maioria dos cubanos tivessem amplamente “revelado sua incapacidade para a manutenção de um governo autónomo e digno, ou antes quando a administração de Washington julgar chegado o momento oportuno de colher o melhor fructo da curta campanha”. (LIMA, 1899, p. 459). Este seria o melhor caminho porque “entregar por completo o governo aos naturaes, seria erro consummado: no todo não passam por enquanto de hordas semi-barbaras, que o catholicismo hespanhol mal continha pela superstição e pelo terror e que, entregues a si, recahiriam na mais completa barbárie”. Além da sua total inaptidão para o governo, os cubanos nem mesmo poderiam sustentar sua independência contra a cobiça “das potencias coloniaes que rondam pelo mundo á espreita das presas menos difíceis”. (LIMA, 1899, p. 466).

3.2.11 Relações do Brasil com os Estados Unidos

É importante ter em mente ainda que Lima estava escrevendo logo após o resultado favorável obtido pelo Brasil na Questão das Missões (1895), que teve como árbitro o Presidente americano Groover Cleveland. Além disso, apenas a Inglaterra e a Alemanha vendiam mais do que o Brasil aos Estados Unidos naquele momento. Ele estava, portanto,

confiante na sinceridade da amizade dos Estados Unidos com o Brasil e na justiça do seu proceder internacional. Havia ainda a certeza de que não existia nada que dividisse os dois países e mesmo que seus interesses não fossem sempre os mesmos, pelo menos não eram opostos ou hostis. Jactava-se de que o Brasil era tido na conta de “gente de mais juízo” que os Hispano-Americanos, já que promovia revoluções em média decenais enquanto as deles eram anuais. Também contribuía para essa simpatia que o Brasil houvesse sempre apoiado a República anglo-saxônica, apesar da organização monárquica, “ao passo que no México, sob os protestos de estima, os Estados Unidos só encontravam justificada desconfiança, no Chile e na Argentina ciúme e mesmo má vontade alimentada por vários incidentes”. (LIMA, 1899, p. 435). Por tudo isso Lima via como muito pouco provável o surgimento de verdadeiros conflitos entre os dois países e tinha motivos para atestar a lealdade norte-americana e não temer a Grande Irmã do Norte.

Outro elemento que lhe dava confiança nas relações bilaterais é que sob o seu ponto de vista o Brasil não corria riscos de sofrer alguma intervenção. As anexações espreitam sempre os “países fracos, gastos e corrompidos” como era o caso da Polônia, da Turquia e da China, enquanto é a eterna condição das nações fortes fazerem-se conquistadoras. Mas, os países “ordeiros, laboriosos e progressivos” como o Brasil não tinham nada que temer. Ao mesmo tempo, o fantasma da desagregação só atingia os “organismos sociais decrépitos ou incapazes de prosperar sozinhos”, nunca os “organismos sadios e florescentes”. Por isso, expressar receios de absorção era o mesmo que dar testemunho da própria impotência. (LIMA, 1899, p. 453).

Mesmo a reserva inicial dos Estados Unidos em relação ao novo regime proclamado no Brasil, o que causou desapontamento entre muitos republicanos brasileiros, não chegava a constituir uma mácula nas relações com o Brasil. Lima afirma que a indiferença logo deu lugar à efusão, graças em grande parte aos inteligentes esforços de Salvador de Mendonça; ao sincero apoio prestado na Conferência pan-americana pela delegação brasileira; ao auxílio moral prestado aos intentos americanos na questão cubana e, a despeito da neutralidade declarada e oficial, a simpatia demonstrada durante o conflito. Defendia porém que essa simpatia não fosse meramente instintiva e estivesse baseada em compreensão, visando promover a estima mútua. Exatamente por isso pregava que deveriam ser bem acolhidos quaisquer esforços para tornar um povo bem conhecido do outro e *Nos Estados Unidos* é um bom exemplo deste esforço.

Apesar de toda a benevolência da sua análise das relações entre Brasil e Estados Unidos, ressaltava que mesmo com as disparidades entre os países em termos de força, riqueza e população, uma boa amizade não significava subalternação. Afinal, o Brasil tampouco era “*quantité négligeable*”, era a primeira potência da América do Sul e um importante aliado no continente, o que fazia sua simpatia conveniente aos Estados Unidos. Os esforços brasileiros por manter uma boa relação seriam recompensados, pois em um cenário internacional em que a luta por terras férteis e mercados era feroz, o isolamento significava a morte. (LIMA, 1899, p. 450).

Ao concluir *Nos Estados Unidos*, Oliveira Lima afirma que reconhecia a existência de não poucos problemas políticos e sociais no país, cujas soluções tampouco eram simples. Reconhece que também não sabe como os americanos realizariam estas tarefas, mas reafirma sua plena confiança na capacidade do povo americano em afrontar os desafios. Este povo dotado de qualidades excepcionais comparado a outras raças, ainda que comum a outras variedades da gente saxônica, tem os predicados necessários para a feliz solução de todos seus problemas, inclusive aqueles mais complexos derivados da expansão colonial, como a incorporação de elementos de raças não desejáveis ao seu sistema democrático. (LIMA, 1899, p. 511).

As qualidades que observava e admirava nos americanos e que lhes permitiriam superar quaisquer obstáculos que aparecessem eram em primeiro lugar a energia. “Não a energia turbulenta e inconstante dos conquistadores do México e do Peru, mas a energia fria e perseverante dos *pioneers* do Oeste americano”. Em seguida a jovialidade, “que faz parecer sempre suportável a vida, arrostar os perigos com serenidade e as dificuldades com bravura”. Depois o senso prático, que talvez contribua em grande medida para a corrupção legislativa ou administrativa, mas que “representa uma condição indispensável para o êxito de qualquer tentativa de governo progressivo e, apesar de uma tendência fácil para vangloriarem-se dos efeitos adquiridos, impelle os Americanos a melhorarem quanto os cerca”. Mais o “sentimento de justiça, natural a uma raça mais afeita a pensar e a decidir por si que a deixar-se guiar por sugestões alheias”. Ainda o idealismo religioso, que tanto influi para uma moralidade mais sólida e “para uma concepção mais elevada da vida, e talvez explicando em boa parte o carinho pelo passado”. (LIMA, 1899, p. 511-512).

E por último, o verdadeiro espírito democrático, “que provoca o fervor pela liberdade” e afasta as hipóteses extremas de cesarismo; “incute a veneração das maiorias” e desfaz os atritos de classe; “fomenta

o bem estar de todos e orienta instintivamente os espiritos para procurarem uma solução pacifica e equitativa das inevitáveis diferenças de condição e de fortuna”. Sobretudo, que será capaz de produzir a solução do grande problema das relações entre o capital e o trabalho, “que é o enigma do futuro e que, si em alguma parte tiver de ser resolvido, será nos Estados Unidos, paiz onde a igualdade se sente menos estranha”. (LIMA, 1899, p. 512-513).

3.3 DA EUROPA PARA O ORIENTE: LONDRES E TÓQUIO

Este clima de otimismo que o país vivia e que em grande medida contaminou a visão de Oliveira Lima foi abalado por uma mudança na Legação brasileira em Washington. Salvador de Mendonça foi removido para Lisboa e substituído por Assis Brasil, o que desagradou profundamente o primeiro secretário¹⁵⁴. Dada a grande amizade que se havia formado entre Mendonça e Lima, já era possível antecipar a má vontade com o novo chefe seria recebido em Washington, onde chegou em junho de 1898. A relação entre os dois entrou para os anais do Itamaraty como uma das mais ruidosas divergências entre diplomatas de que se tem notícia e ajudou a dar a Oliveira Lima uma não merecida fama de insubordinado.

A verdade é que sempre se deu bem com todos seus chefes e colegas. A única exceção foi Assis Brasil, que forçou sua remoção de Washington. Segundo Lima, a origem do desentendimento foi o não comparecimento de Flora a um evento promovido pela esposa de Assis Brasil alegando motivos de saúde. Não acreditando nos motivos apresentados, a sra. Assis Brasil ofendeu-se e acabaram cessando as visitas e o convívio social entre as duas famílias. Posteriormente, Assis Brasil o comunicou por telegrama que havia solicitado ao Itamaraty a remoção de um dos dois em virtude da “incompatibilidade pessoal” entre as respectivas consortes. Lima classificou o episódio de “ridículo” e

¹⁵⁴ Em uma série de 15 artigos no *Jornal do Commercio*, chamada Ajuste de contas, posteriormente publicada em livro, Salvador de Mendonça expressa que foi: “Obrigado a defender-me contra os assaltos tão violentos quão gratuitos de homens que me suppunhão morto, porque me cravarão fundo o punhal traiçoeiro, confesso todo o meu constrangimento em vir a publico para fallar em causa propria. Mas do animo nobre e generoso de meus concidadãos espero a escusa deste proceder, dictado pelas exigencias da defesa, em pleito que não se abriu por minha vontade”. (MENDONÇA, 1904, p. VI). Oliveira Lima guardou todos os artigos no seu SB5, OLL.

parecido a algo saído de alguma coleção de anedotas diplomáticas do século XVII. Realmente a briga acabou tornando-se célebre no anedotário diplomático o comentário do Visconde Cabo Frio de que a solução para o caso era “remover as senhoras”¹⁵⁵. (LIMA, 1937, p. 137-138).

A real solução veio com a remoção dos Oliveira Lima para a legação brasileira em Londres, o que não foi bem visto por Assis Brasil, que a considerou mais um prêmio que um castigo. O episódio com as esposas pode até ter sido o estopim da crise, mas é óbvio que havia outros motivos por trás da mútua antipatia. Em contraste com a sincera admiração que nutria por Mendonça, sua opinião sobre o novo chefe era tudo menos lisonjeira. Para ele, “Assis Brasil não passa de um gaúcho presumido, preguiçoso e ambicioso.” E que, além de tudo, só pensava em ser Presidente da República. (LIMA, 1937, p. 168). No futuro avaliaria o período de Assis Brasil em Washington com não menos dureza:

[...] retrahido, bisonho, parvamente orgulhoso, sua missão não podia deixar de ser um fiasco. Não quero dizer que o Brasil com ella perdesse pois não teve aspectos vergonhosos, mas tampouco nada lucrou, sendo o mais apagado dos ministros aquelle que tanto aspirava a figurar de regulador dos destinos patrios [...]. (LIMA, 1937, p. 168).

Em janeiro de 1900 Oliveira Lima partiu para Southampton para assumir o posto em Londres, onde serviria sob a chefia de Souza Corrêa. Lima se envaidecia de ter em pouco tempo conquistado a confiança do chefe que estava satisfeito de possuir um secretário em que pudesse confiar. (LIMA, 1986, p. 237). Souza Côrrea tinha muitas qualidades que o novo secretário apreciava. Foi antes de diplomata oficial da marinha e serviu Esquadra Britânica durante a Guerra da Crimeia, atuação pela qual recebeu uma medalha que o distinguia em Londres. Porém, era a simpatia do Príncipe de Gales, de quem era amigo próximo, o que mais o distinguia no corpo diplomático e o fazia “popularíssimo” na sociedade de Londres. (LIMA, 1986, p. 193). Sem ser fidalgo de nascimento tinha tato e elegância e costumava tomar o chá das cinco com os colegas da Legação. Lima recordaria o breve período em Londres como “um dos melhores capítulos da minha vida diplomática” e Souza Corrêa como “o chefe com quem era mais agradável trabalhar”¹⁵⁶. A harmônica convivência entre os

¹⁵⁵ A desavença com Assis Brasil, e sua aparente motivação, ficou conhecida fora do Itamaraty, uma nota em jornal da Filadélfia tinha o título *Diplomats' wives wage war in Washington*. **Philadelphia Press**, 7 jan. 1900. SB5, OLL.

¹⁵⁶ LIMA, O. Diplomatas brasileiros I Souza Corrêa. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 30 dez. 1905.

representantes brasileiros em Londres durou pouco. Em 23 de março Souza Corrêa morreu subitamente em sua casa. Com a morte do chefe Lima ficou interinamente chefiando a legação até sua partida¹⁵⁷.

No pouco tempo que passou em Londres Lima dividia-se entre e a Legação e o Museu Britânico. O fruto do seu trabalho minucioso de coleta de documentos na instituição foi a *Relação dos Manuscritos portugueses e estrangeiros, de interesse para o Brasil, existentes no Museu Britannico de Londres*¹⁵⁸. (LIMA, 1903a). Foi também neste tempo que estreitou relações com Nabuco, que estavam em missão extraordinária para tratar da questão de limites com a Guiana Inglesa. Um grupo reduzido emulava os chás da roda da Livraria Garnier por iniciativa de Nabuco e foi assim que Lima aderiu aos hábitos e rituais dos acadêmicos mesmo antes de ser aceito oficialmente na ABL: “Estamos aqui com excelente roda, roubada à Revista e à Academia. Às cinco horas, reúnem-se em volta do bule do chá o Nabuco, Graça Aranha, Eduardo Prado e outros”. (Carta de Oliveira Lima a Machado de Assis, 19/9/1900 citado por MALATIAN, 1999). Era também costume seu após o fim do expediente ir em companhia de Nabuco recorrer antiquários e pequenos sebos londrinos. Jactava-se de ser quem passou a Nabuco o gosto pelos livros velhos a partir de então. (LIMA, 1986, p. 186).

¹⁵⁷ Um dos pontos altos de sua carreira diplomática foi em 22 janeiro de 1901, quando presenciou os funerais da Rainha Victoria enquanto ocupava o cargo de Encarregado de Negócios. Ele compareceu aos eventos oficiais representando o governo brasileiro e Nabuco representava pessoalmente o Presidente Campos Salles. (LIMA, 1986, p. 247).

¹⁵⁸ O objetivo de Lima foi ampliar e atualizar o trabalho já realizado por F.F. de la Figanière no *Catalogo dos manuscritos portugueses existentes no Museu Britannico*, publicado em 1853. O mesmo no qual Varnhagen fez anotações uma década mais tarde. A sugestão foi de Eduardo Prado, que não podendo levar adiante a tarefa, confiou-a a Lima. Ainda que sem a pretensão de ser exaustiva, naquela momento a Relação representou “um enorme serviço para a pesquisa histórica brasileira”. (RODRIGUES, 1969, p. 84).

Figura 9 - A Legação brasileira em Londres (1901)



Fonte: Original na *Oliveira Lima Library*

Pessoal e profissionalmente foi um ótimo momento da sua vida, que lembrava com frequência na sua correspondência com Nabuco. Porém, uma promoção logo o levou para bem longe de Londres. Oliveira Lima foi promovido a Encarregado de Negócios no Japão em 31 de dezembro de 1900 com a missão de reativar a legação em Tóquio¹⁵⁹. Apesar da promoção, a perspectiva de afastar-se novamente da Europa e dos seus arquivos e bibliotecas, adiando seus planos de seguir as pesquisas iniciadas, não o agradaram. Partia a contragosto e com saudades antecipadas do grupo de amigos brasileiros que havia formado e dos dias de trabalho no Museu Britânico. Além disso, era uma legação pequena em um lugar distante, o que lhe dava pouco prestígio. Também as incertezas do que lhe esperava beiravam o pavor, dado o desconhecido do Japão naquele momento e as fantasias que existiam acerca do país. Em carta a Joaquim Nabuco expressava seu horror a possibilidade de ele e a esposa ficarem “calvos e danados” e acrescenta:

Eu bem dizia que o Japão devia ser uma grande porcaria e bem começo a crer [...] que os estrangeiros que dizem maravilhas desse arquipélago são assalariados pelo Governo do

¹⁵⁹ Notícia da nomeação para o Japão apareceu em TELEGRAMMAS. Rio. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 09 jan. 1901.

Mikado e fazem obras de encomenda, preparatórias de empréstimos. Imaginem, terra de terremotos, beribéri & outras pestes, calvície repentina, hidrofobia, imundície, excessos de temperatura, etc., etc. Ai de nós! (GOUVÊA, 1976, p. 379).

Já a bordo do navio seus receios começam a dissipar-se, bem impressionado com a limpeza e as boas condições que encontrou, além da pontualidade nas escalas realizadas em dez portos, de Gênova a Tóquio. A viagem de 40 dias permitiu que se dedicasse com afinco ao estudo da terra exótica que o aguardava. (LIMA, 1903b, p. 3). Gradualmente sua opinião sobre o país e seus habitantes vai mudando até transformar-se em simpatia e até admiração. A comparação da sua correspondência quando nomeado e as opiniões expressas no livro resultante da sua experiência no Japão demonstra que Lima era um intelectual dedicado e disposto a mudar de opinião. Mesmo dispondo apenas da ajuda da própria esposa Flora e do intérprete Wasaburo Otake para o serviço da legação ele entregou-se à tarefa de entender aquele país. (ABREU, 2008, p. 105). Além do excesso de trabalho de que se queixa nas cartas aos amigos, enfrentava a barreira cultural para penetrar naquela sociedade, chegando a afirmar que os estrangeiros no Japão gozavam a partir de 1890 de quase todas as liberdades perante a lei, mas seguiam sendo um conglomerado a parte, insolúvel socialmente.¹⁶⁰ Lima esforçava-se por superar a barreira do idioma, talvez a maior de todas, através do contato com intelectuais estrangeiros no Japão e da leitura de obras sobre o país nos idiomas que dominava. Dentro do possível tentou também divulgar o Brasil, proferindo palestras em inglês¹⁶¹.

O resultado deste esforço de quase dois anos no Oriente foi o volume *No Japão, Impressões da terra e da gente*, publicado na sua volta ao Brasil, em 1903¹⁶². “A singularidade da obra de Oliveira Lima, um estudo sobre o espaço geográfico, a sociedade, a cultura e os aspectos

¹⁶⁰ LIMA, Oliveira. *Estrangeiros no Japão. O Estado de São Paulo*. São Paulo, p. 1-1. 18 fev. 1905.

¹⁶¹ Uma delas foi no *Getsu yo kai (Monday Club)*, um clube formado exclusivamente por mulheres japonesas, americanas e inglesas que reunia-se quinzenalmente para ouvir palestras sobre os mais variados temas. A palestra sobre o Brasil foi reproduzida no *Jornal do Commercio* em 10 de maio de 1902, assim como no *Diário de Pernambuco*. SB7, OLL.

¹⁶² A Editora Laemmert anunciava o livro: “Tudo quanto é permitido a um estrangeiro indagar e perscruta a vida íntima de um povo, que se mostra ainda avesso e desconfiado à indiscrição alheia, o seu autor fez”. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, p. 4-4. 12 dez. 1903.

sócio-políticos daquele país, reside no fato de ser o primeiro texto publicado por um brasileiro especificamente¹⁶³ sobre o Japão”. (ABREU, 2008, p. 15). Neste segundo relato de viagem, já é possível traçar diferenças substanciais no pensamento de Oliveira Lima sobre temas importantes, como raça e o sentido da herança ibérica na formação do Brasil. Se em *Nos Estados Unidos* o racismo científico e os determinismos social e geográfico eram marcantes na sua explicação sobre o progresso dos Estados Unidos, *No Japão* já traz um determinismo bem mais brando, ainda que não abandone totalmente certas visões.

É importante ter em mente que o período pelo que passava o Japão na chegada dos Lima estava marcado pela mudança em vários âmbitos. A era Meiji (1867 - 1912) sinalizou a abertura do Japão ao mundo ocidental e foi um período crucial na história nacional. Foram anos de um processo de modernização acelerada que trazia profundas mudanças políticas, institucionais e sociais. Nesta conjuntura é que se insere o estabelecimento formal das relações com o Brasil e a instalação da representação diplomática brasileira em Tóquio em 1897, que agora Lima retomava. Assim, ele testemunhava a luta de um país que debatia-se entre a modernização e sua inserção no mundo e a manutenção das suas tradições.

O processo de “ocidentalização” japonês ao mesmo tempo representava uma defesa contra o imperialismo europeu e sentava as bases para a transformação do próprio país em uma potência com pretensões imperialistas. Lima reconhecia este potencial no Japão e observava atentamente esta transformação, tratando de enquadrá-la no seu esquema de pensamento. Ao contrário do que acontece em *Nos Estados Unidos*, em *No Japão* a chave de leitura não é a raça nem a herança cultural. Observando o Japão, ele encontra um caso em que não se aplicava a

¹⁶³ Em 1897 foram nomeados para Kobe o cônsul Manuel Jacintho Ferreira da Cunha e o vice-cônsul Alcino Santos Silva, e para Yokohama, o cônsul Joaquim Ferraz Rego e o vice-cônsul Aluisio Azevedo. Ferreira da Cunha escreveu as *Memórias de um cônsul no Japão*, publicado em Nápoles em 1902, mas é uma obra que trata das suas experiências pessoais, como o título deixa prever. Houve ainda uma tentativa de Aluisio Azevedo, que começou a escrever um livro sobre o país que permaneceu incompleta e inédita até pouco tempo. (ABREU, 2008). O manuscrito inacabado esteve guardado no arquivo da biblioteca da ABL por anos até que durante sua gestão como secretário da Academia (entre 1923 e 1948), Fernando Nery fez a transcrição do manuscrito. Somente em 1984 ele veio finalmente à público, quando foi anotado e publicado por Luiz C. Dantas sob os auspícios da Fundação Japão. (ABREU, 2007). Em 2011 a FUNAG reeditou o livro. (AZEVEDO, 2011).

explicação de que era necessário o rompimento com o passado atrasado (a herança ibérica no caso do Brasil, o período Edo no caso do Japão) para modernizar-se e de que havia raças superiores destinadas ao *self government* e, portanto, a imigração seria a chave para o progresso.

Um exemplo de como *No Japão* marca uma transição é que Lima afirma que “o Japão é mais do que um formosíssimo espectáculo, de natureza e de arte, a ser admirado: é um bello exemplo, social e moral, a ser seguido pelos que d’elles carecem.” (LIMA, 1903b, p. 1). Isso porém, não o impede de ao mesmo tempo posicionar-se ao lado do governo brasileiro para impor limites a imigração japonesa. Apesar de declarar-se um admirador do povo japonês, ele endossa a lógica oficial do plano de emigração e acha que o Brasil não perde muito com a escassa presença de japoneses entre seus imigrantes já que a fusão destas raças não seria positiva. Agrega ainda outras razões para as dificuldades do projeto de atração de imigrantes japoneses, como as grandes diferenças na cultura, língua e costumes, os métodos de cultivo atrasados dos japoneses e, em última instância, o fato de que eles eram inassimiláveis. Aponta também as dificuldades para os japoneses, que dificilmente se adaptariam aos hábitos brasileiros, especialmente à falta da mesma higiene e comida e com os baixos salários.¹⁶⁴

¹⁶⁴ LIMA, Oliveira. Imigração japoneza. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 07 dez. 1905.

Figura 10 - Oliveira Lima em Tóquio (1901)



Fonte: Oliveira Lima Library

Sendo assim, *No Japão*, apesar de inicialmente parecer como um “desvio de rota” na obra de Oliveira Lima, cobra importância quando analisado em conjunto porque ajuda a iluminar o percurso percorrido pelo autor em um tema fundamental, que é o do papel da raça no desenvolvimento dos países. O tema é fundamental porque está na base das suas posições sobre o imperialismo de modo geral e impacta também suas visões sobre o imperialismo norte-americano expressado na forma da Doutrina Monroe. Para ele era clara a existência de raças mais aptas ao autogoverno e, portanto, as que não possuíam esta característica se beneficiariam da intervenção de potências estrangeiras. Não era de forma alguma um ingênuo, sabia e estava de acordo com que as potências buscassem novos mercados para seus produtos, mas não via o imperialismo apenas como uma empresa econômica mas também humanitária. Algumas destas visões serão novamente desafiadas quando Oliveira Lima pela primeira vez pisa a América Hispânica, como se verá no próximo capítulo.

4 A OUTRA AMÉRICA: A DESCOBERTA DA AMÉRICA HISPÂNICA

Oliveira Lima tentou e conseguiu evitar sua ida ao Peru, mas acabou nomeado para a Legação em Caracas, onde finalmente teve o primeiro contato com uma ex-colônia espanhola. Foi um período de intenso aprendizado, no qual precisou rever muitas das visões que tinha sobre as repúblicas hispano-americanas e sobre o papel dos Estados Unidos no continente. O seu monroísmo sofre um golpe importante, reforçado pela inesperada simpatia despertada pelo Presidente venezuelano Cipriano Castro, pelo rico ambiente intelectual caraquenho e pelo clima político que ainda não tinha esquecido a recente tentativa de bloqueio dos portos venezuelanos pelas potências europeias, nem o papel de mediador desempenhado pelos Estados Unidos. Ao mesmo tempo, testemunhava o advento do Corolário Roosevelt a Doutrina Monroe e a política exterior mais agressiva dos Estados Unidos na segunda presidência de Theodore Roosevelt a partir de outro ponto de vista. Não é por acaso que os artigos escritos na Venezuela são os mais críticos da política exterior norte-americana e nem que às vésperas da Conferência Pan-americana do Rio de Janeiro, se dê o rompimento definitivo com Joaquim Nabuco, justamente pela divergência sobre o projeto pan-americano dos Estados Unidos para o continente e o futuro das relações com o Brasil.

4.1 A MISSÃO PERUANA PASSADA NO RIO DE JANEIRO

Não era a primeira vez que o Peru surgia como um destino possível na carreira de Oliveira Lima. Ainda na época em que foi enviado a Washington, consultado pelo Ministro do Exterior Carlos de Carvalho, ele “respeitosamente insistira por algo melhor”. Foi apoiado na atitude pelo Visconde de Cabo Frio, para quem “Perú na mesa, assado, e para quem gosta.” (LIMA, 1986, p. 129). As objeções que tinha em ir ao país andino eram as mesmas da recusa anterior em embarcar para o Japão. Talvez seu rechaço ao Peru fosse ainda maior, pois apesar do medo fomentado pelo desconhecimento no caso do Japão mantinha, pelo menos, a curiosidade sobre o país de destino. Já com relação ao Peru, assim como a quase toda a América Latina, nutria um desprezo fruto da formação eurocêntrica e agravado pelo tempo nos Estados Unidos. Não estranha que quisesse evitar a todo custo ir ao que antecipava “um país

morto, um meio por assim dizer nocivo à atividade intelectual”. (LIMA *apud* GOUVÊA, 1976, p. 423).

Assim, quando os rumores do movimento diplomático iniciaram, Lima mobilizou toda sua rede de contatos e apoios para evitar a nomeação, que era também uma promoção, pois seria elevado ao cargo de Ministro Plenipotenciário na Legação em Lima. Mesmo assim, queixava-se: “Não me acusa a consciência de haver feito tanto mal que deva de justiça ser escolhido para correr todas as Legações distantes e exóticas.” Seu objetivo era ir à Europa, onde teria um ambiente intelectual estimulante e os meios para retomar as pesquisas paradas durante o período em Tóquio. Sabendo que seria difícil conseguir um posto europeu, resignava-se a permanecer no Japão ou, sendo imperativo ir à América do Sul, preferia o Chile, “por sua importância na política internacional.” (LIMA *apud* GOUVÊA, 1976, p. 423).

Desta vez, porém, não houve consulta prévia e nem Rio Branco, recém alçado ao mais alto cargo do Itamaraty, cedeu aos apelos dos amigos em comum. A nomeação oficial saiu quando Lima estava ainda no Japão, em 14 de novembro de 1902¹⁶⁵. É bom recordar que a nomeação para o Peru era a primeira feita por Rio Branco na carreira de Oliveira Lima, quando os dois desfrutavam de boas relações. Oliveira Lima provavelmente tenha ficado animado quando Joaquim Nabuco (1949b, p. 86) lhe escreveu em 24 de setembro de 1902: “Já agora não é novidade que o Rio Branco aceitou a pasta e será o nosso chefe”. Diante da hesitação de Rio Branco, Nabuco trabalhara para convencê-lo¹⁶⁶ a voltar ao Brasil, inclusive afastando a possibilidade dele mesmo aceitar o posto, como chegou a rumorar-se¹⁶⁷. Por isso, ao saber que o Cônsul em

¹⁶⁵ A nomeação foi anunciada na imprensa nacional e internacional. Um exemplo está em LATIN-AMERICAN notes. **The New York Times**. New York, p. 6-6. 02 fev. 1903.

¹⁶⁶ “Há muita esperança de que você aceite a pasta de Estrangeiros [...]. O Brasil vale bem esse sacrifício, porque o pobrezinho está muito precisado de homens para não mergulhar no remoinho sul-americano”. (Carta de Joaquim Nabuco ao Barão do Rio Branco, 09/05/1902 citada em NABUCO; NABUCO, 1949a, p. 121).

¹⁶⁷ Sobre os rumores de que seria ele o próximo Ministro de Relações Exteriores Nabuco disse: “Em caso algum eu aceitaria, mas consideraria um desastre o convite. [...] Eu não seria o homem, você é, e sua recusa é uma calamidade nacional”. E apresentava sua principal razão para a recusa: “Ao contrário de você eu não serviria para a pasta, por ser, como você diz, reformador, (político, entenda-se). Minha entrada exigiria minha inteira aceitação do atual regime constitucional, o que não posso fazer. Não falo da República, mas do modo por

Liverpool havia aceitado a nomeação, Nabuco o felicitou expressando grande contentamento: “sinto-me rejuvenescer de entusiasmo com a sua entrada para os negócios”. (NABUCO; NABUCO, 1949a, p. 127-131). Com o mesmo entusiasmo, Nabuco (1949b, p. 86) assegurava a Oliveira Lima que “Rio Branco [estava] convencido do seu mérito” e lhe dava esperanças de que com o novo chefe sua carreira só seria beneficiada. “O sr. é um dos primeiros, e eu lhe desejo somente saúde e vigor para gozar das suas ‘boas fortunas’”.

A nomeação para o Peru, porém, apagou o otimismo de Oliveira Lima, que não perdoou o Barão pelo que considerava um castigo injusto. Sem serem íntimos, os dois haviam mantido até então uma cordial relação¹⁶⁸ baseada principalmente na colaboração para seus respectivos estudos. Nabuco atuou como mediador entre os dois o tempo todo, aparando arestas e tratando de estabelecer a paz. Por um lado, dizia sentir “muito que o Rio Branco o tivesse desgostado (inutilmente, ainda mais)” mas, por outro, afirmava não ter “dúvida de que o fez sem pensar magoá-lo”. Expressava seus “votos [são] que esse incidente se resolva do modo mais feliz” e aconselhava Lima: “Não se abandone a esse sentimento”. (Carta de Joaquim Nabuco a Oliveira Lima, 25/12/1903 citada em NABUCO; NABUCO, 1949a, p. 155). Afinal, acreditava que

Homens como o sr. e êle devem ter sempre a solidariedade da sua própria culminância. É preciso relevarmos os procedimentos menos corretos para conosco daqueles com quem temos de cooperar no interesse do país, seja, como é o seu caso, na mesma carreira ou na mesma obra, isto é, na diplomacia e na história do Brasil. Aí está o meu sincero e leal sentimento.

Lima não se convenceu das boas intenções do Ministro e como última estratégia resolveu postergar o máximo possível sua chegada ao Brasil enquanto ainda tentava reverter a nomeação. Nabuco tentou dissuadi-lo e se mostrava preocupado com a demora na chegada. Conhecedor dos meandros da política e da diplomacia confessava: “sua demora aí está me inspirando receios e tenho muito medo de alguma intriga entre dois amigos que se deveriam fazer recíproca justiça”. (Carta

que ela está organizada”. (Carta de Joaquim Nabuco ao Barão do Rio Branco, 30/07/1902 citada em NABUCO; NABUCO, 1949a, p. 121; 125).

¹⁶⁸ É interessante notar que Oliveira Lima acompanhava com atenção o trabalho de Rio Branco. No seu Scrapbook 1 há vários recortes das suas *Efemérides Brasileiras*, publicadas no *Jornal do Brasil* a partir de 1891.

de Joaquim Nabuco a Oliveira Lima, 25-12-1903 citada em NABUCO; NABUCO, 1949a, p. 155).

A rebeldia de Oliveira Lima certamente não agradou o chefe que, percebendo sua intenção, tratou de apressar a viagem através de um telegrama¹⁶⁹ que só aumentou a má vontade de Lima. Mais uma vez, Nabuco tentava tranquilizar o amigo, explicando que “Rio Branco dá grande importância à questão do Peru e como ele é da diplomacia ativa e imediata está nervoso com a falta de um ministro no Peru da confiança dele”. Também esclarecia que “o prazo que ele tem pelo acordo com a Bolívia é muito curto e vejo que tomará parte nas negociações o ministro do Peru”. Mas o telegrama havia soado como uma ameaça, o que desgostou Lima profundamente. Nabuco lhe advertia que este era apenas fruto da urgência do problema e que ele estava “vendo no telegrama uma descortesia pessoal, que absolutamente não existe”. Para ele “evidentemente há outro modo de ler o telegrama. O seu não me parece o correto. É um apelo forte, mas é somente um apelo”. E voltava a reconfortá-lo, afirmando que Rio Branco “conhece o seu mérito, e se tem favoritos, o sr. é um dos primeiros. A sua infelicidade neste caso é ser capaz”. (Carta de Joaquim Nabuco a Oliveira Lima, 27/05/1904 citada em NABUCO; NABUCO, 1949a, p. 165).

Os esforços de Nabuco foram em vão e de fato, como ele previa, os rancores cresceram dos dois lados, insuflados por amigos e inimigos em comum através de cartas que demoravam a chegar, piorando uma situação que talvez pudesse ter sido contornada. Assim, quando o casal Oliveira Lima chegou ao Brasil, o clima de prevenção já estava instalado. Ofendido, Oliveira Lima não se dá por vencido e busca adiar ao máximo sua investidura no cargo. Ele mesmo gracejava que sua missão peruana havia sido passada no Rio de Janeiro¹⁷⁰. Durante este tempo manteve-se ocupado revendo amigos, estabelecendo contatos, tratando da publicação de obras e escrevendo para a imprensa.

O tema preferido das suas intervenções na imprensa foi a reforma diplomática, o que certamente não ajudou a melhorar sua posição no

¹⁶⁹ Não foi encontrado o referido telegrama, mas há uma carta do barão do Rio Branco, enviada de Petrópolis em 13-05-1904 para Oliveira Lima e endereçada a Legação brasileira em Madri. Nesta, insiste para que ele se apresentasse logo em Lima e relembra que desde janeiro ele estava nomeado para o posto. SB7, OLL.

¹⁷⁰ Oliveira Lima afirmou em uma conferência na Argentina: “Mi misión peruana fue desempeñada en Rio de Janeiro”. (LIMA, 1918a, p. 31).

Itamaraty. Os artigos do *Correio da Manhã*¹⁷¹ ajudaram a azedar de vez as relações com o chefe. Nabuco os considerou “um manifesto contra a política do Rio Branco” e estava certo de que “em muitos pontos deve ter desagradado a este, que não esquecerá.” Era certo, como disse Domício da Gama, que “não faltou quem trouxesse o Barão informadíssimo”, apenas piorando a intriga. (GOUVÊA, 2002). Lima justificava seus textos dizendo que o tema estava na ordem do dia. Todos os anos falava-se em reforma diplomática¹⁷², mas naquele ano os rumores e a expectativa eram ainda maiores porque seria a primeira realizada com o novo ministro no poder. Dizia ainda que, como desde que assumiu o cargo o Barão esteve ocupado com a Questão do Acre, suas ideias sobre o assunto não eram conhecidas, o que lhe permitia apresentar suas considerações sem que elas “tomassem ares de crítica ou constituíssem um ato de indisciplina”. (LIMA, 1908a, p. 10).

O diplomata pernambucano advogava por uma reforma mais profunda que as realizadas anteriormente na carreira porque achava que esta padecia de um mal que só piorou com a mudança de regime, a saber, era uma carreira privilegiada e como tal suscitava invejas e antipatias. Além disso, sua organização era ineficiente porque ao seu lado vegetavam desprotegidas a carreira consular e a hierarquia da Secretaria. Sua principal sugestão era a fusão das três carreiras para aumentar a eficiência do serviço.

Ele criticava as opções limitadas de promoção dos muitas vezes bem preparados funcionários consulares enquanto havia “rebento de diplomatas” que desconheciam a língua, os costumes e a gente da sua terra e gastava a vida pelas capitais do Velho Mundo. Do outro lado estava um bom funcionário da secretaria que passavam a vida preso a uma rotina burocrática apenas porque “nasceu pagão e nunca encontrou padrinho”.

¹⁷¹ Os artigos foram originalmente publicados com o título *Reforma Diplomática* nas edições de 25 e 28 de agosto e 1 de setembro de 1903 no *Correio da Manhã* do Rio de Janeiro. Na publicação do livro *Cousas Diplomáticas* (LIMA, 1908a), cinco anos mais tarde, Oliveira Lima reuniu os artigos e acrescentou um texto introdutório em que expressa sua satisfação porque os artigos pareciam não ter sido de todo inúteis, ou era apenas uma curiosa coincidência, mas várias das suas sugestões haviam sido postas em prática desde então.

¹⁷² As duas grandes reformas anteriores haviam sido a de Quintino Bocaiuva em 1890 e a de Carlos de Carvalho em 1895. Ambas trataram muito mais de classificação de legações e tabelas de vencimentos do que propriamente de serviços e por isso Lima as caracteriza como “reformas administrativas” e não como verdadeiras reformas. (LIMA, 1908a, p. 10).

(LIMA, 1908a, p. 12). Criticava também quem considerava inadmissível um diplomata ser “rebaixado” a cônsul, lembrando que quando se necessitou um erudito para resolver as questões de fronteiras se voltaram ao consulado de Liverpool onde estava Rio Branco.

Era preciso de verdade democratizar a carreira, conservando a tradição e até aumentando seu prestígio através da injeção de novas ideias e de preocupações mais sérias para que ela deixasse de ser “uma mira de elegantes e uma estufa de dilettantes”. (LIMA, 1908a, p. 17). Nesse sentido, defendeu a adoção de exames de admissão rigorosos para os aspirantes a diplomacia, o que não deixa de ser um ponto interessante porque nunca se soube exatamente como ele entrou na carreira. O que está claro pelos poucos relatos que deixou sobre o fato é que foi ajudado pelo cunhado Beltrão, como mostrei no Capítulo 1. Mas, sempre convicto do seu valor, quando criticava os diplomatas que tinham apenas “função decorativa”, certamente não se via como um deles e provavelmente achava que merecia estar em seu posto pelos seus próprios méritos e não pelos apoios recebidos.

Oliveira Lima não era o único a criticar os métodos de seleção de diplomatas brasileiros e outras características da diplomacia nacional. Seus comentários estavam em sintonia com os de Lima Barreto, imortalizados na satírica obra *Os Bruzundangas*, uma coletânea de textos publicados na Revista A.B.C., em que o Visconde de Pancome, inspirado no Barão do Rio Branco, era um embaixador gordo e autoritário, megalômano e inteligente, que havia transformado tudo no país, “a lei era ele”. (BARRETO, 2002, p. 53). A fictícia república da Bruzundanga era um país de terceira ordem, mas que gastava excessiva e desnecessariamente em uma diplomacia que buscava nada mais que “bem documentar, aos olhos dos estranhos, a beleza dos homens da Bruzundanga”, já que careciam de outros atributos. (BARRETO, 2002, p. 110). Por estas e outras críticas é que nenhum dos dois Limas estava na lista de amigos do poderoso Ministro das Relações Exteriores.

Pragmático, Oliveira Lima sempre defendeu uma feição econômica para a diplomacia brasileira. O Brasil não devia ter ambições territoriais porque já tinha território suficientemente grande e tampouco poderia ainda aspirar a um grande papel no cenário mundial porque lhe faltavam riqueza, força e outras condições. Desse modo, teria que se contentar com defender sua linha de fronteiras e sustentar a dignidade da sua posição no continente e frente ao estrangeiro. (LIMA, 1908a, p. 21). Mais do que de diplomatas que soubessem valsar e usar meias de seda, o Brasil precisava de caixeiros viajantes que ajudassem a vender seus produtos e gerar riquezas para o país.

Recordava seus leitores que o tempo em que estalavam guerras por questões dinásticas já havia passado e que o fundamento das boas relações internacionais passara a ser o comércio acima de tudo. No entanto, os resultados que esperava com esta orientação iam além dos meramente econômicos e lembrava que “a pujante democracia norte-americana nasceu do conúbio da liberdade com o interesse”. (LIMA, 1908a, p. 24). A referência à democracia norte-americana denota que mantinha sua visão positiva do país e da sua política de expansão comercial, a qual defendia como um exemplo para o Brasil. O tema importa também porque se relaciona com sua visão sobre as relações internacionais em geral, que estariam pautadas na economia. A necessidade de expansão comercial justificava, portanto, o imperialismo.

O tema da reforma diplomática permaneceu constante nos seus artigos na imprensa no período, mas ele também se dedicou a outro projeto. Ao contrário de muitos jovens da sua geração, Oliveira Lima nunca escreveu versos e pouco se aventurou no terreno da ficção. Poderia-se dizer que nunca, se não fosse pela peça de teatro que publicou no Rio de Janeiro, em 1904. Não estranha que sua única obra de ficção *Secretario D'El Rey, peça historica nacional em 3 atos*¹⁷³ fosse uma peça, já que era um declarado fã do gênero e assíduo frequentador de teatros. A obra nunca foi encenada e o livro teve apenas uma edição. Praticamente ignorada pelos estudiosos da obra de Oliveira Lima, ficaria provavelmente esquecida se não fosse a transcrição do terceiro ato na *Obra Seleta*. (LIMA; SOBRINHO, 1971, p. 997–1018). Mas, na época da sua publicação, mereceu boas críticas de pelo menos dois importantes intelectuais. Machado de Assis (1994) louvou o aparecimento da comédia, que envolvia “um caso psicológico interessante” e tinha diálogos com “as qualidades que poderíamos exigir da composição e das pessoas”. Via na obra o mesmo “talento brilhante e sólido, a instrução paciente e funda, o amor da verdade, tudo isto que o Sr. Oliveira Lima nos tem dado em muitas outras páginas” e que “lhe assegura lugar eminente na literatura histórica e política da nossa terra”. Enfim, recomendava o que considerou um “volume de ler, reler e guardar”. E na opinião de Euclides da Cunha (1904), Lima tratava de um assunto “profundamente dramático” em um livro bellissimo, no qual retrata com “aprumo impecavel, a fidalguia espirituosa” de Alexandre de Gusmão.

¹⁷³ Segundo Cardozo (1953, p. 24) a peça jamais foi encenada, apesar dos esforços de Joaquim de Sousa Leão. Lima chega a mencionar planos para uma encenação em Washington, mas, aparentemente também nunca se concretizou o projeto.

Estes apoios revestiam-se de ainda maior importância levando-se em conta o momento complicado da carreira de Oliveira Lima. Afinal, a ABL era um espaço onde o mundo literário e o diplomático se conectavam¹⁷⁴.

Em *Secretário d'el Rey* Oliveira Lima reúne os seus três grandes interesses: a história, a diplomacia e a literatura (CARVALHO, 2008). Não faltam elementos clássicos dos romances de capa e espada dos quais era fã confesso, como bandidos mascarados, duelos e amantes fugindo na calada da noite. Apesar de seu caráter ficcional, esta obra é sintomática do processo de revalorização do passado ibérico pelo qual Oliveira Lima estava passando. O livro abre com uma seção chamada Advertencia (LIMA, 1904a), que esclarece muito do seu conteúdo e da sua mensagem:

O auctor, denominando esta peça nacional, acredita que ella merece tal nome, si bem que a sua acção seja passada em Portugal. Em primeiro lugar o nosso periodo historico anterior á Independencia envolve forçosamente uma tão intima ligação da colonia com a metropole, que é quase impossivel, ao tratar de uma, perder a outra de vista. As communicações materiaes e sobretudo as relações moraes estabeleciam como que uma continuidade territorial entre os dous lados do Atlantico, que formavam uma só patria. Demais irrealizavel seria fazer passar a acção no Brazil desde o momento em que o protagonista da peça, talvez o mais illustre Brasileiro do seculo XVIII e cuja figura merecia, como poucas, a consagração scenica, viveu na Europa a partir da sua primeira juventude.

Desde a escolha do protagonista até a construção da versão ficcional do diplomata português Alexandre Gusmão, fica patente a admiração e a identificação do autor com seu personagem. Ao fazer o rival Dom Fernando reconhecer suas virtudes e terminar como seu fiel admirador e devedor, é como se Oliveira Lima respondesse aos críticos de Gusmão e conseguisse “provar” seu caráter e valor. Reabilitar personagens “injustiçados”, como já apontei, é uma das tarefas a que Oliveira Lima se dedicou com mais afinco. Nas palavras de Gusmão o

¹⁷⁴ Sua posse na ABL, realizada no Gabinete Português de Leitura, em 1903 teve duplo sentido, como bem observa Malatian (1999). Ao mesmo tempo consagrava um escritor prestigiado pela imprensa e inserido na burocracia estatal e expunha publicamente uma dissidência, dando caráter político ao ritual máximo da pompa acadêmica brasileira. Compareceram o presidente Rodrigues Alves, seu chefe da Casa Militar e membros do corpo diplomático português, mas a ausência de Rio Branco foi eloquente.

Brasil é apresentado como a Terra prometida, o caminho inevitável para a redenção portuguesa, ao mesmo tempo em que representava seu melhor “produto”. Já aparecia na obra de Lima, portanto, a revalorização do passado português e a gratidão pelo passado ibérico, que alcançariam sua máxima expressão na sua obra-prima, *Dom João VI no Brasil*. A obra também expressava as preocupações atuais de Lima de forma bem humorada, como é o caso da diplomacia. Um bom exemplo está na passagem em que se diz “que Portugal devia dar que fazer aos frades nas legações e embaixadas, onde o officio é enganar. Eu por mim empregava n'ellas as aias e camareiras... São mestras na arte”. (LIMA, 1904a, p. 49–50).

No mesmo ano de 1904, Oliveira Lima inaugura sua colaboração em *O Estado de São Paulo*, que foi a mais duradoura da sua vida, estendendo-se de 1904 a 1923 praticamente sem interrupção. Os textos eram divididos entre as colunas *Coisas Estrangeiras* e *Coisas Nacionais*, de acordo com o tema e apareciam duas vezes por semana. Sua preferência e fidelidade ao jornal paulistano tinha muito a ver com a liberdade que desfrutava. Essa exposição dava muita visibilidade para Oliveira Lima, que aproveitou o espaço para divulgar suas ideias e projetos, iniciar ou dar seguimento a polêmicas, elogiar os amigos e criticar os inimigos. Aos 37 anos, com 13 anos de carreira diplomática, o pernambucano havia conquistado definitivamente uma reputação sólida como intelectual e diplomata que a participação contínua em um meio de comunicação de grande alcance só ajudou a consolidar.

Em 10 de outubro, Lima inaugurou sua coluna com uma série de três artigos (publicados também em 11 e 12 de outubro) sobre as eleições presidenciais nos Estados Unidos. Disputavam a vaga o Republicano Theodore Roosevelt, que concorria à reeleição, e o Democrata Alton B. Parker, Juiz da Corte de Apelações de Nova York. Lima previa que a reeleição de Roosevelt poderia ser dada como certa, mas considerava ambos excelentes candidatos, o que era a maior prova da abundância nos Estados Unidos de “homens perfeitamente preparados para a suprema administração”. Eram os frutos da “disposição hereditária em gente acostumada de todo tempo a governar-se”, da influência do meio onde vingaram as ideias de liberdade e disciplina e da educação que concede uma grande parte ao civismo ao mesmo tempo que a ciência¹⁷⁵.

¹⁷⁵ LIMA, Oliveira. A eleição presidencial e a unidade nacional nos Estados Unidos I. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 10 out. 1904.

Dado que as visões de Lima sobre os Estados Unidos serão afetadas profundamente pela sua personalidade e pela forma com que conduziu a política exterior dos Estados Unidos, Theodore Roosevelt merece atenção especial. Ele concorria à reeleição depois de completar o segundo mandato de William McKinley, de quem era vice-presidente. Eleito para um segundo mandato em 1900, McKinley ocupou o cargo por apenas seis meses porque em setembro de 1901 foi baleado pelo anarquista Leon Czolgosz enquanto visitava a Exposição Pan-americana que se realizava em Buffalo, Nova York, morrendo alguns dias depois.

Antes de ser candidato à vice-presidência, Roosevelt cumpria seu mandato como Governador do Estado de Nova York, para o qual foi eleito em 1898. Antes ainda de tornar-se uma figura política nacional, porém, ele foi Secretário Adjunto da Marinha durante a Guerra Hispano-americana. Imperialista ardente, Roosevelt defendia que os Estados Unidos precisavam ser testados em uma guerra real e viu no conflito com a Espanha uma grande oportunidade para colocar seus planos em prática. Mesmo tendo um cargo relativamente baixo na hierarquia militar, de maneira unilateral fortaleceu a esquadra norte-americana no Pacífico e instruiu o Comandante George Dewey a atacar as forças espanholas nas Filipinas, em caso de guerra. Assim, imediatamente após a declaração de guerra, Dewey zarpar para a Baía de Manila, destruiu a frota espanhola e transformou-se no primeiro herói da guerra. Como aponta Brinkley (1993), na euforia pela vitória de Dewey, poucos norte-americanos se deram conta de que o caráter da guerra estava mudando. O que começou como uma guerra para liberar Cuba havia se transformado em uma guerra para destituir a Espanha de suas colônias. A tomada das Filipinas polarizou o debate sobre o papel dos Estados Unidos no continente, como mostrei no capítulo 2. Havia indecisão por parte de muitos em transformar o país em uma potência imperialista e em como lidar com os territórios recém incorporados. Neste debate, Teddy Roosevelt estava ao lado dos imperialistas, que viam a aquisição das colônias como uma forma de revigorar a nação e manter vivo o que considerava os efeitos saudáveis da guerra.

O Coronel não se contentou em ter um papel indireto. Segundo Brinkley (1993, p. 546) Roosevelt “had struggled with an almost desperate fury to ensure that his regiment made it to the front before the fighting ended”. Ele então abandonou seu cargo e foi lutar no *front* junto com a unidade de cavalaria que se tornaria célebre, os *Rough Riders*. Nominalmente comandada pelo general Wood, mas na prática liderada por Roosevelt, a unidade ficou conhecida pela bravura dos seus ataques na Batalha de San Juan, na qual perdeu muitos dos seus soldados.

Roosevelt saiu ileso, o que também contribuiu para que se convertesse em herói. Posteriormente ele relembriaria esse como um dos dias mais importantes da sua vida.

Esta pequena digressão serve para iluminar o contexto de que Oliveira Lima estava tratando quando cobria as eleições presidenciais de 1904. O brasileiro mantinha um olhar simpático ao observar a situação política nos Estados Unidos e frisava que as questões capitais que mobilizavam o debate naquele momento eram duas e estavam intimamente ligadas. A primeira, aumentar o consumo e abrir novos mercados para a produção industrial crescente. A segunda, o militarismo, “na acepção europeia do termo”, ou seja, o imperialismo que pode ser traduzido “tanto por ambições de conquista estrangeira e intervenções constantes na política das outras nações, como por possível influência na vida interna do país, tornando-se o exército um elemento político, para degenerar num instrumento de opressão doméstica.” Para Lima, porém, esse último aspecto não deveria despertar receio porque a situação política norte-americana era muito diferente da europeia. Enfim, o “mau imperialismo”, aquele que deveria ser temido, era o europeu e não o norte-americano.¹⁷⁶

Roosevelt ainda estava nas boas graças do diplomata. Ainda que já começasse a elaborar certa crítica ao fortalecimento do poder presidencial no país, ela não era dirigida diretamente a figura do presidente e candidato. Esta postura cobra sentido quando se reconhece que há uma diferença entre a atuação de Roosevelt no seu primeiro mandato e o segundo, quando foi eleito pelos seus próprios méritos para a cadeira presidencial. Como nota Romero (2002), sua vitória com boa margem sobre o candidato democrata, que também ampliou a maioria republicana no congresso, lhe deu a confiança para tomar medidas mais audaciosas e marcou o início de uma nova fase na sua carreira política. Isto incluiu desde uma retórica mais combativa quanto a necessidade de controlar os efeitos destrutivos do capitalismo, na forma do combate aos *trusts*, e um comportamento mais autocrático na condução da política exterior.

Não foi sem despertar oposição no Congresso que Roosevelt tomou as decisões unilaterais de iniciar a construção do Canal do Panamá, depois de ter atuado diretamente na criação do próprio país, desmembrado da Colômbia, e lançar o seu Corolário à Doutrina Monroe. Estas duas iniciativas podem ser consideradas as mais notáveis do seu mandato em

¹⁷⁶ LIMA, Oliveira. A eleição presidencial e a unidade nacional nos Estados Unidos III. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 12 out. 1904.

termos de política externa e revelam muito da sua visão de mundo e da política. Não se pode perder de vista que tradicionalmente nos Estados Unidos os poderes do Executivo para tomar decisões de política exterior sempre foram mais limitados do que em outros regimes presidenciais, como o Brasil, e a aprovação do Congresso é necessária em muitos casos. Por isso, o comportamento de Roosevelt não ficou isento de críticas dos legisladores, que adotaram posições contrárias às do presidente em várias situações. Roosevelt inaugurou uma nova era na política norte-americana em que os poderes presidenciais atingiram níveis nunca antes vistos e fez com que manifestações de ultraje no Congresso contra o que se considerava um ataque às prerrogativas do Legislativo se tornassem comuns. (ROMERO, 2002).

Lima afirma que este fortalecimento do poder presidencial foi contínuo e progressivo, ao ponto de converter a Casa Branca em “soberano autocrático deste império” e que “tudo nos Estados Unidos favorece a ação do presidente”¹⁷⁷. Ele chega a decretar a inexistência do equilíbrio entre os três poderes naquele momento e afirma que sobre a letra da Constituição o costume estava criando o que alguns juristas norte-americanos já chamavam de Constituição não escrita, que suplantava a primeira. Os Democratas tinham como forte componente do seu programa a denúncia da usurpação das funções legislativas e judiciais por parte do Executivo. Mesmo concordando com a crítica, Lima denunciava a batalha pessoal contra o presidente “disfarçada de doutrina”¹⁷⁸. Neste cenário, elogia a “atitude independente de Roosevelt” ao fazer nomeações “de puro interesse do governo federal, desdenhando as indicações, que eram antes verdadeiros *ultimatums* dos senadores¹⁷⁹”. E declara ainda que, se havia um homem talhado para o papel de promover a realização de um novo estado de coisas, seria certamente Theodore Roosevelt, “com a sua conhecida determinação, sua proverbial tenacidade, o seu dom talvez exagerado de impulso individual”¹⁸⁰. Afinal, “todos sabem que tratando-se de Roosevelt a ação é extrema mas a palavra é ainda mais”. (LIMA, 1918a).

¹⁷⁷ LIMA, Oliveira. A eleição presidencial e a unidade nacional nos Estados Unidos I. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 10 out. 1904.

¹⁷⁸ LIMA, Oliveira. A eleição presidencial e a unidade nacional nos Estados Unidos III. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 12 out. 1904.

¹⁷⁹ LIMA, Oliveira. A eleição presidencial e a unidade nacional nos Estados Unidos III. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 12 out. 1904.

¹⁸⁰ LIMA, Oliveira. A eleição presidencial e a unidade nacional nos Estados Unidos I. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 10 out. 1904.

Lima chamava a atenção para os programas dos candidatos presidenciais: claros, definidos e precisos. Ambos tinham predicados igualmente desejáveis e as diferenças que observava eram quase que apenas entre personalidades. Os muitos pontos em comum entre os programas dos partidos que antes se “degladiavam de morte” eram vistos por ele como o reflexo da unidade nacional alcançada e da educação notável do povo norte-americano. A falta de um conflito agudo entre as duas principais forças políticas demonstrava o “vigor do impulso político e da coesão nacional”, indicava o resultado do “nivelamento da cultura, da coordenação das aspirações, da uniformidade do padrão intelectual, do reconhecimento subjectivo das gernes necessidades espirituas e moraes”, revelando a “harmonia dos fins visados, ainda que com discrepancias no modo de consegui-los”¹⁸¹. Toda essa unidade provinha da facilidade de comunicações e da real comunidade de interesses existentes nos Estados Unidos. Segundo conta Lima com admiração, já não existia aspecto em que o país não se achasse uniformizado.

A principal diferença entre os dois candidatos, notava, estava “sómente no grau e maneira do imperialismo”, que já se havia convertido em “uma feição da nacionalidade americana”. É importante frisar que para Oliveira Lima os interesses imperiais são sinônimos de “estender e tornar pujante o commercio internacional e de administrar sabiamente o império colonial”¹⁸². Por isso, ao tratar da anexação das Filipinas, continua vendo a expansão comercial e territorial norte-americana com feições positivas. A expansão territorial seria mais um fundamento da política comercial do que a “satisfação da sêde de conquista” dos Estados Unidos¹⁸³. É também neste sentido que celebrava o modo como o “comercialismo” estava arrasando barreiras: “tudo fundiu dentro do continente”¹⁸⁴. E que previa a anexação da ilha de Santo Domingo (atual República Dominicana), do Panamá “e o que mais vier” pelos Estados Unidos¹⁸⁵, sem esboçar reprovação. Neste tópico, apoiava a plataforma

¹⁸¹ LIMA, Oliveira. A eleição presidencial e a unidade nacional nos Estados Unidos III. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 12 out. 1904.

¹⁸² LIMA, Oliveira. A eleição presidencial e a unidade nacional nos Estados Unidos II. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 11 out. 1904.

¹⁸³ LIMA, Oliveira. A eleição presidencial e a unidade nacional nos Estados Unidos I. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 10 out. 1904.

¹⁸⁴ LIMA, Oliveira. A eleição presidencial e a unidade nacional nos Estados Unidos III. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 12 out. 1904.

¹⁸⁵ LIMA, Oliveira. A eleição presidencial e a unidade nacional nos Estados Unidos II. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 11 out. 1904.

de Roosevelt que tinha na Doutrina Monroe a base do seu programa de expansão naval. Segundo ele, o plano de Roosevelt era voltar ao que a Doutrina era originalmente, um plano para garantir “a defesa dos outros países americanos contra agressões européas, sem assumirem os Estados Unidos os papéis de polícia e cobrador, que se lhes há querido emprestar na política do Novo Mundo”¹⁸⁶.

Nos artigos que se seguiram, Lima manteve uma visão favorável ao monroísmo rooseveltiano, o qual ele apostava que ajudaria a fornecer ao mundo latino-americano a estabilidade, portanto, a responsabilidade, que lhe havia faltado e que era indispensável para a consciência e inviolabilidade dos seus destinos. Para ele, “o monroísmo cessaria de ter razão de ser, a polícia internacional seria ociosa, se as nações latino-americanas soubessem moralmente impôr-se á consideração do mundo e materialmente defender-se contra agressões e cobiças estranhas”¹⁸⁷.

Assim como ainda mantinha a simpatia pela política exterior levada a cabo por Roosevelt, seguia mantendo uma visão bastante negativa das repúblicas hispânicas e fazia questão de distinguir o Brasil delas. Argumentava que a independência brasileira não foi fruto de guerras fratricidas e, sendo igualmente republicana, se desviou da demagogia, e por isso mesmo, da anarquia, graças à existência de uma dinastia nacional. A emancipação preservou a unidade política no Brasil e não precisou imolar as liberdades dos cidadãos. Esta origem pacífica combinada com a história menos agitada da ocupação do território brasileiro ajudaria a explicar porque os descendentes dos portugueses eram menos dotados de instintos militares que os descendentes de espanhóis. Observa-se, assim, que Oliveira Lima entendia a Doutrina Monroe como um instrumento necessário em boa medida por “culpa” dos países latino-americanos, pela sua incompetência em governar-se e em manter governos estáveis. Era uma posição fácil de sustentar já que ia ao encontro da visão que tinha do Brasil, um país ordeiro e pacífico, superior aos vizinhos e, portanto, sem nada a temer. As exceções a este quadro negativo sempre são Argentina e Chile. Na Argentina, porque havia menos índios que submeter, o trabalho agrícola predominou sobre a extração mineral e as condições de vida difíceis desencorajaram as ordens religiosas mais propensas à indolência, formou-se um povo que se distingue pelo espírito de indústria, pela independência intelectual e pelo

¹⁸⁶ LIMA, Oliveira. A eleição presidencial e a unidade nacional nos Estados Unidos III. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 12 out. 1904.

¹⁸⁷ LIMA, Oliveira. Emilio Ollivier e o Imperio Liberal. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 21 jan. 1905.

senso prático. E no Chile, existia entre a população um agudo senso prático e florescia o melhor da civilização neo-hispânica¹⁸⁸.

Dentro deste panorama, via a partilha do mundo entre Inglaterra e Estados Unidos como “natural” e mesmo esperada, já que é notória em ambos a tendência de explorar as raças inferiores, uma denominação abrangente e que abarca “toda e qualquer raça destinada a servir”. A permanência dos Republicanos no poder nos Estados Unidos, “com seu pendor francamente imperialista”, favorecia a aproximação entre estes dois países, que em última instância tenderiam a sujeitar grande parte do mundo à raça anglo-saxônica, ainda que com esferas e interesses diversos. O século XX seria, portanto, o século dos Impérios. Os Impérios funcionarão como sindicatos de capitalistas exploradores. Com o imperialismo político se combinarão os interesses econômicos baseados no monopólio e à diplomacia caberá a missão de zelar e propagar seus bons resultados. Pelo menos nos países em que estas preocupações não pareçam por demais “vulgares e indignas do seu papel”¹⁸⁹. Como se nota, aproveitava mais uma vez para criticar os diplomatas brasileiros e suas preocupações mundanas, e seguir levantando a bandeira de uma diplomacia mais comercial¹⁹⁰.

4.2 ENTRE CAUDILHOS E HOMENS DE LETRAS: NA VENEZUELA

Oliveira Lima conseguiu afinal evitar ir ao Peru, mas não evitou ser enviado a outro país da América do Sul que tampouco estava na sua lista de preferências. Foi nomeado Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário pelo Decreto de 11 de agosto de 1904 para reestabelecer a legação brasileira em Caracas e finalizar uma questão de fronteiras pendente desde 1859. Nas palavras da irmã Sinhá, ia rumo ao “desterro” ao qual o obrigou o “Todo-poderoso do Itamaraty”. (CARDOZO, 1953, p. 36). Só partiu para o novo posto em 5 de fevereiro de 1905, quando

¹⁸⁸ LIMA, Oliveira. As republicas irmans. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 03 maio 1905.

¹⁸⁹ LIMA, Oliveira. Diplomacia e imperialismo. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 21 abr. 1905.

¹⁹⁰ LIMA, Oliveira. Diplomacia e comercio. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 05 maio 1905.

embarcou no Recife¹⁹¹ para Southampton, a única rota possível para chegar a Venezuela naquela época. Aproveitou a escala na Europa para passar por Paris, possivelmente pensando em tomar um “banho de civilização” e preparar-se para o “desterro” que lhe aguardava na Venezuela. Lima e Flora desembarcaram em La Guaira apenas em 12 de maio. Como bem observa Vamireh Chacon (1982, p. 38) “Caracas surgiu no seu horizonte como uma novidade, de início inesperada, quase repelida pelo europeísmo e norte-americanismo típicos de intelectual latino-americano desconhecedor dos vizinhos”.

Apesar de vários autores considerarem esse período decisivo na sua posição sobre a política continental (MALATIAN, 2001b), alguns chegando a ver até uma espécie de despertar latino-americano (FREYRE, 1953; FORSTER, 2011), uma “lição latino-americanista” (CHACON, 1982) ou o nascimento de uma perspectiva bolivariana (PREUSS, 2005), a verdade é que Lima não conseguia se libertar completamente dos seus preconceitos¹⁹². Como aponta Gilbert Freyre (1953, p. 13), certos “‘barbarismos’ ibero-americanos repugnavam ao espirito e à formação de Oliveira Lima”. Por isso, ele nunca de fato advogou por uma aproximação com a América Latina como opção a estar na esfera de influência dos Estados Unidos. O rechaço a uma aproximação incondicional com os Estados Unidos, porém, não significava a adoção de um projeto latino-americanista alternativo. Que tivesse críticas aos rumos da política exterior norte-americana com mais dureza neste período, não significa necessariamente que tenha apontado um caminho alternativo representado pela América Latina, como sugerem alguns destes autores. As razões pelas quais Caracas foi um cenário propício para mudanças na sua perspectiva serão analisadas mais adiante.

¹⁹¹ De passagem por Pernambuco proferiu a conferência *Vida diplomática* (LIMA, 1904b) no Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco, em 22 de dezembro de 1904. Mais uma vez, Lima defendeu a ideia de uma diplomacia mais voltada ao comércio e a necessidade da busca por mercados para os produtos brasileiros, enfatizando o interesse especial de Pernambuco, que precisava escoar sua produção de açúcar e algodão para o exterior. Foi admitido na ocasião como sócio honorário do Instituto. A conferência também foi parte de obra *Cousas Diplomáticas* (LIMA, 1908a).

¹⁹² Seu senso de superioridade estendia-se aos países vizinhos. Comentando notícias de um jornal boliviano desdenhava das regras diplomáticas antiquadas ainda praticadas nestas “cumiadas andinas, além do lago Titicaca”. LIMA, Oliveira. *Parlapatices diplomáticas*. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 26 out. 1905.

Na avaliação de Oliveira Lima, a Venezuela foi o “capítulo mais valioso do seu aprendizado diplomático”¹⁹³. Este período foi fundamental para ele como diplomata e historiador sob vários aspectos. Finalmente tinha a oportunidade de seguir o conselho recebido de Joaquim Nabuco e ia à América do Sul “completar o [seu] conhecimento do nosso mappamundi geográfico”. (Carta de Oliveira Lima a Joaquim Nabuco, 23/10/1905 citada em GOUVÊA, 1976, p. 690). Era a primeira vez que pisava um país hispano-americano e tinha a chance de confrontar várias das ideias que nutria, muitas baseadas em estereótipos e ideias pré-concebidas. Além disso, pela primeira vez estava do outro lado da relação entre Estados Unidos e América Latina e podia observar em primeira mão os efeitos da Doutrina Monroe. A Venezuela sempre foi um país importante na geografia política do continente e um ponto de observação privilegiado, tanto pelos acontecimentos do passado, quanto pela situação atual que ele ia encontrar. Ao mesmo tempo, a chegada de Lima ao país coincide com o endurecimento da política imperialista capitaneada por Theodore Roosevelt, confirmada logo após a sua reeleição com o enunciado do seu Corolário.

Antecipando que suas impressões seriam interessantes, planejava escrever um livro “sobre a América Latina ou, pelo menos, sobre esta parte da América Latina”. (Carta de Oliveira Lima a Barbosa Lima, 16/06/1905 citada em GOUVÊA, 1976, p. 655–656). O projetado livro terminou sendo publicado apenas postumamente, em 1953, com o nome genérico de *Impressões da América Espanhola (1904-1906)*, apesar de tratar basicamente da Venezuela. A obra é parte da Coleção Documentos Brasileiros da Editora José Olympio, dirigida pelo seu amigo Octavio Tarquínio de Sousa, e teve um longo prefácio e notas explicativas elaborados por Manoel Cardozo, na época o curador da *Oliveira Lima Library*. A introdução foi assinada por Gilberto Freyre. Segundo Cardozo (1953), ele encontrou o livro já organizado por Lima entre os seus papeis na *Catholic University* e manteve a seleção dos textos e a ordem inalteradas. O livro reúne suas “impressões de paisagens, de livros e de homens” da América Espanhola que ele finalmente conhecia pessoalmente. (FREYRE, 1953, p. 9). Para Freyre, “são páginas do mais compreensivo americanismo, embora lhes falte a nota de esclarecida simpatia pelos anglo-americanos que Oliveira Lima só veio a adquirir depois do contacto com as universidades”. (FREYRE, 1953, p. 9-10).

¹⁹³ LIMA, Oliveira. O Presidente Castro. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 04 dez. 1905.

Parece que Freyre não leu *Nos Estados Unidos* ou a esta altura já havia esquecido da obra mais simpática de Oliveira Lima aos anglo-americanos. Acerta, porém, quando afirma que da leitura de *Impressões da América Espanhola* se pode ver que em Oliveira Lima o “pan-americanismo desenvolveu-se apurado por severo espírito crítico e não sob entusiasmo de momento”. (FREYRE, 1953, p.10). Como mostrarei no Capítulo 5, de fato o efeito das universidades norte-americanas foi fundamental na consolidação da sua simpatia pelo país.

Todos os textos reunidos na obra foram publicados nas colunas semanais de Oliveira Lima em *O Estado de São Paulo*. Por outro lado, nem todos os textos escritos na Venezuela entraram no livro. Nas seções a seguir, optei por utilizar e citar os textos originais publicados no periódico – incluindo os que estão ausentes no livro – por uma questão de preservação da ordem cronológica e para ter uma visão mais ampla das reflexões suscitadas pela sua presença no país, indo além da sua própria “curadoria”.

Durante o percurso para chegar ao novo posto, Lima já começou a enviar textos para *O Estado de São Paulo* registrando suas observações. Nos artigos *A caminho de Venezuela I, II e III* se dedica especialmente às Antilhas Inglesas, que despertaram muitas reflexões. Contemplando as ilhas, não fica indiferente às belezas naturais, mas o foco da sua atenção estava no seu desenvolvimento econômico e social. Compara as que haviam prosperado (Barbados, Granada, Jamaica, Montserrat e S. Vicent) com a decadência de outras, como Tobago, e conclui que a causa era a partida dos brancos e o abandono do trabalho por parte dos negros, que sem coação não seguiam com suas obrigações. A visão das ilhas o convenceu ainda mais da superioridade do elemento europeu como agente de civilização. Para o brasileiro, a existência de casos de êxito nas colônias antilhanas comprovava a superioridade da raça inglesa, que foi capaz de prosperar apesar das adversidades de um ambiente muito diferente do seu, da falta de mão de obra idônea e industriosa e contra sua própria incapacidade de adaptação ao meio. A raça inglesa, dotada de um vigor não apenas físico como moral, ausente nos brasileiros, não se deixava vencer e nem sequer abater na luta pela sobrevivência. Assim, os britânicos haviam lutado com sua tenacidade peculiar e fizeram com que as Antilhas não desaparecessem e nem voltassem ao seu estado anterior de selvageria, mesmo após a queda da produção da cana de açúcar, seu principal produto de exportação¹⁹⁴.

¹⁹⁴ LIMA, Oliveira. *A caminho de Venezuela II. O Estado de São Paulo*. São Paulo, p. 1-1. 23 jul. 1905.

Para os casos de fracasso, a explicação que encontra é a inclemência do clima. Lima afirma estar cada vez mais convencido de que o clima é mais importante que a raça para o desenvolvimento da civilização. O calor tomba o ânimo, subjuga a raça e torna os brancos incapazes de fazer frente aos negros, que vão ganhando espaço nas Antilhas em todas as áreas. O trabalho negro e asiático é o único possível nos climas tropicais porque até os ingleses arrefecem nestas condições climáticas extremas. Como os negros são “preguiçosos e sem ambição”, a raça branca precisa continuar no seu papel estritamente diretor para garantir o sucesso destes territórios. Desta forma, a mão de obra era um fator determinante para o desenvolvimento e era a falta de braços a mesma causa da decadência das Antilhas e do Norte do Brasil. A mesma explicação era a razão da decadência do Norte do Brasil em comparação com o Sul dos Estados Unidos, que vinha recuperando-se por causa do afluxo de imigrantes europeus. O branqueamento era necessário, portanto, para reverter o atraso. Além das colônias, analisou o caso dos países que se haviam feito independentes, como Haiti e Santo Domingo. Para ele, ambos eram semi-bárbaros e estavam fadados a recolonização. Não via nisso um problema, ao contrário, considerava esta uma opção muito melhor, pois eles receberiam o estímulo à civilização como Cuba e Porto Rico receberam dos Estados Unidos¹⁹⁵.

Chegando à Venezuela, as primeiras impressões da capital não foram das mais positivas. Achava Caracas muito colonial, mesquinha, com pouco conforto e sentia-se isolado do mundo civilizado. A falta de conforto material afetava o casal Oliveira Lima, que queixava-se na correspondência privada do enorme tempo despendido para conseguir os produtos de que necessitavam para manter seu estilo de vida e que eram todos importados. Certa vez, reclamando que desde os vinhos e frutas até as roupas e gravatas, tudo vinha de fora, Lima dizia a irmã Sinhá que queria fugir daquele “inferno pestífero” e ir a um lugar mais civilizado. (CARDOZO, 1953, p. 41). Culpava a herança espanhola pela arquitetura lamentável e considerava a influência jesuítica na arte peninsular “fatal”. A situação terrível da arquitetura colonial vinha da falta de preocupações estéticas dos espanhóis somadas a um meio hostil e sem gosto e por isso é que as cidades sul-americanas eram “centros anti-estéticos¹⁹⁶”.

¹⁹⁵ LIMA, Oliveira. A caminho de Venezuela III. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 24 jul. 1905.

¹⁹⁶ LIMA, Oliveira. Arte ultramarina. **Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 25 jul. 1905.

Apontava, porém, pelo menos um traço positivo da herança espanhola, o gosto pela literatura. Este gosto que ele compartilhava com entusiasmo, o fez buscar na literatura nacional algumas respostas. Como já havia feito em Washington e em Tóquio, utilizou a literatura para se aproximar da realidade do país, afinal, queria “colher sensações da alma venezuelana”, saber mais sobre as condições políticas e humanas dos personagens para entender a vida real. Segundo o próprio, seu primeiro contato com a literatura venezuelana foi uma grata surpresa¹⁹⁷. Através da análise de dois romances do escritor Manuel Díaz Rodríguez, tirou algumas conclusões sobre Venezuela e seus habitantes. A leitura de *Idolos rotos*¹⁹⁸ e *Sangre patricia*¹⁹⁹ o levou a dizer que a ausência de honradez administrativa era disseminada na América Espanhola independente, a criticar o caudilhismo e a concluir que o povo venezuelano era uma plebe desprezível e que os presidentes em geral não eram melhores. Para entender melhor a vida rural recorreu ao romance de Romero García, *Peonia*²⁰⁰, considerado um clássico da literatura crioula. O nome é alusão a um engenho de açúcar, o que o levou a estabelecer comparações com Pernambuco. Informado pela leitura, considerou a agricultura na Venezuela atrasada, apesar da riqueza do solo, e culpou as frequentes revoluções pelo pouco desenvolvimento, além da presença de lavradores moralmente incultos.

Na sua análise das obras transparece a aversão às revoluções, que ele vê como raramente o resultado de preocupações altruístas. Diz ainda que elas sempre degeneram em tiranias de caudilhos ambiciosos e pseudodemocracias. Estabelece uma hierarquia das revoluções: de um lado, estavam a inglesa e a francesa, revoluções “salvadoras”, “expressões de crises profundas e transformadoras de uma nação” e de outro, as várias ocorridas na América Latina, “revoluções sem moral e sem razão de ser moral” um triste privilégio conservado pela América do Sul²⁰¹. É correta a análise de Chacon de que “em Caracas amadurecia o neo-monarquismo

¹⁹⁷ LIMA, Oliveira. Um romance venezuelano. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 17 ago. 1905.

¹⁹⁸ LIMA, Oliveira. Um romance venezuelano. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 17 ago. 1905.

¹⁹⁹ LIMA, Oliveira. Outro romance venezuelano. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 02 set. 1905.

²⁰⁰ LIMA, Oliveira. Um outro romancista venezuelano. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 07 out. 1905.

²⁰¹ LIMA, Oliveira. Democracia e intelectualidade. **Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 18 set. 1905.

de Oliveira Lima”. (CHACON, 1982, p. 50). Bem diferente do tom otimista de *Sept ans...* ele passa a afirmar que ainda era cedo para avaliar com isenção a obra da república no Brasil, mas apostava que poucos seriam os defensores dos seus resultados práticos para a economia brasileira. A situação política venezuelana o faz refletir e concluir que nas pseudodemocracias floresce a arbitrariedade no lugar da intelectualidade. Parece que a crítica não era apenas às repúblicas hispano-americanas, mas já um indício da sua decepção com a República no Brasil. Afinal, nos escritos deste período, a comparação do regime republicano venezuelano com o Império do Brasil, invariavelmente o segundo é superior. Em Caracas ele confirmou sua antipatia pelo militarismo e pelo caudilhismo. Em meio à desordem, ao caos e corrupção que via, já começa a demonstrar saudosismo da ordem e do decoro do antigo regime.

Aos poucos, reconhece que apesar das atitudes por vezes truculentas na arena internacional da parte de homens que não tinham valor algum além do físico, existissem na Venezuela intelectuais e juristas de mérito, literatos talentosos e pensadores de profundidade. Lima vai deixando-se surpreender com a sofisticação intelectual que encontrava naquele país tropical e começa a deixar para trás uma visão comum no Brasil, de que os intelectuais constituíam uma “insignificante minoria” que não possuía “nenhuma importância ou influência prática ou moral”. (VERÍSSIMO, 2003c, p. 245). Apenas lamentava que não fossem esses os homens aqueles que ditavam os destinos do país, dominado “pelas espadas dos caudilhos, pelas apostrophes dos revolucionários de profissão, pelos hymnos ao vencedor²⁰².” Em outras condições políticas o país teria tudo para prosperar e ser uma “das mais florescentes porções da América Meridional” pelas suas boas condições climáticas, sua variedade de produção, pelo potencial da pecuária, pelas riquezas minerais e pela condição geográfica privilegiada, em uma distância razoável entre Europa, Estados Unidos e o Caribe²⁰³.

Na Venezuela o brasileiro entrou em contato com novas ideias, novas fontes, novos autores. Um exemplo importante do impacto desta experiência para Oliveira Lima como historiador é o que disse sobre um personagem fundamental na História da América Hispânica e figura

²⁰² LIMA, Oliveira. A situação de Venezuela. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 25 dez. 1906.

²⁰³ LIMA, Oliveira. A situação de Venezuela. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 25 dez. 1906.

central para os projetos de integração hemisférica: “No Brasil sabe-se pouco a respeito de Bolívar. Eu aprendi alguma coisa acerca d’ele em Caracas²⁰⁴”. Os contatos que estabelece neste momento seriam fundamentais para a difusão do seu trabalho nos países hispânicos e para a consolidação do seu nome como um especialista em História da América Latina. Era um caminho de mão dupla, no qual ele amplia suas redes de relações e se faz conhecido, ao mesmo tempo em que toma para si o papel de divulgador de obras e ideias de autores desconhecidos no Brasil. Era como se se abrisse uma porta a um novo mundo, muito pouco penetrado pelos brasileiros. Basta lembrar que José Veríssimo, mais ou menos à mesma época, confessava abertamente sua ignorância das literaturas hispano-americanas, a qual estendia à generalidade dos seus compatriotas, mesmo os homens de letras. (VERÍSSIMO, 2003d, p. 469). Oliveira Lima acabou se transformando no intelectual brasileiro com maior trânsito entre seus pares na América de fala espanhola do seu tempo e o que mais se interessou em divulgar suas descobertas no Brasil.

Foi nesta época que conheceu Ángel Cesar Rivas²⁰⁵, que se tornou o seu melhor amigo entre os intelectuais venezuelanos, Carlos A. Villanueva²⁰⁶ e Rufino Blanco Fombona. Rivas, junto com César Zumeta, Adolfo Ernst, Lisandro Alvarado, José Gil Fortoul, eram os mentores do

²⁰⁴ LIMA, Oliveira. *Moralidades de ditador*. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 3-3. 29 jan. 1918.

²⁰⁵ Sobre o discurso de posse de Angel Cesar Rivas na Academia de Historia da Venezuela, intitulado *Origenes de la Independencia de Venezuela*, Lima disse que era uma “synthese mais documentada, mais elaborada e mais suggestiva do desenvolvimento da Venezuela, como sociedade e como nação, que imaginar-se poderia”. Considerou o trabalho tão bom que disse que “ao lê-lo e meditar-o, me dei conta do quão deficiente é ainda no nosso meio o cultivo da historia. Compreendi mesmo que a nossa historia de acha por fazer apesar dos nomes que neste genero se orgulham de apontar os fastos literarios do pais.” LIMA, Oliveira. O que deve ser uma História do Brasil. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 3-3. 19 ago. 1909.

²⁰⁶ Venezuelano que se mudou para Paris, dedicava-se também aos estudos históricos e frequentou arquivos na Europa. Escreve um livro sobre Napoleão que traz “um tema nôvo, documentos novos e mesmo um aspecto nôvo da política francesa sob o regímem napoleônico”. (LIMA, 1911o). O prefácio da obra em francês é feito por Oliveira Lima (LIMA, 1911a). A tradução do prefacio foi ainda publicada em artigo no *Estado de São Paulo*. (LIMA, 1911o). Oliveira Lima também escreveu sobre outra obra de Villanueva em LIMA, Oliveira. O imperio dos Andes I. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 3-3. 20 jun. 1914. E LIMA, Oliveira. O imperio dos Andes II. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 3-3. 21 jun. 1914.

positivismo na Venezuela e incentivadores da nova geração de modernistas hispano-americanos. Estes intelectuais eram figuras constantes nas páginas de *El Cojo Ilustrado* (1892-1915), uma revista pioneira criada na Venezuela e dirigida por Manuel Ravenga, considerada um dos veículos mais importantes de difusão do modernismo hispano-americano. Na mesma publicação, Blanco Fombona colaborava frequentemente. *El Cojo Ilustrado* tratava de temas sociais, mas seu foco estava na arte e na literatura, sem negligenciar a divulgação das ideias positivistas defendidas por seu diretor e diversos colaboradores. Como o nome indica, dava muita importância à imagem e foi pioneira no uso de fotografados no país, estando na vanguarda do uso da imagem. A partir da Guerra Hispano-Americana, a revista reforça o trabalho de difusão de ideias entre os diversos países latino-americanos e propõe uma reflexão sobre os laços que unem estes países entre si, a Espanha e aos Estados Unidos, dando espaço para textos de afirmação da identidade hispano-americana e à discussão de ideias e posições anti-imperialistas. (ZANETTI, 2005/2006). Os exemplares encontrados na *Oliveira Lima Library* indicam que, além da relação pessoal com seus colaboradores, Lima conhecia e lia o periódico. A mera existência destes exemplares serve para reforçar o meu argumento de que na Venezuela Lima esteve em contato com uma literatura de cunho anti-imperialista muito mais radical e que estava a par do desenvolvimento de correntes intelectuais que buscavam valorizar os laços entre os países hispano-americanos. O que não significa, porém, que estivesse de acordo ou que tenha adotado alguma destas perspectivas no futuro. O importante é notar que ele esteve exposto a novas ideias, que o fizeram possivelmente desafiar algumas das suas próprias posições.

Blanco Fombona era o diretor da Editorial Casa de América e responsável pela coleção Biblioteca Ayacucho, que foi de extrema importância na divulgação de obras de autores latino-americanos na área de História no século XX. A obra de Oliveira Lima, *Formação histórica da nacionalidade brasileira*, publicada em 1916, foi a 35ª da Biblioteca e a primeira de um autor brasileiro. A tradução ao espanhol foi feita por Ángel César Rivas e o prefácio ficou a cargo do mexicano Carlos Pereyra. Este projeto editorial é um bom exemplo do efeito positivo que a Venezuela teve na sua carreira como historiador. Além de permitir uma ampla divulgação da sua obra no mundo hispânico, o aproximou de outro intelectual importante, cuja obra passou a conhecer.

Por conta desta obra, Pereyra iniciou com Oliveira Lima uma correspondência que se prolongaria por vários anos. Já no primeiro

contato, apresentou-se, expressando sua “calurosa admiración” e seu interesse em traduzir outras obras de Oliveira Lima ou escrever sobre elas²⁰⁷. Como Lima, o mexicano era historiador e diplomata²⁰⁸. Autor de uma importantíssima coleção em oito volumes, *História de la América Española*, foi um escritor prolífico e original, expoente do anti-imperialismo hispano-americano e famoso pela obra *El mito de Monroe*²⁰⁹. Mesmo depois da sua morte, Lima seguiu em contato com a viúva, a escritora María Enriqueta Camarillo y Roa de Pereyra.

Apenas mais um exemplo da rede em que Lima conseguiu se inserir a partir de Caracas é a série de cinco artigos²¹⁰ que escreveu no *Estado de São Paulo* tratando de cada um dos escritores analisados por Blanco Fombona (1917) em uma antologia recém-lançada. Alguns dos autores mencionados eram totalmente desconhecidos no Brasil. E um bom indício de que se empenhou em ampliar estas conexões é que José Veríssimo, que pouco antes declarava sua ignorância das letras dos países vizinhos, logo estava escrevendo sobre obras de Blanco Fombona e Ángel Cesar Rivas²¹¹. Não é fora de lugar supor que Lima tenha influenciado a escolha dos temas.

²⁰⁷ Pereyra se apresenta a Oliveira Lima (“Soy americano, de Méjico”) e se oferece para divulgar não só a sua, mas a obra de autores brasileiros em toda a América porque já preparava uma obra sobre escritores americanos em que figuraria Oliveira Lima. Pede também informações de como encontrar livros de Capistrano de Abreu, Euclýdes da Cunha e João Ribeiro, pois se queixa que “Nada de ellos hay aqui; nada se conoce en los otros países de América.” (Carta de Carlos Pereyra a Oliveira Lima, 22/07/1918, OLL). Alguns meses mais tarde lhe enviava um exemplar do livro e repete o pedido para que Lima lhe remetesse alguns de seus trabalhos para sua obra em preparação. (Carta de Carlos Pereyra a Oliveira Lima, 12/12/1918, OLL).

²⁰⁸ As carreiras de Pereyra e Lima tiveram algumas coincidências. O mexicano foi Segundo Secretário interino da Embaixada do México nos Estados Unidos em 1909, sendo promovido a Primeiro Secretário em 1910. Por causa de artigos que escreveu atacando a revolução e alguns de seus protagonistas na imprensa foi removido. Em 1913 ele vai para Bélgica como Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário. Todas as informações são do seu expediente pessoal na Secretaria de Relações Exteriores do México. (AHGE, LE 416).

²⁰⁹ Para uma análise da obra de Carlos Pereyra como historiador ver ACEVEDO, 1986 e para uma análise do anti-imperialismo na sua obra ver FENOCHIO, 2006; KOZEL, 2012.

²¹⁰ Ver LIMA, Oliveira. *Grandes escriptores da America I, II, III, IV e V. O Estado de São Paulo*. São Paulo. 01 jul., 26 set., 09 out., 13 out., 09 nov. 1918.

²¹¹ Ver o artigo de Veríssimo *Letras venezuelanas* (2003d).

Lima passou a frequentar e a inserir-se nos espaços de sociabilidade tradicionais da intelectualidade venezuelana, como a Academia Nacional de História, da qual se fez sócio correspondente na sessão ordinária de 26 de junho 1905. Também circulava com desenvoltura na sociedade local. Pela análise de alguns periódicos da capital observa-se que ele havia conquistado um papel de destaque e desfrutava de prestígio no corpo diplomático, do qual chegou a tornar-se decano. *El Constitucional* de Caracas, por exemplo, falando sobre um jantar oferecido pelo casal Oliveira Lima a autoridades locais, onde esteve presente o diretor do jornal, Gumersindo Rivas, que era muito próximo do General Castro, desmanchava-se em elogios ao representante brasileiro:

Abandonamos la Legación del Brasil, pensando cuánto bueno puede hacer, em pró de la cordialidade de relaciones, todo Representante Diplomático, que, interpretando fielmente su misión, busca em el acercamiento de las ideas, las fruiciones de la vida social, em el desarrollo de los intereses intelectuales de la sociedad en que vive.²¹²

Ele conquistou a simpatia do Presidente Castro²¹³ e recebeu ainda demonstrações inequívocas de apreço, como a medalha de Honra da Instrução Pública e a condecoração de segunda classe do Busto do Libertador. Estas honrarias geraram alguma polêmica no Brasil já que a constituição vedava a brasileiros aceitar condecorações estrangeiras²¹⁴.

²¹² En la Legación del Brasil. Uma comida. **El Constitucional**, Caracas. 18 dez. 1905. SB 11, OLL.

²¹³ Mais de uma década mais tarde ainda diria que conservava uma grata lembrança de Castro, que o tratou com a maior fidalguia na sua estância na Venezuela. (LIMA, 1918a).

²¹⁴ A irmã lhe aconselhava a fazer-se de “desentendido como todos, e como já fizeste com a de Santiago”, referindo-se a medalha que ganhou do governo de Portugal. Ela atribuía ao próprio Barão um texto na *Gazeta de Notícias* que insinuava que Oliveira Lima deveria rechaçar a honraria. Sinhá dizia que este era o seu método porque Rio Branco não teria coragem para confrontá-lo sobre o caso sem dar-lhe o direito de perguntar por que até oficialmente permite que o continuem tratando por Barão. (Carta de Maria Beltrão a Oliveira Lima, 24/01/1906 citada em Cardozo, 1953 p. 45).

Na Venezuela, receberam a aprovação dos meios locais, que celebraram as homenagens recebidas.²¹⁵

É possível afirmar que “Caracas mudara a visão política internacional de Oliveira Lima, na medida em que transformou suas opiniões sobre o pan-americanismo.” (CHACON, 1982, p. 45). Certamente a permanência na Venezuela deu a Oliveira Lima uma inigualável possibilidade de reavaliar suas opiniões sobre as relações entre os Estados Unidos e a América Latina por vários motivos. Um deles é que historicamente o país foi palco de acontecimentos relevantes para estas relações e que sentaram precedentes na política do continente. Um deles foi a disputa de fronteiras com a Inglaterra por causa da Guiana Inglesa. A questão se arrastou por décadas e só foi resolvida depois que os Estados Unidos, invocando a Doutrina Monroe, pressionaram para que o caso fosse submetido à análise de uma comissão de fronteiras apontada pelo seu governo e que as suas conclusões fossem obrigatoriamente aceitas pelas partes em conflito. Em 1899 foi finalmente assinado o tratado que definiu as fronteiras e que representou um marco na política externa norte-americana no hemisfério. A disputa Anglo-Venezuelana²¹⁶ serviu para mostrar ao mundo que com a Doutrina Monroe como princípio, os Estados Unidos estavam dispostos a exercer um papel de liderança no continente e tomar o seu lugar como uma potência internacional.

Não muito tempo depois, entre 1902 e 1903, a Venezuela, protagonizou outro momento importante para a política pan-americana quando Alemanha, Inglaterra e Itália promoveram um bloqueio naval no país para forçar o pagamento de dívidas e chegaram a bombardear os portos de Porto Cabelo, Maracaibo e La Guaira. Os Protocolos de Washington, assinados com a mediação dos Estados Unidos em princípios de 1903, puseram fim ao bloqueio e colocaram a alfândega venezuelana em mãos de oficiais norte-americanos para garantir o pagamento das dívidas contraídas e evitar novas tentativas de invasão. Os bloqueios foram um evento de extrema relevância porque desataram o debate sobre a legalidade de intervenções militares para a cobrança de dívidas. Em nenhum país a repercussão do acontecimento foi tão grande como na Argentina, suscitando uma resposta oficial. Em 29 de dezembro de 1902, em face às demonstrações de força das potências europeias na

²¹⁵ Nota no El Constitucional, de Caracas em 14-12-1905. Honra merecida, charge no Diario Independiente, de Caracas em 15-12-1905. SB 11, OLL.

²¹⁶ Para uma descrição mais detalhada da questão e do papel dos Estados Unidos consultar STREET, 1895.

Venezuela, Luis M. Drago, Ministro das Relações Exteriores, enviou ao representante argentino em Washington, o já mencionado Martín García Mérou, um texto que expressava o posicionamento do seu governo e deveria ser encaminhado ao Departamento de Estado. O documento continha as bases da doutrina jurídica que ficou conhecida como a Doutrina Drago. O que Drago propunha era uma aplicação mais estreita da anteriormente formulada Doutrina Calvo²¹⁷, baseando-se na interpretação de que os bloqueios na Venezuela eram, não apenas imorais, como ilegais sob o ponto de vista da Doutrina Monroe. Em suma, o que dizia a Doutrina Drago era que a falha no pagamento da dívida externa não poderia ser motivo para punição militar nem ocupação territorial dos países devedores. O fato de Drago ter-se dirigido a Washington e não diretamente aos países europeus demonstra que a esta altura o papel preponderante dos Estados Unidos já era amplamente reconhecido.

Quando Oliveira Lima chegou a Caracas, os Bloqueios estavam ainda bem frescos na memória dos venezuelanos. Além disso, a recente declaração do Presidente Roosevelt, enunciando o seu Corolário à Doutrina Monroe suscitava desconfianças por toda a América Latina e na Venezuela não foi diferente. Conforme Lima já havia previsto, Roosevelt foi reeleito presidente sem problemas em 1904. Na sua primeira mensagem ao Congresso, em dezembro do mesmo ano, estabeleceu o Corolário que levava seu nome. Em linhas gerais, o que fez na mensagem foi reforçar que os Estados Unidos não tinham nenhum desejo de expansão territorial no Hemisfério e não nutriam nenhum projeto que não fosse apenas o bem estar das demais nações da região. O único que desejavam era ver os países vizinhos estáveis, ordeiros e prósperos. Portanto, os países capazes de governar-se, mantendo a ordem política e social e cumprindo com o pagamento das dívidas contraídas, podiam

²¹⁷ Na obra *Derecho Internacional teórico y práctico de Europa y América*, publicada em dois volumes em 1863, o diplomata e jurista argentino Carlos Calvo expôs a essência da sua doutrina sobre a jurisdição das disputas sobre investimentos internacionais. A Doutrina Calvo era uma expressão de nacionalismo legal, justificada pelo seu criador pela necessidade de impedir que nações mais poderosas abusassem de nações mais fracas ao apelar a jurisdições que lhes seriam mais favoráveis, e foi incorporada às Constituições de vários países latino-americanos. Em linhas gerais, defendia que nestes casos as disputas deveriam ser levadas aos tribunais do país onde o investimento havia sido realizado e não no país de origem do investidor. Propunha também que fosse proibida a proteção diplomática ou intervenção armada antes que todos os recursos legais fossem esgotados.

contar com a amizade dos Estados Unidos e não tinham que temer sua interferência. A novidade trazida por Roosevelt é que assumia a possibilidade dos Estados Unidos atuarem como um poder policial internacional no hemisfério, ainda que aceitassem este papel relutantemente, caso fosse necessária a intervenção externa em algum país do continente para manter a ordem e garantir que não se desfizessem os laços que conformam uma sociedade civilizada²¹⁸. Com esta declaração, Roosevelt sentou as bases que guiariam a sua política exterior para o continente americano e justificou, com base na já consolidada Doutrina Monroe, as eventuais intervenções que julgasse necessárias.

Dado este contexto, não surpreende que na sua abundante colaboração para o *Estado de São Paulo* durante toda a permanência na Venezuela, Lima tenha frequentemente dado espaço aos Estados Unidos. Registrou a abundância de denúncias na imprensa norte-americana de casos de corrupção. Mas ao contrário de ser uma característica do governo, como nas administrações dos países hispânicos, no caso dos Estados Unidos, achava que a corrupção que ameaçava corroer o tecido social não seria fatal porque o norte-americano era um tecido robusto e forte. Sobretudo, notava que a corrupção não é tolerada nos Estados Unidos e a imprensa não tem medo de denunciar, ao contrário de outros países. Elogia ainda a ação “inteligente, conciliadora e imparcial” de Roosevelt, que ele não identifica pessoalmente com a corrupção. Na verdade, sua interpretação vai ao encontro da visão de Roosevelt, de que era preciso combater os efeitos perniciosos dos *trusts* e dos interesses das grandes corporações sobre a política, a economia e a sociedade. A preocupação com os efeitos de um capitalismo sem controle e da concentração de dinheiro de poder nos grandes monopólios nacionais eram bandeiras clássicas da chamada *Progressive Era* tinha lugar de destaque na agenda política de Roosevelt, como veremos no Capítulo 5.

²¹⁸ Trecho da mensagem de Theodore Roosevelt ao Congresso em que explica em que condições se daria uma intervenção direta dos Estados Unidos em países do continente com base na Doutrina Monroe: Chronic wrongdoing, or an impotence which results in a general loosening of the ties of civilized society, may in America, as elsewhere, ultimately require intervention by some civilized nation, and in the Western Hemisphere the adherence of the United States to the Monroe Doctrine may force the United States, however reluctantly, in flagrant cases of such wrongdoing or impotence, to the exercise of an international police power.

Disponível

em:

<<http://www.ourdocuments.gov/doc.php?doc=56&page=transcript>>.

Acesso

em: 11 out. 2015.

Lima parece estar de acordo com esta interpretação já que localiza a causa da proliferação de escândalos deste tipo no regime plutocrático, que fez a grandeza material dos Estados Unidos, mas estava levando à sua decadência moral²¹⁹.

A ampliação do poder presidencial nos Estados Unidos torna-se um tema recorrente a partir do segundo mandato de Roosevelt. Mencionando a mensagem presidencial no Congresso a fins de 1905, crítica o que considera a maior centralização de poder executiva que viram os Estados Unidos na sua história. O grau de intervenção de Roosevelt no Legislativo era inédito e causava confusão no sistema de partidos, para Lima já existia o que ele chamou de um “Roosevelt party”²²⁰ acima da tradicional divisão partidária. Ele compara Roosevelt a um imperador e aponta o perigo daquela grande democracia converter-se em uma plutocracia caso os poderes presidenciais não sofressem uma remodelação. Considera Roosevelt “napoleônico” nos seus modos e na forma como afirmava a sua “notável individualidade” e ironiza o fato dele ser o centro de atração do país, o objeto de todas as atenções, “a mola principal do governo nacional, o eixo de todos os poderes públicos”. Solta farpas para Nabuco que “na bela forma entusiástica que é do seu feitio” enaltecia o papel de Roosevelt sempre que tinha oportunidade²²¹. Crítica também a tentativa do presidente de se impor como árbitro das questões sobre dívidas dos países latino-americanos e alertava que o resto do continente deveria se preocupar com a face exterior que a centralização poderia tomar. Não o atacava pessoalmente, no entanto. Apesar de criticar os escândalos e a corrupção nos Estados Unidos sempre poupa o presidente, a quem considera honesto e até agressivamente íntegro.

Preocupa-se com outro possível desdobramento do aumento dos poderes presidenciais, a saber, o excesso de permanência no poder. Lima alertava ainda para o que via como tendências ditatoriais do presidente e previu que Roosevelt poderia voltar atrás e se candidatar a um terceiro mandato, convencido da indispensabilidade da sua permanência no

²¹⁹ LIMA, Oliveira. Escandalos americanos. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 02 out. 1905. Também em **Os Annaes: Semanario de Litteratura, Arte, Sciencia e Industria**. Rio de Janeiro, p. 628-630. 12 out. 1905.

²²⁰ LIMA, Oliveira. A desagregação dos partidos americanos. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 20 jun. 1906.

²²¹ LIMA, Oliveira. O Presidente, o Congresso e os partidos nos Estados Unidos. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 13 mar. 1906.

poder²²². Para ele, Roosevelt teve a visão cegada pelo “incenso da lisonja” apesar de reconhecer que sua administração ter tido sucessos e pontos positivos²²³. O ego inflado do presidente afetava também o conjunto da sociedade, que na Era Roosevelt já não merecia os mesmos elogios dos tempos de *Nos Estados Unidos*. Numa nota quase anedótica, Lima crítica em diversas ocasiões o casamento da filha Alice Roosevelt, para o qual os convites foram emitidos em nome do “Presidente dos Estados Unidos da América” e sua esposa e não dos nomes dos pais da noiva. Esta era para Lima a prova “senão mais palpável”, ao menos “mais estrondosa” de que o país estava se tornando cada dia mais “a terra do snobismo”²²⁴.

Sobre a política externa é ainda mais duro. O primeiro artigo crítico dos desdobramentos da Doutrina Monroe e a feição imperialista dada por Roosevelt não demora a aparecer. Sobre as intenções da Doutrina Monroe, é clara a mudança de perspectiva:

Pensar que os Estados Unidos procediam em 1823 por filantropia democrática, talvez com um grão de egoísmo conservador mas sem sombra de aspirações hegemônicas para o futuro, é dar prova de uma ingenuidade que por certo não cabia no espírito de Monroe nem no do seu secretário de Estado John Quincy Adams²²⁵.

Lima posiciona-se a favor de um Pan-americanismo que identifica com origens na proposta de Bolívar, que, segundo ele, dividia as responsabilidades da Doutrina Monroe com as repúblicas menores. Esta interpretação era a mesma defendida por Salvador de Mendonça, como ele faz questão de lembrar frequentemente. Estavam, portanto, certas as Repúblicas hispano-americanas em reconhecer logo “a ameaça da singular preponderância da República saxônica no Novo Mundo”²²⁶. Afinal, no tempo de Monroe como no de Roosevelt, os Estados Unidos já queriam ser “um acima de todos” e por isso fizeram ouvidos de mercador às reivindicações e acenos de camaradagem das irmãs latinas, como foi o

²²² LIMA, Oliveira. A desagregação dos partidos americanos. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 20 jun. 1906.

²²³ LIMA, Oliveira. Executivo e Legislativo nos Estados Unidos. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 29 mar. 1906.

²²⁴ LIMA, Oliveira. Snobismo americano. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 07 maio 1906.

²²⁵ LIMA, Oliveira. A Doutrina de Monroe. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 24 set. 1905.

²²⁶ LIMA, Oliveira. A Doutrina de Monroe. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 24 set. 1905.

caso da proposta de Bolívar. A diferença é que sob Roosevelt, os Estados Unidos evidentemente professavam o respeito às soberanias dos vizinhos, já que não seria mais razoável pensar que fosse possível empreender guerras de conquista no continente como as que empreenderam sobre o México no século XIX. A diferença, portanto, era apenas de retórica. Oliveira Lima apontava que o México foi um “bode expiatorio dos primeiros brutos arrancos imperialistas do colosso²²⁷”. Importante notar a diferença do uso do termo colosso, que em *Nos Estados Unidos* servia para expressar seu deslumbramento pelas dimensões de tudo e tinha conotação claramente positiva, enquanto neste artigo já aparece como sinônimo de algo imenso, poderoso e, por isso, mesmo perigoso.

Observa, porém, que o respeito professado pelos Estados Unidos à soberania das vizinhas repúblicas tem limites, afinal o “irmão mais velho anda armado de cacete”. O *big stick*²²⁸ de Roosevelt é utilizado para manter “na linha as irmãs mal criadas” e não hesita em agir. Foi o que aconteceu com o Panamá, uma “aventura” levada a cabo com a ajuda do Secretário de Estado John Hay que para Lima “não foi menos cynica nem mais desculpavel perante a moral individual [...] do que a do Texas em 1815”. Sua análise é a de que “a Doutina Monroe não mudou com o desenvolvimento dos Estados Unidos: transformou-se, evoluindo-se”, mas mantinha a mesma essência, “feita de ciúme e ambição”, que foi indispensável quando surgiu e era fatal no seu presente aspecto²²⁹. Ela

²²⁷ LIMA, Oliveira. A Doutrina de Monroe. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 24 set. 1905.

²²⁸ Uma carta de Theodore Roosevelt para Henry L. Sprague, um membro da Assembleia Legislativa do Estado de nova York, de 26 de janeiro de 1900, quando era Governador, é considerada a primeira menção à frase que se tornaria um slogan da sua política externa. Nela, Roosevelt declara: “I have always been fond of the West African proverb: ‘Speak softly and carry a big stick; you will go far’”. Disponível em: <<http://www.lcweb.loc.gov/exhibits/treasures/trm139.html>>. Acesso em: 25 jun. 2014. Na ocasião, no entanto, ele não estava se referindo à política exterior, mas sobre uma disputa interna no Partido Republicano. Foi apenas em um discurso em Minnesota, em 2 de setembro de 1901, que ele utilizou a frase no contexto em que ficou conhecida: “There is a homely adage which runs ‘Speak softly and carry a big stick; you will go far.’ If the American nation will speak softly and yet build and keep at a pitch of highest training a thoroughly efficient Navy, the Monroe Doctrine will go far”. Disponível em: <<http://wist.info/roosevelt-theodore/16285/>>. Acessado em: 11 out. 2015.

²²⁹ LIMA, Oliveira. A Doutrina de Monroe. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 24 set. 1905.

passou de defensiva a ofensiva, como ocorre sempre quando se ganha força suficiente para alcançar o que sempre se cobiçou. Já não se vê nem sombra do jovem republicano que via apenas boas intenções na Grande Irmã do Norte. Lima concede que a Doutrina tinha passado por fases “forçosamente variadas” mas que a levavam sempre pelos mesmos trilhos, que eram os interesses dos Estados Unidos. Em um primeiro momento, ela impediu a extensão da influência europeia no continente e até vedou a reocupação, conservando fora concorrentes temíveis para a expansão norte-americana. Em seguida, substituiu “violentamente” a ascendência europeia pela dos Estados Unidos, mais adequada aos novos tempos, através de anexações que ficaram vedadas a outras potências.

Lima não aceita a teoria de que a Doutrina Monroe era um reflexo direto da pressão inglesa por mais participação nos negócios americanos e não acredita que o comportamento dos Estados Unidos seria diferente caso ela não existissem. Para ele, os Estados Unidos se esquivaram do convite de Bolívar para a Congresso do Panamá, não porque queriam manter-se fieis a normas prescritas a si mesmos e evitar estabelecer qualquer aliança estrangeira, nem porque recusavam o protetorado da América Espanhola, mas justamente porque aspiravam desde então a esse papel de protetores que lhes cabia por todos os princípios e não queriam associar-se com companhias “pouco convenientes”²³⁰.

A esta altura, Oliveira Lima já questiona abertamente a autoridade autoatribuída dos Estados Unidos em protetor do continente e demonstra preocupação por dar bases jurídicas claras à Doutrina, que como destaca Romero (2002, p. 24) “was advocated, enlarged, and realized to an unprecedented degree during the Roosevelt administration”. Ele defende que o “monroismo rooseveltiano” deveria ser submetido à discussão na Conferência da Paz de Haia e argumenta que aquilo que não fosse definido no congresso seria “um crime de lesa soberania”²³¹. Esta proposta vinha da sua preocupação de que a nova interpretação da Doutrina pudesse ser usada inescrupulosamente por líderes no futuro, além, é claro, dos efeitos imediatos.

Em fins de 1905, passado cerca de um ano da enunciação do Corolário Roosevelt, portanto, é possível perceber uma mudança no tom dos artigos na imprensa, que se tornam mais e mais duros em relação à pessoa e as ações do Presidente. Por exemplo, a antes elogiada atuação

²³⁰ LIMA, Oliveira. A Doutrina de Monroe. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 24 set. 1905.

²³¹ LIMA, Oliveira. A proxima Conferencia da Paz e o Monroismo. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 16 nov. 1905.

dele como mediador no conflito entre Rússia e Japão, que lhe valeu o Prêmio Nobel da Paz em 1906, passou a ser minimizada. Lima chega a afirmar que os “*yankees* [estavam] embriagados pelos gestos exuberantes do seu presidente”, a quem chama de “cacique americano”, e exageravam sua participação na paz²³².

Sua interpretação era de que a doutrina Monroe foi corrigida e ampliada para tornar-se a doutrina Roosevelt, a qual tem o objetivo de colocar-se em primeiro plano e “levar o resto do mundo a reboque”, tomando atitudes que vão muito além do que Monroe jamais sonhou²³³. Suas críticas encontravam respaldo também no Congresso norte-americano e se assemelham muito às palavras do Senador Isidor Rayner, um Democrata de Maryland. Em uma sessão no Senado, ele afirmou que o que se estava assistindo era já não a Doutrina Monroe original e sim um reto pessoal do presidente e por esta razão deveria levar o seu nome. Rayner insiste em que nunca foi o objetivo da Doutrina original tornar o Caribe e as Repúblicas latino-americanas áreas de protetorado dos Estados Unidos e que esta nova interpretação havia se convertido em uma doutrina estritamente financeira, cujo único objetivo era o dinheiro²³⁴.

Conforme Lima admite, por mais simpático que fosse aos Estados Unidos já não podia deixar de observar os fracassos da sua política colonial, que não foi invariavelmente brilhante e não chegava a rivalizar com a obra realizada pela Inglaterra²³⁵. Depois de analisar os problemas de Cuba, Porto Rico e Filipinas e fazer um balanço após anos de intervenção norte-americana, conclui que não era de se espantar que estas colônias ou protetorados não vissem diferença entre o domínio espanhol e o *yankee*, nem mesmo com relação à corrupção.

Ao mesmo tempo em que endurecia as críticas a Roosevelt, pintava um retrato positivo do Presidente venezuelano, General Cipriano Castro, na imprensa brasileira. Em um artigo dedicado ao General no *Estado de São Paulo* esboça inclusive o que pode ser entendido como uma justificativa para o caudilhismo que sempre condenou. O problema latino americano era conferir a um líder ares de infalibilidade e por isso a região

²³² LIMA, Oliveira. Depois do Tratado. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 20 nov. 1905.

²³³ LIMA, Oliveira. A Doutrina de Monroe. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 24 set. 1905.

²³⁴ LIMA, Oliveira. Executivo e Legislativo nos Estados Unidos. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 29 mar. 1906.

²³⁵ LIMA, Oliveira. Aspectos da política colonial dos Estados Unidos. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 01 jan. 1906.

se tornava um ambiente propício ao surgimento de ditadores. Porém, conclui que as populações latino-americanas são mescladas e atrasadas e, portanto, em alguns casos a tutela é necessária para garantir um governo estável. Ao mesmo tempo, Castro merecia seus elogios porque não se intimidava frente aos inimigos e por isso havia sido capaz de mandar e dominar “há uma porção de anos”, afrontando revoluções internas e bloqueios europeus, sufocando os adversários internos e não cedendo à pressão estrangeira. Roosevelt, o “homem do cacetão”, é criticado pelo seu excesso de demonstrações de vigor e virilidade e pelo seu enorme ego, alimentado pela propaganda que o rodeia. Em contraste, elogia Castro e sua postura frente aos adutores, a quem não dava ouvidos, reafirmando uma das suas convicções pessoais de que “nada mais desprezível que uma língua aduladora”²³⁶.

As expressões de simpatia pelo General seguiam na correspondência privada. Ao Deputado pernambucano Barbosa Lima descreve Castro como um “tipo curioso” mas “muito melhor do que o pintam no estrangeiro”. Era uma pessoa “sem educação, ou melhor, sem ilustração”, porém possuía “uma inteligência viva e pronta, que quase a supre por completo.” Tinha consciência do seu valor sem ser pedante e conseguia “apanhar as coisas no ar” e fazê-las servir admiravelmente bem aos seus propósitos. Estava tão bem impressionado pelo presidente venezuelano que opina em carta a Nabuco que se tivesse instrução Castro valeria mais do que Roosevelt (CHACON, 1982, p. 45). Além disso, Lima apreciava a maneira altiva como o Presidente lidava com o corpo diplomático, demonstrando que não temia os governos estrangeiros. Na sua avaliação, a diplomacia de Castro era “uma obra prima” e dava lições aos “pobres diplomatas europeus”. Apesar dos elogios, esclarecia: “Não vá pensar, pelo que lhe disse acima do General Castro, que é um santo caído do céu por descuido. É violento como todo ditador elevado ao poder por meios revolucionários e que ve em redor de si perigos[...].” Porém, ao contrário de outros do mesmo tipo, ele não era sanguinário “apenas prende e acorrenta, mas não fuzila”. (Carta de Oliveira Lima a Barbosa Lima, 16/06/1905 citada em GOUVÊA, 1976, p. 655–656).

Ao compadre Max Fleiuss esclareceu a natureza da sua relação com o Presidente:

Não vá contudo pensar que estou na intimidade do General Castro. Se ele tem por mim consideração e simpatia, é justamente porque o trato com a mesma

²³⁶ LIMA, Oliveira. O Presidente Castro. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 04 dez. 1905.

cerimoniosa deferência que a um chefe d'Estado europeu, e porque me conservei sistematicamente arredado do fervilhar de intrigas que aqui constituía há 6 ou 8 meses passados muito mais do que hoje, a ocupação diplomática.” (Carta de Oliveira Lima a Max Fleiuss, 15/03/1906 citada em GOUVÊA, 1976, p. 672).

Castro era tido nos Estados Unidos e na maior parte do mundo como um ditador e os elogios públicos e privados do diplomata brasileiro desagradaram o Presidente Rodrigues Alves, aborreceram Rio Branco e chegaram a ser motivo de censura no Senado²³⁷.

4.2.1 Pan-Americanismo (Monroe, Bolívar, Roosevelt)

Alguns destes artigos incômodos foram publicados na obra *Pan-americanismo (Monroe, Bolívar, Roosevelt)*, publicada em 1907, reunindo colaborações dispersas em vários periódicos entre 1903 e 1907. O fio condutor da obra é a convicção de Oliveira Lima de que os recentes desenvolvimentos da Doutrina Monroe comportavam perigos e eram um reflexo do processo de centralização política e de fortalecimento do poder presidencial nos Estados Unidos.

Esta é, sem dúvida, a sua obra mais crítica dos Estados Unidos e a que teve mais repercussão. Tornou-se uma referência sobre o pan-americanismo no Brasil e na América Latina em geral, dando a Oliveira Lima um lugar de destaque entre os intelectuais críticos do projeto pan-americano capitaneado pelos Estados Unidos. Curiosamente, aparece frequentemente ao lado da *Ilusão Americana* de Eduardo Prado, tantas vezes refutada por Lima, como parte do cânon da literatura antiamericana produzida no Brasil.

Sobre este lugar que acabou reservado a *Pan-americanismo* e o impacto que teve no conjunto da obra de Oliveira Lima cabem algumas observações. Pelo seu conteúdo extremamente crítico, acabou colaborando para que se atribuíssem a Oliveira Lima rótulos como “antiamericano” e “anti-imperialista” que perduram até algumas das

²³⁷ O General Francisco Glycerio reclamou no Senado dos artigos escritos por Oliveira Lima nos quais nem sempre guardava “as conveniências diplomáticas”. A mesma nota no *Diario de Pernambuco* de 27-12-1905 que registra a queixa de Glycerio, defende Oliveira Lima, que para o jornal formava com Nabuco “o par homérico da diplomacia brasileira”. O Diario minimiza o conteúdo dos artigos, que eram apenas fruto da sua “natureza franca e expansiva”. SB11, OLL.

análises mais atuais sobre a sua obra. Ele não era nem uma coisa nem outra, como a leitura isolada da obra realmente pode levar a crer. Apenas colocando o livro em contexto é que se pode apreciar o processo que o levou a escrevê-lo. O livro reúne artigos escritos no calor do momento do debate sobre o Pan-americanismo e acompanha de perto acontecimentos cruciais, como a enunciação do Corolário Roosevelt, o aumento do poder presidencial nos Estados Unidos e os preparativos para a realização da III Conferência Pan-americana no Rio de Janeiro, bem como o seu desenvolvimento e resultados alcançados. Os textos sobre a Conferência são especialmente ácidos e retratam a clara tomada de posição de Oliveira Lima frente a Nabuco, que havia se tornado um ferrenho defensor do projeto norte-americano e da aproximação incondicional aos Estados Unidos. A análise da correspondência entre os dois neste período é esclarecedora neste sentido. Os artigos funcionam como uma espécie de complemento a este intercâmbio epistolar, mesmo depois que as cartas e a relação entre os dois acaba. É Fundamental também ter em mente que, embora em melhores termos, a relação com o Barão do Rio Branco não era ainda amistosa, e que Lima fazia questão de seguir afirmando sua independência de ideias sobre um tema candente para a diplomacia brasileira. Além disso, ele estava escrevendo de Caracas, um ambiente que o havia despertado para o outro lado do monroísmo e certamente o havia deixado muito mais crítico dos seus efeitos.

Finalmente, posto em comparação a obras clássicas da literatura antiamericana, *Pan-americanismo* nem poderia ser considerado um livro tão “anti”. O que ele propõe é muito mais uma reforma na Doutrina Monroe e no Pan-americanismo do que um chamado pelo seu abandono.

Como bem nota Percy Alvim Martin (1914, p. 12-13) em *Pan-americanismo...*

Dr. Lima advances the thesis, now steadily gaining in the number of its adherents, that a new basis should be found for the Monroe Doctrine. He unhesitatingly admits its value to the whole American continent as long as it did not undergo alteration—that is to say as long as, continuing to be an arm of protection, it did not become an arm of guardianship, indeed of dominion, by means of territorial annexations.

Esta nova base deveria ser um resgate da proposta de Bolívar, que ele sempre repetia ser em essência a mesma defendida por Salvador de Mendonça, um projeto continental em que houvesse responsabilidades compartilhadas entre os países. Lima defendia ainda uma síntese entre a

Doutrina Monroe e a Doutrina Drago. Como observa José Veríssimo (2003e, p. 561), que estava convencido do “perigo americano” que avassalaria o continente, este “não é um livro de animadversão” contra os Estados Unidos, mas um em que o seu autor busca contrastar e até diminuir os estragos do seu papel crescente. Ao contrário de autores como os argentinos José Ingenieros²³⁸ e Manuel Ugarte²³⁹, que não só escreviam mas estavam envolvidos em organizações e atividades relacionadas à luta anti-imperialista, como o Comitê Pró-México²⁴⁰, estabelecido em apoio ao país durante a intervenção dos Estados Unidos em Veracruz em 1914. A posição de Lima sobre este tema seria bastante diferente, como se verá no capítulo 4. O que ele propunha era uma reinterpretação do monroísmo que incorporasse os demais países do continente nas tomadas de decisão e não deixasse o poder de intervenção à mercê do arbítrio dos Estados Unidos. Outro ponto importante que não deve ser esquecido é que Lima tampouco foi um crítico dos Estados Unidos como modelo político e econômico. Criticava o que considerava desvios no funcionamento de instituições que estimava, como era o caso da preponderância do Executivo sobre os demais poderes. Mas nunca deixou de afirmar que, embora imperfeitas, as instituições norte-americanas eram dignas de admiração.

Oliveira Lima acompanhou com interesse os preparativos da III Conferência Pan-americana no Rio de Janeiro a partir de Caracas. No

²³⁸ As poucas cartas encontradas no Fondo José Ingenieros, (AR ARCEDINCI AR CEDINCI FA-021-A-6-1-585), não trazem nenhuma informação substancial. São pedidos de cópias de livros e cumprimentos. Carta de Oliveira Lima para José Ingenieros, 29/11/1921 e Carta de Oliveira Lima para José Ingenieros, 03/02/1919.

²³⁹ Ugarte empreendeu o que chamou de sua “Campaña hispano-americana” (os textos estão reunidos em (UGARTE, [1922]) entre 1910 e 1920, realizando conferências em Barcelona, na Sorbonne, em Paris, na Universidade de Columbia, em Nova York, em todas as capitais da América Espanhola, até encerrá-la na Espanha. Pregava a união dos povos unidos por características culturais e de raça contra o imperialismo dos Estados Unidos no continente. Ele, no entanto, incluía o Brasil neste grupo de países com herança comum, como mostra Inaraja (2013). Neste sentido é que solicita a Oliveira Lima um prefácio para a versão em português do seu livro *El porvenir de la America Latina* (UGARTE, [1911]). Lima aceita o convite e até o divulga na imprensa brasileira, mas o projeto nunca se concretizou e até hoje não há tradução. (Carta de M. de Oliveira Lima a Manuel Ugarte, 14/11/1911, Fondo Manuel Ugarte, TOMO III, Leg. 2217,46-55, AGNA).

²⁴⁰ Informações do Fondo Manuel Ugarte, Leg. 32 1913-1915, AGNA.

entanto, ele partiu da Venezuela antes do início dos trabalhos da Conferência, em 16 de Junho de 1906, para gozar uma licença de seis meses e seguiu acompanhando o assunto da Europa, onde foi para reestabelecer a saúde nas estações de águas.

Na série de artigos escritos ainda em Caracas afirmava que a doutrina Monroe sempre havia sido egoísta e não altruísta, ainda assim, opinava que ela havia servido sim para afastar a ideia de recolonização e que era um instrumento continental útil, caso não fosse alterada. A sua preocupação era com as pretensões de tutela sobre o continente continuamente aventadas por Theodore Roosevelt, as quais estava certo de que surgiriam também na Conferência. Este era o fator principal porque considerava que a terceira Conferência Pan-americana seria mais interessante que as anteriores. Ao mesmo tempo, previa que se daria uma aberta discordância entre os países presentes pelo mesmo motivo. Para Oliveira Lima, não havia dúvidas que tutela era o que propunha Roosevelt, que queria usar a lei do mais forte como argumento jurídico. Outro ponto defendido pelo diplomata brasileiro era o de que a doutrina Monroe é um princípio de polícia exterior dos Estados Unidos e não um princípio continental. Em sua opinião, para que adquirisse caráter continental a Doutrina teria que ser fruto do consenso e ser aprovada no Congresso Pan-americano. Alertava, porém, que a aprovação da Doutrina Monroe tal como estava, com o que considerava uma feição “alterada”, equivaleria a uma abdicação de soberania²⁴¹.

Para Lima, naquele momento era mais provável uma intervenção dos Estados Unidos do que a de alguma potência europeia e não hesitava em afirmar que este era o real perigo que corria o continente. Não tinha objeção a que os países quisessem alargar seus mercados, mas desaprovava que quisessem ser os compradores da autonomia política de outros países²⁴². Neste sentido, critica duramente o projeto de arbitragem do Secretário de Estado Elihu Root e especula sobre as consequências da sua presença no Rio de Janeiro para o evento, que estava sendo amplamente festejada pela imprensa brasileira como uma vitória da diplomacia nacional. Sobre o projeto de arbitragem obrigatória opinava que seria “deprimente em certo sentido da nossa soberania e injuriosa a

²⁴¹ LIMA, Oliveira. Conferencia pan-americana no Rio de Janeiro. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 15 mar. 1906.

²⁴² LIMA, Oliveira. Conferencia pan-americana no Rio de Janeiro II. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 20 mar. 1906.

nossa civilização”²⁴³. Sua crítica se estende ainda às celebrações da escolha do Rio de Janeiro como sede da Conferência, que ele via como um exagero e fruto do desconhecimento do funcionamento da diplomacia. Os que estavam dando tanta importância ao fato ou eram ingênuos ou mal intencionados, querendo fazer crer que o Brasil gozava de uma posição especial na região aos olhos dos Estados Unidos. Mais adiante se verá como estas opiniões colaboraram para seu afastamento de Joaquim Nabuco, que se empenhou pessoalmente para que se realizasse a visita de Root.

Outro comentário que desgostou particularmente Rio Branco e o Embaixador Nabuco foi o de que estava confiante em que a delegação argentina traria para a Conferência a oposição necessária ao rooseveltismo. Afinal, achava que a diplomacia da Argentina estava à frente das demais nações latino-americanas. Lima fazia especial ênfase na superioridade da Doutrina Drago frente ao Corolário Roosevelt à Doutrina de Monroe, que considerava uma “proposta de avassalamento de Roosevelt”. A proposta de Drago era, por outro lado, a que representava um “verdadeiro consorcio continental” entre Estados Unidos e os países mais importantes do continente²⁴⁴.

A esta altura os artigos já estavam incomodando o Itamaraty e Lima não ignorava isso. Não surpreende, portanto, que ele passasse a defender abertamente na imprensa o seu direito à liberdade de opinião. Seu argumento era o de que é lícito aos estrangeiros emitirem sua opinião publicamente, ainda que ocupem cargos oficiais, desde que estas não sejam sediciosas.

Sabia que seus textos estavam repercutindo nos Estados Unidos também e causando preocupações para Joaquim Nabuco, a quem ataca de forma velada. Disse que os Estados Unidos, como todos os vaidosos gostam de ser glorificados, mas também eram inteligentes e por isso permitem ser criticados senão com violência pelo menos com franqueza²⁴⁵. O que ficava claro que Nabuco não sabia fazer.

Lima utiliza uma das suas armas preferidas para defender suas ideias, a história, para “abrir os olhos” dos brasileiros sobre as reais intenções dos Estados Unidos com sua política pan-americana.

²⁴³ LIMA, Oliveira. Conferencia pan-americana no Rio de Janeiro II. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 20 mar. 1906.

²⁴⁴ LIMA, Oliveira. Conferencia pan-americana no Rio de Janeiro III. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 10 abr. 1906.

²⁴⁵ LIMA, Oliveira. Um pouco mais de historia pan-americana. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 1 mai. 1906.

Paradoxalmente ele usa o mesmo expediente de Eduardo Prado, tratando de demonstrar com exemplos históricos que a política pan-americana não era digna de confiança. Neste sentido também foi beneficiado pela temporada na Venezuela, onde em contato com os intelectuais locais, muitos deles historiadores com os quais convivia na Academia de História lhe deram mais munição. Relata, por exemplo, que em uma das sessões da Academia o tema era um episódio pouco conhecido da história do continente, o do projeto de liberação de Porto Rico e Cuba por forças da Grã-Colômbia. Projeto ao que foi formalmente oposto Henry Clay, Secretário de Estado dos Estados Unidos à época e “conhecido defensor da independência das colônias hespanholas sublevadas”. Lima sabia que o plano da Grã-Colômbia não era puramente baseado no altruísmo de oferecer auxílio aos irmãos menos felizes que nutriam idêntico desejo de independência. Trazia em si um componente egoísta, que era o desejo de consolidar as novas soberanias do continente e afastar a constante ameaça que a presença da Espanha representava. Mas isso não diminuía seu valor, afinal, lembrava que “sob forma diferente, foi este último pretexto justamente um dos invocados pelos Estados Unidos para a sua intervenção nos negócios de Cuba”. Ou seja, “o inconveniente que para sua paz interna e as suas relações externas representava a proximidade de um foco tradicional de perturbação”. Em tempos de “pan-americanismo agudo” com a proximidade da Conferência no Rio, seu objetivo ao trazer este episódio à luz, era expor os motivos que fizeram os Estados Unidos impedirem o projeto venezuelano, ao mesmo tempo em que punha em dúvida as boas intenções da sua política pan-americana²⁴⁶.

Em seus textos da época da Conferência, reiterava que a política norte-americana poderia ser interesseira e alertava os países para que se precavessessem da sua ambição. Procurava também desfazer a ideia que o Congresso Pan-americano era uma obra coletiva, que expressava a concórdia continental. Para ele, estava claro que desde a primeira Conferência os Estados Unidos estavam por trás do projeto do qual eram “a parte máxima, o elemento decisivo, os instigadores imediatos”²⁴⁷. Apontava o paradoxo de que parecia ser a sina dos congressos pan-americanos reunirem-se sempre em períodos em que a desconfiança sobre o país que convoca estava no auge. Isso era especialmente verdade naquele momento, quando a administração em Washington fazia esforços

²⁴⁶ LIMA, Oliveira. Um pouco de história pan-americana. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 17 abr. 1906.

²⁴⁷ LIMA, Oliveira. Pan-americanismo em ação I. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 19 jul. 1906.

por “modernizar a doutrina [Monroe], rejuvenescendo-a” e gerava desconfianças na região²⁴⁸. Neste sentido, apontava Lima, declarações como a de William Howard Taft, que ocupava o cargo de Secretário da Guerra na época, de que a área de atuação da política externa americana se estendia até a Terra do Fogo, preocupavam os países latino-americanos.

Estava em diálogo constante com as declarações cada vez mais pró-Estados Unidos de Nabuco, criticando-as e refutando-as constantemente. Quando este declarou que os países latino-americanos deveriam ter gratidão pelos Estados Unidos, Lima preparou uma resposta bem a seu gosto, recheada com acontecimentos históricos e pontuada de ironia. A seu ver o Brasil não devia gratidão alguma à Grande República do Norte, inclusive porque teve negado seu pedido de auxílio - baseado na Doutrina de Monroe – à época da independência. Acrescenta que se se devia alguma gratidão era a Canning e não a Monroe, já que o reconhecimento da independência foi conseguido através da mediação diplomática e pagamento da Inglaterra e não dos Estados Unidos. A relação sempre foi cordial entre os dois países, mas certamente o Brasil não lhe devia favores. Sobretudo, o diplomata pernambucano tinha a preocupação em demonstrar coerência no seu posicionamento e não deixava de mencionar *Nos Estados Unidos*. Esclarece que nesta obra buscou explicar sob o ponto de vista dos Estados Unidos e justificar a doutrina de Monroe naquele momento porque “ella ainda não ostentava o famoso corolário que, com querer robustece-la, apenas a desnaturou e a tornou objecto de muito maiores desconfianças”²⁴⁹. Ou seja, antes do Corolário de Roosevelt. Esta é mais uma evidência de que as mudanças no seu parecer sobre a Doutrina estavam diretamente ligadas às mudanças na condução da política exterior dos Estados Unidos na administração Roosevelt.

Por causa do clima de desconfiança gerado pelo que via como ambições crescentes dos Estados Unidos, previa que durante a Conferência os países teriam que alinhar-se ou à delegação dos Estados Unidos ou da Argentina, que seriam as duas correntes a disputar a ascendência na reunião. Lamentava que a Venezuela não tivesse participado da Conferência no Rio já que como vítima de procedimentos

²⁴⁸ LIMA, Oliveira. Pan-americanismo em ação I. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 19 jul. 1906.

²⁴⁹ LIMA, Oliveira. Pan-americanismo em ação I. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 19 jul. 1906.

violentos dos países europeus para cobrança de pendências pecuniárias e como culpada também de violações de contratos e desacatos de propriedade, teria toda a propriedade para tomar parte nas discussões sobre o tema²⁵⁰.

Fazendo um balanço das previsões para a Conferência que colhia na leitura da imprensa internacional, chegava as suas próprias conclusões. Ao contrário do que se comentava na imprensa norte-americana, o Brasil não será engajado pelos Estados Unidos para fazer a polícia de parte do continente meridional e nem aceitaria esta tarefa de manutenção da ordem e do crédito no Novo Mundo porque ainda estava pendente a decisão de aceitar o prolongamento da doutrina Monroe que “autorisaria tal missão de feitoria”²⁵¹. Para ele, além da tradição de abster-se das questões continentais e da norma de cordialidade que sempre procurou manter na sua atuação internacional, o Brasil não possuía os predicados requeridos para um papel de intervenção ativa – que lhe parecia fora de discussão – mesmo que o quisesse exercer. Isto porque não tinha nem a força material de que dispunham os Estados Unidos e nem gozava do prestígio e confiança das outras repúblicas no grau que seria necessário para a tarefa.

Achava que o Brasil, pela sua disposição pacífica, poderia aspirar a atuar como um elemento de concórdia entre os Estados Unidos e as demais repúblicas do continente. Mas, para associado dos Estados Unidos não possuía ainda envergadura, a menos que a aliança proposta envolvesse subordinação, pois não era feito dos Estados Unidos dar sociedade, mas sim buscar “méros caixeiros viajantes dos seus princípios de governo e dos seus interesses econômicos”²⁵². Lembrava que desde o Congresso do Panamá que eles se excusam de participar de ligas que ameacem sua posição “preponderante e absorvente”. Episódios como a “invenção do Panamá”, do tratado Guadalupe Hidalgo e da anexação de Porto Rico demonstram vigor político, mas fazem desconfiar de “qualquer afirmação altruísta dos seus sentimentos públicos”²⁵³. Posicionava-se contrariamente a qualquer aliança que envolvesse perda da soberania brasileira.

²⁵⁰ LIMA, Oliveira. A situação de Venezuela. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 25 dez. 1906.

²⁵¹ LIMA, Oliveira. Pan-americanismo em ação II. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 20 jul. 1906.

²⁵² LIMA, Oliveira. Pan-americanismo em ação II. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 20 jul. 1906.

²⁵³ LIMA, Oliveira. Pan-americanismo em ação II. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 20 jul. 1906.

Prevía ainda que a Doutrina Drago²⁵⁴ seria definitivamente incorporada ao programa da Conferência e recomendada para deliberação na Conferência de Haia na sua forma original. A Doutrina Drago somada à tradicional Doutrina Monroe representaria a melhor fusão de dois mundos, o anglo-saxônico e o latino, uma fusão moral que não significaria sacrifício de suas respectivas soberanias e que bastaria para impedir ocupações e violações de territórios independentes. O único inconveniente que aponta na doutrina Drago seria o de dificultar a imigração do muito necessário capital europeu na América. Mas mesmo isso seria um problema menor, já que a falta de segurança levaria os países europeus a acudirem apenas aos países de boa reputação e com passado de crédito confiável.

É importante atentar a este ponto. Lima preocupava-se que a América Latina “esquecesse” tudo que devia a Europa. “A consciencia do quanto devemos á Europa é o melhor freio a qualquer quixotismo de um monroismo que quer se tornar amplamente americano, não sómente americano no sentido de Estados Unidos.” Para ele estava claro que, como doutrina defensiva, a doutrina Monroe era válida. O que não lhe cabia era proteger quaisquer destinos latino-americanos, da mesma forma como não lhe cabia oferecer pretexto para que os Estados Unidos estendessem sua tutela pelo continente, “arrogando-se um papel de cujo desempenho o dispensamos todos”. Esta extensão da compreensão é que permitirá dar a ela “a sua verdadeira e nobre significação de seguridade continental que o embaixador Nabuco divisa na afirmação da política do governo de Washington.” Ao mesmo tempo, permitiria a adoção de uma política sã com o Velho Mundo. A associação de todas as nações do continente afastaria a Doutrina Monroe do seu “exclusivismo perigoso”, afinal, “uma nação nunca se arma por mera generosidade de paladina de uma causa que não é rigorosamente sua e de povos que nem seus irmãos de raça são”²⁵⁵.

²⁵⁴ Lima defendeu a visão da Doutrina Drago na imprensa e enviou cópias dos artigos a ele, estabelecendo uma correspondência formal. Drago agradece o envio, afirma que já conhecia sua reputação e seus trabalhos sobre a doutrina Monroe e a doutrina Drago. Dizendo-se feliz por iniciar a correspondência, promete enviar-lhe um artigo em preparação sobre cobranças coercitivas internacionais. (Carta de Luis M. Drago a Oliveira Lima, 08/03/1907, OLL).

²⁵⁵ LIMA, Oliveira. Pan-americanismo em ação II. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 20 jul. 1906.

4.2.2 Até que o Pan-Americanismo os separe: a Conferência Pan-Americana do Rio De Janeiro e o rompimento com Joaquim Nabuco

Figura 11 - Joaquim Nabuco como Presidente da III Conferência Pan-americana no Rio de Janeiro (1906)



Fonte: Fundação Joaquim Nabuco

As duras e constantes críticas à Conferência Pan-americana do Rio foram encaradas por Nabuco como ataques pessoais. Para entender porque o Embaixador brasileiro em Washington interpretava assim o que poderia ser visto apenas como uma divergência sobre política externa, uma que inclusive talvez nem fosse maior do que quando ele ainda era um ardente monarquista e Lima um defensor da república, é preciso ter em mente alguns pontos. Também é preciso ter em mente que esta divergência não foi apenas uma questão pessoal entre amigos de longa data, mas que foi um acontecimento com implicações importantes, especialmente para Oliveira Lima, pessoal e profissionalmente. O rompimento com Nabuco expôs Lima aos olhos de muitos como um diplomata insubordinado, incapaz de apoiar a orientação da diplomacia

da qual era parte, além de um mal amigo, porque foi violento²⁵⁶ e inoportuno. Além do mais, não era um amigo qualquer, era Joaquim Nabuco, um herói da Abolição alçado à categoria de grande diplomata da República, uma figura quase unânime, seja pelo seu passado glorioso na política, seja pelos seus dotes literários e de oratória. Nabuco era um ícone do Império que havia logrado fazer com sucesso a transição para servidor fiel da república através da atividade diplomática e por isso prezava tanto o que tomava como sua última grande contribuição à nação, que era a obra da aproximação com os Estados Unidos. Como declarou a Rio Branco: “estou dedicando o resto da minha vida ativa à aproximação íntima dos dois países”. (Carta de Joaquim Nabuco ao Barão do Rio Branco, 18/01/1908 citada em NABUCO; NABUCO, 1949a, p. 300).

Este aspecto de missão dado por Nabuco à obra da aproximação não é surpreendente se se leva em conta indícios desta orientação presentes antes até da sua nomeação como Embaixador. Dizia a Rio Branco bem no início do seu mandato como Ministro:

Eu sou um forte Monroista, como lhe disse, e por isso grande partidário da aproximação cada vez maior entre o Brasil e os Estados Unidos. Se eu fosse ministro do Exterior e o Presidente consentisse, caminharia firme nesse sentido, e em vez de pensar em mim para suceder-lhe daqui a dois anos, deveria talvez você pensar em fazer-me colaborador seu naquela política, (unindo as duas legações de Londres e Washington é o que deveria ser, porque é uma só política, hoje a Inglaterra sendo a mais norte-americana das nações, mas tanto não proponho porque a novidade é para estudar), mandando-me a Washington sondar o terreno. (Carta de Joaquim Nabuco ao Barão do Rio Branco, 7/7/1902 citada em NABUCO; NABUCO, 1949a, p. 132).

Quando foi finalmente nomeado em 1905, demonstrou incerteza sobre a elevação da Legação à Embaixada ao amigo e confidente Graça Aranha. Mas reconhecia que “neste caso o título só por si é um manifesto, e um manifesto que tem a grande vantagem de dizer tudo sem nada

²⁵⁶ A opinião da filha de Nabuco, Carolina é exemplar de uma boa parte da opinião pública brasileira: “Esta ruptura, provocada por cartas violentas dirigidas a Nabuco contra a política pan-americana, à qual êste se dedicava, e contra a amizade com os Estados Unidos, está registrada nas duas últimas cartas que Nabuco lhe dirigiu de Washington.” (NABUCO; NABUCO, 1949a, p. 75).

precisar”. Expressava, no entanto, já alguma dúvida sobre a visão de Rio Branco sobre o assunto, que demonstra que os dois partiam de posições distintas. “Não sei ainda o que se quis com tal criação em Washington. O relator do parecer no Senado deu-lhe o sentido de uma precaução contra o “intervencionismo” norte-americano”. Era, porém, um otimista que apostava que “o futuro é que lhe imprimirá o seu verdadeiro caráter. Não nomearam, porém, um autômato, nem um antimonroista. Estamos visivelmente no começo de uma nova era”. (Carta de Joaquim Nabuco a Graça Aranha, 05/01/1905 citada em (NABUCO; NABUCO, 1949b, p. 202).

As relações com Rio Branco aos poucos foram mudando e logo já não estavam “no antigo pé de perfeita intimidade”. (Carta de Joaquim Nabuco a Graça Aranha, 21/06/1905 citada em NABUCO; NABUCO, 1949a, p. 218). Com Oliveira Lima na Venezuela, porém, mantinha-se em contato constante, e queixava-se do chefe em comum: “O Rio Branco, esse, não me escreve, nem me diz nada, de modo que não posso conjecturar coisa alguma quanto aos planos e pensamento dele.” Nabuco fazia ainda o papel de conselheiro, e preocupava-se com o desânimo do casal Oliveira Lima na Venezuela. (Carta de Joaquim Nabuco a Oliveira Lima, 05/10/1905 citada em NABUCO; NABUCO, 1949a, p. 225).

A Conferência Pan-americana do Rio funcionou como um divisor de águas na relação entre as três grandes figuras da diplomacia brasileira. Nabuco já a fins de 1905 estava com seu interesse “todo concentrado no Congresso”, mas tinha a consciência de que o chefe não comungava do seu entusiasmo pela causa pan-americana e lhe escrevia preocupado com a “falta de calor monroista no governo e no país”:

Tenho medo que no seu espírito a ida de Mr. Root não tenha tomado a importância que tem perante o mundo todo. Você parece ter dado maior a reunião do Congresso, que será um acontecimento mínimo para o mundo e miníssimo para nós ao lado daquele. Estou tremendo, por pensar que você não aproveitará a ocasião maior, única, de sua vida. (Carta de Joaquim Nabuco ao Barão do Rio Branco, 19/12/1905 citada em NABUCO; NABUCO, 1949a, p. 237).

Um fator fundamental para o empenho de Nabuco é que tomava como um logro pessoal a presença do Secretário de Estado Root no Brasil. Contava a Graça Aranha que ele e Root estavam “muito amigos” e que o próprio Roosevelt lhe havia dito que a idéia do Secretário comparecer à Conferência “foi um efeito da simpatia e boa impressão” que ele havia causado. (Carta de Joaquim Nabuco a Graça Aranha, 02/02/1906 citada

em NABUCO; NABUCO, 1949a, p. 243). Assim, se preocupava duplamente, pelo que achava que seria um erro na condução da política exterior brasileira, e pela sua reputação em Washington: “Minha preocupação é que Mr. Root, fiado no que lhe tenho dito, não vá ao encontro de uma decepção, de um acolhimento sem perspectiva alguma de completa reciprocidade da nossa parte”. Sob o ponto de vista de Nabuco estava claro que “a presença dele é que é o acontecimento, não a dos delegados”. (Carta de Joaquim Nabuco ao Barão do Rio Branco, 19/12/1905 citada em NABUCO; NABUCO, 1949a, p. 238). Neste sentido empenhou-se para estar também presente e fazer-lhe todas as honras possíveis. Como solicitar a Rui Barbosa que providenciasse sua recepção no Parlamento brasileiro, com direito a todas as honras. (Carta de Joaquim Nabuco a Rui Barbosa, 23/07/1906 citada em NABUCO; NABUCO, 1949a, p. 255-256).

Em mais de uma ocasião reiterou a Rio Branco que era “francamente monroísta” e lamentava estar trabalhando tanto em vão. Mas não recebia instruções claras do Itamaraty, o que o exasperava ainda mais. Certa vez lhe disse: “Você dirá que não me encarregou disso, é certo, mas a simples criação da embaixada criou aqui esperanças e expectativas, que a escolha de um monroísta (declarado em cartas a você) como eu ainda aumentou e que a minha linguagem nunca desaprovada levou ao auge”. (Carta de Joaquim Nabuco ao Barão do Rio Branco, 19/12/1905 citada em NABUCO; NABUCO, 1949a, p. 237).

Ao mesmo tempo em que enfrentava problemas com Rio Branco, com quem estava “em meia correspondência”, mantinha-se em contato constante com Oliveira Lima. Mas as divergências entre os dois não tardaram a aparecer. Na primeira vez em que apontou a diferença de posição sobre o pan-americanismo, Lima tratou de manter o tom amigável, mas não perdeu a chance de usar de sua conhecida ironia.

Tenho acompanhado com curiosidade e interesse as manifestações do seu Monroísmo, ou melhor do seu Rooseveltismo e, apesar de conhecer o entusiasmo que o seu temperamento põe em todas as coisas por que se apaixona, não o julgava capaz de tanto americanismo...do norte. Não posso dizer que o aplaudo sem reservas porque o meu Monroísmo é menos caloroso e o meu Rooseveltismo é muito menos. (Carta de Oliveira Lima a Joaquim Nabuco, 23/10/1905 citada em GOUVÊA, 1976, p. 689)

Não eram, portanto, novidade para Nabuco as seguintes manifestações de Lima na imprensa brasileira. O que não diminuía sua apreensão quanto aos estragos que poderia causar Oliveira Lima, que estava dando vazão a sua “doença”, que ele chamava de “incontinência da pena”. A Graça Aranha, pedia que vigiasse o colega e o que ele estava escrevendo agora que era “mais admirador do Castro do que do Roosevelt” e acreditava em tudo que lhe diziam contra os americanos. Lamentava “ver o Oliveira Lima afastar-se assim diplomaticamente [de mim], porque pensava ser êle um monroista firme”. Estava apreensivo pelos seus próximos passos, porque pelo tom das suas cartas sentia que estavam “muito afastados em tudo que é critério nacional”. (Carta de Joaquim Nabuco a Graça Aranha, 02/02/1906 citada em NABUCO; NABUCO, 1949a, p. 244-245). Magoado, contava a Graça Aranha que Lima lhe parecia “tão interessado em que o Root não vá ao Rio, tão desejoso do naufrágio de tudo por que me tenho esforçado, que as cartas dele parecem mal encaminhadas para mim”. Nabuco confessava que preferia que Lima estivesse na Europa “e no uso das águas durante a Conferência”, esperando que isso o afastasse da imprensa e minimizasse o impacto das suas críticas, pois ele havia se tornado “um torpedo diplomático”. Instruía Graça para que lhe mandasse todos os artigos de Oliveira Lima que porventura se publicassem e que, sem dizer nada a ninguém, estivesse prevenido e pronto para agir e inutilizar o mal que ele pudesse causar. A pergunta que não conseguia responder, afinal de contas, era o porquê da atitude do amigo e conterrâneo, que lhe parecia “rara” e “singular”. As possibilidades que oferece explicam mais sobre a sua visão das coisas, pois tenta enquadrar o posicionamento em sentimentos puramente pessoais: “Estará possuído só de ódio ou também de ambição? É mais ressentimento ou cálculo?” (Carta de Joaquim Nabuco a Graça Aranha, 02/03/1906 citada em NABUCO; NABUCO, 1949a, p. 249). Parece não cruzar a sua mente a possibilidade de que o colega de fato apenas desaprovasse o caminho que ele vinha defendendo para a política externa brasileira.

Naturalmente, a correspondência entre Lima e Nabuco escasseava, mas o representante na Venezuela parece não entender o motivo do afastamento e cobra notícias do amigo antes tão próximo. Finalmente, Nabuco acaba expressando diretamente a Oliveira Lima seu desapontamento:

O sr. não se deve admirar de não ser eu tão ativo na minha correspondência como antigamente. Eu a compreendo sempre como um prazer e somente escrevo para ser agradável aos meus amigos. Ora

não é justo que eles em troca me escrevam cartas que pareçam ter somente o propósito de me fazer passar *un mau-vais quart d'heure*. [...] Estas palavras bastam para lhe dizer a impressão que me deixa a leitura das suas cartas de certo tempo a esta parte. O sr. parece interessado em que a Conferência naufrague, toma o partido da Venezuela, condena os que me auxiliam aqui, tudo isso é seu direito, mas eu não compreendo por que o exercita dirigindo-se a mim mesmo, que nunca lhe falei nem lhe escrevi senão para lhe ser agradável. Externada a minha queixa e explicado o meu silêncio, deixe-me dizer-lhe que em nada variaram os sentimentos que sempre lhe manifestei. Saudades a dona Flora. (Carta de Joaquim Nabuco a Oliveira Lima, 01/03/1906 citada em NABUCO; NABUCO, 1949a, p. 247-248).

As coisas escalarão rápido e no mesmo mês Nabuco dava um fim a correspondência e a amizade com Oliveira Lima:

Desde que o sr. estabeleceu como condição para me continuar a sua amizade ouvir eu « as verdades » que me queira dizer, não me é lícito insistir por aquele privilégio. Não haveria reciprocidade na cláusula, pois eu já agora não poderia contrair o mesmo hábito. O gosto de dizer « verdades » aos que nos mostram afeição não prova maior sinceridade do que a atenção em nunca os melindrar, e em geral os que se gabam daquele predicado escolhem os amigos com quem possam ser francos. (Carta de Joaquim Nabuco a Oliveira Lima, 30/03/1906 citada em NABUCO; NABUCO, 1949a, p. 250).

“O Oliveira Lima rompeu comigo”, contava a Graça Aranha logo depois. (Carta de Joaquim Nabuco a Graça Aranha, 02/04/1906 citada em NABUCO; NABUCO, 1949a, p. 252). Na realidade, na que seria sua última carta para Nabuco, Oliveira Lima defende a sinceridade das suas opiniões sobre “a sua política de excessivo americanismo” que não era bem vista pela opinião brasileira e latino-americana e nem mesmo pelo governo, que foram emitidas ao amigo e não ao Embaixador. Por isso, expressa sua tristeza com a interpretação dada por Nabuco ao que lhe parecia simples “expressão sem hipocrisia” de “alguém que se preza de ter sido sempre seu Amigo” e termina deixando a continuidade da

amizade “absolutamente nas suas mãos”. (Carta de Oliveira Lima a Joaquim Nabuco, 18/03/1906 citada em GOUVÊA, 1976, p. 1763–1764).

Brito Broca (2005, p. 256) provavelmente tinha razão quando dizia que “bem ao contrário de Graça Aranha, Oliveira Lima era o tipo do homem feito para não se entender com Nabuco”. Graça possuía a “juventude dionisiaca” que não poderia deixar Nabuco indiferente. Era um esteta, apreciador de gestos largos, tinha o louvor fácil²⁵⁷ e “possuía o sentido heroico das grandes emoções”, o que fez florescer entre os dois a mais harmoniosa relação. (BROCA, 2005, p. 254). Já Oliveira Lima, prezava demasiadamente sua independência de opinião para sacrificá-la por uma amizade, mesmo que fosse a de Nabuco. Daí vem a possivelmente genuína surpresa que expressou pelo enfado de Nabuco, quando tudo o que fazia era “dizer-lhe verdades”, ainda mais quando sua opinião era sabidamente compartilhada por vários, inclusive o próprio Rio Branco. José Veríssimo, por exemplo, chegou a dizer: “Nabuco é mais *yankee* que os próprios *yankees*”²⁵⁸.

Nabuco, por outro lado, não via nada de excessivo na sua abordagem monroísta. Chegou até a dizer a Salvador de Mendonça que estava imbuído em Washington pelo “mesmo espírito que o inspirou” e lhe declarava a certeza de que eram “bons aliados nessa política em que não deve haver hesitações, ou, para melhor dizer, em que toda hesitação ou intermitência seria uma falta irremediável”. (Carta de Joaquim Nabuco a Salvador de Mendonça, 13/10/1906 citada em NABUCO; NABUCO, 1949a, p. 258). Ao mesmo tempo, matizava suas declarações de admiração ao Presidente Roosevelt que tanto desagradavam Oliveira Lima dizendo a Rio Branco: “Note você que eu não acompanho as idéias de Mr. Roosevelt sobre ocupação norte-americana, ou outra, de alfândegas, etc, de países sul-americanos”. O que defendia era “uma espécie de aliança tácita, subentendida, entre os nossos dois países; que vamos nesse caminho tão longe e quanto nos seja possível, e que fiquemos desde já certos um do outro”. (Carta de Joaquim Nabuco ao Barão do Rio Branco, 19/12/1905 citada em NABUCO; NABUCO,

²⁵⁷ Um bom exemplo é o trecho de uma conferência dada por Graça Aranha no Teatro Municipal de São Paulo em 22 de abril de 1915 e intitulada “A mocidade heroica de Joaquim Nabuco”. “No espelho da minha Saudade se reflectem de Joaquim Nabuco tres imagens: a imagem da Belleza, a da Intelligencia e a da Bondade. A fusão misteriosa dessas tres representações distintas em uma só e irreductivel imagem faz de Nabuco a mais feliz expressão da nossa raça.” (ARANHA, 1923, p. 244).

²⁵⁸ Carta de José Veríssimo para Oliveira Lima, 12/08/1906. SB 11, OLL.

1949a, p. 238). Talvez, afinal, Nabuco e Lima não estivessem tão afastados diplomaticamente quanto pensavam e realmente os excessos pan-americanistas de Nabuco fossem mais arroubos retóricos que uma adesão ideológica.

O que certamente incomodava Lima eram as expansões oratórias de Nabuco, laudatórias, especialmente tratando-se de Teddy Roosevelt. Por isso, não vacilava em apontar o que considerava equivocado em várias das declarações do Embaixador. Certa vez, explicou: “Justamente o que por vêzes critiquei nas manifestações oratórias do falecido Embaixador Nabuco foi a falta de altivez ‘política’ bastante que revelavam seus hiperbólicos encômios ao gênio, à força e ao prestígio, tudo incomensurável (sic), do sr. Roosevelt.” Este era um elemento totalmente incompatível na visão dos dois diplomatas, pois para Lima (LIMA, 1971g, p. 570):

Se os elogios se limitassem às instituições americanas, estava perfeitamente: se não podem ser elas perfeitas, são admiráveis. Tributados, porém, ao homem que encarnara uma orientação perigosa e desabusada nas relações do seu país com os outros países da América, afiguram-se-me descabidos.

Esta é uma distinção importante a fazer. Uma das grandes fontes da admiração de Oliveira pelos Estados Unidos eram as instituições norte-americanas. As críticas que fazia eram fruto da sua preocupação pela degeneração destas instituições que, mesmo imperfeitas, eram dignas de admiração. Por exemplo, quando denunciava o crescente predomínio do papel do Executivo na política nacional, era uma crítica fortemente dirigida ao então presidente Theodore Roosevelt, que pela sua personalidade e estilo político estava imprimindo uma nova feição – muito mais ampliada e pró-ativa – ao poder presidencial. O mesmo pode ser dito sobre o Corolário Roosevelt à Doutrina Monroe, condenado à exaustão pelo diplomata brasileiro. Ele fez questão de frisar em diversas ocasiões que sua crítica estava focada na nova interpretação da doutrina dada pelo Presidente. A “doutrina Roosevelt” seria finalmente apresentada na Conferência do Rio de Janeiro, o que explica porque Lima voltou todas as suas baterias para o evento. O que ele buscava era alertar o Brasil para os perigos desta nova interpretação, já que via nas declarações de Nabuco um perigoso precedente por sinalizarem o desejo de uma adesão incondicional ao que entendia como uma tutela dos Estados Unidos. Era uma postura que não tinha nada de

“antiamericanismo”, mas se é de fato necessário dar-lhe um rótulo, seria certamente mais adequado o de “anti-rooseveltismo”.

Uma carta de Oliveira Lima publicada no *Jornal do Recife*²⁵⁹ lança luzes sobre a sua posição sobre o tema. A carta foi escrita da estação termal de Karlsbad, o que demonstra que mesmo tendo se cumprido o desejo de Nabuco, isso não impediu Lima de seguir expressando suas opiniões na imprensa. Claramente o uso das águas não ajudou a curar a sua “incontinência da pena”. A carta foi publicada na seção de “A pedidos” porque era uma resposta a um editorial do *Jornal* que tratava Lima como um líder dentre os que viam perigos no pan-americanismo, comparando-o a Joaquim Nabuco, que estava na trincheira oposta. Mesmo já tendo rompido oficialmente com o colega no Itamaraty, Lima trata de agradecer a comparação, mas afirma não estar ao mesmo nível de Nabuco, “uma das glórias brasileiras” na política e nas letras nacionais. Busca também defender sua atitude no caso do rompimento, descrevendo-se como um escritor que apenas “procura trabalhar com resultado no domínio da historia do seu paiz e que sobretudo presa a independencia das suas opiniões, entendendo não dever sacrificar-as, nem ao proveito nem mesmo á amizade.” Faz questão ainda de repetir que comungava da perspectiva de Salvador de Mendonça sobre as relações entre Brasil e Estados Unidos, que deveriam ser próximas mas não pautadas na subordinação. Aproveita para queixar-se do “esquecimento” de Nabuco sobre o papel de Mendonça nestas relações e condena que o Embaixador trate como exclusivamente sua a obra da aproximação. Lembra que ninguém se esforçou mais do que Mendonça na época da Revolta da Armada, quando Nabuco condenou o apoio norte-americano.

Especificamente sobre sua posição com relação aos Estados Unidos é claro:

Tampouco detesto pan-americanismo. Tive ensejo de escrever um livro do qual não renego uma linha e que foi considerado nos Estados Unidos pelos que o puderam ler e o criticaram no *Washington Post*, *New York Times*, *Evening Post* e outros jornaes, um dos mais sinceramente sympathicos á nação americana.

²⁵⁹ Publicada no *Jornal do Recife* de 26/08/1906 na secção A pedidos, a carta foi reproduzida no *Estado de São Paulo* de 31/08/1906 e no *Jornal do Commercio* de 11/9/1906. SB 11, OLL. Segundo Oliveira Lima (1937) Nabuco ficou tão indignado com o conteúdo das cartas que chegou a solicitar a Rio Branco que o colocasse em disponibilidade. Este teria dito que ele fizesse um pedido oficial, o que o teria feito recuar.

Sempre pensou, e considerava cogitar o contrário uma insensatez, que as duas maiores repúblicas do continente deveriam manter relações cordiais. “O que porem não desejaria era ver imolar ao governo de Washington as nossas tradições européas, de interesses comerciais e economicos e de laços moraes formados pela descendência e pela cultura”. Sobretudo, deplorava a possibilidade de “ver o Brasil reduzido a condição passiva de satellite imposta por uma dura necessidade política ou pela fatalidade geographica.” Citava uma vez mais o bom exemplo da Argentina, que mantinha boas relações com os Estados Unidos, mas caracterizava-se pela altivez da sua política externa.

É fundamental entender que nestas manifestações Lima estava muito mais em diálogo com as posições expressadas por Nabuco do que com Rio Branco propriamente. Afinal, como a correspondência do Embaixador em Washington deixa claro, sua relação com o chefe já não era tão próxima e havia sinais evidentes de que não estavam exatamente sintonizados em relação ao projeto de aproximação com os Estados Unidos. Ainda que buscasse pressionar Rio Branco por uma tomada de posição mais clara que aprovasse seus esforços, Nabuco sabia que não estava totalmente respaldado nas suas desbragadas manifestações de apreço ao monroismo proposto por Roosevelt. Atento a isso, Oliveira Lima afirma que não via “perigo” no pan-americanismo porque acreditava que Rio Branco compartilhava sua visão e não via a amizade com os Estados Unidos como uma relação de subordinação. Defendia que vinha escrevendo “sobre pan-americanismo, mais do que contra pan-americanismo” e que se este havia se transformado em um tema recorrente para ele, era fruto do receio de que “alguns consigam arrastar demasiado longe, por fantasias oratórias, diplomacia imaginativa, uma entente que tem base solida e pratica sobre que assentar, mas que é em extremo desigual para lograr ser absoluta em todas as suas faces.”

Com a publicação desta carta em Pernambuco e em São Paulo, Lima buscou afastar-se da imagem de “torpedo diplomático” e esclarecer seus objetivos quando manifestava opiniões sobre a Conferência. Demonstra também que estava ao tanto das divergências entre Nabuco e Rio Branco e que, apesar de tampouco estar nos melhores termos com o chefe, compartilhava mais da sua visão. José Verissimo²⁶⁰ classificou a divulgação do texto de “um ato inteligente” porque suas opiniões estavam sendo deturpadas com frequência no Brasil. Ainda assim, pode não ter sido suficiente para resolver a sua situação com o chefe. Em carta, Max

²⁶⁰ Carta de José Verissimo a Oliveira Lima, 11/09/1906. SB 11, OLL.

Fleiuß²⁶¹ também considerou o ato positivo, mas contou que lhe disseram que a linguagem de Lima tinha “desagradado” e por isso receava que “o grande Barão, sugestionado pelo Nabuco, o magôe de alguma fôrma”. Algum efeito positivo, porém, parece ter vindo, pois a imprensa registrava em dezembro de 1906: “Parece que as relações entre o barão do Rio Branco e Oliveira Lima são actualmente mais cordiaes”²⁶². Em traços gerais, analisando-se as posições dos três grandes homens da diplomacia brasileira neste período o que se tem é uma imagem em que Joaquim Nabuco estava em um extremo enquanto Oliveira Lima e Rio Branco estavam muito mais próximos, em uma posição intermediária entre a expressão de um pan-americanismo incondicional e o afastamento total dos Estados Unidos. Esta imagem é muito mais fiel às ideias expressadas por eles do que a tradicionalmente sugerida interpretação de que Nabuco e Lima é que estavam em extremos opostos e Rio Branco atuava como fiel da balança²⁶³.

Contrariando as expectativas de Nabuco, “no uso das águas” Lima não cessa a atividade jornalística. Seja comparando as estações de água da França e da Alemanha, que o levavam a refletir sobre as diferenças entre as raças galo-romana e germânica, ou queixando-se do excesso do “desenvolvimento espantoso do automobilismo”²⁶⁴, ou ainda tratando do colonialismo inglês na África²⁶⁵. Tampouco se desliga totalmente dos acontecimentos nos Estados Unidos e comentando a nova legislação que pretendia frear a ação dos *trusts* na economia afirma que Roosevelt estava entrando em uma fase em que finalmente parecia verdadeiramente disposto a agir contra eles e não só falar. Levantava dúvidas, no entanto, sobre as reais convicções do Presidente, já que, se ele por um lado sempre havia feito gestos para combater os milionários, por outro, fazia de tudo para fomentar a riqueza individual no país. Lima questiona como conciliar esses ideais e pergunta se não existia entre eles uma “antinomia

²⁶¹ Carta de Max Fleiuß a Oliveira Lima, 11/09/1906. SB 11, OLL.

²⁶² Jornal do Recife, telegrama de 07/12/1906. SB11, OLL.

²⁶³ As posições do Barão do Rio Branco sobre a americanização da política externa brasileira foram estudadas em detalhe na minha dissertação de mestrado, ver HENRICH, 2010.

²⁶⁴ LIMA, Oliveira. A tyrania do automoveis. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 17 out. 1906.

²⁶⁵ LIMA, Oliveira. A Inglaterra em Africa. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 13 out. 1906.

moral”²⁶⁶. Afinal, a mesma administração que prega a restrição das fortunas, se distingue pela largueza de gastos, pelo fausto oficial, pelo aumento não só das atribuições federais do governo, mas também das suas despesas. Ao fim, classifica o jogo de governo de Roosevelt como um ciclo de “morde e assopra” com as grandes corporações e os plutocratas.

Em ano eleitoral no país, também trata delas com atenção. A princípio Roosevelt seguia negando a candidatura para um terceiro mandato²⁶⁷, mas ainda assim Lima antecipava que seriam as eleições mais renhidas e interessantes desde o fim da Guerra de Secessão. O brasileiro notava acertadamente que Roosevelt era um republicano mais do que insubmisso, era quase independente, mas não deixava de ser um republicano. Como tal, lhe pesava o dinheiro das corporações do capital que lhe haviam ajudado a eleger-se em 1904 e por isso ele se recusava a atacar diretamente o protecionismo. Fosse por gratidão ou tradição conservadora, a atitude pesava sobre o presidente. Reconhecia, porém, que Roosevelt estava prestando incontestáveis serviços ao país, “purificando” o ambiente político e sobretudo dedicado a “favorecer com todo o entusiasmo do seu temperamento impulsivo a tendência moralizadora”²⁶⁸.

Chegando ao Rio, já finda a Conferência Pan-americana, Lima fez um balanço e avaliou o seu impacto nas relações continentais. Ainda que a visita tenha sido feita com os mais sinceros propósitos conciliadores, concorda com a avaliação de que a presença do secretário de Estado Root, o “missionário do pan-americanismo sob a égide dos Estados Unidos” na América do Sul foi antes um mal que um bem. Pelo menos no Brasil, a sua presença, mais pelas intenções que lhe foram atribuídas que pelas que declarou, fez nascer a falsa ideia de que o país tinha “as costas quentes” e seria um parceiro especial dos Estados Unidos. Essa ideia cresceu entre os pouco familiarizados com as questões internacionais ou os que se deixam levar por miragens enganosas, tipos

²⁶⁶ LIMA, Oliveira. O presidente Roosevelt e os trusts. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 04 set. 1906.

²⁶⁷ Não se pode esquecer que por ter assumido a presidência depois do assassinato de McKinley, esta era considerada a terceira eleição presidencial de Roosevelt, o que era visto por muitos como a quebra da “tradição dos dois mandatos” que teria sido instituída por George Washington e tem um peso importante na cultura política dos Estados Unidos. Sobre o debate acerca da reeleição presidencial nos Estados Unidos ver HENRICH, 2015.

²⁶⁸ LIMA, Oliveira. A futura eleição presidencial nos Estados Unidos. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 23 out. 1906.

que abundam em terras de “cultura falha ou incompleta” como o Brasil, mesmo que o governo brasileiro não tivesse fomentado ou compartilhado desta crença. Estes “sonhadores” imaginaram que os Estados Unidos passariam a ajudar o Brasil, seja em defesa contra “imaginadas absorções européas, quer mesmo em aventuras belicosas dentro do continente”²⁶⁹. Pragmático, afirmou que era cedo para falar no Brasil sequer como aspirante a exercer hegemonia no continente meridional e que naquele momento a única hegemonia incontestável na América era a dos Estados Unidos.

Convém notar que, novamente, ele ressalta que o governo brasileiro não teve parte na criação desta ilusão sobre relações preferenciais com os Estados Unidos e relembra o discurso de abertura da Conferência proferido pelo Barão do Rio Branco. Neste, o Ministro “nem encerrava hymnos descompassados á América do Norte nem deixava de conter palavras gratas e carinhosas com relação á Europa”. Na avaliação de Oliveira Lima, o discurso “deu a nota justa da que deve ser a nossa atitude entre uma nação que precisa do nosso apoio moral tanto quanto nós do della, e um continente ao qual nos prendem os mais estreitos laços de sangue, de economia e civilização” e constitui um dos atos mais felizes de Rio Branco como homem de Estado. Como bem notou José Veríssimo (2003e, p. 561), o conceito essencial sobre as nações americanas expresso em *Pan-americanismo* “é no fundo o mesmo que inspirou o admirável discurso do sr. Rio Branco”, que foi “a única manifestação realmente alta e notável desta reunião”. Não surpreende, portanto, que *Pan-americanismo...* seja dedicado a Rio Branco.²⁷⁰

Outro efeito da Conferência em Oliveira Lima foi a consolidação da simpatia que já nutria pela condução da política exterior da Argentina. Para ele, em um balanço imparcial, foi a Argentina quem forneceu ao evento “o seu melhor, ou antes o seu unico thema de debate politico, interessante, vivo e generoso” e colocou o país na arena da mais ampla

²⁶⁹ LIMA, Oliveira. Nós e os argentinos. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 30 nov. 1906.

²⁷⁰ “Nações ainda novas, não podemos esquecer o que devemos aos formadores do capital com que entramos na concorrência social.” A vastidão do território brasileiro, que comportaria uma população muito maior, aconselhava a estreitar cada vez mais a amizade com a Europa, fonte inexaurível de energia e viveiro fecundo de homens. “Ela nos criou, ela nos ensinou, dela recebemos incessantemente apoio e exemplo”. (RIO BRANCO, 1948, p. 87).

discussão internacional²⁷¹. Lima condenava o papel da imprensa nos dois países, afinal, “todos sabem quanto pôde a imprensa quando se trata de estimular ou azedar as relações internacionais²⁷²”. Criticava duramente, por exemplo, o fato da imprensa brasileira ter tratado como uma vitória da nossa diplomacia a escolha do Rio como sede da Conferência Pan-americana quando Buenos Aires nem havia se candidatado. Identificava como um dos problemas de comunicação que no Brasil lia-se muito pouco os jornais argentinos e o público se contentava com os extratos de notícias tendenciosos apresentados por folhas “amarelas” quando a imprensa de Buenos Aires tinha jornais de primeira ordem²⁷³. Estas intrigas, muitas vezes sem fundamento, fomentadas pela imprensa eram negativas para os dois países, já que nações limítrofes e com interesses solidários só teriam a ganhar com o mútuo conhecimento e a dissolução de prevenções.

Para ele, não havia de fato nada que separasse Brasil e Argentina e lembrava que só aos Estados Unidos interessava manter as prevenções entre os dois países, dentro da velha estratégia de “dividir para imperar”. Concluía que “o predomínio norte-americano deixaria de ser uma realidade se entre os países latinos do continente vingasse o espírito de solidariedade a que deviam em tal tempo tender e que não é forçosamente infenso á cordialidade, mesmo á união com o elemento anglo-saxonico”²⁷⁴. Reitera que o Brasil sempre viveu bem com os Estados Unidos e nada aconselhava uma mudança de atitude e neste mesmo sentido, muito menos havia razões para malquerenças entre países com quem o Brasil tinha ainda mais afinidades, como era o caso da Argentina. Observa que “a característica dominante da diplomacia imperial foi a desconfiança da Argentina”, gerando o afastamento do Prata, que foi um equívoco da política exterior imperial. Um equívoco que República não deveria seguir. E se o Império cometeu erros em política interna e foi substituído, por que seguir insistindo em erros na política exterior? Para Lima já era “realmente tempo de dar maior amplitude á nossa visão politica, de republicanizar a nossa diplomacia, de confiar-lhe como tarefa

²⁷¹ LIMA, Oliveira. Os resultados da Conferência Pan-americana II. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 05 jan. 1907.

²⁷² LIMA, Oliveira. Nós e os argentinos. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 30 nov. 1906.

²⁷³ LIMA, Oliveira. O Brazil e o Prata. **A Província do Pará**. Belém do Pará, p. 1-1. 21 mar. 1909.

²⁷⁴ LIMA, Oliveira. Nós e os argentinos. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 30 nov. 1906.

capital, além da promoção da bôa inteligencia politica, seu fundamento, a obra da nossa expansão econômica”²⁷⁵.

Em termos gerais, porém, Lima avalia que coube aos Estados Unidos o predomínio absoluto na conferência, o que não é um resultado para celebrar-se em uma conferência em que deveria preponderar “uma completa equivalencia moral”. Este resultado foi fruto de uma combinação do temor entre uma e da amizade entre outras. Aponta que seria mesmo difícil ter um resultado diferente quando os países mandam como delegados, pelo menos como delegados principais, os seus ministros em Washington, privando-os de parte da sua indispensável independência. Um dos mais graves defeitos da Conferência foi que não quis pronunciar-se categoricamente sobre a Doutrina Drago, com a desculpa de que estavam presentes apenas representantes dos países americanos e a adoção deste princípio afetaria a todas as nações. Assim, a proposta é de que fosse discutida na Conferência da Paz de Haia, que logo se reuniria. Lima chama o precedente de “funesto” e a declaração de “inconveniente”, pois colocava em xeque a legitimidade das decisões tomadas em conferências regionais, que não reúnam a totalidade das nações. Também ressalta a incongruência que existe em anunciar-se a existência de um sistema pan-americano diverso do europeu e ao mesmo tempo afirmar-se que é necessária a aprovação do velho continente para decidir os destinos morais da América²⁷⁶. Enfim, avaliava que a Doutrina de Monroe estava mais forte do que nunca e pretendia inclusive transformar-se em uma regra mais combativa a custa “dos receios anachronicos de conquista colonial por parte da Europa”. E na verdade, “o systema continental americano é que visa estabelecer uma esphera de influencia que abrange um mundo e busca tornal-o exclusivo da nação mais forte do systema”²⁷⁷.

Tratando da recente intervenção norte-americana em Cuba, classifica-a como uma destas ocorrências na vida das nações que são mais interessantes pelos ensinamentos que derivam do que pelo seu desfecho e, por isso, merecem ser conhecidos em todos os seus pormenores. Para Lima, este caso tinha um alcance muito maior do que o mero exercício de direito de suserania outorgado pela Constituição cubana porque poderia

²⁷⁵ LIMA, Oliveira. O Brazil e o Prata. **A Provincia do Pará**. Belém do Pará, p. 1-1. 21 mar. 1909.

²⁷⁶ LIMA, Oliveira. Os resultados da Conferência Pan-americana II. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 05 jan. 1907.

²⁷⁷ LIMA, Oliveira. Finis Cubae. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 30 dez. 1906.

constituir um precedente e envolvia “uma ameaça para todo o mundo latino-americano que der exemplos de instabilidade governativa e não dispuser dos meios de tornar respeitado o seu direito á anarchia”²⁷⁸. Cuba estava naquele momento verificando o preço da implantação de “tão formosa teoria” e a ela compete dizer se vale a pena manter a liberdade civil às custas da liberdade política, a ordem à custa da independência e a paz à custa da soberania. Se o caso de Cuba correspondia à aplicação das regras do sistema continental americano, o qual “emergiu vivaz e fecundo da conferencia do Rio de Janeiro” como afirmou Nabuco a jornalistas parisienses, claramente para Lima “não é o caso para dar parabens á America Latina”²⁷⁹.

Oliveira Lima via a ideia de um sistema continental como uma criação recente dos Estados Unidos que até o momento havia alcançado como único resultado positivo “se ao platonico se póde chamar positivo, a bella exhibição de confraternização”, renovada periodicamente nas Conferências Pan-americanas. Celebrava que pelo menos a do Rio de Janeiro não houvesse degenerado “num entremez em que ao Brasil fosse distribuido o papel de sacristão do officiante norte-americano, nem affectou o tom de uma composição dramatica architectada sobre o despeito argentino”. Foi apenas graças ao tato de que deu prova Rio Branco que a Conferência conseguiu fugir desta orientação para a qual tanto se empenhava Nabuco, que parecia não reconhecer o que para Oliveira Lima já estava claro: “A Doutrina de Monroe já se chama, porém, a doutrina de Roosevelt”²⁸⁰.

Enfim, a Conferência deixava algumas perguntas incômodas: suas atividades foram proporcionais às esperanças depositadas, apesar da composição das delegações de fora, com algumas exceções, estar aquém daqueles das conferências anteriores? Esteve a Conferência moralmente abaixo ou ao nível das anteriores? Valeu a pena o esforço da sua concepção e o trabalho para sua realização?

E, finalmente, seu exemplo será invocado para fundamentar a necessidade de futuras convocações? Na leitura de Oliveira Lima, os otimistas dirão que sim e verão nela o nascimento de “uma nova ordem de coisas no mundo”, expressão frequentemente usada por Nabuco. Já “os

²⁷⁸ LIMA, Oliveira. *Finis Cubae*. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 30 dez. 1906.

²⁷⁹ LIMA, Oliveira. *Finis Cubae*. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 30 dez. 1906.

²⁸⁰ LIMA, Oliveira. *Finis Cubae*. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 30 dez. 1906.

que querem ser otimistas, mas conservam o seu poder de reflexão” asseguram, ou pelo menos pensam, que a do Rio de Janeiro seria considerada pelas conferências seguintes como o ponto de partida da indissolúvel união americana. Esta união americana que o presidente da conferência, Joaquim Nabuco, declarou formar um sistema americano, à parte e diverso do europeu, o que, para Lima “quer dizer demais ou não quer dizer coisa alguma”. Enfim, a presença de Root, “o hospede por excellencia”, aquele que foi “o enviado do consul omnipotente da formidável democracia que lança sobre todo o continente, com o direito que lhe dão a força, a riqueza e a intelligencia, as suas vistas placidas e seguras de predomínio mercantil e político” não havia sido tão decisiva como foi antecipado e não alterou drasticamente os seus resultados práticos. Os resultados da III Conferência dividiam-se para Lima entre os “inofensivos”, como a reorganização da Secretaria das Repúblicas Americanas, e os “platônicos”, como a adesão ao princípio de arbitramento, com recomendação a Conferência de Haia para que o transformasse em um sistema geral para o mundo culto²⁸¹.

²⁸¹ LIMA, Oliveira. Os resultados da Conferência Pan-americana I. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 04 jan. 1907.

5 EMBAIXADOR INTELECTUAL DO BRASIL NA EUROPA

Em dezembro de 1907 Oliveira Lima foi nomeado Ministro Plenipotenciário em Bruxelas. Ele assumiu a Legação em março de 1908 e acumulava ainda o posto de representante brasileiro em Estocolmo, com a missão de reestabelecer a representação brasileira e negociar um Convênio de Arbitragem²⁸². Da sua visita ao país nórdico resultaram as *Cartas de Estocolmo*²⁸³.

Não estava como em Londres na “capital do mundo”²⁸⁴ e certamente Bruxelas não era um posto de primeira ordem, mas ao menos lhe permitia mover-se com facilidade pelo continente e mostrou-se uma vitrine importante para Lima como intelectual. Suas experiências como conferencista ajudariam no futuro a vislumbrar uma nova carreira além da diplomacia. Lá ele procurou colocar em prática a sua visão para a diplomacia brasileira, que deveria ser mais prática que política e dividir-se em duas frentes: o polo intelectual e o econômico ou comercial. A propaganda do Brasil no exterior deveria dividir sua atenção entre a divulgação da história e das letras nacionais e o apelo ao capital e aos braços estrangeiros²⁸⁵. O pernambucano cobriu os dois polos do seu programa. Por um lado, participou de Congressos, deu conferências, publicou na imprensa europeia, se envolveu na Exposição Universal em Bruxelas. De outro, apoiou a criação da Câmara de Comércio Belgo-

²⁸² Ficou em Estocolmo de setembro a dezembro de 1909, quando entregou suas credenciais ao Rei Gustavo V. Planejava voltar, mas não conseguiu e esta acabou sendo sua única passagem pelo país.

²⁸³ As *Cartas de Estocolmo* foram publicadas de novembro de 1909 a fevereiro de 1910 no *Estado de São Paulo*, totalizando 18, e algumas foram reproduzidas em *A Província do Pará*. 17 delas aparecem na *Obra Seleta*. (LIMA; SOBRINHO, 1971, p. 335–378). Gilberto Freyre (1947) chegou a planejar publicá-las em livro, mas o projeto nunca se concretizou. Seguindo o seu estilo de relatos de viagem, Lima cobre os tópicos que considerava de interesse para que os leitores no Brasil conhecessem um pouco da longínqua e desconhecida Suécia, como a paisagem natural, arquitetura, política e sociedade, passando pelo clima, sistema de educação, religião e claro, literatura. Ele dedica ainda um bom espaço a Academia Sueca e ao Instituto Nobel, explicando o funcionamento das instituições e comentando sobre o Prêmio Nobel de Literatura.

²⁸⁴ LIMA, Oliveira. A capital do mundo. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 16 abr 1908.

²⁸⁵ LIMA, Oliveira. Diplomacia economica II. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 3-3. 14 out. 1911.

brasileira, a primeira do seu gênero, e procurou estabelecer relações comerciais com a Suécia.

A vivência sob o reinado de Leopoldo II também serviu para a consolidação da sua visão positiva do colonialismo no continente africano. A realização da Exposição Universal de 1910 em Bruxelas deu ensejo a alguns encontros que tiveram desdobramentos na sua carreira e na suas ideias. Entre eles, destacam-se Dom Luis de Orleans e Bragança, Marechal Hermes da Fonseca e Theodore Roosevelt. O palco privilegiado em que se encontrava permitiu ainda que estivesse atento à eclosão da Revolução Mexicana e observasse com atenção o papel dos Estados Unidos no conflito. Suas posições sobre o país seriam uma vez mais postas em evidência devido a um artigo que ganhou notoriedade, publicado em uma revista alemã. Da Europa também acompanhou os trabalhos da Conferência Pan-americana de Buenos Aires em 1910 e refletiu sobre o mau momento do pan-americanismo e suas causas.

5.1 DE LEDOR A CONFERENCISTA

Lima soube aproveitar um momento em que “os congressos intelectuais estão na moda e realizam-se as dezenas na Europa”. Acreditava que eram perfeitas ocasiões “para desmanchar preconceitos entre as nações e gerar entre os povos afeição sincera”²⁸⁶ e, por isso, se empenhava em participar e bem representar o Brasil. Como apontam Dumont e Flétchet (2014), apesar do esforço de divulgação do Brasil realizado por Rio Branco na sua gestão, durante toda a Primeira República (1889-1930) não foram implementadas políticas sistemáticas de difusão da cultura brasileira no exterior. Foram postas em prática várias iniciativas, certamente, mas que funcionaram isoladamente. É claro que na qualidade de representante brasileiro, Lima tinha um papel a cumprir oficialmente, mas boa parte da sua atuação no exterior foi fruto da sua iniciativa individual. Não é um exagero afirmar que Oliveira Lima foi um dos intelectuais brasileiros mais reconhecidos no exterior no seu tempo. Talvez até gozasse de mais prestígio fora do que dentro do seu próprio país pois não estava sujeito às críticas fruto das desavenças pessoais com figuras importantes. Seu temperamento explosivo, certamente pouco compatível com a diplomacia, a defesa ferrenha da sua independência de opinião e um gosto particular pela polêmica, tiveram um papel relevante

²⁸⁶ LIMA, Oliveira. O Congresso de Geographia de Genebra I. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 24 ago. 1908.

em várias situações. Sem embargo, não cabe dúvida de que ele pagou um preço alto pelos desentendimentos com o Barão do Rio Branco em diversas esferas de sua vida, sendo preterido em promoções, sofrendo ataques na imprensa e tendo muitas vezes diminuídos ou até silenciados os seus logros. Nestes anos em que serviu na Europa, porém, Lima estava no seu elemento natural, circulando com desenvoltura entre a intelectualidade, avançando em suas pesquisas, publicando e dando conferências. Enfim, finalmente ele tinha a chance de construir seu nome como intelectual de fama internacional. Foi a partir desta experiência que ele tomou gosto pela atividade de conferencista e professor, que mais tarde ganharia força nos Estados Unidos, e contribuiu sobremaneira para decidir o seu destino após o fim da carreira diplomática.

Seu valor como historiador já estava comprovado a esta altura através da publicação de diversas obras, mas agora via-se com mais e mais frequência no papel de conferencista. A oratória era um dom que admirava, mas não possuía. Segundo um assistente de uma de suas palestras, “o dr. Oliveira Lima não é um actor na tribuna; não representa o que escreve, lê simplesmente, mas lê com tanto gosto e tacto quanta precisão e justeza. Sabe dar a nota. É Um ledor admiravel, que encanta o auditório e satisfaz os mais exigentes”²⁸⁷. Mesmo sendo mais um “ledor” que um grande orador, o representante brasileiro conseguiu fazer-se conhecer e respeitar na Europa através da sua participação em Congressos e reuniões científicas, da organização de palestras e eventos, e tomou para si a tarefa de divulgar seu país na Europa, firmando-se como embaixador intelectual do Brasil como o definiu o sueco Göran Björkman²⁸⁸.

Logo após sua chegada em Bruxelas em 1908, foi nomeado pelo Itamaraty delegado brasileiro no IX Congresso Geográfico de Genebra²⁸⁹, onde apresentou duas comunicações na seção de Geografia Histórica. Estas foram posteriormente publicadas em um volume em francês

²⁸⁷ Coluna Os respingos, Diário de Pernambuco, 24-12-1904. SB11, OLL.

²⁸⁸ O Dr. Göran Björkman era membro do Instituto Nobel junto à Academia Sueca, na qual representava a língua portuguesa. Era um especialista em línguas latinas e divulgador da literatura brasileira na Suécia que traduziu diversas obras importantes da literatura brasileira para o sueco.

²⁸⁹ Realizado em Genebra entre 27 de julho e 6 de agosto de 1908. As comunicações foram traduzidas e publicadas em português. LIMA, Oliveira. Os limites actuaes do Brasil em consequencia dos ultimos arbitramentos e tratados. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 29 ago. 1908. LIMA, Oliveira. Vias ferreas de penetração no Brasil. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 31 ago. 1908.

chamado *Le Brésil. Ses limites actuelles, ses voies de pénétration* (LIMA, 1908b). No mesmo ano foi nomeado pelo Ministério do Interior como delegado brasileiro no XVI Congresso Internacional de Americanistas em Viena²⁹⁰. Apresentou uma comunicação sobre as transformações na cidade do Rio de Janeiro intitulada *Sur l'évolution d'une Ville du Nouveau-Monde, du XVIème au XXe Siècle - À Propos de la Récente Transformation du Rio de Janeiro*. (LIMA, 1909a). Certamente que Lima apreciava o prestígio pessoal que sua participação nestes eventos lhe dava, mas tinha constantemente a preocupação de marcar o lugar do Brasil nestes espaços onde estava sub-representado e dava passos além da mera representação oficial. Foi neste sentido que apresentou moção para que a língua portuguesa fosse adotada como idioma oficial nos próximos Congressos de Americanistas.²⁹¹ Tentou ainda apresentar a candidatura do Brasil como sede do próximo Congresso, mas não tendo resposta oficial do Itamaraty, não pode levar a frente a ideia²⁹². A participação neste tipo de eventos também servia para que estreitasse laços com intelectuais estrangeiros, como foi o caso do antropólogo alemão considerado o pai da Antropologia nos Estados Unidos, Franz Boas²⁹³ e

²⁹⁰ Realizado de 9 a 14 de setembro de 1908 em Viena. Oliveira Lima escreveu cinco artigos no *Estado de São Paulo* (24, 29 de agosto, 2, 6, 8 de setembro) sobre o evento dando detalhes sobre as comunicações apresentadas e as diversas sessões a que assistiu, bem como descreve a convivência com intelectuais e personalidades da política europeia.

²⁹¹ Havia apenas dois brasileiros participando, Oliveira Lima e Ignácio Mourão, que tratou do progresso da Amazônia na sua comunicação. I.M. [Ignácio Mourão]. Carta da Austria. **A Província do Pará**. Belém do Pará, p. 1-1. 02 nov. 1908. Há uma cópia da minuta da moção no SB15, OLL. A vitória mereceu uma moção de aplauso na ABL, solicitada por José Verissimo. (GOUVÊA, 1976, p. 797). E também foi celebrada na imprensa nacional e internacional, no *Le Brésil* (28/04/1912) e no *Journal do Commercio* (27/03/1912). SB31, OLL.

²⁹² Para Lima, o silêncio de Rio Branco sobre a sua ideia era fruto de ciúmes com o seu pequeno sucesso no evento com relação a adoção do português. Por fim, “o resultado do seu silêncio foi que o Congresso terá lugar em Buenos Aires”. (Carta de Oliveira Lima a Barbosa Lima citada por GOUVÊA, 1976, p. 793-795).

²⁹³ Franz Boas fez o discurso de abertura do evento. Em um texto analisando o Congresso, faz uma lista das comunicações apresentadas, mas não menciona a de Oliveira Lima. (BOAS, 1908). Não foram encontradas cartas para estabelecer uma relação entre os dois, mas ao menos seu trabalho era conhecido por Lima porque ele indicou a Gilberto Freyre que o procurasse quando estava estudando em Columbia.

do etnógrafo Lehman Nietzsche²⁹⁴, alemão radicado na Argentina e diretor do Museu de La Plata.

No ano seguinte, em 18 e 25 de Janeiro de 1909, proferiu duas conferências sobre a língua portuguesa e a literatura brasileira em Louvain, na Bélgica. Ambas foram depois publicadas em separata (LIMA, 1909b). As palestras tiveram lugar na *Maison des Etudiants* e foram presididas pelo Monsenhor Hebbelynck, Reitor da Universidade de Louvain, com a presença de autoridades políticas e eclesiásticas belgas e membros do corpo docente, além de estudantes e do pessoal da legação do Brasil na Bélgica²⁹⁵.

Foi à Paris para participar de uma homenagem ao recentemente falecido Machado de Assis. O evento batizado de Festa da Intelectualidade brasileira²⁹⁶ foi organizado pela *Société des Études Portugaises* e realizou-se em 3 de abril de 1909 no Anfiteatro Richielieu na Sorbonne. Na sessão presidida por Anatole France, Oliveira Lima proferiu a palestra *Machado de Assis et son Ouvre Litteraire*²⁹⁷. O evento contou com a presença da atriz Sarah Bernardt, que leu versos de Machado traduzidos para o francês pelo belga Victor Orban²⁹⁸. E em junho voltou a Viena para participar do III Congresso Internacional de Música, que celebrava o centenário da morte do compositor austríaco Joseph Haydn²⁹⁹, no qual apresentou a comunicação *A música no Brasil*

²⁹⁴ Lehman-Nietzsche foi diretor do Museu Etnográfico de La Plata e chegou a corresponder-se com Oliveira Lima e algumas delas estão no Arquivo Lehman-Nietzsche, no IIA em Berlim. (IAI, N0070b 513 e N0070b 795).

²⁹⁵ NOTAS e informações. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 10 fev. 1909.

²⁹⁶ LIMA, Oliveira. A festa da Sorbonne. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 06 jun. 1909.

²⁹⁷ O artigo Machado de Assis e sua obra literária foi publicado no *Estado de São Paulo* e no *Jornal do Commercio* em 09/07/1909 e também publicado na versão francesa junto com as demais manifestações feitas no evento. Segundo Carvalho (2008), este trabalho ganha importância porque foi o primeiro estudo mais amplo da obra de Machado após a sua morte e apresentou parâmetros que por muito tempo norteariam a crítica machadiana. Em vários momentos de sua exposição, direta ou indiretamente Lima fez uso das cartas que recebeu do amigo para corroborar sua tese da existência de “uma estreita correlação entre sua obra e sua personalidade”.

²⁹⁸ O BRASIL no exterior. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 3-3. 09 maio 1909.

²⁹⁹ LIMA, Oliveira. O Congresso Musical de Viena. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 04 jul. 1909.

*do ponto de vista histórico*³⁰⁰. Lima foi nomeado membro protetor do Instituto de Direito Comparado em Bruxelas pelo seu Conselho Diretor³⁰¹ e esteve envolvido na criação da Câmara de Comércio Belgo-brasileira³⁰².

Em 1910 teve um dos pontos altos da sua carreira na Europa quando proferiu a conferência *A conquista do Brasil*, que foi reproduzida no *Estado de São Paulo* com grande destaque e publicada em separata³⁰³. A *soirée* foi promovida pela Real Sociedade Belga de Geografia e realizada no teatro de La Monnaie, em Bruxelas, e contou com a presença de diversas autoridades, incluindo o recém empossado Rei Alberto I. Era um motivo extra de orgulho para Lima que o primeiro compromisso público do monarca depois do luto pela morte de seu antecessor, seu tio Leopoldo II, foi comparecer ao evento. Além da fala de Oliveira Lima, o vice-cônsul brasileiro Georgette fez uma apresentação sobre o Brasil moderno e ao final foram executadas por uma orquestra peças de compositores brasileiros, como Alberto Nepomuceno, Carlos Gomes e o Pe. José Mauricio. Tudo havia sido pensando em detalhes por Lima, para que fosse um verdadeiro evento de promoção do Brasil e até o programa do evento foi desenhado pelo pintor fluminense Antonio Parreiras a seu pedido.

³⁰⁰ LIMA, Oliveira. A Música no Brasil do ponto de vista histórico. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 13 jun. 1909. A comunicação foi traduzida ao espanhol e publicada como Historia de la música em Brasil. **Boletín Musical de la Habana**. Habana, p.1-2. Noviembre, 1910. SB14, OLL.

³⁰¹ BELGICA. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 4-4. 25 mar. 1909.

³⁰² LIMA, Oliveira. Diplomacia economica. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 3-3. 19 jul. 1911.

³⁰³ LIMA, Oliveira. A conquista do Brasil. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-2. 01 maio 1910.

Figura 12 - Programa do Concerto de Gala organizado por Oliveira Lima em Bruxelas (1910) desenhado por Antonio Parreiras



Fonte: SB24, OLL.

Sua última grande realização na Europa naquele período foi um ano mais tarde. Em 15 de março de 1911 começou a lecionar um curso na Faculdade de Letras da Sorbonne chamado *Formation Historique de la Nationalité Brésilienne*. As doze lições foram depois reunidas em livro, publicado pela Garnier em Paris, com prefácio do reitor da Universidade

M.E. Martinenche e um texto introdutório de José Veríssimo³⁰⁴. Oliveira Lima provavelmente foi o primeiro brasileiro a dar aulas na Sorbonne. Encerrando esta fecunda etapa da sua carreira na Europa, participou ainda do XVIII Congresso dos Americanistas em Londres, de 27 de maio a 4 de junho de 1912. Ele foi indicado como delegado brasileiro pelo Ministro da Agricultura Pedro de Toledo com anuência de Lauro Muller³⁰⁵ e eleito vice-presidente honorário do congresso³⁰⁶.

Apresentou uma comunicação sobre a nova legislação de proteção aos aborígenes brasileiros³⁰⁷ na Sessão da História Colonial. (LIMA, 1912a). E em 16 de junho 1912, participa como representante da ABL na inauguração de um busto a Camões em Paris, a pedido de José Veríssimo³⁰⁸. (Carta de José Veríssimo a Oliveira Lima, 31-05-1912, SB31, OLL).

Além da participação em congressos e das conferências, Lima utilizava seus artigos em revistas literárias para divulgar o Brasil. Em 1909 iniciou uma série de artigos para a prestigiosa revista francesa *La Revue*. Com o título de *Escritores brasileiros contemporâneos*, os doze textos buscavam divulgar na Europa o trabalho de talentos consagrados como Joaquim Nabuco e Ruy Barbosa, e outros menos conhecidos, como Julia Lopes de Almeida e Rodrigo Teófilo. Participou ainda no projeto editorial dos irmãos peruanos radicados na França, Ventura e Francisco García-Calderón. Já no primeiro número sai a primeira parte da sua conferência na Sociedade Belga de Geografia em Anvers (LIMA, 1912c,

³⁰⁴ Publicadas sob o título *Formation Historique de la Nationalité Brésilienne*. (LIMA, 1911b). As doze palestras foram reproduzidas no Estado de São Paulo entre abril e agosto de 1911. A obra foi publicada em espanhol como *Formación histórica de la nacionalidade brasileira*. (LIMA, 1918e). Sobre a obra Percy Alvin Martin (1914, p. 12) disse: This work, embodying the entire history of Brazil, is probably the most satisfactory work on the subject to be found within the compass of a single volume.

³⁰⁵ O outro delegado brasileiro foi o Dr. Antonio Carlos e Simões da Silva, segundo nota no *Jornal do Commercio* de 16/04/1912. SB31, OLL.

³⁰⁶ Informação do *Jornal do Recife* de 30/05/1912. SB31, OLL.

³⁰⁷ Também em LIMA, Oliveira. A proteção dos aborígenes brasileiros. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 3-3. 26 jun. 1912.

³⁰⁸ O discurso de Lima (1912c) foi reproduzido no *Le Figaro* de 16 de junho. SB31, OLL. o monumento foi erguido em Paris no final da Av Camões, em frente ao Boulevard Delessert no bairro de Passy-Auteuil perto dos Jardins de Trocadero e da Legação Portuguesa por obra de portugueses. CARVALHO, Xavier de. O monumento de Camões. Breve história. Paris, Carteira de Paris. 2 Anno, junho de 1912. p.4. SB31, OLL.

1912d) sobre o Brasil e os estrangeiros. Francisco García Calderón fundou com seu irmão *La Revista de América* em Paris em 1912, reunindo como colaboradores intelectuais latino-americanos de prestígio, como Rubén Darío, Rufino Blanco Fombona, Arnaldo Nervo, José de Astorga, Carlos A. Villanueva, Alfonso Reyes, José Enrique Rodó e Hugo D. Barbagelata. Os únicos brasileiros que participaram da revista além de Oliveira Lima foram José Veríssimo e Carlos Magalhães de Azeredo. Era de fato, uma “tribuna privilegiada” pela qualidade dos autores que conseguiu reunir, mas durou apenas até 1914, coincidindo com o início da Primeira Guerra. (MARTÍNEZ, 2003). Boa parte destes mesmos nomes eram citados por Francisco García Calderón no artigo *Los escritores modernos de la América Latina*, publicado em *El Nuevo Tiempo Literario* (n. 185, 05/07/1914). (Entre outros, ele menciona José Enrique Rodó, Manuel Ugarte, Ricardo Rojas, Manuel Díaz Rodríguez, José de la Riva Agüero, Pedro Enríquez Ureña, Carlos Reyles, Oliveira Lima e José Verissimo). Este suplemento pertencia a um dos periódicos colombianos mais influentes de sua época, *El Nuevo Tiempo* (Bogotá, 1902-1932), considerado o primeiro grande periódico nacional do século XX, tinha grande circulação. (SÁNCHEZ, 2016). Não se pode deixar de perceber a menção a vários dos homens que Lima conheceu na Venezuela ou por causa da sua passagem pelo país, o que reforça a hipótese de que este período foi fundamental para o estabelecimento de redes intelectuais que o fizeram conhecer e ser conhecido nos meios intelectuais hispano-americanos.

Lima manteve correspondência com García Calderón, que foi o editor da revista e força por trás do projeto, “el indiscutido capitán general de los pensadores del Nuevo Mundo Hispanoparlante”. (SÁNCHEZ, [s.d.], p. XV). Por ironia do destino, ele que evitou a todo custo ir ao Peru por ser uma terra estéril para o desenvolvimento da atividade intelectual, encontrou em um peruano um interlocutor interessante. Os dois diplomatas (García Calderón serviu em Paris e em Bruxelas como representante do Peru) compartilhavam posições semelhantes com relação a América Latina, que consideravam um região atrasada por causa da mestiçagem mas que tinha futuro se apostasse no influxo de imigrantes europeus, especialmente os alemães. Influenciados pelas classificações de Le Bon, ambos apostavam no branqueamento como caminho para o progresso do continente e tinham em Buenos Aires um bom exemplo do

poder transformador da imigração³⁰⁹. Uma prova de que Lima apreciava o trabalho do colega peruano é que dedicou quatro artigos no *Estado de São Paulo* ao seu livro *Les démocraties latines de l'Amérique*³¹⁰ publicado em Paris em 1912 na coleção dirigida por Gustave Le Bon e nunca traduzido ao português.

A realização da Exposição Universal de Bruxelas, realizada entre 23 de abril e 1 de novembro de 1910, representou uma enorme oportunidade de propaganda para o Brasil no exterior. Mesmo sendo realizada em Bruxelas, a organização da participação brasileira não esteve diretamente sob o comando da legação na Bélgica, mas de uma Missão de Propaganda, especialmente criada com este fim. Lima estava em desacordo com a própria existência destas Missões de Propaganda, que “roubavam aos diplomatas e cônsules o melhor da sua possível utilidade” e custavam caro demais.³¹¹ E com relação ao seu trabalho para a Exposição também expressou seu desacordo em artigos que causaram controvérsia no Brasil³¹². Para este trabalho, as consequências mais importantes do evento foram os encontros proporcionados.

O recém eleito novo Presidente do Brasil estava em viagem pela Europa e compareceu à Exposição em Bruxelas. Mesmo não estando em visita oficial porque não havia sido empossado, Lima sabia que o encontro tinha um peso importante para o futuro da sua carreira. Com o apoio público que havia dado à campanha civilista de Ruy Barbosa, o diplomata sabia que poderia sofrer represálias³¹³. Com as relações com Rio Branco já estremecidas, não lhe convinha começar mal a relação com o novo presidente. Apesar das especulações na imprensa brasileira, ele conseguiu contornar o clima de prevenção que antecipava a chegada de Hermes, o recebeu de maneira cordial e conseguiu contornar uma situação que poderia ter resultado complicada.

³⁰⁹ Para mais sobre as ideias e obra de Francisco García Calderón ver MARTÍNEZ, 2003.

³¹⁰ A tradução em espanhol foi publicada apenas em 1987 (SÁNCHEZ, [s.d.]) como parte da Biblioteca Ayacucho.

³¹¹ Seguiu tratando do assunto em LIMA, Oliveira. O serviço diplomático II. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 10 mar. 1910. E LIMA, Oliveira. O serviço diplomático III. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 11 mar. 1910.

³¹² O Scrapbook 32 é quase totalmente dedicado à controvérsia sobre a visita de Dom Luis e a repercussão do artigo de Oliveira Lima. É um dado interessante que na contracapa do álbum estão cartões-postais com fotos de Dom Pedro II, Princesa Isabel e do Conde D'Eu, além de um de Dom Luis autografado por ele.

³¹³ Os telegramas de Ruy Barbosa e do candidato a vice-presidente Albuquerque Lins se encontram no SB14, OLL.

Outro brasileiro ilustre que passou para visitar o pavilhão do Brasil foi Dom Luis de Orleans e Bragança. O segundo filho da Princesa Isabel e do Conde seria o seguinte na linha sucessória da monarquia brasileira e sua presença³¹⁴ no pavilhão brasileiro causou comoção no Brasil e levantou críticas a Oliveira Lima entre os republicanos. Sobre tudo não agradou o artigo que Lima escreveu, referindo-se a Dom Luis como Príncipe brasileiro, defendeu a obra do seu avô. Afirmava que durante o reinado de Dom Pedro II nenhuma injustiça foi cometida voluntariamente e que os anos imperiais não eram ainda estimados no seu justo valor porque não se admitia totalmente que foi a monarquia que salvou a unidade do Brasil em 1822. Enfim, expressava certo pesar ao mencionar que a monarquia não se defendeu, morreu tal como viveu, “honrada e benigna, hostil a toda tyrania e estranha a todo aviltamento”³¹⁵.

Mas a posição que mais despertou indignação no Brasil foi sua defesa do fim do banimento a família real³¹⁶. Lima afirma ter sentido o peso desta “iniquidade histórica” ao conversar com D. Luis em Bruxelas, em uma “visita forçadamente comovedora”³¹⁷. O tema era certamente caro ao aspirante a monarca brasileiro, que em 1907 havia tentado desafiar o decreto que banuiu a Família Real em 1889, quando realizou uma viagem pela América do Sul. Ele foi impedido de desembarcar no porto do Rio de Janeiro, mas alguns simpatizantes foram ao seu encontro

³¹⁴ Luís Maria Filipe Pedro de Alcântara Gastão Miguel Rafael Gonzaga de Orléans e Bragança (1878 - 1920) tornou-se Príncipe Imperial do Brasil e herdeiro do já extinto trono imperial brasileiro em 1908, quando o seu irmão, Pedro de Alcântara de Orleans e Bragança, renunciou aos seus direitos dinásticos para casar-se com uma noiva sem títulos. Com a renúncia, Luís pôde finalmente colaborar efetivamente com o movimento monarquista brasileiro, assumindo claramente sua posição como herdeiro do trono e buscando a liderança da campanha restauradora no Brasil.

³¹⁵ LIMA, Oliveira. Um príncipe brasileiro no pavilhão do Brasil em Bruxellas. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 3-3. 09 set. 1910.

³¹⁶ Quando anos mais tarde se discutiu o traslado dos restos mortais do Imperador, Oliveira Lima manifestou-se contra o projeto porque entendia que este deveria ser aprovado por unanimidade. E sobretudo, porque era um “absurdo” que se desejasse ter o corpo do Imperador enterrado em um país onde sua família seguia banida e, portanto, impedida de prestar-lhe as devidas homenagens. LIMA, Oliveira. A trasladação dos restos Imperiaes. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 3-3. 29 dez. 1913. O decreto que anulou o banimento da Família Real só foi finalmente aprovado em 1920.

³¹⁷ LIMA, Oliveira. Um príncipe brasileiro no pavilhão do Brasil em Bruxellas. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 3-3. 09 set. 1910.

e levantaram a questão novamente. Lima advogava pelo fim do exílio forçado e afastava os perigos de um surto restauracionista desencadeado pela presença de Dom Luis, afirmando que um projeto destes só teria a anuência da família real se contasse com o apoio do voto popular.

Ao mesmo tempo em que confiava nas virtudes democráticas dos Bragança denunciava a intolerância do jacobinismo republicano brasileiro, que mantinha o decreto e agora o atacava e acusava de monarquista, levantando até suspeita de que estaria envolvido em um plano de Restauração fundando um partido monarquista, o que parece não ter nenhum fundamento.

O diplomata não via razões para que alguém concluísse que o autor do artigo era monarquista, a menos que seja um “producto da intolerancia combinada com a ignorância”³¹⁸. Sobre o rótulo de monarquista, disse que não lhe vexava o qualificativo, tão honroso como o de republicano. Afinal, “a preferencia pela forma de governo é uma coisa ainda secundaria comparada com o amor que deve inspirar a patria em si, tão efficientemente a pode servir um aristocrata como um democrata, um clerical como um livre pensador”³¹⁹. Era para ele uma conclusão óbvia que como um cultor da história valorizasse um período muito mais longo, como foi o Império, comparado com os menos de trinta anos do regime republicano. Seria, portanto, próprio de qualquer republicano lúcido ser capaz de observar e apreciar os pontos positivos dos regimes anteriores. E quanto à suposta propaganda que estaria fazendo ao dar publicidade às obras de Dom Luis, esclarecia que os artigos sobre sua viagem à América do Sul ofereciam interessantes análises e sua qualidade de príncipe não deveria anular o reconhecimento das qualidades da sua produção intelectual. Lima fazia um hábil exercício retórico para não negar suas simpatias pelo Império, mas deixa-las sempre no plano da História, ao mesmo tempo em que não se apressava em declarar-se republicano. Este incidente não foi apenas mais um na larga lista de polêmicas em que se envolveu durante a vida. No próximo capítulo se verá que foi um elemento importante na série de eventos que levariam à sua aposentadoria.

Por fim, a Exposição de Bruxelas lhe deu a oportunidade de ver Theodore Roosevelt em ação. Voltando de uma longa expedição na África, para a qual partiu logo após o fim do seu mandato presidencial no

³¹⁸ LIMA, Oliveira. Um escriptor brasileiro em lingua franceza. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-2. 15 jan. 1911.

³¹⁹ LIMA, Oliveira. Um escriptor brasileiro em lingua franceza. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-2. 15 jan. 1911.

ano anterior, foi recebido com entusiasmo na Bélgica. Para Lima, a aclamação ruidosa do público na sua chegada, incluindo a invasão da estação de trem e o cortejo que o acompanhou por todos os lados, eram “mais do que tudo symptomas da febre de que está moralmente soffrendo a capital belga” e menos uma expressão genuína de admiração pelo ex-presidente³²⁰. Para ele, a Exposição, aliada ao novo reinado de Alberto I, fértil de promessas e esperanças, eram as responsáveis por tanto furor, agravado ainda pela proximidade das eleições legislativas. Segundo Lima, neste clima qualquer hóspede poderia esperar ser recebido de forma esfuziante, ainda mais alguém que ocupou tanto a atenção do mundo como Roosevelt havia feito. Sobre a sua passagem relâmpago pela capital belga escreveu talvez o seu artigo mais cheio de verrina sobre Teddy Roosevelt. Aponta suas contradições, ressalta suas falhas e critica duramente seu discurso, desde o conteúdo até a forma. Compara ainda a atividade “loquaz e exuberante” de Roosevelt à diplomacia “silenciosa e fidalga” do Rei Eduardo ou mesmo aos efeitos da “acção intelligente, discreta e fecunda” do rei belga, para desvantagem, é claro, do norte-americano³²¹.

Entre as maiores contradições que via em Roosevelt estavam o fato dele apresentar-se como um inimigo da plutocracia quando era eleito e sustentado por ela, além de cultivar a imagem de apóstolo do desarmamento e da paz enquanto ativamente tratava de aumentar sua Marinha e reforçar o Executivo. Observa ainda com sua ironia fina que só mesmo um homem extraordinário seria capaz de adquirir fama de letrado pelas suas proezas de cavaleiro e de caçador mais que pelos seus livros e que ainda recebeu um prêmio pela paz quando alcançou a posição eminente que ocupava então pelo seu galopar a frente de um regimento de cowboys. Sobre o Nobel recebido por Roosevelt comenta ainda que “é verdade que o sr. Roosevelt practica muito o pacifismo por conta alheia”³²². E também lembra que ele é muito cioso de intromissões nos assuntos americanos mas não teve a mesma reserva em fazer aceitar seus bons officios para o fim da guerra entre Rússia e Japão.

³²⁰ LIMA, Oliveira. Roosevelt Day. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 29 maio 1910.

³²¹ LIMA, Oliveira. Roosevelt Day. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 29 maio 1910.

³²² LIMA, Oliveira. Roosevelt Day. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 29 maio 1910.

Roosevelt passou por Bruxelas “com a rapidez de um bólido” e teve uma agenda repleta nas menos de 24 horas passadas na cidade³²³. Lima se perguntava se teria tido tempo para dormir, sobretudo “com a evocação, senão o remorso da assombrosa destruição animal a que acaba de entregar-se no continente negro, satisfazendo seus instintos e sua volúpia de ‘barbaro’”. Lima menciona que ele até recebeu um protesto firmado por “philantropos de profissão e defensores dos animais” pelas suas caçadas sem motivo algum de defesa, alimentação ou propósito científico³²⁴. Na verdade, neste caso Roosevelt liderava uma expedição de exploração científica que ficou conhecida como Smithsonian-Roosevelt African Expedition³²⁵.

O discurso proferido por Roosevelt tampouco mereceu a benevolência de Lima. Para ele, os conselhos de moral pública e privada que deu na Exposição foram “copiosos e gratuitos” e seu estilo de oratória não lhe agradou em absoluto.

Mordendo as palavras, com a sua poderosa e proverbial dentadura, numa dicção nasal, desagradavel e emphatica, discriminando as syllabas com o acompanhamento de um batido de mãos que parecia um pedido de palmas, ou então reforçando as phrases com os dois punhos cerrados e erguidos no ar, numa postura de sermão [?], pregou o sr. Roosevelt o excellent cathecismo do trabalho e da probidade³²⁶.

Em matéria de Direito Público exaltou a “não menos excelente doutrina” de que o esmagamento de uma nação mais fraca por uma mais forte seria um ultraje. Diante de tal declaração Lima apenas expressa seu desejo de que “semelhantes principios guiem sempre e exclusivamente os

³²³ LIMA, Oliveira. Roosevelt Day. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 29 maio 1910.

³²⁴ LIMA, Oliveira. Roosevelt Day. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 29 maio 1910.

³²⁵ Foi uma expedição financiada por Andrew Carnegie com o objetivo de coletar espécies para a *Smithsonian Institution*, que é hoje o Museu Nacional de História Natural de Washington. O grupo de cientistas e exploradores da instituição, liderados pelo ex-presidente acompanhado do filho Kermit, saiu de Nova York em março de 1909, passando pelos atuais territórios do Quênia, da República Democrática do Congo e do Sudão. Ao final da viagem passaram pela Europa antes de voltar aos Estados Unidos. O próprio Roosevelt (1910) narra a expedição e seus resultados no livro *African Game Trails*.

³²⁶ LIMA, Oliveira. Roosevelt Day. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 29 maio 1910.

Estados Unidos na solução dos seus problemas domesticos [...] como na regulação das suas controversias internacionais”³²⁷.

Na avaliação de Lima, Roosevelt fechou sua excursão pela Europa de forma “ruidosa como cumpria ser a de um atirador emérito”, ou seja, com uma gafe³²⁸. Na verdade, isso não o surpreendia pois classifica o norte-americano como um “especialista” no assunto, já que as comete com frequência. Para documentar sua afirmação enumera todas as gafes cometidas nos países por onde passou, Áustria, Hungria, Noruega, Inglaterra e no Vaticano. Para Lima, Roosevelt era geralmente perdoado apenas “porque é americano, porque foi e será presidente dos Estados Unidos” e “porque é o sr. Roosevelt, 'cowboy' e 'rough-rider’”³²⁹.

5.2 A OBRA COLONIAL BELGA NO CONGO

O período em Bruxelas só fez crescer a admiração do diplomata brasileiro pelo rei Leopoldo II e pela sua obra colonial no Congo³³⁰. O biógrafo Fernando da Cruz Gouvêa (1976, p. 785) em uma longa nota de rodapé quando trata de um artigo de Oliveira Lima sobre o soberano belga, afirma que ele “surpreendentemente aplaudiu a conquista do Congo pelos belgas”, apesar de ser um historiador de tendência liberal, “compreensivo dos movimentos sociais que cresciam na Europa monarquista e burguesa da ‘belle époque’”. No entanto, lido em contexto com obras anteriores de Oliveira Lima, este aplauso não desperta surpresa alguma. Como já apresentado no capítulo 2, Lima estava convencido da existência de uma hierarquia racial, o que o levava a entender que certos grupos humanos não eram capazes de governar-se da melhor maneira e por isso apenas se beneficiariam do contato com raças mais adiantadas. Não era outra a razão pela qual aplaudia o projeto colonial dos Estados Unidos e sua intervenção em Cuba. Convém recordar também sua

³²⁷ LIMA, Oliveira. Roosevelt Day. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 29 maio 1910.

³²⁸ LIMA, Oliveira. A última “gaffe” do sr. Roosevelt. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 3-3. 16 jul. 1910.

³²⁹ LIMA, Oliveira. A última “gaffe” do sr. Roosevelt. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 3-3. 16 jul. 1910.

³³⁰ O Estado Livre do Congo existiu de 1885 a 1908 e ocupava uma grande área na África Central que era controlada de maneira privada por Leopoldo II. As estimativas variam, mas chega-se a estimar que o sistema de trabalho forçado instituído na colônia foi direta ou indiretamente responsável pelas mortes de até 20% da população.

passagem pelas Antilhas, descrita no Capítulo 3, quando não teve mais que elogios aos resultados do colonialismo inglês.

É preciso acrescentar ainda que a opinião favorável de Lima sobre o Rei filantropo e seu trabalho humanitário no Congo era partilhada por muitos contemporâneos. Leopoldo, que reinou de 1865 a 1909, Porém, com as crescentes evidências de violência, corrupção e abusos cometidos pelos belgas, muitos mudaram de opinião, o que não aconteceu com Oliveira Lima. É difícil imaginar que ele não estivesse a par das denúncias sobre a violência cometida no Congo, especialmente sendo o ávido leitor que era³³¹.

Gouvêa se remete as raízes liberais do pensamento de Oliveira Lima para apontar o que seria uma incongruência porém parece não levar em conta que as liberdades defendidas pelos liberais eram para muitos restritas aqueles considerados como seus iguais e não se aplicavam às populações de raças ditas inferiores. É o caso de Stuart Mill, quando aceita o despotismo no caso de povos “bárbaros”. Outra vez recordando o capítulo 2, vemos que mesmo sendo um abolicionista convicto, Lima considerava a atribuição de direitos aos negros nos Estados Unidos um grande erro. A análise das suas opiniões sobre a política colonial belga e, especialmente, sobre o Rei dos belgas, deve, portanto, levar em consideração estas posições para que não caia no terreno do juízo de valor, que em neste caso é essencialmente anacrônico.

Segundo o diplomata brasileiro, “o melhor elogio que se pôde fazer do rei dos belgas é abrir um atlas geographico, procurar o mappa d’Africa e nelle apontar a extensão do Congo, não ha muito vagamente conhecido e hoje trilhado, convertido numa colonia belga e em bôa parte

³³¹ Data de 1890 o primeiro panfleto publicado denunciando a real situação imposta pelos belgas. Foi escrito pelo norte-americano George Washington Williams, horrorizado com o que presenciou em sua visita ao Congo. As acusações chegaram ao Parlamento belga, mas foram desmentidas pelas autoridades. (HOCHSCHILD, 1998, p. 112). Ao longo dos anos a imprensa europeia vinha denunciando as atrocidades no Congo com frequência e vários livros sobre o tema alcançaram grande repercussão. Em 1899 foi publicado o livro *Heart of Darkness*, de Joseph Conrad, sobre uma viagem através do Rio Congo. Apesar de ser uma obra de ficção, a obra atraiu atenção mundial sobre a colônia africana e despertou o debate sobre imperialismo e racismo na África. Em 1909, Sir Arthur Conan Doyle publicou *The Crime of the Congo*. No mesmo ano, foi organizada uma grande demonstração contra a violência no Congo em Londres, convocada pelo Arcebispo de Canterbury e apoiado por diversas autoridades da Igreja, no Royal Albert Hall em 19 de novembro de 1909. (HOCHSCHILD, 1998).

explorado”³³². Afinal, não é uma obra banal ter conseguido traçar domínio semelhante no coração de um continente já repartido em possessões seculares “sem guerras nem violências”³³³. Lima acreditava que o colonialismo belga seria “uma das concepções políticas e financeiras do século XIX, que a história registrará com o louvor devido”³³⁴.

O retrato pintado por Lima do Rei Leopoldo, era o de um chefe de Estado moderno, dotado dos conhecimentos especiais, “por assim dizer, técnicos”, que considerava essenciais³³⁵. Não bastavam apenas talento natural e educação liberal, era necessário senso prático, conhecimentos variados e práticos para conduzir o país. Leopoldo II possuía todos estes predicados, que o tornaram um “director prudente, sagaz e por isso mesmo feliz de uma grande empresa de trabalho humano, por elle desdobrada numa vasta empresa de expansão destinada a uma aquisição mais rápida e mais certa de riqueza”.³³⁶

Havia, portanto, uma justificativa econômica do colonialismo belga, tal qual Lima já havia expressado com relação ao colonialismo norte-americano. Dada a luta econômica em que andavam empenhadas as potências europeias, e seu potencial para serem a raiz de conflitos políticos, um chefe de Estado deve ter como prioridade além da procura de mercados consumidores, a busca de mercados produtores de matéria prima para sua indústria. Neste sentido, a posse do Congo foi uma iniciativa “que não é exagero considerar magistral” por parte do rei belga³³⁷.

³³² LIMA, Oliveira. Leopoldo II. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 20 jun. 1909.

³³³ LIMA, Oliveira. Leopoldo II. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 20 jun. 1909.

³³⁴ LIMA, Oliveira. Leopoldo II. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 20 jun. 1909.

³³⁵ Este retrato é bem diferente do pintado pelo biógrafo de Leopoldo II, Adam Hochschild (1998). Para ele, o Rei era um homem ambicioso, obcecado desde que assumiu o trono pela ideia de ter uma colônia e que não mediu esforços pra consegui-la, inclusive mentindo ao travestir sua aventura colonial de uma obra humanitária e criando várias instituições de fachada para ocultar o verdadeiro sentido do seu projeto na África. O desejo de tornar a Bélgica uma potência colonial estava assentado em um desejo maior de Leopoldo não apenas por riqueza, mas por poder.

³³⁶ LIMA, Oliveira. Leopoldo II. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 20 jun. 1909.

³³⁷ LIMA, Oliveira. Leopoldo II. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 20 jun. 1909.

“Leopoldo II ideou e executou aquele plano grandioso com uma inteligência, uma providência e uma tenacidade raras”. Era sob a liderança dele, que Lima via diante dos olhos um país que, embora pequeno em extensão, era uma nação que comportava ao mesmo tempo “uma altiva comunidade política, uma considerável associação industrial e comercial”³³⁸. Afinal, o projeto colonial foi para a Inglaterra o fundamento da sua maravilhosa situação marítima e econômica, para a França representou um campo aberto ao seu gênio batalhador e um ensejo de glórias militares tão caras ao seu espírito, para a Alemanha e os Estados Unidos foi uma razão, ou melhor, uma consequência dos seus progressos industriais e da sua irradiação comercial, para a Holanda e para Portugal, foi a condição da sua independência e do seu prestígio. Portanto, previa que para a Bélgica o colonialismo seria eventualmente um aporte vigoroso para sua prosperidade material, assim como um corretivo moral para a possível diminuição da sua atividade intelectual. “O merito incomparavel de Leopoldo II é de ter contribuido, mais do que ninguem, para restituir” o impulso de luta da Bélgica³³⁹. Para Lima, o Congo se transformou “numa escola de iniciativa e resistencia, excellente para um povo devotado aos labores industriaes, cujo espirito poderia entorpecer-se pela monotonia do trabalho regular e pela estreiteza dos horizontes políticos”³⁴⁰.

É importante notar que sob o ponto de vista do brasileiro os resultados da iniciativa seriam sem dúvida tão vantajosos para a metrópole quanto para a colônia, já que além dos lucros materiais, haveria ganhos de outra espécie, que ele considera os benefícios morais da empreitada colonial. A criação de uma “Belgica africana importava ainda mais do que a consagração internacional de uma nação”³⁴¹. Sem deixar de reconhecer os benefícios materiais para a metrópole, a descrição faz o domínio do Congo parecer uma verdadeira cruzada humanitária liderada por um soberano generoso e desinteressado. Basta observar seu comentário sobre a “maneira verdadeiramente regia” com que a dinastia no trono havia demonstrado seu reconhecimento à nação: “o Congo é, de

³³⁸ LIMA, Oliveira. Leopoldo II. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 20 jun. 1909.

³³⁹ LIMA, Oliveira. Leopoldo II. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 20 jun. 1909.

³⁴⁰ LIMA, Oliveira. Leopoldo II. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 20 jun. 1909.

³⁴¹ LIMA, Oliveira. Leopoldo II. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 20 jun. 1909.

sciencia minha, o mais importante presente, com que, sem immolar á sua ambição o sangue dos seus subditos, um soberano ha jámais brindado o seu paiz”³⁴². Portanto, o Congo era um grande presente de Leopoldo a seus súditos, uma iniciativa desinteressada e positiva para colônia e metrópole em mais de uma maneira, verdadeiramente uma iniciativa “magistral”.

Além da simpatia pela aventura colonial belga, Oliveira Lima nutria grande admiração pela diplomacia nacional pois via na Bélgica um “belo e fecundo exemplo de uma nação cujas forças vivas são a indústria e comércio - não a politicagem e a burocracia - as quais se interessam profundamente pela representação política no exterior”. Além disso, os belgas entendiam que a diplomacia bem utilizada era uma ferramenta eficaz para a disseminação de relações mercantis e, portanto, poderia ser um agente da prosperidade nacional³⁴³.

Elogiava a visão do rei Leopoldo sobre a diplomacia porque adotava um modelo que ele via como o mais adequado para Bélgica, um país pequeno politicamente mas com potencial comercial. Era uma visão análoga a que vinha externando há tempos através de artigos na imprensa e conferências, defendendo que o serviço essencial da diplomacia brasileira não poderia ser de caráter político “por mais que nos queramos guindar á situação de grande potencia, com voz no capitulo da diplomacia mundial”³⁴⁴. Convinha a países menos relevantes politicamente, como era o caso do Brasil e da Bélgica, dotar a diplomacia de um caráter mais prático, portanto. Por isso era “com vivo prazer” que verificava que as ideias que defendia sobre a carreira diplomática iam ganhando terreno³⁴⁵. Eram ideias que sabia não ter inventado mas que foi o primeiro a preconizar no Brasil e que encontrava postas em prática em grande medida na Bélgica: basicamente dotar a diplomacia do caráter prático que lhe faltava através da fusão das carreiras diplomática e consular. Dizia que “obter bons negocios para seu paiz é função essencial do diplomata não digo só do moderno porque o foi de todos os tempos. Usar da posição

³⁴² LIMA, Oliveira. Leopoldo II. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 20 jun. 1909.

³⁴³ LIMA, Oliveira. De como na Belgica se entende a diplomacia. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 13 ago. 1909.

³⁴⁴ LIMA, Oliveira. Diplomacia economica II. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 3-3. 14 out. 1911.

³⁴⁵ LIMA, Oliveira. O serviço diplomatico I. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 5-5. 09 mar. 1910.

para fazer bons negócios para si é uma acção imoral”³⁴⁶. Considerava igualmente imoral a nomeação de diplomatas preferidos pela fortuna pessoal para representar uma democracia. Apreciava por isso o processo de selecção adotado no país, afinal pensava que se o processo de entrada na carreira diplomática no Brasil fosse mais rígido a carreira “ostentaria exemplares menos decorativos, porém mais uteis”³⁴⁷. Neste sentido invocava também o exemplo dos Estados Unidos, onde havia muitos diplomatas de recursos escassos porque mesmo sendo “o país do dollar, nunca foi a fortuna critério para a selecção diplomática”³⁴⁸. Elogiava a sua diplomacia do dollar “no sentido de granjear negócios lucrativos para o país”, que deveria ser imitada.³⁴⁹ Muitas destas ideias estavam inclusive expressas no livro *Cousas Diplomáticas* (LIMA, 1908a), publicado durante sua estada na Bélgica.

5.3 A PRESIDÊNCIA DE TAFT E A *DOLLAR DIPLOMACY*

Mesmo na Europa, o diplomata brasileiro não deixava de acompanhar as questões mais importantes do continente americano. Uma delas foi a eleição presidencial nos Estados Unidos. O Republicano William Howard Taft foi o candidato apoiado por Theodore Roosevelt nas eleições de 1908, que disputou sem grande entusiasmo. Sua verdadeira ambição era tornar-se membro da Corte Suprema e não presidente, o que eventualmente conseguiu em 1921. Seu mandato foi marcado mais pela filosofia de que o Executivo deveria manter-se restrito na sua atuação do que por uma agenda ativa de reformas, marcando uma grande diferença com seu antecessor. Taft havia sido Secretário de Guerra na gestão de Roosevelt e aprovava em sua maior parte as políticas que levou a cabo, porém, discordava em alguns casos do caminho tomado por ele para alcançar seus objetivos. Jurista, Taft governava com a convicção de que seus poderes estavam severamente limitados pela Constituição, ao passo que Roosevelt advogava por um Executivo muito mais atuante e que deveria liderar as reformas da agenda dos progressistas. Como foi

³⁴⁶ LIMA, Oliveira. Diplomacia economica I. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 3-3. 2 out. 1911.

³⁴⁷ LIMA, Oliveira. O serviço diplomatico I. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 5-5. 09 mar. 1910.

³⁴⁸ LIMA, Oliveira. Exames diplomaticos e diplomatas ricos. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 3-3. 23 set. 1911.

³⁴⁹ LIMA, Oliveira. Exames diplomaticos e diplomatas ricos. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 3-3. 23 set. 1911.

apoiado por Roosevelt nas primárias republicanas, muitos eleitores acreditaram, como o próprio Teddy, que sua agenda no governo seria a mesma. Uma piada comum na época era que Taft era um acrônimo para “Take Advice From Teddy”. (ROMERO, 2002, p. 87). Mas eventualmente as diferenças tornaram-se irreconciliáveis e os dois se afastaram até romperem politicamente.

Sem dúvida, sua personalidade e estilo de governo o fez muito mais simpático a Oliveira Lima. Para ele, sem o “espalhafato” de Roosevelt, Taft estava realizando muito mais que seu sucessor em benefício da paz mundial³⁵⁰. A política exterior de Taft, comandada pelo seu Secretário de Estado Philander Knox, esteve centrada em facilitar investimentos privados em regiões que considerava chave para os interesses estratégicos dos Estados Unidos³⁵¹. Knox e Taft compartilhavam a ideia de que o objetivo da diplomacia deveria ser o de criar estabilidade e ordem no exterior de modo a proporcionar um ambiente favorável para a promoção dos interesses comerciais do país. Foi a posta em prática da noção de que uma forte presença econômica no estrangeiro poderia levar a bons resultados diplomáticos e a consagração do princípio de que objetivos públicos e privados estavam interligados. Knox teve um papel muito mais destacado que seu predecessor Elihu Root na formulação das linhas a serem seguidas pela política externa, garantindo que o Departamento de Estado tivesse peso neste processo (diferentemente do protagonismo exercido por Roosevelt quando se tratava de política externa). Advogado de sucesso no mundo corporativo, Knox foi o responsável por transformar a política externa norte-americana de uma “*gunboat diplomacy*” para uma “*dollar diplomacy*”³⁵², onde a ênfase deixou de ser na projeção internacional de

³⁵⁰ LIMA, Oliveira. Ainda a Doutrina de Monroe. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 3-3. 07 set. 1911.

³⁵¹ “The diplomacy of the present administration has sought to respond to modern ideas of commercial intercourse. This policy has been characterized as substituting dollars for bullets. It is one that appeals alike to idealistic humanitarian sentiments, to the dictates of sound policy and strategy, and to legitimate commercial aims.” (Mensagem ao Congresso do Presidente William Howard Taft, 3 de dezembro de 1912 citada por ROMERO, 2002, p. 72).

³⁵² Lima afirma que a Diplomacia do Dólar foi inventada pelo Secretário de Estado Philander Knox, que assim batizou a feição dada por ele à política exterior dos Estados Unidos. Ele não foi no entanto o criador desta política. Roosevelt foi quem primeiro a utilizou na época da crise da República Dominicana (1904), quando os Estados Unidos tomaram o controle da Alfândega do país como forma

poder e passa a ser no reforço dos interesses econômicos no exterior. (LANSFORD, 2011, p. 296).

Figura 13 - A semelhança entre Oliveira Lima e William Howard Taft



J. H. Norzoch, '18

PROFESSOR LIMA

The resemblance to Professor Taft of Yale

Fonte: The Harvard Illustrated (“Our Professorial Corner”, 1915).

de estabilizar a crise e garantir os interesses dos investidores norte-americanos. Essa foi a base da política que Taft aprofundaria na sua gestão. “In addition to foreign financial advisers and their gold standard-central bank agenda, three other turn-of-the-century developments were critical to the emergence of dollar diplomacy: the spread of cultural assumptions that linked ideas about race and manhood to the paternalistic oversight of weaker states and darker peoples; the U.S. government's new economic and strategic priorities in the aftermath of the War of 1898; and significant changes in the structure of U.S. investment banking”. (ROSENBERG, 1999, p. 31).

A Diplomacia do Dólar na sua gestão esteve focada principalmente na China e na América Latina. Para Romero (2002) a política fracassou nas duas regiões, mas foi particularmente controversa na China pela complexidade da política local. Na América latina encontraram mais facilidade devido à falta de competição com outros investidores estrangeiros, mas ao mesmo tempo, fez crescer o ressentimento dos países contra uma política considerada imperialista. Dinwoodie (1970) afirma que a *Dollar Diplomacy* tem o privilégio duvidoso de gozar entre os historiadores de um consenso pouco comum com relação às críticas sobre seu resultado, ainda que diverjam sobre as causas do fracasso.

Lima, porém, parece ter uma visão mais positiva desta iniciativa. Ele entende a Diplomacia do Dólar como um sinônimo do que há tempos vinha chamando de “diplomacia econômica”. Os resultados da aplicação desta política nos últimos dois anos trouxe “resultados espantosos”, como demonstram os dados de uma brochura sobre as operações do Departamento do Estado produzida e distribuída pelo governo americano. Com o que considera um crédito “magro” e que nem foi gasto na totalidade, Knox conseguiu milhões de dólares em contratos e concessões para financistas e construtores do país no mundo todo. Conclui que com resultados tão maravilhosos, o Departamento de Estado bem poderia ser rebatizado como “Ministerio dos Lucros Exteriores”, o que era com certeza muito mais agradável e vantajoso do que se fosse apenas o “Ministerio das Despesas Exteriores”, como ele parece indicar que era o caso do Brasil³⁵³. Entende-se o seu entusiasmo com uma política exterior de caráter prático e voltada para promoção da atividade comercial. Afinal, em contraste, em diversas ocasiões chegou a dizer que a diplomacia brasileira não fazia nada pela economia nacional.

Nem tudo eram elogios, no entanto. A esta altura já deveria ser bem sabido “que não ha diferença, nem muito menos desavença entre republicanos e democratas, no que diz respeito ao desenvolvimento dos principios de ambição e de grandeza que orientam a expansão americana”³⁵⁴. Para ele, todos no Congresso dos Estados Unidos liam pela mesma cartilha, a que contém uma interpretação da Doutrina de Monroe que é sinônimo do domínio dos Estados Unidos sobre as duas Américas. A “sacrosanta Doutrina de Monroe” se tornou a pedra angular da política

³⁵³ LIMA, Oliveira. A diplomacia do Dollar. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 2-3. 30 jul. 1911.

³⁵⁴ LIMA, Oliveira. Ainda a Doutrina de Monroe. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 3-3. 07 set. 1911.

internacional dos Estados Unidos³⁵⁵. E os Estados Unidos pretendiam fortificar e defender o canal do Panamá como o melhor instrumento do seu imperialismo, que ao transferir seu palco de ação para o Oceano Pacífico não se tornaria menos agressivo.

“De uma forma ou de outra não é dado tratar das relações dos Estados Unidos com as potencias estrangeiras sem que apareça e intervenha a famosa doutrina de Monroe”, a mesma que garantiu à América Espanhola contra a recolonização europeia mas que atualmente “não ampara a América Latina contra os Estados Unidos e está carecendo de ser substituída por um princípio mais compreensivo e mais efficas”³⁵⁶. Este princípio claramente não poderia deixar de conter certas garantias para que as nações latinas assumissem responsabilidades e direitos.

Durante a administração Taft a IV Conferência Pan-americana de Buenos Aires realizou-se em 1910 “sob uma atmospheria oppressiva de trovoadas”³⁵⁷. A reunião estava marcada pelos vários conflitos na região (Chile e Peru, Equador e Peru, Peru e Colômbia, agitações na América Central com o papel dos Estados Unidos), além do mal estar entre Brasil e Argentina. Lima observa que a desordem era crônica na região e que pela primeira vez na história do pan-americanismo um país deliberadamente deixou de comparecer (Bolívia). Para ele, parece que em vez de estreitar laços entre a família de países americanos, a Conferência só serviu para tornar mais patente as divisões existentes entre as ex-colônias, deixando à mostra as questões de fronteiras, desconfianças e ressentimentos. Ao mesmo tempo, os Estados Unidos foram a Buenos Aires invocando uma igualdade política que na prática a cada passo recebia um golpe. A maior novidade que vê na Conferência é que claramente se mostraram os campos opostos no mundo latino-americano, de uma lado “os que arreganham os dentes para o 'cacetão' e de outro os que contemplam *d'un coer léger*”³⁵⁸.

O lado do Brasil estava claro e o desagradava completamente. Em meio ao clima de desconfiança na Conferência, Lima lamentava que só ao Brasil, “na illusão que aos demais queria dar de já haver sido chamado

³⁵⁵ LIMA, Oliveira. Ainda a Doutrina de Monroe. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 3-3. 07 set. 1911.

³⁵⁶ LIMA, Oliveira. Ainda a Doutrina de Monroe. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 3-3. 07 set. 1911.

³⁵⁷ LIMA, Oliveira. A Conferencia Pan-americana da Buenos Aires. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 3-3. 09 set. 1911.

³⁵⁸ LIMA, Oliveira. A Conferencia Pan-americana da Buenos Aires. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 3-3. 09 set. 1911.

a aliado acolyto ou procurador da America do Norte”, ocorreu propor a adoção pura e simples da Doutrina Monroe³⁵⁹. Ou seja, “do reconhecimento com ou sem gratidão do protectorado dos Estados Unidos sobre a America Latina”. A moção do Brasil despertou tão viva “repugnância” entre os países hispano-americanos que “não é crível que se trate de novo de propor, em qualquer futura conferencia pan-americana, semelhante acto de subserviencia ao poderio dos Estados Unidos”.³⁶⁰

Ao mesmo tempo, lamentava que a proposta de proibir toda e qualquer conquista dentro do continente, que equivaleria a garantir a presente integridade territorial, não foi admitida sequer à discussão na Conferência do Rio e não constava das atas. Esta sim, uma proposta brasileira que tinha o seu apoio. Teria sido justa e honesta a aprovação de tal compromisso entre os países do continente. Sobretudo seria promissora e poderia trazer resultados fecundos. Os Estados Unidos teriam dado prova cabal da proibidade das suas intenções internacionais, ajudando a dissipar desconfianças e prevenções.³⁶¹ Afinal, lembrava o que o *Times* de Londres havia comentado sobre o assunto. Segundo o jornal, as conferências pan-americanas eram parte de uma “decorosa sociedade de debates, donde são excluidos todos os temas espinhosos e cujo programma cuidadoso e rigidamente observado se acha preparado de antemão”. Era forçado, a concordar que a Conferência do Rio havia sido “uma assembléa de mudos governada por um surdo”, numa cruel alusão ao problema de audição de Joaquim Nabuco.³⁶² E a de Buenos Aires não se mostrava muito mais promissora.

Na esteira das suas reflexões sobre as relações continentais, viu-se envolvido em outra polêmica, causada por um artigo escrito a pedido da revista alemã *Deutsche Revue* sobre os contrastes entre as Américas do Sul e do Norte. O tom adotado foi de um certo pessimismo sobre as relações interamericanas, muito no espírito dos seus últimos escritos reunidos em *Pan-americanismo*. (LIMA, 1907). Tratando do contraste entre as duas regiões, Oliveira Lima explica que quem diz contraste, diz oposição, e a

³⁵⁹ LIMA, Oliveira. Ainda a Doutrina de Monroe. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 3-3. 07 set. 1911.

³⁶⁰ LIMA, Oliveira. Ainda a Doutrina de Monroe. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 3-3. 07 set. 1911.

³⁶¹ LIMA, Oliveira. Ainda a Doutrina de Monroe. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 3-3. 07 set. 1911.

³⁶² LIMA, Oliveira. Ainda a Doutrina de Monroe. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 3-3. 07 set. 1911.

despeito de todas as conferências pan-americanas, que se parecem na esterilidade dos seus resultados práticos e pela timidez dos seus votos, a união das duas Américas não passava ainda de um belo tema de exercício literário de sobremesa para os “tão demasiadamente numerosos” banquetes pan-americanos³⁶³. Ele via no fundo a persistência, de um lado, da desconfiança e, do outro, do desdém. Ambos lhe pareciam incuráveis. Fala até em termos de “um mal sem remédio”, que perduraria apesar dos esforços dos diplomatas que não querem abrir mão dos encantos mundanos de Washington e das excursões oratórias de Root e Bryan. A ambos confere o título de apóstolos do “pan-americanismo unilateral que implica a influência dominadora, exclusiva, ciosa, dos Estados Unidos sobre a massa das Republicas manas”.³⁶⁴ Repúblicas estas que estavam divididas por um triz pela natureza, mas que o gênio humano separou, simbolizando seu “divorcio moral”.

Faz questão de lembrar que o divórcio moral sempre existiu já que as duas Américas nem sequer se conheciam nos tempos coloniais e que durante as sangrentas guerras de libertação nacional os Estados Unidos se abstiveram de intervir e apoiar as colônias vizinhas. Chama atenção ainda para o fato de ter cabido a Inglaterra de Canning “a honra e a glória” de haver auxiliado nos processos de independência latino-americanos. Para Lima, desde então os Estados Unidos nutrem um desdém mal disfarçado pelos demais países do continente, exceção feita apenas ao Canadá. Com relação aos outros países, entende que nunca os consideraram verdadeiramente como iguais. No máximo tratam de cativar um país para tratar de vender-lhe o maior número de mercadorias possível, o que não deixa de ser “de todo legítimo e natural”³⁶⁵. Era o que já havia acontecido com o México e naquele momento estava acontecendo com o Brasil.

Lima observa, no entanto, que o desdém dos Estados Unidos não é distribuído por igual no continente, sendo Argentina e Chile melhor vistos porque abrigavam menor número de africanos. Portanto, estes países tinham um número insignificante de mistura racial. Afinal, alfineta: “é assaz conhecida a ternura dos norte-americanos pelos negros e notorio o

³⁶³ A versão em português do artigo foi publicada no Estado de São Paulo. LIMA, Oliveira. America do Sul versus America do Norte. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 14 maio 1910.

³⁶⁴ LIMA, Oliveira. America do Sul versus America do Norte. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 14 maio 1910.

³⁶⁵ LIMA, Oliveira. America do Sul versus America do Norte. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 14 maio 1910.

caso que socialmente delles fazem”³⁶⁶. Lima, porém, reconhecia uma parcela de culpa dos países latino-americanos para que recebessem tal tratamento. Referia-se a “triste - e em parte merecida - reputação de turbulência civil e desonestidade administrativa”, provocadas pelo seu militarismo *sui generis*³⁶⁷.

No mesmo texto elogiava o movimento intelectual na América do Sul, que era cada vez mais extenso e mais fecundo, sendo inclusive superior ao da América do Norte na sua generalidade. Um claro reflexo da sua “descoberta” da América hispânica descrita no capítulo anterior. A porção meridional do continente continha um refinamento básico que escasseava no norte, a despeito de todo o esplendor da sua opulência. Referia-se na comparação especialmente a cidades que eram focos de cultura como Rio de Janeiro, Lima, Santiago e Caracas. Neste cenário, celebrava a existência de norte-americanos de boa-fé, que nos últimos tempos ao viajar não tem se recusado a reconhecer as qualidades e inclusive admitir esta superioridade intelectual.

Já ao governo de Washington não poupa críticas. Primeiro porque gabava-se de ter consideração pelas repúblicas irmãs, admitindo todas na Conferência de Haia, mas uma vez iniciados os trabalhos, esqueceu a Doutrina de Monroe e se aliou às potências europeias. Ressalta no episódio o papel de Ruy Barbosa, a quem coube a árdua e solitária tarefa de defender a igualdade jurídica. E depois porque estava levando o país a uma militarização em tudo contrária aos seus princípios liberais. Explicava, porém, que não era o mesmo militarismo encontrado na versão latino-americana e que ele também condenava. Por enquanto entendia que era apenas uma expressão do seu pendor imperialista propagado “pelos acontecimentos e pelos personagens que toda a gente conhece”. Entres estes personagens, ressalta a atuação de Elihu Root, que fez louváveis esforços para atenuar as ameaças do “big stick”.

Mesmo reconhecendo uma situação difícil no continente americano, Lima ainda acreditava que a situação internacional era muito melhor no Novo Mundo que em outras partes do globo. Ao menos na aparência há mais cordialidade e inclusive se cogita elaborar um código de Direito Público Americano. Esta iniciativa merece sua desaprovação pois questiona a necessidade de diferenciar-se o Direito das Gentes, como

³⁶⁶ LIMA, Oliveira. America do Sul versus America do Norte. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 14 maio 1910.

³⁶⁷ LIMA, Oliveira. America do Sul versus America do Norte. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 14 maio 1910.

se este não devesse ser o mesmo na América como na Europa “a saber, onde quer que prevaleça o espirito christão e a civilização que geographicamente se denonima occidental”. Ainda assim, terminava o texto em um tom entre pragmático e otimista:

As duas Americas, é caso para deseja-lo, farão bom consorcio no futuro. Os tempos andam de paz, e os matrimonios de conveniencia são no geral mais calmos que os de amos. Suas características distanciam-se, entretanto, demasiado, bem como divergem suas tradições [...] para que possa haver entre ambas fusão d’alma ou sequer união de corações.

A *imprensa* do Rio de Janeiro publicou um artigo anônimo em 26 de julho, intitulado *O artigo do Sr. Oliveira Lima na Deutsche Revue ou a propaganda contra o Brasil feita por um representante nosso*³⁶⁸, criticando duramente os posicionamentos expressos por Lima na revista alemã. A folha carioca acreditava que com seu texto Lima havia atraído para o Brasil a antipatia dos Estados Unidos ao mesmo tempo em que envergonhava o país pelo tratamento que dispensava à Argentina, além de ridicularizar o Congresso Pan-americano realizado no Rio. Seguindo a sua máxima de que “qualquer golpe deve ser aparado”, ele não se furtou a dar uma resposta aos ataques recebidos. Deixando de lado apenas o que encontrava de “intencionalmente agressivo e deslealmente concertado”, elaborou um texto em que respondia em doze pontos as críticas que recebeu³⁶⁹. Num texto muito ao seu estilo, não só esclarece posições e as reafirma mas compromete e aponta outros, especialmente Rio Branco, que recebem tratamento diferente quando esposam as mesmas ideias.

Inicia com uma defesa do seu direito de expressar opiniões políticas sendo diplomata: “Costumo escrever desassombadamente sobre assumptos de politica nacional e internacional abstraindo quanto possivel de personalidades, porque a qualidade de diplomata não apagar o discernimento nem reduzir o cidadão a um eunuco da intelligencia, quando a possuiu”³⁷⁰. E faz questão de frisar que o artigo não foi assinado pelo ministro do Brasil na Bélgica, mas pelo membro da Academia

³⁶⁸ O mesmo artigo foi reproduzido na Seção A pedidos do Jornal do Commercio de 29 de julho.

³⁶⁹ LIMA, Oliveira. O artigo da "Deutsche Revue" e o ataque anonymo d’A "Imprensa". **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 3-3. 17 set. 1910.

³⁷⁰ LIMA, Oliveira. O artigo da "Deutsche Revue" e o ataque anonymo d’A "Imprensa". **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 3-3. 17 set. 1910.

Brasileira de Letras, “cujas opiniões devem ser livres num paiz livre”³⁷¹. Foi nesta qualidade que defendeu e reiterou seu apoio ao candidato civilista à eleição presidencial, Ruy Barbosa, porque este representava ideias liberais que eram as suas. Estava, portanto, apenas gozando do seu pleno direito como cidadão de expressar suas opiniões políticas.

Esclarece ainda que jamais ridicularizou Joaquim Nabuco como escritor, tanto que recentemente havia dedicado a ele um dos seus artigos na série sobre escritores brasileiros notáveis na francesa *La Revue*. Sua diferença com o conterrâneo tinha outra origem:

Divergimos, não no modo de apreciar o sr. Barão do rio Branco, que julgavamos igualmente, como elle o merece, mas no que toca ao pan-americanismo, tendencia a que Joaquim Nabuco, a meu ver, dava as proporções proprias do seu temperamento entusiasta e da sua feição oratoria³⁷².

No mesmo sentido, acrescenta que estava em perfeito acordo neste ponto com o Barão, dado o discurso de abertura que fez na Conferência Pan-americana do Rio de Janeiro e que ele subscrevia totalmente. Tanto assim que lhe dedicou o volume *Pan-americanismo*. Um volume, que, aliás, não havia merecido reparos do Itamaraty e que continha as mesmas opiniões sobre a política americana de Roosevelt que expressou no artigo da *Deutsche Revue*. Desafiava ainda seus críticos a buscar em “outros periodicos serios dos Estados Unidos e da Inglaterra” opiniões análogas as suas³⁷³.

Sobre sua declaração que os Estados Unidos consideravam a Argentina uma exceção no continente e que o país lá goza de maior simpatia devido a composição da sua população, afirma que se baseou em uma declaração do próprio Roosevelt. Este, ao receber oficiais da marinha argentina teria afirmado que a Argentina era a nação do continente meridional onde se desenvolvia essencialmente a civilização representada pela raça branca. E aos brasileiros que se sentiram ofendidos com a declaração retrucou que não é anti-patriótico não considerar o seu país “o

³⁷¹ LIMA, Oliveira. O artigo da "Deutsche Revue" e o ataque anonymo d'A "Imprensa". **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 3-3. 17 set. 1910.

³⁷² LIMA, Oliveira. O artigo da "Deutsche Revue" e o ataque anonymo d'A "Imprensa". **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 3-3. 17 set. 1910.

³⁷³ LIMA, Oliveira. O artigo da "Deutsche Revue" e o ataque anonymo d'A "Imprensa". **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 3-3. 17 set. 1910.

mais adiantado, progressivo e perfeito do mundo”³⁷⁴. Neste caso, ainda mais porque ele compartilhava da opinião de que a Argentina era o país mais desenvolvido da América do Sul e constituía um exemplo a imitar.

Da mesma maneira, afirmou desafiante: “Se é crime de lesa-patriotismo não querer imitar em tudo os Estados Unidos, criminoso é então o eminente sr. Barão do Rio Branco por ter assignado a dedicatória de um retrato como ‘el salvaje unitário’”. Afinal, concluía, ser unitarista, parlamentarista ou monarquista não era absolutamente incompatível com ser um bom brasileiro, esse era seu “credo de tolerancia, sem ranço jacobino”³⁷⁵. E para não deixar dúvidas para os que o acusavam de anti-americanismo, explicou, fazendo menção a sua obra *Nos Estados Unidos* (LIMA, 1899a):

A verdade é que admiro muito os Estados Unidos, e que na minha bagagem literaria, de facto 'pesada', se inclue um livro de sympathia por esse paiz. Processos seus de politica externa é o que tenho eventualmente criticado, como em 1898, no momento da guerra com a Hespanha os criticava em revistas americanas o proprio embaixador mexicano d. Matias Romero, emquanto occupava seu posto que tanto honrou e no desempenho do qual falleceu³⁷⁶.

5.4 A REVOLUÇÃO MEXICANA E A DOCTRINA WILSON

Ainda durante o governo Taft ocorreu outro evento marcante para o continente americano. A Revolução Mexicana foi um dos acontecimentos mais significativos do século XX e impactou toda a região. Entretanto, nos primeiros anos do conflito, que durou de 1910 a 1920³⁷⁷, nem a diplomacia nem a imprensa brasileiras pareciam muito interessadas no que se passava ao sul do Rio Bravo³⁷⁸. O Brasil não tinha

³⁷⁴ LIMA, Oliveira. O artigo da "Deutsche Revue" e o ataque anonymo d'A "Imprensa". **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 3-3. 17 set. 1910.

³⁷⁵ LIMA, Oliveira. O artigo da "Deutsche Revue" e o ataque anonymo d'A "Imprensa". **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 3-3. 17 set. 1910.

³⁷⁶ LIMA, Oliveira. O artigo da "Deutsche Revue" e o ataque anonymo d'A "Imprensa". **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 3-3. 17 set. 1910.

³⁷⁷ Para uma cronologia da Revolução Mexicana ver KNIGHT, 1986.

³⁷⁸ Vinhosa (1980) afirma que entre 1910 e 1912 a imprensa limitava-se a publicação de telegramas dando notícias e raros editoriais e que a diplomacia brasileira nem deu muita atenção ao evento.

interesses diretos no México, nem econômicos nem políticos, o que justificava em grande parte a pouca atenção³⁷⁹. Com a invasão do porto de Veracruz por navios norte-americanos em 1914 o que havia iniciado como uma Revolução de forte cunho social no México transformou-se em um conflito que ultrapassou as fronteiras nacionais. Assim, ampliou-se o debate para a arena das relações continentais, envolvendo questões como o projeto pan-americano impulsionado pelos Estados Unidos e a legitimidade da Doutrina Monroe, além das implicações e da extensão da política externa norte-americana no continente. O Brasil apenas passou a desempenhar um papel mais relevante no conflito quando junto com Argentina e Chile, o chamado ABC, tomou parte em uma ação conjunta que tentava mediar o conflito entre os dois países em 1914. Naturalmente, a partir de então há um aumento do interesse brasileiro pelo conflito, expresso no análogo aumento de notícias nos periódicos nacionais. Na análise realizada por Dias (2009) *O Estado de São Paulo* passa de ter 3 artigos publicados sobre o assunto em 1911 a 7 em 1913, chegando a 18 em 1914³⁸⁰. Outro ponto importante levantado pela autora é que nenhum dos jornais brasileiros possuía correspondentes no México, portanto a maior parte das informações publicadas no Brasil sobre a Revolução era a mera reprodução dos telegramas recebidos das agências internacionais de notícias, caracterizadas pela brevidade e superficialidade do seu conteúdo. O uso das mesmas fontes causou um efeito homogeneizante no tom das notícias que circulavam no Brasil. Apenas quando ficou claro que o conflito se prolongaria e com o início das atividades do bloco ABC como mediador é que o assunto passou a ser tema de editoriais e de

³⁷⁹ “Las relaciones entre México y Brasil han estado siempre envueltas en una red de complejidades tejida con ingredientes diversos, que van desde lo específico de cada uno de los entornos geopolíticos y sus determinantes, hasta las dificultades resultantes de economías competitivas y poco complementarias, pasando por procesos históricos de alto contraste, uno, el brasileño, narrado de manera preferencial en clave de continuidad progresista y cambio conservador, iniciado y consolidado durante el imperio decimonónico, y el otro, el mexicano, abierto en la misma época, en torno de guerras civiles intermitentes, intervenciones extranjeras y saltos revolucionarios. A eso hay que agregar, en un lugar de destaque, la presencia de Estados Unidos en las agendas de ambos gobiernos y de sus ‘cancillerías’”. (PALACIOS, 2002, p. 559–560).

³⁸⁰ Dias (2009, p. 214) conta 3 artigos sobre a Revolução Mexicana publicados em *O Estado de São Paulo* em 1911, entretanto foram encontrados 4 artigos de Oliveira Lima sobre o tema publicados neste ano. São eles: A situação no Mexico (27/05), Barbarous Mexico (20/06), O ocaso de um grande homem (29/06) e Mexico e Estados Unidos (10/07).

colunas assinadas, que ajudaram a finalmente trazer um pouco de contexto e análises mais aprofundadas para o público brasileiro. Neste cenário, cobram ainda mais interesse os artigos de Oliveira Lima publicados no *Estado de São Paulo* já em 1911. Não é exagero dizer que, pelo menos para os leitores da folha paulistana que tinha no período uma tiragem de aproximadamente 35.000 exemplares, os artigos de Lima foram a sua única fonte de informação sobre o que ocorria no México. Também é importante recordar que por estar na Europa no momento, Lima tinha acesso à imprensa internacional e, por isso, podia ter informações mais precisas e completas que o auxiliavam na hora de formar seu juízo e expressá-lo em seus artigos³⁸¹. Além disso, pelo seu conhecimento da dinâmica da política continental, Lima já antecipava que a questão teria desdobramentos nas relações com os Estados Unidos. Por tudo isso, estes escritos pouco conhecidos do diplomata brasileiro são especialmente relevantes para esta pesquisa.

O primeiro artigo de Oliveira Lima tratando da Revolução Mexicana apareceu em maio de 1911, logo após a renúncia de Porfírio Díaz³⁸². Ele descreve a situação política no México como uma “paz forçada” mantida com a mão dura do General Porfirio Díaz. Um regime que não admitia oposição e suprimia implacavelmente qualquer dissidência. Ainda que lhe dê o crédito por haver guiado o país a um notável grau de prosperidade e até a reputação de uma nação organizada, estável e progressiva, ao referir-se ao Presidente da República mexicana, questionava “se presidente se pode chamar um autocrata e republica seu domínio”³⁸³. Na sua explicação para a natureza autoritária do Porfiriato recorre mais uma vez a uma explicação racialista. Explica que o liberalismo se personificou nos índios e mestiços que elevaram-se “acima da condição da sua raça e do seu meio”. Mas estes entenderam que a liberdade “de gente como a sua degenerava na licença e que esta voltava a dar no despotismo” e por isso a melhor solução lhes pareceu o velho

³⁸¹ Um indicio de que Oliveira Lima estava interessado em entender em profundidade a situação no México é que o representante mexicano em Bruxelas, Federico Gamboa, prometeu ao brasileiro solicitar ao Ministério de Instrução Pública o envio dos oito volumes dos Documentos Historicos Mexicanos que ele lhe solicitou. (Carta de Federico Gamboa a Oliveira Lima, 20/07/1911, OLL).

³⁸² LIMA, Oliveira. A situação no Mexico. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 3-3. 27 maio 1911.

³⁸³ LIMA, Oliveira. A situação no Mexico. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 3-3. 27 maio 1911.

paternalismo sob a forma de *self government*³⁸⁴. Diaz, então, atuou como o chefe da família mexicana e, como tal, exerceu discricionariamente os seus poderes. É uma análise semelhante a que fez do governo Castro na Venezuela. Ao mesmo tempo em que condena o autoritarismo do regime e a falta de liberdades, dá uma explicação que de alguma forma põe a culpa na população inculta, no caso da Venezuela, e formada por “índios e mestiços” no caso do México, para sua sorte. Afinal, estas populações não aptas ao *self-government*, como a raça anglo-saxã, necessita ser controlada.

Afirma que todo o mundo esperava que a morte de Porfírio trouxesse profundas perturbações, mas poucos imaginaram que ainda em vida houvesse uma alteração séria no país. Por isso sua queda era tão inesperada que desnorreava as previsões até dos mais experientes observadores. Ninguém havia previsto que a revolução iniciada há mais de um ano não seria debelada e conseguiria pressionar Díaz a aceitar um armistício e a reconstituição do seu gabinete. Lima acertou na sua previsão quando disse que nenhum resultado seria estranho para o conflito, nem mesmo a abdicação do presidente. Afinal, via sinais de fragmentação do regime e o ditador parecia finalmente começar a fraquejar, o que era esperado porque “a marcha da natureza não faz exceção, o pai fez-se avô e a debilidade finalmente lhe atingiu”³⁸⁵. Para ele, Diaz foi um dos homens mais eminentes do século XIX e muito da sua obra permanecerá, uma obra não destituída de falhas, mas poderosa.

É interessante notar que já em 1911 Lima analisa a Revolução dentro do quadro mais amplo das relações interamericanas, levando em conta o papel dos Estados Unidos no conflito antes mesmo do país intervir diretamente. Comenta que nos Estados Unidos não falta quem ache a abdicação de Porfírio Diaz a melhor solução, mesmo que a sua política exterior tenha consistido mais que tudo na boa convivência com o vizinho, em atrair capitais norte-americanos e segundo os críticos, até em colocar o México sob o protetorado norte-americano. Nota a “ingratidão” dos Estados Unidos, que ainda assim se negavam “a auxiliar o compadre que tanto lhe procurava a amizade” e aconselhava a que se retirasse, fazendo-o sentir que sua hora já passou e deveria abandonar o palco político.

³⁸⁴ LIMA, Oliveira. A situação no Mexico. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 3-3. 27 maio 1911.

³⁸⁵ LIMA, Oliveira. A situação no Mexico. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 3-3. 27 maio 1911.

Na sua opinião Díaz era “incontestavelmente um grande homem do seu tempo”, que havia deixado sua marca no país que governou por décadas³⁸⁶. O que não significava dizer que estava de acordo com todas as suas políticas. Muito ao contrário, era especialmente crítico da falta de transparências nas eleições e da corrupção do regime. Muitos norte-americanos celebravam Díaz exatamente por isso, fechando os olhos a natureza autoritária do seu governo e para as fraudes eleitorais que o mantinham no poder já que ao sufrágio no país “faltam as condições essenciais de liberdade e de independência”. A repressão às vozes dissidentes era um dos tópicos que mais criticava pois para ele “um país sem oposição é um país morto ou escravizado, o que quer dizer moralmente morto”³⁸⁷.

Alerta, porém, que Díaz não era o único da sua espécie e nem o seu sistema era sem igual. Outros usavam da mesma corrupção, sua arma favorita, para governar, assegurando apoio político em troca de favores pecuniários e cooptando o apoio de estrangeiros com dádivas e concessões. Este “alerta” tinha mais a ver com a situação política brasileira que a mexicana e pode-se visualizar nas entrelinhas uma analogia entre o Porfiriato e a Política dos Governadores. Não se pode perder de vista que Lima havia apoiado a candidatura de Ruy Barbosa contra o Marechal Hermes da Fonseca, talvez até contra todo o bom senso, dada sua posição. Os apoiadores do movimento civilista nunca aceitaram a vitória do Marechal nas urnas, alegando que houve fraude no processo eleitoral. Além disso, Lima já vinha em um processo de desencantamento com os rumos da República no Brasil, que lhe parecia haver degenerado em um regime repressor e violento, orientado pelo jacobinismo. A falta de espaço para dissidência era um ponto particularmente sensível para o diplomata, como já demonstrei anteriormente. A má impressão deixada pelo governo republicano em Caracas aliada à visão positiva que estava tendo da monarquia belga certamente também atuaram no sentido de uma reavaliação da sua posição sobre formas de governo. Além de tudo isso, ao conhecer Dom Luis de Orleans e Bragança, é bem possível que tenha vislumbrado a possibilidade de reedição da “democracia coroada” dos tempos de Dom

³⁸⁶ LIMA, Oliveira. O ocaso de um grande homem. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 3-3. 29 jun. 1911.

³⁸⁷ LIMA, Oliveira. O ocaso de um grande homem. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 3-3. 29 jun. 1911.

Pedro II³⁸⁸. A esta altura via uma clara correlação entre regimes monárquicos e paz interna e república e violência. Em última instância sua simpatia pela Revolução Mexicana advinha da sua certeza de que regimes repressivos degeneravam em anarquia. Neste contexto faz todo o sentido que tenha aproveitado a ocasião de uma revolução que ele entendia provocada exatamente pelos mesmos males que via na política brasileira para expressar seu descontentamento.

A Revolução Mexicana não serviu de mote para alertas apenas sobre a política interna. Lima via claramente as implicações da relação entre México e Estados Unidos na eclosão da revolta e aproveitava o momento para alertar o Brasil sobre os perigos de um excesso de aproximação com os norte-americanos. Para ele, o governo de Díaz resultou em uma aproximação financeira tão grande com os Estados Unidos que “degenerou quase numa fusão diplomática, com a característica usual em casos taes que o consorcio se distingue pela dependencia de um dos dois factores em presença”³⁸⁹. Cita dados contundentes para confirmar que o capital norte-americano dominava economicamente e, portanto, politicamente, o México, como o fato da *Standard Oil Company* deter a maior parte da produção de petróleo do país e 90% do comércio do produto. O aforismo americano “*wherever capital flows, capital controls governments*” recebe aí sua plena confirmação.

Remete à situação de dependência do México ao período posterior às lutas pela independência, quando o país empobrecido pelas guerras contra o colonizador e depois pelos usurpadores estrangeiros encontrou crédito fácil nos Estados Unidos. Foi em troca de crédito que Diaz aceitou um “protetorado virtual que, para os Estados Unidos, traz as vantagens e proventos de uma gigantesca parceria comercial”³⁹⁰. Nesta situação vê argumentos que corroboram sua tese de que a questão comercial está ligada diretamente à política e de como a subalternização de um país começa mais frequentemente por questões econômicas. Daí sua preocupação com os rumos das relações econômicas entre Brasil e Estados Unidos e sua reiterada crítica a que a representação exterior

³⁸⁸ “O Império foi pois de facto uma democracia coroada, em que o executivo começou por prevalecer e o legislativo acabou por predominar”. (LIMA, 1922, p. 367).

³⁸⁹ LIMA, Oliveira. Mexico e Estados Unidos. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, p. 2-2. 10 jul. 1911.

³⁹⁰ LIMA, Oliveira. Mexico e Estados Unidos. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, p. 2-2. 10 jul. 1911.

brasileira estivesse alheia a estas questões materiais. Afirma ainda que essa advertência não seria descabida para o Brasil quando se observava a extensão que estava tomando uma certa corporação norte-americana (que não nomeia mas diz ser do Maine) que já dominava o tráfego em três estados brasileiros e parcialmente outro.

Com a Revolução não dando sinais de um fim próximo, as especulações sobre o papel que os Estados Unidos teriam na questão só faziam aumentar. Não era nenhuma surpresa para o diplomata brasileiro, a par dos muitos interesses econômicos que ligavam os dois países e com a não menos problemática possibilidade de desassossego na fronteira. Ele não usava meias palavras para descrever o comportamento norte-americano. Para ele, os Estados Unidos fechavam os olhos e favoreciam um sistema de escravidão vigente no México, que beneficiava o capital dos seus nacionais que estava lá investido, assim financiando e apoiando uma ditadura contra movimentos revolucionários que tentavam derrubá-la.

As terríveis condições de trabalho a que estava submetida boa parte da população trabalhadora no México foram denunciadas para o mundo na obra do jornalista norte-americano John Kenneth Turner, *Barbarous Mexico*, publicada em 1911³⁹¹. A obra foi escrita para informar o público norte-americano sobre a real situação no México, mas acabou alcançando um público ainda maior, ávido por relatos em primeira mão sobre a Revolução.

Turner afirma que o México era um país onde as leis não eram aplicadas, a liberdade política, de expressão, de imprensa e de oposição ao governo eram inexistentes, e no qual não havia nenhuma das garantias individuais tão caras aos norte-americanos. Descreve o que chama de escravidão efetiva em que se encontram milhares de trabalhadores. Desmascarava também a narrativa sobre o Porfiriato, dizendo que a verdade é que o povo mexicano não adora ao seu presidente, mas se mantém calado já que toda oposição é sufocada pelo exército e pela polícia política. Por fim, anuncia uma revolução eminente em favor da democracia. Com seu relato Turner (2009, p. 8) queria incentivar seus compatriotas a se mobilizarem para impedir uma intervenção dos Estados Unidos para sufocar uma revolução que considerava iminente e cuja justiça lhe parecia “indiscutível”.

³⁹¹ O título original em inglês, *Barbarous Mexico. An indictment of a Cruel System and Corrupt System*, foi publicado pela primeira vez em 1911. Foi o resultado de viagens realizadas pelo autor em 1908 e 1909. O livro rapidamente tornou-se popular e teve diversas reedições em inglês e espanhol.

Um dos leitores de Turner foi Oliveira Lima, que dedicou ao livro um artigo no *Estado de São Paulo*. Lima ficou certamente impressionado com a descrição, pois previu que México bárbaro estava fadado a exercer a mesma influência que teve *A cabana do Pai Thomas* nos Estados Unidos³⁹². Baseado nas informações fornecidas por Turner (2009), ele compara a evolução nos direitos dos trabalhadores ingleses com a situação dos trabalhadores mexicanos, apenas para concluir que estes não passavam na prática de escravos³⁹³. É também baseado na obra que emitia sua opinião sobre a possibilidade de anexação do México aos Estados Unidos. De fato concorda com Turner que enquanto o México puder ser mantido como uma colônia servil não corria o risco de ser anexado.³⁹⁴ Isto porque entendia que a anexação não seria uma opção que agradaria aos capitalistas norte-americanos porque as condições de trabalho a que estavam submetidos os mexicanos não seria aceita sob as leis dos Estados Unidos. Submetê-los as leis vigentes representaria perdas. Ao mesmo tempo, uma intervenção seria melhor vista para assegurar-lhes a continuação dos lucros. As previsões de ambos provaram-se verdadeiras, com a intervenção dos Estados Unidos posta em prática em 1914 já sob a administração de Woodrow Wilson. As eleições de 1912 e seu impacto na obra de Lima serão discutidas no capítulo seguinte, mas por uma questão de organização cabe fazer aqui alguns comentários sobre a intervenção militar dos Estados Unidos durante a Revolução Mexicana.

O ponto de virada que transformou a Revolução em uma questão continental veio na primeira quinzena de abril de 1914 quando o conflito entre o presidente de fato do México, Victoriano Huerta, e o Presidente Wilson atingiu o seu ponto máximo com a prisão de marinheiros norte-

³⁹² O romance anti-escravista de Harriet Beecher publicado em 1852 é considerado um dos maiores clássicos de literatura norte-americano e ajudou a incluir o debate sobre o fim da escravidão na pauta nacional. Para alguns analistas, o livro foi responsável por lançar as bases que dariam origem à Guerra Civil. Portanto, a comparação dava enorme importância a *Barbarous Mexico*.

³⁹³ Lima reconhece que não podia verificar por si mesmo os fatos narrados por Turner mas afirma que até o momento ninguém havia contestado a veracidade das suas informações. Mas houve, sim, quem o fizesse. Leo S. Rowe (1911) disse: “It would be useless to enter into a controversy with the author with reference to the accuracy of his facts. Even if true, the impression which he creates in the reader’s mind would be none the less false. He fails to place his descriptions in their proper settings or perspective.”

³⁹⁴ LIMA, Oliveira. México e Estados Unidos. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, p. 2-2. 10 jul. 1911.

americanos em Tampico, o que levou ao imediato rompimento das relações diplomáticas entre os dois países. Uma resposta militar dos Estados Unidos não tardou e em 21 deste mês o porto de Veracruz foi ocupado pela marinha norte-americana. (PALACIOS, 2008).

Lima não esconde sua surpresa com a decisão defendida por alguns setores como um desdobramento da Doutrina Monroe.

Por mais que pareça extraordinário, mesmo aos que sabem alguma coisa da história americana e estão acostumados com os problemas do Novo Mundo, são os democratas que estão dando uma amplitude tal [a Doutrina de Monroe] que quase só lhe pode chamar a doutrina Wilson.³⁹⁵

Depois da construção do Canal do Panamá, o primeiro passo para tornar a América Latina um satélite dos Estados Unidos, agora vinha esta nova política que lhe parecia “inspirada por um temperamento de mestre escola, dogmático e cabeçudo.”³⁹⁶ Certamente uma decepção para quem apostava em Wilson como a vitória do intelectualismo na política e que naquele momento afirmava que “só se ouve com efeito falar em projectos de intervenção e de protectorado, e não parece existir outro propósito senão o da colonização do Mexico, da America Central e dos paizes da America Meridional banhados pelo Caribe”³⁹⁷.

A intervenção lhe dava motivos para críticas quanto à hipocrisia dos argumentos de Wilson para querer a renúncia de Victoriano Huerta, que havia chegado ao poder depois de assassinar o presidente eleito Francisco I, Madero e o seu vice Pino Suárez. Claramente tratava-se de um personagem nefasto, mas Lima afirma que Huerta não era indigno da proteção americana apenas porque mandou fuzilar seu inimigo preso e desarmado, afinal, Porfírio Díaz fazia o mesmo e tinha o apoio dos Estados Unidos. O seu maior pecado foi ter apelado para interesses europeus e com isso ofereceu um contrapeso econômico ao domínio dos Estados Unidos. Referindo-se a uma declaração de Wilson dizendo que gostaria de acreditar que em parte alguma do hemisfério se manteria um governo manchado de sangue ou repudiado pelos seus governados, Lima ironiza: “Um assassino aclamado pelo seu povo impõe-se aos demais povos, comtanto que o seu governo mantenha a ordem, garantia a vida e

³⁹⁵ LIMA, Oliveira. A Doutrina de Wilson. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 4-4. 10 fev. 1914. Também no Jornal Pequeno de 27/02/1914

³⁹⁶ LIMA, Oliveira. A Doutrina de Wilson. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 4-4. 10 fev. 1914. Também no Jornal Pequeno de 27/02/1914

³⁹⁷ LIMA, Oliveira. A Doutrina de Wilson. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 4-4. 10 fev. 1914. Também no Jornal Pequeno de 27/02/1914

a propriedade...dos estrangeiros, conserve abertos os tribunais e franco o negocio”³⁹⁸.

Sua posição, portanto, não era contrária à intervenção por estar apoiando Huerta. Ao contrário, lhe parecia ua atitude equivocada porque estava permitindo que ao final Huerta tomasse ares de vítima, “de cordeiro perseguido pelo lobo”³⁹⁹. Na sua opinião a “atitude dos Estados Unidos com relação ao México não foi nem feliz nem hábil” e se transformou no que chamou de “trapalhada” que resultaria muito difícil de ser resolvida⁴⁰⁰. Tampouco criticava a intervenção por simpatia aos revolucionários contrários a Huerta. Ele reconhecia a existência de graves problemas no México mas nunca disse claramente que as suas reivindicações eram legítimas. E certamente não demonstra nenhuma simpatia pelos chefes rebeldes, pintando Villa e Zapata como “bandidos salteadores”. A questão é que eles não lhe pareciam muito melhores que Huerta ou o próprio Madero e, por isso, não mereciam ser beneficiados pela atuação dos Estados Unidos. Para Oliveira Lima, ao procurar dar a mão a “bandidos da chapa de Villa e Zapata”, Wilson acabou sem querer transformando Huerta, um “usurpador do poder constitucional” que tinha “as mãos cheias de sangue do presidente legal” em um patriota desbragado⁴⁰¹.

No fundo via a todos como parte da mesma estirpe de caudilhos (ou com potencial a sê-lo) que acabariam levando o país a outra autocracia como nos tempos do Porfiriato. Por isso é que se pergunta se poderia ter sido outro o proceder dos Estados Unidos. O que ele via na situação era um dilema entre a abstenção ou a conquista, na qual Wilson optou por uma solução intermediária, mais de acordo com as supostas tradições do partido Democrata, com os interesses do seu país e com as suas próprias afirmações anteriores. O caminho escolhido foi o de uma intervenção sem fins de anexação, o que Lima chamou de “uma especie de nossa Guerra do Paraguay, desaggravando a honra nacional ultrajada e eliminando o ditador”, neste caso Huerta e “ao mesmo tempo proclamando sentimentos

³⁹⁸ LIMA, Oliveira. Novos desenvolvimentos da Doutrina de Monroe II. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 3-3. 02 jan. 1914.

³⁹⁹ LIMA, Oliveira. Novos desenvolvimentos da Doutrina de Monroe II. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 3-3. 02 jan. 1914.

⁴⁰⁰ LIMA, Oliveira. A trapalhada mexicana. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 3-3. 09 jun. 1914.

⁴⁰¹ LIMA, Oliveira. A trapalhada mexicana. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 3-3. 09 jun. 1914.

de afeição para com o povo oprimido”⁴⁰². Era uma interpretação de qualquer forma bastante mais benévola do que a de boa parte dos observadores, que, como Isidro Fabela (FABELA, 1958, p. 317) viam no incidente apenas um pretexto dos Estados Unidos para intervir no país vizinho “con fines ulteriores de conquista o por lo menos de domínio económico y político de su país en México”.

Suas opiniões são exemplares da suas visões sobre Estados Unidos, América Latina e imperialismo. Mesmo defendendo o estabelecimento de relações em pé de igualdade e o respeito à soberania dos países do continente, seguia pensando como em *Nos Estados Unidos* que certos países “mereciam” a intervenção por sua débil organização e que nesses casos a intervenção norte-americana era positiva. O México estaria no rol daqueles povos que “são como a mulher da comedia de Moliere, gostam de levar pancada”. Afinal, parecia esforçar-se em “justificar a conquista pela espectáculo degradante que timbra em offerecer ao resto do continente”⁴⁰³.

Já se sabe que Lima não apreciava as revoluções latino-americanas, segundo ele, sempre destrutivas e lideradas por caudilhos apenas movidos pela cobiça. As reflexões sobre o governo venezuelano mostradas no capítulo 3 vão todas neste sentido. A Revolução Mexicana só foi mais um episódio que ele aproveitou para comparar com a situação política brasileira. Compara o legado de Porfírio Diaz com o de Dom Pedro II para concluir que a herança do mexicano, um déspota cujo poder pessoal se consolidou através de fuzilamentos, foi um país que não estava educado para governar-se. Enquanto o legado de Dom Pedro II foi a paz doméstica, as liberdades públicas e a honestidade na administração. Passados alguns anos da experiência venezuelana e agora livre para emitir suas opiniões sem amarras, o ex-diplomata defende abertamente que a instituição monárquica, porque coloca o soberano acima das paixões políticas, vale mais do que qualquer falsa democracia, prestes a degenerar no caudilhismo. Por isso defendia que a monarquia brasileira foi no século XIX o regime político verdadeiramente adequado ao status social da América Latina. (LIMA, 1913a).

Este é um ponto importante a destacar porque se bem se relaciona com a situação no México tem implicações muito mais abrangentes. Para Oliveira Lima, está claro que o problema era o povo. Nem mesmo leis

⁴⁰² LIMA, Oliveira. A trapalhada mexicana. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 3-3. 09 jun. 1914.

⁴⁰³ LIMA, Oliveira. A trapalhada mexicana. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 3-3. 09 jun. 1914.

muito avançadas com ideias importadas da Europa poderiam funcionar entre uma plebe de caráter inferior. Ele continuava se apoiando no conceito de raça para explicar o comportamento político. Estando a par das novas teorias que rejeitavam a distinção entre raças superiores e inferiores, aceitava que isto poderia ser verdade aplicando-se o conceito a variedades dentro da mesma raça, como latinos e germanos, “mas não pode ser negado á face mesmo da evolução historica, tratando-se por exemplo de europeus e africanos”. (LIMA, 1913a, p. 183). Assim, ainda defendia que

A mestiçagem foi moral e socialmente um atrazo para a America Latina, cujo maior mal consistiu precisamente a desharmonia, pode quasi dizer-se na incompatibilidade entre os ideaes grandiosos que se lhe antolharam individual e collectivamente, e a pequenes dos anhelos de certos factores componentes da nova raça ou sub-raça que no seu territorio se constituiu pela fusão. (LIMA, 1913a, p. 183).

De certo modo ele então desculpava a ação dos Estados Unidos. Seria “fazer injustiça ao Presidente Wilson” acusá-lo de procurar intervir no México. (LIMA, 1919b, p. 637). Ele não haviam saído a procura de brigas ou oportunidades para utilizar o *big stick* que Roosevelt deixou na Casa Branca. “Os incidentes surgiram sem que os Estados Unidos se pudessem decentemente esquivar a intervir nelles”⁴⁰⁴. Além disso, entendia que a atuação dos Estados Unidos na América Central e no México era diferente da América do Sul porque consideravam uma área estratégica e sujeita à agitações. Assim, entendia que os escrúpulos que Wilson demonstrou durante a hesitação inicial em autorizar a intervenção eram os mesmos de boa parte dos americanos, mas teria que eventualmente ceder a “outras circunstâncias e razões decisivas”, como “a repugnancia pela crueldade de um governo que se diz christão, o desejo de estender a um paiz infeliz os beneficios da verdadeira civilização, a fé de um povo superior na missão que lhe cabe na terra”.

A complexa e longa história da Revolução Mexicana teve ainda outro desdobramento que mereceu a reflexão de Oliveira Lima sobre o papel dos Estados Unidos na região, a saber, a mediação dos países do ABC. Ainda no mesmo mês da invasão em Veracruz, representantes de

⁴⁰⁴ LIMA, Oliveira. A Doutrina de Wilson. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 4-4. 10 fev. 1914. Também no Jornal Pequeno de 27/02/1914

Argentina, Brasil e Chile, ofereceram seus bons ofícios⁴⁰⁵ e com a anuência de Huerta e Wilson – e durante algum tempo do líder dos constitucionalistas, Venustiano Carranza – iniciaram seu papel como mediadores do conflito. Domício da Gama era o membro do grupo de mais alta hierarquia, e com único Embaixador foi o mais atuante do grupo⁴⁰⁶.

Seria de esperar-se que uma iniciativa que dava protagonismo às diplomacias sul-americanas em um momento crucial da política do continente fosse ter a simpatia de Oliveira Lima. Afinal, era por em prática uma das premissas que defendia sobre o pan-americanismo.

Para ser completo o pan-americanismo, mister seria que os Estados Unidos se associassem á America Latina, com a importancia, a influencia o prestigio, a superioridade a que lhe dá direito sua civilização - o contrario não seria humano - mas sem quaesquer pensamentos manifestos ou reservados de predominio directo, que melindram e tornam suspicaz o elemento mais fraco." (LIMA, 1913b, p. 274).

Ele realmente apreciou positivamente a ideia e acreditava que mesmo que viesse a fracassar, a mediação teria um impacto positivo por representar “um factor novo na politica internacional do Novo Mundo, que vem a ser o sentimento colectivo da America Latina”⁴⁰⁷. Entretanto,

⁴⁰⁵ Mr. Secretary of State: With the purpose of serving the interests of peace and civilization in our continent, and with the earnest desire to prevent any further bloodshed, to the prejudice of the cordiality and union that have always surrounded the relations of the Governments and peoples of America, we, the plenipotentiaries of Brazil, Argentina and Chile, duly authorized thereto, have the honor to offer to your excellency's Government our good offices for the peaceful settlement of the conflict between the United States and Mexico. Brazilian Ambassador and Argentine and Chilean Ministers as Mediators between the Governments of the United States and Mexico, to Secretary of State, Washington, April 25, 1914. (SMALL, 2009, p. 42).

⁴⁰⁶ Domício da Gama trabalhava em estreita colaboração com o representante brasileiro no México, Roberto Cardoso de Oliveira. Amigo pessoal de Huerta, era muito mal visto nos círculos carrancistas. Na pasta chamada *Ministro del Brasil en México* encontrada no AGHE, o texto sem assinatura intitulado “Circunstancias que hacen del Ministro del Brasil um representante diplomático peligroso para el gobierno de Sr. Carranza” aconselha a entrega de seu passaporte pelo governo mexicano. AHGE, LE 442.28/29.

⁴⁰⁷ LIMA, Oliveira. A mediação e o sentimento continental americano. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 3-3. 11 jun. 1914.

via na mediação do ABC “um acto tão humanitario e tão louvavel que não se pode falar d'elle senão com o maximo respeito, tem-se até escrupulo de dizer que esses mediadores parecem estar sendo, com licença da palavra, engambellados pelos Estados Unidos”.⁴⁰⁸ Para Lima, como vários especialistas apontaram ao longo do tempo, o erro “generoso e nobre” dos mediadores foi querer fazer demais. Em vez de concentrar-se em regular o incidente em Tampico, quiseram também resolver a pacificação do México, mediando o impasse entre Huerta e Carranza. O líder dos constitucionalistas não aceitou a mediação por acreditar que os assuntos internos do México estavam fora de sua alçada. Com o desenrolar do processo se nota a crescente impaciência de Lima que observava os “esforços calorosos dos delegados” e a simpatia que despertavam pelo mundo, mas já os considerava inúteis, ao menos para alcançarem a paz interna. A falta de notícias e a demora em chegar a um resultado começam a merecer seu pesar ao ver que a diplomacia sul-americana “pela primeira vez que sahi a passeio, contando deslumbrar o mundo com suas galas, não teve sorte, a coitadinha”⁴⁰⁹. Ao final, Lima reiterava sua crença na sinceridade e habilidade dos representantes do ABC mas já duvidava da sua eficácia.

Finalmente, após o fim da que ficou conhecida como Conferência de Niagara Falls em 2 de julho, os Protocolos de Niagara Falls foram assinados na cidade canadense de mesmo nome. (SMALL, 2009). Assim ficou pactado o fim das hostilidades e do avanço das tropas norte-americanas em território mexicano. Mas na realidade o ocupação de Veracruz durou até o fim de novembro daquele ano. (PALACIOS, 2008). Sobre o fim dos confrontos entre internos, porém, os mediadores nada conseguiram alcançar. Para Lima, era perfeitamente compreensível a atitude dos Estados Unidos com relação aos resultados alcançados pelo ABC. Todos os parabéns e agradecimentos de Washington faziam sentido porque a mediação foi além da expectativa já que Huerta terminou deposite sem que Washington precisasse intervir diretamente. Além disso, suas tropas continuaram a ocupar Veracruz por um bom tempo, apesar dos armistícios negociados, que tampouco foram obedecidos pelos seus protegidos, os constitucionalistas. Segundo ele, chegava a “ser comico e toca as raias do ridículo” ver os representantes do ABC trocarem

⁴⁰⁸ LIMA, Oliveira. A mediação e o sentimento continental americano. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 3-3. 11 jun. 1914.

⁴⁰⁹ LIMA, Oliveira. O que foi feito da mediação. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 4-4. 27 jul. 1914.

cumprimentos efusivos enquanto os jornais entoam louvores “a um acto internacional que deixava o Mexico em muito peor situação do que se achava até então”⁴¹⁰. O resultado final da intervenção foi a transformação do país em um atoleiro do qual só quem conseguiu se salvar foi o governo de Wilson. Lima previa que o governo do México logo cairia nas mãos do “salteador” Francisco Villa e o indignava a ideia de que a chancelaria brasileira tivesse se prestado a ajudar os Estados Unidos “por causa de semelhante bruto”⁴¹¹.

As reflexões de Oliveira Lima sobre a Revolução Mexicana e os seus desdobramentos para as relações interamericanas revela o quanto sua visão sobre raça e mestiçagem ainda orientavam suas opiniões sobre a política e as instituições no continente. Especialmente com relação à intervenção dos Estados Unidos, fica claro que, embora não ache que ela foi a melhor solução, encontra justificativas no dever moral dos Estados Unidos de não se abster quando um governo tirânico está no poder. Isto evidencia mais uma vez a hierarquia que estabelecia entre a América do Sul e os países da América Central e o México, onde povos mestiços incapazes de autogovernar-se acabavam criando as condições para que uma intervenção externa se fizesse necessária. Por isso, apesar de esboçar críticas a Wilson, acaba não condena totalmente sua atuação no conflito. No seguinte capítulo se verá que sua simpatia pelo presidente intelectual tem um papel nesta interpretação e na sua visão em geral sobre o papel dos Estados Unidos no continente a partir de então.

⁴¹⁰ LIMA, Oliveira. O dia seguinte á mediação. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 2-2. 18 ago. 1914

⁴¹¹ LIMA, Oliveira. O dia seguinte á mediação. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 2-2. 18 ago. 1914

6 O REENCONTRO COM OS ESTADOS UNIDOS E O REENCANTAMENTO COM O PAN-AMERICANISMO

Mais de uma década mais tarde, em 1912, Oliveira Lima retorna aos Estados Unidos em uma nova posição. Desta vez, não como diplomata, mas como conferencista. Convidado a dar palestras na Universidade de Stanford, na Califórnia, o brasileiro aproveita a oportunidade para conhecer mais profundamente o país, viajando por vários estados e proferindo palestras em universidades. A viagem foi como uma redescoberta dos Estados Unidos e suas virtudes. Através das *Cartas dos Estados Unidos*, publicadas no *Estado de São Paulo* em 1912, se pode acompanhar a viagem de Lima e suas impressões sobre lugares novos e alguns já conhecidos, bem como sobre pessoas e instituições. Os textos demonstram o renovado entusiasmo pelos avanços norte-americanos, especialmente em matéria de educação. O clima político também fomenta seu otimismo. Chegou a tempo de acompanhar os últimos meses da campanha eleitoral para presidência e a vitória de Woodrow Wilson, que celebra como uma vitória do “intelectualismo” na política. Ainda registra com alegria a mudança na condução da União Pan-americana e uma nova orientação para o próprio conceito de Pan-americanismo levado a cabo pelo governo norte-americano e diversas instituições públicas e privadas. O entusiasmo pela administração Wilson arrefece após a intervenção no México, dando lugar a algumas críticas. Ainda assim, muito mais brandas que as que mereceu Theodore Roosevelt. A volta ao Brasil depois do período nos Estados Unidos foi conturbada devido à declarações dadas à imprensa e que causaram as acusações de monarquismo que ao fim levaram a aposentadoria do diplomata. Já aposentado, recebe Robert Bacon, o enviado da Dotação Carnegie para a Paz Internacional, em sua turnê de boa vontade pela América do Sul. Como fruto da sua passagem recente pelos Estados Unidos estreitou relações com a instituição, tornando-se um propagandista dos seus valores, que incluíam um novo Pan-americanismo baseado na cooperação e a difusão do Direito Internacional como forma de evitar a guerra. É na esteira destas relações que recebe o convite para ir outra vez aos Estados Unidos como professor, desta vez, da Universidade de Harvard. De lá, acompanha de perto o clima de preparação dos Estados Unidos para entrar na Primeira Guerra Mundial, da qual sentiu os primeiros efeitos em Londres. Apesar da decepção com o conflito e de uma decidida defesa da neutralidade do continente americano, continua bem impressionado com as instituições de ensino

norte-americanas e amadurece seus planos de dedicar-se à docência universitária. Com o impedimento da sua volta a Londres, decide estabelecer-se nos Estados Unidos definitivamente. Instalado em Washington com a sua biblioteca em 1920, torna-se professor na Universidade Católica da América. Neste último período de vida, aproveita o seu “exílio voluntário” na capital norte-americana para dedicar-se a organizar o que esperava que seria um centro de estudos ibero-americanos, fundado em torno da sua preciosa Brasileira. Ao mesmo tempo, mantém-se próximo de instituições como a União Pan-americana, a Associação Americana de Direito Internacional e a Dotação Carnegie e termina seus dias como um pacifista que acreditava na possibilidade de um pan-americanismo baseado na cooperação e no entendimento entre os países do continente.

6.1 CARTAS DOS ESTADOS UNIDOS: EDUCAÇÃO E PAN-AMERICANISMO

O casal Oliveira Lima desembarcou em Nova York em setembro de 1912 para uma temporada de conferências nos Estados Unidos que duraria até janeiro de 1913. As seis conferências em Stanford fazendo uma comparação entre a história do Brasil e das colônias hispano-americanas e anglo-saxônicas foram reunidas em livro editado por Percy Alvin Martin, professor de História na mesma universidade, que também foi o responsável pela introdução⁴¹² e pelas notas. Publicado pela editora da Universidade em 1914⁴¹³, *The Evolution of Brazil compared with that*

⁴¹² “To those familiar with the recent contributions of Latin America and, more especially, Brazil, in the field of historical scholarship the distinguished author of these lectures needs no introduction, as historian, essayist and

As a diplomat, he has won a commanding place in the intellectual activities of contemporary Brazil; as a tireless investigator and productive scholar, he has done much to raise the study of South American History to a dignity and importance it had never previously enjoyed”. (MARTIN, 1914, p. 9).

⁴¹³ “A most interesting and suggestive book for students of Latin American history and conditions has been formed from the six lectures delivered by Dr. Oliveira Lima at Leland Stanford Junior University in the autumn of 1912.”

A distinguished historian and diplomat, Dr. Lima has already done much to interpret Brazil to the world and any contribution from him in that field must prove valuable. (“The Evolution of Brazil Compared with That of Spanish and Anglo-Saxon America by Manoel De Oliveira Lima”, 1915).

of Spanish and Anglo-Saxon America⁴¹⁴ foi dedicado ao vice-presidente de Stanford, John Casper Branner. Branner, um geólogo especialista e apaixonado pelo Brasil⁴¹⁵, foi “um dos amigos mais dedicados e desinteressados do Brasil” e também amigo próximo de Oliveira Lima⁴¹⁶, com quem compartilhava o apreço pelo café brasileiro e amor aos livros.

A ideia da ida aos Estados Unidos parece ter sido ideia do próprio Oliveira Lima e teve total apoio de Branner, o único empecilho era a falta de fundos em Stanford para custear a viagem. O problema teria sido resolvido com dinheiro da *Carnegie Peace Funds*, segundo Manoel Cardozo. (GOUVÊA, 1976, p. 959). Foi também Branner quem ajudou na organização das demais conferências. O brasileiro queria conhecer diferentes tipos de instituição de ensino, as públicas e as privadas, as grandes e as pequenas, as mistas, para moças e para moços, as laicas e as religiosas. O seu plano era deste modo ter um conhecimento mais aprofundado do sistema de ensino que já admirava e do próprio país, passando por lugares que não tivera a oportunidade de conhecer em sua estada anterior. Encantado pelas possibilidades da vida como conferencista, o diplomata organizou um cronograma de viagens que lhe permitiu cruzar os Estados Unidos de costa a costa de trem para conhecer os diferentes estados. Passou ao final por 12 universidades, além de Stanford: *University of California*, em Berkeley; *University of Kansas*, em Lawrence; *University of Chicago*, em Chicago; *University of Wisconsin*, em Madison; *University of Michigan*, em Ann Harbor; *Cornell University*, em Ithaca; *Columbia University*, em Nova York; *Vassar College*, em Poughkeepsie; *John Hopkins University*, em Baltimore; *Yale University*, em New Haven; *Harvard University*, em Cambridge⁴¹⁷.

⁴¹⁴ Também foi publicado em espanhol com tradução de Angel Cesar Rivas na editorial América, dirigida por Rufino Blanco-Fombona. (LIMA, [s.d.]). Em português a publicação foi em 1914. (LIMA, 1914b). A última conferência foi transcrita em *La Revista de América* em duas partes (LIMA, 1913a, 1913b).

⁴¹⁵ e autor de uma gramática de português para angloparlantes (BRANNER, 1910)

⁴¹⁶ LIMA, Oliveira. John Casper Branner. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 3-3. 12 abr. 1922.

⁴¹⁷ Oliveira Lima partiu em setembro para os Estados Unidos, onde realizou as palestras em Stanford entre 1 e 15 de outubro de 1912, depois viajou pelo país dando as demais conferências até meados de novembro do mesmo ano. Informações de O Estado de São Paulo de 19/06/1912. SB30, OLL.

Mais uma vez Oliveira Lima teve a sorte de chegar aos Estados Unidos em um momento chave para um intelectual interessado em política como ele. Estava certo em reconhecer as eleições presidenciais de 1912 como um “momento singularmente interessante da vida política desse país”⁴¹⁸. Um dos motivos era que, de acordo com sua memória, seria a primeira vez que três candidatos tinham reais chances de vencer as eleições, o que tornava os resultados imprevisíveis no momento em que iniciava suas *Cartas dos Estados Unidos*, ainda a bordo do navio Kroonland a caminho de Nova York.

As eleições de 1912 foram realmente *sui generis* na história política norte-americana, acostumada a disputas presidências bipartidistas. O surgimento de um terceiro candidato com reais possibilidades na disputa e de um novo partido se deveu as já mencionadas divergências entre William Howard Taft e Theodore Roosevelt. As diferenças entre os dois representavam a cisão entre duas alas do Partido Republicano, a Progressista e a Conservadora. Além de desacordos em temas menores, como a nomeação de afilhados políticos e a esperada luta de egos, para Roosevelt, a administração de Taft havia se afastado demasiado dos preceitos progressistas e falhado em impor a agenda de reformas necessárias, o que precipitou o rompimento definitivo entre os dois. Depois de uma disputa feroz, a Convenção Nacional do Partido Republicano elegeu Taft como seu candidato à presidência, deixando Roosevelt e seus muito seguidores insatisfeitos. Sua resposta foi a organização de um novo partido para concorrer às eleições presidenciais. O Partido Progressista, também conhecido como Bull Moose Party, organizou sua Convenção Nacional e elegeu por aclamação Roosevelt como seu candidato. Esta divisão entre os Republicanos se mostraria fatal nas urnas e beneficiaria o candidato Democrata, Woodrow Wilson. Com uma campanha muito mais modesta e sem chances reais de vitória, estava ainda o candidato do Partido Socialista, Eugene V. Debs.

Lima encontra um panorama eleitoral extremamente disputado na sua chegada aos Estados Unidos. Como pano de fundo das eleições, havia um debate mais profundo na sociedade sobre reformas necessárias em um país que havia passado por um rápido processo de industrialização e urbanização. Neste cenário foi que surgiu o Progressismo. Embora nem aqueles que se intitulavam progressistas pudessem chegar a um consenso sobre o que exatamente o termo significava, de forma geral, o Progressismo pode ser entendido como um impulso mais amplo para a

⁴¹⁸ LIMA, Oliveira. *Dos Estados Unidos I. Os candidatos presidenciais de 1912. O Estado de São Paulo*. São Paulo, p. 3-3. 30 out. 1912.

crítica e a mudança que se espalhou pelo país após 1900, quando o descontentamento do campo foi amplificado e redirecionado pelo entusiasmo crescente da classe média urbana por reformas sociais e econômicas. (HOFSTADTER, 1955, p. 5). Apesar do nome, o movimento não ficou confinado ao Partido Progressista. Foi um movimento amplo e significativo na virada do século XX nos Estados Unidos e que afetou todos os partidos políticos e em boa medida, todo o sistema político norte-americano. Basta dizer que os três candidatos presidenciais se identificavam em algum grau como progressistas.

Como aponta Brinkley (1993), ainda que houvesse diferenças de perspectivas, o tom geral do Progressismo era o otimismo, movido pela crença de que a sociedade poderia ser perfeccionada. Em última instância, era a crença de que a nação estava destinada ao contínuo crescimento, enfim, ao progresso. As leis “naturais” do mercado e do Darwinismo social não haviam sido suficientes para criar a ordem e a estabilidade que uma sociedade em rápido crescimento necessitava e, por isso, a intervenção do governo era necessária para por em marcha mudanças. Quais seriam estas mudanças e como deveriam ser alcançadas não era consenso, mas na agenda progressista estavam reformas econômicas que limitassem o poder das grandes corporações e da corrupção das grandes máquinas políticas e seus lobbies. Com isso se esperava trazer de volta um tipo de moralidade e pureza cívica que se acreditava perdida. (HOFSTADTER, 1955). Estavam ainda na ordem do dia da agenda social, além do sufrágio feminino, mudanças na legislação trabalhista para regular temas como jornadas de trabalho, planos de previdência social e salário mínimo, entre outros.

Antes mesmo de chegar nos Estados Unidos Oliveira Lima começou a traçar o perfil dos três principais candidatos na imprensa brasileira. Eram todos “individualidades notáveis”, candidatos totalmente diferentes entre si mas em matéria de opiniões, “nada há de básico que as separe”⁴¹⁹. A explicação para uma plataforma tão semelhante era que

A evolução dos Estados Unidos é tão regular, tão bem traçada está a sua marcha, tão ‘manifesto’ aparece o seu destino, que se verifica esse fenómeno singular de aproximação política,

⁴¹⁹ LIMA, Oliveira. Dos Estados Unidos I. Os candidatos presidenciais de 1912. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 3-3. 30 out. 1912.

impossível de dar-se quer na Inglaterra quer na Alemanha, muito menos na França⁴²⁰.

As ideias dos candidatos republicano, democrata e progressista eram “extraordinariamente parecidas”, a divergência estava apenas nos seus processos de ação. Assim, previa que a eleição giraria em torno da simpatia despertada por cada um no eleitorado, já que a disciplina partidária se havia afrouxado ao ponto de já nem existir em muitos casos. Contrapõe as personalidades Taft e Roosevelt, descrevendo o primeiro como alguém sempre pronto a contemporizar e o segundo como alguém que tem “arcar com dificuldades” como passatempo preferido e era capaz de acumular inimigos tão rápido quanto conquistava admiradores. Já Taft foi eleito pelo Partido Republicano mais para evitar a vitória de Roosevelt do que pelo seu próprio prestígio e apesar de não ser totalmente sem popularidade, era um “homem público sem magnetismo”, o que naquelas circunstâncias era um defeito muito grave. Faltava a Taft justamente o “instinto de mando, que Roosevelt possui em elevado grau”. O terceiro e mais forte dos candidatos na sua opinião era Woodrow Wilson, “um constitucionalista de vistas próprias e seguras”⁴²¹.

O historiador-diplomata apreciava especialmente os méritos acadêmicos e literários dos três candidatos, que nos Estados Unidos não eram incompatíveis com as altas posições públicas. Ao contrário, o que ele chama de “intelectualismo” constituía uma das forças vitais da nação. Por isso é que os Estados não eram “o país exclusivamente dos apetites materiais que muitos supõem: são também um país de nobres aspirações morais e de vigorosos esforços espirituais”⁴²². Faz elogios não só ao “culto da inteligência” nos Estados Unidos mas também ao “culto da tradição intelectual”, que estava presente na política e na diplomacia. O

⁴²⁰ LIMA, Oliveira. *Dos Estados Unidos I. Os candidatos presidenciais de 1912. O Estado de São Paulo*. São Paulo, p. 3-3. 30 out. 1912.

⁴²¹ LIMA, Oliveira. *Dos Estados Unidos I. Os candidatos presidenciais de 1912. O Estado de São Paulo*. São Paulo, p. 3-3. 30 out. 1912.

⁴²² Lima mais uma vez posicionava-se em linha oposta aos intelectuais de orientação ariologista que, inspirados pela clássica obra de José Enrique Rodó, viam uma dicotomia fundamental entre as civilizações latinas e anglo saxã. Lima condena aqueles que afirmam “com a certeza da ignorância que o puritano é um ente de escassa imaginação, e que por isso a civilização dos Estados Unidos aparece tão utilitária. Ela se tornou utilitária porque as circunstâncias favoreceram tôdas a expansão da riqueza nacional. O puritano, isto é, a espécie de homem que criou a nação americana, não podia deixar de possuir imaginação. Não pode ser destituído dela alguém cuja vida é um constante conflito espiritual: a luta pela liberdade desperta vivamente a imaginação.” (LIMA, 1971h, p. 583).

intelectualismo se fazia sentir no governo norte-americano mesmo quando os presidentes não eram intelectuais puros e o caudilho iletrado era uma figura felizmente ausente. Era algo que já havia destacado em *Nos Estados Unidos*, quando concluía que “em parte alguma são as letras mais honradas”. (LIMA, 1971h, p. 576).

Era por este culto às letras que apostava em que a “suprema magistratura do Estado vai muito provavelmente caber a um publicista e sociólogo que como tal entrou e fez caminho na política”, Woodrow Wilson⁴²³. Sua previsão se concretizou nas eleições realizadas em novembro de 1912 com a vitória do ex-presidente de Princeton⁴²⁴.

É evidente que o apelo de um candidato com bagagem intelectual importante encontrava apelo no historiador brasileiro. O intelectualismo era um “fator da política americana” que deveria ser um exemplo para o Brasil e que teria um efeito salutar sobre a administração e a política nacionais. Afina, defendia que

É claro que um indivíduo sem cultura, e mesmo sem grande cultura, nunca poderia interpretar fielmente o pensamento nacional. É preciso que o seu espírito tenha receptividade bastante para recolher, condensar e assimilar as correntes da opinião; é mister que ele possa ser, numa expressão muito favorita da nossa linguagem jornalística, um expoente da civilização. Até que ponto o poderá ser quem não fôr um intelectual? (LIMA, 1971h, p. 576).

Mas, a vitória de Wilson representava para Oliveira Lima não só o triunfo do intelectualismo mas também da seriedade administrativa e da honestidade na política. Havia em torno a sua candidatura a expectativa de que, por ser um professor universitário que chegava ao poder afirmando não ter contraído compromissos, teria total liberdade para governar. Wilson teria a capacidade, portanto, de agir “para moralizar, para dignificar, para exaltar a política”. (LIMA, 1971g, p. 571).

⁴²³ LIMA, Oliveira. Dos Estados Unidos II. Intelectualismo, tradicionalismo e jacobinismo - política e educação. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 2-2. 5 nov. 1912.

⁴²⁴ Wilson teve 42% dos votos populares, Roosevelt 27%, Taft 23% e Debs 6%. Mas os resultados do colégio eleitoral foram muito mais expressivos, com o candidato democrata conquistando 435 dos 531 votos dos delegados. Apesar do apoio popular, Roosevelt conseguiu ganhar apenas seis estados e Taft, só dois. (BRINKLEY, 1993, p. 593).

A capacidade de Wilson para moralizar a política era um fator fundamental para o brasileiro, como se percebe na sua comparação entre as duas eleições que testemunhou nos Estados Unidos. Os aspectos exteriores eram idênticos em 1896 e 1912. Eram os mesmos comícios animados pela música, pelas bandeiras e chapéus coloridos e por multidões impacientes. A diferença estava na personalidade dos eleitos e, sobretudo, no significado da eleição. Mc Kinley tinha “todas as virtudes privadas de um puritano e todas as virtudes públicas de um democrata” sem deixar de ser um político “até a medula”. Seu maior defeito era, no entanto, “a fraqueza tantas vezes sintomática do político de profissão”. Como exemplo, cita a Guerra contra a Espanha pela independência de Cuba, que poderia ter sido evitada. O Congresso queria a guerra e o presidente não teve nervo político, nem coragem moral de afrontar seu partido, do qual dependia sua reeleição. (LIMA, 1971g, p. 571).

Foi, portanto, com as esperanças renovadas no futuro dos Estados Unidos que Oliveira Lima e Flora seguiram em sua viagem cruzando o país. De Nova York, tomaram diretamente o trem transcontinental para São Francisco, na Califórnia, para um percurso que duraria quatro dias e quatro noites com parada apenas em Chicago. Por isso Lima não pôde observar as mudanças desde sua última visita à Grande Maçã. Alcançou apenas perceber que o movimento da cidade estava “mais considerável e entontecedor, com a atividade da população cada vez mais extrema, produzindo uma sensação ao cabo enervante”⁴²⁵. Pelo caminho observou o desenvolvimento pujante em diversas cidades, ao mesmo tempo em que detecta o crescimento da pobreza no país e o efeito “obnócio” causado por certos imigrantes. Pela primeira vez na costa Oeste, notava as diferenças com a Nova Inglaterra. Por exemplo, encontrava na Califórnia uma tolerância religiosa mais evidente, além do apego ao passado regional. Uma prova eram os nomes espanhóis que abundavam sem que os norte-americanos fizessem algo para alterá-los, “tão poderoso é neles o sentimento da tradição, mesmo quando esta é estranha á sua raça e recorda uma supremacia estrangeira”⁴²⁶.

Finalizadas as palestras em Stanford, Lima decidiu tomar uma rota de volta diferente para conhecer mais lugares e escolheu a estrada de ferro que ligava Santa Fé e Chicago. O trem descia até Los Angeles, pelo sul

⁴²⁵ LIMA, Oliveira. Cartas dos Estados Unidos III. De Nova York a S. Francisco. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 2-2. 11 nov. 1912.

⁴²⁶ LIMA, Oliveira. Cartas dos Estados Unidos IV. Na Califórnia - A tradição espanhola e a arquitetura religiosa. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 12 dez. 1912.

da Califórnia, atravessava o Arizona e o Novo México, entrando no Kansas, passando por Colorado e Missouri até chegar em Illinois. Assim pôde admirar o trabalho que os norte-americanos estavam desenvolvendo nas regiões desérticas “com sua iniciativa e tenacidade habituais”. No árido Arizona observa a obra da “diligência americana”, que conseguiu transformar uma “região que parecia votada sem remissão ao perpétuo abandono” através da extração de minérios, carvão e petróleo. Foi também nesta região que pela primeira vez avistou indígenas, “essa gente infeliz, cujos atuais representantes, tristes, taciturnos e humilhados deixam-se ver” ao longo das estradas de ferro vendendo artesanato e cartões postais. Destacava que na estação de Albuquerque “o industrialismo americano montou até um estabelecimento completo de manufatura indígena”⁴²⁷.

Aqui nota-se uma mudança importante na sua abordagem sobre os povos indígenas, praticamente ausentes do seu relato em *Nos Estados Unidos*. Se bem é verdade que daquela vez nunca teve contato direto com esta população, não é cabível imaginar que estivesse totalmente sem informações sobre sua existência. Mesmo assim, apenas menciona que a “questão” índia não era um problema porque já quase não existiam “selvagens”, os restantes estavam confinados em reservas. (LIMA, 1899a, p. 31). É possível imaginar que a recente comunicação apresentada no Congresso de Americanistas de Viena sobre a proteção dos aborígenes no Brasil tenha despertado seu interesse pelo assunto e chama a atenção o tom muito mais crítico que adotou. Se na sua obra anterior falava nos perigos a que os colonos eram expostos pelos indígenas e como isso afetava a marcha do progresso, agora apontava os Estados Unidos como “culpados por longo tempo de negligência e mesmo de crueldade para com os índios”. Naquele momento, sem embargo, estavam empreendendo medidas para “resgatar o passado, protegendo-os e em certa media elevando-os.” Neste sentido descreve como os indígenas remanescentes viviam em grandes reservas, em terras que “lhes foram atribuídas como indenização por uma vasta expropriação”⁴²⁸.

Na sua avaliação esta vida ao mesmo tempo em comum e segregada não trazia bons resultados para “a civilização do elemento

⁴²⁷ LIMA, Oliveira. Cartas dos Estados Unidos VII. De S. Francisco a Chicago por putro caminho - A região secca e o 'pluck' americano - Os indios e sua educação. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 19 dez. 1912.

⁴²⁸ LIMA, Oliveira. Cartas dos Estados Unidos VII. De S. Francisco a Chicago por putro caminho - A região secca e o 'pluck' americano - Os indios e sua educação. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 19 dez. 1912.

aborígene”⁴²⁹. Mas, aprovava a decisão do Estado de criar “26 grandes institutos de educação para rapazes e raparigas de raça indígena que, entre as tribos postas à distância do elemento invasor, se recomendam pela sua inteligência e aptidões”. Disposto a conhecer todos os avanços em matéria de educação, o brasileiro foi conhecer um destes institutos no Kansas. Visitou o *Haskell Institute*, em Lawrence, que tinha 700 alunos de 27 estados, “escolhidos pelos superintendentes locais dentre as crianças com manifestas disposições de aproveitamento”. Ali recebiam uma educação mais prática que literária, sobretudo ofícios manuais, o que chamavam de “ciência doméstica”. Observa que a História ensinada na instituição era “um tanto tendenciosa com episódios de relêvo que marcam o predomínio, assinalam o valor e exaltam a generosidade, do fator anglo-saxônico”. Era, no entanto, um nível de educação adequado aos estudantes, já que destino geral das moças era casarem-se e o dos rapazes de assumir ofícios como artífices, mecânicos, agricultores e caixeiros, com alguns poucos chegando a frequentar a Universidade. Lima notou que não existia o mesmo preconceito de cor enfrentado pelos negros com relação à população indígena e procurou indagar algumas pessoas sobre os motivos. A explicação que teve de um norte-americano – e que parece tê-lo convencido – foi que isso se dava porque “a raça índia nunca foi aviltada pela escravidão”. Era por isso que vários alcançavam profissões como advogados, médicos e dentistas, “elevando-se individualmente dentre a geral degradação da sua raça e contribuindo com mais um quadro para o empolgante espetáculo de progresso de que são teatro os Estados Unidos”⁴³⁰.

Seguindo viagem, ficou impressionado com as “cidades progressivas e florescentes” que abundavam no Oeste. Nenhuma, porém, rivalizava com Chicago, da qual teve “uma impressão genuinamente artística”.⁴³¹ Outro progresso que presenciou satisfeito foi o do estudo da América Latina nas universidades pelas quais passou. Estava surpreso porque “não calculava que a curiosidade intelectual

⁴²⁹ LIMA, Oliveira. Cartas dos Estados Unidos VII. De S. Francisco a Chicago por outro caminho - A região seca e o 'pluck' americano - Os índios e sua educação. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 19 dez. 1912.

⁴³⁰ LIMA, Oliveira. Cartas dos Estados Unidos VII. De S. Francisco a Chicago por outro caminho - A região seca e o 'pluck' americano - Os índios e sua educação. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 19 dez. 1912.

⁴³¹ LIMA, Oliveira. Cartas dos Estados Unidos VIII. Cidades do Oeste - Chicago, centro artístico - Os pintores Walter Russell e Pritchard. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 30 dez. 1912.

estivesse tão desperta pelo que nos diz respeito, nem que nossos temas absorvessem a atenção de tantos eminentes professores americanos⁴³². Além disso, fica entusiasmado com as bibliotecas especializadas que se formavam para auxiliar os estudos sobre a região. Mereciam destaque especialmente a *Columbus Memorial Library*, da União Pan-americana em Washington, a biblioteca da Universidade de Berkeley, na Califórnia, a de Harvard, em Massachusetts e a da *Hispanic Society of America*, com sede em Nova York. A coleção particular do seu amigo Branner, composta de seis mil volumes relativos exclusivamente ao Brasil, também foi mencionada porque estava à disposição dos estudantes de Stanford⁴³³. Ele, “que não imaginava que fosse tão fervoroso o estudo em geral nos estabelecimentos superiores de ensino dos Estados Unidos”, estava encantado com as universidades e o ambiente acadêmico em geral e teve apenas uma ressalva que nada tinha a ver com a qualidade do ensino⁴³⁴. Apesar dos grandes avanços alcançados pela educação superior, Lima apontava o problema do acesso ao ensino. Mesmo sendo fundamentalmente instituições democráticas, as universidades poderiam servir ao princípio da desigualdade porque era impossível que todos tirassem proveito delas. “O fato é que já abundam escolas para ricos, que desdenham do ensino ministrado pelo Estado por ser gratuito”, ao mesmo tempo em que via “que o sentimento aristocrático, o qual pode assumir outros aspectos que não o restritamente filiado na nobreza de nascimentos, tem suplantado o mero instinto plutocrático”. Esta era uma questão que precisava ser atendida porque entendia que a “desigualdade intelectual é meio caminho andado para a desigualdade social”⁴³⁵.

Finalmente, chegando em Washington, reencontrou-se com pessoas e lugares e também estabeleceu novas relações que ajudariam a moldar uma nova percepção da política exterior norte-americana. Muito deste impacto positivo veio das organizações civis organizadas que ele

⁴³² LIMA, Oliveira. Cartas dos Estados Unidos X. O estudo da America Latina nas Universidades Americanas. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 2-2. 3 jan. 1913.

⁴³³ LIMA, Oliveira. Cartas dos Estados Unidos XI. Bibliothecas latino-americanas. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 5 jan. 1913.

⁴³⁴ LIMA, Oliveira. Cartas dos Estados Unidos X. O estudo da America Latina nas Universidades Americanas. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 2-2. 3 jan. 1913.

⁴³⁵ LIMA, Oliveira. Dos Estados Unidos II. Intelectualismo, tradicionalismo e jacobinismo - politica e educação. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 2-2. 5 nov. 1912.

conheceu. Assim como o ânimo reformador dominava este período na política dos Estados Unidos, gerando debates intensos na sociedade sobre questões domésticas, a arena internacional foi gradativamente passando a fazer parte da agenda do dia. O Movimento pela Paz⁴³⁶ (1898-1918) estava interconectado com outros movimentos sociais reformistas daquele período e também tem seus contornos definidos de maneira geral, com diversos atores individuais e institucionais e agendas diferentes. Segundo Marchand (1972) foram fruto da percepção de certos grupos de que determinadas configurações da política internacional e atitudes com relação a elas, poderiam afetar temas domésticos. Especialmente antes de 1914, estes grupos e indivíduos viam os vários projetos pela paz como forma de alcançar certos objetivos mais imediatos internamente, tais como, mas não apenas, emancipação feminina, o fortalecimento das cortes e a preservação da ordem social. Foi um movimento com origem nas elites mais tradicionais preocupadas com o aumento da divisão social no país, expressadas no crescente antagonismo de classe, na agitação entre trabalhadores industriais e no declínio da homogeneidade social. Um medo mais amplo da desarmonia social interna era projetado para arena internacional e impulsionava a busca por soluções análogas. Por isso a ênfase das discussões estava na aplicação da lei e da ordem, na instituição da democracia direta e no controle de monopólios na arena internacional.

No entanto, este movimento não se restringiu apenas a uma projeção abstrata dos problemas domésticos. Com o crescimento dos intercâmbios internacionais e a crescente relevância dos Estados Unidos no sistema internacional, houve um crescimento também do público interessado na política internacional. Figuras importantes como políticos de projeção nacional, empresários relevantes, filantropos, além de jornalistas e intelectuais passam a interessar-se mais sobre estes temas. As instituições criadas para fomento da paz passaram a ser fóruns de agrupamento e discussão para esta elite nacional preocupada e envolvida com política exterior. Eram espaços importantes para estas elites que buscavam angariar apoio do grande público para temas de política externa em um momento em que elas ganhavam mais relevância dado o aumento da participação internacional dos Estados Unidos. Por isso era tão comum a participação de membros do Departamento de Estado não apenas em uma, mas várias organizações ao mesmo tempo. Assim, o movimento

⁴³⁶ *Peace Movement* em Inglês, que se distingue do termo *Pacifism*. Oliveira Lima utiliza o termo pacifista, assim que neste texto serão utilizados como sinônimos intercambiáveis.

pacifista se desenvolveu como um movimento reformista vindo do *establishment*, o que contribuiu para que fosse relativamente incontestado e conseguisse manter até bem depois de 1914 uma posição confortável politicamente. Para Marchand (1972) havia mesmo um relativo consenso entre liberais e conservadores que apoiavam um projeto vago de aproximação das instituições internacionais ao modelo norte-americano e foi neste contexto se formaram organizações como *World Peace Foundation*, *New York Peace Society* e *Carnegie Endowment for International Peace*, entre tantas outras. Oliveira Lima certamente era um dos que apoiavam a causa do pacifismo e os valores defendidos pelo movimento de maneira geral. Seu contato com este movimento e suas instituições foi um dos elementos fundamentais para o seu reencantamento com os Estados Unidos e com a renovação da sua fé em uma política internacional orientada por valores morais que ele compartilhava.

Nem mesmo os mais radicais opositores da plutocracia eram capazes de se opor aos valores esposados pela entidade fundada por Andrew Carnegie: fomentar a paz, ao mesmo tempo em que rechaçava o militarismo e a *power politics* representada pela aristocracia europeia. Esta foi uma das razões pela qual a *Carnegie Endowment for International Peace (CEFIP)* tornou-se uma das instituições mais relevantes de sua época e seja considerada o mais antigo *Think Tank* nos Estados Unidos e o primeiro dedicado ao tema da política internacional. Foi fundada em 1910, logo, era uma instituição recente e com prestígio em ascensão em 1912. Deveu seu início à doação de seu fundador de 10 milhões de dólares em títulos para um fundo que seria gerido por um conselho de administração formado por 28 membros proeminentes da sociedade, entre políticos, homens de negócios e personalidades da vida pública. (CARNEGIE ENDOWMENT FOR INTERNACIONAL PEACE, 2011). Andrew Carnegie (1835-1919), um imigrante escocês que fez fortuna com ferrovias e se tornou um dos homens mais ricos da história dos Estados Unidos, era um dos exemplos de “ricachos” que não eram inúteis, citados por Oliveira Lima em diversas ocasiões. O diplomata admirava esta classe de milionários norte-americanos inspirados pela ideia – em grande medida influenciada pela moral religiosa – de que os ricos tinham a obrigação moral da filantropia. Carnegie foi um dos pioneiros deste grupo e a partir de 1901 dedicou-se em tempo integral aos seus projetos filantrópicos. A dotação para o fundo que deveria servir para abolir a guerra em todas as suas formas foi um dos

seus projetos mais ambiciosos, mas não o único. Várias outras instituições e iniciativas seriam e até hoje são levadas a cabo com

O Conselho de Administração inicial escolhido por Carnegie elegeu o ex-Secretário de Estado Elihu Root como primeiro presidente, cargo que exerceu até 1925. A orientação da instituição era muito prática, voltada para uma abordagem científica para o problema da guerra. Sua ênfase estava na pesquisa, na compilação e divulgação de material, treinamento e expansão da educação em matéria de Direito Internacional. O foco estava em dois aspectos-chave: a arbitragem internacional e as cortes internacionais porque estes seriam os instrumentos que levariam à abolição da guerra no sistema internacional. (MARCHAND, 1972). Havia nesta agenda a influência de vários juristas, além do próprio Root. James Brown Scott (Diretor da Divisão de Direito Internacional da entidade) e Nicholas Murray Butler (Reitor da Universidade de Columbia e membro do Conselho) eram duas grandes forças por trás da CEFIP. Além disso, era uma orientação que ia ao encontro das ideias do presidente William H. Taft, também jurista, que já havia posto em prática uma política de adoção de acordos de arbitragem com diversos países.

Esta digressão a primeira vista excessivamente longa se faz necessária para esclarecer o entramado de relações sociais, políticas e institucionais em que se insere Oliveira Lima a partir desta estada em Washington. Elas serão fundamentais para a formação de muitos dos pontos de vista que passará a expressar a partir de então, como se verá a seguir.

Lima repetiu em mais de uma ocasião que nesta visita a Washington encontrou “inteiramente reformada”, uma instituição que anos atrás havia deixado totalmente desmotivado e com dúvidas sobre o futuro. Referia-se ao antigo Escritório das Repúblicas Americanas, fundado por Blaine na época da I Conferência Pan-americana, e que fora rebatizado de União Pan-americana em 1910. A mudança em si já era sintoma de uma nova etapa, realizada para evitar a impressão dada pelo nome de que era “uma repartição dos Estados Unidos”, segundo o presidente John Barrett. Manuel Ugarte chegou a sugerir que a instituição deveria ser chamada de “Departamento das Colônias”, “acentuando a posição subalterna em que se encontravam com relação a América do Norte os demais países do Novo Mundo”. Para Lima, era “mesmo possível que no primeiro intuito da sua fundação houvesse mais a preocupação nacional do que o designio internacional”⁴³⁷.

⁴³⁷ LIMA, Oliveira. Cartas dos Estados Unidos IX. A União Pan-americana e o seu palácio. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-2. 30 dez. 1912.

Isto era, porém, algo do passado. A União Pan-americana possuía “denominação nova, feição nôvo, e casa nova”. Com casa, referia-se ao novo edifício⁴³⁸, um imponente palacete fruto da “liberalidade de Andrew Carnegie, que contribuiu com três quartas partes do milhão de dólares que custou a construção”, e foi uma das coisas que mais lhe chamou a atenção na nova paisagem da capital norte-americana. Nota que o antigo e pequeno escritório na Lafayette Square passou a ser a sede da CEFIP “a cargo do internacionalista Brown Scott”, enquanto o novo era um símbolo da nova atitude. O projeto arquitetônico era cheio de simbolismo, buscando congregare elementos representativos de todos os países do continente para representar os objetivos da instituição. Este projeto simbolizava “o prodígio de que muitos duvidaram” de

congregare elementos morais diversos, dispersos e indiferentes quando não hostis, amalgamando-os numa massa em que cada qual conserva sua autonomia política, o cunho das suas tradições e o sentimento da sua individualidade jurídica, mas em que todos se associam e tendem para um destino comum de progresso e de cultura⁴³⁹.

⁴³⁸ Afirma que Mr. Carnegie doou o prédio. Roosevelt the Dreamer. Daily Graphic. Londres. 12 mai. 1907. SB17, OLL. Notícia conta que Nabuco solicitou e recebeu de Andrew Carnegie a quantia necessária para terminar a construção do edifício das Repúblicas Americanas em Washington (atual OEA). NOTAS e informações. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 4-4. 13 mar. 1910.

Na inauguração do edifício estiverem presentes e fizeram discursos Taft, Carnegie, Senador Root, Knox (Secretario de Estado e representente dos Estados Unidos na entidade) e em nome da América Latina o Embaixador do México, Francisco de la Barra. (BARRETT, 1911).

⁴³⁹ LIMA, Oliveira. Cartas dos Estados Unidos IX. A União Pan-americana e o seu palacio. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-2. 30 dez. 1912.

Figura 14 - O novo edifício da União Pan-americana em Washington



Fonte: Oliveira Lima Postcard Collection, OLL

Já a nova “denominação indica-lhe assaz o feitiço: ‘União’, isto é, igualdade das partes componentes chamadas a cooperar para um fim comum”. Este novo espírito era obra do seu novo diretor, John Bassett Moore, que foi capaz de converter a União em um “começo de realidade positiva, dando uma elasticidade concreta a um vocábulo sonoro e atraente”. O subdiretor F. Javier Yanes, um venezuelano de “espírito culto”, era seu auxiliar nesta tarefa e como latino-americano “ajudou a despojar a instituição de qualquer feição mais egoísta” e a tornar amenas “relações que nunca devem perder êste tom”. É visível o otimismo de Lima com a nova administração e o futuro da instituição que ele agora via como “instrumento excelente de concordia de um mundo de origens diferentes, mas chamado a colaborar em perfeita harmonia e recíproca independência para o progresso americano.”⁴⁴⁰

Barrett (1866-1938) era diplomata, foi embaixador dos Estados Unidos na Argentina, na Colômbia e no Panamá. Antes foi correspondente durante a Guerra com a Espanha e delegado norte-americano na II Conferência Pan-americana. Ele foi um dos fundadores da Sociedade Pan-americana dos Estados Unidos, além de Presidente do Congresso Científico Pan-americano em Washington (1916) e dos

⁴⁴⁰ LIMA, Oliveira. Cartas dos Estados Unidos IX. A União Pan-americana e o seu palácio. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-2. 30 dez. 1912.

Congressos Comerciais Pan-americanos em 1911 e 1919. Para Lima, sobrava-lhe experiência na vida pública e para ser o diretor da “grande oficina de harmonia americana que tanto contribuiu para pôr em ação”. Tinha o suficiente “traquejo diplomático” para colocar em prática uma missão que era “essencialmente pacífica”⁴⁴¹.

Lima estava plenamente de acordo com os termos em que Barrett (1911) expressava sua visão das relações no continente, tratadas em termos de “congraçamento” ou pelo menos de “colaboração” na sua obra *The Pan American Union: Peace, Friendship, Commerce*⁴⁴². Na opinião do brasileiro, era a mesma visão que ele mesmo vinha “fortificando, ampliando e estendendo nas conferencias e cursos” que dava⁴⁴³. A tarefa da colaboração interamericana, a que se havia dedicado Barrett “com tôda dedicação de que é capaz sua alma de americano”, toda “feita de energia e de perseverança”, já rendia frutos. Para Lima era palpável a diferença entre uma organização que ele havia deixado em 1900 “com um futuro incerto” e que o novo presidente havia conseguido transformar em “uma instituição modelar na sua organização pratica e ao mesmo tempo ideal” que deixou para trás as incertezas e “deixou também de semear desconfianças e apreensões entre as nações latinas do continente”⁴⁴⁴. A receita para o êxito foi o afastamento do predomínio do Departamento de Estado dos Estados Unidos, tornando verdadeiro o caráter internacional da instituição. Ela assim ganhou em autonomia o mesmo que ganhou em valia aos olhos do diplomata brasileiro.

Em sua última Carta, escrita já do Rio de Janeiro em janeiro de 1913, Lima falou do novo conceito de Pan-americanismo que viu nascer em Washington junto com uma nova interpretação da Doutrina Monroe. Avaliava que os cursos universitários, as bibliotecas especializadas e instituições como a *Hispanic Society*, além da União Pan-americana, já estavam dando bons frutos, ao passo que “uma melhor compreensão da

⁴⁴¹ LIMA, Oliveira. Cartas dos Estados Unidos IX. A União Pan-americana e o seu palacio. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-2. 30 dez. 1912.

⁴⁴² Uma cópia autografada para Lima, datada de novembro de 1912 está na *Oliveira Lima Library*. O livro encerra com frases de Taft e Andrew Carnegie sobre a necessidade de entendimento em cooperação interamericana para a paz mundial e um lista dos tratados de arbitragem firmados entre os países do continente.

⁴⁴³ LIMA, Oliveira. Cartas dos Estados Unidos IX. A União Pan-americana e o seu palacio. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-2. 30 dez. 1912.

⁴⁴⁴ LIMA, Oliveira. Cartas dos Estados Unidos IX. A União Pan-americana e o seu palacio. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-2. 30 dez. 1912.

importância do mundo latino-americano mal podia deixar de influir no modo por que nos Estados Unidos é considerada a Doutrina de Monroe⁴⁴⁵.

Claro que ainda pôde perceber a divisão de opiniões entre os norte-americanos que não mediam o exato alcance da Doutrina Monroe e a consideravam um princípio irredutível da política do seu país e aqueles que a atacavam. Ele considerava essa divisão normal em um país que foi o primeiro a inserir uma cláusula de arbitramento para futuras disputas com sua ex-metrópole e que também foi o primeiro a fundar sociedades de paz internacionais. Frequentemente questionado sobre a visão da América Latina sobre o assunto, Lima procurou colher impressões dos norte-americanos e concluiu que a Doutrina certamente não estava ameaçada de desaparecer mas

entrou a encaminhar-se para uma mais adequada e conciliadora interpretação, da qual penso ter sido o Sr. Salvador de Mendonça o primeiro apóstolo ao enunciar no discurso com que apresentou sua revocatoria ao Presidente MacKinley, que as responsabilidades políticas do continente deviam ser comuns e iguais, isto é, que a teoria da intangibilidade política do continente cabia a tôdas as nações que nele se encontram⁴⁴⁶.

Era desta nova doutrina que afirmava haver-se convertido em “propagandista”, somando-se aos “muitos elementos favoráveis a boa inteligência do Nôvo Mundo fundada sobre a justiça internacional”⁴⁴⁷ que encontrou nos Estados Unidos. Fica evidente, portanto, que este período serviu para aproximar Oliveira Lima de instituições e pessoas que o fizeram acreditar em um novo Pan-americanismo. Entre elas, a *Pan American Society* de Nova York, que deu um banquete em sua

⁴⁴⁵ LIMA, Oliveira. Cartas dos Estados Unidos XII. O novo conceito da America Latina e da doutrina de Monroe **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 16 jan. 1913.

⁴⁴⁶ LIMA, Oliveira. Cartas dos Estados Unidos XII. O novo conceito da America Latina e da doutrina de Monroe **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 16 jan. 1913.

⁴⁴⁷ LIMA, Oliveira. Cartas dos Estados Unidos XII. O novo conceito da America Latina e da doutrina de Monroe **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 16 jan. 1913.

homenagem.⁴⁴⁸ No discurso que preparou para a ocasião resumiu o espírito com que deixava o país.

I leave once more the United States with much regret, only wishing to visit them again. This time, especially, I saw more of the country than in the four years of my previous residence. Diplomats generally see less than other people of the countries where they live, because their horizon is socially limited. For a lecturer the opportunities to judge a nation are wider, and I rejoice that the Stanford University through its vice president, Dr. Branner, the learned geologist and true friend of Brazil, thought of inviting me for this purpose, intending, as Dr. Branner expresses himself, to make Latin America better known because it happens between nations, the same as between individuals, that a good acquaintance commonly prevents misunderstanding and fighting⁴⁴⁹.

Na volta de Oliveira Lima aos Estados Unidos, ele foi capaz de articular uma narrativa que conectava educação e pan-americanismo de maneira clara. A experiência nova de conhecer os meios acadêmicos norte-americanos de perto teve um impacto profundo no diplomata brasileiro, que voltou convencido do papel da educação, que era “um dos segredos, senão o principal, da prosperidade admirável nos Estados

⁴⁴⁸ No banquete repete o que já havia dito em um dos artigos no *Estado de São Paulo*: “In a more positive domain I also found, entirely transformed, an institution which I had left somewhat disheartened and concerning the future of which I felt myself a little perplexed. I refer to the Bureau of American Republics, which, under Mr. Barrett's direction, became the Pan American Union, ceasing in name as well as in spirit to be a domestic department—it had even been maliciously christened the Department of Colonies of the United States—to assume the aspect of a true international foundation, which has already done a great deal to spread accurate information on Latin America and will in the future reckon as the corner stone of the moral identification that the old Mom-oe Doctrine tried in vain to bring forth”. (“Luncheon to Dr. De Oliveira Lima”, 1912, p. 1184). A transcrição do discurso apareceu na *Revista de Derecho, Historia e Letras* sob o título *Sud America juzgada por um brasileiro*. (LIMA, 1913c, p. 173).

⁴⁴⁹ LUNCHEON to Dr. De Oliveira Lima. **Bulletin Of The Pan American Union**, Washington, v. XXV n.V, p.1185, 1912.

Unidos”⁴⁵⁰. Ele concluiu que sem educação não seria possível que a política pan-americana fosse bem pensada e recebida e por isso eram tão fundamentais as universidades, no seu papel de “fornecedoras de idealismo em um país em que abundam os interesses materiais”⁴⁵¹. No plano pessoal, observar a liberdade de pensamento e expressão dada aos docentes e as condições de trabalho que lhes permitia dedicar-se exclusivamente à docência foram determinantes para que passasse a considerar seriamente o plano de mudar de carreira.

Eu aprendi alli a prezar os Estados Unidos mais profundamente do que ja os estimava, e especialmente comprehendí todo o alcance de um dito do professor Branner, dito que deveria ser meditado por todas as sociedades do Novo Mundo, a saber, que nos Estados Unidos não se faz distinção entre instrucção e educação, que são uma e a mesma coisa. ‘Education’ em lingua inglesa significa a um tempo a formação da intelligencia e a do carater. Uma não vae sem a outra.⁴⁵²

A Doutrina Monroe, que é a base desta política, só era temida ou parecia suspeita para muitos países latino-americanos porque tinha sido uma doutrina unilateral, com responsabilidades exclusivamente dos Estados Unidos. A nova orientação personificada pela União Pan-americana, e fomentada por instituições como *Carnegie Endowment* e similares, tinha a marca de uma abordagem científica, intelectualizada. Ao mesmo tempo, os Estados Unidos elegiam um presidente intelectual. Era o apogeu do intelectualismo e a conjunção destes fatores só poderia levar a cooperação. Não foi o mero fato de estar presente no país que transformou Oliveira Lima automaticamente em monroísta, mas estar presente em um momento que foi o auge do reformismo, da busca pela moralidade nas relações públicas e privadas, inclusive as internacionais. Estes foram elementos que conjuntamente reascenderam sua fé em todas as virtudes que sempre admirou nos Estados Unidos.

⁴⁵⁰ LIMA, Oliveira. Cartas dos Estados Unidos XII. O novo conceito da America Latina e da doutrina de Monroe **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 16 jan. 1913.

⁴⁵¹ LIMA, Oliveira. Cartas dos Estados Unidos XII. O novo conceito da America Latina e da doutrina de Monroe **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 16 jan. 1913.

⁴⁵² LIMA, Oliveira. Suggestões da vida universitaria americana. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 5-5. 15 fev. 1914.

Um exemplo desta visão está no artigo que escreveu para a *International Conciliation*⁴⁵³ sobre as relações entre Brasil e Estados Unidos, pouco tempo depois do seu retorno. Nele reiterou a cordialidade que sempre as distinguiu e repetiu muitos dos argumentos já utilizados em textos da mesma natureza, insistindo que na história das relações entre os dois países nunca houve nenhuma questão de gravidade e mesmo nas pequenas divergências os Estados Unidos sempre satisfizeram completamente as demandas brasileiras. Fiel aos seus princípios sobre o que deveria ser a diplomacia brasileira, afirma que o comércio até podia ser a base fundamental deste relacionamento – os Estados Unidos já eram o maior parceiro comercial do Brasil no continente – mas havia um fator ético não menos importante. Afinal, o entendimento político é muito mais forte quando se baseia na união econômica e no intercâmbio intelectual. Era por isso que tecia louvores a nova gestão de Lauro Muller no Itamaraty, na qual estava “trabalhando para livrar o Brasil de qualquer intriga e suspeita nas suas relações exteriores”. A visita do Ministro brasileiro em retribuição a do Secretário de Estado Root, servia para reafirmar ao Presidente dos Estados Unidos “que o seu país não tem amigo melhor que não há nação que nutra pela União Americana um sentimento mais firme de solidariedade moral”. (LIMA, 1913d).

Era no mesmo sentido que em conferência em São Paulo, em abril de 1913, celebrou o momento político “histórico” nos Estados Unidos, que pela primeira vez desde a Guerra de Secessão eram governados pelos Democratas, o que deixava o Executivo e o Legislativo dirigidos pelas mesmas ideias e programas de governo. Sobretudo, celebrava que “a presidência estava nas mãos de um intelectual corajoso e honesto”. Wilson era “crente como qualquer outro no ‘destino manifesto’ da sua raça”, mas não perseguia este destino, “já não direi idéas de espoliação ou de violencia, mas sequer de predomínio fatalista”. (LIMA, 1914a, p. 232). E era exatamente por isso que decretava que “o ensejo de sellar a aproximação entre o Brasil e os Estados Unidos é portanto, excellent”. (LIMA, 1914a, p. 233).

⁴⁵³ *International Conciliation* foi publicada mensalmente quase que ininterruptamente entre 1907 e 1947. Foi fundada pela *American Association for International Conciliation*, mas a partir de 1925 quando esta foi dissolvida, foi assumida pela *Carnegie Endowment for International Peace*.

No Conselho Diretivo da *American Association for International Conciliation* estavam Andrew Carnegie, Elihu Root, James Brown Scott, Nicholas Murray Butler e Robert Bacon. Os dois ultimos tambem eram parte do Comitê Executivo.

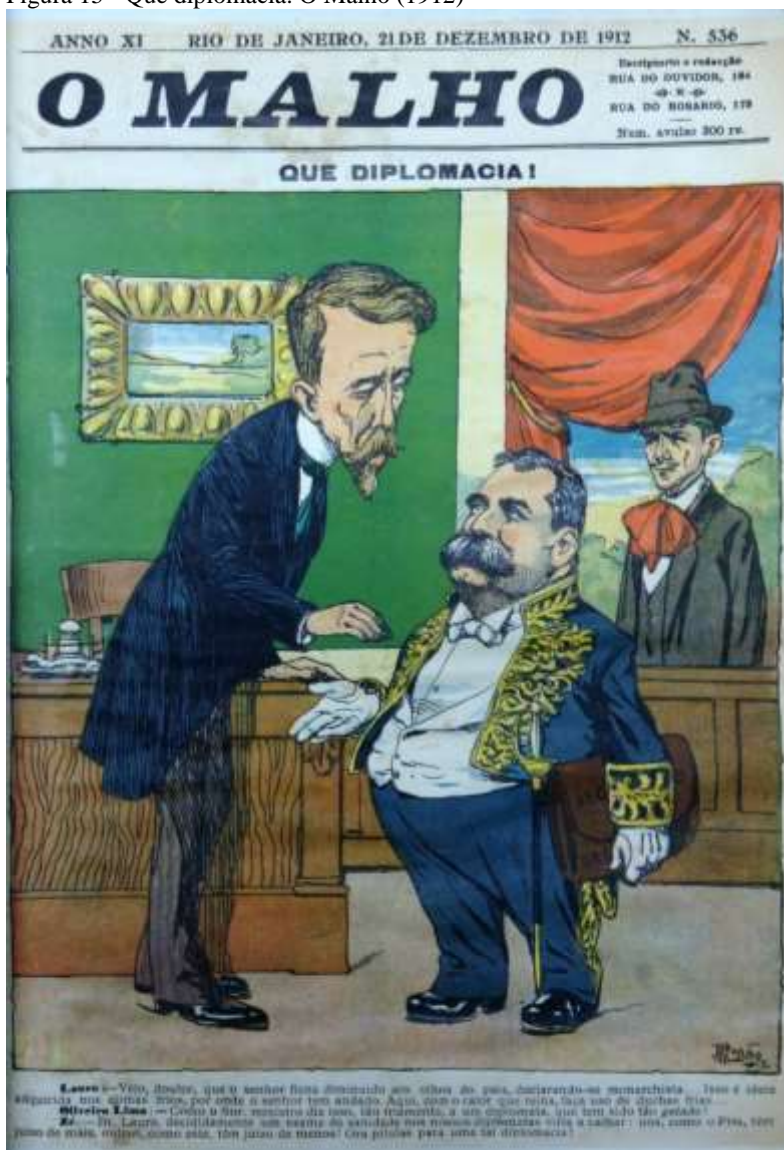
Depois de terminado o semestre em Harvard, Lima volta ao Brasil. Chegava imbuído de um espírito de boa vontade com a nova feição que vislumbrava para as relações com os Estados Unidos. Mais do que isso, havia se tornado um propagandista deste novo Pan-americanismo baseado na cooperação e na solidariedade continental. E, sobretudo, voltava com a melhor das impressões das universidades norte-americanas e talvez com um plano alternativo de carreira.

A esta altura da vida e com todo o desgaste que suas diferenças com Rio Branco haviam acarretado, Lima já vinha alimentando o sonho da aposentadoria. Na realidade, já a havia solicitado a Lauro Muller em julho de 1912, antes de partir para os Estados Unidos. O Ministro não deu seguimento ao processo e quando ele voltou ao país e tentou reativar o pedido, insistiu para que permanecesse na carreira pois tinha planos de mandá-lo a Londres. Este era um argumento quase irrefutável para Lima, que teve sempre “grande estimação por Londres” e pretendia fixar a residência lá após a aposentadoria e “despender o resto da [minha] existência.” (LIMA, 1986, p. 243). Parecia que as coisas correriam conforme os seus planos, mas algumas declarações à imprensa acabariam mudando tudo. Ao chegar Rio em 09 de dezembro de 1912, Lima foi recebido pela imprensa ainda no cais e deu algumas entrevistas que despertaram acusações de monarquismo.

Lima claramente subestimou o vigor do ideal republicano no Brasil ao dar estas declarações, que foram no mínimo imprudentes dada sua condição de diplomata. Como bem apontou Heitor Lyra, as entrevistas demonstram “um absoluto senso de inoportunidade, uma leviandade, uma completa inaptidão política e inteira ausência de intuição psicológica.” Mesmo assim, o mesmo Lyra minimiza o conteúdo ideológico e o alcance prático dessas declarações ao entendê-las como “declarações sem nenhum alcance, simples tese acadêmica, que ... se dera ao luxo de provocar ao desembarcar no Rio de Janeiro.” (LYRA, 1951 *apud* WILLIAMS, 1969, p. 31). Foi também neste sentido a explicação dada por Oliveira Lima, que creditou ao jornalista que “emprestou sua própria linguagem” a uma declaração sua e acabou gerando um enorme mal entendido. O que ele expressou teria sido apenas seus “princípios de franca tolerância política com relação a fôrmas de governo, não depreciando o *systema* republicano, mas não julgando o *monarchico* incompatível com a pratica de todas as liberdades”⁴⁵⁴.

⁴⁵⁴ LIMA, Oliveira. O meu caso. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 3-3. 25 dez. 1913.

Figura 15 - Que diplomacia. O Malho (1912)



Fonte: SB32, OLL.

Nem todo mundo considerou as teses tão inofensivas e abriu-se um grande debate na imprensa e nos meios políticos e diplomáticos sobre a

conveniência do Itamaraty abrigar um simpatizante do regime decaído como seu representante no exterior. Lauro Muller a princípio manteve sua posição e chegou a nomeá-lo para o posto. Restava, porém, a aprovação pelo Senado e lá havia um adversário de peso contra a decisão. Chegou a abrir-se um debate público sobre a competência constitucional do Senado em decidir sobre nomeações diplomáticas, com nomes do quilate de Clovis Bevilacqua e Ruy Barbosa tomando posição. Pinheiro Machado, porém, liderou a oposição a sua nomeação. Houve quem o defendesse, como Carlos de Laet, que publicou no *Jornal do Brasil* um artigo com o sugestivo título “São os monarchistas quem mais tem servido a República”. (LAET, 1914 apud WILLIAMS, 1969, p. 32). Entre os defensores de Lima era, claro, constante a referência ao Barão do Rio Branco e a Joaquim Nabuco, dois servidores da república que nunca ocultaram suas simpatias monárquicas.

Lauro Muller partiu para os Estados Unidos deixando Lima ainda nominalmente ministro em Bruxelas, mas planejava enviá-lo em uma missão especial aos Balcãs, e na volta tentar retomar o plano inicial de Londres. Ele chegou a iniciar os preparativos para esta missão, mas concluiu que se não tivesse plenos poderes de negociação, não alcançaria bons resultados. Desta forma, decidiu solicitar novamente a sua aposentadoria por problemas de saúde. Uma comissão médica considerou seus problemas renais causa suficiente e o pedido desta vez foi aceito em agosto de 1913.

daquele ano⁴⁵⁵. Conforme explica Nicholas Murray Butler, Diretor da Divisão de Intercâmbio e Educação da *Carnegie Endowment for International Peace*, uma parte considerável do trabalho da sua divisão era feito através de visitas de homens eminentes, escolhidos como representantes da instituição. Estas visitas aos países do continente eram úteis na tarefa de construir um espírito de amizade e de promover o entendimento mútuo. (BUTLER, 1916 citado em BACON, 1916). Foi neste espírito que se realizou a visita de Robert Bacon a quatro países sul-americanos. No Rio de Janeiro, em Buenos Aires, Montevidéu e Santiago, Bacon foi recebido por personalidades locais identificadas com os valores espousados pela *Carnegie Endowment*.

Robert Bacon (1860-1919) veio do mundo dos negócios, mas entrou na diplomacia como Secretário de Estado Assistente, nomeado por Theodore Roosevelt, de quem era amigo desde os tempos de Harvard. Na sua administração conseguiu a aprovação no Senado para os tratados com Panamá e Colômbia que permitiram a construção do Canal. Era *Fellow* em Harvard e esteve sempre envolvido com a instituição, para a qual doou tempo e dinheiro. Afastou-se das suas atribuições na universidade para empreender a viagem de boa vontade a América do Sul, para a qual foi escalado pelo seu amigo Elihu Root⁴⁵⁶. Ele aceita a missão e, apesar das suas conexões com o Departamento de Estados, por onde passava fez

⁴⁵⁵ Lauro Muller havia recentemente retornado de uma viagem aos Estados Unidos onde conheceu o trabalho da CEFIP e reafirmou seu interesse em apoiar seus objetivos. Segundo Bacon (1916, p. 24), “Dr. Muller gave further evidence of his genuine interest in the success of my mission by delegating to assist me Senhor de Oliveira Lima, upon whose valuable good offices I constantly depended throughout my stay in Rio”. O enviado da *Carnegie Endowment* estava muito satisfeito com a escolha, declarando que “I would have been difficult if not impossible to have found any one more thoroughly qualified than Senhor de Oliveira Lima”. (BACON, 1916, p. 24). Entre suas qualidades aponta sua longa carreira como diplomata na Europa e o conhecimento científico das relações entre Brasil e Estados Unidos. Cita ainda especialmente sua passagem pelas universidades nos Estados Unidos e seu último artigo na *International Conciliation*. Tal recepção ao nome de Lima apenas reforça o entendimento de que ele não era visto nos Estados Unidos como anti-americano, mas como um aliado, especialmente naquele momento.

⁴⁵⁶ Bacon só não fez parte originalmente do Conselho de Administração da *Carnegie Endowment* porque estava em missão na França na época da fundação. Na volta da América do Sul, ele finalmente foi eleito membro. (SCOTT, 1923, p. 184). É ainda interessante notar que sua biografia foi escrita por Brown Scott e tem prefácio de Root.

sempre questão de deixar claro o caráter particular desta viagem, feita em nome da *Carnegie Endowment* e não do governo dos Estados Unidos. Seu objetivo era espalhar a “Doutrina Root” que definia como “a doctrine of kindly consideration and honourable obligation”. (SCOTT, 1923, p. 188).

Lima viu em Bacon um homem “distinto pela inteligência e pelos serviços públicos prestados na administração e na diplomacia”⁴⁵⁷. Estreitaram laços durante sua permanência no Rio, ao ponto de recordá-lo anos à frente como “amigo e Secretario de Estados” nas *Memórias*. (LIMA, 1923b, p. 77). A convivência foi curta, porém intensa. Foi Oliveira Lima quem proferiu o discurso de boas-vindas na Embaixada dos Estados Unidos na presença de membros do IHGB, em 08 de outubro, assegurando que Bacon encontraria simpatia no Brasil não apenas por causa dos seus dotes pessoais, mas porque os Estados Unidos são realmente estimados no país. Assegura também que os brasileiros confiam no seus esforços pela conciliação internacional e estão prontos para ajudá-lo, já que admiram e tentam seguir as lições de educação cívica e incansável indústria dadas pelo povo norte-americano. (LIMA, 1913 citado em BACON, 1916, p. 61–62). No mesmo dia, a pedido do Embaixador Morgan, Oliveira Lima apresenta Bacon na recepção na Embaixada dos Estados Unidos. Nas rápidas palavras que profere, enfatiza que o representante da *Carnegie Endowment* era um homem prático que não se daria à ideias utópicas e, por isso, sua cruzada pela paz queria atingir a consciência universal através da propagação e do respeito aos princípios do Direito Internacional. (LIMA, 1913 citado em BACON, 1916, p. 63).

Eram objetivos caros ao brasileiro, que, além de ciceronear Bacon, também escreve sobre a missão nos termos mais favoráveis na sua coluna do *Estado de São Paulo*. Ele utiliza praticamente o mesmo texto das publicações oficiais da *Carnegie Endowment* para explicar os objetivos da viagem e da instituição. O primeiro era organizar sociedades nacionais de direito internacional, que se filiariam ao Instituto Americano de Direito Internacional recém criado em Washington sob os auspícios da CEFIP e que visava a vulgarização dos princípios jurídicos que devem reger as relações entre os países. O segundo era o intercâmbios de ideias e sentimentos através da visita de personalidades eminentes da América Latina aos Estados Unidos, além do intercâmbio de professores e alunos. O terceiro era estimular a participação de estudantes dos países latino-

⁴⁵⁷ LIMA, Oliveira. A missão do sr. Roberto Bacon a America do Sul I. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 19 out. 1913.

americanos na Academia Livre de Direito Internacional, também criada pela CEFIP em Haia. O quarto era a fundação da Sociedade de Concórdia Internacional em correspondência com a Sociedade do mesmo gênero de Paris, com o objetivo de formar um movimento de propaganda dos princípios gerais de direito e justiça nas relações internacionais. E, por último, compor comissões em cada país latino-americano para estudar e criar o programa da próxima Conferência da Paz de Haia⁴⁵⁸.

Para Lima, todos os objetivos apresentados interessavam ao Brasil profundamente, mas destacava especialmente aquele relacionado à elaboração de um código de Direito Internacional, já que o Rio foi a sede da III Conferência Pan-americana, que foi o ponto de partida para a organização do código. Na época, ele criticou a ideia da existência de um Direito Americano, argumentando que o Direito Internacional e os seus princípios eram os mesmos para todas as nações civilizadas, como mencionei no capítulo 3. Agora sua visão parece diferente, em muito impactada pelo internacionalismo do movimento pacifista que testemunhou nos Estados Unidos e do qual agora se fazia também integrante. Advertia seus leitores neste sentido, que o objetivo do Instituto Americano de Direito Internacional não era rivalizar com o Instituto Europeu, mas sim alimentar a solidariedade americana. Não defendia um Novo Mundo jurídica e moralmente separado da Europa, até porque entendia que o Novo Mundo tinha uma missão histórica e social a cumprir e uma dívida com a Europa “que lhe deu a civilização”. (LIMA, 1913b, p. 275). O Instituto visava sim fazer surgir uma “consciência americana de uma solidariedade mais profunda, oriunda da natureza e da história” menos “declamatoria, convencional e superficial”⁴⁵⁹.

Ao mesmo tempo, as sociedades de concórdia serviriam para preparar a atmosfera adequada para o funcionamento das sociedades de direito internacional fundadas nos países do continente e estariam empenhadas em promover o melhor conhecimento entre eles. A partir do conhecimento mútuo é que esperava-se chegar “a um acordo tacito, a um intercuro amigavel, a uma harmonia espontanea na esfera internacional”⁴⁶⁰. A propaganda educativa tinha nesse contexto um papel fundamental e por isso a ênfase no intercâmbio de alunos e professores.

⁴⁵⁸ LIMA, Oliveira. A missão do sr. Roberto Bacon a America do Sul I. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 19 out. 1913.

⁴⁵⁹ LIMA, Oliveira. A missão do sr. Roberto Bacon a America do Sul II. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 3-3. 20 out. 1913.

⁴⁶⁰ LIMA, Oliveira. A missão do sr. Roberto Bacon a America do Sul II. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 3-3. 20 out. 1913.

“Antes a guerra que a servidão; antes o arbitramento que a guerra; antes a conciliação que o arbitramento”, era como Bacon havia resumido a sua fórmula em uma conferência na Biblioteca Nacional. Para Lima este era o espírito da *Carnegie Endowment*, ou melhor, “dos homens eminentes que a dirigem”⁴⁶¹.

Ele estava, portanto, claramente alinhado aos objetivos da instituição. Particularmente lhe agradava que o objetivo proposto não era apenas “disseminar missionários da paz pelo mundo”, armados com “belos discursos pregando o evangelho do amor social”⁴⁶². Aquele projeto buscava congregar homens de boa vontade e com energia para organizar e operar forças nacionais em prol da paz com armas práticas oriundas do Direito Internacional. Pelo menos com relação a Oliveira Lima, a Missão Bacon foi um sucesso. Ele estava também convencido de que a CEFIP não tinha apenas objetivos egoístas de promover e realizar todos os seus fitos, mas desejava obter o auxílio dos mais eminentes latino-americanos para esta tarefa. Ter sido escolhido como um destes homens certamente foi um reconhecimento como intelectual e figura pública que ele apreciou, especialmente naquele contexto complicado em que se deu o fim da sua carreira diplomática. Fica claro também que não era tido como inimigo dos Estados Unidos, nem como anti-americano. Uma imagem que, se é que chegou a existir no exterior, foi totalmente dissipada na sua última passagem pelo país⁴⁶³.

⁴⁶¹ LIMA, Oliveira. A missão do sr. Roberto Bacon a America do Sul II. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 3-3. 20 out. 1913.

⁴⁶² LIMA, Oliveira. A missão do sr. Roberto Bacon a America do Sul III. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 6-6. 21 out. 1913.

⁴⁶³ Outro indício neste sentido é que Lima foi convidado a pronunciar uma conferência para os membros da Câmara de Comércio de Boston que estavam em visita ao Rio de Janeiro antes ainda da chegada de Bacon. Em 29 de junho de 1913 ele pronunciou a palestra chamada O Brasil novamente descoberto. Na reunião no salão do *Jornal do Commercio*, o Professor Ford, membro da Câmara e professor em Harvard, referiu-se a Lima nos termos mais amistosos possíveis: “O sr. Oliveira Lima é um Americano no mais alto e verdadeiro sentido da palavra. Ele representa não só a América do Sul, mas também a do Norte, isto é, os dois continentes, porque, não há ninguém, não há nenhum outro que saiba falar e escrever das coisas de todo o Novo Mundo como Oliveira Lima”. *Jornal do Commercio*, 30 jun. 1913.

6.2 EM HARVARD: A GUERRA DO OUTRO LADO DO OCEANO

Depois definida a questão da aposentadoria e de uma passagem por Pernambuco, Oliveira Lima e Flora foram para a Europa com o projeto de estabelecerem-se definitivamente. De lá foi que acompanharam os eventos que levariam à Primeira Guerra Mundial, um evento de magnitude até então desconhecida que marcou a humanidade profundamente. Além das perdas humanas e materiais que causou, a Grande Guerra, como era tratada então, deixou um grande vazio entre a intelectualidade latino-americana que via na Europa um ideal de civilização. As divisões políticas causadas pela guerra transcenderam as fronteiras europeias, travando encarniçados debates entre aliadófilos e germanófilos também no continente americano. Havia ainda um terceiro grupo, o dos pacifistas que defendiam a neutralidade dos países americanos. Entre estes estava Oliveira Lima, que por sua posição acabou sofrendo consequências graves também na sua vida pessoal, como se verá a seguir.

De Londres, Lima observava “o tragico desaparecimento do herdeiro do throno austro-hungaro” e sabia que aquele não seria “um acontecimento indifferente para a situação politica da Europa”. Questionava-se, porém, sobre “até que ponto influirá no seu futuro”⁴⁶⁴. Neste momento ele ainda não previa que o assassinato de Francisco Ferdinando levaria a uma guerra de proporções mundiais e, muito menos, o quanto sua vida seria pessoalmente afetada. Tanto assim, que não mudou seus planos de ir a Alemanha para mais um período de curas nas águas de Karlsbad. Chegou à estação termal no mesmo dia em que a Áustria-Hungria declarava guerra a Servia, em 28 de julho de 1914. Permaneceu otimista e, acreditando na resolução do conflito por vias diplomáticas, permaneceu na cidade, ignorando os conselhos para partir imediatamente. Estava seguro de a guerra se localizaria nos Balcãs e, por isso, não via nada o que temer. Este erro de análise levou o casal Oliveira Lima a embarcar em uma pequena aventura cruzando as fronteiras que iam se fechando às vésperas da eclosão da Primeira Guerra Mundial.

Em três artigos publicados com quase dois meses de atraso no Brasil ele narra as dificuldades que enfrentou ao fazer a travessia para voltar para casa. Com as fronteiras sendo bloqueadas, a comunicação cada vez mais complicada e os bancos sendo fechados, até pensou em passar o inverno na cidade. Mas a ideia não causava entusiasmo porque no inverno

⁴⁶⁴ LIMA, Oliveira. Um assassinato político. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 2-2. 03 ago. 1914.

nem a paisagem nem a população “de tcheques e judeus” lhe pareciam sedutoras⁴⁶⁵. Se estes eram os problemas que apontava no momento, nota-se que realmente estava confiante em um desfecho rápido para uma guerra localizada.

Através de um amigo na Embaixada dos Estados Unidos em Berlim conseguiu um lugar no trem para cidadãos norte-americanos até um porto neutro. Ainda assim, hesitava, pensando no desconforto do prometido trem. Pesava negativamente para o casal a perspectiva de dividi-lo com uma “caravana de 500 pessoas, na qual os americanos legítimos entrariam como elemento reduzido”. O grupo seria formado na maioria “por uma quantidade de judeus alemães, austriacos e polacos naturalizados [...] falando uma algaravia impossível e no geral, pouco aceiados, bastante barulhentos e supinamente incommodos”⁴⁶⁶. Ao final, sem muitas opções, terminaram embarcando em uma viagem que durou 52 horas, sendo 36 em território alemão. A longa jornada lhe deu oportunidade de refletir sobre seus companheiros de viagem:

É extraordinario como o commum dos americanos 'take everything for granted', como se diz na sua lingua. Elles pensam que o mundo inteiro lhes deve atensões especiaes, e durante esta vagem, que em summa foi uma refinada cortezia dos governos austriaco e allemão, não ouvi palavra de justa apreciação senão da bocca de alguns poucos, americanos genuinos e de classes superiores.⁴⁶⁷

Mas quem merecia sua pior apreciação era “a rafaméa cosmopolita naturalizada às pressas sem falar mais do que um inglez mascavado”⁴⁶⁸. Logo Lima teria a oportunidade de observar de perto o comportamento dos “americanos legítimos” com relação ao conflito.

Como já havia testemunhado na sua última passagem pelos Estados Unidos, o interesse pelos assuntos latino-americanos vinha crescendo e várias universidades já ofereciam cursos sobre o tema. O ex-diplomata celebrava que, além da atenção que sempre despertaram os recursos naturais e as possibilidades econômicas da América Latina,

⁴⁶⁵ LIMA, Oliveira. Notas de um optimista (Agosto de 1914) I. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 3-3. 22 set. 1914.

⁴⁶⁶ LIMA, Oliveira. Notas de um optimista (Agosto de 1914) II. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 3-3. 23 set. 1914.

⁴⁶⁷ LIMA, Oliveira. Notas de um optimista (Agosto de 1914) III. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 3-3. 28 set. 1914.

⁴⁶⁸ LIMA, Oliveira. Notas de um optimista (Agosto de 1914) III. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 3-3. 28 set. 1914.

também suas tradições e cultura eram alvo de interesse. Neste cenário, a criação de uma cátedra de História e Economia da América Latina na tradicional Universidade de Harvard tinha um significado ainda maior, pelo seu caráter permanente e pelo prestígio da instituição. Certamente foi com orgulho e alegria que Oliveira Lima recebeu, através do Embaixador norte-americano Edwin Morgan, o convite do presidente da Universidade de Harvard, Abbott Lawrence Lowell, para que ele fosse o primeiro professor do curso⁴⁶⁹. A justificativa oficial para a criação da cátedra:

Realizing the importance of American interests in the Latin-American Republics and the need in the United States for the study of their history and of the conditions obtaining un those countries, a graduate of Harvard has made en endowment for the establishment of a professorship of Latin-American History and Economics in Harvard University. (“Latin-American Professorship at Harvard”, 1917).

A imprensa norte-americana e brasileira noticiava uma doação anônima de 25000USD que permitiria a criação da cátedra recém criada, garantindo um salário de 2500USD ao professor responsável por um semestre. A partir da análise da correspondência de Lowell, no entanto, é possível afirmar que o doador foi Robert Woods Bliss⁴⁷⁰.

Além do prestígio que lhe dava o convite e da genuína vontade de dedicar-se à docência, havia o atrativo financeiro. Os Lima estavam com dificuldades para manter-se com a pensão que ele recebia do governo brasileiro na Europa, o que certamente contribuiu para que superassem o medo de uma nova aventura já com a guerra deflagrada e decidissem enfrentar a travessia de Londres até os Estados Unidos em setembro de

⁴⁶⁹ LIMA, Oliveira. A America do Sul nos Estados Unidos. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 2-2. 20 abr. 1914.

⁴⁷⁰ O nome do doador não foi atribuído à cátedra, como é comum nos Estados Unidos. Lima aparece nos registros de Harvard apenas como Professor de História e Economia da América Latina. (“Harvard University Quinquennial Catalogue of the Officers and Graduates 1636-1930”, 1930) Mas a carta de Lowell para Bliss não deixa dúvidas quando diz “You will be interested to know what is happening with your fund for a professorship in South American History”. (Carta de A. Lawrence Lowell a Robert Woods Bliss, 13/01/1915. Harvard University. President's Office. Records of the President of Harvard University, Abbott Lawrence Lowell, 1909-1933 Funds -- Latin-American Chair [Series 1914-1917] UAI 5.160, Box 65, Folder number: 253).

1915. Ele partia embalado pelo otimismo da sua última viagem com o ambiente universitário nos Estados Unidos e, apesar das críticas que fez à intervenção no México, também com a orientação da política americana sob o governo de Wilson, que dava indicações de uma vigorosa combinação dos elementos materiais e utilitários com a preocupação moral “que é o resultado da ilustração do espírito e da elevação do carácter”⁴⁷¹.

Seria sua primeira experiência como professor e não apenas conferencista e por isso teve que adaptar-se ao novo papel. Precisou preparar um número maior de aulas, adaptá-las ao nível de conhecimento dos alunos, elaborar testes, propor temas para trabalhos finais e corrigir provas dos seus 57 alunos de graduação e pós-graduação. Para estas tarefas contava com Percy Alvim Martin, professor de História em Stanford, como seu assistente. (OFFICIAL REGISTER OF HARVARD UNIVERSITY, 1917, p. 57). Guardava as melhores lembranças deste tempo, sobre o qual falou em várias conferências e artigos. Ficou muito satisfeito com a diligência dos seus alunos, que junto com o alto nível de exigência da Universidade, lhe pareciam a receita para manter os altos níveis de excelência que observava em Harvard. Admirava especialmente a capacidade de independência no estudo e o sentimento de veneração que dispensavam aos velhos mestres. Era em grande medida por causa destes professores que Oliveira Lima considerava as universidades americanas instituições modelo pelo seu espírito pedagógico. Eles se dedicavam ao mesmo tempo a elevar o nível intelectual de seus estudantes e a encorajar a atividade mental, além de desempenhar um relevante papel na sociedade. Sem ser, na maioria das vezes, políticos profissionais, os professores universitários procuravam iluminar e guiar a opinião pública através das suas ideias e participavam constantemente da política. Mas não no sentido partidário, e sim do debate público, tomando a política no seu sentido mais nobre e elevado. (LIMA, 1918b).

Sempre lhe havia parecido excelente que as universidades eram também centros de cultura e convivência social e por isso como professor não se restringia apenas às atividades acadêmicas e procurava integrar-se à vida no campus. Sempre estava em busca de mais informações sobre os Estados Unidos e por isso nunca recusava os convites de alunos para almoços após as aulas e aproveitava cada ocasião para entender melhor aquele país. Foi assim que observou como o futebol era uma verdadeira

⁴⁷¹ LIMA, Oliveira. Movimento diplomático. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 3-3. 30 jul. 1914.

instituição na Universidade. Ficou impressionado com os diversos *clubs* em que os alunos davam vazão a sua natural alegria e desenvolviam atividades ou apenas um espírito de camaradagem, muitas vezes em companhia dos seus professores. Não lhe escaparam nem os ritos de iniciação “burlescamente misteriosos” por que passavam os novatos e chegou a assistir a cerimônia de Quentin Roosevelt⁴⁷² ao Club Signet em 1915. (LIMA, 1918b). Ele mesmo foi aceito no Clube de História de Harvard como membro honorário⁴⁷³.

A vida acadêmica estava claramente lhe agradando, bem como a promessa de um estreitamento na cooperação intelectual no continente. Lima estava animado com a ideia de um intercâmbio⁴⁷⁴ regular de professores entre universidades dos Estados Unidos e da América do Sul, conforme os planos expressados por Robert Bacon em nome da *Carnegie Endowment*. Ele acreditava que as bases estavam sentadas com a criação da cátedra e que os contatos poderiam ser intensificados e organizados de forma regular. (“Two Americas Should Unite in Education. Prof. Lima Says South American Exchange Professorships are Desirable and Feasible”, 1916). Fazia questão de dar publicidade a estas ideias sempre que possível. O *Harvard Bulletin* o mencionou em duas edições seguidas, descrevendo suas convicções e o sentido que emprestava a sua atividade na universidade.

Dr. Lima is a firm believer in Pan-Americanism rightly interpreted. In his judgement cloes relations between the United States and Latin America can be established only by the cultivation of mutual respect, sympathy and a spirit of genuine cooperation. It is confidently believed that his

⁴⁷² Filho caçula de Teddy Roosevelt, estudou em Harvard como o pai e morreu em 1918 quando atuava como piloto da Força Aérea dos Estados Unidos.

⁴⁷³ Segundo informações do Arquivo da Universidade de Harvard. (Records of the Harvard History Club, 1898-1945. HUD 3453 [General information] p. 158-161).

⁴⁷⁴ Discutia-se amplamente naquele momento nos meios intelectuais os benefícios do intercâmbio entre alunos dos Estados Unidos e da América do Sul. Um editorial na *The Hispanic American Historical Review* resume bem os termos do debate: “While opinion as to the ultimate success of this plan is divided, it seems to be the belief of the majority of persons consulted that this exchange will have a very decided influence in the development of a new Pan Americanism. [...] All in all, I believe that the plan inaugurated this summer has every-thing to commend it and will result in the formation of a generation of Americanists who will assure the future of Pan Americanism”. (O’HARA, 1921).

lectures at Harvard University will not only arouse an enduring interest in Latin America, but will contribute to some degree to the realization of these ideals. (“Foreign Professors at the University”, 1915, p. 149).

No mês seguinte, a mesma publicação repetia praticamente a mesma fórmula, afirmando “Dr. Lima is a firm believer in Pan-Americanism, and hopes not only to awaken interest in South American, but to promote co-operation between our country and the Latin-American states”. (“Our Professorial Corner”, 1915, p. 87).

Seu entusiasmo estava sendo bem interpretado em Harvard e nos círculos pan-americanistas, mas talvez não tenha sido suficiente para impressionar Lowell. Apesar da justificativa oficial para a criação da cátedra ter sido o estreitamento dos laços entre os países, o presidente de Harvard em sua correspondência privada afirmou que “The real object, of course, of having these South American Professors is to please them; and last year I fear we did not make much of a success of it in that direction with Oliveira Lima”⁴⁷⁵. Não fica claro quem eram “eles” pela leitura da carta e da resposta recebida. Uma interpretação possível é que se referisse aos governos sul-americanos. Neste caso, a escolha de Oliveira Lima pode não ter agradado especialmente ao governo brasileiro, dadas as circunstâncias em que deixou o Itamaraty. Se a isto se referia Lowell não deixa de ser estranho que tenha sido feita uma nomeação para agradar a um governo sem o cuidado prévio de ter sondado sobre sua opinião. De qualquer maneira, ao que tudo indica a escolha de Oliveira Lima se deu depois da sua visita a Stanford e da sua aproximação com as instituições ligadas ao “novo pan-americanismo”, que tiveram seu ápice na recepção de Robert Bacon ao Brasil. Assim, é possível imaginar que ainda que não estivesse na melhor posição com o governo brasileiro, Lima estava nas boas graças dos meios pan-americanistas.

Apesar de todo o entusiasmo pelo estreitamento das relações com os Estados Unidos através do intercâmbio de professores, havia pelo menos um elemento que desgostava profundamente o pacifista Oliveira Lima. Comparando as universidades americanas em sua visita em 1912 com as daquele momento, afirma que mal as podia reconhecer pois se

⁴⁷⁵ Carta de A. Lawrence Lowell a Archibald Cary Coolidge, 26/07/1916, Arquivo da Universidade de Harvard. Harvard University. President's Office. Records of the President of Harvard University, Abbott Lawrence Lowell, 1909-1933 Funds -Latin-American Chair [Series 1914-1917] UAI 5.160, Box 65, Folder number: 253.

havam transformado em verdadeiros acampamentos, voltadas à preparação para possíveis expedições europeias. Em 1915, apesar dos Estados Unidos estarem neutros no conflito, ele observa no campus que a palavra de ordem já era *preparedness*, ou seja, a preparação militar para a defesa e o ataque. Lima condenava o próprio conceito de *preparedness*, porque entendia que quem se prepara para qualquer coisa, naturalmente tem que levá-la a cabo em algum momento. Via com tristeza que onde antes se educava para profissões liberais, para tarefas construtivas, agora educava-se para a guerra e para a destruição. Lamentava ainda mais que o espírito militar estivesse invadindo estes centros de estudo e temia que este sentimento fosse extremamente difícil de sufocar no futuro. (LIMA, 1918b).

Quando a guerra iniciou em 1914, a reação de muitos norte-americanos foi parecida com a do próprio Oliveira Lima. Houve surpresa mas não preocupação, pois esperavam um conflito localizado no continente europeu e que não afetaria diretamente os Estados Unidos. O presidente Woodrow Wilson, envolvido com a questão no México e pessoalmente devastado pela recente morte da esposa, não havia antecipado a eclosão do conflito e prontamente fez uma declaração de neutralidade, refletindo o sentimento geral do país. Mas, ao passo em que o conflito foi se estendendo, o interesse no país pela guerra foi crescendo e dando lugar ao debate sobre a entrada ou não na guerra. Este debate revelou as fissuras entre os democratas de matriz progressista sobre os rumos da política externa. Alguns defendiam firmemente uma postura isolacionista, deixando toda a atenção para agenda de reformas internas. Outros defendiam o dever dos Estados Unidos de servir como exemplo mundial de democracia e, por isso, aceitavam a interação com outros países. Como aponta Romero (2002), Wilson acabou levando esta última posição ainda mais longe, pondo em prática sua *Missionary Diplomacy*, com a qual queria impor ao mundo os ideais americanos de democracia e liberdade.

Mas é preciso entender que este processo não ocorreu sem hesitação e críticas de todos os lados. A princípio, Wilson teve amplo apoio da população para manter a neutralidade e foi reeleito em 1916 em grande parte baseado nesta plataforma. Porém, com a complexificação da guerra, os anos seguintes foram marcados por uma crescente preocupação com os rumos da guerra e a ideia de que os Estados Unidos deveriam estar preparados para qualquer desdobramento foi ganhando terreno. Tornava-se cada vez mais difícil manter a neutralidade na prática, com a discussão sobre o Direito Internacional que regia a navegação cada vez ganhando mais importância. Também entre a população os sentimentos forma

mudando, com o apoio à Inglaterra intensificando-se. O que não significa que não houve apoio à Alemanha, especialmente no Meio-oeste e no Sul, onde havia maior concentração de descendentes de alemães.

Neste contexto, os que apoiavam a *preparedness* não estavam necessariamente contra a neutralidade, mas defendiam que no caso de um ataque, o país deveria estar pronto a responder à altura. Theodore Roosevelt foi um dos grandes impulsores desta ideia e também um dos maiores críticos de Wilson no período. Finalmente, a fins de 1915 Wilson acedeu a estas demandas e solicitou ao Congresso fundos para expansão da Marinha e do Exército, mas ainda enfatizava a manutenção da neutralidade. Enquanto isolacionistas e pacifistas temiam que Wilson estivesse levando com isso o país a uma perigosamente curta distância da guerra, a opinião pública em geral parece ter aceitado que ele estava fazendo o melhor possível para manter os Estados Unidos em um delicado equilíbrio entre a neutralidade e a defesa dos interesses nacionais. Era, sem dúvida, uma situação delicada politicamente. O próprio legado de Wilson se viu em cheque por causa desta atitude e, mais ainda depois, por causa da entrada na Guerra. Romero observa que “he pursued a sometimes puzzling and irrational foreign policy vision in which the leadership qualities of his early reforms seemed to elude him completely”. (ROMERO, 2002, p. 103).

Quando chega em Harvard em setembro de 1915, Oliveira Lima acompanha de perto os efeitos deste debate em torno da neutralidade e as recentes medidas tomadas para a preparação. Para o ex-diplomata recém convertido em professor, era especialmente doloroso testemunhar a penetração de ideias belicosas nas universidades, que ele viu sempre como seu contrapeso. Elas podiam jactar-se de ser o refúgio do idealismo nacional, mas agora a guerra na Europa havia transformado também esta instituição. O que lhe causava mais apreensão era que o sentimento belicoso plantado naquele momento não desaparecesse facilmente em um futuro próximo. Era um sentimento que identificava com o imperialismo norte-americano. Um fenômeno que não era em nada novo, afinal o país se formou a “golpes de anexações, compras e conquistas”. Com esta constatação não queria de nenhuma forma censurar os Estados Unidos pela sua expansão. Assim como já havia feito em *Nos Estados Unidos*, Lima justifica a expansão como uma necessidade normal dos organismos que crescem e demandam mais alimento. Era uma característica comum à todas as nações fortes, uma das “fatalidades” da história, aquilo que nos Estados Unidos se chama Destino Manifesto. (LIMA, 1918b).

Lima não questiona, portanto, o Destino Manifesto dos Estados Unidos e nem sua necessidade de expansão, prevendo inclusive que ela alcançaria a Europa. Antes de embarcar para os Estados Unidos analisava que um dos efeitos mais importantes da guerra era a transformação dos Estados Unidos, que já eram “um factor mundial”, em um “factor europeu”⁴⁷⁶. Isto porque entendia que o mundo estava se tornando pequeno demais para que um país desta magnitude ficasse alheio aos acontecimentos nos outros centros de civilização.

A princípio, o que ele viu “com infinita tristesa” do outro lado do oceano foi uma certa apatia entre a população, que parecia não se impressionar mais com horror algum⁴⁷⁷. Ao mesmo tempo, havia aqueles que estavam se beneficiando do conflito e o faziam refletir

Por mais bem que se queira aos Estados Unidos, não se pode deixar de achar imprópria a satisfação com que aqui geralmente se acompanha o andamento da guerra. O essencial não é tanto que ganhem os aliados, como que a guerra se prolongue, porque isso se traduz em ganhos colossais para alguns. (LIMA, 1971i, p. 605).

Na imprensa notava com indignação a “frivolidade, para não dizer indiferença com que se encara a trágica situação europeia”. Não era só a atitude dos capitalistas que lucravam com o conflito que criticava, mas o comportamento de uma boa parte da sociedade norte-americana que estava vivendo “um verdadeiro furor coreográfico” que parecia até “uma epidemia”, enquanto a guerra arrasava a Europa. Feria sua sensibilidade aristocrática com fortes raízes europeias esta falta de demonstrações evidentes de pesar com os destinos do Velho continente. Aliado a isso, havia uma moralidade vitoriana que nunca se acostumaría a certos comportamentos que testemunhava nos Estados Unidos e lhe pareciam nada menos que vulgares. O hábito de dançar em várias reuniões sociais era, certamente, um deles, especialmente naquele contexto. Era com verdadeiro horror que esbravejava contra

Gente de tôdas as idades e de tôdas as condições [que] só pensa em ganhar dinheiro e em tangar. Nos melhores hotéis, tôdas as noites se dança como nos piores cabarets de Paris. Cocottes acotovelam-se sôbre o parquet com senhoras que se dizem de

⁴⁷⁶ LIMA, Oliveira. Efeitos da Guerra II. A sem razão do monroísmo. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 4-4. 13 set. 1915.

⁴⁷⁷ LIMA, Oliveira. A guerra do outro lado do Oceano VI. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 5-5. 11 dez. 1915.

distinção, e nem a idade as refreia. Matronas de cabelos grisalhos e de formas rechonchudas, ostentando seios fartos como repolhos e braços que mais parecem presuntos, sacolejam-se tanto quanto esbeltas raparigas, e velhos calvos, suando com o esforço, não cedem o passo aos atletas universitários. (LIMA, 1971i, p. 605).

Havia, certos meios em que a situação na Europa era motivo de preocupação. A sua impressão era “de que Harvard é um centro apaixonadamente ingles, em muitos casos sendo os partidarios dos aliados mais papistas do que o papa”⁴⁷⁸. Mas ainda assim, não achava que a guerra era o tema dominante no país como na Europa.

O mundo da política certamente não estava alheio ao que acontecia do outro lado do Atlântico e os efeitos da *preparadeness* se faziam sentir. Segundo Lima, só se ouvia falar em aumento dos armamentos militares e navais, em educação militar, enfim em preparação para uma eventual guerra. Para ele, *preparadeness* era “um eufemismo para militarismo que andava na boca de muitos”⁴⁷⁹. A política de armamentos de Wilson para garantir a paz encerrava uma contradição porque estava promovendo a mesma política que na Europa levou à guerra. Era mais um efeito nefasto do conflito. Para combater o militarismo prussiano até as nações que lhe eram mais refratárias estavam aderindo ao militarismo mundial, o que colocava o mundo inteiro em risco. Afinal, “o individuo que anda armado de revolver não só usará delle á menos provocação, mas estará disposto a usar linguagem provocadora. As brigas dos que não carregam armas não podem passar de bate-bocca senão para o terreno do murro, que é um combate secco”⁴⁸⁰.

Para Lima, o preparo militar estava intimamente ligado à ideia de imperialismo e, portanto, estava atento às possíveis implicações para as relações interamericanas. Observa uma nova modalidade da Doutrina de Monroe muito em voga nos Estados Unidos. A antiga “significava que os Estados Unidos, a seu elvedrio, definiriam as ocasiões em que deveriam intervir para manterem á distancia as nações europeás”. Naquela nova conjuntura a questão havia mudado e “os Estados Unidos contam com o

⁴⁷⁸ LIMA, Oliveira. A guerra do outro lado do Oceano VI. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 5-5. 11 dez. 1915.

⁴⁷⁹ LIMA, Oliveira. A guerra do outro lado do Oceano IV. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 4-4. 05 dez. 1915.

⁴⁸⁰ LIMA, Oliveira. A guerra do outro lado do Oceano VII. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 3-3. 14 dez. 1915.

apoio das republicas latino-americanas para defender o continente contra qualquer agressão européa”. Assim, de uma doutrina unilateral ela tornou-se a doutrina continental, na qual os deveres dos novos associados estavam definidos, “sem que o estejam entretanto os seus direitos”⁴⁸¹.

Ele teve ocasião para expressar estas preocupações na conferência que deu durante o banquete da Câmara de Comércio da cidade de Fall River, em Massachussetts. Na ocasião, estavam presentes os membros do Clube de História de Harvard e do Polity Club de Princeton. Ele não se furta a cumprir seu papel já que parecia que “todos aquelles a quem se depara a boa fortuna de uma visita a estes paiz de magnificas paizagens e de intensa vida politica que se chama os Estados Unidos da America, têm que ver o Niagara e que dar sua opinião sobre a doutrina de Monroe”. (LIMA, 1916a, p. 1).

Embora “considere a incoherencia inseparavel da natureza humana e n'alguns casos prova até de intelligencia” declarava que sua posição sobre o assunto não havia ‘variado sensivelmente em vinte annos”. (LIMA, 1916a, p. 1). O que defendeu não era o repúdio total à

Doutrina porque acreditava nela e até considerava possível seu reconhecimento como princípio, desde que perdesse o caráter de doutrina exclusiva dos Estados Unidos e fosse ampliado na forma de uma doutrina continental, fruto de uma resolução geral. Tal como estava planteada, não espantava que fosse considerada suspeita pelos demais países. Porém, se dotada do que chama de feição continental, alteraria seu aspecto egoísta e surgiria como um alicerce do direito internacional.

“Não existe uma comunidade de raça, nem de lingua, nem de religião, nem de tradição entre a America Saxonica [...] e a America Latina”. (LIMA, 1916a, p. 10-11). Mas apostava na existência de pelo menos certos sentimentos comuns, que poderiam levar ao entendimento e ao alcance de excelentes resultados. Portanto, não é preciso que os Estados Unidos invoquem a cada momento a doutrina de Monroe, com “uma insistencia de enervar”. A cooperação, e isso implica o consentimento, era o melhor caminho a seguir nas relações entre os países do continente. Seria muito mais fecundo do que esta evocação constante que “nos faz algumas vezes desejar que Monroe e John Quincy Adams nunca houvessem existido”. Finalmente, invoca a expressão do argentino Saenz Peña, a “América para a humanidade”, que considera um programa muito mais nobre, ao mesmo tempo que mais simples e prático, que o

⁴⁸¹ LIMA, Oliveira. A guerra do outro lado do Oceano VII. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 3-3. 14 dez. 1915.

“América para nós” praticado pelos Estados Unidos. (LIMA, 1916a, p. 13).

O brasileiro teve ainda mais uma oportunidade de expressar pontos de vista parecidos sobre os efeitos da guerra no continente americano no seminário realizado na Clark University, em Worcester, Massachusetts em 16, 17, 18 dezembro de 1915⁴⁸². Intitulado *The Problems and Lessons of the War*, o evento tinha como objetivo discutir a situação internacional e suas consequências para o mundo e para os Estados Unidos. Na conferência *The effect of war upon pan american cooperation*⁴⁸³, Lima opinou que os efeitos da guerra sobre a América Latina estavam sendo economicamente negativos, mas moralmente saudáveis porque vinha aproximando os países, pelo menos os sul-americanos. Sem embargo, era cético com relação à constituição de uma aliança militar defensiva dos países sul-americanos. Era só olhar para os Balcãs, onde povos da mesma raça, ou quase, se enfrentavam, para ter poucas esperanças em qualquer um “desses famosos ‘pan’ em que o mundo anda dividido, segundo se diz para beneficio das raças e animação do progresso; de facto, na maior parte dos casos, para manterem suas rivalidades e seus ódios”⁴⁸⁴. Neste panorama desanimador das relações internacionais, via o pan-americanismo como “por enquanto o mais inoffensivo delles, particularmente quando comparado com o pan-slavismo, o pan-germanismo, o pan-islamismo e outros da família” porque ainda não tinha o mesmo potencial agressivo⁴⁸⁵.

A Grande Guerra já havia deixado marcas na sua visão da humanidade e o fazia declarar: “Acredito piamente na solidariedade

⁴⁸² Lima participou da Sessão da manhã da sexta-feira, 17 de dezembro. Como companheiros de painel teve John A. Walz professor de língua e literatura alemã em Harvard, que tratou do significado de uma possível vitória alemã para a humanidade, e F. E. Chadwick, Almirante da Marinha dos Estados Unidos falando sobre a necessidade de extensão mundial da Doutrina de Monroe através de um acordo internacional como uma necessidade para a paz. Informações do Programa da Clark University Conference on the Problems and Lessons of the War, SB39, OLL.

⁴⁸³ Ver (LIMA, 1916b, 1916d).

⁴⁸⁴ LIMA, Oliveira. Efeitos da guerra sobre a cooperação pan-americana (Discurso pronunciado na Universidade de Clark, em Worcester). **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 3-3. 10 fev. 1916.

⁴⁸⁵ LIMA, Oliveira. Efeitos da guerra sobre a cooperação pan-americana (Discurso pronunciado na Universidade de Clark, em Worcester). **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 3-3. 10 fev. 1916.

americana, mas acredito ainda mais no egoísmo humano”⁴⁸⁶. Neste sentido é que se mostrava irritado com o excesso de referências à Doutrina Monroe no seminário e com a repetição do argumento de que “á America cumpre pelejar as batalhas da democracia”⁴⁸⁷. Ambas ideias utilizadas como argumento para que todo o continente entrasse em um estado geral de “preparação” que lhe parecia ser uma passo a caminho do abandono da neutralidade.

O Congresso Científico Pan-americano realizado em Washington⁴⁸⁸ em janeiro de 1916 deu ensejo a mais manifestações de Oliveira Lima sobre o pan-americanismo. Ele compareceu como convidado e hóspede da *Carnegie Endowment* e também foi nomeado representante do estado de São Paulo⁴⁸⁹. Como aponta Isaza (2011), pode-se observar desde a primeira reunião do gênero em 1898, uma perda de poder dos sujeitos e instituições dedicadas a ciência e um maior protagonismo dos Estados na aprovação de resoluções. Mas foi na reunião em Washington o evento adquiriu um caráter marcadamente oficial, com os delegados oficiais e a orientação das conclusões reguladas em função das relações entre os Estados presentes.

Este caráter político fica claro já no discurso de abertura feito pelo Presidente do Congresso, o embaixador do Chile nos Estados Unidos. Ele afirmou que a Doutrina Monroe chegou a inspirar desconfiança, mas que naquele momento era uma doutrina pan-americana que representava um laço de união no continente, um baluarte para as democracias latinas. Já

⁴⁸⁶ LIMA, Oliveira. Efeitos da guerra sobre a cooperação pan-americana (Discurso pronunciado na Universidade de Clark, em Worcester). **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 3-3. 10 fev. 1916.

⁴⁸⁷ LIMA, Oliveira. Problemas e lições da guerra VIII. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 3-3. 05 abr. 1916.

⁴⁸⁸ Como parte das atividades do Congresso, os delegados fizeram uma pequena viagem a Boston e foram recebidos em Harvard. Durante três dias (14, 15, 16 de janeiro de 1916) participaram de um misto de atividades científicas e políticas que incluíram os cumprimentos do prefeito de Boston, almoço com o presidente Lowell e uma visita à Câmara de Comércio de Boston⁴⁸⁸. Robert Bacon fez questão de estar em Harvard para recepcionar os delegados do Congresso, o que fez com um discurso em espanhol. (SCOTT, 1923, p. 176). A coincidência de pessoas e instituições é um dado interessante a ser levado em conta.

⁴⁸⁹ O convite foi feito pelo seu amigo e Secretário de Agricultura do estado Paulo de Moraes Barros. Também por ele foi incumbido de uma missão econômica no Canadá, levada a cabo em fevereiro de 1916. O objetivo era investigar a viabilidade da exportação do café para Quebec e Montreal. O relatório enviado a Rodrigues Alves, presidente do Estado, nunca foi publicado.

o Secretário de Estado Robert Lansing, fez uma afirmação diametralmente oposta no seu discurso.

The Monroe Doctrine is a national policy of the United States; Pan-Americanism is an international policy of the Americas. The motives are to an extent different; the ends sought are the same. Both can exist without impairing the force of either. And both do exist and, I trust, will ever exist in all their vigor. (“Pan-Americanism an Address by Honorable Robert Lansing Delivered Before the Second Pan-American Scientific Congress at Washington, D.C., December 27, 1915”, 1915, p. 6).

Para Lima, Lansing aplicou “uma ducha fria a esta declaração do diplomata chileno quando estabeleceu uma distinção que até hoje não tinha sido feita”. (LIMA, 1971j, p. 517).

Eu não sei se todos os representantes latino-americanos que se agrupavam em redor do secretário de Estado compreenderam bem o alcance de tais palavras. Não quero com isso ofender os seus dotes intelectuais, mas sempre ouvi dizer que os piores cegos são os que não querem ver. Ora, quer-me parecer que muitos não querem ver. (LIMA, 1971j, p. 517).

Ele via esta distinção como algo fundamental porque explicitava o entendimento dos Estados Unidos de que a Doutrina de Monroe era uma política nacional, enquanto o pan-americanismo era uma política continental. Ou seja, segundo Oliveira Lima (1971b, p. 517) o Secretário disse exatamente o que quis dizer, “que os Estados Unidos não cedem do seu predomínio. Eles inventaram a doutrina que lhes permite exercer a tutela do Novo Mundo, e não só não abrem mão dela como não admitem parcerias”. As duras críticas de Lima às visões do Secretário de Estado de Wilson parecem discrepantes com a opinião favorável que mantinha do Presidente. Mas na verdade fazem todo sentido, se consideram-se outras posições suas. Lansing era um conservador com uma visão extremamente realista das relações internacionais, o que o colocava constantemente em oposição às visões de Wilson sobre política exterior. Ele era também a favor da preparação dos Estados Unidos para uma eventual entrada na guerra, o que o afastou ainda mais de Wilson nos anos posteriores. (LANSFORD, 2011).

Mesmo após o corte das relações diplomáticas com a Alemanha em fins de janeiro de 1917, o Presidente ainda hesitava diante das

pressões do Secretário por uma declaração de guerra. Lima também mantinha esperanças de que o rompimento de relações com a Alemanha não significaria necessariamente guerra. (LIMA, 1917). Quando a declaração de guerra foi finalmente aprovada no Congresso norte-americano em abril daquele ano, o brasileiro foi pego de surpresa porque apesar da conjuntura estava confiante que a visão pacifista de Wilson prevaleceria. Ele, que havia saudado sua fórmula de *peace without a victory* como a aurora de uma nova era para a família humana, terminaria extremamente decepcionado com os rumos da política internacional. (LIMA, 1918c). O Brasil não tardou a seguir o mesmo caminho e declarou guerra à Alemanha em abril de 1917, o que também foi condenado por Oliveira Lima. Para ele, se a América tivesse preservado as tradições de Washington, de Jefferson e de Bolívar, teria mantido a neutralidade contra todas as tentações. Especialmente porque valorizava o papel dos neutros não apenas no desenrolar do conflito, mas no fim da guerra, para organizar os termos da paz, servindo como mediadores entre as partes beligerantes. (LIMA, 1918d).

Sem dúvidas, ele desejava que a neutralidade tivesse sido mais acentuada e rigorosa, mas reconhecia que os Estados Unidos estavam honrando o que prometeram antes de entrar na guerra e que não estavam dispostos a realizar anexações nem embolsar indenizações. Apesar de não concordar com a decisão de Wilson, Lima ainda considerava que havia superioridade na sua posição e esta consistia em desde o princípio encarar a guerra sob o viés humanitário e não da cobiça ou do egoísmo. Mesmo lamentando que ao fim os Estados Unidos tivessem se incorporado ao conflito, mantinha esperanças de que o desfecho pudesse ser positivo e permitisse a criação de “uma verdadeira liga das nações constituída por consentimento mútuo”. (LIMA, 1971k, p. 633). Se este objetivo fosse alcançado, pensava que seria então legítimo “dizer que Washington conquistou a liberdade do seu país; a Lincoln foi dado o ensejo de proclamar a liberdade de uma raça escrava; mas que a Wilson estava reservado o dotar a espécie humana de um dom ainda superior ao da liberdade, que é o da fraternidade”. (LIMA, 1971k, p. 633).

Com o fim da guerra, a situação do continente mudou extraordinariamente com relação ao Velho Mundo e também afetou as relações interamericanas. Sua opinião era de que a guerra veio a favorecer “uma novíssima Doutrina de Monroe - a de cooperação e solidariedade”. (LIMA, 1971l, p. 635). Enfim, via com bons olhos esta “doutrina comum ao Novo Mundo, cabendo proporcionalmente os seus deveres e responsabilidades a cada uma das potências americanas com capacidade para assumira direção dos seus próprios destinos”. (LIMA, 1971e, p.

634). Para as relações entre Brasil e Estados Unidos, via um saldo positivo, já que “intervenção econômica e pedagógica” norte-americana não tinha sido “nem desmoralizadora nem perturbadora”. Portanto, o Brasil só tinha a lucrar com “o desenvolvimento que trazem os capitais, com o espírito de iniciativa, com a direção técnica, com a orientação educativa dos americanos”. (LIMA, 1971I, p. 635). O papel dos Estados Unidos durante a primeira Guerra certamente significou sua afirmação com um ator político global, mas para Lima o medo despertado por este novo papel nos demais países do continente terminou sendo infundado.

E quem julga de boa-fé que os Estados Unidos queriam valer-se da Doutrina de Monroe para jungir-nos ao seu triunfo, quando a Doutrina de Monroe é também nossa? Numa entente não há forçosamente subalternação. A primitiva doutrina, pois que ela teve que evoluir muito, já não corresponde, decerto, à presente situação. Num século quanto não mudam as coisas! Que nações européia pensaria atualmente em fazer de nações americanas suas colônias? (LIMA, 1971I, p. 635).

Sua crença renovada no monroísmo não ficou isenta de críticas no Brasil⁴⁹⁰. Assis Chateaubriand criticou sua defesa do monroísmo como uma doutrina de solidariedade e cooperação, classificando sua posição como ingênua e até “lhe encontrando intenções malignas”. Para Lima o problema com a interpretação de Chateaubriand é que ainda via a Doutrina Monroe associada ao *big stick*, quando o “fato é que esta interpretação desapareceu junto com Roosevelt para ser substituída pela da entente”. (LIMA, 1919b, p. 636). A atual situação era totalmente diferente, no entanto. Não nega que haveria uma substituição da influência econômica europeia pela norte-americana. Via-a mesmo como “uma parte obrigada do andamento da política do Nôvo Mundo”. (LIMA, 1919b, p. 638).

Além do mais, não havia nenhuma opção prática ao pan-americanismo. A fórmula hispano-americana com certeza não seria uma opção porque ainda não havia conseguido ser mais que uma expressão sentimental de solidariedade. A fórmula americana, agora despida de caráter ganancioso e agressivo era muito superior. Não via problema em que a “mola real do pan-americanismo” fosse a política econômica dos Estados Unidos “pela simples razão de que tôda política hoje em dia é

⁴⁹⁰ Publicado também em inglês com o título *Monroeism in the Pan-American Magazine* (LIMA, 1920d).

econômica; mas a dos Estados Unidos não é *exclusivamente* nas mãos de homens tais como vários presidentes americanos, entre eles Wilson”. (LIMA, 1919b, p. 637).

É fundamental destacar que não lhe parecia “lícito, como muitos fazem, atribuir à política exterior dos Estados Unidos meros desígnios interesseiros e cúpidos de ordem material”. Ele estava convencido de que não se podia dizer de um homem como Wilson que “se deixe apenas levar pelos impulsos de ordem econômica e financeira” porque ele já provou suficientemente que é um idealista e que suas deliberações são orientadas em boa medida por princípios. Mesmo que não tenha logrado aplicar o seu evangelho de justiça internacional, nem manter-se fora da guerra, ao menos conseguiu pregá-lo e se não estivesse no Congresso de Versalhes os resultados teriam sido ainda piores. Segundo Lima, na ocasião “a sua voz foi a única desinteressada contra a cobiça das demais”. (LIMA, 1919b, p. 636). Era esta certeza que o fazia declarar que naquele momento, como brasileiro e como americano do sul, estava

“plenamente satisfeito com a maior intimidade de relações entre o Brasil e os Estados Unidos, desde o momento sobretudo em que a Europa enveredou pelo caminho do ódio, da prepotência e da conquista que está cavando sua ruína e que nos faltam ali, no desequilíbrio do momento, a amizade e o apoio [...]”. (LIMA, 1919b, p. 636).

Muito havia mudado no mundo desde a virada do século, mas para Oliveira Lima ao menos uma coisa permanecia igual. A realidade é que os Estados Unidos cometeram alguns pecados políticos na sua existência como nação, mas estes não eram piores que os cometidos por Itália, Inglaterra e França. Todas as grandes potências tratam de ganhar a vida às custas dos concorrentes, mas pelo menos ele encontrava entre os norte-americanos uma dose maior de idealismo e generosidade. Além disso, nas divergências com o Brasil sempre foram justos e “à luz da história diplomática [que] nós não nos podemos queixar de que os Estados Unidos tenham jamais querido, segundo ocorreu com nações européias, atentar contra a soberania brasileira”. Portanto, não havia razões para se “rebelar contra uma ameaça imaginária” (LIMA, 1971, p. 635).

Por isso debochava de uma conferência sobre o “perigo americano” organizada no Rio de Janeiro, no Teatro Fênix. O lugar lhe parecia perfeito, afinal o tal perigo era como a mítica ave, que vive ressurgindo das cinzas. Identifica Eduardo Prado, como o primeiro a denunciar a existência de um perigo nos Estados Unidos em *A ilusão americana*, que considera um livro de humor e não de combate. Nem

mesmo a grande figura do antiamericanismo brasileiro escapa da sua língua ferina. Para Lima, o amigo não tinha convicções arraigadas nem antipatias profundas. Sempre disse que Prado era monarquista por snobismo, já que julgava a República demasiado vulgar e neste mesmo sentido, só se tornou antiamericano porque estava na moda na Inglaterra.

Assim como não acreditava no “perigo americano”, sempre tentou desfazer a ideia da existência de um “perigo argentino”. Lima (1937, p. 63) sempre esteve convencido de que “no Brasil, o receio da Argentina é todo militar e naval e tem sido alimentado por alguns profissionaes de terra e mar e outros tantos jornalistas sem escrúpulos de consciencia e avidos de noticias sensacionais, agindo sobre susceptibilidades mórbidas á força de agitadas”. Depois de uma temporada no Brasil, marcada pela polêmica gerada por seus artigos sobre a Primeira Guerra Mundial que acabaria impedindo seu retorno a Londres⁴⁹¹, Oliveira Lima parte para Argentina. Chega a Buenos Aires no fim de julho de 1918 e permanece no país por 7 meses, dando conferências na capital e em outras cidades⁴⁹². Estanislaio Zeballos chegou a dizer que “los siete meses de visita de Oliveira Lima han hecho más por el Brasil que 20 legaciones”. (MIRANDA, 1957, p. 23). Depois de admirar o país platino por anos, a vista prolongada s[ó] fez aumentar o entusiasmo do brasileiro pelo desenvolvimento econômico, o equilíbrio financeiro e a expansão intelectual que presenciou. Voltou também mais próximo do que nunca de Zeballos, a quem sempre exaltou de longe e agora tornava-se um amigo próximo⁴⁹³. O jurista e ex chanceler lhe abriu importantes no país. Foi através dele que Lima passa a colaborar com frequência na importante

⁴⁹¹ Medeiros e Albuquerque (1981) assume ter sido o culpado pela reviravolta na vida de Oliveira Lima em suas Memórias, contando que entregou ao *Foreign Office* cópias de seus artigos na imprensa sobre a guerra, em que expressava simpatias pela Alemanha na interpretação de várias pessoas. Assim, quando consultado sobre a possibilidade de Lima ir ao país para desenvolver pesquisas em arquivos em uma comissão do Itamaraty, o órgão da chancelaria britânica o declarou persona non grata no país. Acabava aí o sonho de Oliveira Lima de estabelecer-se com sua biblioteca em Londres, para onde nunca pôde retornar mesmo lá tendo residência desde a sua aposentadoria em 1913.

⁴⁹² Todos os discursos foram publicados separadamente. Universidad Nacional de La Plata (LIMA, 1918b), Consejo Nacional de Mujeres (LIMA, 1918a), Faculdade de Direito e Ciências Sociais em Buenos Aires (LIMA, 1918d), Faculdade de Filosofia e Letras em Buenos Aires (LIMA, 1918c). Posteriormente foram reunidos e publicados no livro *Na Argentina* (LIMA, 1920a).

⁴⁹³ Alguns destes textos eram republicados na Argentina, como exemplos ver LIMA, 1916c, 1920b, 1920c.

Revista de Derecho, Historia y Letras, da qual Zeballos foi diretor por mais de vinte anos. O argentino também esteve ligado ao jornal *La Prensa* de Buenos Aires por toda a vida, chegando a ser seu Editor-chefe e Diretor. Sua intervenção foi fundamental para que Lima fosse contratado como colunista do jornal em 1921, o que lhe deu grande prestígio e visibilidade na América Latina.

De regresso da Argentina, o casal Oliveira Lima passa uma temporada em Pernambuco antes de embarcar para os Estados Unidos. Com a possibilidade de retornar a Londres totalmente eliminada, eles decidiram voltar ao lugar onde sempre haviam sido bem recebidos e onde Lima havia conquistado prestígio e admiração. Os planos acalentados por anos para uma aposentadoria entre os livros na Europa teve que ser realocado para o outro lado do oceano. Partiam com um gosto amargo de decepção e mágoa pelos acontecimentos que precipitaram esta mudança de planos, evidente nas suas palavras públicas de despedida. No discurso na posse da nova diretoria do centro acadêmico da Faculdade de Direito do Recife, dava seu adeus a terra natal que já não voltaria a ver aconselhando a mocidade a manter sua independência moral e preservá-la das tentações da corrupção, que não age só através do dinheiro. (LIMA, 1971m).



Fonte: Oliveira Lima Postcard Collection, OLL

6.3 O “EXÍLIO” EM WASHINGTON

Oliveira Lima parte com a esposa rumo a Washington em agosto de 1920 para, como disse Lucas Ayarragaray, iniciar uma nova etapa em que abandonava a ação para entregar-se a vida do pensamento. (Carta de Lucas Ayarragaray a Oliveira Lima, 18/05/1920, OLL). A mudança para os Estados Unidos acabou representando para muitos o ponto final da vida de Oliveira Lima, o que não represente em nada a realidade. Como se verá a seguir, ele permaneceu ativo até os seus últimos dias de vida⁴⁹⁴.

Este último período da sua vida é relevante para esta pesquisa sob vários aspectos. Primeiro porque ele continuou produzindo, o que é praticamente ignorado nas análises sobre sua obra. Um bom exemplo é que aquilo que escreveu em *La Prensa* a partir de 1921 praticamente não é levado em consideração. Além disso, estando em Washington, Lima agora era um observador privilegiado dos intensos debates e

⁴⁹⁴ Publica o *Movimento de Independencia* (LIMA, 1922), logo a longa obra geral *História da Civilização* em três volumes (LIMA, 1921c) e em 1924 colabora com o capítulo *A nova Lusitânia*, no livro *Historia da colonização portuguesa no Brasil*, publicado no Porto (LIMA, 1924). Além disso nunca deixou de colaborar em diversos jornais e de dar conferências.

transformações pelas quais passavam os Estados Unidos após a Primeira Guerra. Sua localização também permitiu que mantivesse o contato com instituições como a União Pan-americana, a Sociedade Americana de Direito Internacional e a *Carnegie Endowment for International Peace*. Estabeleceu ainda novos contatos com intelectuais norte-americanos interessados na América Latina, como o grupo de historiadores em torno da *The Hispanic American Historical Review*. Estas redes em que esteve inserido ajudaram a prover o combustível para a manutenção do seu apoio ao pan-americanismo, renovado a partir da administração Wilson, até o fim da vida.

Além da decisão de ir aos Estados Unidos em si, a doação da sua biblioteca foi sem dúvida um dos capítulos mais controversos da sua vida e ajudou a cristalizar a imagem de um homem amargo e ressentido, que esperou até o último momento para vingar-se do país que o havia tratado mal. Como se não fosse suficiente material para polêmica, havia ainda o desejo de ser enterrado naquele país, o que seria a prova irrefutável do seu desprezo pelo Brasil. Em realidade, ambas as decisões estiveram envolvidas em contextos bastante mais complexos que uma simples demonstração final de ressentimento.

Há vários anos Oliveira Lima acalentava o desejo de reunir sua coleção e poder dedicar-se a ela. O plano inicial era estabelecer-se em Londres após a aposentadoria com este fim, o que não pode ser realizado. Além da decisão pessoal de onde iria viver, o ex-diplomata tinha o problema prático de resolver como transportar cerca de 40.000 livros que estavam dispersos em três países ainda durante a guerra. A empresa não era fácil e nem barata e, assim, a ideia de doar a coleção a uma Universidade nos Estados Unidos foi tomando corpo. No Brasil nenhuma instituição tinha condições de abrigar tamanho acervo e nem de fazer frente aos gastos que implicava reuni-lo. Lima havia conhecido e se maravilhado com as bibliotecas universitárias do país e conhecia exemplos como do geólogo Casper Branner, que com sua biblioteca particular ajudou a fundar o que se tornaria uma das maiores coleções sobre América Latina no país. Houve conversas com Stanford e Harvard, duas instituições com as quais teve contato, mas a falta de fundos não permitiu que nenhuma das duas universidades recebesse a doação. Afinal, decidiu-se pela Universidade Católica da América, em Washington, que já conhecia desde a primeira vez que viveu no país. No capítulo 2, já se viu como ele ficou bem impressionado com a instituição e seus dirigentes, capazes de unir ciência e religião de maneira harmoniosa para construir conhecimento. Também nutria grandes expectativas sobre a Biblioteca porque esperava que ela fosse a base para um Instituto de Estudos Ibero-

americanos, que seria mais um instrumento para estimular o pan-americanismo baseado no mútuo entendimento e a localização da Universidade Católica seria estratégica para fomentar o interesse no projeto. Assim, em 1916 ficou acertada a doação dos livros à universidade, que se responsabilizou totalmente pelos custos de envio e transporte. Lima deixou expressas as condições para a doação, que incluíam a garantia de não dispersão do acervo e que ele pessoalmente se encarregaria da organização da biblioteca. No seu testamento ele nomeia a esposa Flora como herdeira única e universal e determina que a Universidade Católica tomaria este lugar em caso de morte simultânea dos dois ou de que ela falecesse antes. No mesmo documento, registra que não autoriza o transporte post-mortem do seu corpo, desejando ser enterrado no lugar do seu falecimento e deixa as instruções sobre as condições do túmulo. É claro que havia a possibilidade maior de que isto ocorresse no lugar de sua residência, mas não excluía a possibilidade de que viesse a falecer em qualquer outro lugar onde se encontrasse. É, portanto, muito diferente de dizer que ele não quis voltar ao Brasil nem depois de morto. Mais do que um ato político, como foi interpretado, era um ato de caráter muito pessoal, até religioso, pois a sua preocupação era evitar a manipulação e transporte do seu cadáver.

Figura 18 - Oliveira Lima na Universidade Católica da América (1924)



Fonte: Original na OLL

O trabalho de organização foi colossal e muito maior do que o previsto inicialmente. A verdade é que só quando o material começou a chegar é que ele finalmente se deu conta do tamanho da coleção que havia reunido. Foram diversas as prorrogações na data de inauguração da Oliveira Lima Library até a abertura em 1924⁴⁹⁵. Ao mesmo tempo em que cuidava da organização do acervo, continuava escrevendo para a imprensa, participando de congressos e, logo, assumiu a função de Professor na Universidade Católica. Costumava rir da “ironia que é inseparável do destino humano”, e que permitiu que ele que nunca estudou Direito, mas aprendeu na teoria e na prática o direito das gentes durante a carreira diplomática, seria enterrado amortilhado na beca de professor de Direito Internacional. (LIMA, 1986, p. 14)

A chegada aos Estados Unidos coincidiu novamente com as eleições presidenciais. A diferença fundamental com as disputas anteriores é que os grandes temas eram todos domésticos, enquanto nessa o assunto principal era a Liga das Nações. Lima (1971i) notava que o grande tema era a política externa, mas o debate se dava na chave da tradição política nacional, consistindo basicamente na decisão de manter ou rechaçar um princípio que remontava a Washington, o da não interferência em assuntos do Velho Mundo. O candidato Republicano Warren G. Harding dizia que o compromisso assumido por Wilson na Liga obrigaria os Estados Unidos a mandarem seus soldados lutar em guerras europeias, que não eram as suas, contrariando estes princípios. Já o candidato democrata, James M. Cox, defendia que a instituição existia justamente para evitar a eclosão de novos conflitos.

Harding acabou assumindo o governo depois de ganhar as eleições com 60.2% dos votos populares, a maior diferença registrada até então em uma disputa presidencial. (ROMERO, 2002, p. 158). O Republicano encarava sua principal tarefa o reestabelecimento das condições anteriores à guerra. Para isso, sua agenda não era de reformas, mas focada em retomar a normalidade, estabilizar a economia e afastar os temores de um novo conflito. Já no primeiro ano ele sepultou a ideia da Liga das Nações, finalizando um impasse que se arrastava entre Wilson e o Congresso.

Apesar de ter elogiado os esforços moralizadores de Wilson em Versalhes e de ter expressado o desejo de que se constituísse alguma organismo internacional nos moldes da Liga das Nações, Lima não condenou a atitude de Harding. Primeiro, porque via o debate sobre a Liga

⁴⁹⁵ Cartas a Gilberto Freyre, que foi o primeiro a usar o acervo antes mesmo da abertura.

não como expressão de um desejo de hegemonia dos Estados Unidos, mas como expressão da cultura política nacional, como já mencionado. Parecia congruente também a atitude porque ao se absterem de participar da Liga das Nações os Estados Unidos encarnaram o espírito americano de igualdade das nações, que é avesso a um conselho diretor dividido entre membros de direito e permanentes. Para ele, todos os membros deveriam ser eleitos periodicamente para de fato fosse uma organização autônoma. (LIMA, 1923b).

Além disso, ele mesmo fazia ressalvas à forma que se deu à organização. Lima achava que não estava funcionando em Genebra⁴⁹⁶ uma assembleia autônoma porque “só se compreende bem uma liga de nações dispoendo por assim dizer de uma super-soberania, agindo como um organismo independente e superior aos elementos que a compõe”. (LIMA, 1921a). Os políticos ali reunidos pareciam estar só tratando de promover os interesses egoístas dos seus próprios países e não pensando na melhor maneira de garantir a paz mundial. Além disso, suas atribuições eram muito vagas e a falta de autonomia dos delegados, fazia questionar o que poderiam fazer estes representantes que queriam mudar o mundo, mas não tinham poderes para legislar, executar e celebrar tratados, nem ter função jurídica alguma sem ter que referir-se ao seu país?

Apesar das grandes diferenças de personalidade e estilo de governo com seu antecessor, Lima aprovava os resultados da eleição. Depois de Wilson, que era “altaneiro” nas suas relações com o Congresso, convinha ter na presidência alguém como Harding, paciente, prudente e com tato político, o que ele chama de “geitoso” e “maneiroso”⁴⁹⁷. Gostava do seu estilo diplomático e o defendia das críticas de procrastinador e irresoluto. Na sua avaliação, da sua maneira ele estava pondo em pratica a moralização econômica e administrativa necessária. Harding não tinha o mesmo entusiasmo de Wilson pelas causas internacionais, mas não deixou de tentar minimizar os receios da eclosão de futuros conflitos que ainda permaneciam no ar. Sua medida mais relevante neste sentido foi convocar a Conferência Naval de Washington, que funcionou de 12 de novembro de 1921 a 6 de fevereiro de 1922. A conferência deixou claro que, apesar de ter rejeitado o Tratado de Versalhes, os Estados Unidos queriam ser um importante ator diplomático internacional. A participação

⁴⁹⁶ Depois de reunir-se pela primeira vez em Paris depois de sua criação no Tratado de Versalhes, a partir de novembro 1920 a sede da Liga das Nações passou a ser Genebra, na Suíça.

⁴⁹⁷ LIMA, Oliveira. Harding, o temporizador. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, p. 3-3. 20 ago. 1921.

dos Estados Unidos nas negociações deste tipo eram para Lima “indispensável tanto pela sua relevância política, econômica e financeira, como pela sua significação moral”⁴⁹⁸.

O ex-diplomata brasileiro compareceu à primeira sessão pública e saiu “com a impressão, pode quase dizer-se a certeza, de que se chegaria a um entendimento”⁴⁹⁹. Agradou-lhe a atmosfera de cordialidade, que fazia notar “que era uma conferência de paz e não de guerra” e previu que poucas vezes a história diplomática teria a oportunidade de registrar uma “reunião tão simples, tão impressiva e tão sugestiva”⁵⁰⁰. Estava muito otimista com o papel dos Estados Unidos como líderes da iniciativa que buscava reestabelecer o equilíbrio no sistema internacional através da limitação da proliferação de armamentos. Era por isso que opinava que “os Estados Unidos exercem uma influência de paz e não de guerra, se bem que lhes caiba hoje a preponderância da força, é sincero o seu desejo de que as nações europeias reduzam o mais possível seus armamentos terrestres”.⁵⁰¹ O resultado prático foi a assinatura dos primeiros grandes acordos internacionais de desarmamento desde o Congresso de Viena em 1815. Harding habilmente conseguiu a aprovação do Congresso para os nove tratados resultantes do encontro.

É totalmente compatível com sua crença no poder do Direito Internacional para regular os antigos conflitos e evitar novos a atitude otimista de Oliveira Lima com a Conferência. E foi como representante da Sociedade Brasileira de Direito Internacional que ele compareceu à reunião anual da Sociedade Americana de Direito Internacional em Washington (de 27 a 30 de abril de 1921), exatamente para falar sobre a reconstrução do Direito Internacional. Foi convidado por James Brown Scott para ser conferencista na noite de abertura, o que era uma honra a mais já que o único outro discurso seria o de Elihu Root. Na sua fala Lima enfatizou a importância da existência de um marco legal para as relações internacionais, que não podem prosperar sem a existência de uma regra ética suprema que deve ser obedecida por todas as nações e que não pode ser violada sem que os países sejam responsabilizados.

⁴⁹⁸ LIMA, Oliveira. Ao redor da Conferencia VII. O problema das reparações. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 5-5. 15 fev. 1922.

⁴⁹⁹ LIMA, Oliveira. Ao redor da Conferencia I. A limitação dos armamentos. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 3-3. 23 dez. 1921.

⁵⁰⁰ LIMA, Oliveira. Ao redor da Conferencia I. A limitação dos armamentos. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 3-3. 23 dez. 1921.

⁵⁰¹ LIMA, Oliveira. Ao redor da Conferencia VII. O problema das reparações. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 5-5. 15 fev. 1922.

We all feel in this hemisphere in the same way, and we are truly Pan-American in this, as in other senses. It is consequently most happy and most appropriate that the reopening of the labors of the American Society of International Law be presided over, as its meetings previously were, by the most distinguished Pan-American of the United States - The Honorable Elihu Root, who left in South America an everlasting recollection for his sincerity of purpose, his diplomatic ability and the broad and deep meaning of his utterances. (LIMA, 1921d, p. 14).

Estava convencido que uma das grandes lições derivadas do conflito na Europa era a de que “culture is a vain word when not associated with the cult of law”. (LIMA, 1921d, p. 14). E era neste sentido que aquela Sociedade certamente estava destinada a ser o melhor instrumento para a reconstrução do Direito Internacional e sua posterior aplicação em casos concretos. Além disso, depois que os Estados Unidos tinham definitivamente rejeitado a adesão à Liga das Nações, uma atitude em sintonia com a vontade do povo que votou em Harding, o país estava livre para ter uma atuação independente na arena internacional. Uma ação na qual deveriam assumir “the moral guidance of the world, in the same way as circumstances have brought within their reach the political, social, financial and economical leadership”. (LIMA, 1921d, p. 18).

A crença de que os Estados Unidos estavam fadados a tomar o papel de líderes nas finanças e no comércio mundial, era algo que a Primeira Guerra havia ajudado a consolidar. Depois da gestão de Wilson e com a hábil condução de Harding, Lima estava agora também convencido de que o país detinha a última reserva moral do mundo. Isto lhes dava não só o direito, mas o dever, de exercer também esta liderança no continente.

Ao participar da reunião anual da *American Historical Association* em Washington (27 a 30 de dezembro de 1920), Lima expressou-se neste sentido. Em uma sessão em conjunto com a *American Political Science Association*, Leo S. Rowe, o novo diretor da União Pan-americana, coordenou uma sessão sobre relações políticas e diplomáticas pan-americanas. Na sua comunicação intitulada *Pan-americanism and the League of Nations*, o brasileiro reafirmou que o Bureau das Repúblicas Americanas pôde se transformar na União Pan-americana justamente porque os Estados Unidos não buscavam criar dependências.

It proves that at least one league of nations exists on earth and that it has been succesful since it is a reality. Why? because it was founded on the theory of equality; it has tried to act according to justice and it has for its aims peace and prosperity for all the countries of the New World. We must only bear in mind that practice does ot always correspond to theory and that human justice is far from perfection. Our Pan American league may, however, stand as a model. (LIMA, 1921b, p. 239).

A Doutrina Monroe que iniciou como uma política de proteção, poderia agora ser considerada uma política de controle, mas a verdade é que pretendia ser uma política de cooperação. Se havia um efeito positivo da guerra era ter transformado o pan-americanismo de ser uma palavra vazia ou um truque diplomático a um ponto real de convergência de aspirações, na base de uma associação regular, refletida na estrutura de uma organização sólida. A diversidade de raça, idioma, religião, tradições e até de sistemas de governo em certo momento, foi superada no continente devido à unidade gerada por princípios jurídicos que se elevaram acima destas diferenças.

It is true that a certain big stick made its appearence, but a big stick is not necessarily the negation of familiy feelings. It may be fraternal; it is not necessarily tyrannical. Blows do not hurt less for that, but we must always look to intentios, as they may prove good ans in spite of the saying, Humanity is guided by intentions more than by anything else. (LIMA, 1921b, p. 241).

Certamente suas expressões de apoio à cultura do Direito Internacional ao novo pan-americanismo representado pela União Pan-americana agradavam em Washington⁵⁰². Novamente a convite de James Brown Scott Oliveira Lima teve a oportuna oportunidade de participar de um importante espaço de sociabilidade intelectual nos Estados Unidos. Ele foi o primeiro latino-americano a participar do Instituto de Política organizado pelo Williams College, em Williamstown, Massachusetts. O

⁵⁰² O Boletim da União Pan-americana recomendava: “All of these educational institutions will be fortunate in listening to Dr. de Oliveira Lima, for he is recognized' as one of the foremost scholars and statesmen of Brazil. The success which will surely attend his lectures should be instrumental in the movement to bring more scholars of his kind from Latin America and to send representative United States scholars to Central and South America, as advocated for a long time by the Pan American Union”. (“Lectures by Senhor M. de Oliveira Lima”, 1912).

evento ocorreu durante quase todo o mês de agosto de 1922 e Lima deu seis palestras que compunham o programa que ele chamou de *Modern Brazil in Its Political, Economic and Social Aspects*. Estas palestras foram reaproveitadas por ele para compor as quatro conferências inaugurais da cátedra de estudos brasileiros da Faculdade de Lisboa. Com seu estado de saúde se agravando, Lima e Flora decidem fazer uma viagem à Europa em 1923, para uma cura na Alemanha. Mesmo com a viagem por motivos de saúde, aceita o convite para participar da inauguração na sua antiga casa de estudos.

Lima repete em Portugal, portanto, o que já havia dito nos Estados Unidos. Que acreditava na derrubada do “fetiche do monroísmo”, que cairia em desuso pela sua simples inutilidade devido ao fim de qualquer ameaça europeia, devido à situação de “confusão” – porque não quis dizer “decadência” – do continente após a guerra. (LIMA, 1923b, p. 102). No seu lugar ficará como doutrina continental o pan-americanismo, que qualificava de “expressão purificada e superior da doutrina de Monroe.” (LIMA, 1923b, p. 103–104). Era a manifestação natural da cordialidade entre os diferentes membros políticos de um grupo de nações destinadas a formar uma sociedade sem laços legais ou compromissos especificados, mas com obrigações morais compartilhadas. Este pan-americanismo não era mais uma expressão vazia, era a base que formava

o alicerce da grandeza do Novo Mundo, sobretudo porque o pan-americanismo nunca pôde ser reputado ambicioso ou violento como o pan-germanismo ou o pan-slavismo, visto que nesse ideal comungam as nações fortes e as nações fracas do continente, de raça ibérica ou de raça saxônica. (LIMA, 1923b, p. 102).

7 CONCLUSÕES

A análise da obra de Oliveira Lima permitiu concluir que ele não foi anti-imperialista em nenhum momento da sua carreira e que chegou a ver com simpatia a política colonial dos Estados Unidos em seus primórdios. Mesmo depois tendo criticado certos aspectos do expansionismo imperialista norte-americano, obras como *Nos Estados Unidos*, em *No Japão* e os vários textos sobre o colonialismo belga e inglês deixam clara a importância das ideias sobre raça e a influência do Darwinismo social na sua concepção de política internacional e sobre a questão do imperialismo. Em diferentes graus de intensidade ao longo da carreira estava convencido do excepcionalismo dos Estados Unidos e até da existência de um Destino Manifesto.

Mesmo o seu anti-panamericanismo, já que anti-americanismo parece totalmente fora de propósito, precisa ser matizado. Se há algo que se desprende da leitura da suas contribuições jornalísticas ao longo de mais de vinte anos é que sua simpatia pelas instituições e pelo povo norte-americano, nunca arrefeceu. Há certamente um período mais crítico da política externa posta em prática pelos Estados Unidos, visivelmente como efeito do Corolário Roosevelt, e que coincidiu com a realização da III Conferência Pan-americana no Rio de Janeiro, que no entanto não é constante na sua obra. A visibilidade alcançada por estas críticas está diretamente ligada ao fato delas expressarem também divergências aos dois homens mais importantes da diplomacia brasileira na Primeira República, o Barão do Rio Branco e Joaquim Nabuco. Essa visibilidade só fez aumentar com a publicação de boa parte destes artigos na forma do livro intitulado *Pan-americanismo (Monroe, Bolivar, Roosevelt)*. Que a maioria dos estudiosos das suas ideias tenha se detido exclusivamente nesta obra ajuda a explicar porque a imagem de anti-americano ou anti-imperialista tenha se formado em torno da sua obra. É importante ressaltar que isto não significa minimizar as críticas que fez aos Estados Unidos em vários momentos sobre sua política doméstica e exterior. Ambas certamente foram mais intensas durante o governo Roosevelt, mas também existiram durante os mandatos de Taft e Wilson.

O período na Venezuela certamente serviu para arrefecer alguns preconceitos sobre os países vizinhos da América Latina e estimular a revisão de algumas posturas, especialmente sobre a raça e seu papel no desenvolvimento dos países. Um processo que já havia iniciado no Japão e tomou mais força. O contato com intelectuais hispano-americanos foi fundamental neste sentido. No entanto, é um exagero atribuir a esse momento um descobrimento da América Latina como projeto ou mesmo

de uma identificação completa. Ele permaneceu com muitos dos seus preconceitos oriundos de uma formação europeia, via no Brasil uma superioridade derivada da herança portuguesa mais pacífica que a espanhola e que só se fortaleceu com o Império. Sua posição sobre a intervenção norte-americana durante a Revolução Mexicana é exemplar neste sentido. Reconhecia as mazelas do país, em muito atribuídas a ele mesmo e ao seu povo mestiço, mas terminava aceitando o benefício da intervenção de uma “raça superior e consciente do seu papel no mundo”. Para ele, a soberanias deveriam ser respeitadas se a nações “se fizessem respeitar”. Muito da confiança que tinha nos Estados Unidos vinham da certeza da superioridade do Brasil sobre os vizinhos, que não daria “motivos” para uma intervenção. Ainda que mantivesse contatos e até amizade com intelectuais hispano-americanos ligados a movimentos anti-americanos e anti-imperialistas, ele nunca chegou nem perto das visões radicais de gente como José Ingenieros, Manuel Ugarte e Carlos Pereyra . Nem na sua fase mais crítica ele foi tão radical com eles em atos ou palavras.

Os dois períodos nos Estados Unidos, em 1912 e em 1915-16, serviram para consolidar a sua admiração pelas características “da raça” e aproximá-lo das organizações defensoras do Pan-americanismo, como a União Pan-americana, a Sociedade Pan-americana e a Carnegie Endowment for Peace. O fato dele ser convidado e aceito no seio destas instituições é por si um dado relevante, que demonstra que ainda que tenha sido crítico de políticas ou acontecimentos pontuais não era visto como um anti-panamericano ferrenho. Estes períodos marcados pela ascensão de Woodrow Wilson ao poder e por um ambiente reformista, internacionalista e pacifista foram determinantes para que Oliveira Lima passasse a declarar-se um defensor do novo Pan-americanismo que representavam.

8 REFERÊNCIAS

8.1 ARQUIVOS CONSULTADOS:

Estados Unidos

Oliveira Lima Library – Universidade Católica da América,
Washington

Family Papers

Oliveira Lima's Scrapbooks

Oliveira Lima's Postcard Collection

Harvard University Archives

Harvard University. President's Office. Records of the President
of Harvard University, Abbott Lawrence Lowell, 1909-1933

Funds - Latin-American Chair [Series 1914-1917] UAI 5.160, Box
65, Folder number: 253

Records of the Harvard History Club, 1898-1945.

Argentina

Archivo General de la Nación Argentina– Buenos Aires

Fondo Manuel Ugarte

Centro de Documentación e Investigación de la Cultura de
Izquierdas en Argentina (CeDInCI) – Buenos Aires

Fondo José Ingenieros

México

Archivo Histórico Genaro Estrada – Secretaria de Relaciones
Exteriores – Cidade do México

Alemanha

Ibero-Amerikanische Institut – Berlim

8.2 PERIÓDICOS CONSULTADOS

Estados Unidos

Albion Democrat

Atlanta Constitution

Boston Daily Globe

Boston Evening Globe

Christian Science Monitor
Detroit Free Press
Hartford Courant
Kingston Gleaner
Los Angeles Times
Miami Herald
Mountain Democrat
New York Times
New York Tribune
Oakland Tribune
Outlook
Philadelphia Inquirer
San Francisco Chronicle
The Appeal
The Baltimore Afro American
The Bookman
The Dial
The Fort Wayne News
The Hawaiian Star
The Hutchinson News
The Independent
The Living Age
The North Adams Transcript
The North American Review
The San Francisco Call
The Sun
The Washington Herald
The Washington Times
The Waterloo Times Tribune
Wall Street Journal
Washington Post

Brasil

A Província do Pará
Correio da Manhã
Diário de Pernambuco
Folha do Amazonas
Gazeta de Notícias
Jornal do Brasil
Jornal do Commercio (Rio de Janeiro)

Jornal do Recife
 O Estado de São Paulo
 O Paíz
 Tribuna de Santos

América Latina

El Comercio (Lima, Peru)
 El Mercurio (Valparaíso, Chile)
 El Universal (Caracas, Venezuela)
 La Nación (Buenos Aires, Argentina)
 La Prensa (Buenos Aires, Argentina)

Europa

Economist (Londres, Inglaterra)
 L'indépendance Belge (Bruxelas, Bélgica)
 O Repórter (Lisboa, Portugal)
 The Times (Londres, Inglaterra)

8.3 REFERÊNCIAS CITADAS

8.3.1 Obras de Oliveira Lima

- LIMA, O. A evolução da litteratura brazileira. **Revista de Portugal**, v. I, n. 6, p. 643–667, 1889.
- LIMA, O. **Pernambuco: seu desenvolvimento historico**. Leipzig: F. A. Brockhaus, 1895.
- LIMA, O. **Aspectos da litteratura colonial brazileira**. Leipzig: F. A. Brockhaus, 1896a.
- LIMA, O. **Sept Ans de République au Brésil, 1889-1896**. Paris: Librairie de la “Nouvelle Revue”, 1896b.
- LIMA, O. Primeiras impressões dos Estados Unidos I. **Revista Brazileira**, v. VII, p. 73–78, 1896c.
- LIMA, O. Primeiras impressões dos Estados Unidos II. **Revista Brazileira**, v. VIII, p. 222–227, 1896d.
- LIMA, O. Primeiras impressões dos Estados Unidos III. **Revista Brazileira**, v. VII, p. 337–342, 1896e.
- LIMA, O. Primeiras impressões dos Estados Unidos IV. **Revista Brazileira**, v. VIII, p. 49–54, 1896f.
- LIMA, O. Primeiras impressões dos Estados Unidos V. **Revista Brazileira**, v. VIII, p. 142–147, 1896g.

- LIMA, O. Primeiras impressões dos Estados Unidos VI Nova-York. **Revista Brasileira**, v. VIII, p. 205–211, 1896h.
- LIMA, O. Primeiras impressões dos Estados Unidos VII Washington. **Revista Brasileira**, v. VIII, p. 371–376, 1896i.
- LIMA, O. O Catholicismo nos Estados Unidos. **Revista Brasileira**, v. 10, p. 193–, 1897a.
- LIMA, O. A sociedade nos Estados Unidos. **Revista Brasileira**, v. X, p. 42, 1897b.
- LIMA, O. **Nos Estados Unidos. Impressões políticas e sociaes**. Leipzig: F. A. Brockhaus, 1899a.
- LIMA, O. Escriutores americanos (Mark Twain-John Fiske). **Revista Brasileira**, v. XVIII, n. 88, p. 129–158, 1899b.
- LIMA, O. O Brazil e os estrangeiros. **Almanach Popular Brasileiro**, p. 182, 1902.
- LIMA, O. **Relação dos Manuscritos portuguezes e estrangeiros, de interesse para o Brazil, existentes no Museu Britannico de Londres**. Rio de Janeiro: Compahia Typographica do Brazil, 1903a.
- LIMA, O. **No Japão. Impressões da terra e da gente**. Rio de Janeiro, São Paulo, Recife: Laemmert & co., 1903b.
- LIMA, O. **Secretario d’El-rey: peça historica nacional em 3 actos**. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1904a.
- LIMA, O. **Vida diplomatica: segunda conferencia realisada no Instituto Archeologico do Recife por iniciativa da officina litteraria Martins Junior aos 22 de dezembro de 1904**. Recife: Typographia do Jornal do Recife, 1904b.
- LIMA, O. **Pan-americanismo (Monroe, Bolívar, Roosevelt)**. Rio de Janeiro, Paris: H. Garnier, 1907.
- LIMA, O. **Cousas diplomáticas**. Lisboa: A Editora, 1908a.
- LIMA, O. **Le Brésil. Ses limites actuelles ses voies de pénétration, rapports présentés au Congrès International de Géographie de Genève, Juillet-Aout 1908**. Anvers: Mission Brésilienne D’Expansion Économique, 1908b.
- LIMA, O. Sur l’évolution d’une Ville du Nouveau-Monde, du XVIème au XXe Siècle - À Propos de la Récente Transformation du Rio de Janeiro. In: LIMA, O.; GEORLETTE, M. F. A. (Eds.). **Deux mémoires Sur l’évolution de Rio de Janeiro**. Anvers: Publié par la Mission d’Expansion Economique du Brésil, 1909a. p. 5–20.
- LIMA, O. **La langue portugaise. La Littérature Brésilienne. Conférence faites les 18 et 25 Janvier 1909 à l’Université de Louvain**. Anvers: Mission Brésilienne D’Expansion Economique, 1909b.

- LIMA, O. Préface. In: VILLANUEVA, C. A. **Napoleón y la independencia de América**. Paris: Casa Editorial Garnier Hermanos, 1911a. p. VIII–XII.
- LIMA, O. **Formation historique de la nationalité brésilienne: série de conférences faits en Sorbonne**. Paris: Garnier, 1911b.
- LIMA, O. **A protecção dos aborígenes brasileiros**. London: Harrison and Sons, 1912a.
- LIMA, O. Camoes. **Bulletin de la Bibliothèque Américaine (Amérique Latine)**, n. 10, p. 301–303, 1912b.
- LIMA, O. Le Brésil et les étrangers I. **La Revista de America**, v. I, n. I, p. 13–25, jun. 1912c.
- LIMA, O. Le Brésil et les étrangers II. **La Revista de America**, v. I, n. II, p. 151–166, jul. 1912d.
- LIMA, O. A America para a humanidade. **La Revista de America**, v. I, n. IX, p. 181–190, 1913a.
- LIMA, O. A America para a humanidade (Conclusión). **La Revista de America**, v. I, n. X, p. 257–275, 1913b.
- LIMA, O. Sud América juzgada por un brasileño. **Revista de Derecho, Historia y Letras**, v. XLIV, p. 173–177, 1913c.
- LIMA, O. The Relations of Brazil with the United States. **International Conciliation**, n. 69, ago. 1913d.
- LIMA, O. A nossa diplomacia. In: SOCIEDADE DE CULTURA ARTISTICA. **Conferencias 1912-1913**. São Paulo: TYP. Cardozo Filho & Comp., 1914a. p. 203–234.
- LIMA, O. **America Latina e a America Inglesa: a evolução brasileira comparada com a Hispano-Americana e com a Anglo-Americana**. Rio de Janeiro: Garnier, 1914b.
- LIMA, O. A Doutrina de Monroe. **Revista do Brasil**, v. 2, n. 1, p. 1–15, 1916a.
- LIMA, O. The Effect of the War upon Pan-American Cooperation. In: BLAKESLEE, G. H. (Ed.). **The Problems and Lessons of the War. Clark University Addresses. December 16, 17 and 18, 1915**. New York and London: G.P. Putnam's Sons, 1916b. p. 357–368.
- LIMA, O. Las agresiones al Dr. Zeballos. **Revista de Derecho, Historia y Letras**, v. LV, p. 356, 1916c.
- LIMA, O. The Effect of the War upon Pan American Co-operation. **The Advocate of Peace**, v. 78, n. 1, Pan American Number, p. 13–16, jan. 1916d.
- LIMA, O. A visão da guerra. **Revista de Derecho, Historia y Letras**, v. LVII, p. 302–306, 1917.

- LIMA, O. Reminiscencias Diplomáticas. **Revista de Derecho, Historia y Letras**, v. LXII, p. 26–34, 1918a.
- LIMA, O. Mi professorado en Harvard. **Revista de Derecho, Historia y Letras**, v. LXI, p. 452–464, 1918b.
- LIMA, O. La diplomacia secreta y la diplomacia mundana. **Revista de Derecho, Historia y Letras**, v. LXI, p. 309–319, 1918c.
- LIMA, O. La sociedad de las naciones americanas en el derecho de gentes. **Revista de Derecho, Historia y Letras**, v. LXI, p. 170–184, 1918d.
- LIMA, O. **Formación histórica de la nacionalidad brasileña**. Madrid: Editorial América, 1918e.
- LIMA, O. La Beneficencia Argentina. **Revista de Derecho, Historia y Letras**, v. LXIV, p. 458–465, 1919a.
- LIMA, O. O Monroísmo. In: LIMA, O.; SOBRINHO, B. L. **Obra Seleta**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1919b. p. 636–638.
- LIMA, O. **Na Argentina: impressões 1918-19**. São Paulo: Weiszflog Irmãos, 1920a.
- LIMA, O. Um grande trabalhador. **Revista de Derecho, Historia y Letras**, v. LXV, p. 160–163, 1920b.
- LIMA, O. O Sr. Zeballos. **Revista de Derecho, Historia y Letras**, v. XXII, p. 34–37, 1920c.
- LIMA, O. Monroeism. **The Pan-American Magazine. A Review of International Affairs**, v. XXX, n. 3, p. 166–168, jan. 1920d.
- LIMA, O. A farça de Genebra. **Revista de Derecho, Historia y Letras**, v. LXVIII, p. 318–321, 1921a.
- LIMA, O. Pan Americanism and the League of Nations. **The Hispanic American Historical Review**, v. 4, n. 2, p. 239–247, 1921b.
- LIMA, O. **História da Civilização (traços geraes)**. São Paulo: Comp. Melhoramentos de S. Paulo; Weiszflog Irmãos incorporado, 1921c.
- LIMA, O. **The Reconstruction of International Law**. Proceedings of the American Society of International Law at Its Annual Meeting. Washington, D.C.: American Society of International Law, abr. 1921d.
- LIMA, O. **O movimento da independência 1821-1822**. São Paulo: Comp. Melhoramentos de S. Paulo; Weiszflog Irmãos incorporado, 1922.
- LIMA, O. **Aspectos da história e da cultura do Brasil. Conferências inaugurais**. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1923b.
- LIMA, O. A Nova Lusitania. In: **História da colonização portuguesa no Brasil**. Porto: Litografia Nacional, 1924. p. 287–323.
- LIMA, O. Robert Southey. In: LIMA, O.; SOBRINHO, B. L. **Obra Seleta**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1971a. p. 214–232.

- LIMA, O. O velho Curso Superior de Letras de Lisboa. In: LIMA, O.; SOBRINHO, B. L. **Obra Seleta**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1971b. p. 239–246.
- LIMA, O. Teófilo Braga I. In: LIMA, O.; SOBRINHO, B. L. **Obra Seleta**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1971c. p. 232–235.
- LIMA, O. Guilherme Moniz Barreto. In: LIMA, O.; SOBRINHO, B. L. **Obra Seleta**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1971d. p. 208–213.
- LIMA, O. Alexandre Herculano. In: LIMA, O.; SOBRINHO, B. L. **Obra Seleta**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1971e. p. 247–254.
- LIMA, O. Elogio a Varnhagen. In: LIMA, O.; SOBRINHO, B. L. **Obra Seleta**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1971f. p. 531–557.
- LIMA, O. A valorização do café nos Estados Unidos. In: LIMA, O.; SOBRINHO, B. L. **Obra Seleta**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1971g. p. 568–571.
- LIMA, O. O intelectualismo na política americana. In: LIMA, O.; SOBRINHO, B. L. **Obra Seleta**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1971h. p. 571–583.
- LIMA, O. Um discurso belicoso II. In: LIMA, O.; SOBRINHO, B. L. **Obra Seleta**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1971i. p. 604–607.
- LIMA, O. O Congresso Pan-americano I. In: LIMA, O.; SOBRINHO, B. L. **Obra Seleta**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1971j. p. 515–517.
- LIMA, O. O problema da paz e o papel dos Estados Unidos. In: LIMA, O.; SOBRINHO, B. L. **Obra Seleta**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1971k. p. 623–633.
- LIMA, O. A Doutrina de Monroe. In: LIMA, O.; SOBRINHO, B. L. **Obra Seleta**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1971l. p. 633–635.
- LIMA, O. Cosmopolitismo e nacionalismo. In: LIMA, O.; SOBRINHO, B. L. **Obra Seleta**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1971m. p. 801–807.
- LIMA, O. O pleito presidencial de Novembro I. In: LIMA, O.; SOBRINHO, B. L. **Obra Seleta**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1971n. p. 640–642.
- LIMA, O. Napoleão e a Independência do Novo Mundo. In: LIMA, O.; SOBRINHO, B. L. **Obra Seleta**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1971o. p. 699–701.
- LIMA, O. **Estudos literários**. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1975.

LIMA, O. **Memórias: (estas minhas reminiscências...)**. Recife: FUNDARPE Diretoria de Assuntos Culturais, 1986.

LIMA, O.; SOBRINHO, B. L. **Obra seleta**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1971.

8.3.2 Obras gerais

A criação do Jornal do Brasil. **Cadernos do CHDD**, v. 3, n. 5, p. 237–238, 2004.

ABREU, B. DA C. F. **Leitores e produção bibliográfica no Brasil - Um esboço para o estudo de dois casos: A Brasiliana exilada - A biblioteca de Oliveira Lima e A obra perdida de Aluisio Azevedo**. Associação Nacional de História - ANPUH XXIV Simpósio Nacional de História. Disponível em:

<[http://shh2007.anpuh.org/resources/content/anais/Bernardino da Cunha F Abreu.pdf](http://shh2007.anpuh.org/resources/content/anais/Bernardino%20da%20Cunha%20F%20Abreu.pdf)>. Acesso em: 25 mai. 2012.

ABREU, B. DA C. F. **Oliveira Lima: um olhar brasileiro no Japão**. Rio de Janeiro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em História, 2008.

ACEVEDO, E. O. **Carlos Pereyra, historiador de América**. Sevilla: Escuela de Estudios Hispano-Americanos, 1986.

ALBUQUERQUE, M. E. Sete annos de Republica no Brazil (A proposito de um folheto). **Revista Brasileira**, v. VIII, p. 237–243, 1896.

ALBUQUERQUE, M. E. **Quando eu era vivo. Memórias, 1867 a 1934. Edição póstuma e definitiva**. Rio de Janeiro: Record, 1981.

ALEIXO, J. C. B. O Brasil eo Congresso Anfictiônico do Panamá. **Revista Brasileira de Política Internacional**, v. 43, n. 2, p. 170–191, 2000.

ALMEIDA, P. R. DE. Oliveira Lima e a diplomacia brasileira no início da República um intelectual com idéias fora do lugar ou com propostas fora da época? **Remate de Males**, v. 24, p. 121–137, 2004.

ALMEIDA, P. R. DE. Dois tocquevilleanos brasileiros: Hipólito da Costa e Oliveira Lima. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 90, p. 1–11, 2008.

ALMEIDA, P. R. DE. O império em ascensão (por um de seus espectadores). In: LIMA, O. **Nos Estados Unidos, Impressões políticas e sociais**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2009. p. 9–39.

ALONSO, A. **Idéias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil- Império**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ARANHA, G. **Machado de Assis e Joaquim Nabuco. Commentarios e notas á correspondencia entre estes dous escriptores**. São Paulo:

Monteiro Lobato & C. Editores, 1923.

ARMANI, C. H. Exterior constitutivo e interior transitivo: os componentes identitários do Brasil e seus outros no pensamento de Eduardo Prado. **Estudos Ibero-Americanos**, v. XXXI, n. 1, p. 167–180, 2005.

ASSIS, M. DE. **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v. III

AZEVEDO, A. **O Japão**. Brasília: FUNAG, Fundação Alexandre de Gusmão, 2011.

BACON, R. **For Better Relations with our Latin American Neighbors: a Journey to South America**. Washington, D.C.: Carnegie Endowment for International Peace, 1916. v. Part I

BAGGIO, K. G. A “outra” América: A América Latina na visão dos intelectuais brasileiros ds primeiras décadas republicanas. São Paulo, Universidade de São Paulo: Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em História, 1998.

BARRETO, L. **Os bruzundangas**. 3a. ed. São Paulo: Editora Ática, 2002.

BARRETO, L. **Diário íntimo**. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2003.

BARRETT, J. **The Pan American Union: Peace, Friendship, Commerce**. Washington, D.C.: Pan American Union, 1911.

BEAL, T. Lima, Manuel de Oliveira. In: **New Catholic Encyclopedia**. Detroit, Washington D.C.: Thomson/Gale, Catholic University of America, 2003. p. 587–588.

BELLOTTO, H. L. As Bibliotecas Especializadas em Estudos Brasileiros no Exterior: Características e Responsabilidade. **Revista de Biblioteconomia**, v. 5, n. 2, p. 917–976, 1977.

BEZERRA, A. **A bibliotheca de Oliveira Lima. Conferencia realizada a 7 de julho 1928, no salão nobre de honra da Escola Polytechnica**. Rio de Janeiro: Oficinas Graphicas do Archivo Nacional, 1931.

BLAKE, A. V. A. S. Manuel de Oliveira Lima. In: **Diccionario Bibliographico Brasileiro**. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1970a. v. 6p. 174–175.

BLAKE, A. V. A. S. Miguel Maria Lisboa. In: **Diccionario Bibliographico Brasileiro**. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1970b. v. 6p. 284–285.

BLANCO FOMBONA, R. **Grandes escritores de América (siglo XIX): Andrés Bello, Sarmiento, Eugenio María de Hostos, Juan Montalvo, Manuel González Prada**. Madrid: Renacimiento, 1917.

BOAS, F. The Sixteenth International Congress of Americanists.

Science, New Series, v. 28, n. 722, p. 597–599, out. 1908.

BOEHRER, G. C. A. Jose Carlos Rodrigues and O Novo Mundo, 1870-1879. **Journal of Inter-American Studies**, v. 9, n. 1, p. 127–144, 1967.

BORGES, L. DE C. **Sociabilidade e política: Oliveira Lima, Joaquim Nabuco e o Pan-americanismo (1899-1907)**. Franca, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho: Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em História, 2007.

BORGES, R. C. **Recife lírica: representações da cidade na obra de Cícero Dias**. Recife, Universidade Federal de Pernambuco: Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em História, 2012.

BOURGET, P. **Outre-mer Impressions of America**. London: T. Fischer, 1895.

BOURNE, E. G. Nos Estados Unidos by Oliveira Lima. **The American Historical Review**, v. 5, n. 3, p. 605–607, 1900.

BRANNER, J. C. **A Brief Grammar of the Portuguese Language with Exercises and Vocabularies**. New York: Henry Holt and Company, 1910.

BRASILIENSE DE ALMEIDA E MELO, A. Manifesto Republicano de 1870. In: **Os programas dos partidos e o 2.º império**. São Paulo: Typographia de Jorge Seckler, 1878. p. 59–88.

BRELHT, R. DE. **Les hommes et les ouvres. Dictionnaire Biographique des contemporains. Publié par un groupe d'écrivains sous la direction de Henri Martinville**. Paris: Les Publications Encyclopédiques et Littéraires, [s.d.]. Tome II.

BRINKLEY, A. **The Unfinished Nation. A Concise History of the American People. Volume Two: From 1865**. New York: McGraw-Hill, Inc, 1993.

BROCA, B. **A vida literária no Brasil - 1900**. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Academia Brasileira de Letras, 2005.

BUENO, C. **A república e sua política exterior: 1889 a 1902**. São Paulo, Brasília: Editora UNESP, Funag, 1995.

BULCOURF, C. Voces de alerta contra la Conferencia Panamericana de 1889. **Revista Ciclos en la Historia, la Economía y la Sociedad**, v. IX, n. 17, p. 155–169, 1999.

BUVALOVAS, T. H. DOS S. O “**Diário da minha Viagem para Filadélfia**”. **Imprssões de um ilustrado luso-brasileiro na América (1798-1799)**. São Paulo, Universidade de São Paulo: Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em História, 2007.

CALLCOTT, L. M. **Journal of a Voyage to Brazil And Residence There During Part of the Years 1821, 1822, 1823**. London: Longman,

Hurst, Rees, Orme, Brown, and Green, 1824.

CAMPOS, R. C. Oliveira Lima: cidadão do mundo. **Serie cursos e conferencias**, n. 7, p. 57–66, 1980.

CARDOZO, M. DA S. Manoel De Oliveira Lima, His Life and His Library. **The Catholic University Bulletin**, v. 12, n. 3, p. 6–8, nov. 1944.

CARDOZO, M. DA S. Prefácio. In: LIMA, O. **Impressões da América Espanhola (1904-1906)**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1953. p. 18–52.

CARDOZO, M. DA S. Oliveira Lima and the Writing of History. **Revista Interamericana de bibliografia**, v. 4, n. 1-2, p. 43–51, 1954.

CARDOZO, M. DA S. Oliveira Lima and the Catholic University of America. **Journal of Inter-American Studies**, v. 11, n. 2, p. 209–222, 1969.

CARDOZO, M. DA S. Oliveira Lima, diplomata da “Belle Époque”. **Ciência & Trópico**, v. 9, n. 1, p. 35–50, 1981.

CARNEGIE ENDOWMENT FOR INTERNACIONAL PEACE. **100 Years of Impact. Essays on the Carnegie Endowment for International Peace**. New York: Carnegie Endowment for International Peace, 2011.

CARVALHO, R. S. DE. Leituras entre acadêmicos: Machado de Assis e Oliveira Lima. **Machado de Assis em linha**, v. 1, n. 2, p. 58–66, 2008.

CHACON, V. Oliveira Lima, a Venezuela e o Panamericanismo. **Revista do IHGB**, v. 336, p. 37–58, 1982.

COATES, B. A. The Pan-American Lobbyist: William Eleroy Curtis and U.S. Empire, 1884-1899. **Diplomatic History**, v. 38, n. 1, p. 22–48, 2014.

COESTER, A. Review: Bibliographical and Historical Description of the Rarest Books in the Oliveira Lima Collection at the Catholic University of America by Ruth E. V. Holmes. **Hispania**, v. 11, n. 1, p. 87–89, 1928.

Conferencia internacional americana: dictámenes de las comisiones permanentes y debates a que dieron lugar. Washington, D.C.: Government Printing Office, 1890.

COSTA, F. A. P. DA. A ideia abolicionista em Pernambuco. **Revista do Instituto Arqueológico, Geográfico e Histórico de Pernambuco**, v. 42, n. VII, p. 247–268, 1891.

CUNHA, E. DA. Uma comédia histórica. **O Estado de São Paulo**, p. 1, 25 jun. 1904.

D’AZEVEDO, J. L. America Latina e America Inglesa (A evolução brasileira comparada com a hispano-americana e com a anglo-americana). **Revista de Historia**, v. 3, n. 9 a 12, p. 196–201, 1914.

D’EÇA, R. Memórias by Manoel de Oliveira Lima. **Books Abroad**, v. 11, n. 4, p. 507–508, 1937.

- DIAS, N. V. **O México como “lição”: a Revolução Mexicana nos grandes jornais brasileiros e argentinos (1910-1915)**. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais: Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em História, 2009.
- DINIS, J.; EUSEBIO, A. **Júlio Dinis: Uma família inglesa**. Mem Martins, Portugal: Publicações Europa-América, 1991.
- DINWOODIE, D. H. Dollar Diplomacy in the Light of the Guatemalan Loan Project, 1909-1913. **The Americas**, v. 26, n. 3, p. 237–253, 1970.
- DORES, H. G. **A História na Faculdade de Letras de Lisboa (1911-1930)**. Lisboa, Universidade de Lisboa: Dissertação de Mestrado. Mestrado em História Contemporânea, 2008.
- DOYLE, H. G. Manoel de Oliveira Lima. **The Modern Language Journal**, v. 12, n. 8, p. 652–653, maio 1928.
- DUARTE, J. L. **Recife no tempo da Maxambomba (1867-1889) O primeiro trem urbano do Brasil**. Recife, Universidade Federal de Pernambuco: Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em História, 2005.
- DULCI, T. M. S. **As Conferências Pan-Americanas (1889 a 1928). Identidades, união aduaneira e arbitragem**. São Paulo: Alameda, 2013.
- DUMONT, J.; FLÉTCHET, A. “Pelo que é nosso!”: a diplomacia cultural brasileira no século XX. **Revista Brasileira de História**, v. 34, n. 67, p. 203–221, 2014.
- DUNN, J. The identity of the history of ideas. **Philosophy**, v. 43, n. 164, p. 85–104, abr. 1968.
- EBELING-KONING, C. The rare book collection at the Oliveira Lima library. An Overview. **Remate de Males**, v. 24, p. 93–119, 2004.
- FABELA, I. **Historia diplomática de la Revolución Mexicana I (1912-1917)**. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1958.
- FENOCHIO, J. DEL A. Los tres Monroe de Carlos Pereyra. In: MARTÍN, N. G. (Coord.). **Estudios Jusídicos en homenaje a Marta Morineau**. México, D.F.: Universidad Nacional Autónoma de México, 2006. p. 31–43.
- FIGUEIREDO, F. DE. Pequena homenagem a um grande espirito. **Revista de Historia**, v. 16, p. 308–311, 1928.
- FILHO, J. P. R. **Bibliographia. Duas palavras. Serviço fecundo**. Rio de Janeiro Typ. Besnard Frères, , 1912.
- FILHO, S. S. G. Rio Branco, Nabuco, Oliveira Lima: três grandes da diplomacia republicana. **Revista do IHGB**, v. 166, n. 426, p. 219–233, 2005.

- FISKE, J. Manifest Destiny. **Harper's New Monthly Magazine Volume**, v. 70, n. 418, p. 578–590, mar. 1885.
- FISKE, J. **Darwinism, and Other Essays**. 6th. ed. Boston and New York: Houghton, Mifflin and Company, 1890.
- Foreign Professors at the University. **Harvard Alumni Bulletin**, v. XVIII, n. 6, p. 148–150, nov. 1915.
- FORSTER, M. T. D. **Oliveira Lima e as relações exteriores do Brasil: o legado de um pioneiro e sua relevância atual para a diplomacia brasileira**. Brasília: FUNAG, Fundação Alexandre de Gusmão, 2011.
- FRANCA, R. **Monumentos do Recife**. Recife: Secretaria de Educação e Cultura de Pernambuco, 1977.
- FREYRE, G. Oliveira Lima, Don Quixote gordo. In: FREYRE, G. **Perfil de Euclides e outros perfis**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1944. p. 67–88.
- FREYRE, G. A Suécia, essa desconhecida. **Diário de Notícias**, p. 2, 23 nov. 1947.
- FREYRE, G. Introdução. In: LIMA, O. **Impressões da América Espanhola (1904-1906)**. Rio de Janeiro: Livaria José Olympio Editora, 1953. p. 7–17.
- FREYRE, G. **Oliveira Lima, Don Quixote gordo**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1968.
- FREYRE, G. **Casa-grande & senzala. Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. São Paulo: Global Editora, 2005.
- GNUTZMANN, R. Estados Unidos vistos em 1898: Estudios Americanos de Garcia Mérou. In: SEVILLA, F.; ALVAR, C. (Org.). **Actas XIII Congreso de la Asociación Internacional de Hispanistas AIH. Vol. II**. Madrid: Castalia, 1998. p. 203–212.
- GOLDBERG, I. **Brazilian Literature**. New York: Alfred A. Knopf, 1922.
- GOMES, A. DE C. **Em família: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre**. Campinas: Mercado de Letras, 2005.
- GOMES, D. Oliveira Lima menos injustiçado. **Vozes**, v. 72, n. 5, p. 62–65, 1978.
- GOUVÊA, F. DA C. **Oliveira Lima: uma biografia**. Recife: Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, 1976.
- GOUVÊA, F. DA C. Oliveira Lima diplomata moderno. **Cultura**, v. 8, n. 31, p. 83–91, 1979.
- GOUVÊA, F. DA C. As Memórias de Oliveira Lima. In: LIMA, O. **Memórias (Estas minhas reminiscências...)**. Recife: FUNDARPE, 1986.
- GOUVÊA, F. DA C. **Oliveira Lima: uma biografia**. 2º ed. ed. Recife:

CEPE, 2002.

Harvard University Quinquennial Catalogue of the Officers and Graduates 1636-1930. Cambridge, Mass. Published by the University in the Two Hundred and Ninety-Fourth Year of the College, , 1930.

HAZAN, M. C. Diplomacy in the Service of the Arts : Manoel de Oliveira Lima and the Musical Materials at the Oliveira Lima Library. In: GROVER, M. L. (Ed.). **Religion and Latin America in the Twenty-First Century : Libraries Reacting to Social Change Papers of the Forty-Second Annual Meeting of the Seminar on the Acquisition of Latin American Library Materials.** Rockville, Maryland: SALALM, 1997. p. 257–260.

HENRICH, N. **As relações Brasil-Estados Unidos no pensamento político do Barão do Rio Branco.** Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Sociologia Política, 2010.

HENRICH, N. Uma breve história do debate sobre a reeleição presidencial nos Estados Unidos da América. In: SANTANO, A. C. (Org.). **Reeleição presidencial nos sistemas políticos das Américas.** Curitiba: Ithala, 2015. p. 407–430.

HIRST, M. **Understanding Brazil-United States Relations: Contemporary History, Current Complexities and Prospects for the 21st Century.** Brasília: FUNAG, 2013.

HOCHSCHILD, A. **King Leopold's Ghost. A Story of Greed, Terror, and Heroism in Colonial Africa.** New York: Mariner Books, 1998.

HOFSTADTER, R. **The Age of Reform.** New York: Vintage Books, 1955.

HOLMES, R.; LIMA, O. **Bibliographical and Historical Description of the Rarest Books in the Oliveira Lima Collection at the Catholic University of America.** Washington, D.C.: Catholic University of America Library, 1926.

INGLE, E. **Southern Sidelights. A picture of Social and Economic Life in the South a Generation Before the War.** New York: Thomas Y. Crowell & Co., 1896.

ISAZA, O. C. Conocimiento desinteresado y ciencia americana . El Congreso Científico (1898-1916). **Historia Crítica**, v. 45, p. 86–113, 2011.

KIDDER, D. P.; FLETCHER, J. C. **Brazil and the Brazilians, Portrayed in Historical And Descriptive Sketches.** Philadelphia: Childs & Peterson, 1857.

KNIGHT, A. **The Mexican Revolution.** Cambridge: Cambridge

University Press, 1986.

KOZEL, A.; MONTIEL, S. Carlos Pereyra y el mito de Monroe. In: PITA GONZÁLEZ, A.; MARICHAL SALINAS, C. (Coord.). **Pensar el antiimperialismo. Ensayos de historia intelectual latinoamericana, 1900-1930**. México, D.F.: El Colegio de Mexico, Centro de Estudios Históricos, Universidad de Colima, 2012. p. 69–100.

LANSFORD, T. **The Lords of Foggy Bottom: American Secretaries of State And the World They Shaped**. Baldwin Place NY: Encyclopedia Society, 2011.

LASLETT, P. Introduction. In: LOCKE, J. **Two Treatises on Government**. Cambridge: Cambridge University Press, 1960.

Latin-American Professorship at Harvard. **Harvard Alumni Bulletin**, v. XVI, n. 13, p. 204–206, dez. 1917.

LE BON, G. Applications Of Psychology to the Classification of Races. **Revue Philosophique**, jul. 1886.

LEÃO, A. C. **Oliveira Lima. Conferencia realizada em sessão solemne do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, em 30 de Janeiro de 1914**. Recife: Imprensa Industrial, 1914.

Lectures by Senhor M. de Oliveira Lima. **Bulletin of the Pan American Union**, v. XXXV, n. III, p. 467, set. 1912.

LEONZO, N. Oliveira Lima o dramaturgo da independencia. **Revista da SBH**, n. 2, p. 53–58, 1984.

LEONZO, N. A historiografia brasileira anti-republicana: a obra de Eduardo Prado. **Rev. Inst. Est. Bras.**, v. 27, p. 103–112, 1987.

LEVINE, R. M. Pernambuco: Seu Desenvolvimento Histórico by M. de Oliveira Lima; Diário de Pernambuco e a História Social do Nordeste by José Antônio Gonsalves de Mello. **The Hispanic American Historical Review**, v. 57, n. 3, p. 549–550, 1977.

LIMA, F. C. DE O. Una obra espléndida de asistencia. La sociedad de Beneficencia Argentina. **Revista de Derecho, Historia y Letras**, v. XXV, n. LXXV, p. 389–393, 1923a.

LIMA, O. **La evolución histórica de la América Latina. Bosquejo comparativo**. Tradução A. C. Rivas. Madrid: Editorial América, [s.d.].

Luncheon to Dr. De Oliveira Lima. **Bulletin of the Pan American Union**, v. XXXV, n. V, p. 1183–1188, 1912.

LYRA JÚNIOR, A. A. DE. **Brasil e Estados Unidos nas representações de Oliveira Lima e Salvador de Mendonça (1870-1914): idéias sobre a inserção brasileira na América**. Brasília, Universidade de Brasília: Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em História, 2008.

MACEDO, N. D. DE. **Bibliografia de Manuel de Oliveira Lima. Com estudo biográfico e cronologia**. Recife: Arquivo Público Estadual, 1968.

- MACHADO DE ASSIS; FERNANDO NERY. **Correspondencia**. Rio de Janeiro: W.M. Jackson, 1942.
- MACHADO NETO, A. L. **Estrutura social da república das letras**. São Paulo: Grijalbo, 1973.
- MALATIAN, T. Diplomacia e Letras na correspondência acadêmica : Machado de Assis e Oliveira Lima. **Estudos Históricos**, v. 13, n. 24, p. 377–392, 1999.
- MALATIAN, T. Práticas de memória na Oliveira Lima Library. **História (São Paulo)**, v. 20, p. 11–28, 2001a.
- MALATIAN, T. **Oliveira Lima e a construção da nacionalidade**. Bauru; São Paulo: EDUSC/FAPESP, 2001b.
- MALATIAN, T. O diário de Flora. **Remate de Males**, v. 24, p. 51–68, 2004.
- MALATIAN, T. Oliveira Lima nos Estados Unidos. **História Revista**, v. 13, n. 2, p. 497–507, 2008.
- Manoel de Oliveira Lima. **Bulletin of the Pan American Union**, v. LXII, n. 5, p. 439–441, 1928.
- MARCHAND, C. R. **The American Peace Movement and Social Reform, 1889-1918**. New Jersey: Princeton University Press, 1972.
- MARCOLIN, N. No tempo da Maxambomba. **Pesquisa FAPESP**, v. 132, p. 8–9, 2007.
- MARTIN, P. A. Introduction. In: LIMA, O. **The Evolution of Brazil compared with that of Spanish and Anglo-Saxon America**. Stanford University, California: Stanford University Press, 1914. p. 9–15.
- MARTÍNEZ, T. H. Francisco García Calderón, el arielista: un pensador de talla continental. In: CALDERÓN, F. G.; MARTÍNEZ, T. H. **América Latina y el Perú del novecientos: antología de textos**. Lima: Fondo Editorial, Universidad Nacional Mayor de San Marcos, 2003. p. 15–50.
- MELLO, M. Oliveira Lima íntimo. **Revista de Derecho, Historia y Letras**, v. Separata, 1920.
- MENDONÇA, S. DE. **Ajuste de contas**. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio, 1904.
- MERK, F.; MERK, L. B. **Manifest Destiny and Mission in American History: A Reinterpretation**. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1995.
- MÉROU, M. G. **El Brasil intelectual. Impresiones y notas literarias**. Buenos Aires: Félix Lajouane Editor, 1900.
- MÉROU, M. G. **Estudios Americanos. Primera Serie**. Buenos Aires: La Cultura Argentina, 1916. v. 1
- Minutes of the International American Conference**. Washington,

D.C.: Government Printing Office, 1890.

MIRANDA, J. DA C. **O historiador brasileiro Oliveira Lima (contribuição para o estudo da sua obra e personalidade)**. Lisboa, Universidade de Lisboa: Dissertação apresentada para licenciatura em Filologia Românica, 1957.

MORGENFELD, L. ¿“América para los americanos” o “América para la Humanidad”? : Primera Conferencia Panamericana (Washington, 1889-1890). In: **Vecinos en conflicto. Argentina y Estados Unidos en las Conferencias Panamericanas (1880-1955)**. Buenos Aires: Ediciones Continente, 2011. p. 71–96.

N.F. Oliveira Lima em Washington. **Revista de Historia**, v. 16, p. 241–259, 1928.

NABUCO, J. **O dever dos monarchistas. Carta ao Almirante Jaceguay**. Rio de Janeiro: Typ. Leuzinger, 1895.

NABUCO, J. **A intervenção estrangeira durante a revolta de 1893**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2003.

NABUCO, J.; NABUCO, C. **Cartas a Amigos I**. São Paulo: Instituto Progresso Editorial S.A., 1949a. v. I

NABUCO, J.; NABUCO, C. **Cartas a amigos II**. São Paulo: Instituto Progresso Editorial S.A., 1949b. v. II

NEVES, G. P. DAS. Oliveira Lima, Manuel de (1867– 1928). In: **Encyclopedia of Latin American History & Culture**. 2nd. editi ed. Detroit: Gale, 2008. v. 4p. 894.

O’ SULLIVAN, J. Annexation. **United States Magazine and Demoratic Review**, v. 17, n. 1, p. 5–10, 1845.

O’HARA, J. F. A New Form of Pan-Americanism: the Exchange of Students. **The Hispanic American Historical Review**, v. 4, n. 1, p. 112–116, fev. 1921.

OBERACKER, C. Os intelectuais brasileiros e a cultura alemã 1800-1930. **Jahrbuch für Geschichte Lateinamerikas - Anuario de Historia de América Latina (JbLA)**, v. 25, p. 591–606, 1988.

OFFICIAL REGISTER OF HARVARD UNIVERSITY. **Reports of the President and the Treasurer of Harvard College 1915-1916** Cambridge, Mass. Harvard University, , 26 mar. 1917.

Oliveira Lima. In: **Encyclopedia e Diccionario Internacional**. Lisboa, Rio de Janeiro, São Paulo, Londres, Paris, Nova York: W. M. Jackson Editor, 1914. v. XIVp. 8104–8105.

Oliveira Lima. **Revista da Academia Pernambucana de Letras (Segunda phase)**, p. 74–77, 1926.

Oliveira Lima Homenagem dos seus amigos do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro Off. Graphicas do Jornal do Brasil, , 1917.

- ORBAN, V. M. Manoel de Oliveira Lima. **Esquisse Biographique & Littéraire**. Publiée à propos de “Cousas Diplomaticas”. 1908. Separata.
- Our Professorial Corner. **The Harvard Illustrated**, p. 87, dez. 1915.
- PALACIOS, G. De Imperios y Repúblicas: los cortejos entre México y Brasil, 1822-1867. **Historia mexicana**, v. LI, n. 3, p. 559–618, 2002.
- PALACIOS, G. **Intimidades, conflitos e reconciliações: México e Brasil, 1822-1993**. São Paulo SP Brasil ;México DF: Edusp;;SRE-Secretaría de Relaciones Exteriores, 2008.
- Pan-Americanism an Address by Honorable Robert Lansing Delivered Before the Second Pan-American Scientific Congress at Washington, D.C., December 27, 1915**. Washington, D.C.Government Printing Office, , 1915.
- PAQUETTE, G. An Itinerant Liberal: Almeida Garrett ’ s Exilic Itineraries and Political Ideas in the Age of Southern European Revolutions (1820 – 34). In: ISABELLA, M.; ZANOU, K. (Eds.). **Mediterranean Diasporas Politics and Ideas in the Long 19th Century**. London: Bloomsburg Publishing, 2015. p. 41–56.
- PATTEE, R. Em torno a Manoel de Oliveira Lima. **Puerto Rico**, v. I, n. 8, p. 77–85, 1935.
- PATTEE, R. Manoel de Oliveira Lima, embajador intelectual del Brasil. **Revista de la Universidad Católica del Peru**, v. VII, p. 259–273; 351–379, 1939.
- PEREIRA, A. C. H. A escrita feminina no século XIX: as cartas de FLora de Oliveira Lima e Eufrásia Teixeira Leite. **Gênero**, v. 5, n. 1, p. 111–141, 2004.
- PEREIRA, G. T. **A diplomacia da americanização de Salvador de Mendonça (1889-1898)**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.
- PESSANHA, A. S. DA S. **O Paiz e a Gazeta Nacional: Imprensa republicana e abolição**. Rio de Janeiro, 1884-1888. Niterói: UFF, 2006.
- PINTO, M. DE S. Oliveira Lima. **Revista da Faculdade de Letras**, v. XII, 1933. Separata.
- POCOCK, J. G. A. The History of Political Thought: a Methodological Enquiry. In: LASLETT, P.; RUNCIMAN, W. G. (Eds.). **Philosophy, Politics and Society**. New York: Barnes and Noble, 1962. p. 183–202.
- PREUSS, O. **Bridging the Island: Brazilian Elite Views of Spanish America and Themselves, 1888-1912**. Coral Gables, University of Miami: Tese de Doutorado. Historia, 2005.
- RAFAEL, G. G.; SANTOS, M.; BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL. **Jornais e revistas portuguesas do século XIX**. Lisboa:

- Ministério da Cultura, Biblioteca Nacional, 1998a. v. 1
- RAFAEL, G. G.; SANTOS, M.; BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL. **Jornais e revistas portuguesas do século XIX**. Lisboa: Ministério da Cultura, Biblioteca Nacional, 1998b. v. 2
- RIO BRANCO, B. DO. **Discursos**. Rio de Janeiro: Ministério das Relações Exteriores, 1948.
- ROBERTSON, J. A. The Oliveira Lima Collection of Hispanoamericana. **The Hispanic American Historical Review**, v. 3, n. 1, p. 78–83, 1920.
- RODRIGUES, J. H. **A pesquisa histórica no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.
- RODRIGUES, J. J. Acerca de Oliveira Lima. **Revista de Historia**, v. 16, p. 221–226, 1928.
- ROMERO, F. S. **Presidents from Theodore Roosevelt through Coolidge, 1901-1929: Debating the Issues in Pro and Con Primary Documents**. Westport, CT: Greenwood Publishing Group, 2002.
- ROOSEVELT, T. **African game trails: an account of the African wanderings of an American hunter-naturalist**. New York: Charles Scribner's Sons, 1910.
- ROSENBERG, E. S. **Financial Missionaries to the World: the Politics and Culture of Dollar Diplomacy, 1900-1930**. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1999.
- ROWE, L. S. Review. **The Annals of the American Academy of Political and Social Science**, v. 38, n. 1, p. 312, 1911.
- SAAVEDRA INARAJA, M. Construyendo la comunidad iberoamericana: Brasil en el latinoamericanismo de Manuel Ugarte. **Temas de Historia Argentina y Americana**, v. 21, p. 149–174, 2013.
- SAIANI, R. C. S. **Liberdade hipotecada: o processo de independência cubana na imprensa brasileira (1895-1902)**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013.
- SÁNCHEZ, G. A. B. Representaciones del intelectual. El suplemento El Nuevo Tiempo Literario en Colombia y su relación con la cultura europea en la primera mitad del siglo XX. **Historia Crítica**, v. 59, p. 125–142, 2016.
- SÁNCHEZ, L. A. Prefácio. In: GARCÍA CALDERÓN, F. **Las democracias latinas de America. La creación de un continente**. Caracas: [s.d.].
- SANTOS, F. M. DOS. A querela dos heróis: liderança política e ethos americano em Oliveira Lima e José Enrique Rodó. **História (São Paulo)**, v. 22, n. 2, p. 79–98, 2003.
- SCOTT, J. B. **Robert Bacon, life and letters**. Garden City, N.Y.: Doubleday, Page & Company, 1923.

- SILVA, D. A. D. DA. **Alteridade e idéia de nação na passagem à modernidade: o Círculo Rio Branco no Brasil “UBIQUE PATRIÆ MEMOR”**. Rio de Janeiro, Universidade Federal Fluminense: Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em História, 2008.
- SILVA, I. F. DA; ARANHA, B. João Alves Loureiro. In: **Diccionario Bibliographico Portuguez**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1883. v. 10p. 147–148.
- SILVA, I. F. DA; ARANHA, B. No Title. In: **Diccionario Bibliographico Portuguez**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1888. v. 15p. 430.
- SILVA, I. F. DA; ARANHA, B. Manuel de Oliveira Lima. In: **Diccionario Bibliographico Portuguez**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1893. v. 16p. 282–283.
- SILVA, I. F. DA; ARANHA, B. Correio do Brasil. In: **Diccionario Bibliographico Portuguez**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1908. v. 19p. 109.
- SILVA, L. V. **Sobre a na(r)ração em Oliveira Lima: uma leitura de “Formação histórica da nacionalidade brasileira”**. Recife, Universidade Federal de Pernambuco: Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em História, 2003.
- SILVA, M. A ideologia academicista na literatura brasileira: a Revista Brasileira e os discursos acadêmicos. **Revista de Ciências Humanas**, v. 41, n. 1-2, p. 111–121, 2007.
- SILVA, R. O Contextualismo Linguístico na História do Pensamento Político: Quentin Skinner e o Debate Metodológico Contemporâneo. **DADOS – Revista de Ciências Sociais**, v. 53, n. 2, p. 299–335, 2010.
- SILVEIRA, H. G. DA. **Joaquim Nabuco e Oliveira Lima. Faces de um Paradigma Ideológico da Americanização nas Relações Internacionais do Brasil**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.
- SKIDMORE, T. E. Eduardo Prado: A Conservative Nationalist Critic of the Early Brazilian Republic, 1889-1901. **Luso-Brazilian Review**, v. 12, n. 2, p. 149–161, 1975.
- SKINNER, Q. The Limits of Historical Explanations. **Philosophy**, v. 41, n. 157, p. 199–215, 1966.
- SKINNER, Q. Meaning and Understanding in the History of Ideas. **History and theory**, v. 8, n. 1, p. 3–53, 1969.
- SKINNER, Q. **As fundações do pensamento político moderno**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- SMALL, M. **The Forgotten Peace. Mediation at Niagara Falls, 1914**. Ottawa: University of Ottawa Press, 2009.

- SOBRINHO, B. L. Oliveira Lima: sua vida e sua obra. In: **Obra Seleta**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1971. p. 17–131.
- SOTOMAYOR, T. Estados Unidos y el Panamericanismo: el caso de la I Conferencia Internacional Americana (1889-1890). **Historia Mexicana**, v. XLV, n. 4, p. 759–781, 1996.
- SOUSA, E. S. T. DE. **Agência , Estrutura , Cognição: O Pensamento Internacional de Joaquim Nabuco e Oliveira Lima**. Rio de Janeiro, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado. Mestrado em Relações Internacionais, 2013.
- STEEVENS, G. W. **The Land of the Dollar**. Edinburgh and London: William Blackwood and Sons, 1897.
- STREET, A. I. **Hand Book of the Monroe Doctrine and the Venezuelan Question**. Denver: The Times Publishing Co., 1895.
- TAVARES, F. M. **História da Revolução de Pernambuco em 1817. Edição comemorativa ao centenario e anotada por Oliveira Lima**. Recife: Ed. do Instituto Arqueológico, 1917.
- TAVARES, L. F. R. **Curso Superior de Letras: inventário**. Lisboa, Universidade de Lisboa: Dissertação de Mestrado. Mestrado em Ciências da Documentação e Informação-Arquivística, 2009.
- The Evolution of Brazil Compared with That of Spanish and Anglo-Saxon America by Manoel De Oliveira Lima. **The Journal of Race Development**, v. 6, n. 1, p. 111–112, jul. 1915.
- TURNER, J. K. **México bárbaro**. Nezahualcóyotl, Estado de México: Ediciones Leyenda, 2009.
- Two Americas Should Unite in Education. Prof. Lima Says South American Exchange Professorships are Desirable and Feasible. **The Harvard Crimson**, v. LXVIII, n. 95, p. 1, 3, 25 jan. 1916.
- UGARTE, M. **Mi campaña hispanoamericana**. Barcelona: Editorial Cervantes, [1922].
- UGARTE, M. **El porvenir de la América Latina**. Valencia: F. Sempre y Compañía Editores, [1911].
- VAN DE GRAFF, A. S. **The redistribution of the American Negro**. Tuscaloosa, Alabama, [1921?].
- VAN DE GRAFF, A. S. The Unaided Solution of the Southern Race Problem. **Forum**, v. 4, 1896.
- VELLOZO, J. C. DE O. **Um Dom Quixote gordo no deserto do esquecimento. Oliveira Lima e a construção da narrativa da nacionalidade**. São Paulo, Universidade de São Paulo: Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação Culturas e Identidades Brasileiras, 2012.
- VERÍSSIMO, J. **Estudos de literatura brasileira**. 1ª série ed. Belo

- Horizonte: Itatiaia, Editora da Universidade de São Paulo, 1976. v. 1
- VERÍSSIMO, J. Um americano e a literatura americana. In: VERÍSSIMO, J. **Homens e coisas estrangeiras 1899-1908**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003a. p. 71–77.
- VERÍSSIMO, J. O país extraordinário. In: VERÍSSIMO, J. **Homens e coisas estrangeiras 1899-1908**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003b. p. 143–151.
- VERÍSSIMO, J. A regeneração da América Latina. In: VERÍSSIMO, J. **Homens e coisas estrangeiras 1899-1908**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003c. p. 245–257.
- VERÍSSIMO, J. Letras Hispano-americanas. In: VERÍSSIMO, J. **Homens e coisas estrangeiras 1899-1908**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003d. p. 469–489.
- VERÍSSIMO, J. O perigo americano. In: VERÍSSIMO, J. **Homens e coisas estrangeiras 1899-1908**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003e. p. 557–562.
- VERÍSSIMO, J. Letras venezuelanas. In: VERÍSSIMO, J. **Homens e coisas estrangeiras 1899-1908**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003f. p. 589–594.
- VINHOSA, F. L. T. A diplomacia brasileira e a Revolução Mexicana, 1913-1915. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, v. 327, p. 19–82, 1980.
- WILGUS, A. C. **Histories and Historians of Hispanic America**. New York: Cooper Square Publishers, Inc., 1965.
- WILLIAMS, M. W. Memórias (Estas minhas Reminiscências) by Manoel de Oliveira Lima. **The Hispanic American Historical Review**, v. 17, n. 4, p. 513–514, 1937.
- WILLIAMS, R. J. **Manoel de Oliveira Lima and Pernambuco**. Washington, D.C., Catholic University of America: Master of Arts, 1969.
- WILLIAMS, R. J. L. The Oliveira Lima Library. **The Library Quarterly**, v. 37, n. 3, p. 279–283, 1967.
- ZANETTI, S. Una revista notable: El Cojo Ilustrado de Venezuela. **CELEHIS - Revista del Centro de Letras Hispanoamericanas**, v. Año 14/15, n. 17, p. 131–160, 2005/2006.
- ZEBALLOS, E. Bibliografía. Brasil, Oliveira Lima. **Revista de Derecho, Historia y Letras**, v. LXV, p. 426–429, 1920.
- ZEBALLOS, E. Mujeres notables de Sud América. **Revista de Derecho, Historia y Letras**, v. LVII, n. XXIII, p. 458–461, 1921.

APÊNDICE 1 – ARTIGOS DE OLIVEIRA LIMA PUBLICADOS NA IMPRENSA

Total	Publicação	Título	Data de publicação
	Jornal do Commercio do Rio de Janeiro	Candidatura presidencial de William Bryan	14-02-1896
	Jornal do Commercio do Rio de Janeiro	A segunda administração do Sr. Cleveland. VII	26-08-1896
	Jornal do Commercio do Rio de Janeiro	[A segunda administração do Sr. Cleveland] IX	31-08-1896
	Jornal do Commercio do Rio de Janeiro	O discurso de ? Na reunião em Saratoga (Estado de New York)	05-10-1896
	Jornal do Commercio do Rio de Janeiro	Novas candidaturas. A questão monetaria.	28-10-1896
	Jornal do Commercio do Rio de Janeiro	O candidato MacKinley, seus discursos. Trabalhos do Candidato Bryan	06-11-1896
	Jornal do Commercio do Rio de Janeiro	Nas vespervas da eleição presidencial.	10-11-1896
	Jornal do Commercio do Rio de Janeiro	Nas vespervas da campanha eleitoral.	23-11-1896
	Jornal do Commercio do Rio de Janeiro	A victoria de McKinley	30-11-1896
	Jornal do Commercio do Rio de Janeiro	Consequencias da eleição de McKinley	01-01-1897
	Jornal do Commercio do Rio de Janeiro	A questão de Cuba.	03-01-1897

	Jornal do Commercio do Rio de Janeiro	Mensagem anual do Presidente Cleveland	07-01-1897
	Jornal do Commercio do Rio de Janeiro	A mensagem presidencial.	12-01-1897
	Jornal do Commercio do Rio de Janeiro	Uma surpresa relativamente à Ilha de Cuba.	27-01-1897
	Jornal do Commercio do Rio de Janeiro	Assignatura do tratado de arbitragem.	14-02-1897
	Jornal do Commercio do Rio de Janeiro	Tratado de arbitramento entre os Estados Unidos e a Grã-Bretanha.	02-03-1897
	Jornal do Commercio do Rio de Janeiro	A questão de Cuba.	18-03-1897
	Jornal do Commercio do Rio de Janeiro	Titulo V.	29-03-1897
	Jornal do Commercio do Rio de Janeiro	Sem sumario.	16-04-1897
	Jornal do Commercio do Rio de Janeiro	Os candidatos a empregos	27-04-1897
	Jornal do Commercio do Rio de Janeiro	Deve começar hoje na casa dos representntes (?)	29-04-1897
	Jornal do Commercio do Rio de Janeiro	A tarifa das alfandegas.	14-05-1897
	Jornal do Commercio do Rio de Janeiro	Efeitos do Dingley Bill.	25-05-1897
	Jornal do Commercio do Rio de Janeiro	Festas de comemoração do ? Em New York.	04-06-1897

	Jornal do Commercio do Rio de Janeiro	O projeto de tarifa aduaneira.	10-06-1897
	Jornal do Commercio do Rio de Janeiro	O presidente Mac-Kinley e Cuba.	19-06-1897
	Jornal do Commercio do Rio de Janeiro	Ainda a questão da tarifa.	30-06-1897
	Jornal do Commercio do Rio de Janeiro	Ilegível	19-07-1897
	Jornal do Commercio do Rio de Janeiro	Ilegível	30-07-1897
	Jornal do Commercio do Rio de Janeiro	Ilegível	14-08-1897
	Jornal do Commercio do Rio de Janeiro	Votação da tarifa. Sua conversão em ? Estados Unidos.	31-08-1897
	Jornal do Commercio do Rio de Janeiro	Calmaria politica.	14-09-1897
	Jornal do Commercio do Rio de Janeiro	ilegível.	06-10-1897
	Jornal do Commercio do Rio de Janeiro	As farras do presidente.	15-10-1897
	Jornal do Commercio do Rio de Janeiro	A Questão Cubana.	18-11-1897
	Jornal do Commercio do Rio de Janeiro	A eleição do 1 mayor de Nova York	30-11-1897
	Jornal do Commercio do Rio de Janeiro	O Sr. Hannis Taylor e a Hespanha.	20-12-1897
	Jornal do Commercio do Rio de Janeiro	Abertura das sessões da ? Legislatura.	21-12-1897

	Jornal do Commercio do Rio de Janeiro	A abertura do Congresso americano.	31-12-1897
	Jornal do Commercio do Rio de Janeiro	Congresso americano.	07-01-1898
	Jornal do Commercio do Rio de Janeiro	ilegível	13-01-1898
	Jornal do Commercio do Rio de Janeiro	ilegível	30-01-1898
	Jornal do Commercio do Rio de Janeiro	ilegível	21-02-1898
	Jornal do Commercio do Rio de Janeiro	A Questão Cubana.	02-03-1898
	Jornal do Commercio do Rio de Janeiro		19-03-1898
	Jornal do Commercio do Rio de Janeiro	Ilegível	21-03-1898
	Jornal do Commercio do Rio de Janeiro		05-04-1898
	Jornal do Commercio do Rio de Janeiro		06-04-1898
	Jornal do Commercio do Rio de Janeiro	A Guerra Hispano-Americana	10-04-1898
	Jornal do Commercio do Rio de Janeiro		17-04-1898
	Jornal do Commercio do Rio de Janeiro	A Guerra Hispano-Americana	28-04-1898
	Jornal do Commercio do Rio de Janeiro	Antes da Guerra	01-05-1898

	Jornal do Comercio do Rio de Janeiro	Antes da Guerra	11-05-1898
	Jornal do Comercio do Rio de Janeiro	Antes da guerra. A mensagem presidencial na Camara e no Senado.	16-05-1898
	Jornal do Comercio do Rio de Janeiro		28-05-1898
	Jornal do Comercio do Rio de Janeiro	Noticias Diversas. Notas dos Estados Unidos.	14-06-1898
	Jornal do Comercio do Rio de Janeiro	A guerra Hispano-Americana.	17-08-1898
Jornal do Comercio do Rio de Janeiro	Total 57		
	Revista de Derecho, História y Letras	Sudamerica juzgada por um brasileiro	t. XLIV, ps. 173-177, 1913.
	Revista de Derecho, História y Letras	La neutralidad del Brasil	t. LV, ps. 207-210, 1916.
	Revista de Derecho, História y Letras	Las agresiones al Doctor Zeballos	t. LV, p. 356, 1916.
	Revista de Derecho, História y Letras	A visão da guerra	t. LVII, ps. 302-306, 1917.
	Revista de Derecho, História y Letras	A solidariedade americana	t. LVII, ps. 462-466, 1917.

	Revista de Derecho, História y Letras	Mutações constitucionais	t. LVIII, ps. 165-168, 1917.
	Revista de Derecho, História y Letras	Gente de juizo	t. LVIII, ps. 304-308, 1917
	Revista de Derecho, História y Letras	Necessidade faz lei	t. LVIII, ps. 450-453, 1917.
	Revista de Derecho, História y Letras	Inglaterra y Alemanha	t. LIX, ps. 159- 163, 1918.
	Revista de Derecho, História y Letras	La diplomacia secreta y la y diplomacia mundana	t. LXI, ps. 309- 319, 1918.
	Revista de Derecho, História y Letras	Mi profesorado en Harvard	t. LXI, ps. 452- 464, 1918.
	Revista de Derecho, História y Letras	La Sociedad de las Naciones Americanas en el Derecho de Gentes	t. LXI, ps. 170- 184, 1918.
	Revista de Derecho, História y Letras	Reminiscencias y diplomaticas	t. LXII, ps. 26- 34, 1919.
	Revista de Derecho, História y Letras	El presidente Rodrigues Alves 1849-1919	t. LXII, ps. 168-171, 1919.
	Revista de Derecho, História y Letras	Sudmerica en el Congreso de la Paz. El Rio de la Plata.	t. LXIII, ps. 307-310, 1919.

	Revista de Derecho, História y Letras	Los peligros argentino y americano en el Brasil	t. LXIV, ps. 169-171, 1919.
	Revista de Derecho, História y Letras	La beneficencia Argentina	
	Revista de Derecho, História y Letras	O Sr. Zeballos	t. LXV, ps. 34-37, 1920
	Revista de Derecho, História y Letras	Um grande trabalhador	t. LXV, ps. 160-163, 19
	Revista de Derecho, História y Letras	A farça de Genebra	t. LXVIII, ps. 318-321, 1921
Revista de Derecho, História y Letras de Buenos Aires	Total 20		
	Revista ABC	O problema da paz e o papel dos Estados Unidos	1-03-1919
	Revista ABC	Ad usum delphini	19-04-1919
	Revista ABC	Levante de Broqueis	26-04-1919
	Revista ABC	Os echos da Paz I	17-05-1919
	Revista ABC	Echos da Paz II	24-05-1919
	Revista ABC	Echos da Paz III	31-05-1919
	Revista ABC	O Tratado de Paz	07-06-1919
	Revista ABC	Vingança de Alemão I	14-06-1919
	Revista ABC	Vingança de Alemão II	21-06-1919

	Revista ABC	Carta aberta ao Sr. Domicio da Gama I	21-07-1919
	Revista ABC	Carta aberta ao Sr. Domicio da Gama II	19-07-1919
	Revista ABC	Diplomacia suja	26-07-1919
	Revista ABC	Maldade e imbecilidade	02-08-1919
	Revista ABC	Maldade e imbecilidade II	09-08-1919
	Revista ABC	Maldade e imbecilidade III	16-08-1919
	Revista ABC	A tal Liga das Nações	23-08-1919
	Revista ABC	A voz da Asia	30-08-1919
	Revista ABC	Os partidos russos	06-09-1919
	Revista ABC	Injustiças e paradoxos	13-09-1919
	Revista ABC	Um programma social	20-09-1919
	Revista ABC	Um precursor da união luso-brazileira	27-09-1919
	Revista ABC	A união luso-brazileira e os Estados Unidos	04-10-1919
	Revista ABC	Post Scriptum à carta ao Sr. Domicio da Gama	11-10-1919
	Revista ABC	O Sr. Zeballos	18-10-1919
	Revista ABC	Tolerancia e atrocidades	25-10-1919
	Revista ABC	O padre Antonio Vieira I	01-11-1919
	Revista ABC	O padre Antonio Vieira II	08-11-1919
	Revista ABC	A questão da Alsacia	22-11-1919
	Revista ABC	Como se levantou a Alemanha I	29-11-1919

Revista ABC	Total 29		
	Estado de São Paulo	Nos domínios da novela americana	25 novembro, 1908
	Estado de São Paulo	Machado de Assis	4 dezembro, 1908
	Estado de São Paulo	O Brasil e o Prata	21 março, 1909
	Estado de São Paulo	Carta de Stockolmo	23 dezembro, 1909
	Estado de São Paulo	Carta de Stockolmo	8 janeiro, 1910
	Estado de São Paulo	O problema da Paz e os Estados Unidos	1 março, 1919
	Estado de São Paulo	Escritores brasileiros contemporâneos IX Rodolfo Teófilo	8 março, 1911
	Estado de São Paulo	Reforma diplomática	25 agosto, 1903
	Estado de São Paulo	Reforma diplomática	28 agosto, 1903
	Estado de São Paulo	Reforma diplomática	1 setembro, 1903
	Estado de São Paulo	A beleza do Recife I	24 setembro, 1916
	Estado de São Paulo	A beleza do Recife II	8 outubro, 1916
	Estado de São Paulo	Velharias (A morte de Manuel Barata - A separação da Igreja do Estado)	12 novembro, 1916
	Estado de São Paulo	O Sr. Lauro Müller	6 maio, 1917
	Estado de São Paulo	Os deveres da administração pública	17 março, 1919
	Estado de São Paulo	Levante de Broquéis	6 abril, 1919

	Estado de São Paulo	Os de fora	10 abril, 1919
	Estado de São Paulo	Epístola a um de Caruaru	20 abril, 1919
	Estado de São Paulo	Um serão em Palácio	30 maio, 1919
	Estado de São Paulo	Um monumento histórico	29 junho, 1919
	Estado de São Paulo	Não me troquem o candidato I	20 julho, 1919
	Estado de São Paulo	Não me troquem o candidato II	3 agosto, 1919
	Estado de São Paulo	A crise social	15 agosto, 1919
	Estado de São Paulo	Depois do Pleito	24 agosto, 1919
	Estado de São Paulo	A nossa questão de limites com a Bahia	21 setembro, 1919
	Estado de São Paulo	A morte de Aluísio Azevedo	26 outubro, 1919
	Estado de São Paulo	Nísia Floresta	4 dezembro, 1919
	Estado de São Paulo	A situação da mulher na sociedade moderna	5 dezembro, 1919
	Estado de São Paulo	Uma visita ao Rio Grande do Norte	7 dezembro, 1919
	Estado de São Paulo	Uma visita ao Rio Grande do Norte	9 dezembro, 1919
	Estado de São Paulo	Discurso na Academia Pernambucana de Letras	14 maio, 1920
	Estado de São Paulo	Cosmopolitismo e Nacionalismo	23 maio, 1920
	Estado de São Paulo	A crise do açúcar em Cuba	12 dezembro, 1920

	Estado de São Paulo	El Rei Açúcar	7 novembro, 1922
	Estado de São Paulo	El gobierno de las mujeres dentro de cincuenta años. Las mujeres son más discretas que los hombres? Instrumento para medir la presión arterial producida por los besos	7 julho, 1922
	Estado de São Paulo	A eleição presidencial e a unidade nacional nos Estados Unidos I	10 outubro, 1904
	Estado de São Paulo	A eleição presidencial e a unidade nacional nos Estados Unidos II	11 outubro, 1904
	Estado de São Paulo	A eleição presidencial e a unidade nacional nos Estados Unidos III	12 outubro, 1904
	Estado de São Paulo	A sociedade argentina vista através de um romance argentino	21 outubro, 1904
	Estado de São Paulo	A situação militar e o espírito de reforma na China	10 novembro, 1904
	Estado de São Paulo	Romancistas hespanhoes	18 novembro, 1904
	Estado de São Paulo	A Guerra Russo-japonesa (Notas avulsas)	26 novembro, 1904
	Estado de São Paulo	Arthur Orlando, Sociologo, politico e critico	11 dezembro, 1904

	Estado de São Paulo	O Gladstone de John Morley	18 dezembro, 1904
	Estado de São Paulo	Emilio Ollivier e o Imperio Liberal	21 janeiro, 1905
	Estado de São Paulo	Lições do Gladstone de Morley I	25 janeiro, 1905
	Estado de São Paulo	Lições do Gladstone de Morley II	29 janeiro, 1905
	Estado de São Paulo	Estrangeiros no Japão	13 fevereiro, 1905
	Estado de São Paulo	De Londres	6 abril, 1905
	Estado de São Paulo	Os theatros de Pariz	12 abril, 1905
	Estado de São Paulo	Diplomacia e imperialismo	21 abril, 1905
	Estado de São Paulo	Pariz americano	28 abril, 1905
	Estado de São Paulo	As republicas irmans	3 maio, 1905
	Estado de São Paulo	Diplomacia e comércio	5 maio, 1905
	Estado de São Paulo	O "Scarron" de Catulle Mondba	7 maio, 1905
	Estado de São Paulo	A caminho de Venezuela I	19 julho, 1905
	Estado de São Paulo	A caminho de Venezuela II	23 julho, 1905
	Estado de São Paulo	A caminho da Venezuela III	24 julho, 1905
	Estado de São Paulo	Arte ultramarina	25 julho, 1905
	Estado de São Paulo	Diplomacia e carreira	1 agosto, 1905
	Estado de São Paulo	Um romance venezuelano	17 agosto, 1905
	Estado de São Paulo	Outro romance venezuelano	2 setembro, 1905

	Estado de São Paulo	O sentimento monarchista	6 setembro, 1905
	Estado de São Paulo	O secretario do Estado John Hay	8 setembro, 1905
	Estado de São Paulo	Democracia e intellectualidade	18 setembro, 1905
	Estado de São Paulo	A Doutrina de Monroe	24 setembro, 1905
	Estado de São Paulo	Escandalos americanos	2 outubro, 1905
	Estado de São Paulo	Um outro romancista venezuelano	7 outubro, 1905
	Estado de São Paulo	Possiveis tarefas diplomatico-consulares	17 outubro, 1905
	Estado de São Paulo	A paz do mundo	23 outubro, 1905
	Estado de São Paulo	Parlaticos diplomaticas	26 outubro, 1905
	Estado de São Paulo	A proxima conferencia da Paz e o Monroismo	16 novembro, 1905
	Estado de São Paulo	Depois do Tratado	20 novembro, 1905
	Estado de São Paulo	O Presidente Castro	4 dezembro, 1905
	Estado de São Paulo	A função presidencial americana	6 dezembro, 1905
	Estado de São Paulo	Immigração Japoneza	7 dezembro, 1905
	Estado de São Paulo	Aspectos da politica colonial dos Estados Unidos	7 janeiro, 1906
	Estado de São Paulo	A situação na Russia	31 janeiro, 1906
	Estado de São Paulo	A glorificação de Maciel Monteiro	1 fevereiro, 1906

	Estado de São Paulo	O presidente, o Congresso e os partidos nos Estados Unidos	13 março, 1906
	Estado de São Paulo	Conferencia pan-americana no Rio de Janeiro I	15 março, 1906
	Estado de São Paulo	Diplomatas e consules	17 março, 1906
	Estado de São Paulo	A conferencia Pan americana do Rio de Janeiro II	20 março, 1906
	Estado de São Paulo	O interesse europeu pela America Latina	3 abril, 1906
	Estado de São Paulo	A conferencia pan-americana do Rio de Janeiro III	10 abril, 1906
	Estado de São Paulo	A idéa monarchica na America Hespanhola	13 abril, 1906
	Estado de São Paulo	Um pouco de historia pan-americana	17 abril, 1906
	Estado de São Paulo	Mais uma reforma diplomática	28 abril, 1906
	Estado de São Paulo	Um pouco mais de historia pan-americana	1 maio, 1906
	Estado de São Paulo	Snobismo americano	7 maio, 1906
	Estado de São Paulo	A desagregação dos partidos americanos	20 junho, 1906
	Estado de São Paulo	Livros novos	25 junho, 1906
	Estado de São Paulo	Phillantropia e socialismo na Inglaterra	28 junho, 1906

	Estado de São Paulo	A conferencia de Algeciras	16 julho, 1906
	Estado de São Paulo	Pan-americanismo em ação I	19 julho, 1906
	Estado de São Paulo	Pan-americanismo em ação II	20 julho, 1906
	Estado de São Paulo	José Veríssimo	1 agosto, 1906
	Estado de São Paulo	As linguas portugueza e castelhana na America	8 agosto, 1906
	Estado de São Paulo	Diplomatas brasileiros II Barão de Penedo	11 agosto, 1906
	Estado de São Paulo	Teófilo Braga	16 agosto, 1906
	Estado de São Paulo	O caso Dreyfuss	28 agosto, 1906
	Estado de São Paulo	O presidente Roosevelt e os trusts	4 setembro, 1906
	Estado de São Paulo	Roma na America	28 setembro, 1906
	Estado de São Paulo	O conflito constitucional na Russia	6 outubro, 1906
	Estado de São Paulo	A Inglaterra em Africa	13 outubro, 1906
	Estado de São Paulo	A tyrania dos automoveis	17 outubro, 1906
	Estado de São Paulo	Um monarcha popular	19 outubro, 1906
	Estado de São Paulo	A futura eleição presencial nos Estados Unidos	23 outubro, 1906
	Estado de São Paulo	Um soberano imaginativo	29 outubro, 1906
	Estado de São Paulo	Em Terra Basca. Fuenterrabia.	2 novembro, 1906

	Estado de São Paulo	Em Terra Basca. Loiola.	6 novembro, 1906
	Estado de São Paulo	Egreja e Estado	9 novembro, 1906
	Estado de São Paulo	O Instituto Histórico do Rio	19 novembro, 1906
	Estado de São Paulo	Nós e os argentinos	30 novembro, 1906
	Estado de São Paulo	A situação de Venezuela	25 dezembro, 1906
	Estado de São Paulo	A França e o Sr. Clemenceau	27 dezembro, 1906
	Estado de São Paulo	Finis Cubae	30 dezembro, 1906
	Estado de São Paulo	Os resultados da Conferencia Pan-Americana I	4 janeiro, 1907
	Estado de São Paulo	Os resultados da Conferencia Pan-Americana II	5 janeiro, 1907
	Estado de São Paulo	Euclides da Cunha	4 fevereiro, 1907
	Estado de São Paulo	Venceslau de Moraes	18 março, 1907
	Estado de São Paulo	Alfredo de Carvalho	25 março, 1907
	Estado de São Paulo	O velho Curso Superior de Letras de Lisboa	17 abril, 1907
	Estado de São Paulo	A reforma ortográfica	23 junho, 1907
	Estado de São Paulo	O Sr. Capistrano de Abreu	17 julho, 1907
	Estado de São Paulo	A votação ortográfica	22 julho, 1907
	Estado de São Paulo	Ensinamentos da obra do Almirante Jaceguai	7 agosto, 1907
	Estado de São Paulo	O Almirante Jaceguai	7 agosto, 1907

	Estado de São Paulo	A Alemanha vista pelo Sr. Huret	4 outubro, 1907
	Estado de São Paulo	As declarações do Sr. Ferrero	8 novembro, 1907
	Estado de São Paulo	"Peru" versus "Bolívia"	16 novembro, 1907
	Estado de São Paulo	Aventuras de um mineiro allemão no Brasil	25 novembro, 1907
	Estado de São Paulo	As notas de viagem no Brasil em 1813 de Gustave Beyer	9 dezembro, 1907
	Estado de São Paulo	Quem era Gustavo Beyer	10 dezembro, 1907
	Estado de São Paulo	Um Frei Caneca Argentino	17 dezembro, 1907
	Estado de São Paulo	A mudança de Dom João VI para o Brasil na versão do musico Belani	7 janeiro, 1908
	Estado de São Paulo	O Prometheo acorrentado do Eschylo na sua única traducção portugueza	9 janeiro, 1908
	Estado de São Paulo	O caracter historico de Dom Pedro I	21 janeiro, 1908
	Estado de São Paulo	O primeiro centenário da Liberdade de Comércio no Brasil	28 janeiro, 1908
	Estado de São Paulo	O padre do ouro I	15 fevereiro, 1908
	Estado de São Paulo	O padre do ouro II	17 fevereiro, 1908
	Estado de São Paulo	O padre do ouro IV	19 fevereiro, 1908
	Estado de São Paulo	O Fico I	16 março, 1908

	Estado de São Paulo	O fisco II	17 março, 1908
	Estado de São Paulo	A capital do mundo	16 abril, 1908
	Estado de São Paulo	O coronel Church	23 abril, 1908
	Estado de São Paulo	O portuguez na Europa	1 junho, 1908
	Estado de São Paulo	O teatro em verso	13 julho, 1908
	Estado de São Paulo	A abadia do parque	17 julho, 1908
	Estado de São Paulo	O Congresso de Geographia de Genebra I	24 agosto, 1908
	Estado de São Paulo	O Congresso de Geographia de Genebra II	29 agosto, 1908
	Estado de São Paulo	Os limites actuaes do Brasil em consequencia dos ultimos arbitramentos e tratados	29 agosto, 1908
	Estado de São Paulo	Vias ferreas de penetração no Brasil	31 agosto, 1908
	Estado de São Paulo	O Congresso de Geographia de Genebra III	2 setembro, 1908
	Estado de São Paulo	O Congresso de Geographia de Genebra IV	6 setembro, 1908
	Estado de São Paulo	O Congresso de Geographia de Genebra V	8 setembro, 1908
	Estado de São Paulo	O Congresso dos Americanistas de Viena	12 outubro, 1908
	Estado de São Paulo	O Congresso dos Americanistas de Viena	13 outubro, 1908

	Estado de São Paulo	O Congresso dos Americanistas de Viena	16 outubro, 1908
	Estado de São Paulo	O Congresso dos Americanistas de Viena	24 outubro, 1908
	Estado de São Paulo	Nos dominios da novela americana I	7 novembro, 1908
	Estado de São Paulo	Nos dominios da novela americana II	8 novembro, 1908
	Estado de São Paulo	Machado de Assis	13 novembro, 1908
	Estado de São Paulo	A morte de Machado de Assis	13 novembro, 1908
	Estado de São Paulo	A comedia dos Balkans	23 novembro, 1908
	Estado de São Paulo	Ainda a comedia balkanica	24 novembro, 1908
	Estado de São Paulo	A fé de officio do Sr. Campos Salles	4 dezembro, 1908
	Estado de São Paulo	No tempo da maioridade	6 dezembro, 1908
	Estado de São Paulo	Um livro inglez de assumpto portuguez	13 dezembro, 1908
	Estado de São Paulo	O poder monarchico no Velho Mundo	20 dezembro, 1908
	Estado de São Paulo	O caso Steinhel	25 dezembro, 1908
	Estado de São Paulo	O livro do Sr. Campos Salles	24 janeiro, 1909
	Estado de São Paulo	A lingua portugueza	14 fevereiro, 1909
	Estado de São Paulo	A literatura brasileira	28 fevereiro, 1909
	Estado de São Paulo	Como sae um presidente	7 março, 1909

	Estado de São Paulo	Um livro excelente sobre o Brasil	14 março, 1909
	Estado de São Paulo	A diplomacia e o commercio I	28 março, 1909
	Estado de São Paulo	A diplomacia e o commercio II	29 março, 1909
	Estado de São Paulo	Machado de Assis e sua obra literária	9 maio, 1909
	Estado de São Paulo	O Instituto de Direito Comparado de Bruxellas	23 maio, 1909
	Estado de São Paulo	Artistas brasileiros em Pariz	24 maio, 1909
	Estado de São Paulo	A festa da Sorbonne	6 junho, 1909
	Estado de São Paulo	A música no Brasil, do ponto de vista histórico	13 junho, 1909
	Estado de São Paulo	Leopoldo II	20 junho, 1909
	Estado de São Paulo	O Congresso Musical de Viena	4 julho, 1909
	Estado de São Paulo	Budapest	6 julho, 1909
	Estado de São Paulo	Napoleão III, o sobrinho	25 julho, 1909
	Estado de São Paulo	De como a Belgica se entende a diplomacia	13 agosto, 1909
	Estado de São Paulo	Um pintor brasileiro na Belgica	15 agosto, 1909
	Estado de São Paulo	O que deve ser uma história do Brasil	19 agosto, 1909
	Estado de São Paulo	Pela Allemanha Rhenana I	19 setembro, 1909

	Estado de São Paulo	Pela Alemanha Rhenana II	20 setembro, 1909
	Estado de São Paulo	Um novo livro sobre o Marquez de Pombal	5 outubro, 1909
	Estado de São Paulo	Dom Pedro I e a Independencia	1 novembro, 1909
	Estado de São Paulo	Cartas de Estocolmo	27 novembro, 1909
	Estado de São Paulo	Cartas de Estocolmo	6 dezembro, 1909
	Estado de São Paulo	Cartas de Estocolmo	12 dezembro, 1909
	Estado de São Paulo	Cartas de Estocolmo	13 dezembro, 1909
	Estado de São Paulo	Cartas de Estocolmo	18 dezembro, 1909
	Estado de São Paulo	Cartas de Estocolmo	20 dezembro, 1909
	Estado de São Paulo	Cartas de Estocolmo	22 dezembro, 1909
	Estado de São Paulo	Cartas de Estocolmo	25 dezembro, 1909
	Estado de São Paulo	Cartas de Estocolmo	28 dezembro, 1909
	Estado de São Paulo	Cartas de Estocolmo	2 janeiro, 1910
	Estado de São Paulo	Cartas de Estocolmo	5 janeiro, 1910
	Estado de São Paulo	Cartas de Estocolmo	12 janeiro, 1910
	Estado de São Paulo	Cartas de Estocolmo	24 janeiro, 1910
	Estado de São Paulo	Cartas de Estocolmo	2 fevereiro, 1910
	Estado de São Paulo	Cartas de Estocolmo	3 fevereiro, 1910
	Estado de São Paulo	Cartas de Estocolmo	8 fevereiro, 1910
	Estado de São Paulo	O accordo Luso-brasileiro	20 fevereiro, 1910

	Estado de São Paulo	Cartas de Estocolmo	2 março, 1910
	Estado de São Paulo	Cartas de Estocolmo	8 março, 1910
	Estado de São Paulo	O serviço diplomático I	9 março, 1910
	Estado de São Paulo	O serviço diplomático II	10 março, 1910
	Estado de São Paulo	O serviço diplomático III	11 março, 1910
	Estado de São Paulo	O Sr. Alfredo de Carvalho	25 março, 1910
	Estado de São Paulo	Chantecler	3 abril, 1910
	Estado de São Paulo	Arbitramento internacional	5 abril, 1910
	Estado de São Paulo	A conquista do Brasil	1 maio, 1910
	Estado de São Paulo	América do Sul x América do Norte	14 maio, 1910
	Estado de São Paulo	Roosevelt Day	29 maio, 1910
	Estado de São Paulo	Literatura jurídica	11 junho, 1910
	Estado de São Paulo	Imigração e ensino profissional	16 junho, 1910
	Estado de São Paulo	O Congresso de Agronomia Tropical	25 junho, 1910
	Estado de São Paulo	Uma chronica do tempo dos Phillipes	1 julho, 1910
	Estado de São Paulo	De como se faz propaganda I	4 julho, 1910
	Estado de São Paulo	O caso do Conselheiro Lampreia	8 julho, 1910
	Estado de São Paulo	A ultima gaffe do Sr. Roosevelt	16 julho, 1910

	Estado de São Paulo	O Brasil na Exposição Bruxellas I	de 24 julho, 1910
	Estado de São Paulo	O Brasil na Exposição Bruxellas II	de 25 julho, 1910
	Estado de São Paulo	O Brasil na Exposição Bruxellas III	de 29 julho, 1910
	Estado de São Paulo	O Brasil na Exposição Bruxellas IV	de 30 julho, 1910
	Estado de São Paulo	O Brasil na Exposição Bruxellas V	de 31 julho, 1910
	Estado de São Paulo	O Brasil na Exposição Bruxellas VI	de 1 agosto, 1910
	Estado de São Paulo	O Brasil na Exposição Bruxellas VII	de 6 agosto, 1910
	Estado de São Paulo	O Brasil na Exposição Bruxellas VIII	de 7 agosto, 1910
	Estado de São Paulo	O Brasil na Exposição Bruxellas IX	de 14 agosto, 1910
	Estado de São Paulo	O Brasil na Exposição Bruxellas X	de 19 agosto, 1910
	Estado de São Paulo	O Brasil na Exposição Bruxellas XI	de 21 agosto, 1910
	Estado de São Paulo	O Brasil na Exposição Bruxellas XII	de 25 agosto, 1910
	Estado de São Paulo	De como se faz propaganda II	de 27 agosto, 1910
	Estado de São Paulo	De como se faz propaganda III	de 30 agosto, 1910
	Estado de São Paulo	De como se faz propaganda IV	de 3 setembro, 1910

	Estado de São Paulo	Um príncipe brasileiro no pavilhão do Brasil em Bruxellas	9 setembro, 1910
	Estado de São Paulo	De como se faz propaganda V	10 setembro, 1910
	Estado de São Paulo	De como se faz propaganda VI	11 setembro, 1910
	Estado de São Paulo	O artigo da Deutsche Revue e o ataque de A Imprensa	17 setembro, 1910
	Estado de São Paulo	Uma antologia francesa de escritores brasileiros	25 setembro, 1910
	Estado de São Paulo	Um elo religioso entre o Brasil e a Belgica: a abbadia de Santo Andre	1 novembro, 1910
	Estado de São Paulo	Pelo Tyrol I. "Paixão" em Oberammergan	7 novembro, 1910
	Estado de São Paulo	Pelo Tyrol. Os castellos reaes II	13 novembro, 1910
	Estado de São Paulo	Escritores brasileiros contemporâneos VIII Carlos de Laet	20 novembro, 1910
	Estado de São Paulo	Os allemães no Brasil	10 dezembro, 1910
	Estado de São Paulo	A república portugueza	20 dezembro, 1910
	Estado de São Paulo	Crise revolucionaria em terras Inglezas I	24 dezembro, 1910
	Estado de São Paulo	Crise revolucionaria em terras Inglezas II	28 dezembro, 1910

	Estado de São Paulo	Um escritor brasileiro em lingua franceza	15 janeiro, 1911
	Estado de São Paulo	Impressões do Pacífico	5 fevereiro, 1911
	Estado de São Paulo	Arte nacional, ratos nacionais e "bluff" nacional	9 fevereiro, 1911
	Estado de São Paulo	O Conselheiro Azevedo de Castro	27 fevereiro, 1911
	Estado de São Paulo	Uma sociedade belga de expansão	28 fevereiro, 1911
	Estado de São Paulo	O "Croupement" e o seu Boletim	24 março, 1911
	Estado de São Paulo	No mundo academico	28 março, 1911
	Estado de São Paulo	Uma reunião na Sorbonne	10 abril, 1911
	Estado de São Paulo	Formação histórica da nacionalidade brasileira I	15 abril, 1911
	Estado de São Paulo	Formação histórica da nacionalidade brasileira II	28 abril, 1911
	Estado de São Paulo	Conferencias sobre o Brasil	2 maio, 1911
	Estado de São Paulo	O Theatro em Pariz	8 maio, 1911
	Estado de São Paulo	Formação histórica da nacionalidade brasileira III	17 maio, 1911
	Estado de São Paulo	Religião e theatro (a Semana Santa em Pariz)	23 maio, 1911
	Estado de São Paulo	A situação no Mexico	27 maio, 1911
	Estado de São Paulo	Formação histórica da	28 maio, 1911

		nacionalidade brasileira IV	
	Estado de São Paulo	Num misterio do exterior	16 junho, 1911
	Estado de São Paulo	"Barbarous Mexico"	20 junho, 1911
	Estado de São Paulo	O ocaso de um grande homem	29 junho, 1911
	Estado de São Paulo	Formação histórica da nacionalidade brasileira VII	4 julho, 1911
	Estado de São Paulo	A idea monarchica na America	5 julho, 1911
	Estado de São Paulo	Mexico e Estados Unidos	10 julho, 1911
	Estado de São Paulo	De como se trabalha em Paris	12 julho, 1911
	Estado de São Paulo	O Dr. Gabriel de Piza	13 julho, 1911
	Estado de São Paulo	Diplomacia econômica	19 julho, 1911
	Estado de São Paulo	A diplomacia do dólar	30 julho, 1911
	Estado de São Paulo	O que se diz de nós	7 agosto, 1911
	Estado de São Paulo	A propaganda prática do Brasil no exterior	11 agosto, 1911
	Estado de São Paulo	A exposição de Charleroi	12 agosto, 1911
	Estado de São Paulo	O Congresso dos Patronatos	17 agosto, 1911
	Estado de São Paulo	Formação histórica da nacionalidade brasileira XII	28 agosto, 1911
	Estado de São Paulo	Ainda a Doutrina de Monroe	7 setembro, 1911

	Estado de São Paulo	A Conferência Pan-Americana de Buenos Aires	9 setembro, 1911
	Estado de São Paulo	Notas de Arte	16 setembro, 1911
	Estado de São Paulo	Coisas diplomáticas	21 setembro, 1911
	Estado de São Paulo	Exames diplomáticos e diplomatas ricações	23 setembro, 1911
	Estado de São Paulo	Diplomacia econômica I	2 outubro, 1911
	Estado de São Paulo	Diplomacia econômica II	14 outubro, 1911
	Estado de São Paulo	O dr. Ulisses Viana	26 outubro, 1911
	Estado de São Paulo	Euclides da Cunha Recordações pessoais I	29 outubro, 1911
	Estado de São Paulo	Euclides da Cunha Recordações pessoais II	3 novembro, 1911
	Estado de São Paulo	Euclides da Cunha Recordações pessoais III	11 novembro, 1911
	Estado de São Paulo	Euclides da Cunha Recordações pessoais IV	12 novembro, 1911
	Estado de São Paulo	O ensino do português na Bélgica	1 dezembro, 1911
	Estado de São Paulo	Um novo culto: a seita antonista	10 dezembro, 1911
	Estado de São Paulo	O Brasil e o Oriente	24 dezembro, 1911
	Estado de São Paulo	O novo ministro argentino II	21 janeiro, 1912

	Estado de São Paulo	O livro da Infanta Eulalia	31 janeiro, 1912
	Estado de São Paulo	Uma vista d'olhos sobre o anno de 1911 I	4 fevereiro, 1912
	Estado de São Paulo	Uma vista d'olhos sobre o anno de 1911 II	9 fevereiro, 1912
	Estado de São Paulo	O Barão do Rio Branco	14 março, 1912
	Estado de São Paulo	Napoleão e a Independência do Novo Mundo	11 abril, 1912
	Estado de São Paulo	Relações commerciais do Brasil com o Oriente	17 abril, 1912
	Estado de São Paulo	Dom Pedro II no Instituto Egypcio	6 maio, 1912
	Estado de São Paulo	Diplomacia moderna I (a propóstio do orçamento dos negocios estrangeiros da Belgica)	24 maio, 1912
	Estado de São Paulo	Diplomacia moderna (a propóstio do orçamento dos negocios estrangeiros da Belgica) II	31 maio, 1912
	Estado de São Paulo	O curso brasileiro da Sorbonne	3 junho, 1912
	Estado de São Paulo	Escritores brasileiros contemporâneos XII D. Júlia Lopes de Almeida	18 junho, 1912
	Estado de São Paulo	A protecção dos aborigenes brasileiros	25 junho, 1912

	Estado de São Paulo	O Congresso dos Americanistas em Londres	24 julho, 1912
	Estado de São Paulo	O Congresso dos Americanistas em Londres	29 julho, 1912
	Estado de São Paulo	A valorização do café nos Estados Unidos	2 agosto, 1912
	Estado de São Paulo	Os partidos na Inglaterra e nos Estados Unidos	14 agosto, 1912
	Estado de São Paulo	As democracias latinas da América I	14 setembro, 1912
	Estado de São Paulo	As democracias latinas da América II	17 setembro, 1912
	Estado de São Paulo	As democracias latinas da América III	25 setembro, 1912
	Estado de São Paulo	As democracias latinas da América IV	30 setembro, 1912
	Estado de São Paulo	A evolução brasileira Comparada com a hispano-americana e com a anglo-americana II	15 outubro, 1912
	Estado de São Paulo	Cartas dos Estados Unidos I Os candidatos presidenciais de 1912	30 outubro, 1912
	Estado de São Paulo	A evolução brasileira Comparada com a hispano-americana e com a anglo-americana II	1 novembro, 1912

	Estado de São Paulo	Cartas dos Estados Unidos II Intelectualismo, tradicionalismo e jacobinismo político e educação	5 novembro, 1912
	Estado de São Paulo	Cartas dos Estados Unidos III De Nova York a S. Francisco	11 novembro, 1912
	Estado de São Paulo	Cartas dos Estados Unidos IV Na Califórnia. A tradição espanhola e a arquitetura religiosa.	12 dezembro, 1912
	Estado de São Paulo	Cartas dos Estados Unidos V A arquitetura tradicional e a paisagem. Frutas e vinhos. Alguns aspectos de S. Francisco.	15 dezembro, 1912
	Estado de São Paulo	A evolução brasileira Comparada com a hispano-americana e com a anglo-americana VI	15 dezembro, 1912
	Estado de São Paulo	Cartas dos Estados Unidos VI Outros aspectos de S. Francisco. A edificação, o cosmopolitismo e o exotismo.	16 dezembro, 1912
	Estado de São Paulo	Cartas dos Estados Unidos VII De S.	19 dezembro, 1912

		Francisco a Chicago por outro caminho. A região seca e o "pluck" americano. Os índios e sua educação.	
	Estado de São Paulo	Cartas dos Estados Unidos IX A União Pan-americana e seu Palácio.	30 dezembro, 1912
	Estado de São Paulo	Cartas dos Estados Unidos VIII Cidades do Oeste. Chicago, centro artístico. Os pintores Walter Russell e Pritchard.	30 dezembro, 1912
	Estado de São Paulo	Cartas dos Estados Unidos X O estudo da América Latina nas Universidades Americanas.	3 janeiro, 1913
	Estado de São Paulo	Cartas dos Estados Unidos XI Bibliothecas latino-americanas	5 janeiro, 1913
	Estado de São Paulo	Cartas dos Estados Unidos XII O novo conceito de América Latina e da Doutrina de Monroe	16 janeiro, 1913
	Estado de São Paulo	O novo ministro argentino I	20 janeiro, 1913
	Estado de São Paulo	O Padre Feijó	18 março, 1913
	Estado de São Paulo	A nossa diplomacia	5 abril, 1913

	Estado de São Paulo	Os nossos diplomatas	14 abril, 1913
	Estado de São Paulo	O intelectualismo na política americana	4 junho, 1913
	Estado de São Paulo	Relações do Brasil com os Estados Unidos	26 junho, 1913
	Estado de São Paulo	Um livro chileno sobre o Brasil I	7 julho, 1913
	Estado de São Paulo	Um livro chileno sobre o Brasil II	14 julho, 1913
	Estado de São Paulo	Um livro chileno sobre o Brasil III	17 julho, 1913
	Estado de São Paulo	Um livro chileno sobre o Brasil IV	18 julho, 1913
	Estado de São Paulo	Jornada romantica	27 julho, 1913
	Estado de São Paulo	A Convenção civilista	2 agosto, 1913
	Estado de São Paulo	Novo partido	6 agosto, 1913
	Estado de São Paulo	O chefe do Partido Liberal	8 agosto, 1913
	Estado de São Paulo	A situação em Portugal (O aspecto religioso) I	24 setembro, 1913
	Estado de São Paulo	A situação em Portugal (o aspecto politico-social) II	25 setembro, 1913
	Estado de São Paulo	A situação em Portugal (o aspecto politico-social) III	27 setembro, 1913
	Estado de São Paulo	O "Salon" de 1913	30 setembro, 1913
	Estado de São Paulo	A missão do sr. Robert Bacon a America do Sul I	19 outubro, 1913

	Estado de São Paulo	A missão do sr. Robert Bacon a America do Sul II	20 outubro, 1913
	Estado de São Paulo	A missão do sr. Robert Bacon a America do Sul III	21 outubro, 1913
	Estado de São Paulo	Theodoro Roosevelt	26 outubro, 1913
	Estado de São Paulo	Um prefacio (para o livro "Discursos" do Sr. Dr. Rangel Moreira)	29 outubro, 1913
	Estado de São Paulo	Politica estrangeira do Brazil I	30 outubro, 1913
	Estado de São Paulo	Politica estrangeira do Brazil II	31 outubro, 1913
	Estado de São Paulo	Viajantes e conferentes	7 novembro, 1913
	Estado de São Paulo	Impressões de um diplomata	8 novembro, 1913
	Estado de São Paulo	O caso dos Portuguezes I	12 novembro, 1913
	Estado de São Paulo	O caso dos Portuguezes II	13 novembro, 1913
	Estado de São Paulo	O caso dos Portuguezes III	14 novembro, 1913
	Estado de São Paulo	A Embaixada Portugueza	17 novembro, 1913
	Estado de São Paulo	Maria-Antonieta mulher e rainha	22 novembro, 1913
	Estado de São Paulo	A terra Goytacá	23 dezembro, 1913
	Estado de São Paulo	Para a nossa historia diplomatica	24 dezembro, 1913
	Estado de São Paulo	O meu caso	25 dezembro, 1913

	Estado de São Paulo	Ingratidão política	28 dezembro, 1913
	Estado de São Paulo	A trasladação dos restos imperiais	29 dezembro, 1913
	Estado de São Paulo	Novos desenvolvimentos da Doutrina de Monroe I	31 dezembro, 1913
	Estado de São Paulo	Novos desenvolvimentos da Doutrina de Monroe II	2 janeiro, 1914
	Estado de São Paulo	Roosevelt e Zeballos	3 fevereiro, 1914
	Estado de São Paulo	A Doutrina de Wilson	10 fevereiro, 1914
	Estado de São Paulo	Sugestões da vida universitária americana	15 fevereiro, 1914
	Estado de São Paulo	O momento político II	18 fevereiro, 1914
	Estado de São Paulo	O momento político III	19 fevereiro, 1914
	Estado de São Paulo	O momento político IV	20 fevereiro, 1914
	Estado de São Paulo	Um romance paulista	23 fevereiro, 1914
	Estado de São Paulo	Der Reisende Kanzler	24 fevereiro, 1914
	Estado de São Paulo	Jana e Joel	15 março, 1914
	Estado de São Paulo	A América do Sul nos Estados Unidos.	20 abril, 1914
	Estado de São Paulo	O credito do Brasil em Londres	20 abril, 1914
	Estado de São Paulo	A questão militar inglesa	27 abril, 1914
	Estado de São Paulo	Um politico belga Sam Wiener	20 maio, 1914

	Estado de São Paulo	Caudilhismo na China?	28 maio, 1914
	Estado de São Paulo	A trapalhada mexicana	9 junho, 1914
	Estado de São Paulo	Cem projectos de partilha da Turquia	10 junho, 1914
	Estado de São Paulo	A mediação e o sentimento continental americano	11 junho, 1914
	Estado de São Paulo	A dictadura na China	15 junho, 1914
	Estado de São Paulo	A joven China	17 junho, 1914
	Estado de São Paulo	O Imperio dos Andes I	20 junho, 1914
	Estado de São Paulo	O Imperio dos Andes II	21 junho, 1914
	Estado de São Paulo	O Sr. Savage Landor	22 junho, 1914
	Estado de São Paulo	Escandalos diplomaticos	26 junho, 1914
	Estado de São Paulo	Mensagem-relatorio	30 junho, 1914
	Estado de São Paulo	O problema das suffragetes	6 julho, 1914
	Estado de São Paulo	A conferência do Sr. Roosevelt sobre o Brasil	10 julho, 1914
	Estado de São Paulo	Uma Constituição para Sul-America I	12 julho, 1914
	Estado de São Paulo	Uma Constituição para Sul-America II	13 julho, 1914
	Estado de São Paulo	Candidaturas academicas	14 julho, 1914
	Estado de São Paulo	O que é feito da mediação?	17 julho, 1914
	Estado de São Paulo	A crise franceza I	20 julho, 1914

	Estado de São Paulo	A crise franceza II	23 julho, 1914
	Estado de São Paulo	O crepusculo dos heroes	24 julho, 1914
	Estado de São Paulo	O que foi feito da mediação	27 julho, 1914
	Estado de São Paulo	Movimento diplomatico	30 julho, 1914
	Estado de São Paulo	Um assassinato politico	3 agosto, 1914
	Estado de São Paulo	De radical a conservador	9 agosto, 1914
	Estado de São Paulo	O Sr. Edgard Prestage e o passado de Portugal	10 agosto, 1914
	Estado de São Paulo	O Brasil na Allemanha	21 setembro, 1914
	Estado de São Paulo	Notas de um optimista agosto de 1914 I	22 setembro, 1914
	Estado de São Paulo	Notas de um optimista agosto de 1914 II	23 setembro, 1914
	Estado de São Paulo	A Guerra I	25 setembro, 1914
	Estado de São Paulo	A Guerra II	28 setembro, 1914
	Estado de São Paulo	Notas de um optimista agosto de 1914 III	28 setembro, 1914
	Estado de São Paulo	A Guerra III	4 outubro, 1914
	Estado de São Paulo	A Guerra IV	5 outubro, 1914
	Estado de São Paulo	Ecos da Guerra I	6 outubro, 1914
	Estado de São Paulo	Ecos da Guerra II	10 outubro, 1914
	Estado de São Paulo	Ecos da Guerra III	25 outubro, 1914

	Estado de São Paulo	Ecos da Guerra IV	26 outubro, 1914
	Estado de São Paulo	Ecos da Guerra V	27 outubro, 1914
	Estado de São Paulo	Ecos da Guerra VI	28 outubro, 1914
	Estado de São Paulo	Ecos da Guerra VII	1 novembro, 1914
	Estado de São Paulo	Ecos da Guerra XI	22 novembro, 1914
	Estado de São Paulo	Em Bonn e Colônia I	22 novembro, 1914
	Estado de São Paulo	Ecos da Guerra XII	24 novembro, 1914
	Estado de São Paulo	Em Bonn e Colônia II	24 novembro, 1914
	Estado de São Paulo	A questão irlandeza	30 novembro, 1914
	Estado de São Paulo	Ecos da Guerra VIII	1 dezembro, 1914
	Estado de São Paulo	Ecos da Guerra IX	6 dezembro, 1914
	Estado de São Paulo	Ecos da Guerra X	7 dezembro, 1914
	Estado de São Paulo	Ecos da Guerra XIII	8 dezembro, 1914
	Estado de São Paulo	Ecos da Guerra XIV	9 dezembro, 1914
	Estado de São Paulo	Ecos da Guerra XV	12 dezembro, 1914
	Estado de São Paulo	O teatro em Londres	14 dezembro, 1914
	Estado de São Paulo	Ecos da Guerra XVI	15 dezembro, 1914
	Estado de São Paulo	Ecos da Guerra XVII	16 dezembro, 1914
	Estado de São Paulo	Ecos da Guerra XIX	20 dezembro, 1914
	Estado de São Paulo	Os alemães na Bélgica	20 dezembro, 1914

	Estado de São Paulo	Ecos da GuerraXX	22 dezembro, 1914
	Estado de São Paulo	Ecos da GuerraXXI	29 dezembro, 1914
	Estado de São Paulo	Ecos da GuerraXXII	31 dezembro, 1914
	Estado de São Paulo	Ecos da GuerraXXIII	4 janeiro, 1915
	Estado de São Paulo	Ecos da GuerraXXIV	11 janeiro, 1915
	Estado de São Paulo	A tomada de Antuerpia	16 janeiro, 1915
	Estado de São Paulo	Ecos da GuerraXXV	17 janeiro, 1915
	Estado de São Paulo	Ecos da GuerraXXVI	18 janeiro, 1915
	Estado de São Paulo	Ecos da GuerraXXVII	22 janeiro, 1915
	Estado de São Paulo	Ecos da GuerraXXVIII	28 janeiro, 1915
	Estado de São Paulo	Ecos da GuerraXXIX	31 janeiro, 1915
	Estado de São Paulo	A Guerra	2 fevereiro, 1915
	Estado de São Paulo	Ecos da GuerraXXXII	4 fevereiro, 1915
	Estado de São Paulo	Ecos da GuerraXXXIII	5 fevereiro, 1915
	Estado de São Paulo	Ecos da GuerraXXX	13 fevereiro, 1915
	Estado de São Paulo	Ecos da GuerraXXXI	19 fevereiro, 1915
	Estado de São Paulo	Ecos da GuerraXXXIV	21 fevereiro, 1915
	Estado de São Paulo	Ecos da GuerraXXXV	22 fevereiro, 1915
	Estado de São Paulo	Ecos da GuerraXXXVI	24 fevereiro, 1915
	Estado de São Paulo	Ecos da GuerraXXXVII	7 março, 1915

	Estado de São Paulo	Ecos da GuerraXXXVIII	10 março, 1915
	Estado de São Paulo	Ecos da GuerraXXXIX	13 março, 1915
	Estado de São Paulo	Ecos da GuerraXL	18 março, 1915
	Estado de São Paulo	A vida em Bruxellas I	19 março, 1915
	Estado de São Paulo	A vida em Bruxellas II	20 março, 1915
	Estado de São Paulo	Ecos da GuerraXLI	22 março, 1915
	Estado de São Paulo	Ecos da GuerraXLII	27 março, 1915
	Estado de São Paulo	Ecos da GuerraXLIII	1 abril, 1915
	Estado de São Paulo	Ecos da GuerraXLIV	4 abril, 1915
	Estado de São Paulo	Ecos da GuerraXLV	8 abril, 1915
	Estado de São Paulo	Ecos da GuerraXLVI	10 abril, 1915
	Estado de São Paulo	Ecos da GuerraXLVII	14 abril, 1915
	Estado de São Paulo	Ecos da GuerraXLVIII	20 abril, 1915
	Estado de São Paulo	Ecos da GuerraXLIX	23 abril, 1915
	Estado de São Paulo	Ecos da Guerra L	25 abril, 1915
	Estado de São Paulo	Ecos da GuerraLIII	29 abril, 1915
	Estado de São Paulo	Ecos da GuerraLIV	2 maio, 1915
	Estado de São Paulo	Ecos da GuerraLV	5 maio, 1915
	Estado de São Paulo	Ecos da GuerraLVI	8 maio, 1915
	Estado de São Paulo	Ecos da GuerraLVIX	9 maio, 1915

	Estado de São Paulo	Caridade e tolerância	10 maio, 1915
	Estado de São Paulo	Ecos da GuerraLX	13 maio, 1915
	Estado de São Paulo	Ecos da GuerraLVII	20 maio, 1915
	Estado de São Paulo	Ecos da GuerraLVIII	29 maio, 1915
	Estado de São Paulo	Ecos da GuerraLXI	20 junho, 1915
	Estado de São Paulo	Ecos da GuerraLXII	26 junho, 1915
	Estado de São Paulo	A Alemanha de hoje IV	19 julho, 1915
	Estado de São Paulo	A Alemanha de hoje II	14 agosto, 1915
	Estado de São Paulo	Efeitos da Guerra I A mudança do "Grand Giognol"	27 agosto, 1915
	Estado de São Paulo	Efeitos da Guerra II A sem razão do monroismo	13 setembro, 1915
	Estado de São Paulo	Ecos da Guerra LXV	24 setembro, 1915
	Estado de São Paulo	Chancelleres a Bulha	29 setembro, 1915
	Estado de São Paulo	A Guerra do outro lado do oceano I	1 novembro, 1915
	Estado de São Paulo	A Guerra do outro lado do oceano II	27 novembro, 1915
	Estado de São Paulo	A Guerra do outro lado do oceano III	29 novembro, 1915
	Estado de São Paulo	A Guerra do outro lado do oceano IV	5 dezembro, 1915
	Estado de São Paulo	A Guerra do outro lado do oceano V	6 dezembro, 1915
	Estado de São Paulo	A Guerra do outro lado do oceano VI	11 dezembro, 1915

	Estado de São Paulo	A Guerra do outro lado do oceano VII	14 dezembro, 1915
	Estado de São Paulo	A Guerra do outro lado do oceano VIII	20 dezembro, 1915
	Estado de São Paulo	A Guerra do outro lado do oceano XIX	3 janeiro, 1916
	Estado de São Paulo	Problemas e lições da Guerra I	21 janeiro, 1916
	Estado de São Paulo	Efeitos da Guerra sobre a cooperação pan-americana (Discurso pronunciado na Universidade de Clark em Worcester)	10 fevereiro, 1916
	Estado de São Paulo	Problemas e lições da Guerra II	25 fevereiro, 1916
	Estado de São Paulo	Problemas e lições da Guerra III	1 março, 1916
	Estado de São Paulo	Problemas e lições da Guerra IV	2 março, 1916
	Estado de São Paulo	Problemas e lições da Guerra V	5 março, 1916
	Estado de São Paulo	Problemas e lições da Guerra VI	6 março, 1916
	Estado de São Paulo	O Congresso Pan-Americano	10 março, 1916
	Estado de São Paulo	O Congresso Pan-Americano	16 março, 1916
	Estado de São Paulo	O Congresso Pan-Americano	21 março, 1916

	Estado de São Paulo	Problemas e lições da Guerra VII	29 março, 1916
	Estado de São Paulo	Problemas e lições da Guerra VIII	5 abril, 1916
	Estado de São Paulo	Um discurso belicoso	13 abril, 1916
	Estado de São Paulo	Um discurso belicoso	19 abril, 1916
	Estado de São Paulo	Um discurso belicoso	22 abril, 1916
	Estado de São Paulo	Três mortos	13 junho, 1916
	Estado de São Paulo	Alexandre Herculano	13 setembro, 1916
	Estado de São Paulo	Academia de Altos Estudos. Discurso pronunciado pelo Sr. Oliveira Lima na sessão do Instituto Histórico Brasileiro a 7 de setembro de 1916	16 setembro, 1916
	Estado de São Paulo	O discurso do Sr. Rui Barbosa	26 setembro, 1916
	Estado de São Paulo	Discurso no Rio de Janeiro	11 novembro, 1916
	Estado de São Paulo	Policarpo Quaresma	13 novembro, 1916
	Estado de São Paulo	Diplomacias I	5 dezembro, 1916
	Estado de São Paulo	José Veríssimo	6 dezembro, 1916
	Estado de São Paulo	Diplomacias II	9 dezembro, 1916
	Estado de São Paulo	Volta à natureza	25 dezembro, 1916
	Estado de São Paulo	A democracia alemã e a	2 janeiro, 1917

		democracia inglesa	
	Estado de São Paulo	Em redor da paz	19 janeiro, 1917
	Estado de São Paulo	Coisas do extremo Oriente	23 janeiro, 1917
	Estado de São Paulo	Ineditos do Padre Antonio Vieira	31 maio, 1917
	Estado de São Paulo	Confederação do Equador	17 junho, 1917
	Estado de São Paulo	Cotegipe	6 agosto, 1917
	Estado de São Paulo	Uma senhora	9 agosto, 1917
	Estado de São Paulo	O novo romance do Sr. Lima Barreto	18 agosto, 1917
	Estado de São Paulo	Fado ingrato	24 agosto, 1917
	Estado de São Paulo	O mito de Monroe	8 setembro, 1917
	Estado de São Paulo	Um livro sobre a Marqueza de Santos I	9 outubro, 1917
	Estado de São Paulo	Um diplomata português do Século XVII	29 outubro, 1917
	Estado de São Paulo	Um diplomata português do Século XVII	31 outubro, 1917
	Estado de São Paulo	Um passeio a Paulo Afonso	4 novembro, 1917
	Estado de São Paulo	Um passeio a Paulo Afonso	12 novembro, 1917
	Estado de São Paulo	Um passeio a Paulo Afonso	21 novembro, 1917
	Estado de São Paulo	Um passeio a Paulo Afonso	22 novembro, 1917
	Estado de São Paulo	Um romance mineiro	29 novembro, 1917

	Estado de São Paulo	Um philosopho brasileiro I	5 dezembro, 1917
	Estado de São Paulo	Um philosopho brasileiro II	10 dezembro, 1917
	Estado de São Paulo	1817 em Portugal I	17 dezembro, 1917
	Estado de São Paulo	1817 em Portugal II	18 dezembro, 1917
	Estado de São Paulo	Sabios estrangeiros I	31 dezembro, 1917
	Estado de São Paulo	Sabios estrangeiros II	2 janeiro, 1918
	Estado de São Paulo	A obra literaria de Latino Coelho	6 janeiro, 1918
	Estado de São Paulo	Um "Leader" de côr	11 janeiro, 1918
	Estado de São Paulo	Moralidades de ditador	29 janeiro, 1918
	Estado de São Paulo	Os Estados Unidos vistos através de um romance II	6 fevereiro, 1918
	Estado de São Paulo	Como têm vivido diplomaticamente o Brasil e os Estados Unidos I	18 fevereiro, 1918
	Estado de São Paulo	Como têm vivido diplomaticamente o Brasil e os Estados Unidos II	21 fevereiro, 1918
	Estado de São Paulo	Como têm vivido diplomaticamente o Brasil e os Estados Unidos III	2 março, 1918
	Estado de São Paulo	João Francisco Lisboa	3 março, 1918
	Estado de São Paulo	Grandes escriptores da America II	26 setembro, 1918

	Estado de São Paulo	Grandes escriptores da America III	9 outubro, 1918
	Estado de São Paulo	Grandes escriptores da America IV	13 outubro, 1918
	Estado de São Paulo	Grandes escriptores da America V	9 novembro, 1918
	Estado de São Paulo	Os novos agrupamentos políticos I	13 julho, 1921
	Estado de São Paulo	Os novos agrupamentos políticos II	17 julho, 1921
	Estado de São Paulo	O futuro da aviação e do submarino	21 julho, 1921
	Estado de São Paulo	Partidos e blocos	3 agosto, 1921
	Estado de São Paulo	Inqueritos parlamentares	8 agosto, 1921
	Estado de São Paulo	Harding, o temporizador	20 agosto, 1921
	Estado de São Paulo	Desarmamento I	27 agosto, 1921
	Estado de São Paulo	Desarmamento II	31 agosto, 1921
	Estado de São Paulo	O Japão e o desarmamento	6 setembro, 1921
	Estado de São Paulo	Emigração italiana	21 setembro, 1921
	Estado de São Paulo	Hora de justiça	28 setembro, 1921
	Estado de São Paulo	As portas da conferência I	3 outubro, 1921
	Estado de São Paulo	As portas da conferência II	7 outubro, 1921
	Estado de São Paulo	O futuro dos couraçados	25 outubro, 1921

	Estado de São Paulo	Novas tendências constitucionais na América Latina	17 dezembro, 1921
	Estado de São Paulo	Ao redor da Conferência I. A limitação dos armamentos	23 dezembro, 1921
	Estado de São Paulo	Ao redor da Conferência II. Os armamentos terrestres	1 janeiro, 1922
	Estado de São Paulo	Ao redor da Conferência III. O aspecto perigoso da Conferência e o desarmamento moral	5 janeiro, 1922
	Estado de São Paulo	Ao redor da Conferência IV. A Questão Chinesa	14 janeiro, 1922
	Estado de São Paulo	Ao redor da Conferência V. A associação das nações	3 fevereiro, 1922
	Estado de São Paulo	Ao redor da Conferência VI. Uma conferência econômica	14 fevereiro, 1922
	Estado de São Paulo	Ao redor da Conferência VII. O problema das reparações	15 fevereiro, 1922
	Estado de São Paulo	Ao redor da Conferência VIII. O emprego dos submarinos	17 fevereiro, 1922
	Estado de São Paulo	A Conferência de Gênova	21 março, 1922
	Estado de São Paulo	A Questão de Tacna e Arica	30 março, 1922

	Estado de São Paulo	John Casper Branner	12 abril, 1922
	Estado de São Paulo	A proibição e o elemento do trabalho	16 abril, 1922
	Estado de São Paulo	Os exageros da proibição	18 abril, 1922
	Estado de São Paulo	A Europa em Genova	24 abril, 1922
	Estado de São Paulo	Para a historia da Guerra	17 junho, 1922
	Estado de São Paulo	De Washington. Entento franco-japoneza e outros aspectos da atuação internacional	23 julho, 1922
	Estado de São Paulo	A igualdade do negro I	15 agosto, 1922
	Estado de São Paulo	A igualdade do negro II	16 agosto, 1922
	Estado de São Paulo	America-latina militante	18 agosto, 1922
	Estado de São Paulo	Cartas da Alemanha	1 janeiro, 1923
	Estado de São Paulo	Cartas da Alemanha	26 janeiro, 1923
	Estado de São Paulo	Cartas da Alemanha	31 janeiro, 1923
	Estado de São Paulo	Cartas da Alemanha	21 fevereiro, 1923
	Estado de São Paulo	Cartas da Alemanha	25 fevereiro, 1923
	Estado de São Paulo	Cartas da Alemanha	18 março, 1923
	Estado de São Paulo	Cartas da Alemanha	18 julho, 1923
	Estado de São Paulo	Cartas da Alemanha	8 setembro, 1923
	Estado de São Paulo	Cartas da Alemanha	11 setembro, 1923

	Estado de São Paulo	O último romance de Machado de Assis	21 novembro, 1904
	Estado de São Paulo	A Doutrina de Monroe	23 novembro, 1919
	Estado de São Paulo	O Visconde de Santo Tirso	21 dezembro, 1919
	Estado de São Paulo	O monroísmo	24 dezembro, 1919
	Estado de São Paulo	Imperialismos	12 agosto, 1920
	Estado de São Paulo	O imperador Guilherme	16 agosto, 1920
	Estado de São Paulo	O pleito presidencial de Novembro	23 agosto, 1920
	Estado de São Paulo	O pleito presidencial de Novembro	25 agosto, 1920
	Estado de São Paulo	O caso de S. Domingos	10 novembro, 1920
	Estado de São Paulo	O caso do Haiti	12 novembro, 1920
	Estado de São Paulo	Os Estados Unidos e a Europa	24 dezembro, 1920
	Estado de São Paulo	Pan-Americanismo preto	4 outubro, 1921
	Estado de São Paulo	Língua e ortografia	28 junho, 1923
	Estado de São Paulo	Língua e ortografia	4 julho, 1923
	Estado de São Paulo	Teófilo Braga	1 agosto, 1923
	Estado de São Paulo	No Minho	15 agosto, 1923
	Estado de São Paulo	No Minho	23 agosto, 1923
	Estado de São Paulo	No Minho	26 setembro, 1923

	Estado de São Paulo	No Minho	2 outubro, 1923
	Estado de São Paulo	Um grande argentino	23 novembro, 1923
	Estado de São Paulo	Três mortos (Carlos de Campos, Martim Francisco e Viveiros de Castro)	29 junho, 1927
	Estado de São Paulo	O livro do Sr. Tobias Monteiro	28 setembro, 1927
	Estado de São Paulo	Rodolfo Garcia	14 outubro, 1927
	Estado de São Paulo	Imperialismo e protestantismo	1 fevereiro, 1928
	Estado de São Paulo	Escritores brasileiros contemporâneos IV Rui Barbosa	17 fevereiro, 1910
	Estado de São Paulo	Escritores brasileiros contemporâneos V Barbosa Lima	5 março, 1910
	Estado de São Paulo	Escritores brasileiros contemporâneos VI João Ribeiro	31 maio, 1910
	Estado de São Paulo	Escritores brasileiros contemporâneos VII Joaquim Nabuco	21 agosto, 1910
	Estado de São Paulo	Escritores brasileiros contemporâneos I Coelho Netto	11 julho, 1909
	Estado de São Paulo	Escritores brasileiros contemporâneos II José Veríssimo	12 setembro, 1909
	Estado de São Paulo	Escritores brasileiros	10 outubro, 1909

		contemporâneos III Olavo Bilac	
	Estado de São Paulo	O Brasil e os estrangeiros	28 abril, 1912
	Estado de São Paulo	O papel de José Bonifácio no Movimento de Independência	26 outubro, 1907
	Estado de São Paulo	Escritores brasileiros contemporâneos XI Aluísio Azevedo	27 fevereiro, 1912
	Estado de São Paulo	Escritores brasileiros contemporâneos X Sylvio Romero	1 outubro, 1910
	Estado de São Paulo	Novidades theatraes	22 maio, 1905
	Estado de São Paulo	A situação europea	28 setembro, 1905
	Estado de São Paulo	A superstição da madurez	28 dezembro, 1905
	Estado de São Paulo	Diplomatas brasileiros I Souza Correa	30 dezembro, 1905
	Estado de São Paulo	Executivo e legislativo nos Estados Unidos	29 março, 1906
	Estado de São Paulo	O Sr. James Bryce e o Brasil	29 dezembro, 1912
	Estado de São Paulo	Principios e personalidades	11 agosto, 1913
	Estado de São Paulo	Hospitalidade nacional	18 outubro, 1913
	Estado de São Paulo	O Congresso de Agronomia Tropical	14 agosto, 1914
	Estado de São Paulo	O dia seguinte a mediação	18 agosto, 1914
	Estado de São Paulo	O tradicionalismo em Portugal I	24 dezembro, 1914

	Estado de São Paulo	Uma conferencia sympathica	8 novembro, 1916
	Estado de São Paulo	Palavras de ouro	30 novembro, 1916
	Estado de São Paulo	Lendas brasileiras	2 julho, 1917
	Estado de São Paulo	Garantias	22 agosto, 1920
	Estado de São Paulo	A Liga das Nações	6 novembro, 1920
	Estado de São Paulo	Furor diplomatico	
Estado de São Paulo	Total 664		
Total	770		